



UNIVERSIDADE DO ALGARVE
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

*A TRADUÇÃO DA PEREGRINAÇÃO DE FERNÃO MENDES PINTO
EM ESPANHA, FRANÇA, INGLATERRA E ALEMANHA NO SÉCULO XVII*

Sandra Isabel Guinote Pina Gonçalves

Dissertação
Doutoramento em Literatura

Trabalho efetuado sob a orientação de:
Professor Doutor João Carlos Firmino Andrade de Carvalho
Professora Doutora Ana Alexandra Mendonça Seabra da Silva Andrade de Carvalho



UNIVERSIDADE DO ALGARVE
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

*A TRADUÇÃO DA PEREGRINAÇÃO DE FERNÃO MENDES PINTO
EM ESPANHA, FRANÇA, INGLATERRA E ALEMANHA NO SÉCULO XVII*

Sandra Isabel Guinote Pina Gonçalves

Dissertação

Doutoramento em Literatura

Trabalho efetuado sob a orientação de:

Professor Doutor João Carlos Firmino Andrade de Carvalho

Professora Doutora Ana Alexandra Mendonça Seabra da Silva Andrade de Carvalho

*A TRADUÇÃO DA PEREGRINAÇÃO DE FERNÃO MENDES PINTO
EM ESPANHA, FRANÇA, INGLATERRA E ALEMANHA NO SÉCULO XVII*

“Declaração de autoria de trabalho”

“Declaro ser a autora deste trabalho, que é original e inédito. Autores e trabalhos consultados estão devidamente citados no texto e constam da listagem de referências incluída.”

(Sandra Isabel Guinote Pina Gonçalves)

“Copyright”

“A Universidade do Algarve tem o direito, perpétuo e sem limites geográficos, de arquivar e publicitar este trabalho através de exemplares impressos e reproduzidos em papel ou de forma digital, ou por qualquer outro meio conhecido ou que venha a ser inventado, de o divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição com objetivos educacionais ou de investigação, não comerciais, desde que seja dado crédito ao autor e editor.”

Gostaríamos de agradecer o estímulo e a disponibilidade sempre constantes na orientação dos Professores Doutores João Carlos Firmino Andrade de Carvalho e Ana Alexandra Mendonça Seabra da Silva Andrade de Carvalho.

Salientamos ainda a singular colaboração dos serviços da Biblioteca da Universidade do Algarve, *Campus* de Gambelas, e da Biblioteca Nacional de Lisboa.

Aos meus filhos, esposo, pais e a outros familiares...

RESUMO

Este trabalho de investigação comparativista insere-se no âmbito das relações entretecidas pelos Estudos de Tradução e a Literatura Comparada, nomeadamente no que respeita ao conceito de tradução literária na Europa Ocidental do século XVII. Trata-se de um estudo intercultural, atendendo a que a tradução promove a mudança cultural decorrente de um processo de transferência intercultural com implicações literárias e ideológicas.

Os textos que constituíram o nosso objeto de trabalho são a *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto (1614) e as primeiras traduções completas ou parciais para espanhol (1620), da autoria de Francisco de Herrera Maldonado, para francês (1628), de Bernard Figuier, para inglês (1653), de Henry Cogan, e para alemão (1671), dos editores Henrich e Dietrich Boom. No decorrer da análise comparativa, procurámos demonstrar o grau de (in)fidelidade de cada tradução, estabelecendo paralelismos e realçando os procedimentos tradutológicos adotados em cada versão, os quais revelam, claramente, contactos entre si e/ou condicionalismos culturais e ideológicos implícitos. Estudámos o modo como cada tradução adaptou a obra original ao gosto e aos códigos linguísticos e literários do seu público-alvo. No desenvolvimento do nosso trabalho, tivemos em mente os códigos tradutológicos do século XVII em Espanha, França, Inglaterra e Alemanha, em virtude de o nosso *corpus* ser constituído por textos publicados no decorrer desse período.

Como metodologia de trabalho, delimitámos cinco momentos narrativos, no interior dos quais foram encontradas e analisadas comparativamente passagens consideradas exemplificativas das principais técnicas tradutivas características de cada texto e das inter-relações estabelecidas entre eles. Por fim, um outro objetivo nosso consistiu na avaliação do significado e da relevância da receção da tradução-adaptação desta obra portuguesa naqueles contextos de chegada (no momento imediato e para além dele).

Palavras-chave: Literatura, Comparatismo, Tradução, Fernão Mendes Pinto

TÍTULO EM INGLÊS:

“The Translation of Fernão Mendes Pinto’s *Peregrination* in Spain, France, England and Germany in the XVIIth century”

ABSTRACT

This comparative investigation work is inscribed in the relations established between the Translation Studies and the Comparative Literature, namely in what concerns the concept of literary translation in the Western Europe of the XVIIth century. It’s an Intercultural Study, bearing in mind that translation promotes a cultural change which takes place through a process of intercultural transfer with literary and ideological implications.

The texts that constitute the object of our study are the *Peregrinaçam* of Fernão Mendes Pinto (1614), and the first complete and partial translations into Spanish (1620), by Francisco de Herrera Maldonado, French (1628), whose author is Bernard Figuier, English (1653), translated by Henry Cogan, and German (1671), by the editors Henrich and Dietrich Boom. Throughout the comparative analysis, we aimed at demonstrating the level of (in)fidelity of each translation, establishing comparisons and focusing on the translation procedures adopted in each version, which reveal, clearly, contacts between them and/or implicit cultural and ideological factors. We studied the way each translation adapted the original work to the interests, and literary and linguistic codes of the target reader. In its development, we had in mind the translative codes of the XVIIth century in Spain, France, England and Germany as they are texts that were published during that period of time.

As a working methodology, we defined five narrative moments, in which passages considered good examples of the main translative techniques used in each text and the interrelations that took place among them were found and comparatively analysed. Finally, another aim we had consisted in the evaluation of the meaning and the relevance of the reception of the translation-adaptation of this Portuguese work in those target contexts (in the precise moment and after it).

Key-words: Literature, Comparatism, Translation, Fernão Mendes Pinto

ÍNDICE GERAL

Introdução.....	1
CAPÍTULO 1. ASPETOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS.....	6
1.1. A Literatura Comparada e os Estudos de Tradução: História, Teoria e Questões de Método.....	6
1.2. O Fenómeno da Tradução: Teoria e Prática na Europa Ocidental.....	17
1.2.1. Os Processos Tradutivos: Ontem e Hoje.....	24
1.2.2. Teoria e Prática Tradutiva no Século XVII em Espanha, França, Inglaterra e Alemanha.....	38
1.3. Questões Metodológicas.....	46
CAPÍTULO 2. TRADUÇÕES-(RE)CRIAÇÕES DA <i>PEREGRINAÇÃO</i> E PROCESSOS TRADUTIVOS NO SÉCULO XVII EUROPEU.....	51
2.1. A História das Primeiras Traduções da <i>Peregrinação</i>	51
2.1.1. Os Contextos das suas Publicações.....	51
2.1.2. Relações de Interdependência.....	70
CAPÍTULO 3. DA <i>PEREGRINAÇÃO</i> ÀS TRADUÇÕES ESPANHOLA, FRANCESA, INGLESA E ALEMÃ.....	86
3.1. Título(s), Paratextos e Estruturas Externas.....	89
3.2. Principais Momentos Narrativos.....	114
3.2.1. A Partida de Lisboa e o Início da Aventura.....	115
3.2.2. Na Companhia de António de Faria e o seu Derradeiro Naufrágio.....	153
3.2.3. A China: Utopia e Deambulação do Sujeito Peregrinante.....	196
3.2.4. O Japão e a Missão de Francisco Xavier.....	213
3.2.5. O Retorno a Portugal.....	238
Conclusões.....	244
Bibliografia.....	263
Anexos.....	277

ÍNDICE DE IMAGENS

3.1.1. Frontispício da obra portuguesa.....	93
3.1.2. Frontispício da tradução espanhola.....	94
3.1.3. Frontispício da tradução francesa.....	100
3.1.4. Frontispício da tradução inglesa.....	104
3.1.5. Frontispício da tradução neerlandesa.....	108
3.1.6. Frontispício da tradução alemã.....	109
3.2.1. Ilustração do capítulo 3 (versão alemã, fólho 13).....	135
3.2.2. Fólho 15 da tradução espanhola.....	136

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 3.1.1. Estrutura Externa da <i>Peregrinaçam</i> e das suas Traduções Espanhola, Francesa, Inglesa e Alemã.....	91
---	----

ÍNDICE DE ESQUEMAS

Esquema 2.1.2.1. Inter-relações entre a <i>Peregrinação</i> e as suas Primeiras Traduções...	77
--	----

ÍNDICE DE ANEXOS

ANEXO I – Esquema	
Esquema 2.1.2.1. Inter-relações entre a <i>Peregrinaçam</i> e as suas Primeiras Traduções.....	278
ANEXO II – Frontispícios.....	279
3.1.1. Frontispício da obra portuguesa.....	280
3.1.2. Frontispício da tradução espanhola.....	281
3.1.3. Frontispício da tradução francesa.....	282
3.1.4. Frontispício da tradução inglesa.....	283
3.1.5. Frontispício da tradução neerlandesa.....	284
3.1.6. Frontispício da versão alemã.....	285
ANEXO III – Ilustrações da Versão Alemã.....	286
3.2.1. Ilustração do capítulo 3 (versão alemã, fólio 13).....	287
2. Ilustração do capítulo 7 (versão alemã, fólio 39).....	288
3. Ilustração do capítulo 35 (versão alemã, fólio 220).....	289
4. Ilustração do capítulo 42 (versão alemã, fólio 256).....	290
5. Ilustração do capítulo 44 (versão alemã, fólio 267).....	291
6. Ilustração do capítulo 51 (versão alemã, fólio 313).....	292
7. Ilustração do capítulo 56 (versão alemã, fólio 338).....	293
ANEXO IV – Ilustrações da Versão Neerlandesa.....	294
1. Ilustração no fólio 10 (versão neerlandesa).....	295
2. Ilustração no fólio 28 (versão neerlandesa).....	296
3. Ilustração no fólio 112 (versão neerlandesa).....	297
4. Ilustração no fólio 132 (versão neerlandesa).....	298
5. Ilustração no fólio 190 (versão neerlandesa).....	299
6. Ilustração no fólio 244 (versão neerlandesa).....	300
ANEXO V – Tabelas.....	301
Tabela 3.1.1. Estrutura Externa da <i>Peregrinaçam</i> e das suas Traduções Espanhola, Francesa, Inglesa e Alemã.....	302

Tabela 2 - Resumos dos Capítulos Ilustrativos da Compressão/Supressão do Momento Narrativo Relativo ao Padre Francisco Xavier nas Versões Inglesa e Alemã.....	303
Tabela 3 - Excertos Representativos dos Principais Momentos Narrativos/Procedimentos Tradutivos Analisados.....	309

INTRODUÇÃO

Este projeto de investigação insere-se no âmbito das relações entretecidas pelos Estudos de Tradução e a Literatura Comparada, nomeadamente no que respeita ao conceito de tradução literária na Europa Ocidental do século XVII. Nesta breve introdução, o leitor encontrará referências a alguns estudos essenciais que têm sido levados a cabo para dignificar a tradução e instituir a área dos Estudos de Tradução no campo dos Estudos Literários e que passamos a apresentar.

Relativamente à prática tradutiva propriamente dita, teremos em consideração vários contributos, de entre os quais realçamos desde já, do século XVII, os de Sir John Denham («The Establishment of Fluency»¹) e de John Dryden («Paraphrase», «Imitation», «metaphrase»²); do século XVIII, de Samuel Johnson («defines ‘imitation’ as ‘a method of translating looser than paraphrase, in which modern examples and illustrations are used for ancient, or domestick for foreign’»³); e do século XX, de Roman Jakobson («intralingual, interlingual and intersemiotic translations»⁴), de Anton Popovič («lexical equivalence»⁵), de André Lefevere («‘rewriting’»⁶) e de Susan Bassnett [«linguistic, paradigmatic, stylistic (translational) equivalence and textual (syntagmatic) equivalences»⁷], entre outros não menos relevantes para o nosso trabalho. Perante os dados atrás apontados, é possível, desde já, constatar que a tradução tem sido alvo de inúmeros estudos e que tem sofrido continuamente uma evolução indiscutível.

É indiscutível que o estudo do fenómeno tradutivo tem suscitado polémica no âmbito da crítica literária. Susan Bassnett, a este propósito, lembra, por exemplo, Hilaire Belloc, em 1931 na sua «Tylorian Lecture», procura «eivar o desconsiderado estatuto»⁸ do processo de tradução, realçando a consequência de uma lenta evolução negativa que se verificava desde o século XVII. Nomeadamente, no século XIX,

¹ Venuti, Lawrence, «3. Neoclassicism and Enlightenment», in *The Oxford Guide to Literature in English Translation*, France, Peter (ed.), Oxford University Press, Oxford and New York, 2000, p. 55.

² *Apud* Venuti, Lawrence, «3. Neoclassicism and Enlightenment», in *The Oxford Guide to Literature in English Translation*, France, Peter (ed.), Oxford University Press, Oxford and New York, 2000, p. 56.

³ *Apud* Venuti, Lawrence, «3. Neoclassicism and Enlightenment», in *The Oxford Guide to Literature in English Translation*, France, Peter (ed.), Oxford University Press, Oxford and New York, 2000, p. 56.

⁴ Jakobson, Roman, «On Linguistic Aspects of Translation», in *On Translation*, Brower, R.A. (Ed.), Harvard University Press, Cambridge, 1959, p. 232.

⁵ *Apud* Bassnett, Susan, *Translation Studies*, Revised Edition, Routledge, London and New York, 1991, p. 25.

⁶ *Apud* Hermans, Theo, «2. Norms of Translation», in *The Oxford Guide to Literature in English Translation*, France, Peter (ed.), Oxford University Press, Oxford and New York, 2000, p. 11.

⁷ Bassnett, Susan, *Translation Studies*, Revised Edition, Routledge, London and New York, 1991, p. 25.

⁸ Bassnett, Susan, «Da Literatura Comparada aos Estudos de Tradução», in *Floresta Encantada – novos caminhos da literatura comparada*, Buescu, Helena *et al.* (org.), tradução de João Ferreira Duarte, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 2001, p. 290.

defendia-se que a leitura devia ser realizada a partir das línguas originais e não das traduções, consideradas então como «adaptações» ou «imitações».

Se tivermos em conta apenas o século XX, verificamos que as posições e teorias se sucedem. Nos anos 20, por exemplo, surge um grupo de teóricos brasileiros que postula que o tradutor suga o sangue do texto de partida para fortalecer o texto de chegada. Este grupo brasileiro defende a conceção da tradução como uma atividade política que promove a mudança cultural, na medida em que consiste num processo de transferência intercultural com implicações ideológicas.

Mais tarde, mais precisamente, nos anos 70, em Tel Aviv, surge um grupo de teóricos, liderado por Itamar Even-Zohar, que contribui para uma mudança de perspetiva dado que os seus elementos procuravam desenvolver estudos no âmbito da tradução. Even-Zohar⁹, com a sua Teoria dos Polissistemas, salientou a ideia de a tradução ter sido relevante na evolução das culturas e de tal facto ter sido significativamente ignorado pelos historiadores da cultura. A tradução não deve, assim, ser considerada uma prática sem prestígio e colocada em segundo plano. Ela é, então, entendida como «uma força criadora na história da literatura»¹⁰.

Em 1985, segundo Susan Bassnett, José Lambert e Rik van Gorp, na Universidade de Lovaina, na Bélgica, promoveram uma outra fase na evolução dos Estudos de Tradução ao defenderem que a tradução transforma a literatura e que consiste numa metodologia consideravelmente manipulatória. A Teoria dos Polissistemas, por si defendida, permitiu colocar de lado, por exemplo, a ideia de que a «qualidade» da tradução depende da «fidelidade» ao texto de partida. Surge, então, a escola da manipulação e, aqui, referimos, desde já, o trabalho de André Lefevere no que respeita aos polissistemas. Enfim, vários são os seguidores de Even-Zohar, inclusivamente Derrida.

Do Canadá provém a perspetiva feminista. Susan Bassnett nota que Lori Chamberlain, em 1992, no seu texto «Gender and the Metaphorics of Translation»,

⁹ Even-Zohar, Itamar, «The Position of Translated Literature within the Literary Polysystem», in *Papers in Historical Poetics*, Tel Aviv, 1978, p. 24: «To say, on the other hand, that translated literature maintains a *secondary* position is to say that it constitutes a peripheral system within the polysystem, generally assuming the character of epigonic writing. In other words, in such a situation it has no influence on major processes and it modelled according to norms already conventionally established by an already dominant type. Translated literature in this case becomes a major factor of conservatism. While the contemporary original literature might go on developing new norms and models, translated literature adheres to norms which have been either recently or long before rejected by the (newly) established center. [...] translation, by which new ideas, items, characteristics can be introduced into a literature, becomes a means to preserve traditional taste».

¹⁰ Bassnett, Susan, «Da Literatura Comparada aos Estudos de Tradução», in *Floresta Encantada – novos caminhos da literatura comparada*, Buescu, Helena *et al.* (org.), tradução de João Ferreira Duarte, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 2001, p. 293.

chama a atenção para a natureza sexualizada da terminologia da tradução com a metáfora «les belles infidèles»¹¹, segundo a qual a fidelidade se define como um acordo implícito entre a tradução (mulher) e o original (esposo/ pai/ autor), ou seja, as mulheres, num casamento, ou são belas e infiéis ou, pelo contrário, fiéis porque lhes falta a beleza. Nesse contrato, a mulher, a qual representa a tradução, é naturalmente transgressora, enquanto o homem, que simboliza o texto original, não surge no plano da infração.

Mais recentemente, os Estudos de Tradução passaram a consistir um campo interdisciplinar para o qual a designação de Estudos Interculturais se revela mais adequada, uma vez que a tradução envolve não só adequações linguísticas, mas também adaptações culturais resultantes da interpretação feita pelo(s) tradutor(es) e da necessidade de tornar o texto acessível e adequado ao novo leitor¹² oriundo de uma realidade, por vezes, consideravelmente díspar espacial e temporalmente.

É neste contexto que se insere o estudo que levámos a cabo. Um dos motivos pelos quais pretendemos realizar esta investigação prende-se com o facto de os Estudos de Tradução se encontrarem, como vimos acima, em desenvolvimento. Para além disso, o nosso interesse pelo objeto de trabalho, a saber, a *Peregrinação* (1614) de Fernão Mendes Pinto e algumas das suas traduções, a espanhola (1620), a francesa (1628), a inglesa (1653) e a alemã (1671), foi suscitado pelas invulgaes relações culturais e literárias que se estabeleceram na Europa Ocidental logo após a publicação desta obra portuguesa, ou seja, ao longo do século XVII. Saliente-se que essas relações dizem respeito à transposição daquela obra para os vários contextos culturais e literários implicados. De referir que dedicaremos também uma particular atenção às inter-relações verificadas entre as várias traduções, visto que nem sempre, ou mesmo, raramente, os tradutores partiram do texto português para concretizarem os seus trabalhos tradutológicos, conforme pretendemos demonstrar ao longo deste estudo. Ainda no que diz respeito às razões que nos motivaram a dar início a esta investigação, acrescente-se

¹¹ Apud Bassnett, Susan, «Da Literatura Comparada aos Estudos de Tradução», in *Floresta Encantada – novos caminhos da literatura comparada*, Buescu, Helena et al. (org.), tradução de João Ferreira Duarte, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 2001, 291.

¹² Herbulot, Florence, «O Tradutor Dilacerado», in *Tradutor Dilacerado – Reflexões de autores franceses contemporâneos sobre tradução*, Jorge, Guilhermina (coord.), trad. de Catarina Salgueiro et al., Edições Colibri, Lisboa, 1997, pp. 104-105: «O leitor, por sua vez, é receptivo a essa mensagem: quer aprender, compreender, enriquecer o seu conhecimento, e pensa encontrar no texto que lê o meio de responder às suas expectativas. [...] E creio que esta é a primeira obrigação de todo o tradutor: ser um leitor inteligente, interessado, curioso, crítico. / Depois, terminado o seu papel de leitor, tem de vestir outro fato: o de autor. Mudando de pele, mudando de campo, transforma-se de destinatário em emissor, de leitor em redactor. Por sua vez, tem de transmitir, a outros leitores potenciais, mas desconhecidos, dados, e deve fazê-lo de forma a permitir que o destinatário final exerça por sua vez as faculdades de leitor com inteligência».

o facto de se tratar de um trabalho comparativo ainda por realizar e pensarmos que poderíamos para tal dar o nosso contributo.

Relativamente aos objetivos e à metodologia que usaremos, propomo-nos analisar comparativamente cinco momentos narrativos da obra portuguesa, selecionando excertos representativos dos procedimentos tradutivos mais recorrentes, com as primeiras traduções da obra portuguesa, a espanhola, da autoria de Francisco de Herrera Maldonado, a francesa, concebida por Bernard Figuier, a inglesa, da responsabilidade de Henry Cogan, e a alemã, de autor anónimo (X.) ou dos seus editores Henrich e Dietrich Boom. Procuraremos avaliar os níveis de fidelidade ou de, pelo contrário, originalidade de cada um e demonstrar que esses níveis dependeram de conhecimentos que o(s) tradutor(es) detinha(m) do manuscrito original, dos textos de partida usados por cada um dos tradutores, ou seja, das inter-relações verificadas entre eles e, simultaneamente, dos novos contextos religiosos, culturais, sociais e políticos para os quais a obra portuguesa foi transposta.

Quanto à estrutura deste trabalho de investigação, no Capítulo 1, aprofundaremos questões de história, teoria e metodologia que dizem respeito à Literatura Comparada e aos Estudos de Tradução. Começaremos por focar o fenómeno da tradução na Europa Ocidental. Em seguida, trataremos a questão dos processos tradutivos adotados, sobretudo, no século XVII e a sua evolução até aos nossos dias. Procuraremos, igualmente, abordar a teoria e a prática tradutória no século XVII em Espanha, França, Inglaterra e Alemanha.

No Capítulo 2, dedicar-nos-emos, finalmente, à história das primeiras traduções da *Peregrinação*, aos seus contextos de publicação e às relações de interdependência provável ou certamente verificadas entre os cinco textos.

Finalmente, no Capítulo 3, realizaremos a análise comparativa entre a obra original e as suas versões traduzidas, após delimitados os momentos diegéticos que serão objeto do nosso estudo em cada uma das edições, e selecionados os excertos mais relevantes do interior daqueles. Procuraremos verificar marcas de uma maior fidelidade/originalidade em relação à mensagem do texto português, em função dos códigos tradutológicos do século XVII em Espanha, França, Inglaterra e Alemanha, que nos permitam avaliar o grau de proximidade manifestado em cada tradução e estabelecer as relações de interdependência entre os quatro textos de chegada, em alguns casos também eles textos de partida, como procuraremos demonstrar adiante, que promoveram a divulgação da obra portuguesa, que a revitalizaram ao tornarem

possível a sua releitura e interpretação por novos leitores em momentos e espaços muito distintos, independentes e consideravelmente distantes.

Estabeleceremos, pois, paralelismos com o intuito de perceber que relações foram travadas entre as várias edições, ou seja, que textos serviram de obras de partida para os quatro textos de chegada. Paralelamente, estudaremos o modo como cada tradução adaptou a obra original ao gosto, à mentalidade e aos códigos literários do seu público-alvo, procurando encontrar as causas dos diferentes níveis de fidelidade/infidelidade relativamente ao original. Assim, após uma análise comparativa dos momentos narrativos delimitados no original com cada tradução, procuraremos avaliar o grau de (in)fidelidade de cada tradutor para com o texto português, salientando para cada tradução aquilo que de mais significativo se encontrou nesses momentos diegéticos e procurando apontar as suas possíveis justificações.

Em relação aos procedimentos tradutológicos, podemos adiantar que, entre eles, se encontrarão a expansão, a compressão, a supressão, a adaptação e as técnicas interlinguais, as quais são implícitas ao processo de mudança de um sistema linguístico para outro totalmente diferente. Veremos que alguns tradutores recorrem, sobretudo, à expansão, outros adotam, de forma pontual, a compressão ou a supressão e todos eles procedem a adaptações. Tais tendências permitir-nos-ão avaliar a influência dos contextos no trabalho tradutivo da época e estabelecer ligações entre os cinco textos. Finalmente, teremos em mente a metáfora «les belles infidèles» aquando da ponderação da classificação a atribuir às quatro traduções a que nos dedicaremos nas páginas seguintes.

CAPÍTULO 1

ASPETOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

1.1. A Literatura Comparada e os Estudos de Tradução: História, Teoria e Questões de Método

Os Estudos de Tradução ocupam, atualmente, um papel central no âmbito dos Estudos Literários, apesar de, durante muito tempo, a tradução ter sido vista como uma atividade que não implicava um exercício relevante ao nível da originalidade, podendo qualquer profissional de escrita levá-la a cabo. Não obstante, nos últimos anos, a Literatura Comparada, segundo Susan Bassnett (n. em 1945), tem vindo a perder terreno e, pelo contrário, os Estudos de Tradução têm vindo a adquirir um papel central:

«O tempo da disciplina de literatura comparada está a chegar ao fim. A investigação intercultural em estudos feministas, na teoria pós-colonial, em estudos culturais, mudou o rosto dos estudos literários. Há que olhar doravante os estudos de tradução como a disciplina principal e a literatura comparada como uma área importante, mas subsidiária.»¹³

Na verdade, demonstrou-se, ao longo de vários anos, que a prática da tradução representa muito mais do que uma mera transposição de um documento escrito de uma língua de partida para uma língua de chegada. Para além de todos os procedimentos inerentes a essa prática, destaque-se que a tradução envolve um processo de escrita contextualizado e a sua passagem para um outro sistema torna-se, com efeito, numa atividade cultural, social e política deveras influente e subjetiva. A questão terminológica tem, igualmente, sofrido uma significativa evolução ao longo da história da tradução e os termos «exatidão» e «fidelidade» encontram-se no centro deste dilema.

Se recuarmos ao século XV verificamos que esse foi um período «de busca de modelos literários e de uso de tradutores como meio de revitalizar o sistema de chegada»¹⁴. Conforme nota Roger Ellis,

¹³ Bassnett, Susan, «Da Literatura Comparada aos Estudos de Tradução», in *Floresta Encantada – novos caminhos da literatura comparada*, Buescu, Helena *et al.* (org.), tradução de João Ferreira Duarte, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 2001, p. 310.

¹⁴ Bassnett, Susan, «Da Literatura Comparada aos Estudos de Tradução», in *Floresta Encantada – novos caminhos da literatura comparada*, Buescu, Helena *et al.* (org.), tradução de João Ferreira Duarte, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 2001, p. 302.

«[...] translation in the 15th c. was largely driven by reaction to the explosive events at the turn of the century, both positive, in the figures of Chaucer and other translators, and negative, in the figure of Archbishop Arundel. [...] Translation in the 15th c., then, is like the prolonged aftershock of developments at the end of the 14th. The ‘premature Reformation’ [...] to which those developments contributed [...] had to wait till the next century for their full flowering in England.»¹⁵

Susan Bassnett lembra a teoria de Madame de Gournay (1619), segundo a qual traduzir significava «engendrar uma obra nova»¹⁶, ou seja, os textos de autores antigos tinham de ser desconstruídos para que pudessem ser reconstituídos novamente. No contexto pós-renascentista, a leitura e a escrita sofreram transmutações acentuadas, as quais se encontram estreitamente relacionadas com a metáfora da tradução original/marido (fidelidade) ou escravo/senhor (lealdade). Com efeito, nessa altura verificaram-se transformações provocadas pelos Descobrimentos, as quais se refletiram também ao nível das perspetivas e dos horizontes. Tal como nota Susan Bassnett, Foucault, em 1970, afirma, relativamente a este assunto, o seguinte:

«No século XVI a pergunta incidia sobre como era possível que um signo designasse de facto o que significava; do século XVII em diante, começava-se a perguntar como podia um signo estar ligado ao que significava.»¹⁷

Convém referir, no que diz respeito à proliferação das traduções e da publicação de textos originais no começo do século XVII¹⁸, que emergiu em Londres o negócio dos livros e com ele um vasto público ávido de ler e de se cultivar. De salientar aqui o contributo de Johannes Gutenberg (Mogúncia, c. 1398 - 3 de Fevereiro de 1468) através da invenção da tecnologia de impressão (c. 1439), a qual se difundiu por toda a Europa, numa primeira fase, e, seguidamente, por todo o mundo. O interesse pelo livro manifestado pelo público com menos escolaridade fazia sentir-se desde o século XV em Espanha, França, Inglaterra, Alemanha e Holanda, entre outros países, e a facilidade de

¹⁵ Ellis, Roger, «1. The Middle Ages», in *The Oxford Guide to Literature in English Translation*, France, Peter (ed.), Oxford University Press, Oxford, 2000, p. 45.

¹⁶ *Apud* Bassnett, Susan, «Da Literatura Comparada aos Estudos de Tradução», in *Floresta Encantada – novos caminhos da literatura comparada*, Buescu, Helena *et al.* (org.), tradução de João Ferreira Duarte, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 2001, p. 297.

¹⁷ *Apud* Bassnett, Susan, «Da Literatura Comparada aos Estudos de Tradução», in *Floresta Encantada – novos caminhos da literatura comparada*, Buescu, Helena *et al.* (org.), tradução de João Ferreira Duarte, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 2001, p. 297.

¹⁸ Bassnett, Susan, «Da Literatura Comparada aos Estudos de Tradução», in *Floresta Encantada – novos caminhos da literatura comparada*, Buescu, Helena *et al.* (org.), tradução de João Ferreira Duarte, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 2001, p. 300: «Um processo semelhante ocorria então nos teatros, e é interessante verificar que, dos finais do século XVII em diante, um grande número de peças levadas à cena nos palcos de Londres eram traduções. Para dar resposta à procura no mercado, tais traduções eram muitas vezes feitas à pressa e por gente sem as mínimas qualificações».

impressão bem como a redução dos tamanhos, a qualidade e o preço favoreceram amplamente este negócio.

No que diz respeito aos textos traduzidos, no século XVII, os tradutores de textos clássicos entendiam que o ato por si praticado implicava uma sensibilidade literária notória. Tal como nota Susan Bassnett, de acordo com John Dryden (1631-1700), por exemplo, o tradutor:

«[...] devia possuir totalmente e compreender na perfeição o génio e o sentido do seu autor, a natureza do assunto e os termos da arte do assunto tratado. Só então pode exprimir-se com tanta justeza e vivacidade como se estivesse a escrever um original, inversamente, quem copia palavra a palavra perde todo o espírito no tédio da transfusão (1962).»¹⁹

Com efeito, Dryden postulava que a tradução poderia alcançar o estatuto de original, no entanto, para que tal se verificasse, o tradutor não poderia limitar-se a copiar palavra a palavra.

O objetivo de tornar os textos inteligíveis e legíveis dominou a prática tradutiva durante os séculos XVII e XVIII. A norma a seguir era a da «fluent domestication»²⁰. Conforme afirma Lawrence Venuti,

«The freedom required by fluency was not particularly new or peculiar to English translating at the time. It was a neoclassical aesthetic that slowly emerged in England during the 16th and 17th c. and currently prevailed in France [...]»²¹

Samuel Johnson (1709-1784), no seu *Dictionary of the English Language* (1755) define a imitação como «a method of translating looser than paraphrase, in which modern examples and illustrations are used for ancient, or domestick for foreign»²². Na realidade, a maioria das traduções dos séculos XVII e XVIII evidenciam um recurso evidente à imitação e à paráfrase.

No século XIX, defende-se, com efeito, a leitura das obras originais, por serem reconhecidas como superiores. As traduções eram, muitas vezes, «adaptações» ou «imitações» inferiores e secundárias. Os comparatistas binários, assim intitulados,

¹⁹ Apud Bassnett, Susan, «Da Literatura Comparada aos Estudos de Tradução», in *Floresta Encantada – novos caminhos da literatura comparada*, Buescu, Helena et al. (org.), tradução de João Ferreira Duarte, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 2001, p. 299.

²⁰ France, Peter, «1. Translation Studies and Translation Criticism», in *The Oxford Guide to Literature in English Translation*, France, Peter (ed.), Oxford University Press, Oxford, 2000, p. 5.

²¹ Venuti, Lawrence, «3. Neoclassicism and Enlightenment», in *The Oxford Guide to Literature in English Translation*, France, Peter (ed.), Oxford University Press, Oxford, 2000, p. 55.

²² Apud Venuti, Lawrence, «3. Neoclassicism and Enlightenment», in *The Oxford Guide to Literature in English Translation*, France, Peter (ed.), Oxford University Press, Oxford, 2000, p. 56.

alegavam, inclusivamente, que o estudo comparativo entre textos originais e traduções não era digno ou pertencia ao campo da linguística por considerarem que consistiam em mudanças linguísticas simplesmente. Enfim, estes críticos literários não atribuíam qualquer valor aos processos tradutivos, recusando-se a estudá-los. Ainda assim, um claro exemplo de que a tradução é central na evolução da literatura é dado a conhecer por Vladimír Macura, o qual postula que a tradução assumia uma função expropriativa que afetava a evolução dos géneros literários ao trazer textos carregados de valores culturais «para um sistema literário em fase de surgimento»²³.

No século XX, mais precisamente nos anos 20, surge uma nova conceção do processo tradutivo, a canibalista, segundo a qual o tradutor suga o sangue do texto de partida para fortalecer o texto de chegada. Para os teóricos brasileiros, tal como Madame de Gournay afirmou quatro séculos antes, o tradutor devora o texto de partida e engendra-o novamente. Haroldo de Campos, conforme nota Susan Bassnett, afirma que «[a] tradução é [...] um processo físico, o devorar do texto de partida, um processo de transmutação, um acto de vampirização. A tradução, diz ele, é ‘como transfusão. De sangue’»²⁴.

Já em 1931, conforme recorda Susan Bassnett, Hilaire Belloc (1870-1953) expressava o seu ponto de vista relativamente à situação da arte da tradução, na sua «Taylorian Lecture» designada «On Translation». Nessa conferência, Belloc chamava à atenção para o facto de a tradução envolver um complexo processo. Este autor procurava, assim, elevar o estatuto da tradução, realçar junto do público o carácter multifacetado desta arte e alertar para o conceito negativo que durante dois séculos continuava a sentir-se, em alguns locais, em torno do estatuto da tradução:

«A arte da tradução é subsidiária e derivativa. É por isso que nunca lhe foi concedida a dignidade da obra original e tem sofrido demasiado no juízo das letras. Esta depreciação natural do seu valor tem tido como efeito prático baixar o nível de exigência e, em certos períodos, quase destruir esta arte por completo. A correspondente confusão quanto à sua natureza contribuiu para a sua degradação: não têm sido compreendidas, nem a importância, nem a dificuldade dela.»²⁵

²³ Bassnett, Susan, «Da Literatura Comparada aos Estudos de Tradução», in *Floresta Encantada – novos caminhos da literatura comparada*, Buescu, Helena et al. (org.), tradução de João Ferreira Duarte, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 2001, p. 295.

²⁴ Bassnett, Susan, «Da Literatura Comparada aos Estudos de Tradução», in *Floresta Encantada – novos caminhos da literatura comparada*, Buescu, Helena et al. (org.), tradução de João Ferreira Duarte, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 2001, p. 305.

²⁵ *Apud* Bassnett, Susan, «Da Literatura Comparada aos Estudos de Tradução», in *Floresta Encantada – novos caminhos da literatura comparada*, Buescu, Helena et al. (org.), tradução de João Ferreira Duarte, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 2001, p. 289.

Tal como lembra Susan Bassnett, na mesma linha, o filósofo francês Jacques Derrida (1930-2004) defende que «o texto de partida não é de maneira nenhuma um original, mas antes a elaboração de uma ideia, um sentido, logo ele próprio uma tradução»²⁶.

Ezra Pound (1961) defende a sua tradução de *Homage to Sextus Propertius* mediante a metáfora de ressuscitar alguém, demonstrando que o trabalho tradutivo se orientava em função da cultura de chegada, visível na tentativa de encontrar novos leitores. Neste ponto, a definição da tarefa do tradutor aproximava-se da de Walter Benjamin²⁷, o qual, na introdução à sua tradução de *Tableaux Parisiens*, de Baudelaire (1923), havia postulado o papel da tradução enquanto atividade que permite a continuidade de vida das obras preponderantes da literatura mundial. Israel Fortunato, partindo de uma perspetiva da teoria do sentido, afirma que:

«[...] o processo da tradução não consiste em dar conta das palavras, nem em aperfeiçoar um instrumento de conhecimento, mas em recriar a magia que ressalta de todas as componentes afectivas e nocionais da obra. Estabelecida no respeito dos seus valores e das limitações da língua-alvo, a nova construção verbal é um objecto autónomo mas que permanece assimilável pela sua fisionomia de conjunto, pela sua função estética e pelo efeito produzido.»²⁸

Thomas J. C. Hüsgen postula que, nos anos 60 do século XX, a tradução surge na qualidade de teoria com fins científicos, afirmando-se como uma disciplina independente, nitidamente influenciada pela linguística moderna, e estudando «o processo e o produto do acto de traduzir»²⁹.

Nos anos 70 do século XX, em Tel Aviv, surge um grupo de teóricos, liderado por Itamar Even-Zohar, que apresenta uma abordagem sistémica no sentido de incutir um maior rigor ao conceito da tradução. Susan Bassnett nota que, no artigo designado

²⁶ Bassnett, Susan, «Da Literatura Comparada aos Estudos de Tradução», in *Floresta Encantada – novos caminhos da literatura comparada*, Buescu, Helena *et al.* (org.), tradução de João Ferreira Duarte, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 2001, p. 301.

²⁷ Benjamin, Walter, «The Task of the Translator», in *Illuminations*, Fontana, Londres, 1973, p. 75: «In translation the original rises into a higher and purer linguistic air, as it were. It cannot live there permanently, to be sure, and it certainly does not reach it in its entirety. Yet, in a singularly impressive manner, at least it points the way to this region: the predestined, hitherto inaccessible realm of reconciliation and fulfilment of languages. The transfer can never be total, but what reaches this region is that element in a translation which goes beyond transmittal of subject matter. This nucleus is best defined as the element that does not lend itself to translation. [...] Unlike the words of the original, it is not translatable, because the relationship between content and language is quite different in the original and the translation».

²⁸ Israel, Fortunato, «Tradução Literária e Teoria do Sentido», in *Tradutor Dilacerado – Reflexões de autores franceses contemporâneos sobre tradução*, Jorge, Guilhermina (coord.), trad. de Catarina Salgueiro *et al.*, Edições Colibri, Lisboa, 1997, p. 78.

²⁹ Hüsgen, Thomas J. C., «Um contributo para uma nova abordagem da crítica da tradução literária», in *Literatura Comparada: Os Novos Paradigmas. Actas do II Congresso da APLC*, Losa, Margarida L. *et al.* (orgs.), Edições Afrontamento, Porto, 1996, vol. 1, p. 251.

«Translation Theory Today», Even-Zohar se refere à conceção da tradução como uma cópia inferior, que «‘traí’, ‘rebaixa’, ‘diminui’, ‘reduz’, ‘perde’ partes do original, a tradução é ‘derivativa’, ‘mecânica’, ‘secundária’, a poesia perde-se na tradução, certos autores são ‘intraduzíveis’»³⁰. Este teórico condenava o facto de a prática tradutiva ser considerada um ato de pura traição³¹ ao original, uma cópia inferior e sem a qualidade encontrada naquele.

Ora, num contexto em que os Estudos de Tradução careciam de uma linguagem precisa, os estudos de Even-Zohar e também de Gideon Toury, acerca da Teoria dos Polissistemas, vêm contribuir para uma mudança ao nível do domínio do original em relação à tradução. Even-Zohar salientou, por exemplo, a ideia de a tradução ter sido relevante na evolução das culturas e de tal facto ter sido significativamente ignorado pelos historiadores da cultura. A tradução passa, assim, a representar uma potência criadora na história da literatura, atendendo à sua significativa influência na mutação e difusão dos géneros e sistemas literários.

Even-Zohar defende, em 1976, que «certas condições determinam uma elevada actividade translatória no interior de uma dada cultura»³². Este teórico identifica, então, segundo Susan Bassnett, «três grandes casos: quando uma literatura se encontra num estágio inicial de evolução; quando uma literatura tem a consciência de ser periférica ou ‘fraca’ ou ambas; quando existem pontos de viragem, ou crises, ou vazios literários (1990)»³³. Maria Tymoczko, de acordo com Susan Bassnett, nota que a tradução assumiu um papel fundamental, por exemplo, na evolução do género épico para o romanesco, ainda no século XII, à medida que se estabeleciam as línguas vernáculas na qualidade de línguas literárias na Europa. Assim, tal como propunha Even-Zohar, «a

³⁰ Apud Bassnett, Susan, «Da Literatura Comparada aos Estudos de Tradução», in *Floresta Encantada – novos caminhos da literatura comparada*, Buescu, Helena et al. (org.), tradução de João Ferreira Duarte, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 2001, p. 291.

³¹ Martins, Manuel Frias, «Tradução Literária: Um Lugar Teórico», in *Em Teoria (A Literatura). In Theory (Literature)*, Ambar Editora, Porto, 2003, p. 152: «[...] antes de sermos tradutores, todos nós somos obrigatoriamente leitores. Enquanto leitores a nossa relação com um texto literário é única, mais dependente de motivações subjectivas do que de eventuais programas culturais colectivos. Consequentemente, o modo como o texto é traduzido à consciência, isto é, a *interpretação* particular que é feita desse texto, é também ela única. Se assim é, temos obrigatoriamente de reconhecer que diferentes sujeitos, tendo uma relação interpretativa diferente com um mesmo texto, têm de reproduzir essa diferença nas respetivas traduções. Esta parece ser uma questão pacífica e de fácil aceitação. No entanto, todos nós conhecemos inúmeros exemplos de querelas acerca da *fidelidade* ou da *traição* dos tradutores de determinadas obras. Isso quer dizer, então, que a questão não é simples. E não é simples porque põe em evidência várias contradições (chamemos-lhes problemas) que neste momento afligem os estudos literários. São três as suas ordens principais: a ordem filológica, a ordem apropriativa e a ordem interactiva».

³² Bassnett, Susan, «Da Literatura Comparada aos Estudos de Tradução», in *Floresta Encantada – novos caminhos da literatura comparada*, Buescu, Helena et al. (org.), tradução de João Ferreira Duarte, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 2001, p. 293.

³³ Bassnett, Susan, «Da Literatura Comparada aos Estudos de Tradução», in *Floresta Encantada – novos caminhos da literatura comparada*, Buescu, Helena et al. (org.), tradução de João Ferreira Duarte, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 2001, p. 293.

actividade translatória é elevada quando as literaturas se encontram num estágio inicial de evolução»³⁴. Se tivermos em conta os contributos dos seguidores de Even-Zohar e da escola dos polissistemas, percebemos que se verifica uma ascensão da história da tradução.

Na Universidade de Lovaina, na Bélgica, José Lambert e Rik van Gorp promoveram uma outra fase na evolução dos Estudos de Tradução ao defenderem que a tradução transforma a literatura e que consiste numa metodologia consideravelmente manipulatória. Estes investigadores propõem um esquema para avaliar uma tradução, a qual pode ser classificada como «tradução, ou ‘adaptação’, ‘imitação’, ou mesmo como um ‘original’»³⁵. No artigo publicado por estes pesquisadores na obra *The Manipulation of Literature* (1985), marco de uma nova fase dos Estudos de Tradução, esta prática passa a ser vista:

«[...] não só como força que molda a literatura, mas também como uma estratégia textual fundamentalmente manipulatória. A teoria dos polissistemas na sua fase inicial estava necessariamente orientada para o sistema de chegada, principalmente para refutar a anterior noção do primado do original e do estatuto secundário da actividade translatória; porém, por meados dos anos 80, a primeira e mais evangelizadora fase da investigação baseada na teoria dos polissistemas estava em vias de se transformar em algo diferente.»³⁶

Assinalam-se, então, três momentos na evolução dos Estudos Tradutivos: um primeiro, profundamente marcado pela Teoria dos Polissistemas e que envolvia uma crítica direta às teorias sobre a tradução; um segundo, em que se condenava o trabalho descontextualizado da linguística; e um terceiro, no qual se efetuava um trabalho assistémico de avaliação nos Estudos da Literatura.

Ainda de acordo com Bassnett, a «teoria da equivalência»³⁷ apresentava o problema de negar a «existência de relações hierárquicas entre os textos e as culturas de partida e os textos e as culturas de chegada, além de pressupor que a tradução ocorre

³⁴ Bassnett, Susan, «Da Literatura Comparada aos Estudos de Tradução», in *Floresta Encantada – novos caminhos da literatura comparada*, Buescu, Helena *et al.* (org.), tradução de João Ferreira Duarte, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 2001, p. 293.

³⁵ Bassnett, Susan, «Da Literatura Comparada aos Estudos de Tradução», in *Floresta Encantada – novos caminhos da literatura comparada*, Buescu, Helena *et al.* (org.), tradução de João Ferreira Duarte, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 2001, p. 295.

³⁶ Bassnett, Susan, «Da Literatura Comparada aos Estudos de Tradução», in *Floresta Encantada – novos caminhos da literatura comparada*, Buescu, Helena *et al.* (org.), tradução de João Ferreira Duarte, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 2001, pp. 295-296.

³⁷ Bassnett, Susan, «Da Literatura Comparada aos Estudos de Tradução», in *Floresta Encantada – novos caminhos da literatura comparada*, Buescu, Helena *et al.* (org.), tradução de João Ferreira Duarte, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 2001, p. 296.

num eixo vertical, entre sistemas em situação idêntica»³⁸. A Teoria dos Polissistemas vem contradizer esta teoria, defendendo, pelo contrário, a ideia de que «os sistemas nunca se encontram em posição idêntica, o que está sempre em jogo é a noção de superioridade ou inferioridade de um texto ou sistema literário»³⁹. Mais tarde, a ênfase era ainda atribuída ao sistema de chegada, não obstante, a investigação histórica passou, então, a ter um papel fundamental. Verificou-se, nesta fase, um «afastamento definitivo das origens abertamente estruturalistas da teoria dos polissistemas e uma aproximação a teorias pós-estruturalistas da tradução»⁴⁰.

Num outro ensaio incluso no volume *The Manipulation of Literature*, da autoria de Theo Hermans acerca de tradutores holandeses, ingleses e franceses, é demonstrado como as metáforas usadas pelos tradutores evidenciam o papel e o estatuto que a tradução assumia nos momentos dos seus trabalhos tradutivos:

«Exemplos de metáforas previsíveis no âmbito da retórica geral são: seguir as pegadas, mudar de roupa, descobrir o tesouro ou transição alquímica; estas metáforas revelam também um certo grau de ambiguidade em relação ao texto de partida, sendo o estatuto do texto no sistema de partida determinante para a atitude e estratégias do tradutor, bem como para o direito da cultura de chegada à sua posse.»⁴¹

A análise destes e de outros conjuntos de metáforas permite recolher dados acerca da atividade tradutiva⁴² num determinado momento:

«O tradutor como escravo, servo do texto de partida, constitui uma vigorosa metáfora que sobrevive até ao século XIX; implícita está a ideia de dominação do autor do texto de partida sobre um texto de chegada subserviente.»⁴³

³⁸ Bassnett, Susan, «Da Literatura Comparada aos Estudos de Tradução», in *Floresta Encantada – novos caminhos da literatura comparada*, Buescu, Helena *et al.* (org.), tradução de João Ferreira Duarte, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 2001, p. 296.

³⁹ Bassnett, Susan, «Da Literatura Comparada aos Estudos de Tradução», in *Floresta Encantada – novos caminhos da literatura comparada*, Buescu, Helena *et al.* (org.), tradução de João Ferreira Duarte, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 2001, p. 296.

⁴⁰ Bassnett, Susan, «Da Literatura Comparada aos Estudos de Tradução», in *Floresta Encantada – novos caminhos da literatura comparada*, Buescu, Helena *et al.* (org.), tradução de João Ferreira Duarte, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 2001, p. 296.

⁴¹ Bassnett, Susan, «Da Literatura Comparada aos Estudos de Tradução», in *Floresta Encantada – novos caminhos da literatura comparada*, Buescu, Helena *et al.* (org.), tradução de João Ferreira Duarte, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 2001, p. 297.

⁴² Toury, Gideon, «A Tradução como Meio de Planificação e a Planificação da Tradução», in *Histórias Literárias Comparadas*, Seruya, Teresa e Maria Lin Moniz (org. e coord.), Edições Colibri, Centro de Literatura e Cultura Portuguesa e Brasileira, Universidade Católica Portuguesa, 11 e 12 de nov. 1999, Actas do Colóquio Internacional, p. 28: «[...] dentro de uma consciência cultural, as fronteiras entre traduções e originais podem ser pouco nítidas, ainda que as actividades estejam bem diferenciadas».

⁴³ Bassnett, Susan, «Da Literatura Comparada aos Estudos de Tradução», in *Floresta Encantada – novos caminhos da literatura comparada*, Buescu, Helena *et al.* (org.), tradução de João Ferreira Duarte, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 2001, p. 297.

O advento da «escola da manipulação», por volta dos anos 80 do século XX, provoca mutações ao nível dos Estudos de Tradução. A terceira fase, dita pós-estruturalista, entende a tradução como um processo de manipulação. Citado por Susan Bassnett, percebe-se que o investigador André Lefevere, por exemplo, propõe uma nova forma de estudar a tradução, ou seja, enquanto reescrita:

«[...] a reescrita [...] vem a ser uma estratégia de fundamental importância, usada pelos guardiões da literatura para adaptar o que é ‘estrangeiro’ (no tempo e/ou na localização geográfica) às normas da cultura receptora: é por isso que a reescrita desempenha um papel de suma importância na evolução dos sistemas literários. A outro nível, as reescritas documentam a recepção e podem ser analisadas desse ponto de vista. Eis, portanto, dois excelentes motivos para conferir ao estudo da reescrita uma posição mais central, tanto na teoria literária como na literatura comparada.»⁴⁴

Enfim, concordamos com André Lefevere quando afirma que «a tradução é um canal que se abre, muitas vezes não sem uma certa relutância, através do qual influências estrangeiras podem penetrar na cultura nativa, provocá-la e contribuir para subvertê-la»⁴⁵, pois o ato tradutológico detém um papel determinante na evolução cultural a nível mundial. Tal como defende Susan Bassnett,

«[...] a literatura comparada tem insistentemente lutado por se definir a si própria, por defender certos valores, rejeitando apelos para tornar mais claro o seu âmbito e metodologia, enquanto que os estudos de tradução se têm ocupado com textos e contextos, com a prática e a teoria, com a diacronia e a sincronia e, sobretudo, com o processo manipulatório de transferência intercultural e suas implicações ideológicas.»⁴⁶

Com efeito, nenhum ato de escrita é alheio ao seu contexto sociocultural e político. A tradução assume um papel central na evolução cultural e não se podem estabelecer paralelos entre ela e a escrita de textos originais, pois ambas as atividades têm as suas funções e características essenciais e independentes, apesar de intimamente ligadas entre si. Relativamente a este ponto, reforça-se que estas atividades se encontram relacionadas, não sendo possível, contudo, sobrepor-se uma à outra.

⁴⁴ Apud Bassnett, Susan, «Da Literatura Comparada aos Estudos de Tradução», in *Floresta Encantada – novos caminhos da literatura comparada*, Buescu, Helena et al. (org.), tradução de João Ferreira Duarte, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 2001, p. 298.

⁴⁵ Apud Bassnett, Susan, «Da Literatura Comparada aos Estudos de Tradução», in *Floresta Encantada – novos caminhos da literatura comparada*, Buescu, Helena et al. (org.), tradução de João Ferreira Duarte, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 2001, p. 309.

⁴⁶ Bassnett, Susan, «Da Literatura Comparada aos Estudos de Tradução», in *Floresta Encantada – novos caminhos da literatura comparada*, Buescu, Helena et al. (org.), tradução de João Ferreira Duarte, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 2001, p. 310.

A teoria pós-colonial pressupõe que a tradução envolvia uma relação dialética entre sistemas e que o texto de partida não existe. Tal como nota Susan Bassnett e tendo em conta as propostas de Benjamin e Derrida, uma tradução é «um após-vida, uma sobrevivência, uma continuação por renascimento, não uma cópia»⁴⁷.

Em 1992, no Canadá, Lori Chamberlain, por seu turno, recorrendo à expressão seiscentista «les belles infidèles», releva a cumplicidade cultural existente entre a fidelidade no casamento e na tradução. Chamberlain postula, pois, que as traduções, à semelhança das mulheres, apenas poderão ser uma de duas coisas, ou feias e fiéis ou belas e infiéis e que a fidelidade consiste num acordo intrínseco entre a tradução (tal como a esposa) e o original (ou seja, o esposo, que corresponde ao autor). O ponto de vista feminista de Lori Chamberlain, segundo Bassnett, realça «a natureza sexualizada desta terminologia»⁴⁸.

A tradução promove a mudança cultural, na medida em que consiste num processo de transferência intercultural com implicações ideológicas. Através da escrita, são veiculadas mensagens carregadas de subjetivismo, sendo que, no caso das traduções, se revitaliza ou adequa mediante a reescrita implícita ao ato de tradução. A sua prática constitui uma atividade igualmente política.

Os Estudos de Tradução passam, assim, a consistir num campo interdisciplinar para o qual a designação de Estudos Interculturais se revela mais adequada, pois a prática de tradução implica trocas e mudanças culturais. Segundo Bassnett, a Literatura Comparada já não se encontra numa posição de superioridade para com os Estudos de Tradução. Estes tornaram-se autónomos, independentes daquela, variados e distintos ao nível dos métodos e dos interesses, mais abrangentes, interdisciplinares, dinâmicos, envolventes e em ascensão. Pelo contrário, tal como afirma Bassnett, alguns teóricos que consideram que a Literatura Comparada está «presa a peias formalistas»⁴⁹ e se encontra em declínio. Ainda de acordo com Bassnett, a situação deplorante vivida pela disciplina em questão deve-se à «herança do eurocêntrico positivismo oitocentista e de

⁴⁷ Bassnett, Susan, «Da Literatura Comparada aos Estudos de Tradução», in *Floresta Encantada – novos caminhos da literatura comparada*, Buescu, Helena *et al.* (org.), tradução de João Ferreira Duarte, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 2001, p. 303.

⁴⁸ Bassnett, Susan, «Da Literatura Comparada aos Estudos de Tradução», in *Floresta Encantada – novos caminhos da literatura comparada*, Buescu, Helena *et al.* (org.), tradução de João Ferreira Duarte, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 2001, p. 291.

⁴⁹ Bassnett, Susan, «Da Literatura Comparada aos Estudos de Tradução», in *Floresta Encantada – novos caminhos da literatura comparada*, Buescu, Helena *et al.* (org.), tradução de João Ferreira Duarte, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 2001, p. 308.

uma recusa de tomar em consideração as implicações políticas da transferência intercultural, que são centrais no projecto comparatista»⁵⁰.

Mais recentemente, outros investigadores reconhecem, no entanto, a importância da Literatura Comparada, enquanto área de estudos diversificados, adaptada às novas exigências e aos novos princípios e metodologias mais recentes, e convivendo bem com a área dos Estudos de Tradução. Do artigo «A Literatura Comparada e os Estudos de Tradução – Algumas Direções da Pesquisa Ocidental Contemporânea» de Sara Viola Rodrigues, destacamos a referência ao texto *The Translation Zone: A New Comparative Literature* (2005) de Emily Apfer, no qual são traçados os caminhos destas duas áreas e se defende «que se coloque a questão da linguagem em primeiro plano»⁵¹. Sara Viola Rodrigues lembra, igualmente, os contributos de Jonathan Culler (2006), o qual «chega a afirmar que os estudos comparados estão dando margem a uma nova literatura mundial»⁵², de Anthony Pym (2010), com a sua explicação do significado de «tradução cultural»⁵³, e de Michael Cronin (*Translation and Globalization, 2003 / Translation and Identity, 2006*), que «vê a tradução como uma oportunidade para apresentarmos nossa própria compreensão do texto-fonte que temos à frente. [...] O autor enfatiza que é, contudo, sempre necessária uma negociação com a cultura recetora»⁵⁴.

Sara Viola Rodrigues conclui este seu artigo afirmando que a literatura e as restantes áreas humanas se interpenetram permanentemente, apesar de apresentarem limites disciplinares perfeitamente definidos, e que a tradução é a atividade mais interdisciplinar, vinculando-se, de modo particular,

«[...] com a literatura, especialmente com a Literatura Comparada. A Literatura Comparada, em nosso ponto de vista, é um modo de ler. Na Literatura Comparada há a primazia do confronto, do estudo da diferença. Este é o estudo que, sublinhando a diferença, faz o diferente ser respeitado: de mãos dadas com os Estudos de Tradução, foi uma das bases dos estudos pós-coloniais. Juntamente com os Estudos de Tradução, pode auxiliar a tornar paradigmas e experiências no mundo contemporâneo inteligíveis, o que é condição primeira para transpor limites e avançar.»⁵⁵

⁵⁰ Bassnett, Susan, «Da Literatura Comparada aos Estudos de Tradução», in *Floresta Encantada – novos caminhos da literatura comparada*, Buescu, Helena *et al.* (org.), tradução de João Ferreira Duarte, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 2001, p. 309.

⁵¹ Rodrigues, Sara Viola, «A Literatura Comparada e os Estudos de Tradução – Algumas Direções da Pesquisa Ocidental Contemporânea», in <http://seer.ufrgs.br/translatio/article/download/36824/23816>, p. 13.

⁵² Rodrigues, Sara Viola, «A Literatura Comparada e os Estudos de Tradução – Algumas Direções da Pesquisa Ocidental Contemporânea», in <http://seer.ufrgs.br/translatio/article/download/36824/23816>, p. 17.

⁵³ Rodrigues, Sara Viola, «A Literatura Comparada e os Estudos de Tradução – Algumas Direções da Pesquisa Ocidental Contemporânea», in <http://seer.ufrgs.br/translatio/article/download/36824/23816>, p. 17.

⁵⁴ Rodrigues, Sara Viola, «A Literatura Comparada e os Estudos de Tradução – Algumas Direções da Pesquisa Ocidental Contemporânea», in <http://seer.ufrgs.br/translatio/article/download/36824/23816>, p. 18.

⁵⁵ Rodrigues, Sara Viola, «A Literatura Comparada e os Estudos de Tradução – Algumas Direções da Pesquisa Ocidental Contemporânea», in <http://seer.ufrgs.br/translatio/article/download/36824/23816>, p. 25.

1.2. O Fenómeno da Tradução: Teoria e Prática na Europa Ocidental

A propósito de uma situação tradutiva de «aparente infidelidade» que se revela afinal «um acto de fidelidade»⁵⁶, por não se recorrer à tradução literal, Umberto Eco recorda São Jerónimo, o padroeiro dos tradutores, o qual proclamou no século I d.C. que «não se deve *verbum e verbo sed sensum exprimere de sensu*»⁵⁷. Relativamente a esta expressão que se encontra intimamente relacionada com a origem das línguas, recordamos o evento bíblico da Torre de Babel, conforme nota Samuel Weber:

«The institution of *languages*, in the plural, is thus tied to the dispersion of the community. No longer do they dwell in one place but in many. No longer do they bear one name, but many; no longer do they speak one language, but different languages. It is this splintering of human unity, which at once entails a dispersal of political unity, that marks the origin not of ‘language’ in the singular, but of languages in the plural.»⁵⁸

Essa modificação está, naturalmente, na base da prática da tradução a qual remonta à Antiguidade, no Egito, na Suméria e em Roma, com todas as suas formas e os seus problemas, na dicotomia traição/literalismo, tal como afirma Michel Ballard:

«En résumé donc, au cours de l’antiquité on voit naître et s’officialiser (particulièrement en Egypte, à Sumer et à Rome) les fonctions d’interprète et de traducteur. A Sumer on voit naître l’écriture et la traduction, liée aux échanges politiques et commerciaux, et associée aux travaux de lexicographies ainsi qu’à l’enseignement. Dans le domaine culturel, que ce soit à Sumer ou à Rome, la traduction sert de relais à la transmission d’un héritage mais aussi de base à la transformation de cet héritage en culture nouvelle. L’acte de traduction provoque une inquiétude qui engendre les premiers textes à caractère théorique. Ceux-ci ont des orientations distinctes selon les genres qui les génèrent (l’éloquence pour Cicéron, la Bible pour Saint-Jérôme, par exemple). Recherche du naturel et de l’efficacité en langue d’arrivée pour les écrits rhétoriques ou littéraires. Angoisse de la trahison et donc préférence pour le littéralisme, les textes bilingues avec commentaires, dans la traduction des textes sacrés. Dès l’antiquité la traduction est présentée sous toutes formes et avec tous ses problèmes.»⁵⁹

Traduzir implica, pois, um conhecimento do sistema interno de uma dada língua de partida e a compreensão da estrutura de um determinado texto redigido nessa língua,

⁵⁶ Apud Eco, Umberto, *Dizer Quase a Mesma Coisa Sobre a Tradução*, tradução de José Colaço Barreiros, Difel, Algés, 2005, p. 14.

⁵⁷ Apud Eco, Umberto, *Dizer Quase a Mesma Coisa Sobre a Tradução*, tradução de José Colaço Barreiros, Difel, Algés, 2005, p. 14.

⁵⁸ Weber, Samuel, «A Touch of Translation: On Walter Benjamin’s ‘Task of the Translator’», in *Estudos de Tradução em Portugal. Novos Contributos para a História da Literatura Portuguesa*, Seruya, Teresa (org.), Universidade Católica Editora, Lisboa, 2001, pp. 17-18.

⁵⁹ Ballard, Michel, «Antiquité et Traduction», in *Traduction et Didactique - Colloque*, Edições ASA, Porto, 1990, p. 25.

bem como a construção, ainda de acordo com Umberto Eco, de um «duplo do sistema textual, que sob uma certa descrição, possa produzir efeitos análogos no leitor, tanto no plano semântico e sintático, como no estilístico, métrico, fonossimbólico, e quanto aos efeitos passionais para que tende o texto-fonte»⁶⁰.

Umberto Eco defende que a tradução implica um processo de *negociação* e postula que existem textos traduzidos que enriquecem de forma espantosa as línguas de chegada e que são considerados por alguns críticos como sendo superiores aos textos de partida:

«[...] uma tradução não diz respeito só a uma passagem entre duas línguas, mas sim entre duas culturas, ou duas enciclopédias. Um tradutor não deve ter apenas em conta as regras estreitamente linguísticas, mas também elementos culturais, no sentido mais amplo do termo.»⁶¹

Atualmente, na ótica de Umberto Eco, não há apenas uma tradução aceitável, uma vez que a:

«[...] fidelidade é antes a tendência para crer que a tradução é sempre possível se o texto-fonte tiver sido interpretado com apaixonada cumplicidade, é um empenho em identificar o que para nós é o sentido profundo do texto, e a capacidade de negociar a cada instante a solução que nos parecer mais certa.»⁶²

Gerhard Kaiser lembra que o conceito de tradução tem sofrido uma constante evolução ao longo dos séculos, e diversas têm sido as teorias publicadas a seu respeito. Refere-se a Hugo Friedrich (1965), por exemplo, a propósito do esquema das principais etapas da teoria e prática da tradução no Ocidente após ter analisado a tradução de Rilke de um soneto da autoria de Louise Labé.

Afirma Hugo Friedrich, de acordo com Kaiser, que, segundo a tradução romana, os tradutores se apropriavam do texto de partida, ignorando as características lexicais e estilísticas, e apropriando-se de textos estrangeiros. Com o jovem Plínio, vem a lume a «competição com o original», com o intuito de o superar e enriquecer a língua de chegada. No decurso da Renascença (fins do século XIII e meados do século XVII), deparamo-nos com a radicalização desses princípios, e palavras como «'bereichen',

⁶⁰ Eco, Umberto, *Dizer Quase a Mesma Coisa Sobre a Tradução*, tradução de José Colaço Barreiros, Difel, Algés, 2005, p. 15.

⁶¹ Eco, Umberto, *Dizer Quase a Mesma Coisa Sobre a Tradução*, tradução de José Colaço Barreiros, Difel, Algés, 2005, p. 167.

⁶² Eco, Umberto, *Dizer Quase a Mesma Coisa Sobre a Tradução*, tradução de José Colaço Barreiros, Difel, Algés, 2005, p. 376.

‘enrichir’, ‘arricchire’, ‘aumentar’»⁶³ passam a ocupar um lugar de destaque. No entanto, «[o] momento decisivo é atingido, segundo Friedrich, com a ideia iluminista da tolerância cultural e com o desenvolvimento da consciência histórica, também em relação à legitimidade própria das línguas.»⁶⁴

Segundo Kaiser, Friedrich defende que existem duas formas de encarar o original, «uma absoluta fidelidade ao original, ou então que ‘a poesia que é suscitada por uma outra’ remeta para essa outra apenas como uma alusão»⁶⁵, opção fortemente criticada por Karl Maurer dada a adoção de critérios imutáveis e desprovidos de uma «literatura viva adequada»⁶⁶.

George Stefan, ao traduzir Baudelaire, tal como nota Kaiser, recorre à «experiência da descontinuidade histórica»⁶⁷, condicionando, assim, a fidelidade ao original. Para este tradutor expressionista, a tradução era uma atividade intensa, através da qual se procurava alcançar uma «renovação artística»⁶⁸.

Herder (1877), também na ótica de Kaiser, defende a teoria de que «[o] melhor tradutor tem de ser o que melhor explica [...]. Onde houver um tradutor que seja simultaneamente filósofo, poeta e filólogo: esse deverá ser a estrela da manhã de uma nova época da nossa literatura!»⁶⁹. Com efeito, tal como recorda, finalmente, Kaiser, todas as traduções estão intimamente relacionadas com a literatura do seu país recetor, ou seja, com o seu contexto de produção. Na Alemanha, por exemplo, país europeu em que a prática tradutiva foi considerável, no século XIX, estas obras foram continuamente concretizadas de modo restrito, sendo designadas de «‘traduções substituidoras da continuidade’ na literatura alemã»⁷⁰.

⁶³ *Apud* Kaiser, Gerhard R., *Introdução à Literatura Comparada*, trad. de Teresa Alegre, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1989, pp. 253-254: «‘A produtividade estilística do original tem de ser visível na tradução, ela tem mesmo que se repetir como produtividade estilística da língua que traduz.’ Excessos estilísticos, tanto para melhor como para pior, são inadmissíveis».

⁶⁴ Kaiser, Gerhard R., *Introdução à Literatura Comparada*, trad. de Teresa Alegre, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1989, p. 254.

⁶⁵ *Apud* Kaiser, Gerhard R., *Introdução à Literatura Comparada*, trad. de Teresa Alegre, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1989, p. 255.

⁶⁶ *Apud* Kaiser, Gerhard R., *Introdução à Literatura Comparada*, trad. de Teresa Alegre, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1989, p. 255.

⁶⁷ Kaiser, Gerhard R., *Introdução à Literatura Comparada*, trad. de Teresa Alegre, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1989, p. 259.

⁶⁸ Kaiser, Gerhard R., *Introdução à Literatura Comparada*, trad. de Teresa Alegre, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1989, p. 257.

⁶⁹ *Apud* Kaiser, Gerhard R., *Introdução à Literatura Comparada*, trad. de Teresa Alegre, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, pp. 259-260.

⁷⁰ *Apud* Kaiser, Gerhard R., *Introdução à Literatura Comparada*, trad. de Teresa Alegre, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1989, p. 262: «O próprio Goethe chamou a atenção para a sua estreita relação com a questão da tradução. As ambivalências das suas considerações no que respeita à parte alemã no contexto da literatura universal em formação, podem ser entendidas se pensarmos no facto de a receptividade da literatura alemã ser simultaneamente condição de um intercâmbio internacional intenso e expressão de faltas e fracassos históricos».

Concordamos inteiramente com a perspetiva de Álvaro Manuel Machado e de Daniel-Henri Pageaux quando afirmam que:

«[...] no que diz respeito às traduções, convirá distinguir dois tipos de estudo: o que pode levar a uma teoria da tradução e que, portanto, tem interesse quer para a literatura geral quer para possíveis aplicações práticas (o velho sonho da tradução automatizada aplicada aos domínios literários), e, por outro lado, aquele que tem a ver com a prática da tradução em diversas épocas.»⁷¹

Com efeito, o conceito de tradução tem sofrido inúmeras transmutações ao longo dos séculos. O projeto que nos propomos desenvolver incide sobre uma obra portuguesa, redigida no século XVI e publicada no século XVII, e algumas das suas primeiras traduções do século XVII, o que nos levou a recuar no tempo para percebermos os moldes da prática tradutiva dessa altura. De referir que os estudos da escola de Tel Aviv (onde se destacam Even-Zohar e Gideon Toury) e de José Lambert (da Universidade de Lovaina) enfatizam o papel dos elementos sociais e culturais no âmbito da tradução, posição que, no desenvolvimento do nosso estudo, procurámos prosseguir.

É importante aferir o que representam as traduções quando se encontram em causa relações culturais entre diferentes países num período específico. Tal como a literatura nacional, as traduções criam um sistema «é interessante ver as articulações que levam à formação de um *polissistema*. [...] Assim, partindo da história quantitativa, ou antes, serial, o investigador acaba por avaliar e explicar a função da tradução na produção literária global de uma época determinada»⁷². Na ótica de Álvaro Manuel Machado e de Daniel-Henri Pageaux, o facto de as traduções serem da autoria de tradutores pouco conhecidos pode significar que a tradução era um ato desprestigiado. Exemplo disso é o que se passa em Portugal nos séculos XVII e XVIII:

«[...] no princípio do século XVIII, as traduções de francês para português são relativamente abundantes, mas não estão ligadas a nenhum grande nome. Em contrapartida, no extremo final do século XVII, o conde de Ericeira (quarto, Francisco de Meneses, 1674-1743) traduz *L'art poétique* de Boileau (tradução só publicada em 1793, no *Almanaque das Musas*), passa algum tempo em França e corresponde-se com o poeta académico. No extremo final do século XVIII, a tradução feita por escritores

⁷¹ Machado, Álvaro Manuel e Daniel-Henri Pageaux, *Da Literatura Comparada à Teoria da Literatura*, 2ª edição, revista e aumentada, Editorial Presença, Lisboa, 2001, p. 21.

⁷² Machado, Álvaro Manuel e Daniel-Henri Pageaux, *Da Literatura Comparada à Teoria da Literatura*, 2ª edição, revista e aumentada, Editorial Presença, Lisboa, 2001, p. 21.

célebres desenvolve-se, sendo o caso mais importante o de Bocage, tradutor de Delille e sobretudo de *Paul et Virginie*.»⁷³

Apesar da realidade vivida pela tradução⁷⁴, especialmente no século XVIII, este ato assume uma importância indiscutível no gosto e na criação literários de então. Os fenómenos que se encontram patentes num ato de tradução do século XVII são diversificados. Entre eles, encontram-se a utilização de diferentes metatextos, o corte de parágrafos quando não de capítulos completos, a criação de outros de igual importância, na perspectiva do tradutor, as criativas mudanças de títulos e as adaptações ideológicas e linguísticas. A este propósito, Álvaro Manuel Machado e Daniel-Henri Pageaux acrescentam a relevância destes procedimentos na evolução da linguagem literária e, acima de tudo, dos géneros literários:

«Estes fenómenos permitem não só compreender o estilo de uma época, a sua mentalidade, a sua sensibilidade, mas também obter elementos para uma reflexão mais genérica sobre a literatura: o que é um texto considerado romance num país e não noutra? O que é a inspiração épica, por exemplo, exaltada e encarnada por Camões em Portugal e criticada noutras literaturas? Qual é o papel desempenhado pelo tradutor ou pelo anotador na elaboração de uma leitura de autor estrangeiro?»⁷⁵

Enfim, a diversidade cultural, os gostos e a forma de pensar e de sentir de cada país originam diferenças ao nível da receção e da evolução dos vários géneros literários. Uma obra literária assume, necessariamente, um papel importante em contextos diferentes e a sua tradução, ou melhor, «a busca de uma equivalência» implica, conforme refere Karl Heinz Delille: «[...] substituição, adaptação, compensação, explicação interna, etc.»⁷⁶.

Esse diálogo entre culturas, que constitui o ato de tradução, encontra-se intimamente ligado a conceitos, tais como, «compreensão», «interpretação» e

⁷³ Machado, Álvaro Manuel e Daniel-Henri Pageaux, *Da Literatura Comparada à Teoria da Literatura*, 2ª edição, revista e aumentada, Editorial Presença, Lisboa, 2001, p. 22.

⁷⁴ Delille, Karl Heinz *et al.*, *Problemas da Tradução Literária*, Livraria Almedina, Coimbra, 1986, pp. 7/10-11: «Paralelamente à intensa actividade translatória desenvolvida em finais do séc. XVIII e princípios do século XIX pelos românticos alemães, intensificou-se também a reflexão teórica sobre o próprio fenómeno da tradução. [...] Traduzir um texto literário implica, especialmente nos domínios em que os sistemas linguístico-culturais não apresentam correspondências, encontrar equivalentes nacionais que, consoante a maior ou menor abertura e maleabilidade dos sistemas de chegada e do público visado, podem admitir algum grau de estranheza (dissimulação) ou pelo contrário, como mais frequentemente acontece, tender para a assimilação [...] do texto de partida. A equivalência não é porém atingida sempre que o grau de estranheza torne a obra inacessível ao novo destinatário, como, por outro lado, nem toda a nacionalização é, em si, garantia de obtenção de uma autêntica equivalência. Em todos aqueles casos assimilatórios em que o texto original funciona apenas como pre-texto falar-se-á, com mais propriedade, em adaptação».

⁷⁵ Machado, Álvaro Manuel e Daniel-Henri Pageaux, *Da Literatura Comparada à Teoria da Literatura*, 2ª edição, revista e aumentada, Editorial Presença, Lisboa, 2001, p. 22.

⁷⁶ Delille, Karl Heinz *et al.*, *Problemas da Tradução Literária*, Livraria Almedina, Coimbra, 1986, pp. 12-13.

«entendimento», conforme postula Claudio Guillén: «En suma: traducción y traducir (al igual que dialogar) son términos que se prestan útil o inevitablemente a la extensión y la metáfora: y vienen a significar comprensión, interpretación, entendimiento»⁷⁷.

O elemento extralinguístico ocupa, evidentemente, um lugar de destaque no ato tradutivo, ou seja, na receção de uma obra. Importa, pois, refletir um pouco acerca do conceito aqui envolvido, o diálogo intercultural. Um ato tradutológico implica necessariamente uma «leitura», a qual resulta numa «troca» no sentido global do termo. Essa «troca» tem início a partir do momento em que o tradutor abre a obra e se depara com os paratextos, sejam eles o prefácio, o posfácio, as dedicatórias, os agradecimentos, notas, entre outros. Nesses textos, principia-se a comunicação entre o autor da obra original, o seu país de origem, aspetos culturais, ideologias e princípios, e o tradutor e respetivo contexto, verificando-se, dessa forma, um contacto e cruzamento culturais. O tradutor terá um novo público-leitor, a quem procurará necessariamente agradar, pois só desse modo poderá assegurar a leitura da sua tradução. Efetua, assim, modificações e adaptações que promovam a compreensão, o gosto e, conseqüentemente, a difusão da sua obra. Postulam Álvaro Manuel Machado e Daniel-Henri Pageaux que a tradução tem um «estatuto utópico», podendo ser «parte duma literatura estrangeira escrita, reescrita numa outra língua, e ser também uma imagem do estrangeiro, mas reinterpretada»⁷⁸, consistindo na transformação e adaptação de um texto de partida a um novo contexto, de forma a assegurar uma receção bem sucedida.

Jean-Marie Schaeffer defende que a tradução começa por despoletar um processo de «descontextualização» e culmina num outro de «recontextualização». De acordo com Álvaro Manuel Machado e Daniel-Henri Pageaux, Schaeffer considera que «a tradução-adaptação é um factor de ‘dérive générique’ que leva a uma ‘remodelage’ importante da ‘généricité’ do texto de origem. Mas o texto-alvo (escrito na língua de recepção) pode introduzir ‘traits génériques inédits’»⁷⁹. Estes procedimentos, que consistem em transmutações genológicas ou em reclassificações, conduzem-nos à «comunicação» e ao «diálogo» entre culturas.

Ora, nessa «comunicação» ou nesse «diálogo», a «fidelidade» desempenha um papel fulcral, o que nos lembra a expressão francesa «belles infidèles». Álvaro Manuel

⁷⁷ Guillén, Claudio, *Entre lo uno y lo diverso. Introducción a la Literatura Comparada*, Ed. Critica, Barcelona, 1985, p. 346.

⁷⁸ Machado, Álvaro Manuel e Daniel-Henri Pageaux, *Da Literatura Comparada à Teoria da Literatura*, 2ª edição, revista e aumentada, Editorial Presença, Lisboa, 2001, p. 25.

⁷⁹ Machado, Álvaro Manuel e Daniel-Henri Pageaux, *Da Literatura Comparada à Teoria da Literatura*, 2ª edição, revista e aumentada, Editorial Presença, Lisboa, 2001, p. 25.

Machado e Daniel-Henri Pageaux advogam que se compreende que a difusão de uma obra estrangeira depende do grau de fidelidade ao original.

Robert Escarpit identificou um fenómeno que importa realçar, o qual foi apresentado num artigo intitulado «‘Creative treason as a key to literature’ (*Yearbook of General and Comparative Literature*, 1961, pp. 16-21)»⁸⁰. Segundo este autor, um texto traduzido não perde o seu carácter estrangeiro devido ao facto de existirem limites culturais intransponíveis. Porém, o tradutor tem sempre em mente o seu público-alvo e o seu horizonte de expectativa. Nesse processo, são relevantes não só as relações culturais desses leitores com a sua cultura como também com a cultura estrangeira em causa.

José Lambert, por seu turno, considera que estas traduções são «goal-oriented translations», isto é, de novo com Álvaro Manuel Machado e Daniel-Henri Pageaux,

«[...] traduções que têm uma função social precisa e que implicam uma mudança mais ou menos profunda da língua (modernização), mas também da sensibilidade, do imaginário: não se trata só de géneros novos, que surgem pela primeira vez, mas de outras formas de dizer o homem, os sentimentos, o espaço, as relações com a sociedade.»⁸¹

Ora, este trabalho de «nacionalização» pode ser, simultaneamente, re-criativo. O poeta e tradutor brasileiro Haroldo de Campos é um grande defensor da tradução «criativa» ou «inventiva» e não fiel. Segundo ele, a transformação ao nível da natureza e da função da tradução explica-se a partir das características da linguagem em que é efetuada a tradução e da interpretação que o ato de leitura pressupõe.

Neste capítulo, foram apresentadas algumas teorias acerca da tradução, no entanto, terminamos com a perspetiva enunciada atrás, pois parece-nos muito adequada ao trabalho tradutológico encontrado nos textos em análise, conforme procuraremos demonstrar adiante.

⁸⁰ Machado, Álvaro Manuel e Daniel-Henri Pageaux, *Da Literatura Comparada à Teoria da Literatura*, 2ª edição, revista e aumentada, Editorial Presença, Lisboa, 2001, p. 26.

⁸¹ Machado, Álvaro Manuel e Daniel-Henri Pageaux, *Da Literatura Comparada à Teoria da Literatura*, 2ª edição, revista e aumentada, Editorial Presença, Lisboa, 2001, p. 27.

1.2.1. Os Processos Tradutivos: Ontem e Hoje

Vários estudiosos se têm dedicado ao estudo da tradução, conforme se percebe pelo atrás exposto. Roman Jakobson (11 de outubro, 1896 – 18 de julho, 1982), por exemplo, refere-se a esta prática, procurando defini-la, da seguinte forma:

«Mais frequentemente, entretanto, ao traduzir de uma língua para outra, substituem-se mensagens em uma das línguas, não por unidades de código separadas, mas por mensagens inteiras de outra língua. Tal tradução é uma forma de discurso indireto: o tradutor recodifica e transmite uma mensagem recebida de outra fonte. Assim, a tradução envolve duas mensagens equivalentes em dois códigos diferentes.»⁸²

A prática tradutiva envolve, na realidade, dois sistemas linguísticos díspares ou, tal como diz acima Jakobson, «mensagens em uma das línguas» e «mensagens inteiras de outra língua», enfim, «duas mensagens equivalentes em dois códigos diferentes».

Num outro artigo seu, Jakobson indica a existência de três diferentes tipos de tradução:

«(1) Intralingual translation, or *rewording* (an interpretation of verbal signs by means of other signs in the same language).

(2) Interlingual translation or *translation proper* (an interpretation of verbal signs by means of some other language).

(3) Intersemiotic translation or *transmutation* (an interpretation of verbal signs by means of signs of nonverbal sign systems).»⁸³

A tradução intralingual consiste na interpretação de signos verbais e na sua substituição por outros signos na mesma língua. A tradução interlingual, por sua vez, envolve uma interpretação de signos verbais e a sua transposição para outra língua. Quanto à tradução intersemiótica, esta implica, por seu turno, uma interpretação de signos verbais e a sua modificação para sistemas de signos não verbais.

Relativamente ao tipo de tradução interlingual ou «*translation proper*», não é unânime que, por exemplo, na poesia, esse processo seja linear ou que a equivalência entre sistemas linguísticos seja viável. Concordamos que, neste género literário, apenas a transposição criativa seja possível, mas alargamos esta dedução a outros géneros literários também. Com efeito, num ato tradutológico, o tradutor tem de ter em conta

⁸² Jakobson, Roman, *Linguística e Comunicação*, pref. de Isidoro Blikstein e trad. de José Paulo Paes, Cultrix, S. Paulo, 1974, p. 65.

⁸³ Jakobson, Roman, «On Linguistic Aspects of Translation», in *On Translation*, Brower, R.A. (Ed.), Harvard University Press, Cambridge, 1959, p. 232.

aspectos que ultrapassam as fronteiras da Linguística para, assim, decodificar a mensagem do original e a recontextualizar. Na verdade, o tradutor depara-se com inúmeros obstáculos no seu ofício, conforme refere Susan Bassnett:

- «(1) Accept the untranslatability of the SL [Source Language] phrase in the TL [Target Language] on the linguistic level.
- (2) Accept the lack of a similar cultural convention in the TL.
- (3) Consider the range of TL phrases available to the presentation of class, status, age, sex of the speaker, his relationship to the listeners and the context of their meeting in the SL.
- (4) Consider the significance of the phrase in its particular context – i.e. as a moment of high tension in the dramatic text.
- (5) Replace in the TL the invariant core of the SL phrase in its two referential systems (the particular system of the text and the system of culture out of which the text has sprung).»⁸⁴

Sobre os problemas da equivalência, a autora referida apresenta uma categorização do conceito de equivalência tradutológica proposta por Anton Popovič (1933–1984):

- «(1) *Linguistic equivalence*, where there is homogeneity on the linguistic level of both SL and TL texts, i.e. word for word translation.
- (2) *Paradigmatic equivalence*, where there is equivalence of ‘the elements of a paradigmatic expressive axis’, i.e. elements of grammar, which Popovič sees as being a higher category than lexical equivalence.
- (3) *Stylistic (translational) equivalence*, where there is ‘functional equivalence of elements in both original and translation aiming at an expressive identity with an invariant of identical meaning’.
- (4) *Textual (syntagmatic) equivalence*, where there is equivalence of the syntagmatic structuring of a text, i.e. equivalence of form and shape.»⁸⁵

Estes processos variam de acordo com as línguas dos textos de partida e dos de chegada. J. C. Catford, por seu turno, refere-se à «untranslatability»⁸⁶ linguística e cultural. A primeira, ocorre sempre que não existe substituto lexical ou sintático na língua de chegada; a segunda, quando se verifica a ausência na cultura de chegada de uma característica situacional relevante e presente no texto de partida.

Octavio Paz postula a ideia de que todos os textos são «translations of translations»⁸⁷, os quais fazem parte de um sistema linguístico proveniente de e relacionado com outros sistemas:

⁸⁴ Bassnett, Susan, *Translation Studies*, Revised Edition, Routledge, London and New York, 1991, p. 14.

⁸⁵ Bassnett, Susan, *Translation Studies*, Revised Edition, Routledge, London and New York, 1991, p. 25.

⁸⁶ Bassnett, Susan, *Translation Studies*, Revised Edition, Routledge, London and New York, 1991, p. 32.

⁸⁷ *Apud* Bassnett, Susan, *Translation Studies*, Revised Edition, Routledge, London and New York, 1991, p. 38.

«Every text is unique and, at the same time, it is the translation of another text. No text is entirely original because language itself, in its essence, is already a translation: firstly, of the non-verbal world and secondly, since every sign and every phrase is the translation of another sign and another phrase. However, this argument can be turned around without losing any of its validity: all texts are original because every translation is distinctive. Every translation, up to a certain point, is an invention and as such it constitutes a unique text.»⁸⁸

Consideramos particular esta posição de que cada tradução é uma invenção e que, como tal, constitui um texto singular, atendendo ao nosso projeto e, especialmente, ao seu objeto de estudo. Ainda assim, recuaremos no tempo para recordarmos alguns autores que, tal como Octavio Paz, se dedicaram ao estudo do ato tradutivo e teceremos, paralelamente, algumas considerações relativamente à evolução dos estudos das técnicas tradutivas, de modo a demonstrarmos que esta e outras conceções resultaram de um processo demorado, pouco consensual e polémico.

Em 1516, por exemplo, Erasmo, um humanista holandês, publica em grego o primeiro Novo Testamento, versão que, por sua vez, constitui a base da tradução alemã da autoria de Martinho Lutero (1522). Relativamente à versão deste último, pode-se afirmar que constitui um marco inegável da formação do alemão moderno, pela instauração da primeira tentativa de unificação linguística,

«[...] na sua forma escrita supradialectal e literária, inaugurando assim um novo período na evolução da língua alemã, o *Frühneuhochdeutsch* [primórdios do Novo Alto Alemão], formado a partir da realidade linguística da época, partindo do saxão como principal substrato, e de onde deriva a actual norma-padrão.»⁸⁹

William Tyndale (1526), na linha de Erasmo, apresenta uma veemente crítica às autoridades eclesiásticas por proibirem a leitura da Bíblia nas suas línguas maternas. O enfraquecimento da Igreja, aliado à ascensão dos estados nacionais, teve como resultado a crescente queda do latim como língua universal. De igual modo, no século XVI, o advento da imprensa, a tradução da Bíblia para um amplo número de línguas europeias na versão protestante, por um lado, e na versão católica romana, por outro, e a expansão do Cristianismo foram factores que contribuíram largamente para a mutação do papel da tradução e dos sistemas literários nos vários contextos em que se tornou uma prática

⁸⁸ Apud Bassnett, Susan, *Translation Studies*, Revised Edition, Routledge, London and New York, 1991, p. 38.

⁸⁹ Bernardo, Ana Maria Garcia, *A Tradutologia Contemporânea – Tendências e Perspectivas no Espaço de Língua Alemã*, Fund. Cal. Gulbenkian, Lisboa, 2009, p. 28.

corrente, como por exemplo em Inglaterra, passando a ser uma forma de luta contra os sistemas políticos instituídos. Diz Boutcher a este respeito o seguinte:

«At the beginning of the period, one could not talk of English literature and literary translation of foreign *oeuvres* into English in anything like the modern sense. One had to talk of the local application of European learning, of imported books with new life-histories, of the revisualization for English eyes of Priam's death, Dido's passion, and David's penance. By 1650, however, it appears that space has begun to clear for talk of both. A decade on, at the Restoration (1660), a whole era has passed. Never again will the importing, reading, and translating of foreign books be as visible, as significant, and as controversial a process in English history.»⁹⁰

A tradução de Lutero, criticada pelas autoridades, ao *adulterar* a Bíblia («inserção da palavra *allein* em *Rom* 3, 28»⁹¹), desorienta inúmeros cristãos. Na sua *Carta de S. Paulo aos Romanos*, em que apresenta a sua justificação para tal expansão frásica, Lutero procura esclarecer o público e divulgar os seus princípios teológicos, claras metodologias tradutórias, como afirma Ana Maria Bernardo:

«Lutero [...] defende obstinadamente o seu direito à subjectividade enquanto tradutor, ao mesmo tempo que considera legítimo que o leitor se sinta à vontade para rejeitar a sua tradução. [...] A sua principal preocupação consistiu em traduzir de modo a tornar acessível a compreensão do texto por parte do falante/ouvinte [...]. No versículo em questão, embora o texto latino e o grego não mencionem o termo correspondente a *allein*, Lutero entende que ele está implícito no sentido, e é este último, mais do que a letra, que interessa preservar na tradução. O que nas duas línguas clássicas permanece implícito deve ser explicitado em alemão, devido à especificidade da própria língua alemã que exige este tipo de construção em frases análogas [...]. Por isso, Lutero segue os critérios do uso e da compreensão.»⁹²

A tradução luterana teve como meta a implementação do princípio reformador da *sola scriptura*, tornando a Bíblia acessível ao público em geral. Defendia que a tradução deveria ser «pura e clara» (características da propriedade e da clareza) e que deveria exprimir fluência.

Compreender os processos pode auxiliar a prática tradutiva, uma vez que o produto é o resultado de um complexo sistema de descodificação e codificação a nível semântico, sintático e pragmático. Ora, no século XVII, o tradutor reinterpretava textos

⁹⁰ Boutcher, Warren, «2. The Renaissance», in *The Oxford Guide to Literature in English Translation*, France, Peter (ed.), Oxford University Press, Oxford, 2000, p. 54.

⁹¹ Bernardo, Ana Maria Garcia, *A Tradutologia Contemporânea – Tendências e Perspectivas no Espaço de Língua Alemã*, Fund. Cal. Gulbenkian, Lisboa, 2009, p. 29.

⁹² Bernardo, Ana Maria Garcia, *A Tradutologia Contemporânea – Tendências e Perspectivas no Espaço de Língua Alemã*, Fund. Cal. Gulbenkian, Lisboa, 2009, pp. 29-31.

e traduzia-os, apropriando-se dos mesmos e recriando contextos novos para satisfazer os gostos e interesses do seu público-alvo.

Na época, as tentativas de Descartes (1596-1650) no sentido de criar uma metodologia de raciocínio indutivo provocaram marcadas alterações ao nível da poesia, da Poética e também da relevância da tradução. De enfatizar que se verificou um profundo crescimento do número de traduções dos clássicos greco-latinos, em França, entre 1625 e 1660, período de formação da doutrina do classicismo e da ascensão do teatro. Acrescenta-se que se registou, então, igualmente, um significativo número de traduções de textos franceses para a língua inglesa.

Alguns anos mais tarde, Sir John Denham (1615-1669) propõe o estabelecimento da *fluency*, uma estética neoclássica que lentamente emergiu em Inglaterra, nos séculos XVI e XVII:

«The *Destruction of Troy* (1656), a partial version of Virgil's *Aeneid* II [...] that exists in different drafts made some twenty years apart, reveals Denham moving toward greater fluency in the couplet, maintaining formal continuity through syntax and rhyme. He also used current standard English with minimal Latinate and archaic forms, treating the Latin text freely enough to address an English cultural and political situation. [...] The freedom required by fluency was not particularly new or peculiar to English translating at the time. It was a neoclassical aesthetic that slowly emerged in England during the 16th and 17th c. and currently prevailed in France [...]»⁹³

Denham defendia, assim, a adaptação dos textos aos contextos de chegada.

Veja-se também o contributo de Abraham Cowley (1618-1667) para a evolução do conceito de tradução. Segundo Susan Bassnett, este autor, no seu «Preface» às *Pindarique Odes* (1656), afirma que tinha retirado e acrescentado o que desejava:

«[...] he has 'taken, left out and added what I please' in his translations, aiming not so much at letting the reader know precisely what the original author said as 'what was his way and manner of speaking'. Cowley makes a case for his manner of translating, dismissing those critics who will choose (like Dryden) to term his form of translation 'imitation' [...]»⁹⁴

Ou seja, com o intuito de dar a conhecer ao leitor o modo e a forma como o escritor de partida transmitiu a sua realidade ou visão, Cowley adotava determinados procedimentos tradutórios repudiados por alguns críticos, que rotulavam as suas traduções de imitações. Não obstante, a firmeza deste tradutor expressa no seu

⁹³ Venuti, Lawrence, «3. Neoclassicism and Enlightenment», in *The Oxford Guide to Literature in English Translation*, France, Peter (ed.), Oxford University Press, Oxford and New York, 2000, p. 55.

⁹⁴ Bassnett, Susan, *Translation Studies*, Revised Edition, Routledge, London and New York, 1991, pp. 59-60.

«Preface», na ótica de T. R. Steiner e segundo Susan Bassnett, representa o manifesto dos «‘libertine translators of the latter seventeenth century’»⁹⁵. Estes tradutores libertinos eram, enfim, aqueles escritores que não se limitavam a transpor apenas as palavras para uma nova língua. Eles interpretavam os textos e adequavam-nos ao novo leitor, contexto e ao seu estilo, contribuindo, sem dúvida alguma, para a imposição deste novo conceito da tradução.

Os tradutores, atendendo às características dos seus textos, ou seja, por criarem outros textos a partir dos textos de partida, eram habitualmente rotulados como libertinos. A propósito disso, John Dryden (1631-1700), no seu Prefácio às *Cartas de Ovídio* (1680), tal como refere Susan Bassnett, aponta três tipos de problemas nas traduções, procurando resolvê-los:

- «(1) *metaphrase*, or turning an author word by word, and line by line, from one language into another;
- (2) *paraphrase*, or translation with latitude, the Ciceronian ‘sense-for-sense’ view of translation;
- (3) *imitation*, where the translator can abandon the text of the original as he sees fit.»⁹⁶

Dryden defende a «paraphrase» como a técnica mais adequada e respeitadora do original, no entanto, recorre, igualmente, à metáfora «translator/portrait painter», segundo a qual o pintor tem o dever de tornar o quadro semelhante ao original. Esta teoria será predominante no século seguinte.

O Dr Johnson (1709-1784), por seu turno, na sua obra *Life of Pope* (1779-80), em que discutia a questão das adições a um texto através da tradução, defende que, desde que houvesse uma melhoria estética e que nada se perdesse, tudo era permitido. O propósito do tradutor era o de que a sua obra fosse lida e tinha, assim, o direito de usar os seus próprios termos e contexto, aspetos que se encontram relacionados com o conceito de originalidade do século XVIII. O tradutor, ou antes, o pintor ou imitador tinha, então, o dever moral de respeitar o tema do original e o seu recetor mesmo com toda a liberdade⁹⁷ na adaptação, o que justifica as reações dos filólogos que só queriam estudar os textos na língua original.

⁹⁵ Apud Bassnett, Susan, *Translation Studies*, Revised Edition, Routledge, London and New York, 1991, p. 60.

⁹⁶ Bassnett, Susan, *Translation Studies*, Revised Edition, Routledge, London and New York, 1991, p. 60.

⁹⁷ Benjamin, Walter, «The Task of the Translator», in *Illuminations*, Fontana, Londres, 1973, p. 79: «Fidelity and freedom in translation have traditionally been regarded as conflicting tendencies. This deeper interpretation of the one apparently does not serve to reconcile the two; in fact, it seems to deny the other all justification».

Goethe (1749-1832), ao referir-se à literatura, afirma, relativamente ao processo de tradução da qual ela é, muitas vezes, objeto, que os textos literários atravessam três fases, que Susan Bassnett sintetiza do seguinte modo: (1) contextualização, (2) apropriação e (3) criação. Nas palavras da autora,

«The first epoch ‘acquaints us with foreign countries on our own terms’ [...]. The second mode is that of appropriation through substitution and reproduction, where the translator absorbs the sense of a foreign work but reproduces it in his own terms [...]. The third mode, which he considers the highest, is one which aims for perfect identity between the SL text and the TL text, and the achieving of this mode must be through the creation of a new ‘manner’ which fuses the uniqueness of the original with a new form and structure.»⁹⁸

Em 1791, Alexander Fraser Tytler publicou a sua obra *The Principles of Translation*, acerca de princípios tradutológicos. Nesse estudo, são indicados três princípios básicos no âmbito do ato tradutório, como refere Susan Bassnett:

- «(1) The translation should give a complete transcript of the idea of the original work.
- (2) The style and manner of writing should be of the same character with that of the original.
- (3) The translation should have all the ease of the original composition.»⁹⁹

Segundo Susan Bassnett, Tytler usa o conceito de tradutor/pintor, postulando que o tradutor deve esclarecer aspetos menos claros do original, procedendo, então, a *compressões* ou a *expansões*. Porém, afirma que o tradutor, apesar de não poder usar as mesmas cores, tem de transmitir a mesma imagem de força e efeito.

Friedrich Schlegel (1772-1829) entendia a tradução como uma categoria de pensamento e não como uma atividade preocupada apenas com a língua ou com a literatura. A ambiguidade da natureza desta prática era perfeitamente visível em diversos escritores e, igualmente, tradutores. Por um lado, uns defendiam a ideia de que a tradução era uma categoria do pensamento, em que o tradutor era um génio criativo nos seus plenos direitos, enriquecendo a literatura e a linguagem da língua para a qual traduzia. Por outro lado, outros reconheciam na tradução uma função mecânica de «making known»¹⁰⁰ um texto ou autor.

⁹⁸ Bassnett, Susan, *Translation Studies*, Revised Edition, Routledge, London and New York, 1991, pp. 62-63.

⁹⁹ Bassnett, Susan, *Translation Studies*, Revised Edition, Routledge, London and New York, 1991, p. 63.

¹⁰⁰ Bassnett, Susan, *Translation Studies*, Revised Edition, Routledge, London and New York, 1991, p. 66.

No século XVIII, segundo Peter France, a «fluent domestication»¹⁰¹ era uma norma a seguir. Até ao final do século XX, verificaram-se mudanças de perspectiva e a expressão de Friedrich Schleiermacher (1768-1834) «‘taking the reader to the author’»¹⁰² passou a ser a norma a seguir. Segundo Schleiermacher, a tradução abria idealmente uma janela para algo diferente, enriquecendo a língua e a cultura com elementos estrangeiros. O ato de traduzir por si só abriria a porta a algo novo e, simultaneamente, o leitor aproximar-se-ia do autor da obra original. A este propósito, afirma Delille que:

«Em determinados casos concretos o tradutor poderá efectivamente optar por um método mais dissimilador, no sentido preceituado por Schleiermacher, atendendo às características do texto de partida, às necessidades culturais da época, aos objectivos que a tradução se propõe servir e ao perfil dos seus receptores potenciais. Na verdade, não raro este tipo de tradução se torna um importante agente renovador de conceitos, estilos e formas das literaturas autóctones.»¹⁰³

Walter Benjamin, em 1923, no prefácio intitulado «The Task of the Translator», que precede a sua tradução alemã dos «Tableaux parisiens» de Baudelaire, reconhece na tradução o poder de dar vida ao original e considera que a verdadeira tradução deve ser transparente e não deve obscurecer o original ou bloquear a sua luz, mas antes permitir a linguagem pura, «the necessary continuation (*Fortleben*) of the original rather than a secondary, subservient activity»¹⁰⁴.

Em 1948, Paul Van Tieghem, no seu trabalho intitulado *Le romantisme dans la littérature européenne*, descreve o movimento de crise da consciência europeia do final do século XVIII. Nessa altura, o ato tradutológico era considerado tanto uma operação criativa como, pelo contrário, uma operação mecânica.

Eugene Nida, um tradutor protestante da Bíblia, foi muito influente na década de sessenta do século XX. Este tradutor distingue o conceito de «formal equivalence» do de «dynamic equivalence»¹⁰⁵. Segundo ele, esta última é a mais apropriada e apresenta três critérios essenciais na avaliação de uma tradução: «(1) general efficiency of the

¹⁰¹ France, Peter, «Translation Studies and Translation Criticism», in *The Oxford Guide to Literature in English Translation*, France, Peter (ed.), Oxford University Press, Oxford and New York, 2000, p. 5.

¹⁰² Apud France, Peter, «Translation Studies and Translation Criticism», in *The Oxford Guide to Literature in English Translation*, France, Peter (ed.), Oxford University Press, Oxford and New York, 2000, p. 5.

¹⁰³ Delille, Karl Heinz et al., *Problemas da Tradução Literária*, Livraria Almedina, Coimbra, 1986, p. 10.

¹⁰⁴ France, Peter, «Translation Studies and Translation Criticism», in *The Oxford Guide to Literature in English Translation*, France, Peter (ed.), Oxford University Press, Oxford and New York, 2000, p. 4.

¹⁰⁵ Apud France, Peter, «Translation Studies and Translation Criticism», in *The Oxford Guide to Literature in English Translation*, France, Peter (ed.), Oxford University Press, Oxford and New York, 2000, p. 5.

communication process, (2) comprehension of intent, and (3) equivalence of response (Nida 1964: 182)»¹⁰⁶.

Henri Meschonnic, na sua *Poétique de la Traduction* (1973), recorre ao vocábulo «décentrement», que representa a distância existente entre a tradução e o original, ao contrário da prática de «annexion» («domestication») que gera a ilusão de um texto criativamente redigido na língua de chegada¹⁰⁷. Deste modo, promove-se a dignidade do ato tradutivo.

Acresce que traduzir prosa não é o mesmo que traduzir poesia. Hilaire Belloc, por exemplo, propõe seis regras gerais para o tradutor de textos em prosa, como refere Susan Bassnett:

«(1) The translation should not ‘plod on’, word by word or sentence by sentence, but should ‘always *block out* his work’. By ‘block out’, Belloc means that the translator should consider the work as an integral unit and translate in sections, asking himself ‘before each what the whole sense is he has to render’.

(2) The translator should render idiom by idiom ‘and idioms of their nature demand translation into another form from that of the original’. [...]

(3) The translator must render ‘intention by intention’, bearing in mind that ‘the intention of a phrase in one language may be less emphatic than the form of the phrase, or it may be more emphatic’. By ‘intention’, Belloc seems to be talking about the weight a given expression may have in a particular context in the SL that would be disproportionate if translated literally into the TL. [...]

(4) Belloc warns against *les faux amis*, those words or structures that may appear to correspond in both SL and TL but actually do not, [...].

(5) The translator is advised to ‘transmute boldly’ and Belloc suggests that the essence of translating is ‘the resurrection of an alien thing in a native body’.

(6) The translator should never embellish.»¹⁰⁸

Belloc admite a existência de uma responsabilidade moral para com o original. Contudo, reconhece que o tradutor tem o direito de alterar significativamente o texto no processo de tradução, de modo a providenciar ao leitor-alvo um texto correto, segundo as normas estilísticas e idiomáticas da língua de chegada.

Na ótica de Theo Hermans, num artigo seu intitulado «Norms of Translation» (2000), o processo de tradução é precedido de um vasto conjunto de decisões, tais como a escolha do texto a traduzir, ou mesmo, o que fazer com um determinado texto, traduzi-lo ou não, e a sua concretização envolve normas e convenções. As normas,

¹⁰⁶ France, Peter, «Translation Studies and Translation Criticism», in *The Oxford Guide to Literature in English Translation*, France, Peter (ed.), Oxford University Press, Oxford and New York, 2000, p. 5.

¹⁰⁷ France, Peter, «Translation Studies and Translation Criticism», in *The Oxford Guide to Literature in English Translation*, France, Peter (ed.), Oxford University Press, Oxford and New York, 2000, p. 4.

¹⁰⁸ Bassnett, Susan, *Translation Studies*, Revised Edition, Routledge, London and New York, 1991, pp. 116-117.

segundo o mesmo autor, podem ser desrespeitadas, são fortes ou fracas, limitadas ou abrangentes, e mais ou menos duradouras:

«The basic assumption in the discussion of translation norms is that translation, like any other use of language, is a matter of communication. As such it constitutes a form of social behaviour requiring a degree of interaction and co-operation among those concerned. [...] Norms can and will be broken. Which norms are observed or broken by whom, where and when, depends on such things as the nature and strength of the norm, the kind of sanction that might apply, and the individual's status in a given community.»¹⁰⁹

Na realidade, traduzir constitui apenas um de muitos movimentos interculturais entre textos. Hermans refere outras relações assim como a importação ou exportação de textos originais. Estes atos também acarretam consequências, visto que, num novo contexto, os textos são percebidos de modo distinto. Outros movimentos são referenciados pelo mesmo autor, o qual cita André Lefevere: «Summary, paraphrase, adaptation, gloss, critical commentary, and other forms of what André Lefevere broadly called 'rewriting' [...] constitute a further set of alternative modes, as do transformations into other semiotic media, and so on»¹¹⁰.

Estes e muitos outros processos têm sido adotados por inúmeros tradutores ao longo dos tempos. Nos séculos XVII e XVIII, predominaram as técnicas da fluência, mecanismos, conforme diz Ana Maria Bernardo, que servem o propósito de colonizar a literatura de chegada, de forma a conquistar a intelegibilidade e a facilidade de releitura:

«A tradução ora é entendida como uma forma de manipulação da fama literária de uma obra ou de um autor (Susan Bassnett, André Lefevere), ora como um instrumento de colonização da literatura receptora, em que a estratégia predominante de tradução é a da fluência, e em que aspectos que poderiam eventualmente pôr em causa essa tradição tradutória são conscientemente obliterados, de modo que a ideologia acabaria por substituir a teoria da tradução (Lawrence Venuti). Enfim, uma outra posição encara a tradução como manifestação dentro do polissistema cultural de chegada, ocupando aí uma determinada posição, mais central ou mais periférica, e exercendo sobre ele uma influência conservadora ou inovadora, conforme os casos (Gideon Toury).»¹¹¹

¹⁰⁹ Hermans, Theo, «2. Norms of Translation», in *The Oxford Guide to Literature in English Translation*, France, Peter (ed.), Oxford University Press, Oxford and New York, 2000, p. 11.

¹¹⁰ Hermans, Theo, «2. Norms of Translation», in *The Oxford Guide to Literature in English Translation*, France, Peter (ed.), Oxford University Press, Oxford and New York, 2000, p. 11.

¹¹¹ Bernardo, Ana Maria, «A História Literária Sob o Signo da Tradução – Focalização Cultural Sobre a Literatura Traduzida», in *Estudos de Tradução em Portugal: novos contributos para a História da Literatura Portuguesa*, Seruya, Teresa (org.), Universidade Católica Editora, Lisboa, 2001, p. 125.

Nos séculos XVII e XVIII, muitos textos estrangeiros foram alvo de edições que eliminavam, incluíam passagens e/ou adicionavam anotações, entre outros procedimentos, como refere Lawrence Venuti:

«**Techniques of Fluency** – The goal of fluency, of immediate intelligibility and easy readability, dominated translation during the 17th and 18th c., and it was achieved by a variety of actual practices. The most pronounced tendency was toward explicitness, a clear lexicon and linear syntax, and this led to editing foreign texts, deleting and inserting passages, adding annotations. [...]

Because the explicitness was directed to English-language audiences, the translating simultaneously assimilated the foreign texts to English literary values, making them fit for English consumption. [...]

[...] Translators chose foreign texts whose themes might be bent into commentaries on contemporary social situations. And to support such anachronistic applications they resorted to textual apparatus, prefaces, or annotations that invited the reader to create historical allegories. In many cases, translations were simply filled with allusions to British figures, events, and places.»¹¹²

Com efeito, no século XVII, em particular, a tradução havia-se implantado, como prática com procedimentos muito próprios, de modo notável e encontrava-se ao serviço de interesses culturais, religiosos e políticos, em Inglaterra e noutros países, tais como a França, a Holanda e a Alemanha. Adiante, procuraremos demonstrar, através de uma análise comparativa entre a *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto e as suas traduções espanhola, francesa, inglesa e alemã, como os tradutores Francisco de Herrera Maldonado, Bernard Figuier, Henry Cogan Gent. e o anónimo X. (provavelmente a máscara dos editores Henrich e Dietrich Boom) receberam aquela obra e como a recriaram em traduções adequadas às suas realidades e os seus contextos.

De entre as técnicas a que estes tradutores recorreram maioritariamente para atualizar ou divulgar os seus textos, destacamos, na linha de John Dryden, em prol da fluência, as **expansões** (frásicas e/ou textuais) ou simples **adições de anotações** e de **metatextos**, as **compressões/supressões** de palavras, frases, parágrafos, passagens, episódios ou capítulos; e, de acordo com André Lefevere e a sua teoria da «reescrita», encontramos, ainda, os seguintes processos: a **adaptação** (a uma língua, a um contexto e a um público-leitor novos), a **paráfrase** (que consiste na reprodução desenvolvida de uma ideia através de outras palavras), a **tradução interlinear** (ou interpretação do texto), o **sumário** (para abreviar ou imprimir um ritmo mais rápido) e o **comentário crítico** (muito útil à veiculação de posições políticas e ideológicas).

¹¹² Venuti, Lawrence, «3. Neoclassicism and Enlightenment», in *The Oxford Guide to Literature in English Translation*, France, Peter (ed.), Oxford University Press, Oxford and New York, 2000, p. 61.

Uma outra metodologia tradutiva consiste na **tradução literal**, a qual se revela insuficiente, em diversas passagens, para adequar os textos aos novos leitores e contextos de chegada. No que se refere este tipo de tradução, Fortunato Israel diz o seguinte:

«A escolha literal, focalizada na reprodução das estruturas originais, transmite principalmente o sentido nocional e, ao fazê-lo, falseia as perspectivas visto que o essencial não é o aperfeiçoamento do reconhecimento, mas dar forma a partir do texto de origem a um objecto estético dotado do mesmo poder de evocação.»¹¹³

Na ótica de Umberto Eco, na tradução, «vigora o princípio tácito pelo qual se está vinculado ao *respeito jurídico pelo dito de outrem*, apesar de ser um interessante problema jurisprudencial estabelecer o que se entende por respeito pelo dito de outrem no momento em que se passa de uma língua para outra»¹¹⁴. Relativamente a textos de partida que foram objeto de **compressões** ou **expansões**, o mesmo autor manifesta descontentamento quando se depara com traduções que, ao contrário de terem sofrido adaptações, mais ou menos profundas, a um sistema linguístico, a um contexto e a um público inteiramente novos, foram alvo de censura ou apresentam incorreções inaceitáveis, não dizendo *quase a mesma coisa*, como desejado:

«Considerarei fraudulentos cortes de trechos ou de capítulos inteiros, sem dúvida ficarei irritado com erros evidentes de tradução (como veremos que acontece ao leitor avisado mesmo quando lê a tradução sem conhecer o original) e com maior razão me escandalizarei se depois descobrir que o tradutor pôs uma personagem (por inabilidade ou por deliberada censura) a dizer ou a fazer o contrário do que tinha dito ou feito.»¹¹⁵

Enfim, os procedimentos tradutológicos atrás apresentados serão aqueles que encontraremos no nosso objeto de estudo, textos pertencentes ao século XVII. Tratava-se de uma época em que se recorria, por exemplo, aos fólhos como base de escrita e em que os meios de comunicação eram mais limitados. Referimo-nos a estes aspetos, pois, se tivermos em mente os últimos tempos, verificamos que a globalização, o consequente contacto entre indivíduos de diferentes nacionalidades e o florescimento da informática, promoveu modelos de tradução mecânica, completamente díspares daquele de que nos ocuparemos neste projeto. Atualmente, as novas tecnologias e, paralelamente, as

¹¹³ Israel, Fortunato, «Tradução Literária e Teoria do Sentido», in *Tradutor Dilacerado – Reflexões de autores franceses contemporâneos sobre tradução*, Jorge, Guilhermina (coord.), trad. de Catarina Salgueiro *et al.*, Edições Colibri, Lisboa, 1997, pp. 76-77.

¹¹⁴ Eco, Umberto, *Dizer Quase a mesma Coisa – Sobre a Tradução*, Difel, Lisboa, 2005, pp. 18-19.

¹¹⁵ Eco, Umberto, *Dizer Quase a mesma Coisa – Sobre a Tradução*, Difel, Lisboa, 2005, p. 19.

inovadoras formas de comunicação têm contribuído para mais recentes alterações ao nível do acesso aos textos, o que contrasta com o que se verificava, por exemplo, no século XVII, conforme nota Mary Snell-Hornby:

«The language scene of today has also been radically affected by the new forms of communication created by the electronic media. In early days of communication there was on the one hand the simple word of mouth and on the other the written symbols perpetuated on stone or parchment but accessible only to a scholarly elite. With the invention of printing, written texts were made available to anyone with enough education to read them. In our present technological revolution, literacy is taken for granted, and the flood of information is made available to anyone with the hardware, software or electronic gadgets to gain access to it.»¹¹⁶

Na verdade, independentemente do século em que nos encontramos e da evolução tecnológica de que dispomos, vários são os procedimentos tradutológicos a que os tradutores recorrem com vista à compatibilização de dois sistemas linguísticos distintos, dadas as suas divergências estruturais e metalinguísticas, e à adaptação dos textos de chegada a um contexto e público-alvo inteiramente novos, o que implica, paralelamente, adequações a nível cultural, social e político. A tradução é uma arte que consiste num ato de criar um texto «equivalente», mas não necessariamente igual, tal como postula Susan Bassnett:

«Equivalence in translation, then, should not be approached as a search for sameness, since sameness cannot even exist between two TL versions of the same text, let alone between the SL and the TL version.»¹¹⁷

O tradutor não deve restringir-se cegamente ao original, correndo, desse modo, o risco de se obter um texto que diz o mesmo que o seu original, o que num contexto diferente perde sentido e beleza, provocando uma redução no prazer da leitura ou contribuindo para o insucesso da sua receção. A tradução «livre», a que nos referimos, segue, como se apontou atrás, normas que permitem transladar para outra língua, num texto de chegada, a mensagem, o pensamento e as ideias de um dado autor expressas num determinado texto de partida.

Segundo Elisabeth Lavault, para se alcançar uma tradução interpretativa é fundamental ter em conta o autor, o seu texto, o leitor-tradutor ou o público-intérprete, a sua versão e, finalmente, o leitor ou o público destinatário:

¹¹⁶ Snell-Hornby, Mary, «Translation and the European Identity - a Cross-Cultural Problem?», in *A Tradução nas Encruzilhadas da Cultura*, Duarte, João Ferreira (org.), Colibri, Lisboa, 2001, p. 19.

¹¹⁷ Bassnett, Susan, *Translation Studies*, Revised Edition, Routledge, London and New York, 1991, p. 29.

«Pour en revenir à la théorie interprétative, la réflexion ne se fait pas sur le fait que la langue d'arrivée ne correspond point à la langue de départ, elle prend en considération les protagonistes suivants: 1. L'auteur ou l'orateur (producteur); 2. Le texte ou le discours qu'il produit; 3. Le lecteur-traducteur ou l'auditeur-interprète; 4. Son texte ou son discours; 5. Le lecteur ou l'auditeur (destinataire).»¹¹⁸

Quanto à *problemática da leitura*, à interpretação que lhe é implícita e, naturalmente, ao leitor, concordamos com Manuel Frias Martins ao postular que

«[é] também por ela que, em consequência, a reflexão acerca da tradução pode ganhar contornos particularmente significativos. [...] só através da *atitude interactive* o chamado texto original passa a viver uma *outra vida* através dos *efeitos* que ele próprio possibilitou, e que essa tradução corporiza sem tibiezas, sem máculas, sem má consciência. Uma vida que, ao separar-se dele através da apreensão dos seus efeitos, o torna verdadeiramente presente pelo horizonte de possibilidades da sua figuração original.»¹¹⁹

Para terminarmos este subcapítulo, não poderíamos deixar de recordar que o tradutor é também ele um escritor com experiências e vivências distintas do autor do texto original, das quais não se poderá alienar no processo de tradução. Para além disso, tal como afirma Valéry Larbaud, ao desenvolver a sua essencial tarefa tradutiva, é verdade que

«[...] o tradutor usufrui de outros benefícios [...]. Ao mesmo tempo que aumenta a sua riqueza intelectual, o tradutor enriquece a literatura nacional e honra o próprio nome. A tarefa de fazer passar para uma língua e para uma literatura uma obra importante de uma outra língua não é, de modo algum, obscura e irrelevante.»¹²⁰

Concluindo, vários são os aspetos que interagem num processo tradutivo, para além dos inerentes à passagem de um sistema linguístico para outro. De entre esses elementos, salientamos o ato de leitura e interpretação da obra original, as vivências do tradutor, o seu estilo e as suas opções tradutivas, os contextos de partida e de chegada, e os públicos-leitores, o da obra original e o da sua tradução. Enfim, com base no exposto, somos da opinião de que o trabalho tradutivo poderá revelar-se infrutífero em situações em que um destes ingredientes não é considerado numa tradução.

¹¹⁸ Lavault, Elisabeth, «La Traduction Interprétative», in *Traduction et Didactique - Colloque*, Edições ASA, Porto, 1990, p. 69.

¹¹⁹ Martins, Manuel Frias, «Tradução Literária: Um Lugar Teórico», in *Em Teoria (A Literatura). In Theory (Literature)*, Ambar Editora, Porto, 2003, pp. 147/157-158.

¹²⁰ Larbaud, Valéry, «Alegrias e Benefícios do Tradutor», in *Tradutor Dilacerado – Reflexões de autores franceses contemporâneos sobre tradução*, Jorge, Guilhermina (coord.), trad. de Catarina Salgueiro et al., Edições Colibri, Lisboa, 1997, p. 99.

1.2.2. Teoria e Prática Tradutiva no Século XVII em Espanha, França, Inglaterra e Alemanha

Como vimos, as normas que regem as práticas tradutológicas e respetivas teorias têm sofrido profundas mudanças ao longo dos tempos. J. M. Diaz Bustamante (*Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa*, 1993), a propósito de um estudo da tradução medieval, refere-se à hierarquia das línguas e ao cânone bíblico do seguinte modo:

«A par dos problemas que decorrem da hierarquia das línguas (hebraico, grego, latim, línguas vulgares) e da inflexibilidade do cânone bíblico, acentua: ‘a impossibilidade de substituir os conhecimentos circunstanciais do autor e da sua época, recorrendo apenas a anotações eruditas’; por outro lado, ‘a multiplicidade de línguas era o resultado de um castigo divino que remontava à época de Babel, a tradução era uma exigência do pecado, e o dom das línguas (reflexo da inocência perdida) aparece como uma das provas inegáveis da aprovação divina’. [...] no que diz respeito à Idade Média, as traduções reais referidas nas histórias literárias são Reais traduções, quer dizer, decorrem da vontade política de um patrono, rei, rainha ou nobre digno de menção, o que permite explorar o binómio realidade-realeza, ou, por outras palavras, a controversa questão relevância literária-relevância histórica [...]»¹²¹

De facto, a origem da multiplicidade de línguas, na época de Babel, encontra-se na base do ato tradutivo, o qual era entendido como uma prática em que o pecado se encontrava implícito. Na Idade Média, registava-se já uma mudança conceptual relativamente à tradução, dado que os textos de chegada que fossem executados de acordo com os ideais políticos de membros da realeza eram considerados «Reais traduções»¹²².

Enfim, na ótica de Regina Corrêa, a partir do século XII, a tradução passou a ser vista como uma prática inovadora:

«A literatura encontrou seu caminho na tradução. Através dela, discutiam-se questões como a introdução de novas formas literárias, de novos termos e de novas estruturas lingüísticas. Discutia-se o próprio significado da tradução e maneiras de melhor desempenhá-la [...].

A tradução assume, portanto, um carácter inovador após o século XII. Os ingleses acreditavam que sua língua era inferior às línguas clássicas [...]. Os franceses

¹²¹ Oliveira, Maria do Carmo Correia de, «Idade Média: Traduções reais, Reais Traduções», in *Histórias Literárias Comparadas*, Seruya, Teresa e Maria Lin Moniz (org. e coord.), Edições Colibri, Centro de Literatura e Cultura Portuguesa e Brasileira, Universidade Católica Portuguesa, 11 e 12 de nov. 1999, Actas do Colóquio Internacional, pp. 83-84.

¹²² Oliveira, Maria do Carmo Correia de, «Idade Média: Traduções reais, Reais Traduções», in *Histórias Literárias Comparadas*, Seruya, Teresa e Maria Lin Moniz (org. e coord.), Edições Colibri, Centro de Literatura e Cultura Portuguesa e Brasileira, Universidade Católica Portuguesa, 11 e 12 de nov. 1999, Actas do Colóquio Internacional, p. 84.

acreditavam que sua língua possuía suas próprias qualidades e possibilidades de alcançar uma perfeição até maior do que a do latim e do grego. [...] Os alemães consideravam o ato de traduzir a melhor maneira de aprender a pensar correctamente e de expressar os pensamentos com ênfase.»¹²³

Cada nação encontrava na tradução uma multiplicidade de formas de alcançar determinadas finalidades. Para uns, servia para elevar o nível da sua língua; para outros, era um modo de enaltecimento da sua própria língua; para outros, ainda, ela consistia num meio de aperfeiçoamento da estruturação do pensamento e de enriquecimento cultural.

No século XVI, mais precisamente, após 1570, verificou-se uma alteração no âmbito da prática tradutológica, dado que se tornou uma atividade mais livre, onde a fidelidade¹²⁴ para com o original raramente tinha lugar, segundo Warren Boutcher:

«In other words, there was no linear progress towards the fluent modern translation of the classic, respectful both of the author's intentions and of normal or neutral values. For an interim, translation was freer, and the justifications for such freedom became more eclectic [...]. Singularity of purpose and close fidelity are rare [...]»¹²⁵

No final da era jacobina (1620-1650), podem encontrar-se traduções a refletir e a produzir uma heterodoxia ideológica ascendente da sociedade inglesa. Exemplo disso, é o trabalho do tradutor Thomas Hobbes:

«Hobbes' Thucydides was perhaps the greatest English humanist translation from classical history. He went back directly to the most philologically authoritative Greek text, consulted other continental translations and commentaries, and consistently interpreted the work as the supreme classical instance of rhetorical historiography. His own paratextual apparatus [...] eschewed the tendency towards digressive and copious readings.»¹²⁶

O tradutor Sir John Denham (1615-1669) recorreu à «fluency» e manteve a continuidade formal através da sintaxe e da rima aquando da tradução de *The Destruction of Troy* (1656). Ora, a liberdade implícita na técnica da fluência não era

¹²³ Corrêa, Regina Helena Machado Aquino, «Cândido Lusitano e o Discurso Preliminar do Tradutor», in *Terra roxa e outras terras*, Revista de estudos literários, São Paulo, 2002, vol. 1, pp. 16-17.

¹²⁴ Ballard, Michel, «Antiquité et Traduction», in *Traduction et Didactique - Colloque*, Edições ASA, Porto, 1990, p. 23: «Le traducteur est crucifié entre la fidélité aux formes d'origine et les exigences de la langue d'arrivée. [...] métaphore de la traduction comme 'lutte', comme 'victoire à remporter' comme notion 'dynamique', telle qu'elle sera reprise au XX^e siècle par un Nida ou un Edmond Cary».

¹²⁵ Boutcher, Warren, «2. The Renaissance», in *The Oxford Guide to Literature in English Translation*, France, Peter (ed.), Oxford University Press, Oxford, 2000, p. 53.

¹²⁶ Boutcher, Warren, «2. The Renaissance», in *The Oxford Guide to Literature in English Translation*, France, Peter (ed.), Oxford University Press, Oxford, 2000, p. 54.

uma novidade para os tradutores ingleses. Tratava-se de uma prática tradutiva que surgiu gradualmente na Inglaterra no decorrer dos séculos XVI e XVII e que já vigorava em França, onde Denham e outros tradutores viveram em exílio. Por detrás das suas metodologias, encontram-se dois aspetos determinantes: o conselho de Horácio para traduzir sentido por sentido e não palavra a palavra, e as estratégias contemporâneas francesas de naturalização. Lawrence Venuti afirma o seguinte:

«The freedom required by fluency was not particularly new or peculiar to English translating at the time. It was a neoclassical aesthetic that slowly emerged in England during the 16th and 17th c. and currently prevailed in France, where Denham and such other poet-translators as Abraham Cowley (1618-67) lived in exile with the Caroline court. Behind their versions of classical literature lay two important determinants: Horace's famous recommendation to translate sense for sense instead of word for word [...] and the naturalizing strategies of contemporary French translators. Nicolas Perrot d'Ablancourt revised Tacitus's elliptical prose by inserting explanations and deleting digressions 'to avoid offending the delicacy of our language and the correctness of reason' [...]»¹²⁷

Já os Romanos tinham desempenhado um papel central na história da tradução e das línguas, apropriando-se criativamente dos modelos literários gregos com o intuito de elevarem o latim a língua literária, conforme nos diz Ana Maria Bernardo, referindo-se também aos séculos XVII, XVIII e XIX:

«São disso exemplo a apropriação criativa que os Romanos fizeram dos modelos literários gregos, quer ao nível dos conteúdos, quer da forma, e muito em particular do estilo, de modo a elevarem a língua latina à condição de língua literária, ou as *Belles Infidèles* que, a partir da segunda metade do século XVII, se transformaram na estratégia dominante de tradução em França, alargando-se posteriormente à Inglaterra e à Alemanha, as quais visavam a apropriação da obra estrangeira através da sua naturalização ou, ainda, a proximidade entre produção literária e actividade tradutória na Alemanha da *Aufklärung*, a qual tem como consequência o facto de as traduções serem feitas segundo as normas poéticas que norteavam a criação literária no século XVIII, sendo por isso a tradução encarada como tarefa puramente mecânica e perfeitamente exequível, com estatuto subalterno em relação à produção original, ou, finalmente as imitações, frequentes em Portugal na segunda metade do século XIX, que consistiam em versões ou adaptações mais ou menos livres de originais estrangeiros, ou melhor, de ideias, motivos ou enredos neles contidos.»¹²⁸

¹²⁷ Venuti, Lawrence, «3. Neoclassicism and Enlightenment», in *The Oxford Guide to Literature in English Translation*, France, Peter (ed.), Oxford University Press, Oxford and New York, 2000, pp. 55-56.

¹²⁸ Bernardo, Ana Maria, «A História Literária Sob o Signo da Tradução – Focalização Cultural Sobre a Literatura Traduzida», in *Estudos de Tradução em Portugal: novos contributos para a História da Literatura Portuguesa*, Seruya, Teresa (org.), Universidade Católica Editora, Lisboa, 2001, pp. 125-126.

As *Belles Infidèles*¹²⁹ tornaram-se, na segunda metade do século XVII, predominantes no contexto francês, tendo-se expandido, de seguida, para a Inglaterra e a Alemanha. Nestes últimos territórios, conforme afirma Ana Maria Bernardo, os tradutores procuravam apropriar-se das fontes, recorrendo ao processo de naturalização. No caso alemão (*Aufklärung*), no século XVIII, verificava-se uma relação estreita entre produção literária e prática tradutiva, o que teve como consequência a transformação da tradução numa atividade artificial, cujo produto se situava num nível inferior em relação à obra original.

Os produtos do trabalho dos tradutores corroboravam de forma distinta as mensagens culturais e políticas, contribuindo, de modo igualmente notável, para a instituição dos grandes géneros literários, a saber, a sátira, o romance e o drama, e promoveram, ainda, o estatuto social e económico do escritor, como diz Lawrence Venuti:

«Thus translation contributed greatly to the development of the major literary forms in the period. Satire, the novel, and drama were all cross-fertilized by select translations of European writing, classical and contemporary. While translation fed and moulded British literary traditions, it also nurtured the careers of writers, establishing personal reputations and constructing new concepts of authorship as the patronage system was complicated by the expansion of the literary market-place. Translations addressed and created diverse readerships, including aristocratic and bourgeois élites as well as a more heterogeneous mass audience, cutting across social divisions and political factions.»¹³⁰

Relativamente aos termos **imitação** e **adaptação**, é sabido que os tradutores procuraram insistentemente distanciá-los do conceito de tradução. Samuel Johnson (1709-1784), no seu *Dictionary of the English Language* (1755), define *imitação* «as ‘a method of translating looser than paraphrase, in which modern examples and illustrations are used for ancient, or domestick for foreign’»¹³¹. A **imitação** e a **paráfrase** predominam, pois, em grande parte das traduções dos séculos XVII e XVIII,

¹²⁹ Abramovici, Serge, «Trahison Fonctionnelle», in *Traduction et Didactique - Colloque*, Edições ASA, Porto, 1990, p. 127: «[...] la qualification définitionnelle proposée par Mounin de ‘belles infidèles’: d’une part est postulée une pérennité de la langue, et conséquemment du ‘sens’ et de la lecture d’un texte – la problématique de la fidélité suppose un écart fixe entre le texte posé comme modèle idéal et sa traduction – d’autre part est appliqué à la traduction le même critère d’évaluation qu’au texte modèle, le critère esthétique, le plus flou et peut-être le plus variable des critères. Cette problématique a dû depuis quelques années être affinée du fait, d’une part de la demande grandissante d’une actualisation des traductions [...], d’autre part de la prise de conscience que l’écriture d’un texte est soumise à des contraintes métalinguistiques qui règlent sa formulation épilinguistique et que la traduction ne peut ignorer. La traduction reste néanmoins envisagée exclusivement en rapport au texte modèle, problématisée comme une somme d’écarts que le traducteur doit s’attacher à réduire tout en les sachant irréductibles!».

¹³⁰ Venuti, Lawrence, «3. Neoclassicism and Enlightenment», in *The Oxford Guide to Literature in English Translation*, France, Peter (ed.), Oxford University Press, Oxford and New York, 2000, p. 55.

¹³¹ *Apud* Venuti, Lawrence, «3. Neoclassicism and Enlightenment», in *The Oxford Guide to Literature in English Translation*, France, Peter (ed.), Oxford University Press, Oxford and New York, 2000, p. 56.

métodos que, por vezes, eram inclusivamente anunciados nos títulos, o que poderá significar que os públicos-alvo se encontravam perfeitamente definidos, como afirma ainda Lawrence Venuti:

«The general freedom of the translating indicates that the audience included two large segments: educated readers who were familiar with the foreign texts as well as versions in other modern languages and who were therefore capable of appreciating the ingenuity of a translator's domestication choices; and readers who lacked training in languages and literatures and who therefore appreciated the translations as English-language poems.»¹³²

Os tradutores ingleses valorizavam a autonomia estética. O «grammatical literalism» era descrito como inferior, vulgar e comum, enquanto a «rhetorical oriented freedom» era vista como nobre e suprema. Diz Lawrence Venuti:

«During the Interregnum, a feudal class hierarchy was repeatedly imposed on the two competing translation methods, a literary compensation for the displacement suffered by the Caroline aristocracy. Grammatical literalism, associated with schoolteachers and foreign language manuals, was described as 'vulgar', 'slavish', and 'servile', whereas a rhetorical oriented freedom was judged 'noble'.»¹³³

Na sequência da Restauração, no contexto inglês, com o regresso do rei Charles II, surge a antítese entre **liberdade** e **literalismo**. John Dryden, na sua antologia sobre tradução, coloca a «'Paraphrase, or Translation with Latitude'» entre a «libertine 'Imitation'» e a «Word-for-word metaphrase»:

«'Paraphrase, or Translation with Latitude', as a means of moderating between two factional extremes: on one hand, the libertine 'Imitation' favoured by predecessors like Cowley, now seen as too cavalier with canonical texts; on the other hand, the Word-for-word 'metaphrase', now not simply linked to 'pedantical' grammarians but to 'Superstition, blind and zealous', suggesting the fanaticism of the radical Protestant sects that proliferated during the Civil Wars [...]»¹³⁴

Dryden recorria predominantemente a *expansões* e a *compressões*, promovia inovações prosódicas para fomentar a fluência e construiu uma dicção mais artificial¹³⁵,

¹³² Venuti, Lawrence, «3. Neoclassicism and Enlightenment», in *The Oxford Guide to Literature in English Translation*, France, Peter (ed.), Oxford University Press, Oxford and New York, 2000, p. 56.

¹³³ Venuti, Lawrence, «3. Neoclassicism and Enlightenment», in *The Oxford Guide to Literature in English Translation*, France, Peter (ed.), Oxford University Press, Oxford and New York, 2000, p. 56.

¹³⁴ Venuti, Lawrence, «3. Neoclassicism and Enlightenment», in *The Oxford Guide to Literature in English Translation*, France, Peter (ed.), Oxford University Press, Oxford and New York, 2000, p. 56.

¹³⁵ Venuti, Lawrence, «3. Neoclassicism and Enlightenment», in *The Oxford Guide to Literature in English Translation*, France, Peter (ed.), Oxford University Press, Oxford and New York, 2000, p. 57: «[...] he introduced

tendo representado uma influência determinante para Alexander Pope (1688-1744), conforme nos diz ainda Lawrence Venuti, cujas versões da *Iliada* e da *Odisseia* de Homero (? século VIII a.C., Jônia) constituem os exemplos de tradução literária mais bem conseguidos na época:

«Dryden exercised a decisive influence on Pope, whose versions of Homer's *Iliad* and *Odyssey* [III.i.2.ii] are the most accomplished examples of literary translation during this period. Pope too believed that the translation of poetry should not be blandly accurate but richly poetic, emulating the aesthetic merits of the foreign text yet competing with them in the development of domestic literary effects.»¹³⁶

Em 1710, no «Act for the Encouragement of Learning», estabelece-se que os autores eram os detentores originais do direito de reproduzir as suas obras. A tradução constituía uma prática criativa independente. Antes e após este ato, a tradução continuou a ser para muitos um meio de sustento de grande procura e fomentou, nos finais dos séculos XVII e XVIII, o crescimento do romance (histórico). A ficção epistolar contribuiu, igualmente, para a proliferação da tradução, de modo assinalável, neste período, dado que um terço das suas publicações consistia em atos tradutológicos. As *Lettres Portugaises*, conhecidas em Portugal como as *Cartas Portuguesas* de Soror Mariana Alcoforado, a partir do século XIX, por exemplo, foram imitadas durante décadas por vários escritores e objeto de diversas traduções. De acordo com Maria Eduarda Keating, esta obra «teve, até ao fim do século XVII, cerca de quarenta reedições e deu origem, desde a sua publicação, a um grande número de reescritas – desenvolvimentos, ‘respostas’, adaptações, recriações e traduções»¹³⁷. Algo de semelhante acontece com a tradução das *Lettres Portugaises* feita por L’Estrange, intitulada *Five Love Letters from a Nun to a Chevalier*, a qual foi editada dez vezes no mesmo ano, em 1716, como menciona Lawrence Venuti:

«Of the epistolary fictions published between 1660 and 1740, approximately one-third were translations, mostly from French, some 150 publications (Day 1966: 29). In 1678 Sir Roger L’Estrange (1616-1704), a royalist pamphleteer for whom translation was an important source of income, rendered Guilleragues’s *Lettres portugaises* (1669) as *Five Love Letters from a Nun to a Chevalier* and thereby started a craze for *chroniques*

prosodic innovations to improve fluency, such as triplets, where rhyme and syntax propelled the verse and underscored the meaning; and he constructed a more artificial diction, latinate and periphrastic».

¹³⁶ Venuti, Lawrence, «3. Neoclassicism and Enlightenment», in *The Oxford Guide to Literature in English Translation*, France, Peter (ed.), Oxford University Press, Oxford and New York, 2000, p. 57.

¹³⁷ Keating, Maria Eduarda, «As *Lettres Portugaises* e a Literatura Portuguesa – Reescritas e Apropriações», in *Estudos de Tradução em Portugal: novos contributos para a História da Literatura Portuguesa*, Seruya, Teresa (org.), Universidade Católica Editora, Lisboa, 2001, p. 229.

scandaleuses, narratives of passion that frequently represented aristocratic promiscuity in thinly disguised accounts of actual affairs. [...] L'Estrange's translation, running to ten editions by 1716, was not just widely read, but imitated for decades by novelists and translators alike.»¹³⁸

No que diz respeito a outros géneros literários, António José Saraiva remonta ao mais antigo romance picaresco, do século XVI, referindo-se a *Lazarillo de Tormes*, a *Vida de Guzmán de Alfarache* de Mateo Alemán e à *Vida e Hechos de Estebanillo Gonzalez* (1664), no sentido de encontrar relações entre estas obras e a *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto. De facto, o género picaresco atrás referenciado, nas versões originais ou traduzidas, percorreu os Pirenéus e, ao chegar ao conhecimento de Marivaux, Lesage e Voltaire, floresce, passando a assumir um papel central de crítica social no contexto francês.

A *Peregrinação* (1614) de Fernão Mendes Pinto contém, segundo Saraiva, a «negação da ideologia cavaleiresca, a afirmação de uma outra concepção de vida, concepção amplamente universalista, que suprime fronteiras religiosas e civilizacionais e que procura atingir um fundo comum de humanidade»¹³⁹. No século XVII, de acordo com Leite de Faria, dada a sua riqueza textual, esta obra portuguesa é alvo de seis edições-traduições castelhanas, duas inglesas, duas francesas, duas holandesas e quatro alemãs¹⁴⁰. No decorrer do século XVIII, verificam-se, ainda, uma edição francesa, duas edições holandesas e duas alemãs (nos anos de 1747 a 1774 e em 1752). Tal como lembra Rebecca Catz, o «molde literário adoptado por Fernão Mendes Pinto é o da crónica, género de grande popularidade no seu tempo e de flexibilidade estrutural que perfeitamente se coaduna com a forma episódica geralmente preferida pelos satiristas»¹⁴¹, molde que, na nossa opinião, terá contribuído para que fosse alvo de tantas edições num curto espaço de tempo.

A *Peregrinação* tal como as *Lettres Portugaises* e os romances picarescos, de entre um vasto leque de obras que têm, ao longo dos séculos, viajado e evoluído pelo mundo fora, bem como as suas traduções, têm sido decisivas para mudar pensamentos, ideais, difundir religiões, filosofias, alterar hábitos, crenças e sistemas literários, de entre uma infinidade de transformações que impossivelmente se esgotarão. Em

¹³⁸ Venuti, Lawrence, «3. Neoclassicism and Enlightenment», in *The Oxford Guide to Literature in English Translation*, France, Peter (ed.), Oxford University Press, Oxford and New York, 2000, pp. 58-59.

¹³⁹ Saraiva, António José, «Prefácio», in *Peregrinação e Outras Obras*, Pinto, Fernão Mendes, texto crítico, prefácio, notas e estudo por António José Saraiva, Livraria Sá da Costa, Lisboa, Vol. I, p. XLIV.

¹⁴⁰ Faria, Francisco Leite de, *As Muitas Edições da 'Peregrinação' de Fernão Mendes Pinto*, Academia Portuguesa da História, Lisboa, 1992, pp. 26-27.

¹⁴¹ Catz, Rebecca, *A Sátira Social de Fernão Mendes Pinto*, tradução de Manolo B. R. Santos, Prelo, Lisboa, 1978, p. 16.

particular, a *Peregrinaçam*, juntamente com *Os Lusíadas* de Luís de Camões, é considerada uma fabulosa obra portuguesa, talvez por tudo o que foi apontado atrás, por primar pelo exotismo, pela novidade e pelo facto de dar a conhecer um mundo até então desconhecido.

1.3. Questões Metodológicas

A *Peregrinação de Fernam Mendez Pinto* é uma obra literária com um valor documental e literário incontestáveis¹⁴². Trata-se de um texto consideravelmente extenso, apresentando, na sua constituição, duzentos e vinte e seis capítulos, distribuídos por trezentos e três fólios com frente e verso¹⁴³.

As suas traduções são também elas volumosas, o que, atendendo às dimensões do texto de partida, seria de esperar. Assim sendo, as traduções espanhola e francesa, *Historia Oriental de Las Peregrinaciones de Fernan Mendez Pinto*, da autoria de Francisco de Herrera Maldonado, e *Les Voyages Advantvrevx de Fernand Mendez Pinto*, de Bernard Figuier, são compostas, igualmente, por duzentos e vinte e seis capítulos. A edição espanhola apresenta quatrocentas e oitenta e um fólios e a versão francesa, por seu turno, contém mil cento e noventa e três fólios. Quanto à tradução inglesa, *The Voyages and Adventures of Fernand Mendez Pinto*, elaborada por Henry Cogan, trata-se de uma versão que apresenta apenas oitenta e um capítulos e trezentos e vinte e seis fólios. Também a edição alemã, *Die wunderliche Reisen Ferdinandi Mendez Pinto*, é, ao nível da sua estrutura externa, bastante distinta do texto original português, dado que é constituída por sessenta e três capítulos e trezentos e noventa e dois fólios.

Com base nesta primeira constatação e conscientes de que a comparação integral do texto original com as quatro traduções em questão seria um projeto demasiado ambicioso, optámos por delimitar momentos narrativos estruturantes desta obra portuguesa, dos quais um sofreu modificações mais ou menos profundas, em algumas traduções, conforme demonstraremos adiante, decorrentes dos procedimentos tradutológicos adotados por cada tradutor, dos textos de partida usados, dos contextos de publicação/receção e de aspetos linguísticos próprios de cada língua de chegada. A partir desses momentos diegéticos, estabeleceremos relações entre o(s) processo(s) tradutológico(s) adotados e os contactos estabelecidos entre as várias versões e a obra original portuguesa, entre as próprias traduções em análise ou entre elas e outros textos produzidos que também serviram de textos-fonte, conforme procuraremos demonstrar ao longo do nosso estudo.

¹⁴² Cidade, Hernani, *A Literatura Portuguesa e a Expansão Ultramarina - As Ideias, os Factos, as Formas de Arte*, Arménio Amado, Editor, Sucessor, Coimbra, 1963, vol. I, p. 107: «[...] é a projecção nele da *vida integral* das raças e povos que ao Autor se depararam em sua múltipla, trabalhada *Peregrinação*».

¹⁴³ Pinto, Fernão Mendez, *Peregrinação de Fernão Mendez Pinto*, edição fac-similada de José Manuel Garcia, Castoliva editora, Maia, 1995.

Procedemos à seleção de excertos ilustrativos dos momentos narrativos definidos, tendo em consideração a estrutura e significação da própria obra de partida, os motivos que levaram a que um vasto público-leitor a considerasse uma obra peculiar, atrativa e exótica, os contextos em que a obra original bem como as suas traduções-adaptações foram publicadas e as imposições próprias da época e dessas realidades, as quais implicaram a adoção de determinados processos tradutivos em detrimento de outros por cada tradutor.

Quanto à delimitação dos momentos narrativos, são de referir os contributos dos estudos de João David Pinto-Correia, Rebecca Catz e Maria Alzira Seixo, os quais, apesar de díspares ou simplesmente distintos, parecem complementar-se. A segmentação em nove partes realizada por Pinto-Correia revelou-se bastante prática e útil na definição dos nossos momentos narrativos. O mesmo poderemos afirmar relativamente à divisão tripartida que Rebecca Catz nos apresenta, juntamente com a visão satírica defendida, como o próprio título, *Fernão Mendes Pinto – Sátira e Anticruzada na 'Peregrinação'*, deixa antever, apesar de não partilharmos inteiramente a sua teoria, na linha de António José Saraiva, de que se trata de uma obra pícaro. Já Maria Alzira Seixo propõe uma divisão em dez núcleos, sequências ou complexos narrativos essenciais da obra igualmente interessantes, atendendo às características apresentadas pelas traduções e à relação entre a obra original e as traduções ou entre traduções.

João David Pinto-Correia apresenta os seguintes momentos cardinais: Introdução «Considerações sobre os 'trabalhos' e 'perigos' da sua vida/peregrinação»; Iª Parte - «Peregrinação do 'eu' por terras de Portugal, Índia, Reino dos Batas, Reino do Pão»; IIª Parte - «Peregrinação em companhia de António de Faria pelos reinos de Sião, Liampó, ilha de Calemplui»; IIIª Parte - «Peregrinação pelas terras da China, Tartária e Sião»; IVª Parte - «Peregrinação pelas ilhas de Tanixumá e dos Léquiós»; Vª Parte - «Peregrinação por terras de Martavão e pelo reino de Calaminhã (em companhia do rei dos Bramás)»; VIª Parte - «Peregrinação pelas terras de Sonda – História das guerras de Sonda»; VIIª Parte - «Continuação da peregrinação pelas terras de Sião e da Birmânia – ao serviço do rei dos Bramás»; VIIIª Parte - «Peregrinação em companhia de Francisco Xavier por terras de Malaca e do Japão (na corte do rei de Bungo)»; IXª Parte - «Peregrinação pelo reino de Bungo e pelos mares da China, em companhia do P.^e Belchior, sucessor do P.^e Francisco Xavier, até ao regresso a Goa»; e, finalmente, a Conclusão - «Regresso a Portugal e Considerações sobre os méritos da peregrinação

pelo Oriente, e sobre a ingratidão (o valor não reconhecido) dos seus compatriotas¹⁴⁴.

Diz o autor da antologia:

«Todos estes episódios se caracterizam, como os narrados nas crónicas de viagem, pelo ‘heroísmo’ dos cristãos ou pela crítica desapiedada dos costumes dos ‘gentios’. Justapõem-se com a variedade derivada da verosimilhança que lhes advém da procura de uma articulação com o ‘real’. Ora os triunfos em combates, a glória do valor reconhecido, a recompensa das honras e do dinheiro; ora a derrota, o infortúnio, a fome, a extrema miséria, a prisão, o espectro da morte. [...] / [...] caracteriza-os [...] a ‘singularidade’ das situações (quase sempre de extremos). Eles vão constituir mesmo os episódios-funções-principais, enquanto a outros episódios ou partes de episódios que relatam os pequenos factos da rotina quotidiana (a saída do porto, a entrada numa cidade, etc.) se confere um papel mais secundário, de preenchimento, de catálise.»¹⁴⁵

Rebecca Catz propõe uma divisão em três grandes partes, as quais se encontram subdivididas: na primeira secção, intitulada a «Missão de Conquistar», encontramos os seguintes episódios ou momentos cardinais, usando a terminologia da autora em questão: 1. «Episódio dos Batas»; 2. «Episódio dos AArús»; 3. «Episódio de António de Faria» [a) «Início da Expedição», b) «Alegoria da Ilha dos Ladrões», c) «Saque de Nouday», d) «Enclave português de Liampó», e) «Viagem a Calempluy»]; 4. «China utópica»; 5. «Com os Tártaros»; 6. «Descobrimto do Japão»; e 7. «Microdrama dos Léquios»; a segunda parte, designada de «Missão de Converter», inclui a «Viagem a Calaminham» (1.); o «Retrato de S. Francisco Xavier» (2.) [a) «Milagre da incorruptibilidade», b) «Milagre do Batel», c) «Milagre dos Achens», d) «Clarividência de S. Francisco Xavier», e) «Disputas teológicas de Francisco Xavier no Japão»]; e «Os Conversos» (3.); finalmente, surge a terceira secção, a qual é designada pela referida autora de «O Castigo Divino»¹⁴⁶.

Na perspetiva de Maria Alzira Seixo, existem na *Peregrinação* dez núcleos essenciais. Segundo a autora, o núcleo tem um papel decisivo no:

«prosseguimento narrativo mas atém-se a uma funcionalidade que, embora encorpada nos planos semântico e diegético, poucas vezes se desenvolve em termos sequenciais), e que passamos a enunciar [...]:

1) Capítulo 1. Núcleo introdutório;

¹⁴⁴ Pinto-Correia, João David, «2. A ‘Peregrinação’: Resumo, Esquematização da Estrutura», in *A Peregrinação de Fernão Mendes Pinto*, Apres. Crítica, selecção, resumos, glossário e sugestões para análise literária de J. D. Pinto-Correia, 2ª edição, Col. «Textos Literários», Editorial Comunicação, Lisboa, 1979, pp. 57-58.

¹⁴⁵ Pinto-Correia, João David, «3. A ‘Peregrinação’ – Texto Autobiográfico/Narrativo», in *A Peregrinação de Fernão Mendes Pinto*, Apres. Crítica, selecção, resumos, glossário e sugestões para análise literária de J. D. Pinto-Correia, 2ª edição, Col. «Textos Literários», Editorial Comunicação, Lisboa, 1979, p. 63.

¹⁴⁶ Catz, Rebecca, *Fernão Mendes Pinto – Sátira e Anti-cruzada na ‘Peregrinação’*, 1ª ed., Biblioteca Breve, Lisboa, 1981, vol. 57.

- 2) Capítulos 2 a 36. Desvios e enleios do Índico à Sonda;
- 3) Capítulos 36 a 79. Sequência de António de Faria;
- 4) Capítulos 80 a 131. Travessia da China;
- 5) Capítulos 132 a 143. Sequência da primeira estadia no Japão;
- 6) Capítulos 144 a 171. Sequência da embaixada ao Calaminhão;
- 7) Capítulos 172 a 199. Desvios e enleios pelo Sonda e Sião;
- 8) Capítulos 200 a 218. Sequência de São Francisco Xavier;
- 9) Capítulos 218 a 225. Desvios e enleios com padre Belchior e quarta estadia no Japão;
- 10) Capítulo 226. Núcleo conclusivo.»¹⁴⁷

Tendo em consideração os vários contributos atrás apresentados e os nossos objetivos, a metodologia por nós concebida envolve os cinco momentos narrativos seguintes: «A Partida de Lisboa e o Início da Aventura»; «Na Companhia de António de Faria e o seu Derradeiro Naufrágio»; «A China: Utopia e Deambulação do Sujeito Peregrinante»; «O Japão e a Missão de Francisco Xavier»; e «O Retorno a Portugal».

Segundo esta segmentação metodológica, procuraremos analisar comparativamente esta obra com as suas quatro traduções atrás mencionadas com o intuito de encontrar, nos momentos narrativos propostos, os traços que as tornam singulares e adequadas a novos sistemas, contextos e leitores. Pretendemos encontrar, nos momentos diegéticos acima apresentados, pormenores que, de algum modo, nos permitam concluir se todas as traduções tiveram como fonte o texto original ou se dele tomaram conhecimento a partir de outras traduções precedentes, em especial da tradução espanhola, da francesa ou da neerlandesa. Refira-se, desde já, que esta última não faz parte do nosso objeto de estudo por não dominarmos a língua holandesa. Para além disso, apresentaremos um confronto contínuo de cada tradução com o original português para que o leitor possa perceber a dimensão da liberdade tradutológica de cada tradutor, num século em que os direitos de autor e a obrigatoriedade do respeito jurídico pelo mesmo eram inexistentes.

Enfim, no decurso desta investigação, pretendemos demonstrar não só que Francisco de Herrera Maldonado, Bernard Figuiet, Henry Cogan e o tradutor anónimo X. ou antes os editores Henrich e Dietrich Boom foram tradutores-(re)criadores que facilitaram a divulgação desta obra portuguesa, do seu conteúdo e, fundamentalmente, da sua mensagem universal, revitalizando-a, ainda que de formas distintas e por razões, por vezes, comuns. Salientamos, por fim, uma outra finalidade nossa que consiste na avaliação do significado e da relevância da receção da tradução-adaptação da obra de

¹⁴⁷ Seixo, Maria Alzira, «Rotas semânticas e narrativas da *Peregrinação*», in *O Discurso Literário da 'Peregrinação'*, Seixo, Maria Alzira e Christine Zurbach (org.), Ed. Cosmos, Lisboa, 1999, pp. 198-210.

Fernão Mendes Pinto nos diversos contextos culturais e literários de chegada (no momento imediato e para além dele).

CAPÍTULO 2

TRADUÇÕES-(RE)CRIAÇÕES DA *PEREGRINAÇÃO* E PROCESSOS TRADUTIVOS NO SÉCULO XVII EUROPEU

2.1. A História das Primeiras Traduções da *Peregrinação*

2.1.1. Os Contextos das suas Publicações

Em finais do século XV, Vasco da Gama iniciou a rota Europa-Índia e, à sua semelhança, outros portugueses aventuraram-se por esses mares. Todos eles regressavam ao ponto de partida munidos de novos saberes obtidos a partir da experiência do Oriente. As detalhadas descrições dos lugares encontrados nessas aventuras do princípio do século XVI foram realizadas nas formas escrita e, também, oral. Vários textos, cartas, crónicas, súmulas e relatórios de autores portugueses, de entre os quais se destacam Tomé Pires, Duarte Barbosa, João de Barros, Fernão Lopes de Castanheda, Gaspar Correia, António Galvão, Jerónimo Osório, Damião de Góis, Francisco de Andrade, Diogo de Couto e, naturalmente, Fernão Mendes Pinto, entre muitos outros, deram a conhecer as belezas daquelas paisagens e as peculiaridades daqueles espaços. Fernão Mendes Pinto, ao contrário de todos os outros, preocupou-se em registar as múltiplas e diversificadas experiências, verídicas ou ficcionais, decorrentes das suas deambulações por terras da Ásia e do Oriente, tal como defende Maria Alzira Seixo:

«In fact, on the one hand, the *Peregrination* develops a combined structure of travelogue, inherited from the Middle Ages tradition and transformed by the empirical views recorded in contemporary accounts, but it presents [...] a sense of autobiographical trends and a tendency to a recurrent commutation between fact and fiction (what has been called, in the field of history, Pinto's tendency to lie), which is perhaps annoying for historians but most relevant for those who are mainly interested in the process of literary composition; on the other hand, the *Peregrination* reveals a mixed sensibility that is basically supported by Renaissance goals but develops a baroque style, simultaneously expanding the possibility of writing not only according to models inherited from Antiquity but also following contemporary tendencies towards empirical descriptions based on direct experience and observation, as well as anonymous subject-matters found in everyday life.»¹⁴⁸

¹⁴⁸ Seixo, Maria Alzira, «Wanderlust and difference. Shifts of excitement in Travel Narrative (Fernão Mendes Pinto's *Peregrination*)», in *A Vertigem do Oriente – Modalidades Discursivas no Encontro de Culturas*, Laborinho, Ana Paula, Maria Alzira Seixo e Maria José Meira (org.), Ed. Cosmos, Lisboa, 1999, p. 158.

A autora refere ainda no mesmo estudo, entre outras coisas, que a composição da obra se baseia na justaposição de episódios num processo temporal linear. A este respeito, lembra-nos Alberto Carvalho o que Eduardo Lourenço afirmou relativamente à arquitetura deste texto:

«[...] esta narrativa ‘não está tão distante quanto se possa crer da dos romances de Cavalaria, ainda então em voga’, [...] questão que Barthes esclarece teoricamente enquanto caso normal de imbricação de sequências narrativas. O risco de fragmentação que pode ocorrer nos romances de Cavalaria, com as suas sucessivas aventuras completas unidas topo a topo, encontra-se anulado pela lógica integradora das acções cumpridas no nível mais elevado da personagem única que assegura a continuidade do processo.»¹⁴⁹

Conforme afirma José Manuel Garcia, a *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto é autobiográfica e,

«[...] reflectindo de forma directa as experiências de um português que andou por muito tempo em inúmeras terras longínquas, essa obra soube reunir todos os géneros literários então existentes, desde a crónica ao relato de naufrágios, cercos e batalhas, passando pela descritiva de terras e gentes (Geografia e Antropologia), a epistolografia, a roteirística e até as prosas doutrinárias, a crítica social e o panegírico, sem esquecer o recurso à cartografia.»¹⁵⁰

Esta extensa e admirável obra foi publicada trinta e um anos após a morte de Fernão Mendes Pinto pelo célebre impressor Pedro Crasbeeck, à custa de Belchior de Faria. O público de então tinha um voraz gosto por «notícias exóticas e sensacionais» e por «fantásticas aventuras em terras longínquas»¹⁵¹, pelo que a sua receção foi notável. Tal facto poderá explicar, igualmente, a razão pela qual a obra foi traduzida, por exemplo, para espanhol, em 1620; para francês, em 1628; para holandês, em 1652; para inglês, em 1653; e para alemão, em 1671.

Fernão Mendes Pinto (1509/1511 – 8.7.1583¹⁵²) recorda a morte de D. Manuel I, que teve lugar em 13 de dezembro de 1521. D. João III sobe, assim, ao trono e recebe uma herança complicada. Só as viagens marítimas poderiam constituir uma forma de

¹⁴⁹ Carvalho, Alberto, «Mas este é o mundo da *Peregrinação*, segundo Fernão Mendes Pinto (caminhos do Oriente)», in *O Discurso Literário da ‘Peregrinação’*, Seixo, Maria Alzira e Christine Zurbach (org.), Ed. Cosmos, Lisboa, 1999, p. 16.

¹⁵⁰ Garcia, José Manuel, «Apresentação», in *Peregrinação de Fernão Mendez Pinto*, Pinto, Fernão Mendez, edição fac-similada de José Manuel Garcia, Castoliva editora, Maia, 1995, p. 8.

¹⁵¹ Garcia, José Manuel, «Apresentação», in *Peregrinação de Fernão Mendez Pinto*, Pinto, Fernão Mendez, edição fac-similada de José Manuel Garcia, Castoliva editora, Maia, 1995, p. 8.

¹⁵² Faria, Francisco Leite de, *As Muitas Edições da ‘Peregrinação’ de Fernão Mendes Pinto*, Academia Portuguesa da História, Lisboa, 1992, p. 13.

gerir os interesses do país. A *Peregrinaçam* de Fernão Mendes Pinto, um relato de aventuras no Extremo Oriente, recheado de inexatidões e fantasias, é redigida entre 1558 e 1583, na sua quinta do Pragal-Almada, onde são recordados, recriados e registados as deslocações, os lugares, os povos, as experiências, as aventuras e as peripécias vividas e observadas pelo narrador Fernão Mendes (o «pobre de mim») autodiegético, homodiegético e heterodiegético, no período histórico supostamente compreendido entre 1537 e 1558.

Trata-se de uma obra referente ao século XVI, contudo publicada *post mortem*, no dia 26 de fevereiro de 1614, ou seja, no século XVII, e que despertou o interesse de vários autores e letrados, de entre os quais começamos por destacar Francisco de Herrera Maldonado, o qual contactou com o manuscrito original logo após a sua publicação. José Manuel Garcia cita o referido autor a propósito do depoimento deste em relação à intervenção do cronista Francisco de Andrade na preparação da edição. José Manuel Garcia acrescenta, no entanto, que essa intervenção terá, eventualmente, consistido apenas na segmentação do manuscrito em capítulos:

«[...] quando vinieron à sus manos estos originales de Fernan Mendez Pinto, para que los dispusiese, corrigiesse e enmêdasse antes de imprimirlos [...]’ e ainda que tendo-lhe dado o ‘dicho cargo de pulirlas é le parecio que lo estauan bastantemente com diuidirlas en capitulos sin considerar las mayores faltas, y sin hazerlas mas defensa [...]’»¹⁵³

No que diz respeito à apresentação do manuscrito, Francisco Leite de Faria postula que o Santo Ofício terá procedido a cortes, na sequência da revisão de que foi alvo antes da sua publicação; porém, não há informações exatas sobre:

«[...] quais foram as palavras, ou frases, ou partes desse livro, que se suprimiram, ou modificaram. Se houve supressão ou modificação, isso foi decerto coisa de muitíssima pouca importância, como geralmente acontecia em livros, que não tratavam de assunto religioso. Ter-se-ia modificado apenas alguma palavra, ou expressão mal soante, que escandalizasse as pessoas piedosas, mas nada indica que Fernão Mendes Pinto, cristão crente e piedoso, a tenha usado.»¹⁵⁴

As peripécias e os perigos vividos pelos portugueses que se aventuraram para melhorar as suas vidas encontram-se perfeitamente espelhados neste «testemunho da

¹⁵³ Garcia, José Manuel, «Apresentação», in *Peregrinaçam de Fernão Mendez Pinto*, Pinto, Fernão Mendez, edição fac-similada de José Manuel Garcia, Castoliva editora, Maia, 1995, p. 11.

¹⁵⁴ Faria, Francisco Leite de, *As Muitas Edições da ‘Peregrinação’ de Fernão Mendes Pinto*, Academia Portuguesa da História, Lisboa, 1992, p. 18.

experiência asiática»¹⁵⁵, que despertou a curiosidade de um abrangente público-alvo entre fronteiras e para além delas, quer seja na sua versão original quer nas versões traduzidas supra-indicadas.

Entre 1537 e 1558, Fernão Mendes Pinto viaja para as longínquas terras do Oriente movido pelo mesmo desejo de muitos portugueses que seguiram o exemplo de Vasco da Gama e, depois de regressar ao país, coloca no papel, pormenorizadamente, as aventuras por ele, então, vividas e/ou imaginadas. A primeira versão, ou parte da obra, data de 1569, a segunda, de 1572. Entre junho de 1581 e fevereiro de 1583, pensa-se que terá mostrado o seu trabalho a Filipe I de Portugal, conforme defende, em 1618, um dos seus grandes admiradores e autor da tradução espanhola de 1620, Francisco de Herrera Maldonado. Filipe I atribuiu uma tença anual de dois moios de trigo ao autor português, o que demonstra o valor que lhe reconheceu.

No que diz respeito ao título, parece ser consensual que a designação *Peregrinaçam* é da autoria de Fernão Mendes Pinto, mas já a restante parte parece advir de um trabalho editorial, pelo cronista Francisco de Andrade (supostamente o responsável pela organização dos capítulos) ou por alguém ligado à impressão, revelando um pouco mais do conteúdo desta narrativa e assim procurando suscitar o interesse do leitor.

O título *Peregrinaçam* revela um sentido espiritual e mesmo religioso por parte do autor, o que poderá estar ligado ao facto de ter ingressado na Companhia de Jesus por volta de 1554. Sugere, na opinião de João David Pinto-Correia, essa «conotação religiosa [...] e derivada da primeira, pela sugestão de mensagem narrativa simplificada e linear que o texto parece anunciar»¹⁵⁶. Fernão Mendes Pinto terá considerado aquela «triste e trabalhosa peregrinação» pelo Oriente e Extremo Oriente como uma «deslocação», se não religiosa ou uma «romagem de devoção»¹⁵⁷, pelo menos proporcionadora de experiências transformadoras mediante as quais ele sofreu, refletiu, se condenou e redimiou:

¹⁵⁵ Garcia, José Manuel, «Apresentação», in *Peregrinaçam de Fernão Mendez Pinto*, Pinto, Fernão Mendez, edição fac-similada de José Manuel Garcia, Castoliva editora, Maia, 1995, p. 8.

¹⁵⁶ Pinto-Correia, João David, «4. O Lugar da 'Peregrinação' na Literatura de Viagens», in *A Peregrinação de Fernão Mendes Pinto*, Apres. Crítica, selecção, resumos, glossário e sugestões para análise literária de J. D. Pinto-Correia, 2ª edição, Col. «Textos Literários», Editorial Comunicação, Lisboa, 1979, p. 24.

¹⁵⁷ Pinto-Correia, João David, «4. O Lugar da 'Peregrinação' na Literatura de Viagens», in *A Peregrinação de Fernão Mendes Pinto*, Apres. Crítica, selecção, resumos, glossário e sugestões para análise literária de J. D. Pinto-Correia, 2ª edição, Col. «Textos Literários», Editorial Comunicação, Lisboa, 1979, p. 25.

«Mendes Pinto pensou talvez que a sua decisão de escrever a obra constituía já o início de uma remissão, principalmente para todos aqueles excessos do homem que ele nunca deixou de ser, para todos os seus desvarios de ‘pecador peregrino’.»¹⁵⁸

Ainda no que diz respeito ao título, Pinto-Correia refere que Francis M. Rogers levanta a hipótese de este ter resultado da influência da obra *Peregrinaggio di Tre Giovani Fugliuoli del Re di Serendippo* (1557; Tramazzino) da autoria de Armeno Christoforo. No entanto, Pinto-Correia acrescenta o seguinte acerca dessa questão:

«A *Peregrinação* vem a revelar-se algo de muito diferente. É que, se ela escapa a ser integrada em qualquer dos géneros citados, vai condensá-los a todos [...]. Deste modo, sendo a *Peregrinação* um ‘género misto’ segundo a expressão de Giuliano Macchi, nesta longa narrativa autobiográfica, ou nesta longa autobiografia romanceada, confluirão quase todos os géneros da Literatura de Viagens: crónica, relação, itinerário, carta, roteiro, registo, relato de naufrágios [...].»¹⁵⁹

Segundo Pinto-Correia, a diegese define-se em dois planos, sendo o primeiro o do «eu», impulsionado pelo desejo de melhorar a sua vida, levando-o a partir para o Oriente, tal como muitos outros na época dos Descobrimentos e não só. No final da sua deambulação, o «eu» encontra-se decepcionado com a sua vida de peregrino aventureiro. O segundo plano é o do «nós», no qual ocorrem várias situações, perigos, saques, prisões, banquetes, julgamentos, humilhação e condenações, entre muitas outras. Pinto-Correia, ao abordar a questão da organização do conteúdo narrativo desta obra, lembra que Lídia Silva Coelho defende que em cada episódio se verificam três momentos: a «ambição», a «realização» e a «decepção»¹⁶⁰; o «eu» é encontrado no primeiro e no último momentos, ou seja, o momento de crise apresenta «sucessivas fases de tipo disfórico alternando com poucas de resolução eufórica»¹⁶¹. O «eu» repetidamente afirma o seu cristianismo, reforçando reiteradamente a dívida para com Deus, dadas as suas ações e as do «nós» com os quais o narrador se identifica. António de Faria contrasta com Francisco Xavier, o homem santo, bom e cristão, cujo «percurso significa

¹⁵⁸ Pinto-Correia, João David, «4. O Lugar da ‘Peregrinação’ na Literatura de Viagens», in *A Peregrinação de Fernão Mendes Pinto*, Apres. Crítica, selecção, resumos, glossário e sugestões para análise literária de J. D. Pinto-Correia, 2ª edição, Col. «Textos Literários», Editorial Comunicação, Lisboa, 1979, p. 25.

¹⁵⁹ Pinto-Correia, João David, «4. O Lugar da ‘Peregrinação’ na Literatura de Viagens», in *A Peregrinação de Fernão Mendes Pinto*, Apres. Crítica, selecção, resumos, glossário e sugestões para análise literária de J. D. Pinto-Correia, 2ª edição, Col. «Textos Literários», Editorial Comunicação, Lisboa, 1979, p. 26.

¹⁶⁰ Pinto-Correia, João David, «3. A ‘Peregrinação’ Texto Autobiográfico/Narrativo», in *A Peregrinação de Fernão Mendes Pinto*, Apresentação crítica, selecção, resumos, glossário e sugestões para análise literária de J. D. Pinto-Correia, Col. «Textos Literários», Editorial Comunicação, Lisboa, 1979, p. 62.

¹⁶¹ Pinto-Correia, João David, «3. A ‘Peregrinação’ Texto Autobiográfico/Narrativo», in *A Peregrinação de Fernão Mendes Pinto*, Apresentação crítica, selecção, resumos, glossário e sugestões para análise literária de J. D. Pinto-Correia, Col. «Textos Literários», Editorial Comunicação, Lisboa, 1979, p. 62.

também metonimicamente a outra faceta da presença ocidental no Oriente: a expansão da fé cristã»¹⁶².

Pinto-Correia realça, por outro lado, a «‘crítica indirecta’ (expressão proposta por Jaime Cortesão e por António José Saraiva), isto é, posta na boca dos orientais»¹⁶³. Segundo este autor, trata-se de um «rasgo genial de Mendes Pinto de tal forma que situaria o nosso autor na vanguarda da História da Cultura»¹⁶⁴.

Na ótica de Rebecca Catz, esta obra portuguesa representa uma «sátira corrosiva, genialmente construída por um autor que propõe de si ‘um retrato de hipócrita’, o qual ‘é, em si mesmo, um verdadeiro monumento à hipocrisia’»¹⁶⁵, conforme refere Pinto-Correia. Alberto Carvalho reforça a imagem do protagonista como um «pobre coitado»:

«[e]nquanto se disseminam os índices do saldo positivo de ganhos económicos acumulados, e que Fernão Mendes Pinto vai descrevendo os caminhos novos e repetidos das ‘mercâncias’ e das missões de informação e de diplomacia, rarefazem-se também as expressões de autocompadecimento, do tipo ‘pobre de mim’.»¹⁶⁶

Por seu turno, Luciana Stegagno Picchio considera a obra um «antipoema, narrativa fantástica e picaresca na primeira pessoa do anti-herói-indivíduo»¹⁶⁷.

Segundo José Manuel Garcia, «Fernão Mendes Pinto revela-se-nos dominado por um catolicismo tradicional, que se pode caracterizar pela sua simplicidade mesclada do mais acutilante espírito crítico»¹⁶⁸. Diz-nos, igualmente, José Manuel Garcia que Fernão Mendes Pinto poderá ter sido influenciado pela obra *Terceira década da Ásia* de João de Barros (1563), cujo texto sobre o Sião conhecia perfeitamente:

¹⁶² Pinto-Correia, João David, «A construção do colectivo na *Peregrinação*: percursos e significado», in *O Discurso Literário da ‘Peregrinação’*, Seixo, Maria Alzira e Christine Zurbach (org.), Ed. Cosmos, Lisboa, 1999, p. 179.

¹⁶³ Pinto-Correia, João David, «4. O Valor Documental da ‘Peregrinação’: Autobiografia, Cultura e Ideologia», in *A Peregrinação de Fernão Mendes Pinto*, Apresentação crítica, selecção, resumos, glossário e sugestões para análise literária de J. D. Pinto-Correia, Col. «Textos Literários», Editorial Comunicação, Lisboa, 1979, p. 89.

¹⁶⁴ Pinto-Correia, João David, «4. O Valor Documental da ‘Peregrinação’: Autobiografia, Cultura e Ideologia», in *A Peregrinação de Fernão Mendes Pinto*, Apresentação crítica, selecção, resumos, glossário e sugestões para análise literária de J. D. Pinto-Correia, Col. «Textos Literários», Editorial Comunicação, Lisboa, 1979, p. 89.

¹⁶⁵ *Apud* Pinto-Correia, João David, «4. O Valor Documental da ‘Peregrinação’: Autobiografia, Cultura e Ideologia», in *A Peregrinação de Fernão Mendes Pinto*, Apresentação crítica, selecção, resumos, glossário e sugestões para análise literária de J. D. Pinto-Correia, Col. «Textos Literários», Editorial Comunicação, Lisboa, 1979, p. 89.

¹⁶⁶ Carvalho, Alberto, «Mas este é o mundo da *Peregrinação*, segundo Fernão Mendes Pinto (caminhos do Oriente)», in *O Discurso Literário da ‘Peregrinação’*, Seixo, Maria Alzira e Christine Zurbach (org.), Ed. Cosmos, Lisboa, 1999, p. 17.

¹⁶⁷ *Apud* Pinto-Correia, João David, «4. O Lugar da ‘Peregrinação’ na Literatura de Viagens: Autobiografia, Cultura e Ideologia», in *A Peregrinação de Fernão Mendes Pinto*, Apresentação crítica, selecção, resumos, glossário e sugestões para análise literária de J. D. Pinto-Correia, Col. «Textos Literários», Editorial Comunicação, Lisboa, 1979, p. 27.

¹⁶⁸ Garcia, José Manuel, «Apresentação», in *Peregrinação de Fernão Mendez Pinto*, Pinto, Fernão Mendez, edição fac-similada de José Manuel Garcia, Castoliva editora, Maia, 1995, p. 16.

«Como Fernão Mendes Pinto conhecia a obra de João de Barros e interessava-se particularmente pelo Sião, pensamos ser credível que, perante a referência na obra de Barros às viagens de Marco Polo, ele poderá ter pensado que a sua peregrinação pelo Oriente seria bem mais interessante de narrar do que aquela que se lia no *Marco Paulo*. Talvez influenciado por Barros, que o interrogava sobre o Extremo Oriente, teria então escrito a sua *Peregrinação*.»¹⁶⁹

A obra literária narrativa e descritiva de Fernão Mendes Pinto constitui um legado português inigualável, tendo sido objeto de dezasseis edições portuguesas. Foi talvez a obra portuguesa mais lida e admirada de acordo, ainda, com José Manuel Garcia, pela riqueza e diversidade de aspetos nela contidos:

«Quanto a nós a *Peregrinação* é percorrida constantemente por uma tensão criadora expressa num discurso exótico e maravilhoso, que se situa entre o real e o imaginário. A narrativa e a descritiva literária, na frase fácil e saborosa de Fernão Mendes Pinto, tem a natural capacidade de nos seduzir. As suas palavras espantam-nos ao elevarem-se a um aparente realismo e ao aproximar-nos de algo que nos ultrapassa pelo seu afastamento no tempo e no espaço. Perante o seu texto sentimo-nos sempre como que num jogo onde não se sabe até onde vai a fantasia encontrar-se com a realidade, que obviamente está subjacente ao que ele conta, embora sem o rigor que se poderia exigir a um texto cronístico num sentido estrito.»¹⁷⁰

Célia Carvalho postula que a *Peregrinação* constitui, indiscutivelmente, uma narrativa de viagens, pois nela

«[o] carácter utilitário da viagem, as constantes referências à simplicidade da escrita ('esta rude e tosca escritura', p. 2), como garantia de fidedignidade de quem escreve, e a consequente preocupação com a veracidade assumem-se como as marcas formais do género, 'cujas qualidades essenciais são a verdade e a simplicidade'.»¹⁷¹

A mesma autora, adianta ainda que a utilização das primeira e terceira pessoas do plural concorre para o estabelecimento de uma relação entre o estatuto de autobiografia desta obra portuguesa e as condicionantes da literatura de viagens do século XVI.

Enfim, a *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto (tal como toda a literatura portuguesa de viagens desta época) favoreceu o diálogo entre os mundos e revelou-se

¹⁶⁹ Garcia, José Manuel, «Apresentação», in *Peregrinação de Fernão Mendez Pinto*, Pinto, Fernão Mendez, edição fac-similada de José Manuel Garcia, Castoliva editora, Maia, 1995, p. 14.

¹⁷⁰ Garcia, José Manuel, «Apresentação», in *Peregrinação de Fernão Mendez Pinto*, Pinto, Fernão Mendez, edição fac-similada de José Manuel Garcia, Castoliva editora, Maia, 1995, p. 16.

¹⁷¹ Carvalho, Célia, «Acerca da autobiografia na *Peregrinação*», in *O Discurso Literário da 'Peregrinação'*, Seixo, Maria Alzira e Christine Zurbach (org.), Ed. Cosmos, Lisboa, 1999, p. 32.

um essencial objeto de trabalho para inúmeros autores e investigadores, conforme nota Maria Alzira Seixo:

«[...] the *Peregrination* must be seen in relation to travelogues in general, and also in what sense this text develops deviations which may bring it closer to other sorts of hypertext, and particularly the novel as a genre. In any case, it must be considered that, while the study of this narrative is essential for the understanding of travel literature as a genre within world literature, when it comes to general literature as well, the work of Fernão Mendes Pinto cannot be neglected in a cautious consideration of literary modernity.»¹⁷²

Esta obra e muitas narrativas de viagens, segundo Alberto Carvalho, apresentam no seu interior um conjunto de histórias «motivadoras da leitura»¹⁷³. Para além disso, Fernão Mendes Pinto repete, no princípio desta sua obra e no seu final, o resumo dos momentos por si vividos no decurso dos vinte e um anos no Oriente, devendo a primeira ocorrência ser considerada como «antecipação quantificadora do conteúdo endereçado à curiosidade do destinatário da história»¹⁷⁴ e a segunda recebe por acréscimo a «asserção ‘desaventurados sucessos’ que faz de juízo retrospectivo, de apelo manipulador do sentimentalismo»¹⁷⁵, atitudes que contribuem para adicionar um toque emocional à receção da obra.

Com efeito, vários são os aspetos deste texto que despoletam o interesse por esta narrativa de imaginação, mas também narrativa documental. Não obstante, a prática tradutiva não foi, naturalmente, alheia aos contextos social, religioso e político vividos, em particular, na Inglaterra e na Alemanha, no século XVII, anglicanos e luteranos, respetivamente. A esses fatores deve-se, com certeza, a supressão dos vários capítulos relativos ao padre Francisco Xavier, dado o notório encómio e panegírico do padre católico, pouco consentâneo com os contextos de receção inglês e alemão:

«O longo enunciado das disputas de Francisco Xavier com os bonzos da corte do Bungo [...] dá-se aí a ler como um significante escritural da excelência do cristianismo,

¹⁷² Seixo, Maria Alzira, «Wanderlust and difference. Shifts of excitement in Travel Narrative (Fernão Mendes Pinto's *Peregrination*)», in *A Vertigem do Oriente – Modalidades Discursivas no Encontro de Culturas*, Laborinho, Ana Paula, Maria Alzira Seixo e Maria José Meira (org.), Ed. Cosmos, Lisboa, 1999, p. 164.

¹⁷³ Carvalho, Alberto, «Representação do espaço em *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto», in *A Vertigem do Oriente – Modalidades Discursivas no Encontro de Culturas*, Laborinho, Ana Paula, Maria Alzira Seixo e Maria José Meira (org.), Ed. Cosmos, Lisboa, 1999, p. 168.

¹⁷⁴ Carvalho, Alberto, «Mas este é o mundo da *Peregrinação*, segundo Fernão Mendes Pinto (caminhos do Oriente)», in *O Discurso Literário da 'Peregrinação'*, Seixo, Maria Alzira e Christine Zurbach (org.), Ed. Cosmos, Lisboa, 1999, p. 17.

¹⁷⁵ Carvalho, Alberto, «Mas este é o mundo da *Peregrinação*, segundo Fernão Mendes Pinto (caminhos do Oriente)», in *O Discurso Literário da 'Peregrinação'*, Seixo, Maria Alzira e Christine Zurbach (org.), Ed. Cosmos, Lisboa, 1999, p. 17.

verdade absoluta que se ostenta e demonstra por uma retórica argumentativa superior.»¹⁷⁶

Tal como nos diz João Carlos F. A. de Carvalho, ao referir-se a duas intenções patentes nesta obra, a «intenção propedêutica, a um destinatário primeiro/primário» e «uma preocupação em escrever para todo o leitor contemporâneo e vindouro, Fernão Mendes Pinto terá pretendido fazer chegar uma mensagem de confiança cristã na própria Humanidade»¹⁷⁷, a qual não seria bem aceite na Holanda, Alemanha e em Inglaterra, dada a sua conotação católica.

Defende João Carlos F. A. de Carvalho que coexistem nesta obra temas tais como a «Identidade e Diferença», o «Mesmo e o Outro», o «Antes e o Depois»¹⁷⁸. Acerca deste assunto, o autor em causa refere que são evidentes os «descentramentos/aberturas» ou os «centramentos/fechamentos»¹⁷⁹ exigidos pelas mentalidades da época.

Luís Fróis (1532-1597), autor das *Cartas do Japão, no seu Tratado das Coisas do Japão* (1585), ao descrever as seitas e as práticas religiosas no Japão, condena os cultos locais mediante debates entre jesuítas e bonzos, em que estes saem derrotados. Não obstante, sempre que tal não se verificou e o fascínio ou o interesse pela religião do Outro se fizeram notar, segundo Matthias Langendorff «Roma encarrega-se de apagar, entre a versão manuscrita de Fróis e a versão impressa, as passagens de maior fidelidade descritiva da religião do Outro»¹⁸⁰. Ora, à semelhança deste documento de Fróis, a *Peregrinação* apresenta-nos um debate muito semelhante acerca da diferença entre as visões ocidental e oriental da religião.

Exemplificativa da sátira aos Descobrimentos e essencial à aprendizagem do narrador-protagonista é a sequência narrativa que diz respeito à pirataria, em que a figura central é António de Faria. No que diz respeito ao desaparecimento desta personagem, na sequência do roubo da prata existente nos jazigos dos reis na Ilha de

¹⁷⁶ Carvalho, Alberto, «Representação do espaço em *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto», in *A Vertigem do Oriente – Modalidades Discursivas no Encontro de Culturas*, Laborinho, Ana Paula, Maria Alzira Seixo e Maria José Meira (org.), Ed. Cosmos, Lisboa, 1999, p. 179.

¹⁷⁷ Carvalho, João Carlos F. A. de, *Ciência e Alteridade na Literatura de Viagens – Estudo de Processos Retóricos e Hermenêuticos*, Edições Colibri, Lisboa, 2003, pp. 123-124.

¹⁷⁸ Carvalho, João Carlos F. A. de, *Ciência e Alteridade na Literatura de Viagens – Estudo de Processos Retóricos e Hermenêuticos*, Edições Colibri, Lisboa, 2003, p. 125.

¹⁷⁹ Carvalho, João Carlos F. A. de, *Ciência e Alteridade na Literatura de Viagens – Estudo de Processos Retóricos e Hermenêuticos*, Edições Colibri, Lisboa, 2003, p. 125.

¹⁸⁰ Langendorff, Matthias, «A imagem das religiões na *Peregrinação*», in *O Discurso Literário da 'Peregrinação'*, Seixo, Maria Alzira e Christine Zurbach (org.), Ed. Cosmos, Lisboa, 1999, p. 129.

Calemply, da tempestade que os assola e à abdicação das riquezas e ao naufrágio, Carlos Jorge realça o seguinte:

«[...] a figura do pirata funcionou sobretudo como modelo de capacidade combativa de astúcia perante a adversidade. Assim, como personagem intermediária, desde os percursos pelo perigo até à descida ao ‘reino da morte’, ele funcionou como um propiciador de sabedoria. Nem toda essa sabedoria foi positiva, é certo. [...] Sem o que aprendeu com António de Faria, ‘o pobre de mim lançado nos mares’, um número infinito de vezes naufragado, aprisionado e despojado, não teria chegado aos patamares seguintes.»¹⁸¹

Ainda no que se refere a esta personagem central, Matthias Langendorff defende que esta obra reflete uma lógica de Cruzada indiscutível, em que a religião cristã é oposta à muçulmana:

«No capítulo 59, em que é descrito o combate que António de Faria e o pirata Coja Acém travam em Lailoo, a religião cristã é apresentada por oposição com o islamismo. Os dois piratas que se defrontam funcionam como esquematizações paradigmáticas do mundo cristão e do mundo muçulmano.»¹⁸²

Diz o mesmo autor que, nesta obra, «coexistem dois princípios complementares da representação: um princípio de fidelidade à representação histórica e antropológica, e um princípio alegórico e alusivo»¹⁸³.

Luís Filipe Barreto, por seu turno, afirma que esta obra portuguesa representa uma «catedral antropológica do Renascimento Português», cuja amplitude:

«[...] exprime a sincretização paradoxal das antropologias da antropologia renascentista segundo um movimento ora de choque concorrencial ora de porosa aliança entre as antropologias filosóficas, etnológico-colonial e ideológica.»¹⁸⁴

Trata-se de uma obra que se pode comparar a uma enciclopédia dos Descobrimentos, tocando em inúmeros

¹⁸¹ Jorge, Carlos Jorge Figueiredo, «A dimensão da pirataria na *Peregrinação* – Poder e contrapoder: uma ideologia da paródia», in *O Discurso Literário da ‘Peregrinação’*, Seixo, Maria Alzira e Christine Zurbach (org.), Ed. Cosmos, Lisboa, 1999, pp. 89-90.

¹⁸² Langendorff, Matthias, «A imagem das religiões na *Peregrinação*», in *O Discurso Literário da ‘Peregrinação’*, Seixo, Maria Alzira e Christine Zurbach (org.), Ed. Cosmos, Lisboa, 1999, pp. 124-125.

¹⁸³ Langendorff, Matthias, «A imagem das religiões na *Peregrinação*», in *O Discurso Literário da ‘Peregrinação’*, Seixo, Maria Alzira e Christine Zurbach (org.), Ed. Cosmos, Lisboa, 1999, p. 126.

¹⁸⁴ Barreto, Luís Filipe, «Introdução à *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto», in *A Abertura do Mundo – Estudos de História dos Descobrimentos Europeus*, Domingues, Francisco Contento e Luís Filipe Barreto (org.), col. «Métodos», Ed. Presença, Lisboa, 1ª ed., 1986, p. 115.

«[...] tópicos temáticos e problemáticos do universo renascentista (como o informativo, novo, pícaro, satírico, religioso, crítico, etc.), mas que, no essencial, se afirma como unidade de juiz/juízo da condição e destino tanto de Portugal e dos portugueses como do encontro civilizacional, feito em choque-diálogo, dos dois pólos chave do mundo: o Ocidente e o Oriente.»¹⁸⁵

A visão antropológica, defendida por este autor, encontra-se patente nesta obra-prima portuguesa ora em termos etnológicos (usos e costumes do Outro civilizacional), ora em termos filosóficos (avaliação da condição e do destino do Homem).

Relativamente a esta posição de Luís Filipe Barreto, acrescenta João Carlos F. A. de Carvalho:

«A construção da Identidade e da Diferença, veiculada pelo texto, deve ainda ter em consideração a complexidade acrescida que decorre da natureza textual, ou seja, das já referidas fronteiras porosas entre o documental (registo factual) e o literário (perigos da imaginação), entre o autobiográfico banal da época (português parte em busca aventureira de riqueza no Oriente), dirigido a um destinatário restrito e modesto (plano do objecto proclamado), e a recriação de um universo antropológico-cultural dos Descobrimentos, onde a experiência/aprendizagem de um sujeito peregrino é convertida em mensagem (cristã), dirigida à Humanidade (plano do objectivo implícito). Contudo, enquanto autobiografia, estamos, desde logo, perante um discurso de 2º grau, literária e retoricamente codificado (problemáticas do fingimento e da persuasão), uma complexa rede narrativa, em que o vaivém antropológico-filosófico (do Mesmo ao Outro e do Outro ao Mesmo) é feito através de um eu ontológico e gnoseológico, o qual, se é certo que se metamorfoseia, obriga sempre a que o Sujeito-Mesmo se reflecta a Si-Mesmo entre as condicionantes da época e as aberturas possíveis, mas, por vezes, ousadas, ao Outro como radicalmente Outro e como Semelhante.»¹⁸⁶

No que respeita aos contextos de chegada das traduções que constituem o nosso objeto de estudo, recorde-se que, em Espanha, se vivia uma fase de declínio de poder desde a morte de Filipe II (1556-1598). No reinado de Filipe III (1598-1621), foi assinado um tratado de paz com a Inglaterra (1604) e com a Holanda (1609); no entanto, os seus gastos continuaram a contribuir para o declínio de Espanha. Em 1618, verificou-se uma disputa entre o imperador Fernando II e os Protestantes Boémios, tendo-se dado o início da Guerra dos Trinta Anos (1618-1648). Espanha interveio no sentido de auxiliar os austríacos de Hadesburgo, de expandir a fé Católica e de recuperar as províncias holandesas. De acordo com John F. Coverdale, na área das artes e da literatura, pelo contrário, este foi um período áureo:

¹⁸⁵ Barreto, Luís Filipe, «Introdução à *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto», in *A Abertura do Mundo – Estudos de História dos Descobrimentos Europeus*, Domingues, Francisco Contente e Luís Filipe Barreto (org.), col. «Métodos», Ed. Presença, Lisboa, 1ª ed., 1986, p. 115.

¹⁸⁶ Carvalho, João Carlos F. A. de, *Ciência e Alteridade na Literatura de Viagens – Estudo de Processos Retóricos e Hermenêuticos*, Edições Colibri, Lisboa, 2003, pp. 139-140.

«Throughout the 16th and a good part of the 17th century, the intellectual life of the nation flourished. [...] Literature produced the incomparable Cervantes (1547-1616), whose novel *Don Quixote* is the common possession of all western nations.»¹⁸⁷

Antes ainda desta narrativa de Miguel de Cervantes, em 1554, imprimiram-se três edições da *Vida de Lazarillo de Tormes y de sus fortunas y adversidades*, o que representava uma novidade em termos de assunto e técnica narrativa. Ao longo do século XVII, dá-se uma desintegração da novela¹⁸⁸ picaresca a par dos contactos deste género literário com outros:

«Hablamos de desintegración, y no de decadencia, ni menos de extinción, porque otros géneros literarios, novelescos o no, recogen su herencia de tal manera, que, cuando a fines del siglo XVII no se escriben ya en España novelas picarescas, su espíritu satírico y popular, su afán corrector de costumbres, las travesuras de los pícaros y, sobre todo, su técnica realista, producen nuevos frutos en las literaturas extranjeras, y permanecen en las letras españolas como aptitud lograda por una larga experiencia literaria, capaz de retoñar aquí y allá.»¹⁸⁹

Francisco de Herrera Maldonado (1575-1633, Oropesa), cónego da Igreja Real de Arbas, em León, e tradutor, terá vivido durante algum tempo em Évora e foi autor de poesia religiosa, de um compêndio sobre a história da China, de uma eulogia sobre os Toledos de Castilla e de uma hagiografia de Bernardino de Obregón. Foi também o fundador de uma ordem de monges. Traduziu a *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto e obras de outros autores representativos, tais como o italiano humanista Jacopo Sannazaro e o grego Lucian¹⁹⁰.

¹⁸⁷ Coverdale, John F., «Decline of Spanish Power», in *Collier's Encyclopedia*, Bahr, Lauren S. (dir.), Macmillan Educational Company, New York, 1992, vol. 21, p. 398A.

¹⁸⁸ Ribeiro, Cristina Almeida, «Novelas que fizeram História: a Narrativa Curta Espanhola na Literatura Francesa do Século XVII», in *Histórias Literárias Comparadas*, Seruya, Teresa e Maria Lin Moniz (org. e coord.), Edições Colibri, Centro de Literatura e Cultura Portuguesa e Brasileira, Universidade Católica Portuguesa, 11 e 12 de nov. 1999, Actas do Colóquio Internacional, p. 57: «[...] em pleno século XVII, a novela espanhola é objecto, em França, de uma espécie de categorização. Sugerida, por exemplo, pelo facto de essa classificação, frequentemente inscrita em espaços paratextuais, ser comparável a outras como 'novela galante' ou 'novela histórica', com as quais entra em concorrência [...]».

¹⁸⁹ Gaya, Samuel Gili, «La Novela Picaresca en el siglo XVI», in *Historia General de las Literaturas Hispánicas – Renacimiento y Barroco*, Díaz-Plaja, Guillermo (dir.), Editorial Barna, Barcelona, 1953, vol. III, p. 91.

¹⁹⁰ Outras obras impressas por Francisco de Herrera Maldonado, para além tradução da *Peregrinação*, segundo a Universidade Carlos III de Madrid: «*Sanaçaro español... los tres libros del parto de la Virgen...* (1616); *Epítome historial del reyno de la China: Muerte de su Reyna, madre de este Rey que oy vine, que sucedió á treinta de março, del año de mil seiscientos y diez y siete Sacrificios y ceremonias de su entierro. Consta descripción de aquel Imperio. Y la introducción en el de nuestra Santa Fé Católica* (1621); *Luciano de Samosata. Luciano español: diálogos morales, útiles por sus documentos* (1621); *Discurso panegírico y descendencia de los Toledos de Castilla* (1622); *Libro de la vida y maravillosas virtudes del Siervo de Dios Bernardino de Obregon, Padre y Fundador de la Congregacion de los Enfermeros pobres y Autor de muchas obras pias de Madrid y otras partes* (1633)».

Terão contribuído para que Herrera Maldonado tomasse a decisão de levar a cabo semelhante trabalho tradutológico a admiração pelo autor e pela sua obra, e o reconhecimento da singularidade de uma escrita que, entre a realidade e a imaginação, desperta e excita a curiosidade do leitor ávido de novidade e de exotismo. Para além disso, terão sido, igualmente, decisivos, o facto de se tratar de uma obra em que se inscrevem tradições mas também inovações, e de ser uma narrativa autobiográfica romanceada, escrita por um cristão-católico, no contexto dos encontros civilizacionais da Época dos Descobrimentos.

No território francês, a morte de Henrique IV foi seguida de um clima de querelas. O espírito da Renascença e a influência italiana, afirmada claramente através das obras do século XVI, adquiriram uma força assinalável, reforçando a polémica religiosa e o equilíbrio moral construído a partir de uma longa tradição do cristianismo. A recuperação dos textos antigos passou a ser uma preocupação:

«Ce qui reste, à l'aube du siècle, de l'immense effort humaniste par qui l'accès aux textes anciens a été rétabli, c'est d'abord qu'à travers la multiplicité des enseignements, l'antiquité nous livre l'exemple d'une sagesse que l'homme a tirée de sa propre et seule réflexion et que cette sagesse est à l'épreuve du temps et des variations humaines, à l'épreuve même de la révélation chrétienne.»¹⁹¹

No século XVII, a tradução encontrou um clima favorável ao seu florescimento e as obras espanholas pareciam ocupar largamente os tradutores franceses, tal como menciona Cristina Almeida Ribeiro:

«Os dados de que hoje dispomos permitem-nos situar a tradução ao nível dos 10% de toda a actividade editorial desenvolvida em França no século XVII e, nesse conjunto, uma parcela significativa corresponde a traduções de obras espanholas, entre as quais se destacam algumas colecções de novelas, publicadas na íntegra ou parcialmente, em certos casos logo um ou dois anos após a sua primeira edição em Espanha.»¹⁹²

A corrupção da alma, a maldição divina, os vícios do coração, os crimes e as punições dos homens são apenas alguns dos temas a que se dedicaram muitos escritores e tradutores. No que se refere a Bernard Figuier, o tradutor francês da *Peregrinação*, o tema que promoveu o respetivo ato tradutivo foi, provavelmente, o das viagens por

¹⁹¹ Tournand, Jean-Claude, *Introduction à la vie littéraire du XVIIe siècle*, Bordas, Paris, 1984, p. 11.

¹⁹² Ribeiro, Cristina Almeida, «Novelas que fizeram História: a Narrativa Curta Espanhola na Literatura Francesa do Século XVII», in *Histórias Literárias Comparadas*, Seruya, Teresa e Maria Lin Moniz (org. e coord.), Edições Colibri, Centro de Literatura e Cultura Portuguesa e Brasileira, Universidade Católica Portuguesa, 11 e 12 de nov. 1999, Actas do Colóquio Internacional, p. 59.

terras desconhecidas. Pinto-Correia refere-se a Bernard Figuiet ou a Bernardo Figueira como um «estrangeirado» que nutria uma notória admiração por Fernão Mendes Pinto e pela sua obra:

«Em 1628, é um Bernardo Figuiet, ‘Gentilhomme portugais’, mas naturalmente que ‘estrangeirado’, quem traduz para francês a *Peregrinação* com o título *Les Voyages Adventureux* de Fernand Mendes Pinto. A obra, impressa ‘chez Mathurin Henault’, vai dedicada ao Cardeal Richelieu. No espaço correspondente a quatro páginas, este estrangeiro Figuiet (um Bernardo Figueira) também confessa a sua admiração pela obra e pelo seu autor, e tenta convencer Richelieu da singularidade das páginas que irá ler [...]»¹⁹³

Relativamente a este tradutor, segundo Francisco Leite de Faria, diz o Padre Barbosa Machado tratar-se de um fidalgo português chamado Bernardo Figueira, «[...] aliás, ele próprio na portada da sua tradução francesa diz de si mesmo que era *gentilhomme portugais*, isto é, um fidalgo português, e decerto não lhe interessava mentir»¹⁹⁴. Este tradutor vivera quase 50 anos em França, a acompanhar o Prior do Crato, e dominava a língua francesa. O Humanismo terá, com efeito, contribuído para despertar o seu interesse por esta obra portuguesa.

Em Inglaterra, durante o reinado de Isabel I (1558-1603), a literatura da Renascença Inglesa alcançava um ponto áureo de energia e variedade. Entretanto, o contacto com as literaturas estrangeiras modernas, em particular a italiana, foram responsáveis por novos tipos e formas literários, e, igualmente, pela proliferação das traduções. Por outro lado, as viagens de exploração e descoberta, e os relatos e dados transmitidos por Richard Hakluyt e Samuel Purchas contribuíram para desenvolver um interesse pelo mundo e pela prática da tradução:

«Original Works in Latin and Greek and translations of ancient Works stimulated an interest in classical culture that profoundly affected cultural and literary standards. Perhaps the most important influence on the entire age was Elizabeth herself and what she came to symbolize. If religious controversy, exploration, and classical learning all tended to lead the Elizabethans to a new sense of their position in the world, the universe, and history, it was Elizabeth who made visible that newness and optimism with imperial authority and brilliance. [...] With her death a more somber tone entered the literature and thought of the country. The disappearance of the imperial, brilliant figure of the Queen served almost as a signal for the consciousness of change and decay

¹⁹³ Pinto-Correia, João David, «Fernão Mendes Pinto ou a Peregrinação Por Quatro Sentidos do Outro», in *Dimensões da Alteridade nas Culturas de Língua Portuguesa – O Outro*, Rodrigues, Graça Almeida *et al.* (orgs.), I Simpósio Interdisciplinar de Estudos Portugueses – Actas, Vol. II, Dep. de Estudos Portugueses, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Univ. Nova de Lisboa, Lisboa, 20-23 de Nov. 1985, vol. 2, p. 174.

¹⁹⁴ Faria, Francisco Leite de, *As Muitas Edições da ‘Peregrinação’ de Fernão Mendes Pinto*, Academia Portuguesa da História, Lisboa, 1992, p. 25.

that identifies the great works of the ‘Jacobean’ period [...]. Among the disturbing elements of the Jacobean period were the discoveries of the new science [...], the rationalism of Descartes, and the increased violence of religious controversy between Catholics, the Church of England, and the radical or Puritan Protestants. The religious warfare reached a peak with the execution of Charles I in 1649 and the establishment by Oliver Cromwell of the Puritan Protectorate, an event which marks a turning point in the literary as well as political history of England.»¹⁹⁵

Henry Cogan, um tradutor inglês sobre o qual, segundo Christian Algar, um especialista de livros raros, pouco se sabe¹⁹⁶, viveu neste ambiente. Para além de outras traduções que se conhecem da sua autoria¹⁹⁷, dedicou-se à tradução da *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto. A sua decisão de efetuar este trabalho tradutivo não foi, seguramente, alheia aos factores históricos, sociais e culturais. Tal aspeto pode confirmar-se ao verificarmos que procedeu à supressão dos capítulos relativos à missão de Francisco Xavier, conforme veremos adiante, apesar de ter conservado referências ao padre em questão. Esta opção terá sido talvez uma forma de assegurar a aceitabilidade da sua tradução, num contexto marcado por conflitos religiosos entre os Católicos e os Protestantes Puritanos, estes últimos liderados por Oliver Cromwell (25 abril, 1599 – 3 setembro, 1658).

No contexto alemão, a Guerra dos Trinta Anos (1618-1648) representou um marco inegável. Esta série de guerras que diversas nações europeias travaram entre si, especialmente na Alemanha, verificou-se por rivalidades religiosas, dinásticas, territoriais e comerciais. Na verdade, as querelas entre católicos e protestantes e problemas constitucionais foram gradualmente transformados numa luta europeia, deixando marcas profundas. As manifestações da crise económica e os conflitos com a classe que reinava constituíam as causas dos conflitos citadinos e das medidas aplicadas pela Reforma e Contra-Reforma. Em termos literários,

«[n]as sociedades linguísticas era patente o interesse da comunidade por uma ‘nobilitas litteraria’ que, ao acentuar produção, arte e virtude, exercia implicitamente a crítica aos princípios da velha aristocracia e se apresentava, ao mesmo tempo, como servidora

¹⁹⁵ McConnell, Frank D., «The Renaissance», in *Collier's Encyclopedia*, Bahr, Lauren S. (dir.), Macmillan Educational Company, New York, 1992, vol. 9, pp. 223/225.

¹⁹⁶ Algar, Christian, Reference Specialist (Rare Books), Rare Books & Music Reference Team, The British Library, 96 Euston Road, London: «There is little information readily found about the translator, Henry Cogan. I have searched the Oxford Dictionary of National Biography (the foremost biographical source for figures from British history) but he has no entry. I have looked at prominent electronic resources with a reference focus on literature, including 'Literature Online' and the 'Literature Resource Centre' but have found no information on this translator.» (18.02.2013).

¹⁹⁷ Outras obras impressas por Henry Cogan, para além tradução da *Peregrinação*, segundo o site WorldCat Identities: *Ibrahim, or, The illustrious bassa* (1652); *The history of Diodorus Siculus* (1653); *The scarlet gown, or The history of all the present cardinals of Rome* (1653); *The court of Rome* (1654).

empenhada do Estado e do príncipe. A qualidade de membro na Sociedade Frutuosa, mas também nas associações alemãs prioritariamente burguesas e na ordem das Flores de Pegnitz de Nürnberg, não significava apenas uma distinção da produção literária e cultural do núcleo de sábios humanistas, mas desempenhava simultaneamente funções sociais, na medida em que mantinha acordadas formas de pensamento de uma comunidade de aristocratas intelectuais, numa época em que a sua influência já começava a desaparecer.»¹⁹⁸

A literatura alemã não evidenciava um desenvolvimento semelhante ao verificado noutros países. As literaturas francesa, italiana, espanhola, inglesa e holandesa evidenciavam uma considerável atividade, enquanto a literatura alemã se restringia à tradução de textos relevantes do Renascimento italiano, renovando aquela literatura de acordo com esse espírito.

Relativamente ao tradutor X.¹⁹⁹, tradutor que se manteve anónimo, consideramos que o terão sido os editores alemães Henrich Boom (1644-1709) e Dietrich Boom (1645/46-1680) a levar a cabo a tradução da *Peregrinaçam* de Fernão Mendes Pinto. Convém acrescentar que, segundo Michaela Scheibe, o pai destes editores foi Jan Hendriksz Boom, da Jan Rieuwertsz, o qual, por sua vez, participou na publicação da tradução neerlandesa. Para além desse pormenor, que com certeza terá determinado não só a decisão de levar a cabo este trabalho tradutivo, mas também as características do texto de chegada alemão, saliente-se que, à semelhança de outros tradutores oriundos de diferentes países, na ótica de Marília dos Santos Lopes, terá também sido determinante o estatuto de «documento de autêntica historicidade»²⁰⁰ reconhecido à mesma. De acrescentar que, desde os séculos XVI e XVII, se verificou um impacto na Alemanha de obras designadas de relações de viagens, as quais continham no seu interior um manancial de informações acerca de um mundo até então desconhecido e que eram fulcrais para desenvolver diversos estudos, de entre os quais se destacam os subordinados à botânica, à geografia, à náutica, à antropologia e à zoologia, para além dos interesses comerciais. Com efeito, os Descobrimentos e o Humanismo tiveram uma

¹⁹⁸ Beutin, Wolfgang *et al.* (org.), *História da Literatura Alemã – Das origins à actualidade*, trad. de Anabela Mendes *et al.*, Edições Cosmos, Lisboa, 1993, vol. 1, p. 141.

¹⁹⁹ Scheibe, Michaela, Komm. stv. Leiterin der Abteilung Historische Drucke | Department of Early Printed Books Wissenschaftliche Referentin | Curator da Staatsbibliothek, Berlin: «[T]he translator of the German edition of the *Peregrinaçam* remains unknown. The German translation was published in Amsterdam in 1671 in two variant editions (one of those editions has again two slightly different versions). Some say those editions have a feigned imprint and were in fact printed in Nuremberg (Felßecker) and Hamburg (Buno). Hendrick (1644-1709) and Dirk Boom (1645/46-1680) were brothers and owners of a publishing house or printing plant (Officina Boomiana) in Amsterdam.» (19.07.2013).

²⁰⁰ Lopes, Marília dos Santos, «Fernão Mendes Pinto e o diálogo entre os mundos ou o que traziam de novo as obras portuguesas à cultura alemã», in *Mare Liberum: revista de história dos mares / Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses*; dir. Luís de Albuquerque, N.º 1 (Dez. 1990), [Lisboa]: C.N.C.D.P., p. 100.

veemente influência no âmbito do saber geral e dos modos de pensar. Comparadas às obras da Antiguidade Clássica, as relações de viagens são consideradas fontes fundamentais para a evolução da história da Humanidade, pela forma como descrevem «minuciosamente a terra nas suas formas geográficas e humanas»²⁰¹.

Mediante a leitura atenta das relações de viagens é possível conhecer a cultura e as línguas dos povos encontrados pelos viajantes. Desse modo, encontram-se estudos e trabalhos do foro linguístico igualmente interessantes para o conhecimento da Humanidade, conforme nos diz Marília dos Santos Lopes:

«[Folheando] as relações de viagens poder-se-iam ainda encontrar, entre as várias informações, o registo de palavras, ou mesmo frases aprendidas entre os povos visitados. Neste caso regozijavam-se os interessados por questões linguísticas, que com base nestes casos se lançam a escrever vocabulários, bem como gramáticas das línguas exóticas. E há quem vá mais longe, procurando encontrar nesta torre de Babel a língua original.»²⁰²

Relativamente a esta questão bíblica, diz-nos Samuel Weber:

«Conflict and struggle thus seems to be programmed by the Biblical story of the creation. On the one hand, man is said to be created in the image of God, or at least as his likeness. On the other, however *like* the Creator he may be, man is still part of the creation and hence irrevocably different from its Author. The first chapters of Genesis tell the story of man's efforts to reduce the difference that separate the human from the divine, and the ensuing reinforcement of that separation. In the process, the first of *two* necessary conditions for translation emerges: a certain *distance*. Yet a second condition is still required, and this brings us to the second Biblical event commonly associated with translation: the Tower of Babel. [...] The institution of *languages*, in the plural, is thus tied to the dispersion of the community.»²⁰³

Ora esta literatura de viagens, para além dos seus contributos ao nível científico, veio promover alterações ao nível dos géneros literários. Exemplo disso é a obra de Heinrich Anshelm von Ziegler und Klipphausen, intitulada *Die Asiatische Banise oder Blutiges doch mutiges Pegu* (a qual foi alvo de dez edições de 1689 a 1766), entre

²⁰¹ Lopes, Marília dos Santos, «Fernão Mendes Pinto e o diálogo entre os mundos ou o que traziam de novo as obras portuguesas à cultura alemã», in *Mare Liberum*: revista de história dos mares / Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses; dir. Luís de Albuquerque, N.º 1 (Dez. 1990), [Lisboa]: C.N.C.D.P., p. 98.

²⁰² Lopes, Marília dos Santos, «Fernão Mendes Pinto e o diálogo entre os mundos ou o que traziam de novo as obras portuguesas à cultura alemã», in *Mare Liberum*: revista de história dos mares / Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses; dir. Luís de Albuquerque, N.º 1 (Dez. 1990), [Lisboa]: C.N.C.D.P., p. 99.

²⁰³ Weber, Samuel, «A Touch of Translation: On Walter Benjamin's 'Task of the Translator'», in *Estudos de Tradução em Portugal. Novos Contributos para a História da Literatura Portuguesa*, Seruya, Teresa (org.), Universidade Católica Editora, Lisboa, 2001, pp. 16-17.

outras, tais como a *Comedia Famosa en dos partes* de Antonio Enríquez Gómez (1600-1663). Afirma Christine Zurbach²⁰⁴:

«Além de recuperar a utopia criada por Fernão Mendes Pinto de uma China onde a justiça e as sentenças são profundamente justas por serem proferidas por um rei bom ou um indivíduo generoso e indulgente, o dramaturgo encontrou aqui um tema que, no repertório teatral do Século de Ouro, é de comum agrado aos autores e ao público, o do injustiçado, pela fortuna e/ou pelos homens, e sua reabilitação.»²⁰⁵

Relativamente à versão traduzida alemã, Leite Faria menciona que a supressão do momento narrativo relativo a Francisco Xavier não teve origem na versão alemã, mas antes na edição neerlandesa, provavelmente a fonte daquela:

«Nesta tradução suprimiram-se muitíssimos capítulos, nomeadamente os que se referem a São Francisco Xavier e não seriam bem aceites em país fanaticamente calvinista, como era então a Holanda.»²⁰⁶

No que toca esta questão, Maria Alzira Seixo é também da opinião de que «Saint Francis Xavier's presence in the narrative secures an overlap in the expansionist ambitions of evangelism and ambitions to further expand trading»²⁰⁷.

Face ao exposto, atrevemo-nos a afirmar que esta narrativa singular, ou antes esta crónica autobiográfica de natureza ficcional, levanta um conjunto de questões antropológicas e filosóficas. Essas características encontram-se, sem dúvida, relacionadas com a expressiva difusão desta narrativa, com o contínuo interesse pela sua tradução, enfim, com a sua boa receção em vários contextos.

Neste estudo, analisaremos comparativamente as primeiras traduções que foram feitas para as línguas castelhana, francesa, inglesa e alemã, as quais foram, em alguns casos, textos de partida e de chegada. Apesar das similitudes encontradas entre elas que nos permitiram estabelecer relações entre si, cada tradutor manifesta um estilo muito

²⁰⁴ Zurbach, Christine, «Traduction indirecte et hiérarchie des littératures», in *Literatura Comparada: Os Novos Paradigmas. Actas do II Congresso da APLC*, Losa, Margarida L. et al. (orgs.), Edições Afrontamento, Porto, 1996, p. 321: «La traduction intermédiaire renvoie à une autre série de questions dont la première concerne le concept même d'original dans la pratique de la traduction, puisque'il ne s'agit plus de rapports binaires ou seulement bi-culturels, mais d'un ensemble d'interférences systémiques, dans lesquelles la contextualisation des traductions dans la culture d'accueil devient essentielle. En effet, c'est dans les relations de pouvoir ou de prestige entre les cultures d'arrivée et de départ que sera déterminée la Conception même de la traduction».

²⁰⁵ Zurbach, Christine, «*Fernan Mendez Pinto. Comedia famosa en dos partes*. Uma variação temática por Antonio Enríquez Gómez», in *O Discurso Literário da 'Peregrinação'*, Seixo, Maria Alzira e Christine Zurbach (org.), Ed. Cosmos, Lisboa, 1999, p. 151.

²⁰⁶ Faria, Francisco Leite de, *As Muitas Edições da 'Peregrinação' de Fernão Mendes Pinto*, Academia Portuguesa da História, Lisboa, 1992, p. 91.

²⁰⁷ Seixo, Maria Alzira, «Wanderlust and difference. Shifts of excitement in Travel Narrative (Fernão Mendes Pinto's *Peregrination*)», in *A Vertigem do Oriente – Modalidades Discursivas no Encontro de Culturas*, Laborinho, Ana Paula, Maria Alzira Seixo e Maria José Meira (org.), Ed. Cosmos, Lisboa, 1999, p. 160.

próprio e distinto, tendo efetuado uma tradução ajustada aos quadros mentais e às realidades culturais, linguísticas, sociais, religiosas, políticas e ideológicas vividas nos seus países de origem.

2.1.2. Relações de Interdependência

A *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto é uma obra singular e invulgar, que foi alvo de inúmeras edições e reedições portuguesas, e de diversas traduções completas ou parciais. Muitos foram aqueles que não resistiram à sua leitura, releitura, tradução e, até mesmo, adaptação, ou, se preferirmos, (re)criação. Foi, inicialmente, traduzida para espanhol, francês, holandês, inglês e alemão.

Ana Paula Laborinho defende a ideia de que o extenso título ou título-resumo da obra original e a sua manutenção, com ligeiras alterações, como veremos adiante, nas traduções contribuíram, com certeza, para despertar a curiosidade dos leitores, pois neles se divulgavam conteúdos variados, apelativos e exóticos.

Relativamente às várias edições de que esta obra foi alvo, Francisco Leite de Faria afirma que

«[...] no século XVII a *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto teve certamente duas edições em português, seis em espanhol, quatro em inglês, duas em francês, outras duas em holandês e quatro em alemão, ao todo vinte edições, das quais dezoito são em língua estrangeira. Destas edições as portuguesas, espanholas e francesas são completas e as outras dez são incompletas, mas, excepto a de Londres em 1625 e a de Nuremberga em 1672, todas são de grande extensão. Houve ainda uma abreviada tradução latina, que não se publicou e se conserva manuscrita no colégio de São Francisco de Borja em Sant Cugat del Vallés, perto de Barcelona.»²⁰⁸

Quanto ao número total de edições, diz ainda Leite de Faria que são, no mínimo, 167 edições, incompletas ou completas, em português ou em língua estrangeira. Ana Paula Laborinho, após um estudo do período de 1992 a 2005, acrescenta a esses resultados

«[...] cinco edições completas em português, entre as quais a edição fac-similada (1995) e a edição electrónica (1998), quatro edições parcelares e duas adaptações, a que se juntam três versões parcelares em inglês (1992), uma em húngaro (1992) e uma em chinês (1998), bem como duas traduções da obra completa, pela primeira vez em neerlandês (1992) e também em chinês (1999). Não considerando as reedições, critério adoptado por Leite de Faria no seu inventário, foram encontradas 95 edições desde 1614, sendo 53 em português e 42 traduções, o que é bem revelador do reconhecimento da obra no espaço nacional, mas também no estrangeiro.»²⁰⁹

²⁰⁸ Faria, Francisco Leite de, *As Muitas Edições da 'Peregrinação' de Fernão Mendes Pinto*, Academia Portuguesa da História, Lisboa, 1992, pp. 26-27.

²⁰⁹ Laborinho, Ana Paula Martins, *O Rosto de Jano – Universos Ficcionalis da 'Peregrinação' de Fernão Mendes Pinto*, Tese de Doutoramento, Universidade de Lisboa – Faculdade de Letras, 2006, 1º vol., p. 119.

O contacto entre a obra original e o tradutor e cónego Francisco de Herrera Maldonado verificou-se ainda antes da publicação desta obra portuguesa, demonstrando o mesmo alguns conhecimentos quanto à intervenção de Francisco de Andrade, conforme afirma, igualmente, Leite de Faria:

«[...] Francisco de Andrade limitou-se a dividir o texto da *Peregrinaçam* em capítulos, de que escreveu os enunciados, e a modificar-lhe alguma palavra ou expressão. É isto que se deduz do palavreado prolixo e confuso desse cónego nas páginas preliminares da tradução espanhola, que fez e mandou imprimir do livro de Fernão Mendes Pinto. Ao afirmar isso, estava certamente bem informado, pois tinha diante dos olhos a *Peregrinaçam* e convivia em Évora com o famoso Cantre Manuel Severim de Faria, profundo conhecedor dos livros e manuscritos de História e Literatura Portuguesa [...]»²¹⁰

João David Pinto-Correia diz o seguinte acerca do papel e do impacto bem sucedido da tradução espanhola na Europa:

«Mais tarde, em 1620, na tradução da *Peregrinação* para castelhano, Herrera de Maldonado seria responsável, através da sua entusiástica ‘apologia’ de Mendes Pinto, pelo êxito da obra junto dos muitos leitores europeus.»²¹¹

Entre o original, a tradução acima referida e as restantes traduções estabeleceram-se naturalmente contactos; contudo, nem todos os «tradutores» tiveram acesso à obra original como Francisco de Herrera Maldonado. Bernard Figuiet terá contactado com o texto português e, ainda, com a versão espanhola. As restantes traduções seiscentistas, conforme demonstraremos no decorrer deste projeto, terão partido da tradução francesa ou de outras feitas a partir dela, como é o caso da neerlandesa, tendo todas elas adotado determinados procedimentos tradutológicos em função de interesses editoriais e do gosto dos novos públicos-leitores.

Refere Christine Zurbach que, na ótica de Francis M. Rogers, a obra que inaugurou o prestígio de Fernão Mendes Pinto e da sua narrativa, construída sobre a temática dos Descobrimentos, foi a versão espanhola da autoria de Herrera Maldonado. Este trabalho tradutivo serviu de intermediário à edição francesa, segundo Christine

²¹⁰ Faria, Francisco Leite de, *As Muitas Edições da ‘Peregrinação’ de Fernão Mendes Pinto*, Academia Portuguesa da História, Lisboa, 1992, p. 19.

²¹¹ Pinto-Correia, João David, «A construção do colectivo na *Peregrinação*: percursos e significado», in *O Discurso Literário da ‘Peregrinação’*, Seixo, Maria Alzira e Christine Zurbach (org.), Ed. Cosmos, Lisboa, 1999, p. 174.

Zurbach, versão que «constituiu a fonte das traduções inglesa e alemã»²¹². A autora afirma ainda o seguinte:

«Além de revelar a importância da cultura da língua espanhola no plano europeu, assim como a ambiguidade da posição da literatura portuguesa derivada da situação política do país na altura, reconhece-se aqui também um processo de canonização, comum a um grande número de textos clássicos, que encontraram assim uma aceitação e um reconhecimento universais fora da sua literatura de origem. De facto, a *Peregrinação*, após a sua primeira publicação em 1614, apenas teve uma segunda edição em Portugal em 1678.»²¹³

O tradutor espanhol Herrera Maldonado foi, efetivamente, o primeiro a dedicar-se à sua tradução. Nesse trabalho, refere-se a Francisco de Andrade, de acordo com Ana Paula Laborinho, o cronista provavelmente responsável pela divisão da obra em capítulos e dos seus enunciados, tal como referido anteriormente, o que, segundo Herrera Maldonado, condicionou a tradução em causa, não tendo, para além disso, sido possível «cumprir a regra de São Jerónimo, que aconselha a tradução palavra a palavra, optando por converter a ‘tosca escritura’ de Fernão Mendes num estilo precioso e ornamental ao gosto da época»²¹⁴.

O tradutor da versão espanhola, *Historia Oriental de las Peregrinaciones de Fernan Mendez Pinto*, redigiu o depoimento de Filipe I relativamente a Fernão Mendes Pinto na sua *Apologia en favor de Fernan Mendes Pinto* (30 de maio de 1618). Neste excerto, percebe-se o apreço do rei para com o escritor português:

«‘Passaua muchos ratos con oyrle, dando tanto credito a sus verdades, como era buen testigo el tiempo que gastava en saberlas; porque a no serlo, no le perdiera en cosas valdias, y dudosas, patrañas sin substancia ni orden, quiẽ tan grademente detestava la mentira, y tan bien cononcia la verdade: las que van en esta Historia, que son las mismas que su Magestade tan gratamente oía (...)’»²¹⁵

No que respeita ao contacto direto entre o tradutor Herrera Maldonado e o manuscrito original, atrás mencionado, aquilo que o mesmo diz acerca da sua estrutura interna comprova-o:

²¹² Zurbach, Christine, «*Fernan Mendez Pinto. Comedia famosa en dos partes*. Uma variação temática por Antonio Enríquez Gómez», in *O Discurso Literário da ‘Peregrinação’*, Seixo, Maria Alzira e Christine Zurbach (org.), Ed. Cosmos, Lisboa, 1999, p. 149.

²¹³ Zurbach, Christine, «*Fernan Mendez Pinto. Comedia famosa en dos partes*. Uma variação temática por Antonio Enríquez Gómez», in *O Discurso Literário da ‘Peregrinação’*, Seixo, Maria Alzira e Christine Zurbach (org.), Ed. Cosmos, Lisboa, 1999, p. 149.

²¹⁴ Laborinho, Ana Paula Martins, *O Rosto de Jano – Universos Ficcionalis da «Peregrinação» de Fernão Mendes Pinto*, Tese de Doutoramento, Universidade de Lisboa – Faculdade de Letras, 2006, 1º vol., p. 154.

²¹⁵ *Apud* García, José Manuel, «Apresentação», in *Peregrinação de Fernam Mendez Pinto*, Pinto, Fernão Mendes, apresentação de José Manuel García, Ed. Castoliva, Edição fac-similada, Lisboa, 1995, pp. 10-11.

«quando vinieron à sus manos estos originales de Fernan Mendez Pinto, para que los dispusiese, corrigiesse e enmêdasse antes de imprimirlos [...]’ e ainda que tendo-lhe dado o ‘dicho cargo de pulirlas é le parecia que lo estauan bastantemente con diuidirlas en capítulos sin considerar las mayores faltas, y sin hazerlas mas defensa (...)’»²¹⁶

Relativamente ao conhecimento que Herrera Maldonado detinha da obra, Pinto-Correia levanta algumas questões quanto às passagens inexistentes no original, tais como a «Quebra dos Escudos» (cap. I, versão espanhola). Terá ele reposto simplesmente passagens eliminadas pela censura da época? Diz Pinto-Correia:

«Faltam períodos, parágrafos, que terão sido censurados? Ou mesmo capítulos que terão desaparecido por inteiro? Impossível saber ao certo. Do que não há dúvida é haver alguns passos que só aparecem na tradução espanhola (a devida a Herrera Maldonado).»²¹⁷

No que diz respeito aos paratextos existentes no início da *Peregrinação* e no princípio das suas traduções (a espanhola, a francesa, a inglesa e a alemã), debruçar-nos-emos sobre os mesmos e as respetivas marcas de contactos aquando da análise comparativa de cada tradução no capítulo 3, mais precisamente, no subcapítulo 3.1., intitulado «Título(s), Paratextos e Estruturas Externas», em que daremos início ao confronto entre as referidas traduções e o texto original português.

Quanto a Bernard Figuiet e à sua tradução (1628), diz-nos Francisco Leite de Faria que também ele se serviu da tradução espanhola para concretizar a sua versão. São, não obstante, notórias as semelhanças entre o original e a tradução francesa. O título, porém, *LES VOYAGES ADVANTUREUX DE FERNAND MENDEZ PINTO* enfatiza o carácter aventureiro da obra, ao gosto da época e do seu leitor.

Em 1625, é publicada uma edição alargada da coleção de viagens compilada por Samuel Purchas. Nesta edição, é apresentado um fragmento português com o título *Observations of China, Tartaria and Other Easterne parts of the World, taken out of Fernan Mendez Pinto His Peregrination*. Esta breve versão inglesa terá dado a conhecer a obra portuguesa ao tradutor inglês, Henry Cogan Gent., o qual defende a credibilidade do relato e cita as traduções espanhola e francesa. No entanto, verificam-se na versão de Henry Cogan (1653) algumas supressões que não se verificam nestas duas edições

²¹⁶ Apud José Manuel, «Apresentação», in *Peregrinação de Fernam Mendez Pinto*, Pinto, Fernão Mendes, apresentação de José Manuel Garcia, Ed. Castoliva, Edição fac-similada, Lisboa, 1995, p. 11.

²¹⁷ Pinto-Correia, João David, «2. A ‘Peregrinação’: Resumo, Esquematização da Estrutura», in *A Peregrinação de Fernão Mendes Pinto*, Apresentação Crítica, selecção, resumos, glossário e sugestões para análise literária de J. D. Pinto-Correia, 2ª edição, Col. «Textos Literários», Editorial Comunicação, Lisboa, 1979, p. 56.

completas. Referimo-nos aos capítulos relativos à missão de Francisco Xavier, os quais, segundo Leite de Faria,

«[...] não seriam bem recebidos pelos ingleses, que então eram furiosamente anticatólicos, ou como eles diziam, antipapistas. Embora não as tenha podido comparar atentamente, penso que esta tradução inglesa não foi feita do português ou do espanhol, mas é versão da holandesa, publicada em 1652; a inglesa consta de 81 capítulos e a holandesa só de 63, é certo, mas alguns capítulos desta, por serem muito extensos, teriam sido desdobrados em dois por Henry Cogan.»²¹⁸

Mais adiante, Francisco Leite de Faria reforça, novamente, que se verificou um contacto direto desta tradução inglesa com a edição neerlandesa:

«Em holandês, traduzida por J. H. Glazemaker, pelo menos sem os capítulos referentes a São Francisco Xavier e com oito grandes gravuras fora do texto, a *Peregrinaçam*, dividida em 63 capítulos, publicou-se duas vezes em Amsterdão, em 1652 e em 1653. Da primeira edição já disse que decerto serviu para a tradução inglesa, que se editou em 1653.»²¹⁹

Na perspetiva de Patrícia Couto, a tradução holandesa da *Peregrinaçam*, intitulada *De Wonderlyke Reizen van Fernando Mendez Pinto* (1652), da autoria de Jan Hendrik Glazemaker (1619/29-1682), teve como fonte a versão traduzida francesa, evidenciando uma influência indireta da tradução de Herrera Maldonado. O tradutor em causa procedeu a profundas intervenções, mais evidentes na exclusão dos episódios protagonizados por Francisco Xavier e pelo Padre Belchior Barreto, reforçando a faceta fantasiosa do relato, conforme se percebe imediatamente no título, o que aproxima a obra traduzida da narrativa de viagens de carácter ficcional em voga. As ilustrações usadas nesta versão também contribuem para ampliar as vertentes aventureira e romanesca desta obra, à semelhança do que se verifica no frontispício desta tradução.

Ainda de acordo com Patrícia Couto, não há uma simples alusão aos padres Francisco Xavier ou Belchior Barreto em toda a tradução e o final da *Peregrinaçam* na tradução holandesa aparece depois do capítulo 202, dado que se verifica a supressão dos capítulos entre o capítulo 202 e o capítulo 220 da versão original. A adoção deste processo, a par das compressões, coincide com o momento em que o autor português

²¹⁸ Faria, Francisco Leite de, *As Muitas Edições da 'Peregrinação' de Fernão Mendes Pinto*, Academia Portuguesa da História, Lisboa, 1992, p. 24.

²¹⁹ Faria, Francisco Leite de, *As Muitas Edições da 'Peregrinação' de Fernão Mendes Pinto*, Academia Portuguesa da História, Lisboa, 1992, p. 25.

introduz os episódios relativos aos padres supra citados, provavelmente devido a circunstâncias políticas de países protestantes, como era o caso da Holanda:

«8. The elimination of the chapters 202 to 220, dealing with Saint Francis Xavier. Some of Glazemaker's omissions seem to correspond to his radical ideology. This is the case items 1, 4 and 7 mentioned above where the Portuguese text explains the occurrences due to divine intervention. The omission seems to indicate that the translator was influenced by ideas that were formulated later by Koerbagh in his *Bloemhof* (1668) or by Spinoza in his *Tractatus theologico-politicus* (1670), as part of his philosophical system and translated anonymously by Glazemaker under the ironic title *De rechtzinnige theologant* (The orthodox theologian). These ideas were already present in Spinoza's *Korte verhandeling* (Short treatise [68]).¹⁶⁴ It also reminds us of Lucretius' gods who do not reward nor punish humans and his scorn of superstition. They all deny the supernatural, miracles and divine will or justification.»²²⁰

A Peregrinação propagava, com efeito, um ponto de vista católico e, segundo Patrícia Couto, Glazemaker considerava-a um panfleto a favor da tolerância religiosa. As omissões podem ser explicadas por um tipo de censura aos rituais católicos para agradar as autoridades protestantes. Ao omiti-los, o tradutor torna o texto neutro e aceitável por leitores católicos e protestantes. Para além de a supressão contribuir para não enfatizar este aspeto católico do livro, é também um procedimento tradutológico que revela um desejo do tradutor de tornar o livro menos volumoso e, conseqüentemente, mais acessível em termos monetários. Um outro aspeto que revela esta mesma preocupação é o de esta versão ter sido impressa em formato oitavo. A tradução holandesa é, na ótica de Patrícia Couto, mais direta e concisa e terá tido como fonte a versão francesa de 1645 e não a aqui em análise:

«Whereas the frontispieces of the Portuguese, Spanish and French versions mention that the book includes a biography of Saint Francis Xavier, in the Dutch translation this part is completely ignored.

Glazemaker never mentions his source text. We have already seen that in some cases Glazemaker would use more than one source text. In 1652 the Dutch translator could have had at his disposal several source texts such as the Portuguese publication dated from 1614 and the Spanish translations by Herrera Maldonado from 1620 (reprinted in the same year), 1627 and 1645. There were two French publications, the first dated from 1628 and the second one from 1645. We know Glazemaker did not translate from the Portuguese: although, he was acquainted with the Spanish language because he translated some texts from the Spanish for his translation of Aitzema in 1653 [14]. My

²²⁰ Couto, Patrícia Regina Esteves do, *The Marvellous Travels of Fernando Mendez Pinto across the low Lands: Translation, Appropriation and Reception*, Tese de Doutoramento no Ramo de Estudos de Literatura e de Cultura – Especialidade em Estudos Comparatistas, Universidade de Lisboa – Faculdade de Letras, Lisboa, 2012, vol. I, pp. 199-200.

analysis in Part II, 2.1.3 and 3 will show that Glazemaker only used the French translation, from 1645.»²²¹

Esta versão terá, igualmente, servido de modelo à versão alemã, a qual foi, igualmente, publicada em Amesterdão, mas em 1671 e reeditada duas vezes no mesmo ano. Leite de Faria diz-nos o seguinte acerca desta questão:

«Em alemão o livro de Fernão Mendes Pinto em 1671 publicou-se três vezes em Amsterdão, pelo menos sem os capítulos referentes a São Francisco Xavier e com doze gravuras fora do texto, algumas das quais são as da tradução holandesa. Não há dúvida de que esta tradução alemã é versão da holandesa, pois além do mais, consta também de 63 capítulos.»²²²

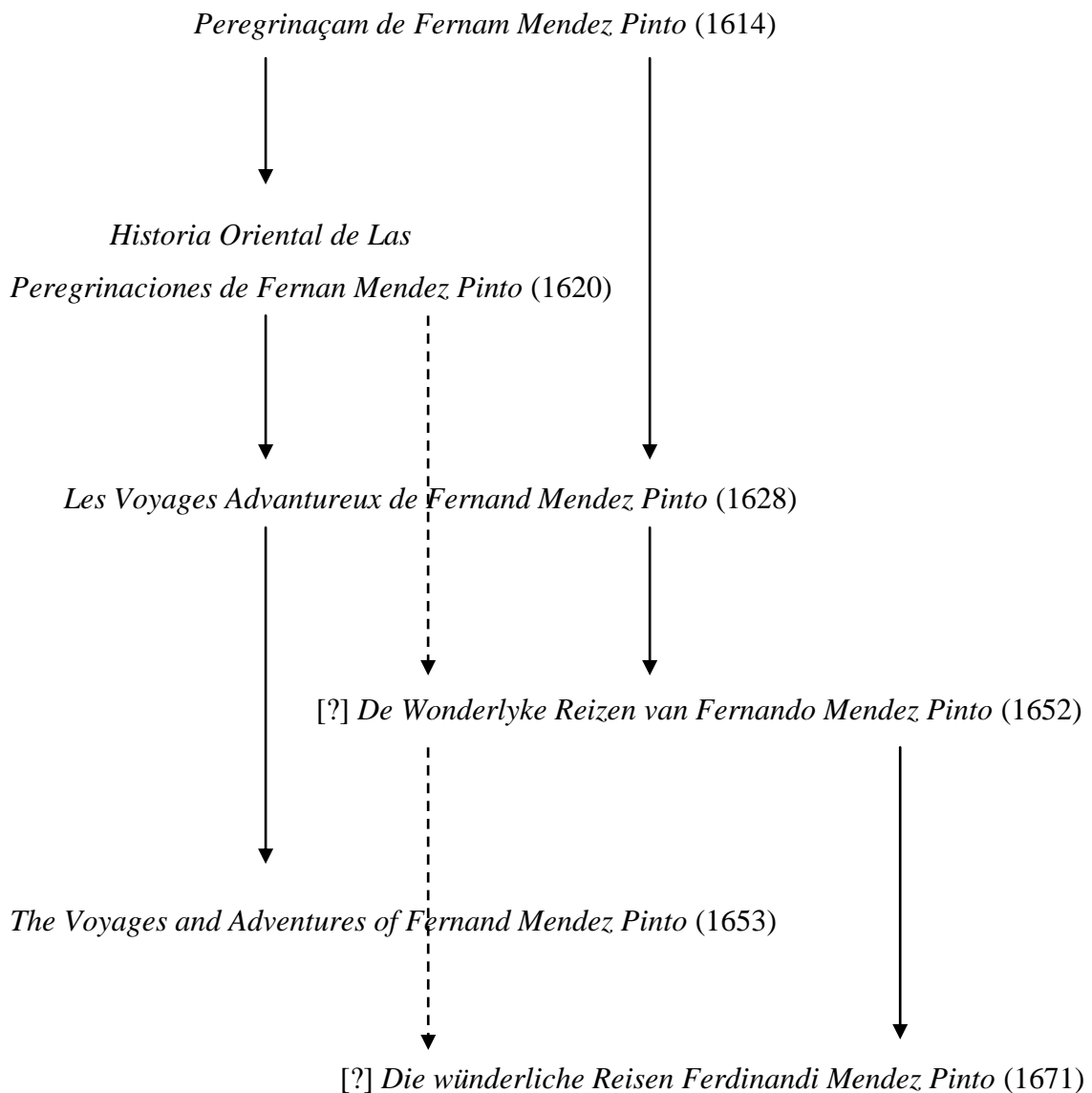
Ora o título, o frontispício, as gravuras e as notas marginais, para além da omissão da sequência da personagem Francisco Xavier, são aspetos que não deixam dúvidas relativamente à relação entre estas traduções. Os editores alemães, na «Advertência», referem-se às versões neerlandesa e francesa, enfatizando o caráter verosímil e exemplar da obra, bem como as suas virtudes morais, elementos considerados essenciais à obra «poética», isto é, literária, no contexto francês do século XVII.

Do nosso ponto de vista, tendo em conta os contributos dos autores supra citados e a nossa análise comparativa, as inter-dependências entre a obra portuguesa original e as traduções ou entre as traduções em si podem resumir-se ao esquema a seguir apresentado:

²²¹ Couto, Patrícia Regina Esteves do, *The Marvellous Travels of Fernando Mendez Pinto across the low Lands: Translation, Appropriation and Reception*, Tese de Doutoramento no Ramo de Estudos de Literatura e de Cultura – Especialidade em Estudos Comparatistas, Universidade de Lisboa – Faculdade de Letras, Lisboa, 2012, vol. I, pp. 151-152.

²²² Faria, Francisco Leite de, *As Muitas Edições da 'Peregrinação' de Fernão Mendes Pinto*, Academia Portuguesa da História, Lisboa, 1992, p. 25.

Esquema 2.1.2.1. Inter-relações entre a *Peregrinaçam* e as suas Primeiras Traduções



A primeira tradução, a espanhola, foi efetuada, com certeza, a partir do texto de Fernão Mendes Pinto, o que só pelo facto de à data da sua publicação (1620) não existir qualquer outra versão publicada ou, mesmo, em fase de processamento basta para comprovar a ligação entre estas obras. Na sua «Apologia en favor de Fernan Mendez Pinto, y desta Historia Oriental», Francisco de Herrera Maldonado expõe os motivos que o levaram a desenvolver o seu trabalho tradutivo:

«Verdaderamente le merecia grande Fernan Mendez Pinto, no digo en lo q̄ passò, porque essa satisfacion compete à juyzo mas levantado, si por esta historia q̄ nos dexò

escrita, pues en ella da la luz bastãte cõ sus peregrinaciones, prisiones, cautiuerios y trabajos à la nacion Portuguesa, gloriosa en dilatar la Fé Catolica en partes tan remotas, para q̄ pueda cõ mas comodidade proseguir famosas conquistas que han dado tanta opinion de valientes, de fuertes y de Christianos a sus naturales, q̄ famosos en tantas hazañas, hã lleuado à Reynos tan distantes del suyo, sus nõbres armas y memorias, sugerando tantas fuerças, conuirtiendo tantos infieles, y enseñando à tãtos bárbaros, como es abonado testigo, la admiraciõ comum q̄ mira en el cielo muchos martyres, en la Yglesia innumerables fieles, y en Portugal millares de curiosidades y riquezas, impossibles vencidos con la misma sangre, esta fue la causa, porque con cuydado lei este libro al principio sin intento de traducirle, animado de lo mucho q̄ auia oydo admirar a hombres doctos, la noticia que en el se daua de aquel oriẽte, por auer vistose su dueño peregrinando, ya soldado libre, ya cautiuo preso, adonde hasta entances no auia pisado pie de Europa; leyle cõ aduertẽcia, y hallè en el cosas tan admirables, sucessos tan raros, acontecimientos tan de estima, noticia de tantas distancias, de tan diversas gentes, ritos y costumbres, Religiones, Estados, Gouiernos, Reynos y Prouincias, q̄ me parecieron digníssimos de q̄ todo el mũdo los supiesse, y ansi ocupe en traduzir esta admirable historia, la vacante de estúdios mayores, teniendo por biẽ empleado el tiẽpo de tã loable ocupacion [...]»²²³

Quanto à tradução de Bernard(o) Figuiet/Figueira (1628), é incontestável o contacto travado com a versão espanhola, o qual é imediatamente declarado no paratexto designado de *Deffense Apologeticque de l’Histoire Orientale de Fernand Mendez Pinto*, contudo, procuraremos demonstrar, pelo contrário, que o tradutor em causa se serviu sobretudo do texto de partida português para desenvolver o seu trabalho tradutivo, de acordo com o grau de proximidade evidenciado relativamente àquela fonte, conforme se ilustra a seguir através de cinco paralelos de trechos das referidas obras. Veja-se, logo na «Introdução», a proximidade entre essas versões e também entre a tradução francesa e as edições inglesa e alemã, em que Fernão Mendes Pinto, a propósito das suas experiências no reino de Portugal, se refere às dificuldades vividas, às condições e às razões da sua partida:

Paralelo I

«[...] começados no principio da minha primeira idade, & continuados pela mayor parte, & melhor tẽpo da minha vida, acho q̄ com muita razão me posso queixar da vẽtura que parece q̄ tomou por particular tenção & empreza sua perseguirme, & maltratarme, **como se isso lhe ouuera de ser matéria de grande nome, & de grande gloria, porque vejo que não contente de me por na minha pátria logo no começo da minha mocidade [...]**» - versão portuguesa, fólio 1 (negrito de nossa autoria)

«[...] nacidos con migo en mi promera edad, y continuados en mi como ella, por el major, y mas florid tiempo de mi vida, hallo razon para formar mil quexas de mi fortuna que parece que tomo por particular assumpto y principal impressa, desde mi nacimiento,

²²³ Maldonado, Francisco de Herrera, «Apologia en Favor de Fernan Mendez Pinto, Y desta Historia Oriental», in *Historia Oriental de las Peregrinaciones de Fernan Mendez Pinto*, Madrid, 1620, f. 2.

el perseguirme, y maltratarme, **como si esso la huiera de hazer famosa, y aumentar sus renombres, y poderes, porque no contenta de ponerme en mi pátria, desde el principio de mo nacimiento, en misérias, y pobreza, acompañandome esta desventura en mi mocidade [...]**» - versão espanhola, fólho 1 (negrito de nossa autoria)

«Toutes les fois que je me represente les grands & continuels travaux qui m'ont accompagné depuis ma naissance, & parmy lesquels J'ay passé més premières années, je trouve que j'ay beaucoup de raison de me plaindre de la fortune, en ce qu'elle semble avoir pris un soin particulier de me persecuter, **& de me faire sentir ce qu'elle a de plus insupportable, comme si sa gloire n'eust point eu d'autre fondement que sa cruauté. Car n'estant pas contente de m'auoir faict naistre, & vivre miserable en mon país durant ma jeunesse [...]**» - versão francesa, fólhos 1-2 (negrito da nossa autoria)

«[...] which I have spent my first years, I find that I have a Great deal of reason to complain of Fortune, for that the seemeth to have taken a particular care to persecute me, and to make me feel that which is most insupportable in her, **as if her glory had no other foundation then her cruelty.**» - versão inglesa, fólho 1 (negrito de nossa autoria)

«[...] ich meine ersten Jahre hingenracht habe/ gedencte/ finde ich wol rechtmässige Urfach/ hierin über das Glück zu flagen/ als welches allem ansehen nach besondern Fleiß angewendet/ mich zu versorgen/ und das unerträglichste/ soes nur finden können/ sühlen zu laßen; **gleich als ob daßelbe seines Ruhms und Ehre grund blos und allein in der Strengigkeit ben mit suchen müssen.**» - versão alemã, fólho 1 (negrito de nossa autoria)

No paralelo II, atente-se, por exemplo, à expressão «pela exaltação & acrecentamento da sua santa fé Catholica» (versão portuguesa); «la gloria de Dios y exaltacion de la Fé» (versão espanhola); «l'exaltation & l'accroissement de sa sainte foy Catholique» (versão francesa):

Paralelo II

«[...] & a Portuguesa em **dinheyro & peças** trouxe mais de mil, com que seu marido em menos de hum anno se restaurou do que tinha perdido. [...] **da qual aquy breuemente quiz dar algũa informação, como costumey de fazer nas outras terras de que atrás tenho tratado**, para que se em algum tẽpo Deos nosso Senhor for seruido de inspirar na nação Portuguesa, que primeyra & principalmente **pela exaltação & acrecentamento da sua santa fé Catholica**, & apos isso pelo muyto proveito que dahy pode tirar [...]» - versão portuguesa, fólho 172 (negrito da nossa autoria)

«[...] y à la Portuguesa la dieron mas de mil en **pieças, joyas, y dineros**, com que su marido en tiempo de vn año restauro las perdidas que auis tenido. [...] **del qual dare aqui alguna pequeña noticia, como lo he hecho de otros Reynos, tierras y provincias** por donde me lleuauan mis desgracias: porque si en algun tiempo la nacion Portuguesa, inspirada (**como en las demas conquistas, en que [na] tido glosiosa**) de nuestro Señor, quiera tomar esta a su cuenta por **la gloria de Dios y exaltacion de la Fé**, tenga en estos discursos bastante noticia à costa de mis trabajos [...]» - versão espanhola, fólho 294 (negrito da nossa autoria)

«Quant à la femme Portugaise dont j'ay parle cy-deuant, elle en eust plus de mille, tant en **argent, qu'en autres presents** qu'on luy fist, par le moyen dequoy son mary recouura en moins d'un an toutes les pertes qu'il auoit faictes. [...] **de laquelle je feray icy vne briefue relation, comme j'ay fait des autres pays dont j'ay traicté cy-deuant**, afin que s'il aduient vn jour qu'il plaise à Dieu d'inspirer la nation Portugaise, afin qu'en premier lieu, principalement pour **l'exaltation & l'accroissement de sa sainte foy Catholique**, & après cela pour le grãd profit qu'on en peut tirer [...]» - versão francesa, fólhos 689-690 (negrito da nossa autoria)

No que diz respeito ao paralelo III, veja-se, sobretudo, a passagem suprimida na versão espanhola e conservada na tradução francesa, em que o autor-narrador se refere à sua atividade de escrita, humildemente:

Paralelo III

«[...] cõ quatrocentas vellas grossas, & sessenta vancoës de remo, na qual frota tinha sessenta mil homens [...] porq̃ estaua por todas as partes tomado por este cossayro, corremos auante até Lamau, onde nos prouemos de algũs mantimentos q̃ nos bastarão ate **chegarmos a Malaca, onde o padre mestre Francisco Xauier Reitor vniuersal da cõpanhia de Iesu nas partes da India, q̃ auia poucos dias que chegara de Maluco, com grande nome de santo na voz de todo o pouo por milagres que lhe lá virão fazer, ou, para mais acertado, que Deos nosso Senhor por elle fizera.**» (fólio 263); «[...] Com este despacho chegou o padre a Malaca o derradeyro dia de Mayo do mesmo anno de 49. & se deteue ahy alguns dias pelo mao auiaménto que se lhe deu, mas em fim despois de passar ahy em Malaca muytos trabalhos, se embarcou em dia de S. João do mesmo anno ao sol posto em hum junco pequeno de hum Chim, que se dezia o Necodã Ladrão, & ao outro dia pela menham se fez á vella, & se partio, na qual viagem também passou assaz de trabalho, **de que me escuso dar relação, porque me parece desnecessário escrever isto taõ miudamente, nem farey mais que tocar breueniente o que for mais importante a meu intento conforme á pouca possibilidade do meu fraco engenho.** O padre chegou em dia de Assumpção de nossa Senhora, que he a quinze dias do mês de Agosto ao porto de Canguexumaa em Japão [...]» (fólio 272) - versão portuguesa (negrito da nossa autoria)

«[...] quatrocentas velas gruessas, y sessenta bancones de remo, flota en que auia sessenta mil hombres [...]. Por todas as partes tenia tomada la boca del rio, de suerte que no se le podia huyr cosa que entrasse. **El temor y peligro de caer en sus manos**, nos hizo correr adelãte hasta Lamau: alii fletamos mãtenimiëtos q̃ nos durarõ hasta **llegar a Malaca. Hallamos em aquella ciudad al padre maestro Francisco Xauier, Retor Vniuersal de la Cõpañia de Iesus, en aquellas partes de la India, que auia pocos dias q̃ auia llegado à aquella ciudad de la Maluco, era tenido por hombre santo de todo el Pueblo, por las marauillas y milagros que por su intercession obraua la mano poderosa de altissimo [...]**» (fólhos 424-5); «Llegò el santo padre Francisco a Malaca el ultimo de aquel Mayo, adonde es uno detenido algunos dias, por falta de flete, y de adonde se embarcó el dia de san Juã de aquel mismo año de 49. en un junco pequeño de vn China q̃ se llamaua Neca da Ladron, lotro dia por la mañana, se hizo a la vela. Y atrochãdo yo aora por muchas incomodidades, y trabajos, que le ocurrieron en aquel viagem, digo, que a quinze de Agosto llegò a Canguexumaa, puerto del Japon, y patria del Paulo.» (fólio 436) - versão espanhola (negrito da nossa autoria)

«[...] avec quatre cent grosses voiles & soixante mille hommes, à sçavoir vingt mille de service pour les vaisseaux, & tous les autres hommes de combat [...] jusques à **nostre arriuée à Malaca. Là nous treuuasmes le Reuerend Pere Maistre François Xauier, Recteur vniuersel de la Compagnie de Jesus en ces contrées des Indes, qui depuis peu de jours estoit arriué des Molucques, avec vne grãde reputation de saint homme, filtre que tous les peuples luy donnoient pour les grands miracles qu'on luy voyoit faire si tost que ce saint personnage eust sceu que nous auions ce Japponnois avec nous...**» (fólio 1037); «[...] Mais en fin apres auoir souffert à Malaca beaucoup de travaux, le jour de la S. Jean qui fut en la mesme année, enuiron Soleil couché il s'embarqua dans vn petit junco d'vn Corsaire Chinois appellé Necoda; puis le lende main matin il se mit à la voile & partist. En ce voyage il souffrit encore plusieurs trauaux, **dont je m'excuse de parler icy, pource qu'il ne me semble point autrement necessaire de rapporter ces choses par le menu; c'est pourquoy je ne feray que toucher succinctement celles qui seront les plus importantes à mon dessein m'accommodant le mieux que ie pourray à la foiblesse de mon esprit.** Le jour de l'Assomptió de nostre Dame, qui est le quinziesme du mois d'Aoust, le Pere arriua ao port de Canquexumaa au Jappon [...]» (fólio 1073) - versão francesa (negrito da nossa autoria)

Relativamente à terceira tradução conhecida, a neerlandesa (1652), de Jan Hendrik Glazemaker, supomos ter tido como texto de partida a versão francesa, o que é perceptível, ainda que de forma indireta, na edição alemã (1671) de X. (ou dos editores Henrich e Dietrich Boom) e dado a conhecer ao leitor no paratexto «An den Leser»²²⁴. Referimo-nos aqui à tradução alemã, antes de comentarmos as inter-relações que se percebem na tradução inglesa, exatamente pela sua relação com a primeira versão publicada em Amesterdão, na qual já haviam sido suprimidos os capítulos referentes ao Padre Francisco Xavier e à sua missão na China e no Japão, bem como a participação do Padre Belchior. Transcrevemos, a seguir, um paralelo em que tal relação indireta é evidenciada, dado que as breves expansões frásicas espanholas não são encontradas nas restantes versões, tal como acontece na tradução francesa:

Paralelo IV

CAP. XCII: «[...] com **a abstinencia da carne ficasse o espírito pronto com Deos.**»; CAP. XCIII: «Passado o termo destes tres dias em que continuarão sua penitência, lançarão as sortes por cinco vezes, & todas cinco cayrão num minino de sete anos, que se chamaua Silau como o tyranno de quem se temião, de que todos ficarão muyto confusos & tristes, por se afirmar que não auia outro do mesmo nome em todo o arrayal. E depois de fazerem seus sacrificios com todas suas cerimónias costumadas de tangeres & fumos cheyrosos a modo de darê graças a Deos, mandarão ao menino que levantasse as mãos ao Ceo, & dissesse o que lhe parecia no remedio daquele aperto & grande trabalho em que estauão. A que o menino pondo os olhos na Nancaa dizem que disse. Agora que com aflição & angustia triste, ó miserauel & fraca molher estàs mais

²²⁴ X., «An den Leser», in *Die wunderliche Reisen Ferdinandi Mendez Pinto*, Amsterdam, 1671, f. [3]: «Im übrigen ist man nach dem Model der Niederdeutschen und Französchen translation möglichstes Fleißes [...]».

atribulada & confusa no pouco remedio que o entendimento humano te está representando, & te sometes cõ humildes suspiros debaixo da mão do alto Senhor, tira, tira, tira, ou quando não, trabalha por tirares teu coração dos fumos da terra, pregãdo de verdade teus olhos no Ceo, & nelle verás quanto pode a oração do inocente & atribulado diante da justiça do q̄ te criou, porq̄ **na hora q̄ com humildes suspiros lhe manifestaste a tua fraqueza & pouco poder, logo de cima te foy concedida a vitoria do tyrãno Silau [...]**» - versão portuguesa, fólhos 104-105

CAP. XCII: «[...] **con tan grande abstinência, quedasse el espíritu mas puro, santo y pronto para com Dios.**»; CAP. XCIII: «Passados aquellos tres dias en que toda la gente de la isla de la Pilaunera, por el decreto general que he dicho, hizieron tan áspera penitencia, echaron fuertes cinco vezes, para saber, quien auia de dar su parecer en el particular de su defensa, y todas cayeron en vn niño de siete años, llamado Silau, como el tirano que queria destruirlos, y tenia vsurpado el Reyno à la Nancaa, y a sus hijos. Quedaron de esse sucesso tristes y confusos, y mucho mas, quando aueriguaron, que en toda aquella nuchedumbre no auia quiẽ del nombre de aquel niño se llamasse. Hizieron de mucho sacrificios à su modo, con muchas musicas, y perfumes olorosos, en hazimiento de gracias por la eleccion, y disposicion de los dioses; y mandando al niño electo, que levantasse las manos al cielo, le pidieron, que dixesse el remedio, que á el le parecia mas seguro, para que todos saliessen de afliccion tamaña, y de tan gran trabajo: y el niño Silau, poniendo los ojos en la Nãcaa, escriuen aquellas historias que dixo estas palabras. Aora, que con afliccion, y angustia, o flaca, y miserable muger, estas mas confusa, triste, y atribulada, viendo el poco remedio, que las traças del entendimento humano (ya rendido) tẽ da, y ofrece y aora que te rindes, y pones com humildes oraciones, y suspiros, en la mano poderosa del Señor Altissimo, aparta, aparta tu coração, forzando-te à apartarle quãto pudieres, de los humos de la tierra, poniendo cõ fé y esperança tus ojos en el cielo, y allí veras lo que puede el coração del inocente atribulado, y perseguido; lo que alcança el solo, y triste delante de la suma justiça del Señor que te crio: **porque en misma hora que te manifestaste con humildes suspiros tu flaqueza, tu poco poder, y tu desampara, luego desde lo alto de su omnipotencia te fue concedida la vitoria, contra el tirano Silau [...]**» - versão espanhola, fólhos 176-177

CHAP. XCII: «[...] **cette abstinence du corps l'esprit fust porte d'une plus grande attention enuers Dieu.**»; CHAP. XCIII: «Les trois jours de cette abstinence estant passez, l'on jetta cinq fois le sort, & tout les cinq tomberent sur vn petit garcon aagé de sept ans, qui s'appelloit Silau comme le Tyran qu'ils redoutoient. Ils demeurerent tous cõfus & tristes, pour estre affeurez qu'en toute leur armée il n'y en auoit pas vn autre de mesme nom. Apres qu'ils eurent fait leurs sacrifices avec toutes les ceremonies accoustumées, de musique, parfums & sêteurs odoriferantes pour rendre graces à Dieu, ils commanderent au petit garçon de leuer les mains vers le Ciel, & dire ce qui luy sembloit estre necessaire pour remedier à vne affliction si grande que celle où ils estoient. Sur quoy le petit garçon Silau regardant Nancaa, les histoires font foy qu'ils luy dist ces paroles: *O foible et miserables femme, maintenant que la tristesse et l'affliction te rendent plus troublée et plus confuse que jamais, pour le peu de remede que l'entendemẽt humain te represente, sousmets toy par humbles souspirs à la puissante main du Seigneur: Esloigne donc, ou à tout le moins tasche d'esloigner ton coeur des vanitez de la terre, esleuant avec foy et esperance tes yeux en haut, et tu verras ce que peut le coeur d'un innocent affligé et pour [suiuy] deuaãt la Iustice de celuy qui t'a creée. Car dès l'heure qu'en toute humilité tu as declare au Tout puissant ton foible pouuoir, incontinent du haut des Cieux la vitorie t'a esté donnée sur le Tyran Silau [...]*» - versão francesa, fólhos 425/426

CHAP. XXIX: «[...] **this abstinence of the body, the Spirit might be carried with the greater attention towards God.** // The three days abstinence being expired, lots

were cast five times one after another, and all those five times the lot fell still on a little Boy of seven years of age, named as the Tyrant was Silau, whereat they were all exceedingly amazed, in regard that in the whole Troop there was not another of this same name: After that they had made their Sacrifices with all the accustomed Ceremonies of Musick, Perfumes, and sweet Odours, to render thanks unto God, they commanded the little Boy to lift up his hands unto Heaven, and then to say what he thought was necessary for the remedying of so great an affliction, as that wherein they were; whereupon the little Boy Silau beholding Nancock, the History affirms he said these words: *O feeble and wretched woman, now that sorrow and affliction makes thee more troubled and perplexed then ever thou art, in regard of the small relief that humane understanding doth represent unto thee*, subrait, thy self with humble sight to the omnipotent hand of the Lord; Esloign then, or at least wife labour to esloign thy mind from the vanities of the earth, lifting up thine eyes with Faith and Hope, and thou shalt see what the prayers of an innocent, afflicted and pursued before the justice of him that hath created thee, can do; **For as soon as in all humility thou hast declared the weakness of thy power unto the Almighty, victory will inconsistently be given thee from above over the Tyrant Silau [...]**» - versão inglesa, fólio 115

Cap. 26: «[...] **den daßelbe treffen würde/ freimütig und ohne alle furcht anzeigen das/ was ihm Gott eingäbe.** Sie nahmen hierzu dren Tage zeit/ welche sie mit Fasten/ Thränen und Heulen zubrachten/ und den Mächtigen Herzn/ in deßen Hand das begehrte Hülff Mittel stund/ um Rettung und Benstand überlaut am teffen. Nanco ließe auch ben Lebens Straffe verbieten/ es solte niemand in dren Tagen mehr als einmal eßen/ damit durch silches fasten der Geist mit desto größerer Andacht zu GOTT möchte gezogen werden. Nach Bollendung dieser dren Fast Tage/ warff man das loß fünfmahl/ und fiel allezeit auf einen kleinen Jungen von sieben Jahren Silau genant; so eben der Nahm des Thrannen war/ für dem sie sich fürchteten. Sie wurden hierüber alle bestürzt und sehr traurig die weil sie wusten/ wie außer diesem Knaben nicht ein einiger mehr unter ihnen dieses Nahmens zu finden. Nichts desto weniger brachten sie GOTT ihre gewöhnliche Opfer mit Gefängen und wohlriechenden Kräutern/ und befahlen [folgendsem] kleinen Jungen/ die Hände gen Himmel aufzu heben/ und anzuzeigen/ wie sie sich in so großer Noht und in so elendem betrübten Zustand verhalten solten. **Die Histori meldet ferner/ der kleine Knab Silau habe hieraus Nanco angesehen/ und sie mit diesen Worten angeredet [...]**» - versão alemã, fólios 162-163

Finalmente, no que diz respeito à quarta tradução da *Peregrinação*, a versão inglesa (1653) da autoria de Henry Cogan, partindo da análise comparativa efetuada e do grau de fidelidade evidenciado na sua generalidade, atrevemo-nos a afirmar que a tradução que terá estado na origem daquela é a francesa, apesar do conhecimento manifestado em relação à tradução espanhola (confirmado no paratexto «The Epistle Dedicatory»²²⁵) e da supressão da passagem relativa à intervenção de Francisco Xavier, tal como sucede, supostamente, na versão neerlandesa de forma mais acentuada e, conforme se demonstrará neste trabalho, do mesmo modo na edição alemã. De entre as várias passagens exemplificativas dessa proximidade textual, destacamos a seguinte:

²²⁵ Cogan, Henry, «The Epistle Dedicatory», in *The Voyages and Adventures of Fernand Mendez Pinto*, London, 1653, f. 1: «[...] being invited thereunto by the example of two translators of it into the *Spanish and French Tongues*, whereof the one dedicated it to the Archbishop of *Toledo* in Spain, and the other to the Cardinal *Richelieu* of *France*, both of them, the most eminent persons, of their time, in those Kingdoms [...]

Paralelo V

CAP. CCIII: «De hũa grossa armada q̃ o Rey do Achem neste tempo mandou sobre Malaca, e do q̃ nisso fez o padre mestre **Frãncisco Xauier**, reytor da Companhia de Jesu nas partes da India.» - versão portuguesa, fólho 262

CAP. CCIII: «Embia el Rey de Achem vna gruessa armada sobre Malaca: dizese lo que hizo en essa ocasion el padre maestro **Francisco Xauier**, religioso de la companhia de Iesus, y **Nuncio Apostolico por el Papa Paulo III**. En la India.» - versão espanhola, fólho 424

CHAP. CCIII: «D’vne grosse armée que le Roy d’Achem enuoya en ce temps-là sur **la forteresse** de Malaca, Et **des grandes choses** que fist en cette occasion le Reuerend Pere Maistre **François Xauier**, Recteur de la Compagnie de Jesus en ces contrées des Indes.» - versão francesa, fólho 1036

CHAP. LXXVII: «**Father Belquior**’s and my departure from the Indiaes to go to Japan, and that which befell us till our arrival at the Island of Champeiloo.» - versão inglesa, fólho 312

Cap. 62: «Pinto komt nach Hyamangoo großer Sturm/ darinn viel Schiffe zu Strund gehen. Pinto begegnet ein Unfall. Er wird an eine Klippe geworffen/ und nimt zween Männer in sein Schiff. Er komt nach Gincheo, vondar nach Lamau, und endlich nach Malakka. Er begibt sich wieder nach Japon, wird von einem grausamen Sturm überfallen/ komt in China, und wieder nach Malakka. Stehet auf der See große Gefahr aus/ komt nach Patane, und an unterschiedliche andere pläze. Wunderliche Begebniß.» - versão alemã, fólho 376

Face ao exposto, é possível deduzir que, de facto, a *Peregrinaçam* de Fernão Mendes Pinto se tornou popular num curto espaço de tempo, porém numa área consideravelmente vasta. Para além disso, é notório que os contactos com o texto original nem sempre tiveram lugar e que, ainda que os textos de chegada usados como fontes evidenciem um grau de proximidade muito elevado com a obra portuguesa (versões espanhola e francesa), outros contextos e destinatários favoreceram a adoção de processos tradutivos que os tornaram ténue e distintamente afastados, sem, contudo, deixar de divulgar o interessante e rico texto deste autor português (versões inglesa e alemã).

Enfim, tal como afirma Ana Paula Laborinho, «as versões seiscentistas da *Peregrinaçam*, na sua diversidade de contextos e sentidos, percorrem as contradições de

um tempo, os conflitos de um espaço, que a obra deixa libertar na sua infinita possibilidade»²²⁶.

²²⁶ Laborinho, Ana Paula Martins, *O Rosto de Jano – Universos Ficcionalis da 'Peregrinação' de Fernão Mendes Pinto*, Tese de Doutoramento, Universidade de Lisboa – Faculdade de Letras, 2006, 1º vol., p. 161.

CAPÍTULO 3

DA PEREGRINAÇÃO ÀS TRADUÇÕES ESPANHOLA, FRANCESA, INGLESA E ALEMÃ

A *Peregrinação* (1614) de Fernão Mendes Pinto apresenta um narrador-personagem que se autopropõe «como figura exemplar, não do herói ou do santo, mas do vulgar português marinheiro e comerciante que, por ‘trabalhos e perigos’, vai tentar fortuna, ou mesmo do quase pícaro ‘pobre de mim’»²²⁷. Para nos dar conta de tudo quanto a sua personagem-narrador viveu, observou e refletiu, por exemplo, o autor desenvolve um trabalho de escrita, onde, tal como os tradutores que se dedicaram à sua obra, recorre ao processo de «condensação», fazendo avançar a diegese e imprimindo uma certa dinâmica sempre que considerou necessário. Diz Pinto-Correia:

«[...] a *Peregrinação* constitui um espaço discursivo em que se reflectem as experiências pessoais vividas e evocadas como se vividas (aliás, todas elas não passam directamente para o texto; são sempre objecto de uma transformação ‘arrumação/condensação’ por parte do narrador).»²²⁸

Dada a extensão da *Peregrinação* e da *Historia Oriental de Las Peregrinaciones* (1620), tal como das restantes traduções em análise (francesa -1628; inglesa – 1653; alemã – 1671), conforme dissemos atrás, procedemos à seleção de momentos narrativos, com o contributo dos já referidos estudos de João David Pinto-Correia²²⁹, Rebecca Catz²³⁰ e Maria Alzira Seixo²³¹, nos quais procuraremos, numa fase inicial, detetar processos tradutológicos que nos permitam estabelecer relações de contacto entre as obras, original/traduções ou traduções/traduções, e, finalmente, avaliar o grau de fidelidade/infidelidade de cada versão traduzida, bem como do significado associado à natureza desses mesmos textos em língua estrangeira.

²²⁷ Pinto-Correia, João David, «4. O Valor Documental da ‘Peregrinação’: Autobiografia, cultura e Ideologia», in *A Peregrinação de Fernão Mendes Pinto*, apresentação crítica, selecção, resumos, glossário e sugestões para análise literária de J. D. Pinto-Correia, 2ª edição, Col. «Textos Literários», Editorial Comunicação, Lisboa, 1979, p. 84.

²²⁸ Pinto-Correia, João David, «4. O Valor Documental da ‘Peregrinação’: Autobiografia, cultura e Ideologia», in *A Peregrinação de Fernão Mendes Pinto*, apresentação crítica, selecção, resumos, glossário e sugestões para análise literária de J. D. Pinto-Correia, 2ª edição, Col. «Textos Literários», Editorial Comunicação, Lisboa, 1979, p. 84.

²²⁹ Pinto-Correia, João David, «2. A ‘Peregrinação’: Resumo, Esquematização da Estrutura», in *A Peregrinação de Fernão Mendes Pinto*, Apres. Crítica, selecção, resumos, glossário e sugestões para análise literária de J. D. Pinto-Correia, 2ª edição, Col. «Textos Literários», Editorial Comunicação, Lisboa, 1979.

²³⁰ Catz, Rebecca, *Fernão Mendes Pinto – Sátira e Anti-cruzada na ‘Peregrinação’*, vol. 57, 1ª ed., Biblioteca Breve, Lisboa, 1981.

²³¹ Seixo, Maria Alzira, «Rotas semânticas e narrativas da *Peregrinação*», in *O Discurso Literário da ‘Peregrinação’*, Seixo, Maria Alzira e Christine Zurbach (org.), Ed. Cosmos, Lisboa, 1999.

Francisco de Herrera Maldonado, cónego espanhol e particular admirador de Fernão Mendes Pinto, autor da tradução espanhola, dedicou parte da sua vida ao estudo desta magnífica e imponente obra-prima da literatura e cultura portuguesas ao traduzi-la para castelhano. A tradução intitulada *Historia Oriental de Las Peregrinaciones de Fernan Mendez Pinto*, ficou concluída apenas seis anos depois e foi publicada a 2 de fevereiro de 1620, em Madrid. Alcançou um sucesso que resultou na sua reimpressão no mesmo ano e em quatro reedições muito próximas, em 1628, 1645, 1664 e 1666. Esta tradução contribuiu verdadeiramente para que a obra portuguesa passasse a ser conhecida a nível europeu. Conforme veremos adiante, é esta versão da *Peregrinaçam* que está, direta ou indiretamente, na base das traduções que constituem o nosso objeto de estudo.

Os limites e as barreiras espaciais continuaram a não se fazer sentir e, desse modo, a *Peregrinaçam* continuou a viajar pela Europa fora. Em 1628, em Paris, catorze anos após a sua publicação e oito anos após a sua tradução para a língua espanhola, foi traduzida «fielmente» por «Bernard Figvier Gentil-homme Portugais» ou antes, pelo tradutor Bernardo Figueira, conforme se referiu atrás, com o título *Les Voyages Advantvrevx de Fernand Mendez Pinto*. Mais uma vez, podemos constatar que esta obra literária portuguesa representou uma verdadeira fonte de informação interessante, singular e digna também de uma receção em território francês.

No ano de 1653, um ano após a publicação da tradução neerlandesa por J. H. Glazemaker com o título *De Wonderlyke Reizen van Fernando Mendez Pinto*, a *Peregrinaçam* voltou a agitar o público-leitor europeu, tendo sido publicada a sua tradução inglesa da autoria de Henry Cogan Gentleman, e intitulada *The Voyages and Adventures of Fernand Mendez Pinto*. De novo, a curiosidade e o desejo de conhecer e de reviver aventuras, juntamente com o interesse pelos dados geográficos, culturais e antropológicos, entre outros, terão sido, pensamos nós, os motivos deste trabalho tradutológico. Foi um livro muito popular na Inglaterra da segunda metade do século XVII, tendo, inclusivamente, sido referenciado na comédia *Love for Love* (1695) do dramaturgo William Congreve do seguinte modo: «Mendez Pinto was [...] thou liar of the first magnitude»²³².

A *Peregrinaçam*, uma vez mais, despertando um interesse de um público-leitor cada vez mais alargado, chegou à Alemanha em 1671, tendo sido publicada também em

²³² Apud Faria, Francisco Leite de, *As Muitas Edições da 'Peregrinação' de Fernão Mendes Pinto*, Academia Portuguesa da História, Lisboa, 1992, p. 24.

Amesterdão, tal como a versão neerlandesa acima mencionada. Os editores desta tradução, intitulada *Die wunderliche Reisen Ferdinandi Mendez Pinto*, Henrich ou Hans Boom e Dietrich Boom, segundo Marília dos Santos Lopes, terão sido eles próprios os autores da tradução, criando um autor anónimo, que assina apenas com a letra X.:

«O leitor poderá, como se afirma no prólogo, recolher e seleccionar os mais diversos dados em função do seu interesse ou da sua formação, e ao fazê-lo instruir-se-á. Os autores do prólogo, Hans e Dietrich Boom, com estas suas palavras, recordam uma das principais funções da ciência histórica, e assim em analogia às obras históricas, este escrito visa ser uma lição para a vida; [...] Tendo em consideração as longínquas regiões e as extraordinárias raridades descritas nesta obra, os autores da tradução prevêem, por parte de alguns leitores, uma certa desconfiança e descrença. [...] Neste caso, [...] remetem o leitor para outras obras, de teor semelhante, onde poderão comprovar e testemunhar os factos e acontecimentos relatados por Pinto.»²³³

Estas são apenas algumas das muitas traduções que se fizeram da *Peregrinação*; no entanto, foram também as primeiras que se fizeram para as respectivas línguas referidas. Serão alvo deste estudo comparativo as versões espanhola, francesa, inglesa e alemã. Quanto à tradução neerlandesa, por não dominarmos a língua holandesa, não nos dedicaremos a ela neste projeto, apesar de a referirmos no decurso do mesmo a propósito da tradução alemã, pelas razões já atrás apontadas.

²³³ Lopes, Marília dos Santos, «Fernão Mendes Pinto e o diálogo entre os mundos ou o que traziam de novo as obras portuguesas à cultura alemã», in *Mare Liberum: revista de história dos mares / Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses*; dir. Luís de Albuquerque, N.º 1 (Dez. 1990), [Lisboa]: C.N.C.D.P., p. 100.

3.1. Título(s), Paratextos e Estruturas Externas

Neste estudo, usámos a edição fac-similada da obra original e os microfílm das traduções, disponíveis na Biblioteca Nacional. Ora, as práticas tradutiva e editorial envolvem, implicitamente, modificações variadas, que poderão incluir os títulos, as estruturas externas e, seguramente, os paratextos. Os textos que constituem a nossa base de trabalho não fogem a esta regra, facto que se torna perceptível logo ao lermos os vários títulos e ao analisarmos os vários frontispícios.

De facto, os títulos e os frontispícios destes textos são distintos, ainda que alguns se revelem próximos. No interior dos mesmos, encontramos diferenças também em termos de composição e de paratextos. A obra portuguesa apresenta as «Licenças», o «Privilégio», uma «Dedicatoria deste livro a el rey Dom Philipe II», um prefácio dirigido «Ao Leitor» e, no final, uma «Tavoadada dos Capítulos». Quanto à tradução espanhola, esta inclui, antes do texto propriamente dito, um «Auto del Consejo Real», um texto dirigido ao marquês Dom Duarte, onde dedica o seu trabalho ao Arcebispo de Toledo, três aprovações, «Erratas en esta Historia Oriental», uma «Apologia en favor de Fernan Mendez Pinto, y desta Historia Oriental», um «Catalogo de los Autores que han escrito de las Indias, Iapon, y China, y de sus situaciones, nauegacion, y conquistas» e uma «Tabla de los capítulos desta Historia Oriental». A edição francesa contém um texto dirigido «A Monseigneur Le Cardinal de Richeliev», um «Privilege du Roy», uma «Deffence Apologeticque de l’Histoire Orientale de Fernand Mendez Pinto», um «Advertissement au Lecteur», antes do texto, e, no final, uma «Table de Chapitres». Em relação à versão inglesa, esta apresenta, primeiramente, um texto dedicado a William, Earl of Strafford, seguido de uma «Apologetical Defence de Fernand Mendez Pinto His History» e, ainda, de uma relação dos capítulos intitulada «The Contents». Por fim, a edição alemã contém apenas um texto intitulado «An den Leser» antes da tradução, excluindo a habitual tabela de capítulos.

No seguinte paralelo, podem-se verificar diferenças entre esses paratextos e, inclusivamente, estabelecer uma relação de proximidade entre as versões espanhola e francesa, por um lado, entre a versão inglesa e a espanhola e a francesa, por outro, e, finalmente, entre a edição alemã e o texto traduzido francês:

Versão Portuguesa

«Ao Leitor»²³⁴

Versão Espanhola

«Apologia en Favor de Fernan Mendez Pinto, Y desta Historia Oriental»²³⁵

Versão Francesa

«DEFFENCE APOLOGETICQUE DE l'*Histoire Orientale de Fernand Mendez Pinto*.»
«ADVERTISSEMENT AV LECTEUR»²³⁶

Versão Inglesa

«An Apologetical Defense of Fernand Mendez Pinto – His History.»²³⁷

«[...] being invited thereunto by the example of two translators of it into the *Spanish and French Tongues*, whereof the one dedicated it to the Archbishop of *Toledo* in Spain, and the other to the Cardinal *Richelieu* of *France*, both of them, the most eminent persons, of their time, in those Kingdoms [...]»²³⁸

Versão Alemã

«An den Leser!

[...] Im übrigen ist man nach dem Model der **Niederteutschen und Franßöschenn translation** möglichstes fleißes dahin bedacht gewesen/ daß der Leser durch übele und undeutliche Wortfügung weder einige Hunderung im Begriff der Sachen haben [...]»²³⁹

Quanto às estruturas externas das cinco obras, veja-se a seguinte tabela-síntese em que são indicados o número de capítulos de cada uma, bem como o número de fólhos e os capítulos abrangidos por cada momento narrativo. Foi, igualmente, incluída a descrição física de cada versão de forma a realçar que a variação do número de páginas depende não só do respeito dos textos pelos tradutores, mas também das próprias dimensões, distribuição gráfica e materiais de suporte das respetivas obras:

²³⁴ Crasbeeck, Pedro (ed.), «Ao Leitor», in *Peregrinaçam de Fernam Mendez Pinto*, Pinto, Fernão Mendes, Lisboa, 1614, f. [3].

²³⁵ Maldonado, Francisco de Herrera, «Apologia en Favor de Fernan Mendez Pinto, Y desta Historia Oriental», in *Historia Oriental de las Peregrinaciones de Fernan Mendez Pinto*, Madrid, 1620, f. I.

²³⁶ Figvier, Bernard, «Deffence Apologeticque de l'*Histoire Orientale de Fernand Mendez Pinto*», in *Les Voyages Advantvrevx de Fernand Mendes Pinto*, Paris, 1628, fls. [8/15].

²³⁷ Cogan, Henry, «An Apologetical Defense of Fernand Mendez Pinto – His History», in *The Voyages and Adventures of Fernand Mendez Pinto*, London, 1653, f. 1.

²³⁸ Cogan, Henry, «The Epistle Dedicatory», in *The Voyages and Adventures of Fernand Mendez Pinto*, London, 1653, f. 1.

²³⁹ X., «An den Leser», in *Die wunderliche Reisen Ferdinandi Mendez Pinto*, Amsterdam, 1671, fls. [1-4].

Tabela 3.1.1. Estrutura Externa da *Peregrinaçam* e das suas Traduções Espanhola, Francesa, Inglesa e Alemã

Textos (edições)	N.º de capítulos	Descrição Física	Momentos Narrativos e respetivos limites				
			1 - A Partida de Lisboa e o Início da Aventura	2 - Na Companhia de António de Faria e o seu derradeiro naufrágio	3 - A Utopia e o Eu na China	4 - O Japão e a Missão de São Francisco Xavier	5 - O Retorno ao Reino de Portugal
Português (facsimilada), 1614	226	303 fólios, f. a 2 colns. (frente e verso); 160 linhas por fólio, 6 palavras por linha; c. de 297.400 palavras; 29 cm	Cap. I-XXXVI Fls. I-36	Cap. XXXVI-LXXIX Fls. 36-88	Cap. LXXX-CXXXI Fls. 88-157	Cap. CXXXII-CXLIII Fls. 157-172 Cap. CC-CCXXV Fls. 258-301	Cap. CCXXVI Fls. 302-303
Espanhol (microfilme), 1620	226	481 fólios; f. a 2 colns.; 114 linhas, 8 palavras por linha; c. de 437.760 palavras; 30 cm	Cap. I-XXXVI Fls. I-57	Cap. XXXVI-LXXIX Fls. 57-147	Cap. LXXX-CXXXI Fls. 148-265	Cap. CXXXII-CXLIII Fls. 266-293 Cap. CC-CCXXV Fls. 418-479	Cap. CCXXVI Fls. 479-481
Francês (microfilme), 1628	226	1193 fólios; f. a 1 coluna; 31 linhas, 9 palavras por linha; c. de 332.847 palavras; 4' (22 cm)	Cap. I-XXXVI Fls. I-159	Cap. XXXVI-LXXIX Fls. 160-361	Cap. LXXX-CXXXI Fls. 362-627	Cap. CXXXII-CXLIII Fls. 628-692 Cap. CC-CCXXV Fls. 1019-1189	Cap. CCXXVI Fls. 1190-1193
Inglês (microfilme), 1653	81	326 fólios; f. a 1 coluna; 57 linhas, 15 palavras por linha; c. de 253.350 palavras; 2º (29 cm)	Cap. I-XIV Fls. I-45	Cap. XV-XXVI Fls. 46-100	Cap. XXVI-XLII Fls. 100-169	Cap. XLIII-LVIII Fls. 170-240 Cap. LXXV-LXXX Fls. 305-322	Cap. LXXXI Fls. 323-326
Alemão (microfilme), 1671	63	392 fólios; f. a 1 coluna; 39 linhas, 12 palavras por linha; c. de 188.222 palavras; 4' (20 cm)	Cap. I-12 Fls. I-67	Cap. 13-22 Fls. 68-136	Cap. 22-39 Fls. 136-248	Cap. 39-50 Fls. 248-311 Cap. 61-63 Fls. 371-391	Cap. 63 Fls. 391-393

No que diz respeito à descrição física, há evidentes diferenças em termos de número de fólhos, de linhas por fólho, de palavras por linha e de número aproximado de palavras de cada texto. O texto original terá cerca de 297.400 palavras, a tradução espanhola terá aproximadamente 437.760 palavras (mais 140.36 palavras do que a sua fonte), a versão francesa terá por volta de 332.847 palavras (mais 35.447 palavras do que o texto original e menos 104.913 palavras do que a tradução espanhola), o texto de chegada inglês terá, por sua vez, perto de 253.350 palavras (menos 44.05 palavras do que o original português, menos 134.41 palavras do que a tradução espanhola e menos 79.00 palavras do que a versão francesa) e a edição alemã, por seu turno, terá apenas 188.222 palavras (menos 103.178 palavras do que o original português, menos 243.538 palavras do que a tradução espanhola, menos 143.625 palavras do que a versão francesa e, finalmente, menos 65.128 palavras do que a versão inglesa). Estes dados permitem-nos inferir, por exemplo, que Herrera Maldonado terá sido o tradutor que recorreu mais frequentemente à expansão e que, por outro lado, os editores Henrich e Dietrich Boom terão sido aqueles que terão adotado a compressão e a supressão de forma mais notória.

Atendendo aos factos acima apresentados, é possível, realmente, partir do pressuposto de que a obra portuguesa foi, de um modo geral, respeitada por Francisco de Herrera Maldonado. Na tradução espanhola, as diferenças mais visíveis poderão ter resultado de uma adaptação a um novo contexto e público-leitor, o que se torna claro ao nos depararmos com algumas passagens novas, as quais terão sido censuradas/rasuradas no original, e vários comentários explicativos ou reflexivos encontrados nesta tradução e que não existem no texto original português. Algumas transmutações no que respeita a datas e a quantidades decorrentes do processo tradutivo poderão, contudo, advir de hipercorreções ou de pequenos lapsos.

Analisando a estrutura externa de ambos os textos, verificam-se várias similitudes imediatas. O número de capítulos é exatamente o mesmo, em ambas as obras existe uma preocupação com a síntese do conteúdo do texto, designada de «Tavoadá dos Capítvlos que se contem neste livro», no original, e de «Tabla de los Capítvlos desta Historia Oriental», na versão espanhola. Apesar da intenção comum, há que ressaltar a diferença visível no título atribuído a essas sínteses. O seu autor, humildemente, refere-se ao «livro» como objeto, enquanto o tradutor realçou a natureza do assunto do mesmo, incluindo então nesse título um substantivo e respetivo adjetivo bastante esclarecedores quanto ao seu exotismo.

Esta discrepância remete-nos para uma análise do título, propriamente dito, das duas obras, conforme se pode ver nos frontispícios de ambas:



3.1.1. Frontispício da obra portuguesa

HISTORIA
O R I E N T A L
DE LAS PEREGRINACIONES
DE FERNAN MENDEZ PINTO
PORTVGVES, ADONDE SE ESCRIVEN
muchas, y muy estrañas cosas que vio, y oyò en los Reynos de la China,
Tartaria, Sornao, que vulgarmente se llama Siam, Calamiñam, Peguu,
Martauan, y otros muchos de aquellas partes Orientales, de que
en estas nuestras de Occidente ay muy poca, ò
ninguna noticia.

CASOS FAMOSOS, ACONTECIMIENTOS ADMIRABLES,
leyes, gouierno, trages, Religion, y costumbres de aquellos
Gentiles de Asia.

TRADVZIDO DE PORTVGVES EN CASTELLANO POR
el Licenciado Francisco de Herrera Maldonado, Canonigo de la santa Yglesia
Real de Arbas.

AL EXCELENTISSIMO SEÑOR DON DVARTE, MARQVES
de Flechilla, y Villarramiel, Marques de Malagon, señor de las villas de Paracuellos,
la Porçuna, y Hernancauallero, Alfercz mayor de la Orden y Caualleria
de Alcantara, y Comendador de Castilnouo.

Año



1620.

CON PRIVILEGIO:

En Madrid, Por Tomas Iunti, Impressor del Rey nuestro señor.

*Impressa a costa de Manuel Rodriguez, Mercader de Libros. Vendese en su casa
frontero de san Basilio, y en Palasio.*

O título do texto original é «Peregrinaçam de Fernam Mendez Pinto». O «primeiro subtítulo - resumo» é o seguinte:

«EM QUE DA CONTA DE MUYTAS E MUYto estranhas cousas que vio & ouuio no reyno da China, no da Tartaria, no do Sornau, que vulgarmente se chama Sião, no do Calaminhan, no de Pegù, no de Martauão, & em outros muytos reynos & senhorios das partes Orientais, de que nestas nossas do Occidente há muyto ouça ou nenhua noticia.»²⁴⁰

E continua com um «segundo subtítulo - resumo» que se inicia também com letras maiúsculas, passando depois a recorrer ao itálico e a um tamanho de letra bastante menor:

«E TAMBEM DA CONTA DE MUYTOS CASOS PARTIculares que acontecerão assi a elle como a outras muytas pessoas. E no fim della trata brevemente de algunas cousas, & da morte do Santo Padre mestre Francisco Xauier, única luz & resplendor daquellas partes do Oriente, & Reytor nellas universal da Companhia de Iesus.»²⁴¹

A tradução espanhola coloca a questão de um modo original. O título passa a ser: «HISTORIA **ORIENTAL** DE LAS PEREGRINACIONES DE FERNAN MENDEZ PINTO PORTVGVES». Não precisamos de avançar mais para percebermos que Herrera Maldonado imprime, desde logo, um estilo pessoal à sua tradução-criação no título ao substituir «Peregrinaçam» por «Historia Oriental» e ao utilizar não «Peregrinacione», no singular, como seria expectável, mas antes «Peregrinaciones», no plural. Esta sua originalidade deixa o seu público-leitor preparado, não para uma peregrinação ao Oriente, mas sim para várias viagens ou fases de uma extensa e demorada peregrinação-aventura, como, de facto, verificamos ao ler a obra na íntegra.

O subtítulo é o seguinte:

«Adonde se escriben muchas, y muy estranas cosas que vio, y oyò en Los Reynos de la China, Tartaria, Sornao, que vulgarmente se llama Siam, Calaminam, Peguu, Martauan, y otros muchos de aquellas partes Orientales, de que en estas nuestras de Occidente ay muy poca, ò ninguna noticia.»²⁴²

²⁴⁰ Pinto, Fernão Mendez, *Peregrinaçam de Fernão Mendez Pinto*, edição fac-similada de José Manuel Garcia, Castoliva Editora, Maia, 1995, frontispício.

²⁴¹ Pinto, Fernão Mendez, *Peregrinaçam de Fernão Mendez Pinto*, edição fac-similada de José Manuel Garcia, Castoliva Editora, Maia, 1995, frontispício.

²⁴² Pinto, Fernan Mendez, *Historia Oriental de las Peregrinaciones*, tradução de Francisco de Herrera Maldonado, Madrid, 1620, frontispício.

Neste ponto, para além da utilização da maiúscula para destacar os «Reinos de la China», não se verificou qualquer ato criativo da parte do tradutor.

Seguidamente, surge um segundo subtítulo que, ao contrário do que acontece no original, não menciona ou identifica personagens nem se refere a partes concretas da obra, mas sim aos temas predominantes e à população que mais ocupa o autor, a asiática: «CASOS FAMOSOS, ACONTECIMIENTOS ADMIRABLES, leyes, gouierno, trages, Religion, y costumes de aquellos Gentiles de Asia.»²⁴³. Note-se o recurso às maiúsculas para destacar a singularidade dos conteúdos, em especial da «Religion», que, decerto, despertariam o interesse e a curiosidade do público-leitor de língua espanhola.

Para além destas diferenças, sobressaem outras ao nível dos paratextos. Na versão original encontramos as «Licenças», o «Privilegio», a «Dedicatória deste Livro a El Rey Dom Philippe», um texto dirigido «Ao Leitor», em que se enaltece o povo português no que respeita à coragem e ao espírito aventureiro. Na tradução em causa, surge, primeiramente, um «Auto del Consejo Real», datado de 1617, relacionado com a Santa Inquisição e as leis que então proibiam o registo de determinados livros nos reinos de Castela, seguido de um parágrafo acerca da circulação ou venda de livros impressos em «Corona de Aragon, Valencia, Cataluna e Nauarra». Na sua sequência, encontramos um texto com o título «Al Senor Don Duarte Marqves de Flechilla,&c.», depois um texto dedicado a El Rey, parágrafos sobre a «Arouacion» do livro e «Erratas en esta Historia Oriental», nas quais se reforça a ideia de correspondência entre esta versão traduzida e a original. Finalmente, deparamo-nos com o texto intitulado «TASSA», com a «Apologia a los Lectores en Favor de Fernan Mendez Pinto, e desta Historia Oriental», em que Francisco de Herrera Maldonado dá a conhecer ao seu leitor o autor do original, Fernão Mendes Pinto, revelando, paralelamente, uma notória consideração por este autor português. Nesse mesmo texto, Herrera Maldonado apresenta as razões que o levaram a traduzir esta obra e afirma que verificou todas as informações nela constantes, alegando que algumas são fruto da imaginação. Não obstante, afirma que, seguramente, a China era realmente um país em que a riqueza imperava, corroborando a defesa da veracidade e historicidade da obra no seu todo. O tradutor, ao contrário do autor português, inclui um «Catalogo de Los Autores que han escrito de las Indias Orientales, Iapon, y China, y de sus situaciones, nauegacion, y

²⁴³ Pinto, Fernan Mendez, *Historia Oriental de las Peregrinaciones*, tradução de Francisco de Herrera Maldonado, Madrid, 1620, frontispício.

conquistas». Este paratexto, juntamente com os restantes, fornece aos leitores espanhóis, e a outros, uma panóplia de textos em que se podem obter informações emanadas pela obra que a seguir se oferece a ler. Para finalizar esta breve análise da estrutura externa de ambas as obras, note-se que, ao contrário da obra original que apresenta apenas no final a «Tabla de Los Capítulos», na tradução espanhola, este elemento é estrategicamente colocado na sequência dos paratextos acima mencionados e serve, na nossa opinião, o objetivo de acesso imediato a informação acerca do conteúdo da obra, estimulando o interesse junto do novo público-alvo, relativamente ao número de capítulos e às várias referências a diferentes locais e povos exóticos mal conhecidos ou mesmo desconhecidos dos europeus.

A decisão de levar a cabo a tradução desta vastíssima obra literária é apresentada ainda na capa. Herrera Maldonado acrescenta, como se viu atrás, «Historia Oriental» ao título, reforçando o conteúdo exótico do livro, e, no «segundo subtítulo», adiciona «CASOS FAMOSOS, ACONTECIMIENTOS ADMIRABLES», bem como procede à enumeração dos temas nele abordados, ao contrário do que se verifica no original, em que são mencionados não «CASOS FAMOSOS», mas sim «PARTICULARES», e omite a referência ao «Santo Padre mestre Francisco Xavier», bem como às suas qualidades e funções naqueles lugares orientais. Relativamente aos termos «FAMOSOS» e «ADMIRABLES», esta obra é, com efeito, singular, notável e excepcional, pelo que consideramos que se trata de mais um artifício enfático de Herrera Maldonado para a enaltecer. Confirmam-se, assim, as razões pelas quais este tradutor decidiu traduzir esta obra, ou seja, pelo abrangente universo temático que envolve, pelo seu valor documental, mas também pelas suas específicas potencialidades geradoras de estímulo da curiosidade e da imaginação do leitor.

Aparentemente, partindo da simples verificação do número coincidente de capítulos, o tradutor manteve-se fiel. A omissão da referência ao Padre Francisco Xavier no «segundo subtítulo» não estava relacionada com a eliminação dos capítulos a ele referentes, conforme acontece nas edições inglesa e alemã, como se verá adiante. O Padre Francisco Xavier é, com efeito, uma personagem absolutamente central, por questões religiosas, na obra original portuguesa e nas versões espanhola e francesa.

De referir também que em ambos os textos se encontra patente a imagem emblemática da monarquia portuguesa, conforme se pode verificar nos frontispícios respetivos e atrás apresentados.

Ao longo da tradução espanhola, encontramos notas explicativas e datas colocadas lateralmente ao texto, o que revela uma intenção informativa por parte do tradutor. Apresentamos, para já, as primeiras três, a título de exemplo, a saber: «1521» (fól. 2), «1537» (fól. 3), «Pastel es tinta com que se tisiẽ pañes en la India» (fól. 6). As datas ajudam o leitor a situar-se no tempo histórico-cronológico, reforçando, desse modo, a credibilidade e a veracidade da obra. O mesmo acontece quando se lê a terceira nota informativa, a qual auxilia o público-leitor na tarefa de se familiarizar com um vocabulário totalmente novo e exótico.

No âmbito dos resumos que antecedem os duzentos e vinte e seis capítulos, há que registar uma diferença notória, a de a primeira pessoa, do singular ou do plural, passar sistematicamente para a terceira, registando-se uma mudança de ponto de vista, decorrente do distanciamento relativamente ao referente. Atente-se aos dois resumos do capítulo I, o da versão original e o da tradução:

«CAPITVLO I. Do que passey em minha mocidade neste Reyno ate que me embarquey para a India.»²⁴⁴

«Capitulo Primero. Cuenta el Autor su nacimiento, mocedad, y sucessos en el Reyno de Portugal, hasta embarcarse para la India.»²⁴⁵

A síntese original é mais breve, o que se repete ao longo das restantes sínteses e também do corpo do texto. O tradutor complementa o seu texto com informações consideradas necessárias à compreensão da obra original por parte do seu leitor, agora de nacionalidade espanhola. De facto, Herrera Maldonado adiciona aqui a questão da naturalidade e dos feitos dignos de contar que o autor vivenciou em Portugal, o que acontece noutras situações e que revela a atitude atrás aludida de despertar o interesse do novo público-leitor e de o orientar no ato de leitura da tradução.

Quanto à análise comparativa entre a estrutura externa da tradução francesa e a da narrativa portuguesa, verificamos, do mesmo modo, as similitudes existentes entre si. O número de capítulos corresponde; nas duas obras existe uma preocupação com a síntese do conteúdo do texto, denominada, neste caso, «TABLE DES CHAPITRES

²⁴⁴ Pinto, Fernão Mendez, *Peregrinaçam de Fernão Mendez Pinto*, edição fac-similada de José Manuel Garcia, Castoliva editora, Maia, 1995, f. I.

²⁴⁵ Pinto, Fernan Mendez, *Historia Oriental de las Peregrinaciones*, tradução de Francisco de Herrera Maldonado, Madrid, 1620, f. I.

CONTENV S EN CE LIVRE», contudo, estrategicamente colocada no final da versão francesa, como seria mais habitual em França, à época.

Ao analisarmos comparativamente os títulos do texto original e desta última tradução, deparamo-nos com diferenças marcantes. A edição francesa, contrariamente ao original, começa por apresentar apenas o título «LES VOYAGES ADVANTVREX DE FERNAND MENDEZ PINTO», imediatamente seguido da referência à autoria da tradução que, conforme se indicou acima, refere de forma destacada «FIDELEMENT TRADVICTS DE Portugais en François par le Sieur BERNARD FIGVIER Gentil-homme Portugais.». Este processo que consistiu na singela inclusão do advérbio de modo «fidelement» desperta o interesse e a curiosidade do leitor, o qual era ávido por conhecer lugares exóticos, por assim ter a oportunidade de conhecer locais distantes e distintos dos seus, e, ainda, de ler sobre aventuras vividas em espaços longínquos e praticamente desconhecidos. O título da tradução perde, igualmente, a sua conotação religiosa patente no termo «peregrinação» e ganha um cunho aventureiro através da designação de «voyages advantvrevx», no plural, atraindo, igualmente, o novo público-leitor, o francês, tendo em conta o seu gosto por romances de aventuras.

Logo após o título, surge-nos a dedicatória «A MONSEIGNEUR LE CARDINAL DE RICHELIEV» e uma breve e singela referência, muito ao gosto francês, ao conteúdo da presente obra («LE CONTENV DE LA PRESENTE Histoire se verra à la page suiuvante»). Nesta versão, verifica-se, no entanto, a supressão da imagem emblemática da monarquia portuguesa, ao contrário do que se havia verificado na tradução espanhola.

Na folha de rosto, é apresentada a seguinte síntese:

«En la presente Histoire sont contenues plusieurs choses estranges & prodigieuses par luy veuës & ouyes aux Royaumes de la Chine, de Tartarie, de Sornau, vulgairement appellé Siam, de Calaminham, de Pegu, de Martabane, & en diuers autres endroicts des contrées Orientales, dont nous n'auons presque point de cognoissance en nostre Occident.»²⁴⁶

A fidelidade, tal como anunciada junto do título, é significativa também aqui, tendo-se registado unicamente uma adição de «estranges & prodigieuses», aspeto que contribui para enfatizar o carácter exótico de uma escrita acerca das coisas que nesses locais se podem admirar ou experienciar, conforme se pode ver no frontispício:

²⁴⁶ Pinto, Fernand Mendez, *Les Voyages Advantvrevx de Fernand Mendes Pinto*, tradução de Bernard Figvier, Paris, 1628, folha de rosto.

LES
VOYAGES
ADVANTUREUX
DE
FERNAND
MENDEZ PINTO.

FIDELLEMENT TRADVICTS DE
Portugais en François par le Sieur BERNARD
FIGVIER Gentil-homme Portugais.

ET DEDIEZ A MONSEIGNEUR
LE CARDINAL DE RICHELIEV.

LE CONTENU DE LA PRESENTE
Histoire se verra à la page suivante.

A PARIS,

Chez MATHVRIN HENAVLT rue Clopin, deuant
le petit Nauarre: & à sa boutique en la Cour du
Palais, à costé de la Chappelle sainct
Michel, proche la fontaine.

M. DC. XXVIII.

Avec Privilège du Roy.



Ao nível dos paratextos, há algumas diferenças a registar. Na versão original, encontramos as «Licenças», o «Privilegio», a «Dedicatória deste Livro a El Rey Dom Philippe», um texto dirigido «Ao leitor», em que se enaltece o povo português no que respeita à coragem e ao espírito aventureiro, conforme dito atrás. Na versão francesa, o primeiro paratexto, como se disse, é dedicado a «Monseigneur Le Cardinal de Richeliev», o primeiro ministro de França, o que se compreende perfeitamente, atendendo ao facto de se tratar de duas obras publicadas em contextos espaço-temporais distintos. Seguidamente, surge um texto intitulado «Priuilege du Roy.», dado que Luís XIII, após a passagem pela censura, concederia autorização para impressão. Neste texto, o tradutor revela que a tradução foi concretizada ao longo de um período de «six ans». Encontramos, na sequência deste, uma «DEFFENCE APOLOGETICQUE DE l’*Histoire Orientale de Fernand Mendez Pinto.*», a partir da qual ficamos a saber que houve um contacto entre esta versão e a espanhola, uma das prováveis fontes da tradução francesa, conforme analisaremos adiante. No decorrer deste texto, o tradutor tece comentários relativos à obra e às peripécias vividas pelo narrador-personagem e pelos seus companheiros, fazendo referências a capítulos considerados singulares, relativamente aos outros, como, por exemplo, o que se diz quanto ao capítulo 24: «Au chap.24. Il dict des jardins, fontaines & autres lieux de plaisance, faits d’or au naturel, & des Temples d’vne grandeur estrange faits de mesme matiere [...]»²⁴⁷.

Finalmente, encontramos o «ADVERTISSEMENT AV LECTEUR.», em que se apela ao leitor para que não julgue o tradutor, alegando este que efetuou pesquisas sobre a Índia e as partes Orientais para verificar a veracidade do original. Refere, entre outras coisas, que não elaborou uma errata, apelando à sensibilidade do leitor para suprir as falhas encontradas, e desvenda um pouco mais do conteúdo da obra, despertando cada vez mais o desejo de a ler. Deste modo, o tradutor visa conquistar, igualmente, a benevolência do leitor.

Partindo da comparação entre o número de capítulos da obra original e a numeração desta tradução, como se disse atrás, constata-se que coincidem, e pensamos que o tradutor foi fiel à versão portuguesa e/ou à espanhola, uma vez que também ela respeita a organização dos capítulos. Em termos de apresentação, esta obra utiliza não duas colunas em fólhos, mas antes a mancha gráfica de um fólho, o que terá a ver com o contexto editorial de cada obra.

²⁴⁷ Figvier, Bernard, «Deffence Apologeticque de l’*Histoire Orientale de Fernand Mendez Pinto*», in *Les Voyages Advantvrevx de Fernand Mendes Pinto*, Paris, 1628, f. [9].

Se compararmos os dois resumos do capítulo I, da versão original e da tradução, verificamos que o tradutor o complementa, acrescentando: «Royaume de Portugal», o que é compreensível, dada a origem da obra original:

«CAPITVLO I. Do que passey em minha mocidade neste Reyno ate que me embarquey para a Índia.»²⁴⁸

«CHAPITRE PREMIER. De quelle façon j'ay paßé ma jeunesse dans le Royaume de Portugal, jusques au jour de mon embarquement pour aller aux Indes.»²⁴⁹

Tal como Herrera Maldonado, Figuiet demonstra uma necessidade de clarificar o discurso e fornecer informação mais exata ao leitor francês.

Relativamente à edição inglesa e partindo da análise da estrutura externa deste texto e da do original, ressaltam, imediatamente, diferenças marcantes. O número de capítulos é consideravelmente reduzido na versão inglesa, apresentando apenas oitenta e um capítulos reorganizados e com algumas compressões/supressões, a saber de passagens relativas a Francisco Xavier, por motivos religiosos associados ao anglicanismo que se fazia sentir no território inglês na época. Na tradução inglesa, existe uma intenção sistematizadora e encontramos também a síntese dos vários capítulos, no início da edição, a qual se designa de «The Contents.», recorrendo-se, então, ao processo de condensação intercalado com as referidas supressões.

Atendendo aos títulos das obras, existem outras mudanças que importa salientar desde já. A tradução inglesa apresenta-se com um título original: «THE VOYAGES AND ADVENTURES OF FERNAND MENDEZ PINTO». Não precisamos de avançar mais para percebermos que o tradutor entra, desde logo, em ação na tradução-(re)criação do título ao utilizar não «Peregrination», como se poderia esperar, mas antes «VOYAGES AND ADVENTURES». Para intensificar esta dimensão aventureira, o tradutor acrescenta o termo «Travels» ao título que coloca no fólho I, em que se dá o início da tradução propriamente dita, passando o título a ser o seguinte: «The Travels, Voyages & Adventures of Ferdinand Mendez Pinto». Esta sua singularidade prepara o seu público não para uma peregrinação com toda a conotação religiosa associada, mas sim para diversas deslocações físicas, enfim, para viagens de aventura, deixando

²⁴⁸ Pinto, Fernão Mendez, *Peregrinação de Fernão Mendez Pinto*, edição fac-similada de José Manuel Garcia, Castoliva editora, Maia, 1995, f. I.

²⁴⁹ Pinto, Fernand Mendez, *Les Voyages Advantvrevx de Fernand Mendes Pinto*, tradução de Bernard Figvier, Paris, 1628, f. I.

perceber também uma relação de proximidade com a tradução de Figuiet. De enfatizar, igualmente, a supressão da referência a Francisco Xavier, a qual já havia sido efetuada na edição castelhana.

No frontispício, de forma pouco legível, percebe-se, ainda assim, que o tradutor dá a conhecer a duração da deslocação espacial, ou seja, vinte e um anos; o destino da mesma, a saber, «East Indiaes»; a referência ao conteúdo do texto, aos temas nele abordados e às peripécias vividas pelo próprio Fernão Mendes Pinto no decorrer da obra. Da mesma forma que o original, esta tradução é dedicada ao Rei Filipe de Espanha, tal como consta no frontispício a seguir apresentado:

THE
VOYAGES
AND
ADVENTURES,

OF
Fernand Mendez Pinto,

A Portugal: During his

T R A V E L S

for the space of one and twenty years in
**The Kingdoms of Ethiopia, China, Tartaria, Cauchin-
china, Calaminham, Siam, Pegu, Japan, and a
great part of the East-Indias.**

*With a Relation and Description of most of the Places
thereof; their Religion, Laws, Riches, Customs, and
Government in time of Peace and War.*

**Where he five times suffered Shipwrack, was sixteen times sold,
and thirteen times made a Slave.**

**Written Originally by himself in the Portugal Tongue,
and Dedicated to the
*Majesty of Philip King of Spain.***

Done into English by H. C. Gent.

LONDON,

**Printed by F. Macock, for Henry Cripps, and Lodowick Lloyd, and are to
be sold at their shop in Popes-head Alley near Lumber-Street. 1653.**

Para além destes aspetos, sobressaem, ainda, outros, ao nível dos paratextos. Na versão original, encontramos, como já dissemos, as «Licenças», o «Privilegio», a «Dedicatória deste Livro a El Rey Dom Philippe II», e um texto intitulado «Ao Leitor», com os objetivos atrás indicados. Na tradução em causa, surge, primeiramente, «The Epistle Dedicatory» dirigida ao «Right Noble Lord, and worthy of all Honor, William, Earl of Strafford, Vicount Wentworth, Baron Wentworth of Wentworth, Woodhouse, Newmarsh, Oversley, and Raby.», um membro da England's House of Lords. Nesse texto, o tradutor dá a conhecer os motivos que o levaram a empreender a tradução desta obra, sendo que

«[...] no man before him, to his knowledg, hath spoken to much, and so truly, of those Oriental parts of the World, which are so little known to us, as he hath done; And that too, not upon hearsay, and report, but for the most part as an ocular Witness, and personal Actor, of, and in, all that he hath related, which is so full of Variety, and strange Occurrences, that, as another Writer affirms, the like will hardly be met withall elsewhere [...]»²⁵⁰

Nesse mesmo texto, mais adiante, o tradutor Henry Cogan revela conhecer as duas traduções sobre as quais nos debruçámos e conforme exposto nas páginas precedentes:

«[...] being invited thereunto by the example of two translators of it into the *Spanish* and *French* Tongues, whereof the one dedicated it to the Archbishop of *Toledo* in Spain, and the other to the Cardinal *Richelieu* of *France*, both of them, the most eminent persons, of their time, in those Kingdoms [...]»²⁵¹

Na sequência deste texto em que o autor português é enaltecido, surge «An Apologetical Defence of Fernand Mendez Pinto His HISTORY», na qual se revela um pouco mais da sua vida e das suas experiências pelo Oriente, indicando, por exemplo, nomes de escritores, entre os quais se destaca Antonio de Herrera (Cuéllar, Segóvia, 1559 - Madrid, 27 de março de 1625), biógrafo, cronista e historiador espanhol, autor da monumental *Historia General de los Hechos de los Castellanos en las Islas y Tierra Firme del Mar Océano*, obra que foi, igualmente, objeto de dezenas de edições e traduções e que, depois de muito revista e aumentada, se manteve até finais do século XIX como uma das fontes principais da história da conquista castelhana das Américas.

²⁵⁰ Cogan, Henry, «The Epistle Dedicatory», in *The Voyages and Adventures of Fernand Mendez Pinto*, London, 1653, f. [2].

²⁵¹ Cogan, Henry, «The Epistle Dedicatory», in *The Voyages and Adventures of Fernand Mendez Pinto*, London, 1653, f. [3].

No mesmo paratexto, encontram-se, ainda, referências a obras e aos respectivos fólhos e/ou capítulos inteiramente dedicados aos temas abordados na *Peregrinação*, reforçando as razões que o levaram a traduzir esta obra para inglês. No final do mesmo, o tradutor dirige-se ao seu leitor, ávido de romances, despertando nele um franco desejo de ler atentamente esta obra portuguesa e zelando pela veracidade e historicidade de tudo o que nela se encontra dito:

«By all this now is my Author thoroughly vindicated from all aspersions of falshood, that may be cast upon this his Work, which, were it otherwise, and meerly devised, yet is it to full of variety, and of such strange, both Comick and Tragick Events, as cannot chuse but delight far more then any Romance, or other of that kind. But being accompanied with the truth, as I have sufficiently proved, it will no doubt give all the satisfaction and content, that can be desired of the Reader.»²⁵²

Posto isto, o tradutor inglês apresenta «The Contents» e a prometida tradução.

No âmbito dos resumos que antecedem os oitenta e um capítulos, mantém-se o uso da primeira pessoa do singular. Atente-se nos dois resumos do capítulo I, da versão original e o da tradução em causa:

«CAPITVLO I. Do que passey em minha mocidade neste Reyno ate que me embarquey para a India.»²⁵³

«CHAP. I. After what manner I past my Youth in the Kingdom of Portugal, until my going to the Indiaes.»²⁵⁴

Henry Cogan utiliza, como outros tradutores, a maiúscula em certas palavras (ex.: «Youth»), o que poderá ser uma convenção linguístico-cultural relacionada com motivos meramente editoriais. De destacar, por fim, o distanciamento em relação a um referente que se torna agora necessário explicitar («in the Kingdom of Portugal»).

No que diz respeito à versão alemã, as diferenças entre esta e o original são mais notórias, tal como se pode constatar a partir do confronto dos frontispícios. Na realidade, à semelhança do frontispício neerlandês, o frontispício alemão apresenta-se ricamente ilustrado. Relativamente a este aspeto, de acordo com Monique Fasel dos

²⁵² Cogan, Henry, «An Apologetical Defence of Fernand Mendez Pinto His History», in *The Voyages and Adventures of Fernand Mendez Pinto*, London, 1653, f. [8].

²⁵³ Pinto, Fernão Mendez, *Peregrinação de Fernão Mendez Pinto*, edição fac-similada de José Manuel Garcia, Castoliva editora, Maia, 1995, f. I.

²⁵⁴ Pinto, Fernand Mendez, *The Voyages and Adventures of Fernand Mendez Pinto*, tradução de Henry Cogan Gent., London, 1653, f. 1.

Serviços Públicos de Coleções Especiais, da Biblioteca da Universidade de Amesterdão, e conforme se pode verificar nas páginas a seguir e no anexo II, relativo aos frontispícios das várias obras, note-se que os frontispícios das edições de 1652 e de 1671 são similares:

«[...] the engraved title page of this work is illustrated (three standing figures and two ships) and there are 6 (six) illustrations in the book.»²⁵⁵

²⁵⁵ Fasel, Monique, Serviços Públicos de Coleções Especiais, Biblioteca da Universidade de Amesterdão (23.11.2012).



DE WONDERLYKE
R E I Z E N
van

FERNANDO MENDEZ PINTO.
die hij in eenēntwintig jaren deur EUROPA,
ASIA, en AFRIKA gedaan heeft, daar in hij
dartien malen gevangen heeft, ge-
weest, en seventien malen verkocht is.

*Door J. H. GLAZEMAKER vertaalt,
en met sierelyke kopere platen verciert*

AMSTERDAM,
Voor Ian Hendriksz en Ian Rieuwertsz.
Boekverkoopers. 1652.

3.1.5. Frontispício da tradução neerlandesa



3.1.6. Frontispício da tradução alemã

De acrescentar, no que diz respeito a esta questão, que Patrícia Couto descreve o frontispício neerlandês do seguinte modo:

«Above the title, in the middle of the page, we see a naked woman, representing the goddess Fortuna – with one foot on a small sphere and a banner in her risen hands. She represents life’s capriciousness. At her right hand we see an elegantly dressed woman looking ahead with a laurel wreath on her head, necklaces around her neck, a laurel bough in one hand and a big brimful cornucopia in her other arm. In the background, on the calm sea, a vessel steers with its sails intact and wind filled. On Fortuna’s left side we observe an indigently clad man with a big empty horn in his arm, turned upside down. The man is looking over the shoulder. Behind him the sea is stormy and clouded, and the half shipwrecked vessel is fighting against the rampant waves. In the air many objects are flying, it looks as if they came out of the banner. On the right side of Fortuna we see a crown, a sceptre, coins, a purse, a fan, goblets and a winged flute, objects associated with wealth, glory and power. On the left side, we observe chains, a broom, a bell, different types of crutches and wooden clappers, objects associated with disgrace, captivity, illness and death: bells and fattles were carried by lepers to warn people of their approach. These objects and the crutches were associated with leprosy, impurity, exclusion and poverty. The illustration reveals that the life of a European traveller in the Far East was one in which wealth or poverty came and went with the tides.»²⁵⁶

Em ambos os frontispícios, o neerlandês e o alemão, nós destacamos também a presença de barcos, de símbolos reais, tais como uma coroa, e outros, assim como moedas, copos, instrumentos musicais, plantas, medalhas e uma esfera que parece representar o globo terrestre, atendendo ao facto de se tratar de uma deslocação marítima por terras longínquas. Por fim, salientamos, ainda, a presença de três figuras, em que o vestuário aparece também como elemento diferenciador e a ausência do mesmo na figura central, o que, na nossa ótica, poderá representar as vicissitudes vividas por Fernão Mendes Pinto.

Relativamente às ilustrações, há sete ilustrações na edição alemã e, segundo se os dados atrás apresentados, seis na versão neerlandesa (*Vide* Anexos III e IV). Do confronto entre as mesmas, percebeu-se que uma ilustração é idêntica (versão neerlandesa, fól. 28; versão alemã, cap. 7, fól. 39), quatro ilustrações são semelhantes, apesar de se encontrarem dispostas segundo uma ordem distinta (versão neerlandesa, fól. 10, 132, 190 e 244); versão alemã, fól. 13, 313, 267 e 256, respetivamente), uma outra é distinta (versão neerlandesa, fól. 112; versão alemã, cap. 35, fól. 220) e, na edição alemã, verifica-se a apresentação de uma ilustração adicional, no capítulo 56 (fól. 338).

²⁵⁶ Couto, Patrícia Regina Esteves do, *The Marvellous Travels of Fernando Mendez Pinto across the low Lands: Translation, Appropriation and Reception*, Tese de Doutoramento no Ramo de Estudos de Literatura e de Cultura – Especialidade em Estudos Comparatistas, Universidade de Lisboa – Faculdade de Letras, Lisboa, 2012, vol. I, pp. 148-149.

No que diz respeito ao número de capítulos, a tradução alemã apresenta apenas sessenta e três, tal como a versão neerlandesa, enquanto, como se sabe, o original tem duzentos e vinte e seis. Ao contrário do que tem sido habitual, este manuscrito não inclui a tabela-síntese de todos os capítulos.

Relativamente aos títulos das obras, existem outras diferenças que importa salientar. A tradução alemã apresenta-se no frontispício com o seguinte título e subtítulo: «Die wunderliche Reisen FERDINANDI MENDEZ PINTO» e «so er in ein und zwanzig Jahren durch Europa, Asia und Africa gethan und auf denselben dreyzehnen mahl gefangen und siebenzehnen mahl verkaufft worden». Deste modo, o autor desta versão informa, desde logo, o seu público-leitor de que se trata de uma tradução de uma obra sobre viagens fantásticas, acerca dos países por onde o protagonista andara, do número de anos que por lá deambulava e do que lhe sucedera nesse período. A inclusão de tais informações, ao enfatizar a dimensão fantasiosa do relato, tem, obviamente, como objetivo o incentivo à leitura e advém, supostamente, do texto que serviu de base à tradução, ou seja, a versão neerlandesa.

Na folha de rosto, a mesma versão apresenta no título um adjetivo adicional, ou seja, «Merckwürdige», o qual parece ter sido acrescentado no momento da publicação com o provável intuito de contribuir para que o texto se tornasse mais apelativo. Passamos a transcrever o título e o subtítulo nas linhas abaixo:

«Wunderliche und **Mertwürdige** Reisen FERDINANDI MENDEZ PINTO, Welche er innerhalb ein und zwanzig Jahren/ durch **Europa, Asia, und Africa**, und deren König/reiche und Länder; als Abyssina, China, Japon, Tartarey, Siam, Calaminham, Pegu, Martabane, Bengale, Brama, Ormus, Batas, Queda, Aru, Pan, Ainan, Calempluy, Cauchenchina, und andere Oerter verrichtet.

Darin er beschreibet

Die ihm zu Waßer und Land zugestroßene große Noht und Gefahr; wie er nemlich sey dreyzehnmahl gefangen genommen und siebenzehnmahl verkaufft worden; auch vielfältigen Schiffbruch erlitten habe:

Dabey zugleich befindlich eine gar genaue Entwertung der Wunder und Raritäten erwehnter Länder; der Gesetze/ Sitten/ und Gewonheiten derselben Volker; und der große Macht und Heeres kraft der Einwohner.

Nun erst ins [Hochdeutsche] überjebet/ und mit unterschiedlichen Kupferstüffen gezieret.»²⁵⁷

Comparando este com o primeiro subtítulo do original, podemos deduzir que estes tradutores optam por informar, desde logo, que darão conta dos locais visitados

²⁵⁷ Pinto, Ferdinandi Mendez, *Die wunderliche Reisen Ferdinandi Mendez Pinto*, tradução de X., Amsterdam, 1671, folha de rosto.

por Fernão Mendes Pinto, das respetivas leis, dos costumes e hábitos dos povos, em vez de se limitarem a abreviar, dizendo, como o autor Fernão Mendez Pinto: «[...] em outros muytos reynos & senhorios das partes Orientais, de que nestas nossas do Occidente há muyto ouça ou nenhuma noticia»²⁵⁸. Note-se, do mesmo modo, a escolha tradutiva de acrescentar «Europa, Asia, und Africa».

Realce-se que, nesse longo título e subtítulo alemães, é também omitida, como seria de esperar, a referência ao padre Francisco Xavier, supressão que se deu logo na versão espanhola, como se viu e disse atrás. Trata-se de uma personagem que desempenha, indubitavelmente, um papel de destaque na obra portuguesa e nas traduções espanhola e francesa, não obstante, o que parece ter levado estes tradutores a realizar este trabalho tradutivo não foi, com certeza, a importância religiosa que esta personagem representa e o seu papel evangelizador no Oriente, mas antes as informações geográficas, políticas, históricas, culturais e antropológicas contidas no texto original. O luteranismo em voga na Alemanha terá sido decisivo na manutenção da supressão dos episódios protagonizados por este ilustre padre, supressão essa efetuada, anteriormente, por Glazemaker, mais precisamente, em 1652, aquando da tradução para o neerlandês.

Relativamente aos paratextos, este tradutor apenas inclui um texto dedicado ao leitor, o Prólogo, atrás mencionado: «An den Leser!», no qual dá a conhecer alguns aspetos da obra (que reforçam a relevância do texto original, do autor português e desta tradução, conforme dito nas linhas precedentes), revelando, mais adiante, ter conhecimento da tradução francesa, a qual, ainda que de modo indireto, lhe terá servido de modelo:

«Im übrigen ist man nach dem Model der **Niederteutschen und Franßöfchen** translation möglichstes fleißes dahin bedacht gewesen/ daß der Leser durch übele und undeutliche Wortfügung weder einige Hunderung im Begriff der Sachen haben [...]»²⁵⁹

Posto isto, o tradutor apresenta a sua tradução, depois de dar a ler uma introdução, esta mais próxima do primeiro subtítulo da versão portuguesa e que é fornecida imediatamente antes do primeiro resumo dos capítulos: «Samt allem/ was sich mit Ihm in **Europa/ Asia/ Africa/** in den Königreichen China/ Tartaren/ Siam/

²⁵⁸ Pinto, Fernão Mendez, *Peregrinação de Fernão Mendez Pinto*, edição fac-similada de José Manuel Garcia, Castoliva editora, Maia, 1995, frontispício.

²⁵⁹ X., «An den Leser», in *Die wunderliche Reisen Ferdinandi Mendez Pinto*, Amsterdam, 1671, fls. 3-4.

Calaminham/ Pegu/ Martabane/ und unterschiedlichen andern unbekanten Ländern und Ortern/ zugetragen»²⁶⁰.

No que diz respeito aos resumos que antecedem os sessenta e três capítulos, estes são, francamente, mais extensos do que os originais, em resultado de não ter sido traduzida a partir da obra portuguesa original, mas sim, e provavelmente, voltamos a enfatizar, da versão holandesa, a qual havia sido reorganizada e apresenta, igualmente, o mesmo número de capítulos, segundo consta:

«CAPITVLO I. Do que passey em minha mocidade neste Reyno ate que me embarquey para a India.»²⁶¹

«Capítulo 1: Eingang. Kurzer Begriff der Jungen Jahre des Schreibers. Wird von einem See-räuber gefangen/ welcher noch ein ander Schiff wegnimt/ und es lest das Meer weg treiben. Reiset mit sechs Schiffen nach Ost-Indien/ komt zu Mozambis an/ und begiebt sich gen Diu. Mildthätigkeit Antonii de Silvera. Bemeldte sechs Schiffe kehren wieder nach Portugal.»²⁶²

Uma alteração que verificamos de imediato é a utilização da terceira pessoa do singular e não da primeira. Um outro aspeto a registar consiste na referência a «Mozambis», pelo que estaremos, especialmente, atentos à liberdade tradutológica do tradutor anónimo (X.), ou antes, dos seus editores, no decurso da nossa análise comparativa.

²⁶⁰ Pinto, Ferdinandi Mendez, *Die wunderliche Reisen Ferdinandi Mendez Pinto*, tradução de X., Amsterdam, 1671, f. I.

²⁶¹ Pinto, Fernão Mendez, *Peregrinação de Fernão Mendez Pinto*, edição fac-similada de José Manuel Garcia, Castoliva editora, Maia, 1995, f. I..

²⁶² Pinto, Ferdinandi Mendez, *Die wunderliche Reisen Ferdinandi Mendez Pinto*, tradução de X., Amsterdam, 1671, f. I.

3.2. Principais Momentos Narrativos

Tal como prometido no subcapítulo 1.3. «Questões Metodológicas», passamos a apresentar os cinco principais momentos narrativos por nós delimitados, com o intuito de estabelecer relações de interdependência entre os textos que constituem o nosso objeto de estudo, avaliando, paralelamente, o grau de fidelidade/infidelidade de cada um em relação às suas fontes e, sobretudo, relativamente à mensagem da obra portuguesa original, procurando também indicar as prováveis razões que levaram alguns tradutores a se afastarem ténue e pontualmente dos seus textos de partida.

Os momentos diegéticos que serão explorados nos subcapítulos subsequentes são, então, os seguintes: «A Partida de Lisboa e o Início da Aventura»; «Na Companhia de António de Faria e o seu Derradeiro Naufrágio»; «A China: Utopia e Deambulação do Sujeito Peregrinante»; «O Japão e a Missão de Francisco Xavier»; e «O Retorno a Portugal».

3.2.1. A Partida de Lisboa e o Início da Aventura

No primeiro capítulo da versão original, mais concretamente, na «Introdução», Fernão Mendes Pinto relata as suas experiências no reino de Portugal, referindo-se às dificuldades sentidas, aos condicionalismos e aos motivos da sua partida:

«[...] começados no principio da minha primeira idade, & continuados pela mayor parte, & melhor tẽpo da minha vida, acho q̃ com muita razão me posso queixar da vẽtura que parece q̃ tomou por particular tenção & empreza sua perseguirme, & maltratarme, **como se isso lhe ouuera de ser matéria de grande nome, & de grande gloria, porque vejo que não contente de me por na minha pátria logo no começo da minha mocidade [...]**» - versão portuguesa, fólho 1 (negrito de nossa autoria)

«[...] nacidos con migo en mi promera edad, y continuados en mi como ella, por el major, y mas florid tiempo de mi vida, hallo razon para formar mil quexas de mi fortuna que parece que tomo por particular assumpto y principal impressa, desde mi nacimiento, el perseguirme, y maltratarme, **como si esso la huiera de hazer famosa, y aumentar sus renombres, y poderes, porque no contenta de ponerme en mi pátria, desde el principio de mo nacimiento, en misérias, y pobreza, acompañandome esta desventura en mi mocidade [...]**» - versão espanhola, fólho 1 (negrito de nossa autoria)

«Toutes les fois que je me represente les grands & continuels travaux qui m'ont accompagné depuis ma naissance, & parmy lesquels J'ay passé més premières années, je trouve que j'ay beaucoup de raison de me plaindre de la fortune, en ce qu'elle semble avoir pris un soin particulier de me persecuter, **& de me faire sentir ce qu'elle a de plus insupportable, comme si sa gloire n'eust point eu d'autre fondement que sa cruauté. Car n'estant pas contente de m'auoir faict naistre, & vivre miserable en mon païs durant ma jeunesse [...]**» - versão francesa, fólhos 1-2 (negrito da nossa autoria)

«[...] which I have spent my first years, I find that I have a Great deal of reason to complain of Fortune, for that the seemeth to have taken a particular care to persecute me, and to make me feel that which is most insupportable in her, **as if her glory had no other foundation then her cruelty.**» - versão inglesa, fólho 1 (negrito de nossa autoria)

«[...] ich meine ersten Jahre hingenracht habe/ gedencte/ finde ich wol rechtmässige Urfach/ hierin über das Glück zu flagen/ als welches allem ansehen nach besondern Fleiß angewendet/ mich zu versorgen/ und das unerträglichste/ soes nur finden können/ sühlen zu laßen; **gleich als ob daßelbe seines Ruhms und Ehre grund blos und allein in der Strengigkeit ben mit suchen müssen.**» - versão alemã, fólho 1 (negrito de nossa autoria)

Relativamente a estas razões e circunstâncias que levaram Fernão Mendes Pinto a partir do reino, citamos António Rosa Mendes, o qual realça a associação das práticas de «furtar e pregar»²⁶³ desta obra que, na nossa opinião, poderão estar na base de todos os males e infortúnios que nos vão sendo relatados em detalhe ao longo de toda a obra.

²⁶³ Mendes, António Rosa, *A 'Peregrinação' e a Peregrinação de Fernão Mendes Pinto*, Gente Singular Editora, Olhão, 2011, p. 44.

Segundo Hernani Cidade, a *Peregrinação* é, afinal, «[...] todo um romance de grandezas e misérias [...] onde, às vezes, surge uma breve realidade histórica [...]»²⁶⁴.

Quanto às traduções propriamente ditas, é possível constatar que os tradutores se revelaram aqui fiéis ao original. O tradutor Francisco de Herrera Maldonado reforça as reduzidas condições de vida encontradas desde o nascimento mediante breves expansões frásicas, respeitando desde logo o texto original. Os tradutores Bernard Figuiet, Henry Cogan e, ainda, Henrich e Dietrich Boom não se revelaram menos fidedignos. Contudo, nestas duas últimas versões, não se encontram os pormenores adicionados por Maldonado e conservados por Figuiet. Este paralelo poderá, assim sendo, servir também o propósito de estabelecer uma inter-relação entre as versões espanhola e francesa e entre a francesa e as traduções inglesa e alemã, na passagem que diz respeito à «cruauté», «cruelty» ou «Strengigkeit», termos encontrados nas versões francesa, inglesa e alemã, respetivamente.

Na verdade, não só aqui, mas ao longo das traduções espanhola, francesa, inglesa e alemã, Francisco de Herrera Maldonado, Bernard Figuiet, Henry Cogan e os editores alemães procedem a ténues modificações provenientes de *expansions* e também de *compressions*, assim nomeadas por John Dryden, no século XVII, em prol das técnicas de fluência que procuravam tornar o texto mais apelativo aos novos leitores.

Os procedimentos atrás referidos são acompanhados pelas esperadas alterações provenientes dos processos interlinguais, tal como defende Roman Jakobson, no século XX, e que também no século XVII tinham lugar aquando da passagem de um texto de uma língua para outra. Através da tradução interlingual não há vulgarmente equivalência plena entre as unidades de código. Neste caso, encontramos substituições de «mensagens em uma das línguas [...] por mensagens inteiras de outra língua. [...] Assim a tradução envolve duas mensagens equivalentes em dois códigos diferentes»²⁶⁵.

De facto, conforme veremos adiante e se exemplificou no paralelo acima apresentado, os tradutores em análise recorrem, essencialmente, aos métodos interlinguais. Por diferentes razões, estilísticas, contextuais ou linguísticas, verifica-se também o recurso a **expansões**, **supressões** e **compressões** por parte dos mesmos, sendo que as expansões são mais frequentes no texto espanhol, e as supressões e compressões nas traduções inglesa e, principalmente, alemã. O texto francês e o

²⁶⁴ Cidade, Hernani, *A Literatura Portuguesa e a Expansão Ultramarina - As Ideias, os Factos, as Formas de Arte*, Arménio Amado - Editor, Coimbra, 1963, vol. II, p. 104.

²⁶⁵ Jakobson, Roman, *Linguística e Comunicação*, pref. de Isidoro Blikstein e trad. de José Paulo Paes, Cultrix, S. Paulo, 1974, p. 65.

espanhol respeitam, significativamente, a obra de partida e procuram tornar as passagens dos seus textos mais clarificadoras ou aproximá-las do gosto dos seus leitores-alvo. Já as duas últimas versões suprimem partes de capítulos (tradução inglesa) ou os capítulos completos (tradução alemã) referentes a Francisco Xavier e procedem a compressões de passagens/pormenores que não seriam do interesse dos seus públicos-leitores.

De seguida, apresentamos um outro paralelo em que o narrador se manifesta particularmente grato a Deus por estar vivo e se assume como um escritor sem pretensões para a sua obra, rotulando-a de «rude & tosca escritura» e alegando que a escreve exclusivamente para a deixar como herança aos seus filhos:

«Mas por outra parte quãdo vejo que do meyo de todos estes perigos & trabalhos me quis Deos tirar sempre em saluo, & porme em seguro, acho que não tenho tanta razão de me queixar por todos os males passados, quãta de lhe dar graças por este so bẽ presente, pois me quis conseruar a vida, para q̃ eu pudesse fazer esta rude & tosca escritura, que **por erança** deixo a meus filhos (**porq̃ só para elles he minha tenção escreuella**) paraque elles vejão nella estes meus trabalhos,& perigos da vida q̃ passei no discurso de vinte & hũ anos em q̃ fuy treze vezes catiuo, & dezasete vendido, nas partes da India [...]» - versão portuguesa, fólho 1

«[...] crecieron com la edad mis trabajos y se aumentarõ mis peligros aunque viendo que de tantos, y tales, fue Dios seruido de librarne, y traerme a seguro puerto, hallo que tengo menos razon de quexarme de los males passados, y mayor ocasion de dar mil gracias a su Magestad bẽdita por los bienes presentes, que tengo yo por muy grã de la conseruacion que há hecho de mi vida, para que pudiesse dexar a mis hijos, por **principal herencia estos mal limados discursos (que para ellos solos escriuo)** para que de aqui tomem motiuo para cumplir sus obligaciones [...]» - versão espanhola, fólho 1

«[...] de me donner moyen de laisser à mes enfans pour **memoire & pour heritage ce discours rude & mal poly**. Car mon intention n'est autre que de l'escire pour eux, afin qu'à l'aduenir ils puissent voir combien grandes ont este les fortunes que j'ay couruës [...]» - versão francesa, fólho 2

«Since then it hath pleased God to deliver me from so many dangers, and to protect me from the fury of that adverse Fortune, for to bring me into a Port of safety and assurance, I see that I have not so much cause to complain of my Travels past as I have to render him thanks for the benefits which until now I have received of him, seeing that by his divine bounty he hath preserved my life, to the end I might have means to leave this **rude and unpolished Discourse** unto my children **for a memorial and an inheritance**. For my intention is no other but to write it for them, that they may behold what strange fortunes I have run for the space of one and twenty years, during the which I was thirteen times a captive, and seventeen times sold in the Indiaes [...]» - versão inglesa, fólho 1

«Sondern vielmehr im Gegenthetl Gelegenheit/ ihm wegen der Wolthaten/ so ich biß auff heuttgen Tag von Ihm empfangen/ zu cancken/ weil Er durch seine Göttliche Güte mich beñm Leben erhalten/ auff daß ich alle das jenige/ was mir begegnet (**welches**

vielen zu hören sehr wunderlich wird fürkommen) der Nach Welt zum Gedächtnis hinterlaßen möchte. Denn ich habe kein ander Absehen/ als derselben zu gut zu schreiben/ auff daß sie sehen könne/ was für große Gefahr ich in ein und zwanzig Jahren ausdestanden/ und wie ich dreyzehn mahl gefangen/ und siebenzehn mahl verkaufft worden/ so wohl ben den Indianern/ [...]» - versão alemã, fólio 2

No que diz respeito à versão espanhola, Francisco de Herrera Maldonado apresenta-nos uma tradução que conserva a humildade do narrador, sendo o discurso adaptado à língua de chegada e reforçando-se a ideia de que a obra tinha, entre outras, a finalidade de transmitir uma mensagem pedagógica. Também o tradutor Bernard Figuiet, ou antes Bernardo Figueira, se mostra, aqui e ao longo de toda a sua versão, fiel à obra original, revelando uma particular preocupação com a adequação do registo ao gosto do público francês. Relativamente às traduções inglesa e alemã, os tradutores Henry Cogan, Henrich e Dietrich Boom revelam-se, nesta passagem, próximos da mensagem difundida pela obra portuguesa.

No capítulo I, o «eu», ainda em primeiro plano, dá conta das condições que o levaram a partir em «peregrinação». Nos trechos a seguir transcritos, o narrador realça, de novo, as suas vivências relativas à sua infância em «Montemor-o-velho», com as quais inicia a sua «peregrinação»:

«[...] a que os escritores Chins, Siames, Gueos, Elequios nomeão nas suas geografias por pestana do múdo, como ao diante espero tratar muito particular, & muito difusamente, & **daqui por hũa parte tomem os homens motiuo de se não desanimarem cos trabalhos da vida para deixarem de fazer o que deuem, porque não ha nenhūs, por grandes que sejam, com que não possa a natureza humana, ajudada do fauor diuino & por outra me ajudem a dar graças ao Senhor omnipotente, por vsar comigo da sua infinita misericordia, a pesar de todos meus pecados, porque eu entendo & cõfesso que deles me nacerão todos os males que por mim passarão, & della as forças, & o animo para os poder passar, & escapar deles com vida.** E tomãdo por principio desta minha **peregrinação** o q̄ passei neste **Reyno**, digo q̄ despois que passei a vida até idade de dez ou doze anos de miséria & estreiteza da pobre casa de meu pay na villa de Montemor o velho, hum tio meu, parece que desejoso de me encaminhar para melhor fortuna, me trouxe a cidade de Lisboa, & me pos no serviço de hũa senhora de geração assaz nobre, & de parentes assaz ilustres [...]» - versão portuguesa, fólio 1

«[...] a quien los Escritores, Chinas, Siames, Guineos, y Helequios llamã (**y con razon**) Pestaña del mundo, en sus antiguas Geographias, y escrituras, como tratarse adelante, si bien difusamente, **con la mayor bravedad**, y certeza que me sea possible. / Y aora tomando mi nacimiento por principio de mi **peregrinacion**, digo Que fue en la villa de Montemayor el viejo, en este **Reyno de Portugal**, adonde despues que en la estrechez y miséria de la casa de mi padre, lleguè a edad de diez, ò doze años, vn tio mio, deseoso de buscarme mejor fortuna de entre alagos tiernos de mi madre, me lleuò ala ciudad de Lisboa a seruira Vna señora de generacion ilustre, y de parientes nobres [...]» versão espanhola, fólio 2

«[...] que les Autheurs Chinois, Siames, Gueos, & Lecquiens, nomment avecque raison en leur Geographie les paupieres du monde, de quoy i'espere traiter cy apres en particulier & fort amplement. **Par où les hommes pourront prendre exemple à l'aduenir, & resolution à ne perdre courage, quelques trauerses & trauaux de la vie qui leur arriuent. Car toutes les disgraces de la fortune ne doiuent nous esloigner tant soit peu du deuoir que nous sommes obligez de rendre à Dieu, à cause qu'il n'y a point de trauaux, pour grands qu'ils soient, que la nature humaine ne treuue supportables, estant fauorisée de l'assistance diuine. Or afin que l'on m'ayde à rendre graces au Seigneur tout-puissant, de ce qu'il a vsé enuers moy d'une misericorde infinie sans auoir esgard à tous més pechez, que je confesse estre la cause & l'origine de toutes més infortunes, & tenir de cette mesme puissance diuine la force & le courage d'y auoir resisté, en m'eschappant de tant de dangers la vie sauue;** Je prends pour commencement de ce mien voyage, le temps que j'ay passé en ce **Royaume de Portugal**, & dis qu'apres y auoir vescu jusques à l'age de dix ou douze ans en la misere & paureté de la maison de mon Pere, dans la Ville de Monte mor Ouelho, vn mien Oncle desireux de m'aduancer à vne meilleure fortune, que celle où j'estois reduit alors, & me desrober aux caresses & aux mignardises de ma Mere, me mena en cette Ville de Lisbonne, où il me mit au seruice d'une Dame de maison & de parenté tres-ilustres [...]

 - versão francesa, fólíos 2-3

«[...] the Chineses, Siames, Gueos, and Lecquios names; and that which reason in their Geography, the eye-lids of the World, whereof I hope to entreat more particularly and largely hereafter. **Whereby men, for the time to come, may take example, and a resolution not to be discouraged for any crosses that may arrive unto them in the course of their lives. For no disgrace of Fortune ought to [esloign] as never so little from the duty which we are bound to render unto God; because there is no adversity, how great soever, but the nature of man may well undergo it, being favored with the assistance of Heaven. Now that others may help me to praise the Lord Almighty for the infinite mercy he hath shewed me, without any regard to my sins, which I confess were the cause and original of all my mis-fortunes, and that from the same divine Power I received strength and courage to resist them, escaping one of so many dangers with my life saved,** I take for the beginning of my Voyage the time which I spent in this Kingdom of Portugal, and say that after I had lived there till I was about eleven or twelve years old in the misery and poverty of my fathers house within the Town of Monte-mor Ouelho, an Uncle of mine, desirous to advance me to a better fortune then that whereunto I was reduced at that time, and to take me from the caresses and cackering of my Mother, brought me to this City of Lisbon, where he put me into the service of a very honorable Lady [...]

 - versão inglesa, fólíos 1-2

«**Denn alle Bedrèngung des Glücks soll uns nicht/ wie groß sie auch immer zèhñ möchte/ von der Pflicht/ so wir Gott zu beweisen schuldig/ abziehen; weil keine Drangsal/ wie groß sie auch ist/ zu finden/ welche menschliche Natur/ wenn ihr von Göttlicher Gnaben bengestanden wird/ nicht solte ertragen. // Will demnach den Anfang meiner Reise von der Zeit und dem Ienigen machen/ was sich mit mir nach meinem zehenden oder zwölfften Jahr/ die ich im Königreich Portugall/ in der Stadt Montemor Ouelho genant/ in Elend und Armuth ben meinen Eltern zugebracht/ begeben. Zwar meines Vaters Bruder/ begierig mich zu beßerer Gelegenheit zu besodern/ brachte mich in der Stadt Lissabon zu einer reichen und vornehmen Dame.**» - versão alemã, fólio 2

António Rosa Mendes refere-se a este capítulo introdutório e à sua função de incutir estabilidade à obra através das designações de «alpha» e «omega»:

«Tal como fizera preceder aquele *alpha* – ‘E tomando por princípio desta minha peregrinação o que passei neste Reino [...]’ – de uma sucinta proposição introdutória, adita a este *omega* – ‘E nisto vieram a parar meus serviços de vinte e um anos [...]’ – um paralelo e conciso epílogo. Ambos os fragmentos, o inicial e o final, a modos de respectivamente de *incipit* e de *explicit*, como duas asas minúsculas mas estabilizadoras conferem à *rude e tosca escritura* equilíbrio e unidade orgânica.»²⁶⁶

Logo aqui, é possível verificar que os tradutores procuraram respeitar esta intenção estabilizadora da obra, verificando-se, no caso espanhol, porém, uma supressão textual que reduz uma passagem reflexiva acerca da natureza humana, por razões de economia narrativa, possivelmente. Relativamente à versão francesa, pode-se verificar que o tradutor se manteve fiel ao texto português, uma vez que conserva essa passagem reflexiva e por não se referir ao «nacimiento» encontrado na versão espanhola. As versões inglesa e alemã revelam-se, por seu turno, próximas da tradução francesa ao procederem do mesmo modo, conforme se pode constatar nas expressões a seguir destacadas: «E tomãdo por principio desta minha **peregrinação** [...]» (versão portuguesa); «Y aora tomando **mi nacimiento** por principio de mi **peregrinacion** [...]» (versão espanhola); «Je prends pour commencement de ce mien **voyage** [...]» (versão francesa); «I take for the beginning of my **Voyage** [...]» (versão inglesa); e «Will demnach den Anfang meiner **Reise** [...]» (versão alemã). Na tradução francesa, o facto de a passagem ser integralmente conservada leva-nos a afirmar que, ainda que a versão francesa possa ter tido conhecimento da edição espanhola, o tradutor Bernard Figuiet terá usado como fonte principal a obra original. O mesmo se poderá afirmar acerca da versão inglesa, a qual procura respeitar o seu texto de partida francês. Finalmente, no que à edição alemã diz respeito, podemos, igualmente, sustentar a nossa tese de que há uma relação indireta entre esta versão e a francesa com base na seguinte expressão: «[...] com que não possa a natureza humana, ajudada do fauor diuino & por outra me ajudem a dar graças ao Senhor omnipotente [...]» (versão portuguesa); «[...] como tratarse adelante, si bien difusamente, con la mayor bravedad, y certeza que me sea possible.» (versão espanhola); «[...] n’y a point de trauaux, pour grands qu’ils soient, que la nature humaine ne treuue supportables, estant fauorisée de l’assistance diuine. Or

²⁶⁶ Mendes, António Rosa, *A ‘Peregrinação’ e a Peregrinação de Fernão Mendes Pinto*, Gente Singular Editora, Olhão, 2011, p. 6.

afin que l'on m'ayde à rendre graces au Seigneur tout-puissant [...] (versão francesa); «[...] there is no adversity, how great soever, but the nature of man may well undergo it, being favored with the assistance of Heaven. Now that others may help me to praise the Lord Almighty [...]» (versão inglesa); «[...] weil keine Drangsal/ wie groß sie auch ist/ zu finden/ welche menschliche Natur/ wenn ihr von Göttlicher Gnaben bengestanden wird/ nicht solte ertragen.» (versão alemã).

Quanto à edição alemã, também no capítulo 1, destacamos a compressão, de entre os processos tradutológicos recorrentes, em que o tradutor abrevia a passagem relativa aos condicionalismos que levaram Fernão Mendes Pinto a partir de Portugal. Nesta versão, verificam-se com regularidade compressões de datas e factos, de pormenores julgados irrelevantes, conversões da moeda, adaptações de nomes e o recurso às notas orientadoras colocadas nas margens («Anfang des Schreiber», fól. 2), entre outras adaptações a que o(s) tradutor(es) recorre(m) para adequar o texto ao seu novo leitor, assegurando o êxito da receção junto dele.

Em todas elas, encontramos uma mudança de perspetiva visível na substituição de «reyno» por «Reyno de Portugal» (versão espanhola), «Royaume de Portugal» (versão francesa), «Kingdom of Portugal» (versão inglesa) e «Königreich Portugal» (versão alemã), o que é compreensível uma vez que a relação com este referente muda ao passarmos do original para as traduções.

Vejam-se, igualmente, outras mudanças terminológicas não menos significativas, tais como a que diz respeito à troca de «peregrinação» por «Voyage» (versões francesa e inglesa) e «Reise» (versão alemã), alterações que provocam o desaparecimento da conotação religiosa desta viagem, à semelhança do que se constatou a partir da análise dos títulos dos textos, e que revelam, por um lado, a maior proximidade entre os textos francês e inglês, e, por outro, uma nítida intencionalidade que sublinha o caráter aventureiro do protagonista.

De entre as expansões encontradas nas quatro traduções, e tendo como ponto de partida a versão portuguesa, logo no capítulo I, destacamos, primeiramente, a expansão textual intitulada «Quebra dos Escudos», no texto espanhol:

«[...] E isto era no tempo em q̄ na mesma cidade de lisboa se quebrarão os escudos pella morte del Rey dom Manoel da gloriosa memoria, que foy em dia de santa Luzia treze dias do mes de Dezẽbro do anno de 1521. de q̄ sou bẽ lêbrado, & doutra cousa mais antigua deste reyno me não lêbro. Atençaõ deste meu tio não teue o sucesso q̄ elle imaginaua, antes o teue muito diferente, porq̄ auendo anno & meyo pouco mais ou menos q̄ eu estaua no seruiço desta senhora, me socedeo hum caso q̄ me

pos a vida em tanto risco [...] na qual trouxe a ossada do seu pai, que el Rey dō João que então estaua em Lisboa, mandou receber co mor **aparato & pompa fúnebre** que ate oje recebeo nenhũa que não fosse de Rey [...]» - versão portuguesa, fólio I

«[...] (Esto fue el año de mil y quinientos y veynte y uno. En el qual Viernes treze de Deziembre murio el serenissimo Rey D. Manuel, **y al quarto dia de su fallecimiento, hizo la ciudad de Lisboa el sentimiento, y llanto acostumbrado en la muerte de sus Reyes, costóbre y ceremonia en estos Reynos antiquíssima, y que se llama quebrar los escudos, y entonces se hizo desta manera. Salieron de las casas de Ayuntamiento los Regidores de aquel año, com baras negras, y grandes lutos, y lleuauam delante de si Alferez de al Ciudad a cauallo, y a la brida , com paramentos de rasso negro, lleuaua vna vanderá negra, tan derribada sobre el ombro, que los estremos barrian la tierra: en medio del os Regidores y el Alferez yuan tres luezes, dos del crimen, y uno de lo ciuil, cada uno un escudo negro puesto sobre la cabeça, aguardauales en la puerta grande acompañamiento de todos Estados, y assi fueron hasta las puertas de la Catedral, y allí un luez del crimen dexò caer el escudo en tierra, que se hizo pedazos com el golpe, y un Escriuano del Ayuntamiento que yua a cauallo detrás de todos leyô en alta voz unas palabras, que lleuaua escritas por orden del Consejo (digo yo que seria el auiso de la muerte del Rey) porque se le seguio grã des llantos: desde allí passaron a la Ruanoua (calle principal delos mercaderes) y en un estrado negro que estaua en ella quebrò el segundo luez del crimen el escudo que leuaua, boluiendo a ler el Escriuano, y a llorar la muchedumbre, que passaron desde allí al rocio (placa principal) y allí el luez de lo ciuil quebrò su escudo com las mismas ceremonias y lagrimas, que acabadas, por diferente caminho boluieron a la Iglesia, adóde se hizo un famoso Oficio por el difunto. He dicho esta antiguedad, porque se tēga noticia del modo de quebrar os escudos, y por ser la vitima de que me acuerdo.» - versão espanhola, fólio 2**

«Ce qui aduint en la mesme année, en laquelle dans la ville de Lisbonne se fist la pompe funebre du defunct Roy dom Emanuel d'heureuse memoire, qui fut le jour de saint Luce, treziesme de Decembre, de l'année 1521. Ce qui est la chose la plus ancienne dont je me puisse ressouuenir. Cependant l'intention de mon Oncle eust vn succez tout à fait contraire à ce qu'en son imagination il se promct toit en faueur de moy.» - versão francesa, fólio 3

«[...] and this was in the same year, that the **funeral pomp of the deceased King Emanuel of happy memory was celebrated at Lisbon, namely Saint Lucas day, the thirteenth of December, 1521, which is the furthest thing I can remember.** In the mean time my Uncles [design] had a success clean contrary to that which he had promised to himself in favor of me [...]» - versão inglesa, fólio 2

«Aber das Fürhaben meines Oheims gieng den krebsgang. Denn nachdem ich ungefehr anderhalb Jahr in dieser Damen **dienst gewest was/ begegnete mit etwas/ welches mich in scheinbahre debens Gefahr brachte/ also daß ich/ dem Tode zu entgehen/ gedrungen wurde/ in der Gilderselben Haus zu verlaßen.** Aber die Furcht solgte mir gleich auff dem Fuße nach/ daß ich nicht wuste/ welchen Weg ich nehmen solte/ oder wo ich war.» - versão alemã, fólio 2

Como é possível constatar, há, no texto espanhol, uma expansão textual considerável que terá, provavelmente, resultado da necessidade de informar o público-leitor acerca da cerimónia em questão. Trata-se de um trecho que complementa o texto original, num contexto novo, sem que a sua mensagem seja modificada. Esta expansão

acerca da cerimónia, que consistia na quebra dos escudos do falecido rei, e que Herrera Maldonado fez questão de transmitir ao seu leitor, não se encontra nas versões francesa, inglesa e alemã. Nesta passagem, as traduções francesa e inglesa apresentam-se mais próximas do original, preferindo uma breve explicação da cerimónia aos respetivos leitores. Quanto à edição alemã, note-se que, mais uma vez, o(s) tradutor(es) opta(m) por recorrer à técnica tradutiva da compressão, provavelmente por se tratar de um assunto de interesse menor para o leitor alemão. Por outro lado, é provável que o(s) tradutor(es) tenha(m) conhecido apenas a versão neerlandesa, cuja fonte, por seu turno, terá sido a francesa, e que, por esse motivo, não conheceram essa expansão da versão espanhola.

As primeiras aventuras começam com a narração da partida da frota marítima e com as referências ao destino, à Índia e aos condicionalismos dessas viagens pelos oceanos:

«E porque a moradia que então era costume dar-se nas **casas dos Principes**, me não bastava para minha sustentação, determiney embarcarme para a **India**, inda que com pouco remedio, ja offerecido a toda ventura ou má ou boa, **que me socedesse.**» - versão portuguesa, fólho 2

«Los gages, y salários que entonces dauan **aqueellos Principes**, eran tan limitados y cortos, que no bastauan a sustentarme, necessidade que me forço a dexar mi dueñ, y com su fauor, procutar passar a la **India**, que por ser este mi principal intento, mi remedio mas forçoso, **y mi mas conocida alhaja, lo puse por obra, fiado en la buena o mala suerte que guiasse mis cosas en tan remotas partes y naciones.**» - versão espanhola, fólho 3

«Mais d'autant que les gages que jon donnoit pour lors dans la **maison des Princes**, estoient si peu de chose qu'ils ne pouuoient suffire pour m'entretenir, la necessite me contraignist de quitter mon Maistre, auecque dessein de m'ayder de sa faueur, & tascher de m'embarquer pour aller aux **Indes. Car c'estoit là l'intention principale que i'auois alors, & le moyen le plus fauorable que je pouuois esperer pour remedier à ma pauureté.** Ainsi bien qu'en ce temps là ie n'eusse que fort peu de commoditez, je ne laissay pourtant de m'embarquer, me soubmettant à la fortune bonne ou nauuaise, de quelque façon qu'elle me pût arriuer **en ces contrées loingtaines.**» - versão francesa, fólhos 6-7

«But in regard the entertainment, which was given at that time in **Noble-mens houses**, was so small as I was not able to live on it, necessity constrained me to quit my Master, with a design to imbarque my self by his favor to go to the **Indiaes; for that I thought was the best way I could take to free me of my poverty.** So albeit I were but meanly accommodated I imbarqued myself notwithstanding, submitting my self to wathsoever fortune should arrive unto me **in those far Countries**, either good or bad.» - versão inglesa, fólhos 2-3

«Aber weil die Besoldung daselbst gering und nicht genug zu meiner Unterhaltung war/ zwunge mich die Noth/ meinen Herzen zu verlaßen/ des Borhabens/ mit seiner Sunst

vergnügt zu seyn/ und mich auff **die Reise nach Ost-Indien zu begeben**. Dieses war der vornehmste Zweck/ so ich domahls hatte/ auch das beste Mittel/ **so nur zu hoffen war/ meiner Armuth aufzuhelffen**; und ob ich zwar mit wenig Borrath versehen/ begab ich mich dennoch zu Schiffe zu erwarten/ was für Glück oder Unglück mir **in diesen fern abgelegenen Ländern begegnen wurde**.» - versão alemã, fólio 4

Dos extratos atrás transcritos, realçamos, nas traduções, a ênfase concedida à distância percorrida, mediante as expansões textual e frásica, de origem espanhola, enaltecendo a coragem deste português, pelo seu espírito aventureiro, e a distância percorrida, respetivamente. As más condições de vida de Fernão Mendes Pinto e a necessidade de partir para as melhorar são, assim, reforçadas. Veja-se, a seguir, o que acontece no caso da expansão frásica: «[...] que me socedesse.» (versão portuguesa); «[...] en tan remotas partes y naciones.» (versão espanhola); «[...] en ces contrées loingtaines.» (versão francesa); «[...] in those far Countries [...]» (versão inglesa); «[...] in diesen fern abgelegenen Ländern begegnen wurde.» (versão alemã). Figuiier revela aqui o seu contacto com a versão espanhola através da recuperação de ambas as expansões espanholas. Nestes extratos, é possível confirmar que existe, igualmente, uma forte relação entre as versões francesa, inglesa e alemã, dada a manutenção da expansão frásica espanhola.

Os tradutores espanhol, francês, inglês e, igualmente, alemão respeitam, assim, o texto de partida português, procedendo às naturais alterações provenientes da passagem de um sistema linguístico para outro. De notar que, ao contrário da obra original, na versão castelhana nota-se uma preocupação em orientar o leitor, dado que há parágrafos que ajudam a arrumar ideias, tal como acontece também nas versões inglesa e alemã, e, pontualmente, na tradução francesa. Naturalmente, estas variações poderão ter na sua origem questões editoriais próprias de cada país de publicação.

Na primeira fase da sua aventura, o narrador refere-se a «nosso Senhor», mostrando-se grato por chegar a Moçambique:

«E velejando todas estas naos por sua derrota **prouue a nosso Senhor que chegarão a saluamento a Moçambique**, onde achamos de inuernada a nao São Miguel [...] a qual partindo despois para o reyno muyto rica, desapareceo, sem ate oje se saberem nouas della, como por nossos pecados a outras algũas tem acontecido nesta carreyra da India.» - versão portuguesa, fólio 2

«Nauegando pues estas naos, por su ordinaria derrota, **quiso nuestro Señor que llegassen sin peligro a Maçambique**, adonde tenia su inuernada entonces la nao San Miguel [...] Ya que estas cinco naos estauan aprestadas en Maçambique, para hazerse a la vela [...]. Partidas pues las tres naos para Diu, y las dos de los mercaderes para Goa, quiso Dios llevarlas a todas sin peligro.» - versão espanhola, fólhos 3-4

«Comme tous ces vaisseaux vogoient par des routes diferentes, **ils arriuerent en fin à bon port en vne Ville nommée Mozambiq**. Là nous treuuasmes qu'hiuernoit le nauire de Saint Michel, où commandoit Duart Tristao, qui partist de là richement charge, pour s'en retourner en Portugal. Toutesfois je croy qu'il fut pris en cette nauigation, ou qu'il fist naufrage, comme il n'arriue que trop souuent en ce voyage des Indes; car l'on n'en a eu depuis aucune nouuelle.» - versão francesa, fólio 8

«These Vessels, sailing different ways, **arrived a length at a good Port called Mozambique**; There we met with the *S. Michel*, that wintered there, and was commanded by *Duart Tristao*, who parted thence richly laden for to return into *Portugal*; Howbeit I believe she was taken, or suffered shipwrack, as it happens but too often in this Voyage to the *Indiaes* [...]» - versão inglesa, fólio 3

«Was unsere Schiffe betrifft/ da dieselb: **wohl zugerüstet und segelfertig lagen/ von Mozambick fort zulauffen**/ zeigte der Stadthalt der Burg/ Nahmens Vincent Pegado [...]; deßen Inhalt war/ daß all Portugiesische Schiffe/ die in diesem Jahr in selbigen Hafen Kämen/ sich nach Diu wenden/ und man ihr Bolck zur Besazung in der Burg gebrauchen solte/ weil zu vermuthen/ daß die Kriegs-Wacht des Türcken/ welcher man alle Audenblick in Indien erwartete.» - versão alemã, fólio 4

As edições traduzidas realçam a dimensão da deslocação, como se viu atrás, e, contrastivamente ao que ocorre mais adiante, a forma como ela se faz, ou seja, «sin peligro» (versão espanhola), «à bon port» (versão francesa), «at a good port» (versão inglesa) e «fort zulauffen» (versão alemã). Este ponto conduz-nos, mais uma vez, a reforçar a probabilidade de contacto entre as edições francesa, inglesa e alemã. Ainda em relação a esta passagem, chamamos a atenção para um traço das traduções espanhola e alemã, o qual se prende com a adição de notas laterais, embora não comuns, orientadoras da leitura:

«[...] Oquea moneda é vale doze ducados [...]» - versão espanhola, fólio 7

«Ankunft zu **Mozambick**» - versão alemã, fólio 4

Veja-se, nos dois paralelos acima expostos, a referência a Moçambique que terá levado os editores alemães a incluírem no título a passagem por África, não encontrado em nenhuma outra versão, o que contribuiu, com certeza, para despertar o interesse pela leitura da tradução em questão no contexto alemão.

As referências ao reino de Portugal multiplicam-se, acentuando-se, desse modo, a mudança de perspetiva atrás sugerida, juntamente com a alteração da organização dos capítulos do texto português. No paralelo abaixo transcrito, ilustramos aquilo que consta no final do segundo capítulo e no início do terceiro capítulo da obra de partida portuguesa e o que encontramos nas várias traduções:

CAP. II: «[...] por nome São Pedro, de que veyo por Capitão Manoel [...] trouxe de Suez no **anno de 1534**. Quando deste **reyno** foy dom Pedro de Castelbranco nas doze Carauellas do socorro que partirão em Nouembro.»; CAP. III: «Avendo fós dezassete dias que eu era chegado a esta fortaleza de Diu [...]» - versão portuguesa, fólho 3

CAP. II: «[...] y llamarõ San Pedro, de quien era Capitan Manuel de Macedo [...] truxo de la ciudad de Suez Rumecam General de la armada del Turco el año de mil quinientos y treinta y quatro, quando deste **Reyno de Portugal** fue com las doze carauelas de socorro don Pedro de Castelblanco, que partieron por aquel Nouiembre.»; CAP. III: «Solos diez y siete dias auia que estaua en la fortaleza de Diu [...]» – versão espanhola, fólho 4

CHAP. II: «[...] en l'année 1534. Lors que Dom Pedro de Castel branco, partist de ce Royaume avec les douze Carauelles de Secours, ce qui aduint au mois de Nouembre.»; CHAP. III: «Dix-sept jours après que nous fusmes arriuez à la forteresse de Diu [...]» – versão francesa, fólhos 10-11

CHAP. II: «[...] returned all five safe into **Portugal**. / Seventeen days after we were arrived at the Fortress of *Diu* [...]» - versão inglesa, fólho 3

CAP. 1: «[...] von Suez, wider welchen Dom Petrus de Castel Branco mit zwölf Caraveelen aus diesem **Reich den Portugiesen** musste zu Hülffe kommen/ mit sich geführet/ und im stich laßen müßen.» - versão alemã, fólho 5

Conforme exposto, nas versões espanhola e francesa, a divisão dos capítulos mantém-se, tal como o sentido. No capítulo II da tradução espanhola, são de destacar as diversas referências adicionais a Portugal, sempre que se menciona o reino, alterações ao nível das datas, em que os anos, por exemplo, surgem por extenso, e breves expansões que realçam o valor do povo português, como será o caso do capitão que «murio **valerosamete defendiendo** a Ormuz» (fól. 3) e dos «famosos quinze» (fól. 4).

No capítulo II da versão francesa, são de destacar também as diversas referências adicionais a Portugal, sempre que se usa o vocábulo «reino»; alterações ao nível das datas, em que os anos também surgem por extenso, e breves adições que realçam atitudes heróicas de personalidades portuguesas. As referências a Portugal tornam-se, naturalmente, uma necessidade do tradutor, dado o público a que se dirige e o distanciamento relativamente ao referente.

Nesta passagem portuguesa, encontramos, nas versões inglesa e alemã, reorganizações de capítulos, dado que esta se encontra, no texto inglês, no interior do capítulo II e, na edição alemã, ainda no final do capítulo 1. Este procedimento é, pois, habitual nestas traduções, como se vê aqui e se confirmará no decurso deste estudo.

Na versão inglesa, verificamos uma profunda reorganização dos capítulos, como aquela que se percebe no paralelo anterior. Desdobram-se os procedimentos

tradutológicos. Nela, encontramos expansões de pormenores, a compressão da data e do termo «socorro», o que revela um certo desinteresse pelas marcas temporais, talvez porque o tradutor soubesse de antemão que o seu público-leitor não iria ler esta vasta obra para recolher dados cronológicos tão precisos e frequentes, mas antes informações relativas à história, antropologia, botânica e geografia, entre outros temas de interesse, dado o seu presumido valor documental/enciclopédico. Podemos afirmar que a sua preocupação foi a de transmitir os saberes recolhidos nos lugares e os costumes daqueles povos com que o narrador-personagem, Fernão Mendes Pinto, se foi cruzando ao longo da sua longa deambulação. Refira-se também a expansão frásica encontrada no resumo relativo ao capítulo II, na edição inglesa, mediante a indicação do local «Straight of Mecqua». A relativa liberdade do tradutor começa, deste modo, a manifestar-se e assume contornos mais acentuados no momento narrativo relativo ao Japão e à missão de Francisco Xavier, sobre o qual nos debruçaremos adiante. No interior do capítulo II inglês, encontramos a repetição ou a compressão de nomes de personagens, alterações frásicas, para tornar o discurso mais claro, e a organização do texto em parágrafos, contrariamente àquilo que acontece na obra original.

Na versão alemã, mais precisamente, no capítulo 1, verificamos a supressão de uma outra data, 11 de março de 1537, alterações relativas a quantidades, compressões de passagens e expansões frásicas, que o narrador vai acrescentado a propósito de outros acontecimentos, tais como referências a Portugal. As supressões de detalhes devem-se, à partida, ao facto de serem considerados menos relevantes. A precisão do discurso e o desejo de veicular uma mensagem completa no que toca a aspetos culturais, geográficos e históricos, entre outros, continuam a ser objetivos a atingir por ambos os tradutores em causa.

Ainda no que se refere à reorganização dos capítulos, apresentamos de seguida um outro paralelo, mas agora entre os resumos dos capítulos III, IV e V do texto de partida original e os correspondentes resumos nas várias versões de chegada. Trata-se do momento em que o narrador-personagem embarca para Meca, chega à fortaleza de Gileytor e parte do porto de Arquico:

CAP. III: «Como de Diu **me** embarquey para o estreito de Meca, e do que passey nesta viagem.»; CAP. IV: «Como daquy **fomos** a Massuaa, e dahy por terra à Mãy do Preste João, à fortaleza de Gileytor.»; CAP. V: «Como **nos partimos** do porto de Arquico, e do que nos soccedeo cõ tres vellas de Turcos que **topamos**.» - versão portuguesa, fólhos 3/4/5

CAP. III: «Sucessos **del Autor** desde la fortaleza de Diu, hasta que llegò al estrecho de Meca.»; CAP. IV: «Passa **el Autor** a Massua, y de alli por tierra à la fortaleza de Geleytor, a ver a la Princesa madre del Presteiuuan de las Indias Emperador de la Abasia.»; CAP. V: «**Parten** del Puerto de Arquico las dos fustas, y de lo que **les** sicedio com tres velas Turquescas» - versão espanhola, fólhos 4/6/8

CHAP. III: «Comment je **m'**embarquay à Diu, pour **m'**en aller au destroit de la Mecque, Et de ce qui **m'**arriua en ce voyage»; CHAP. IV: « Nostre partement à Mazua pour **nous** en aller de là par terre vers la Mere du Preste-Jehan en la Forteresse de Gileytor»; CHAP. V: «Comment **nous** partismes du port d'Arquico, Et de ce qui **nous** arriua par la rencontre que **nous** fismes de trois vaisseaux Turcs» - versão francesa, fólhos 11/16/23

CHAP. II: «**Our** travelling from Mazua by land to the Mother of Prester John; as also **our** reimbarquing at the Port of Arquico, and that which befell **us** by the incounter of three Turkish Vessels.» - versão inglesa, fólho 5

Cap. 2: «**Pinto** begibt sich nach Mecha. Ein Zürdisch Schiff wird verfolgt und überwältiget/ und der Capitain seiner Widerspenstigkeit wegen ins Meer geworffen. **Pinto** ziehet nach der Abyssiner Land. Herzliche Leichbegängnis. Er erscheinet für der Fürstim. Ihre Reden mit Pinto und Fragen an Ihn/ welcher Abscheid von Ihr nimt und herzlich beschenckt wird.»; Cap. 3: «**Pinto** und seinen ziehen aus dem Hafen Arquico weg/ und werden von den Türcken gefangen/ und nach Moca geführt/ da man sehr verächtlich mit ihnen umgeheth und sie zu Rauff bringet. Ein Türkischer Priester begehret [...]» - versão alemã, fólhos 6-11

Do mesmo modo que as versões espanhola e francesa se mostraram mais próximas da obra portuguesa no que disse respeito à organização dos capítulos, também ao nível dos resumos esse traço se manifesta notoriamente. O mesmo volta a acontecer nas traduções inglesa e alemã. O Capítulo IV da *Peregrinaçam* corresponde ao «Chap. III» na tradução inglesa. Nesse resumo, estão reunidos os resumos portugueses do capítulo IV e o do capítulo V.

No caso do texto alemão, o Capítulo IV corresponde ao capítulo 2 na tradução em análise. No resumo desse capítulo, encontramos reunidos os capítulos III e IV, e temos a assinalar, no seu interior, uma mudança de ponto de vista, visível noutras passagens em que o tradutor sentiu a necessidade de reforçar que o reino era o de Portugal ou dos portugueses. O narrador passa de autodiegético a heterodiegético, nos resumos que antecedem os capítulos, ao contrário do que acontece na versão original, criando uma outra coerência discursiva para um outro leitor. Possivelmente, este aspeto prende-se com o facto de o texto que serviu de partida ter sido não o original ou as três primeiras traduções em estudo, mas sim a tradução neerlandesa, a qual procedeu a outras alterações também elas em consonância com o seu contexto de chegada.

É notória, ainda neste paralelo, a relação da tradução francesa com a portuguesa e a proximidade da francesa com a inglesa, visível na utilização da primeira pessoa do singular, nos dois primeiros casos, e da primeira pessoa do plural, no último, característica de narrador autodiegético. Os tradutores francês e inglês procuram utilizar aqui os mesmos pronomes pessoais, não se evidenciando, assim, a mudança de perspectiva. O tradutor espanhol refere-se a «el Autor», reforçando o facto de se tratar de uma viagem do próprio «Autor» da obra, e o tradutor alemão opta por se referir a «Pinto», a personagem central do mesmo texto.

Do interior do capítulo IV espanhol, importa realçar, mais uma vez, as expansões que, de maior ou menor dimensão (frásicas ou textuais), vão construindo uma obra que tem aspetos de originalidade. Exemplos disso são, igualmente, as notas laterais claramente informativas.

Na seguinte passagem, percebe-se claramente o espanto de Fernão Mendes Pinto perante a bondade e o sentido de justiça de um rapaz de apenas dezassete anos da Etiópia, que se revela deveras humano e solidário:

«[...] veyo ver hum filho do Barnagais Governador deste imperio de Etyopia, moço de idade de dezassete anos, & muyto bem desposto, acompanhado de **trinta mulas**, & elle somente vinha em **hum cauallo ajaezado Portuguesa, com hum arreyo de veludo roxo franjado douro, que da India** lhe mandara o Governador Nuno da Cunha auia dous anos, por hum Lopo Chanoca, que despois foy catiuo no Cayro, ao qual este principe mandaua resgatar por hum mercador judeu natural de Azebibe, porem quando este là chegou, o achou já morto. De que dizem que mostrou muyto sentimento, & nos afirmou o Vasco Martins, que aly naquele Mosteyro de São Miguel lhe mandara fazer o mais honrado saymento que elle nunca vira em sua vida, no qual se ajuntarão quatro mil Sacerdotes, a fora outra mor copia de nouiços aque eles chamão Santileus. E, sabendo que fora casado em Goa, & que tinha tres filhas moças pequenas, & muyto pobres, lhes mandara de esmola **trezentas oqueas douro, que da nossa moeda tem cada oquea doze cruzados. Ao outro dia nos partimos [...]**» - versão portuguesa, fólio 4

«[...] vn hijo de Barnagays, Governador de aquel Imperio de Etiopia, moço de edad de diez y siete años, galan, bien dispuesto, afable, cortesano, y alegre, acõpañauãle **treinta Caualleros, todos en mulas**, y el ocupaua **vn cauallo com ricos adereços a la vsança Portuguesa de terciopelo morado, randado y franjado de oro, que dos años antes (como entonces supimos) se le auia embiado de la India** el Governador Nuño de Acuña, com vn Lope Chanoca, que despues cautiudò, passando al Cayro, al qual Principe agradecido, por auerle traydo aquel presente, mãdò rescatar despues, embiando solo a q lo hiziesse vn Iudio mercador, natural de Acebibe, q llegando al Cayro, hallò que era muerto el Chanoca, por quien yua, y como nos afirmo despues Vasco Martinez, sabiendolo este Principe, y mostrando deste sucesso particular sentimento, le auia mãdado hazer en este Monasterio de S. Miguel, donde entõces nos hallauamos, las mas honrosas y ricas obsequias, que imaginarse pueden, en las quales se juntarõ quatro mil sacerdotes, fuera de muy gran copia de Religiosos coristas y nouicios, a quienes llaman ellos Santileos, con que se hizieron soleníssimos estos ofícios funerales, que acabados, sabendo este generoso Principe, q el cautiuo difunto era casado em Goa, y que tenia tres

hijas donzelas, y muy pobres, les embiò de limosna **trezientas oqueas de oro, que de nuestra moneda vale doze ducados cada oquea: gasto Real y magnifico, y que yo he contado para engrandecer la grandeza deste Cauallero, y que aprendan a serlo com este exêplo los que se tienen por Principes.** A otro dia partimos [...]» - versão espanhola, fólíos 6-7

«Quelques temps apres noste arriuee, le fils de Bernagais Gouverneur de cet Empire d’Ethiopie, jeune gentil-homme fort dispos & courtois, aagé d’enuiron dix-sept ans, s’en vint nous trouuer accompagné **de trente hommes, tous montez sur des Mulets, & luy sur vn Cheual harnaché à la Portugaise, son harnois estoit de velours violet, frangé d’or, que depuis deux ans,** le Gouverneur Nuno de Cunha luy auoit enuoyé **des Indes,** par vn certain Lope Chanoca, qui fut depuis fait esclau au grand Caire; dequoy le fils du Gouverneur ayant eu aduis, il l’enuoya tout aussi tost rachepter par vn marchand Iuif natif de la ville d’Azebibe, mais le mal heur voulut que le Juify fut à peine arriué, qu’il le trouua mort, ce qui fut tellement sensible à ce jeune Prince, quando il en apprit les nouvelles, que cem esme Vasco Martins nous assura que dans le mesme Monastere de saint Michel, il luy fist faire de funerailles les plus honorables qu’il vit jamais. Là selon ce qu’il nous en dit, assisterent plus de quatre mille Prestres, sans y comprendre vn plus grand nombre de nouices, qu’ils appellent en leur langue Santileos. Ce ne fut pas le tout encores, car ce mesme Prince fçachant que le deffunct auoit esté marié à Goa, & mesme qu’il y auoit tres petites filles, encores fort jeunes & pauvres, il leur fist vne aumosne de **trois cens Oqueas d’or, qui valent la piece douze Croisades de nostre mónoye, tan pour accroistre la grandeur de ce Prince, qu’afin que cela serue d’exemple aux autres, & les rendre plus charitables à l’aduenir.**

Le lendemain matin nous continuâmes nostre voyage [...]» - versão francesa, fólíos 18-19

«[...] the son of *Bernagais*, Governor of that Empire of Ethiopia, a very proper and courteous Gentleman, about seventeen years old, came to see us, accompanied **with thirty men, all mounted upon Mules,** and himself on a **horse furnished after the *Portugal* manner; the furniture was of Purple Velvet trimmed with Gold fringe, which two years before the Governor *Nuno de Cunha* sent him from the *Indiaes*,** by one *Lopez Chanoca*, who was afterwards made a slave at *Gran Cario*, whereof this young Prince when he unterstood of it, as the said *Vasco Martins* assured us that in the said Monastery of *S. Michael* he caused the most honorable funerals to be celebrated for him that ever he saw, wherein assisted above four thousand Priests, besides a greater number of Novices, which in their language are called *Santileos*: Nor was this all, for this Prince hearing that the deceased had been married at *Goa*, and like wife that he had left three daughters there behind him, which were very young and poor, he bestowed on them **three hundred *Oqueas* of Gold, that are worth twelve Crusadoes of our mony a piece, a liberality truly royal, and which I relate here, as well to amplifie the nobleness of this Prince, as that it may serve for an example to others, and render them more charitable upon like occasions.**

The next morning we continued our journey [...]» - versão inglesa, fólío 5

«Eine weile nach unser Ankunfft/ kam des Bernagais, Regenten im Rensertuhm Aethiopiens Sohn/ ein geschickter Jüngling/ ungesehr von siebenzehnen Jahren/ zu **unsin unser Gesellschafft/ begleitet mit dreißig/ so alle auf Mauleseln saßen.** Er selbst hatte auch **ein Pferd/ welches auf Portugiesische Weise ausstaffirt war. Sein Kleid war von viol braunem Sammet/ mit gülden fransen besekt/ welches der Drost** oder Nuno de Cunha, schon vor **zwey Jahren Ihm aus Indien/** durch einen Lope Chanoca, der darauf zu groß Cayr zum Schclaven gemacht worden/ zugesand hatte. Dieser Jüngling/ des Regenten Sohn/ nachdem er hievon Nachricht erlanget/ wolte Ihn gleich darauf durch einen Jüdischen Kauffman/ aus der Statt Azebibe bürtig/ laßen los kauffen/ aber der Jüde/ nachdem Er dahin gekommen/ hörete/ daß Er schon destorben war.

Worüber der Junge Herz/ so bald ers vernommen/ sich so betrübet/ daß er (wie selbiger Vasco Martin uns vor gewiß berichtete) um seiner willen die herzlichste Leich-Begängniß/ so manjemahls gesehen/ im Kloster S. Michael anstellen laßen/ welcher mehr denn vier tausend Priester beygewohnt/ ausgenommen eine große Zahl/ so erst angerreten/ die sie in ihrer Sprache Santileos nennen. Darauf auch dieser Junge Fürst/ nachdem Er vernommen/ daß der verstorbene zu Goa were verchlicht gewesen/ und dren junge arme Töchter hinterlaßen/ denselben eine verehrung von **dreyhundert güldenen Oqueas gab/ deren jeglicher sich auf zwölff Kreuzstücken/ Portugiesischer Münke/ beläuffet.**

Des andern Tages sekten wir [...]» - versão alemã, fólio 9

Na passagem acima transcrita, os textos espanhol e francês evidenciam, de novo, o recurso a processos tradutivos interlinguais. Para além disso, Maldonado, a propósito da generosidade daquele príncipe, contribuiu para enaltecer as suas qualidades, numa singela expansão frásica, cuja mensagem segue plenamente a linha de Fernão Mendes Pinto. Relacionado com esse ponto, destacamos também, no paralelo acima, a preocupação do narrador com a conversão da moeda, na expressão: «oqueas douro, que da nossa moeda tem cada oquea doze cruzados». Esta atitude é comum aos restantes tradutores que procuram tornar o texto o mais inteligível possível pelo seu novo leitor. Assim, a moeda «cruzados» é alterada para «ducados», na versão espanhola, para «Croisades», na obra em francês, para «Crusadoes», na edição inglesa, e para «Kreuzstücken», na tradução alemã. Veja-se também, na tradução espanhola, a adição de comentários, perfeitamente em consonância com o estilo do texto original. Esses apartes surgem entre vírgulas e, mais frequentemente, entre parênteses, tal como: «(como entonces supimos)».

A versão francesa manifesta-se fiel a ambos os textos, o português, em termos de mensagem, e o espanhol, no que diz respeito às expansões que inclui. Também nesta versão a personalidade e o gesto daquele príncipe da Etiópia são enfatizados, através da expansão frásica com origem na edição espanhola. Trata-se, com efeito, de uma passagem em que a relação de proximidade entre estas duas traduções se pode confirmar novamente.

Na edição inglesa, do mesmo modo que nas traduções espanhola e francesa, encontramos a expansão com o intuito de enaltecer as atitudes do jovem príncipe, governador da Etiópia, pela caridade demonstrada e por servir de exemplo a seguir para todos os que lerem esta tradução, conforme se ilustra a seguir: «[...] que da nossa moeda tem cada oquea doze cruzados. Ao outro dia nos partimos...» (versão portuguesa); «[...] que de nuestra moneda vale doze ducados cada oquea: gasto Real y magnifico, y que yo he contado para engrandecer la grandeza deste Cauallero, y que

aprendan a serlo com este exêplo los que se tienen por Principes. A outro dia partimos [...]» (versão espanhola); «[...] qui valent la piece douze Croisades de nostre mónoye, tan pour accroistre la grandeur de ce Prince, qu’afin que cela serue d’exemple aux autres, & les rendre plus charitables à l’aduenir. / Le lendemain matin nous continuâmes nostre voyage [...]» (versão francesa); «[...] that are worth twelve Crusadoes of our mony a piece, a liberality truly royal, and which I relate here, as well to amplifie the nobleness of this Prince, as that it may serve for an example to others, and render them more charitable upon like occasions. / The next morning we continued our journey [...]» (versão inglesa); «[...] eine verehrung von dreyhundert gülden Oqueas gab/ deren jeglicher sich auf zwölf Kreuzstücken/ Portugiesischer Münke/ beläuffet. / Des andern Tages sekten wir [...]» (versão alemã).

Quanto ao texto alemão, no capítulo 2, correspondente a uma passagem que encontramos logo no início do capítulo IV, na versão portuguesa, podemos, mais uma vez, verificar uma inter-relação com a versão francesa, na medida em que o termo português «roxo» é omitido na versão espanhola, voltando a ser usado na versão francesa («violet»), bem como nas traduções de chegada inglesa («Purple») e alemã («viol»): «[...] com hum arreyo de veludo roxo franjado douro [...]» (versão portuguesa); «[...] randado y franjado de oro [...]» (versão espanhola); «[...] son harnois estoit de velours violet, frangé d’or [...]» (versão francesa); «[...] the furniture was of Purple Velvet trimmed with Gold fringe [...]» (versão inglesa); «Sein Kleid war von viol braunem Sammet/ mit gülden fransen besekt [...]» (versão alemã).

Em relação à manutenção dos recursos estilísticos, veja-se ainda no capítulo IV da obra portuguesa, a seguinte comparação:

«[...] **como** o fresco jardim **deseja o borrifo da noite** [...]» - versão portuguesa, fólho 5

«[...] **como** el mas ameno y florido jardin **dessea el rocio de la noche** [...]» - versão espanhola, fólho 7

«[...] **tout** ainsi qu’on voit vn beau jardin **esmaillé de fleurs attendre apres la rosée de la nuict** [...]» - versão francesa, fólho 21

«[...] **as** a fair garden **enameled with flower doth the mornings** [...]» - versão inglesa, fólho 6

«[...] **gleich** einem lieblichen Blihm-garten/ **mit sehr schönen Blumen bepflantz, der nach dem Nacht-Ehau verlangen trägt.**» - versão alemã, fólho 10

Neste ponto, é nítida a preocupação dos tradutores em serem fiéis à obra, à mensagem original e, inclusivamente, ao estilo do autor português. O procedimento tradutológico adotado nas várias versões foi a adaptação às características das línguas espanhola, francesa, inglesa e alemã, em que os tradutores procuraram aproximar os textos da sensibilidade dos seus leitores.

Os capítulos V e VI da obra portuguesa, relativos ao episódio «Em Poder dos Turcos», narram as desventuras vividas pelo narrador e pelas restantes personagens, realçando a crueldade e agressividade dos turcos.

Em termos de tradução, no capítulo VI da versão espanhola, encontramos expressa, mais uma vez, a preocupação explicativa que define Herrera Maldonado, usando os parênteses para o alcançar: «O Mocadão da mazmorra que era o carcereyro daquela prisão, tanto que os vio mortos [...]» (versão portuguesa, fól. 6); «Fue el carcelero (que en su lengua se llama Macadam) que viniendo el dia, a visitar nuestra mazmorra, y viendo los dos Christianos muertos [...]» (versão espanhola, fól. 9).

Relativamente ainda ao capítulo V do original português, momento em que o narrador-personagem se refere às peripécias vividas ao chegar a Ormuz e ao daí partir, note-se que este aparece traduzido no interior do capítulo III da tradução inglesa, em resultado da reorganização a que nos referimos atrás e da interpretação que Henry Cogan efetuou em simultâneo com o seu trabalho tradutivo. Quanto aos capítulos VI e VII portugueses, no resumo do capítulo IV inglês, percebe-se que há de novo a condensação desses dois capítulos num só. Na versão alemã, por seu turno, os dois capítulos portugueses em questão encontram-se reunidos no capítulo 3, conforme se pode verificar a seguir:

CAP. VI: «*De hum motim que ouue nesta cidade: E da causa; E do sucesso delle, E porque via eu fuy daqui leuado pêra Ormuz.*»; CAP. VII: «*Do que passey depois que me embarquey em Ormuz ate chegar a India.*» - versão portuguesa, fólíes 6/7

CAP. VI: «*De vn motim que huuo en la ciudad de Mocaa, la causa, y fin que tuuo, y como por el fueron lleuados los presos a Ormuz y a otras partes.*»; CAP. VII: «*De lo que passò despues que se embarcò en Ormuz hasta llegar a la India.*» - versão espanhola, fólíes 9/11

CHAP. VI: «*Mutinerie arriuée en la Ville de Mocaa, le subject d'icille, ensemble ce qui en aduint, et par quele voye je fus mené iusques dans Ormuz.*»; CHAP. VII: «*De ce qui m'aduint depuis que je m'embarquay à Ormuz, jusques à mon arriuée aux Indes.*» - versão francesa, fólíes 27/34

CHAP. IV: «*A Mutiny happening in the Town of Mocas, the occasion thereof, that which defell thereupon, and by what means I was carried to Ormuz; as also my sailing from thence to Goa, and what success I had in that Voyage.*» - versão inglesa, fólio 8

Cap. 3: «Pinto und die seinen ziehen aus dem Hafen Arquico weg/ und warden von den Türcken gefangen/ und nach Moca gefürht/ da man sehr verächtlich mit ihnen umgehet und sie zu Kauff bringet. Ein Türckischer Priester begehret sie zum Opfer für Mahomet zu haben/ dawider sich ein Janitschar seket. Mord und Plünderung in selber Statt Moca. Pinto wird einem abgefallenen Griechen/ und von demselben einem Jüden verkaufft/ von welchem Er nach Ormus geführet/ und zum praesent zwenen Portugiesischen Obristen verehret wird.» - versão alemã, fólio 11

Relativamente ao capítulo 3 da versão alemã, destaque-se a ilustração utilizada para ilustrar a praça onde os portugueses terão sido vendidos em leilão após terem sido aprisionados e açoutados. Ora este elemento encontrado na edição alemã aproxima-a da versão neerlandesa, como se disse atrás e se pode verificar nos anexos III e IV, relativos às ilustrações das versões neerlandesa e alemã, respetivamente:



3.2.1. Ilustração do capítulo 3 (versão alemã, fólio 13)

No que diz respeito a estes elementos adicionais, mais adiante, no capítulo X dos textos de partida e chegada, português e espanhol, respetivamente, deparamo-nos, no caso deste último, com um outro processo original a par da tradicional expansão, ou seja, a imagem de um crucifixo e de três asteriscos, acompanhados por um comentário lamentativo do tradutor («Tristes reliquias que quedan de vna guerra.»). Este artifício

gráfico-editorial não pode deixar de se articular com o conteúdo discursivo do final do capítulo. De notar que tal artifício apenas ocorre uma vez nesta edição espanhola:

Fernan Mendez Pintõ.

13

y grande esfuerço no le apagarán , con gran cuydado procurauan los nriestros hazerse señores de la Caba , defendiendo como valientes lo ganado: pero los enemigos dixpararon a este tiempo vna pieza gruesa (ultimo temedio fuyo) que por la forma de la pelota parecia camello de marca grande , que nos matò seys soldados, y entre ellos a Diegò Vaz Coutiño, hijo del Capitan mayor , y nos hirió malamentè diez y seys , con que todos quedamos destruydos: con grande grita , y gracias a su Mahoma solenizaron los contrarios el daño que el tiro nos auia hecho, açlamando vitoria a grandes voces, no dexando de nuestra parte de hazer lo mismo, y impetrando de nueuo el fauor del cielo, se boluio a embestir animosamente la trinchea, que defamparada cau relosamente de los Turcos, a mas andar se retiraron a la galera todos, adonde determinauan fortalecerse, sin les sucediesse como desseaúan su cautela , sin recelo della los siguieron algunos animosos Christianos, que ganandoles la mayor parte de la trinchea les pusieran muy en duda el buen sucesso de la retirada , a no dar fuego entonces los Turcos a vna mina (que encubierta defendia la puerta de aquel fuerte) y fue tal el estrago que hizo que matò seys Portugueses, y ocho esclauos, sin otros muchos que dexò afaz de heridos, y malparados; sucesso que de todo punto les dio la vitoria, porque recelando nuestro Capitan , que se siguiessè otro engaño, por dar ocasión para temer el humo y poluareda, que de la totura de la mina auia quedado tan densa , grande, y oscura, que no nos viamos los vnos a los otros, le parecio que nos retirassèmos a la playa, con buena orden, trayendo en medio de los pocos viuos que auiamos quedado, los heridos y muertos que pudierõ cobrar: llegamos así a las fustas, y embarcados nos venimos a remo a la enseña donde auiamos partido, adonde con dolor, y lagrimas se enterraron los muertos, y se entendio en la curá de los heridos , de que auia harta cantidad. Tristes reliquias que quedan de vna guerra.

†

Capitulo XI. Prosigue el successo comenzado de Gonçalo Vaz Coutiño, hasta que partio de aquella enseña para la ciudad de Goa.

EL mismo dia que padecemos esta rota (bien menguado de gusto para nosotros) el Capitan mayor mandò hazer muestra de la gente , para ver la que costaua aquel sucesso ; hallaronse de los ochenta con que se hizo la primera arremetida a la trinchea, quinze muertos , y cinquenta y quatro heridos , entre los quales auia nueue mancos , y tullidos , qual sin pierna , qual sin brazo, pie, ò mano , que causaua mayor dolor y lastima. Acabada esta diligencia, se pasó con harta la noche , teniendo siempre postas que velassen : vino con la mañana vn Embaxador de la Reyna de Onor (culpada de alcuofia , si con verdad Dios lo sabe) que traya vn muy gran presente, de gallinas, pollos, y hueuos , para el reparo de los heridos, que aunque era bien necessario, no quiso el Capitan recibirlo , antes despidio al Embaxador disgustadamente , y con palabras mas asperas que conuenia , diciendo entre otras, que entonces le enseñaua la colera, y el sentimiento, estas no con poca, ni con mucha compostura, auiendole dado vn recaudo de aquella Alteza , lleno de pesames, y tentimientos del sucesso pasado , cosa que pudiera templar el fuyo: sabrà el Virrey, (así se lo dezid a vestrá señõra) quan feruidora es de nuestro Rey , y quan afiõnada a sus vassallos, pues con el ayuda que contrá nosotros dio a los Turcos , nos reduxo a peligro semejante, encubriendo aora con halagos fingidos esta traycion , y alcuofia , de la qual la prométed el premio que merece , para que sepa ser fiel , y confidente a las promesas hechas , y seale testigo de que se cumplira muy presto la que yo aora le doy , el cuerpo de mi hijo, que dexo sepultado en su tierra , muerto por el ayuda que hizo a los contrarios , y que por estos rehenes que le dexo (estimados de mi como deuia, y llorado de mi como es justo) echará de ver si cumplire esta palabra, y que quando venga a cumplirla, enseñaré a su Alteza como ha de cumplir las Reales suyas, y mas dadas a Rey

Relativamente a este mesmo capítulo e à reorganização inglesa, refira-se que o mesmo surge no interior do capítulo V do texto inglês e que nele se verificam ténues alterações respeitantes a mudanças factuais, mais especificamente, o número «vinte & seis» é modificado para «five and twenty», o que terá resultado do facto de se tratar de uma tradução feita a partir, não do original, mas de uma tradução, provavelmente, a francesa, como se tem vindo a verificar, em que surge, pela primeira vez, a indicação de «vingt-cinq». O mesmo se verifica na tradução alemã, talvez por também a versão neerlandesa se ter servido da edição francesa como texto fonte:

«[...] **vinte & seis** peças de artilharia.» - versão portuguesa, fólio 9

«[...] **veinte y siete** piezas de artilleria [...]» - versão espanhola, fólio 14

«[...] **vingt-cinq** pieces d'Artillerie [...]» - versão francesa, fólio 44

«[...] **five and twenty** Pieces of Ordinance [...]» - versão inglesa, fólio 12

«[...] **fünf und zwanzig** grobe Geschüss gestellet hätten.» - versão alemã, fólio 21

Na tradução alemã, e no que diz respeito à reorganização textual, o capítulo X português surge incluído no capítulo 4, iniciando-se e terminando a meio de um parágrafo, pelo que se pode colocar a hipótese de o(s) tradutor(es) ter(em) considerado que nem sequer houve mudança de assunto que justificasse um parágrafo distinto, quanto mais um capítulo à parte tal como encontramos no original. Apesar de sabermos que os critérios de edição da época são distintos de país para país, não podemos deixar de notar que a organização textual desta tradução alemã é bastante diferente da obra portuguesa e das traduções em estudo, incluindo mesmo a versão inglesa. Podemos encontrar dois capítulos do original português fundidos num só na versão alemã, bem como o desaparecimento de parágrafos, apesar de, no original, haver poucos parágrafos e de nem esses serem respeitados pelo tradutor ou pelos tradutores/editores.

Quanto ao capítulo XI do original, antes de partir para Goa e após lutas contra os Turcos, no mesmo capítulo, na tradução espanhola, encontramos breves expansões no texto de Francisco de Herrera Maldonado, que contribuem para tornar mais claro e preciso o texto de chegada, e comentários complementares relativamente à rainha de Onor, usando para tal os parênteses:

«Aquelle mesmo dia, que para os nossos foy bem triste, se fez alardo da gente, para se saber o que tinha custado o cometimento da tranqueira, & se acharaõ dos oitenta

soldados os quinze mortos, & cinquenta & quatro feridos, dos quais os noue ficaraõ depois aleijados. **E tudo o mais que restaua do dia & da noite seguinte**, se passou com assaz de trabalho, & com boa vigia. Tanto que foy menham a Raynha mandou visitar o Capitão mór com hum grande çauguate de muytas galinhas, & frãgaõs, & ouos, que elle não quis aceitar [...]» - versão portuguesa, fólío 10

«El mismo dia que padecimos esta roca (bien menguado de gusto para nosotros) el Capitan mayor mando hazer muestra del a gente, para ver la que costava aquel sucesso, hallaronse de los ochenta con que se hizo la primera arremetida a la trinchea, quinze muertos, y cinquenta y quatro heridos, entre los quales avia nueve mancos, **y tullidos, qual sin pierna, qual sin braço, pie, ò mano, que causava mayor dolor, y lastima**. Acabada esta diligência, se passo com harta la noche, tiniendo sempre postas que valessen: vino con la mañana **un Embaxador de la Reyna de Onor (culpada de alevosia, si con verdade Dios lo sabe)** que traya vn muy gran presente, de gallinas, pollos, y hueuos, **para el reparo de los heridos, que aunque era bien necessário**, no quiso el Capitan recibirlo [...]» - versão espanhola, fólío 15

«Ce mesme jour que nous fut si funeste à tous, l'on fist le dénombrement de nos soldats, pour çavuoir combien il en estoit demeuré de morts en ce combat n'attaquant la tranchée; nous treuuasmes alors que de quatre vingts que nous estions, il n'y en auoit que quinze de morts, cinquante quatre de blessez, & neuf d'estropiez pour toute leur vie. **Tout le jour & la nuit d'apres**, ceux qui estoient restés des nostres ne cesserent de trauailler, & de faire bonne garde, pour esuiter les surprises des enemis. Le lendemain si tost qu'il fut jour, **vn Ambassadeur de la part** de la Royne d'Onor, qui s'en vint visiter le Capitaine Gonzallo, avec vn grand present qu'il fist de poulles, de poulets, & d'oeufs frais, **pour soulager les malades. Mais bien que pour lors ces choses nous fussent grandement necessaires, si est-ce qu'au lieu de** les recevoir, nostre General les refusa [...]» - versão francesa, fólíos 47-48

«The same day that was so fatal to us, a list being taken of all the surviving Soldiers, that so it might be known how many had been left in the fight upon assaulting of the Trench, we found that of fourscore wich we were, there was fifteen slain, fifty four hurt, and nine quite maimed for ever: **The rest of the day, and the night following**, we kept very good watch to avoid all surprises of the Enemy. As soon as the next morning appeared, there came **an Ambassador from the Queen of Onor** to the General *Gonçalo*, with a Present of Hens, Chickens, and new layd Eggs **for the relief of our sick men;**» - versão inglesa, fólío 15

«Noch selbigen Tages/ der uns alle in große Betrübniß verseket/ zehleten wir unsere Soldaten/ zu ersahren wie viel in diesem Scharmükel geblieben/ und befunden/ daß von achzig nicht mehr dann funfzehen getödtet/ vierundfunfzig verwundet/ und neun/ von denen man keine Hofnung der Genesung schörffen kunte/ gelähmat waren. **Die übrigen tähten ihren fleiß die ganze Nacht gute wache zu hatten/** damit sie nicht unverschens möchten überfallen werden. Des Morgens sehr früe/ kam ein Gefandter von der Königin zu Onor an/ und überlieferte Gonzallo ein groß Geschenck von Hünern/ Küchlein und frischen Euern/ sich derselbern **zur Erquikkung der Kranken zu bedienen.**» - versão alemã, fólío 22

A versão francesa, mais uma vez, procede a uma tradução fiel ao texto português e, ainda que tenha contactado com o texto espanhol, Bernard Figuier não traduz o comentário relativo à rainha. As versões inglesa e alemã, novamente, evidenciam

marcas de interdependência com o texto francês, no que diz respeito a essas decisões tradutológicas e até de economia textual.

Relativamente ao capítulo XIV português, encontrado no capítulo 6 alemão, este trata de um momento após a receção de Pedro de Faria em Malaca por um embaixador, em que aquele é enviado à presença do Rei dos Batas, proprietário de vinte e sete estados na ilha Zamatra, o que demonstra a riqueza que o mesmo possuía. O narrador, ao serviço de Pero de Faria, vive uma nova aventura junto do Rei dos Batas, o qual os recebera de forma assinalável, ao ponto de Pero de Faria, tecer palavras muito honrosas ao partir, prometendo, inclusivamente, ajudá-lo na luta contra o tirano Achém:

«Pero de Faria despois q̄ leo esta carta do rey dos Batas, & entendeo do seu Embaixador o negocio a que vinha, o fez agasalhar o mais honradamente que então foy possiuel. E passados dezassete dias despois que chegara a Malaca, o despidio bem despachado, & satisfeito do que viera buscar, porque lhe deu ainda algũas cousas alem das que lhe pidira, como foraõ cem panellas de poluora, & rocas, & bombas de fogo, com que se partio tão contente desta fortaleza, que chorando de prazer, hum dia perante todos os que estauão no taboleyro da igreja, virandose para a porta principal della, **com as mãos levantadas, como quem fallaua com Deos, disse publicamête.** Prometo em nome do meu Rey a ty Senhor poderoso, que com descanso & grande alegria viues assentado no tisouro de suas riquezas, q̄ são os espíritos formados da tua vontade, que se te praz darnos victoria contra este tyranno Achem, para que de nouo lhe tornemos a ganhar o q̄ elle com tamanha treição & tanta perfídia nos tomou nos dous lugares de Iacur & Lingau, de sempre com muyta lealdade & agradecimento te conhecermos na **ley Portuguesa da tua santa verdade**, em que consiste o bem dos nacidos, & de nouo te edificarmos em nossa terra casas limpas de cheyros suaues, onde todos os viuos te adorem cõ as mãos aleuantadas, assi como na terra do grãde Portugal se fez sempre ategora. E afsi te prometo & juro com toda a firmeza de bom & leal, **que meu Rey não tenha nunca outro Rey se não este grande Portuguez**, que agora he senhor de Malaca.» - versão portuguesa, fólho 13

«Mucha honra hizo el Capitan Faria al Embaxador del Batta, como merecia persona de su calidad y partes: detuuole diez y siete dias en Malaca, com el mayor regalo que se pudo, y passados estos, dandole para su Rey vna carta muy cumplida y cortesana, le despidio bien despachado, porque demas de capitular con el las pazas, y darle las municiones de guerra que pedia, le dio cien alcancias de poluora, muchas tocas y bombas de fuego, muchas armas, y otras defensas militares, con que el quedò tan contento, que el dia que se partio, passando por la lonja de la Iglesia, acompanhado de todo lo noble de Malaca, llorando de plácer, se parò fronteiro de las puertas del Templo, y alcançado **las manos al cielo, hablando com su Criador Santissimo, dixo publicamente estas razones:** Prometo en el nombre de mi Rey assi, à señor todo poderoso, tu que con descanso grande, y alegria viues assentado en el tesoro de tus incomparables riquezas, que son los espíritus diuinos, formados de tu voluntad santissima, que si te plaze darnos vitoria contra aquel tyrano Ahcem, haziendo que nos restituya nuestras dos ciudades Iacur, y Lingau, que tomò como pérfido y mal hombre: buelno a dezir, que prometo de conocerte para sempre, **con mucha lealtad, y agradecimento en la ley Portuguesa**, que es de tu santa verdade, en que consiste el bien de los nacidos, y de nueuo te edificaremos en nuestra tierra casas limpias, suaues, y odoríferas; adonde con las manos levantadas, todos los viuos te adoren y reuerencien,

como sempre se hizo en la tierra del gran Portugal, y assi te prometo y juro, con toda la firmeza de bueno y leal, **que mi Rey nunca tendra outro Rey sino este gran Portugues**, que aora es señor de Malaca.» - versão espanhola, fólío 21

«Après que Pedro de Faria eust recue la lettre du Roy Bata, & conneu pour quele affaire il luy auoit enuoyé son Ambassadeur, il donna ordre qu'on le receut avecque toute forte d'honneurs. Cela faict, dix-sept jours apres son arriuée à Malaca, il le congedia: mais auparavant il luy accorda tout ce qu'il luy auoit de mandé par son Ambassade; mesme il luy donna quelque chose de surplus, comme quantité de pots, de dards, & bombes à feu. Avecque cela l'Ambassadeur partist de ceste forteresse si contente & si satisfait, qu'il en versa des larmes de joye; mesme il fut remarqué que passant deuant la grande porte de l'Eglise, il se tourna vers elle, **les mains jointes, & les yeux esleuez au Ciel**. Puis, comme s'il eust parle à Dieu; **Puissans Seigneur, dict-il publiquement, qui en repos et en grande joye vis là haut aphis sur le thresor de tes richesses, qui sons les esprits formez par ta volonté, je te promete que si c'est ton bon plaisir de nous donner la victoire contre ce Tyran Achem, et permettre que nous regaignions sur luy ce qu'avec une insigne trahison il nous a osté en ces deux places de Jacur et Lingau, que tousjours avec une grande et fidelle sincerité nous te reconnoistrons en la Loy des Portugais, et en la saincte Verité en laquelle consiste le salut de tout ceux qui sont nez au monde. Dauantage nous te serons bastir en nostre país de belles Maisons parfumées de bonnes odeurs, où tous les viuans t'adoreront les mains jointes, comme il s'est tousjours faict jusqu'à maintenant dans les terres du grand Portugal. Voyla ce que je te promets derechef, et te jure avec toute la fermété d'un bon et fidelle seruiteur, que le Roy mon Maistre ne reconnoistra jamais d'autre Roy que le grand Portugais, qui est maintenant Seigneur de Malaca.**» - versão francesa, fólíos 60-61

«After that the King of *Batas* Ambassador **had been seventeen days with us, Pedro de Faria** dismissed him, having first granted whatsoever the King His Master had demanded, and something over and above, as fire-pots, darts, and murdering Pieces, wherewith the Ambassador departed from the Fortress so contented, that he shed tears of joy, nay, it was observed, that passing by the great door of the Church, he turned himself towards it, with his hands and eyes lift up to Heaven, and then as it were praying to God; **Almighty Lord, said he openly, that in rest and great joy livest there above seated on the Treasure of thy Riches, which are the spirits formed by thy Will, here I promise thee, if it may be thy good pleasure to give us the victory against this Tyrant of Achem, and to permit us to regain that from him, which with such notable treachery he hath taken from us in those places of Jacur and Lingua, we will always most faithfully and sincerely acknowledg thee according to the Law of the Portugals, and according to that holy Verity, wherein consists the Salvation of all that are born in the World; Furthermore, in our Country we will build fair Temples unto thee,perfumed with sweet odours, where all living Souls shall on their bended knees adore thee,as it hath been always used to be done unto this present in the Land of Portugal. And hear what besides I promise, and swear unto thee with all the assuredness of a good and faithful servant, that the king my Master shall never acknowledg any other King then the great Portugal, who is now Lord of Malaca.**» - versão inglesa, fólío 16

«**Petrus de Faria, nachdem Er den Inhalt des Brieffs des Bata [jussamt] den Uhrsachen der Ankunfft seines Gesandten hatte vernommen und angehoret/ Ihn auch/ wie gedacht/ mit aller Ehrerbietigkeit empfangen/ bewilligte alle das Jenice/ worum derselbe anhielt/ ja auch eine große [Anzahl] allerlen Feuerwerks. Als er aber siebenzehen Tage daselbst jugebracht/ begab er sich wieder auf die Reise/ und zwar mit solcher Vergnügung/ dass Er vor Frenden weinete/ und/ so sein nerzsiegen würde/ grosse promissen thäte.** Trat darnach in dieselbe Lanchare, darin Er gekommen war/ und wurde von zehen oder zwelf Balonen (einer Art kleiner Rachen) bis in die Insel Upe, eine halbe Meile vom hafene/ begleitet/ wo selbst der Bandera von

Malakka (welcher als Oberausseher des Gerichts unter den Mahometanern ist [...])» - versão alemã, fólio 28

Atendendo ao paralelo atrás apresentado, é possível tecer algumas considerações relativamente aos procedimentos tradutivos de cada tradutor. Maldonado evidencia-se, de novo, muito fiel ao original, adaptando o texto ao novo leitor e adicionando ténues expansões frásicas, tal como «estas razones». Figuiet procede do mesmo modo, acrescentando outras palavras ou expressões julgadas mais adequadas à nova língua e ao novo destinatário, como se pode ver na seguinte frase: «[...] com as mãos levantadas, como quem fallava com Deos [...]» (versão portuguesa); «[...] les mains jointes, & les yeux esleuez au Ciel.» (versão francesa). O tradutor inglês difere aqui do alemão, pois a versão inglesa apresenta-se mais próxima do seu texto de partida, o francês, do que a edição alemã, o que é compreensível dado que a sua fonte direta terá sido a versão neerlandesa. Cogan reforça os valores portugueses então mencionados, o que colide com as atitudes evidenciadas por Pedro de Faria, também ele um português. Pelo contrário, a versão alemã opta aqui por proceder a uma compressão, omitindo detalhes que se prendem exclusivamente com a «ley Portuguesa da tua santa verdade» (versão portuguesa).

Ainda no capítulo XIV, e após a partida de Pero de Faria, o narrador dá-nos conta da fauna e da flora encontradas, em particular do «Caquesseitão», mediante o recurso à descrição dos mais ínfimos pormenores, como se estivesse desenhando e pintando com a sua pena:

«[...] **que he muyto para se arreçar contalo, ao menos a gente é vio pouco do múdo, porque esta como vio pouco, também custuma a dar pouco credito ao muyto é outros virão.** Em todo este rio, que não era muyto largo, auia muyta quantidade de lagartos, aos quais com mais próprio nome pudera chamar serpentes, por serem algũs do tamanho de hũa boa **almadia**, cõchados por cima do lombo, com as bocas de mais de dous palmos, & tão soltos & atrevidos no cometer, segũdo aquy nos afirmaraõ os naturaes da terra, que muytas vezes arremetiã a hũa almadia quando não leuaua mais que tres tuatro negros, & açoçobrauão co rabo, & hum & hũ os **comião a todos, & sem os espedaçarem os engulião inteyros.** Vimos aquy tambe, hũa muyto noua maneyra, & estranha feyção de bichos, aque os naturaes da terra chamã **Caquesseitão**, do tamanho de hũa grande pata, muyto pretos, conchados pelas costas, com hũa ordem de espinhos pelo fio do lombo do comprimento de hũa penna de escrever, & com azas de feição das do morcego, co pesçoço de cobra, & **hũa vnha a modo de esporaõ de gallo na testa, co rabo muyto comprido pintado de verde & preto, como saõ os lagartos desta terra.**» - versão portuguesa, fólio 14

«[...] **sino me dieren credito los que leyeren esta Historia, y aquellos principalmente (para quien confieso que lo escriuo, con miedo de ser creydo) que**

jamás fallaron de sus patrias, ni de las faldas, como dicen, de sus madres: falta grande en hombres nobles, porque como han visto poco, no se persuaden a creer mucho, ni a que aya más criado de aquello poco que han visto, necesidad de la flaqueza humana. Aua pues en todo aquel río, que no parecía muy grande, mucha cantidad de lagartos, dixera mejor, serpientes, porque eran algunos como una grande **almadia**, embarcación a modo de canos [...] **y uno a uno, sin despedazarlos, enteros se los tragaban y engullían:** Vimos entre aquellos matorrales, una nueva y estaña forma de animales, a quien los naturales llaman **Caqueseytan**, son del tamaño de un ganso, tienen allas como muriclagos, el pescuezo de culebra, y **una vna en la frente a modo de espolón de gallo, tienen una cola muy grande jaspeada de negro e verde, de la hechura de los lagartos ordinarios,** buelan estos animales [...]» - versão espanhola, fólho 22

«[...] **que je ne m'estonneray pas si ceux qui liront cette Histoire, ne daigneront croire ce que j'en raconteray; principalement les personnes qui n'auront point voyagé; sçachant bien que ceux qui ont peu veu, ne doivent croire aussi que fort peu, au prix de beaucoup qui croiront ceux qui ont beaucoup veu.** Le long de cette riuere, qui n'est pas autrement large, il y auoit un grand nombre de lezards, que l'on peut plus proprement appeler serpens, à cause qu'il s'y en voyoit d'aussi grands qu'un petit vaisseau qu'on apele **Almadia**, avecque des escailles sur l'eschine, & la gueule large de deux pieds. Ceux du país nous ont assuré, que ces animaux sont si hardis, qu'ils s'en treuue quelquefois, qui seuls attaquent une **Almadia**, principalement quant ils voyent qu'il n'y a que quatre ou cinq personnes, & la coule à fonds avecque leurs queueës, afin d'en manger les hommes, qu'ils aualent tous entiers, sans les **démembrer.** Nous veismes aussi en ce lieu là une estrange espece d'animaux, qu'ils appellent **Caquesseitan.** Ils sont de la grandeur d'une grosse Oye, fort noirs, & escaissez sur le dos, avec un rang de pointes aigues, qu'il ont sur l'eschine, & qui sont de la longueur d'une plume à écrire.» - versão francesa, fólhos 63-64

«[...] **that I shall not marvel if they that read this History will not beleeeve my report of them; especially such as have not travelled, for they that have seen little beleeeve not much, whereas they that have seen much beleeeve the more.** All along this River, that was not very broad, there were a number of Lizards, which might more properly be called Serpents, because some of them were as big as an **Almadia**, which scales upon their backs, and mouths two foot wide. Those of the Country assured us, that these creatures are so hardy, as there be of them that sometimes will set upon an **Almadia**, chiefly when they perceive there is not above four or five persons in her, and overturn it with their tails **swallowing up the men whole, without dismembering of them.** In this place also we saw strange kind of creatures, which they call **Caquesseitan;** They are of the bigness of a great Goose, very black, and scaly on their backs, with a row of sharp pricks on their chins, as long as a writing pen: Moreover, they have wings like unto those of Bats, long necks, and a little bone growing on their heads resembling a Cocks spur, **with a very long tail spotted black and green, like unto the Lizards of that Country;**» - versão inglesa, fólho 17

«[...] **also/ daß es mir nicht wird frembd vorkommen/ wenn diejenigen/ so diese Historie lesen/ meinen Worten nicht werden gläuben/ absonderlich die/ welche wenig gereiset sind; Sintemal mir wohl bewust/ daß diejenigen so nicht viel gereiset auch wenig können gläuben/ da hergegen die so viel Länder und Örter gesehen/ mehr Stattben benzumeßen wißen.** Zur Setten dieses Flußes/ der nicht sehr breit ist/ waren viel Crocodillen/ welche man eigendlicher Schlangen nennen mag/ haben Schuppen auf dem Rücken/ und sind so groß/ **daß sie ganze Menschen verschlingen können.** Auch ha ben wir eine schreckliche Art Thiere/ die sie **Caquesseitan** nennen; welche so groß sind als eine große Gans/ überall schwarz; haben Schnuppen und eine Reihe scharffer Federn/ so lang als eine Schreibe seder/ auf dem Rücken/ und Flügel

wie die Fledermäuse/ einen langen Hals/ und auf dem Haupte ein kleines Knöchlein/
wie die Klauen an einem Hahn/ **mit einem langen Schwang/ von schwarzen und
grünen Flecken/ dergleichen die Enderen in diesem lande haben [...]**» - versão
alemã, fólíos 29-30

Nos trechos acima transcritos, encontramos um dos ingredientes da obra portuguesa que atraiu o interesse de muitos e suscitou o desejo de tradução, ou seja, informações relativas aos lugares, à flora e à fauna desconhecidos. Tal como seria de esperar, tendo em conta esse pressuposto, todos os tradutores foram aqui, assim como em outras passagens, individualmente, fiéis aos seus originais, procurando dar a conhecer aos seus públicos-leitores aquelas realidades. Refiram-se algumas modificações interlinguais encontradas em todos os textos, tais como a adaptação em termos de expressividade da linguagem quando se trata de cenas explicitamente agressivas; no caso espanhol, veja-se a alteração resultante da aplicação da equivalência, dado que «almadia» quer dizer *embarcação* africana e/ou asiática, e «embarcacion» terá um significado idêntico no contexto espanhol, informação que Maldonado considerou relevante para o seu leitor, tendo-a adicionado: «embarcacion a modo de canos». Igualmente no texto espanhol, realce-se a informação entre parênteses: «(para quien confieso que lo escriuo, con miedo de ser creydo)», em que o tradutor enfatiza a humildade e a sinceridade do autor. Nesta mesma passagem, Maldonado recorre a uma breve expansão textual, com vista à intensificação da veracidade do relato, a qual é traduzida para francês, inglês e alemão, reforçando a já, por diversas vezes, comentada proximidade entre as versões espanhola e francesa, por um lado, e entre as traduções francesa, inglesa e alemã (indiretamente), por outro. Nas restantes traduções, esta questão surge também mas sem o recurso ao auxiliar de escrita usado por Maldonado. Ainda na tradução espanhola, no mesmo capítulo, mais adiante, detetámos outras modificações, tais como a substituição de «este rio» (versão portuguesa, fól. 14) por «aquele rio» (versão espanhola, fól. 22), o que reforça a ideia de que a obra não foi redigida no decorrer da viagem.

No capítulo XV português, o narrador-personagem encontra-se em Panajú, sendo magnificamente recebido pelo Rei dos Batas. Revela, então, ele próprio, uma preocupação tradutiva para com o seu leitor:

«[...] chegamos a uma pouoação pequena **que se dizia Batorrendão, que em nossa
lingoajem quer dizer pedra frita**, distante obra de hũ quarto de legoa da cidade de
Panaajù [...]» - versão portuguesa, fólíio 14

«[...] llegamos a vna fortaleza, **llamada Batorendon**, vn quarto de légua apartada de la ciudad de Panajuu [...]» – versão espanhola, fólho 23

«[...] nous arriuasmes en fin en vne petite ville **nommée Batorrendam, qui signifie en nostre langue Pierre-frite**, esloignée de Panaju d'vn quart de lieuë seulement.» - versão francesa, fólho 65

«[...] arrived at a little Town, **named Botterrendan**, not above a quarter of a mile distant from *Pakaiu* [...]» - versão inglesa, fólho 18

«[...] kamen wir zu einer kleinen Statt/ deren **Nahm Batorendam**, nicht mehr dann eine viertel Weit von Panaju [...]» - versão alemã, fólho 30

Podemos encontrar esta explicação fornecida acerca da povoação de «Batorrendão» apenas na versão francesa, como se vê acima, provavelmente derivado de os tradutores não terem sentido necessidade de fornecer informações adicionais acerca da dita povoação e demonstrando, simultaneamente, o conhecimento de Figuiier da obra portuguesa.

Do mesmo capítulo, mais adiante, destacamos ainda uma outra passagem em que o narrador realça a adoração do rei dos Batas pela vaca, um animal sagrado, naquelas paragens:

«[...] se pós em joelhos diante de hũa cousa como **prateleyro ou cantareyra** estaua posta muyto enramada de muytas eruas cheyrosas, cos cornos ambos dourados, & levantando as **maõs** para ella, disse **quasi chorando**. Tu que sem obrigação de amor maternal, a que a natureza te obrigasse, recreas continuamente todos aqueles que querẽ o teu leyte [...]» - versão portuguesa, fólho 15

«[...] y poniendose de rodillas delante de vna **calauera de baca, que a vna esquina dela** estaua puesta en vn altar de la forma que nuestros aparadores, enramada de muchas **flores y yeruas odoríferas** cõ los dos cuernos dorados, adonde leuando **ojos e manos** para ella, **en muestras de su gran deuocion y afecto**, dixo poco menos que **llorando estas palabras**: Tu que sin obligacion de amor maternal, q̄ la naturaleza te obligasse, recreas cõtinuamente todos aquellos, q̄ tu **candida** leche quieren [...]» - versão espanhola, fólho 23

«[...] deuant la carcasse de la **teste dvne vache, couronnée de fleurs, qui auoit les cornes dorées, & qui estoit sur des tablettes, enfoncée dans la muraille**; alors ayant les **mains** jointes, & les larmes aux **yeux**; *Toy, dit-il, qui sans estre contraincte par aucun amour maternelle, à laquelle la natue t'ait obligée, resiniüs continuellement tous ceux qui veullent de ton laict* [...]» - versão francesa, fólho 67

«[...] I saw him go and fall on his knees before the **carcass of a Cows head, set up against the wall**, whose horns were guilt and **crowned with flowers**; Then lifting up His **hands and eyes**, *O thou, said he, that not constrained by any material love, whereunto Nature hath obliged thee, doth continually make glad all those that desire thy milk* [...]» - versão inglesa, fólho 18

«Stunde derowegen von seinem Trohn aus/ **und kitete Küh Kopff nieder/ welcher an einem Bret in der Maur fest gemacht und mit Blumen gekrönet** war/ auch vergüldeted Hörner hatte/ für welchem Er **nach vielen Thränen** mit gefalteten **Händen** folgendes **Gebet** verrichtete: Du/ die du nicht durch Mütterliche Liche/ sondern freywillig darzu bewogen/ alle die jenigen/ so deiner Mich begehren [...]» - versão alemã, fólio 31

Ao compararmos os extratos acima transcritos, podemos constatar que Herrera Maldonado acrescenta algumas palavras ou expressões, tais como «flores», «ojos», «en muestras de su gran deuocion y afecto», «estas palabras» e «candida», contribuindo para enfatizar e recriar a situação vivida, para aproximar o seu texto ao gosto do seu leitor e/ou para assegurar a sua boa receção. A versão francesa revela-se muito próxima deste seu texto de partida, neste caso, o espanhol, utilizando no seu texto «mains» e «yeux», omitindo, no entanto, «eruas cheyrosas» (versão portuguesa) ou «yeruas odoríferas» (versão espanhola), e suprimindo a expressão espanhola «en muestras de su gran deuocion y afecto», também ele ambicionando a adequação do seu texto ao seu leitor. No que respeita aos tradutores inglês e alemães, podemos constatar que todos eles respeitam os seus textos de partida, manifestando-se fiéis à tradução francesa. Relativamente à versão alemã, essa fidelidade faz-se através do texto intermédio neerlandês. Enfim, os diversos textos de partida/chegada reforçam a devoção religiosa daquele Rei dos Batas. Noutros momentos narrativos, conforme veremos, estes tradutores recorrem à compressão ou à supressão de passagens que, para os seus leitores, provavelmente, não seriam suficientemente significativas ou bem aceites, no que diz respeito a outras questões religiosas.

Voltando à tradução espanhola, destacamos, no mesmo capítulo, outras ténues modificações: «embaxada» (versão espanhola, fól. 23) substitui «carta» (versão portuguesa, fól. 15), e «palacios Reales» (versão espanhola, fól. 23) surge no lugar de «casas del Rey» (versão portuguesa, fól. 15). Esta última pequena transformação realça a majestade e riqueza da propriedade onde aquele rei vivia. De salientar, no capítulo em questão, a referência adicional do remetente da carta, «Pedro de Faria» (versão espanhola, fól. 23) e a expansão frásica de «estas palabras» (bem como algumas ligeiras variações interlinguais).

Ainda no capítulo XV, veja-se, novamente, a preocupação do narrador-personagem do original português em dar conta de tudo quanto via e apreendia, de modo a facilitar o trabalho interpretativo do seu leitor ao mesmo tempo que mostra também o interesse daquele rei tão devoto pela Índia e por Malaca:

«[...] responderaõ, **dizendo três vezes, pachy parau tinacor, que quer dizer, ó quem o visse & logo morresse.** E ficando logo todos em hum silencio triste, se virou el Rey para mim, & alimpando os olhos das lágrimas que a efficacia da oração que fizera, lhe tinha feito derramar, me esteue perguntando por algũas particularidades da India, & de Malaca [...]» - versão portuguesa, fólho 15

«[...] respõdieron, **repitiendo con grandes vozes estas palabras tres vezes: Pachy Parau Tinacor, é quieren dezir, ò quiẽ lo viesse ané muriesse luego:** quietarõse por vn raro com estraño silêcio, hasta é leuãtados, y buelto el Rey hazia donde yo estaua, limpiã dose los ojos delas lagrimas que la eficácia y sentimento ya le auian hecho detramar tanto puedo vna ofensa, y tanto se dessea vna vingança: me preguntò **algunas particularidades** de la India, y la Malaca [...]» - versão espanhola, fólho 24

«[...] **dirent trois fois pour response, Pachy parau tinacor, c'est à dire, ô qui pourroit voir cela Et puis mourir tout incontinent** à Là dessus le Roy se leua, & en essuyant ses yeux qu'il auoit tous baignez de larmes, qui procedoient du zele de la priere qu'il auoit faicte, il s'enquist de moy de **plusieurs choses particulieres** des Indes, & de Malaca.» - versão francesa, fólho 68

«[...] **said three times as it were in answer, How happy were he that could see that, and then dye incontinently?** Whereupon the King arose, and wiping his eyes, which were all beblubbered with the tears that proceeded from the zeal of the prayer he had made, he questioned me about **many particular things** of the Indiaes, and Malaca.» - versão inglesa, fólho 18

«[...] **Antwort: Pachy parau ti nacor, das ist/ O wer würde diss können sehen/ und bald drauf sterben.** Hieraus stund der König auf/ wisschte seine **Thränen** ab/ und fragte mich um **viel merkliche dinge** von Indien und Malakka.» - versão alemã, fólho 32

Note-se que a expressão espanhola e sinónima da portuguesa «algunas particularidades» é transformada nas versões francesa, inglesa e alemã para «plusieurs choses particulieres», «many particular things» e «viel merkliche dinge», respetivamente, enfatizando o caráter informativo acerca das coisas do Oriente e evidenciando, mais uma vez, a relação estreita entre estas traduções. Os tradutores revelam-se, de resto, consideravelmente fidedignos, traduzindo e adaptando os seus textos, atendendo às naturais características linguísticas que lhes são próprias. Verifica-se uma alteração ao nível do tempo verbal logo na tradução espanhola, dado que «me esteue perguntando» é traduzido para «me preguntò». A mesma variação é encontrada nas restantes edições. A presentificação do original português é, desse modo, substituída pelo distanciamento temporal introduzido nas traduções.

No capítulo XVI, o narrador vive novas experiências com o Rei Bata nas suas lutas contra o Achém, tornando-se aliados e vencendo a batalha:

«[...] quinze mil homens, de que fôs os oito mil eraõ Batas, & os mais Menãcabos, Lufoês, Andraguires, Iambes, & Borneos, que os príncipes destas naçoês lhe mandaraõ de socorro, & quarenta Alifantes, & doze carretas de artilharia miúda de falcoês & berços, em q̄ entrauão dous camellos, & hũa meya espera de brôzo com as armas de França, que se ouue de hũa não q̄ no anno de **1526**, governando o estado da india Lopo Vaz de Sampayo, foy aly ter com Franceses, de que era Capitão & Piloto hum Portuguez natural de villa de Conde, que se chamaua o Rosado. Caminhando este Rey Bata por suas jornadas ordinárias de cinco legoas por dia [...]» - versão portuguesa, fólio 15

«[...] quinze mil hombres de pelea, los ocho mil Battas, vassalos suyos, y los demas Menencabos, Luzones, Andraguires, y Bornos, que los Principes de aquellas naciones le auian embiado de socorro, lleuaua quarenta elefantes, y doze carros de artilleria menuda, falconetes y bersos, y dos camelos, y vna media esfera de bronze, con las armas de Francia, que la huieron de vna nao Frãcesa, que en tiempo del Governador de la India Lope Vaez de San Payo, que fue **el año de mil quinientos y veinte y seys** arribò en aquel parage, siendo su Capitan y Piloto el Rosado, **bien conocido en aquellas partes, por las notables suyas**. Caminando pues este Rey cõ toda su gête, jornadas de cinco léguas, llegó al rio [...]» - versão espanhola, fólio 24

«[...] quinze mille homes de guerre, desquels il y en auoit huict mille Batas, & le surplus estoient Menancabes, Lusons, Andraguires, Iãbes, & Bournées, que les Princes ses voisins luy auoiët enuoyé de secours, avec quarante Elephants, & douze charretes de petite artillerie, à sçauoir de Faucons, Berches, & autres pieces de champagne, parmy lesquelles il y en auoit trois où estoient les armes de France, qui furent prises en l'an **1526**. au temps que Lopo Vaz de Sampayo estoit Gouverneur de l'Estat des Indes. Lesquelles pieces se treuerent dans vn Nauire qui arriua avecque des François, duquel estoit Capitaine & Pilote vn Portugais, natif de la ville de Condé, **nommé Rosado**. Or ce Roy des Batas ne faisant que cinq lieuës par jour [...]» - versão francesa, fólio 69

«[...] fifteen thousand men of War, whereof eight thousand were Bataes, and the rest Menancabes, Lusons, Andraguires, Vambes, and Bournees, whom the Princes his neighbors had assisted him with, as also forty Elephants, and twelve Carts with small Ordnance, namely, Faulcons, Bases, and other field Pieces, amongst the which there were three that had the Arms of France, and were taken in the year **1526**. at such time as *Lopo Vaz de Sampayo governed the State of the Indiaes*. Now the King of Batas marching five leagues a day [...]» - versão inglesa, fólio 19

«[...] **funfzehntausend krieges Leute/ darunter achtausend Bataner sich befunden/ die andern waren Menancaber, Lufonner, Andraquiter, Jamber und Borneër, so Ihm die benachbarte Fürsten/ beneben vierzig Elephanten/ und zwölf Wagen mit kleinen Gefchüß/ zu hüfff gesand hatten. Nachdem Er nun nicht mehr dan fünf Meilen täglich reisere** [...]» - versão alemã, fólio 32

Do paralelismo acima apresentado, destacamos a utilização da data por extenso apenas na versão espanhola e a supressão de «Iambes» (versão portuguesa, fól. 16). Note-se, na mesma tradução, a expansão frásica da seguinte informação: «[...] bien conocido en aquellas partes, por las notables suyas.» (versão espanhola), com o claro intuito de destacar esta personalidade portuguesa bem como os seus feitos. Ao analisarmos as versões francesa, inglesa e alemã deduzimos que não se dão as

expansões espanholas, o que reforça a nossa tese de que o tradutor Bernard Figuiet terá conhecido a obra de Fernão Mendes Pinto na versão original e que Henry Cogan e os editores Henrich e Dietrich Boom terão estabelecido uma relação de interdependência (direta/indireta) com a obra francesa.

De referir que este capítulo se encontra a meio do capítulo 6 da versão alemã e que apresenta, novamente, processos de tradução que incluem adaptações ao gosto do novo público-leitor, subtis expansões frásicas que tornam o discurso mais explícito, a par das alterações linguístico-sintáticas, de acordo com a convenção alemã da época, supressões relativas a datas e compressões de passagens de dimensões significativas por se julgar não serem suficientemente relevantes ou interessantes para o novo leitor.

Ainda nesse contexto, têm lugar outras adaptações à expressividade espanhola, francesa, inglesa e alemã e às condicionantes linguísticas:

«[...] **sò a vista me fazia tremer as carnes.**» - versão portuguesa, fólho 15

«**Admireme por cierto de ver la bozeria de vnos y otros** [...]» - versão espanhola, fólho 24

«[...] **qu'à voir vne si grande furie, j'en tremblois d'apprehension.**» - versão francesa, fólho 70

«[...] **that I trembled with fear to behold their fury.**» - versão inglesa, fólho 19

«[...] **dass mir darüber die Haare zu Berge stunden** [...]» - versão alemã, fólho 32

Neste capítulo, o narrador do texto original português fornece também informações detalhadas acerca das consequências da guerra que se travava:

«[...] serão até setecentas pessoas. De maneyra que neste primeyro dia que chegou fez estes tres feitos muyto motaueis, de que os seus todos ficaraõ taõ animados, & com tamanha ousadia, que quiseraõ logo naquela noite cometer a cidade, se o Rey para isto lhes dera licêça, mas por ser o escuro grande, & a gente estar muyto cansada, se contêtu co que tinha feito, **dando por isto muytas graças a Deos.**» - versão portuguesa, fólho 16

«[...] serian seyscientas ò mas personas: valeroso esfuerço de Rey. Este, y otros tres o quatro, q̄ hizo por su persona aquel dia, dexaron a sus soldados animados de manera, que aquella misma noche quisieran dar assalto à la ciudad: pero la grande escuridad della, y el cãsancio de todos, les hizo contentarse com lo hecho, **dando el Rey por esso a Dios infinitas gracias.**» - versão espanhola, fólho 25

«[...] sept cents hommes, à pas vn desquels il ne voulut sauuer la vie. Ainsi le jour de son arriué il fist trois choses fort memorables, & qui animerent de telle sorte les siens, qu'ils voulurent tous ceste mesme nuict aller attaquer la ville, & l'eussent fait

asseurémēt s'il ne les en eust empesché; car pour ce que la nuict estoit fort obscure, & ces gens lasses, **il se contenta de ce qu'il auoit fait, & en rendit graces à Dieu.**» - versão francesa, fólho 72

«[...] to a number of seven hundred persons, without sparing so much as one of them. Thus did he on the day of his arrival perform three memorable things, whereby his Soldiers were so heartned, as they would fain have assaulted the City the very same night if he would have permitted them, but in regard it was very dark, and his men weary, **he gave thanks to God, and contented himself with that which he had done.**» - versão inglesa, fólho 20

«Er schlug siebenhundert mit der Schärffe des Schwerds/ und wolte niemand überlassen. Hierdurch wurden dieseinigen so muhtig / daß sie in derselben Nacht die Statt solten andegriffen haben / wo Ers Ihnen nicht gewehret hätte. Der König der Batas, weil Er sahe / daß **der König zu Achem gewichen und sich für gefchlagen achtete/ wurde vermessen/ und geriehte zwenmahl in Gefahr.**» - versão alemã, fólho 33

O texto espanhol opta por explicitar aquele de quem se fala («el Rey»), tornando o texto mais claro. Tal como se tem vindo a verificar, Bernard Figuiet mostra-se mais próximo do texto português do que o espanhol, procurando respeitar a mensagem original e enaltecer a coragem e a astúcia, que conduziram à vitória dos portugueses e do Rei dos Batas. O tradutor Henry Cogan, à luz da tradução francesa, recorre à inclusão do pronome pessoal «il» da versão francesa, correspondendo a «he», nesta tradução, enfatizando, também ele os sucessos alcançados e realçando a origem tradutiva. As modificações efetuadas pelos editores alemães são frequentes e revelam continuamente um objetivo de tornar o texto conciso, claro e compreensível ao leitor alemão, dadas as características da língua e o contexto sociocultural. Nesta situação, surge, igualmente, a referência ao «König», denunciando um conhecimento da tradução espanhola ou um trabalho interpretativo implícito à tradução.

No capítulo XXX, a Rainha de Aarú jura vingança e admite tornar-se cristã (sendo moura) para o conseguir. Consideramos que a crítica indireta é aqui subtilmente colocada na boca do Outro, neste caso a rainha, a qual desejava que o seu esposo não tivesse conhecido o povo português, dado que este contribuiu para que aquele se perdesse, pecando:

«E prouvera a Deos que o que eu agora conheço de vos por meus pecados, conhecera el Rey meu marido agora ha vinte & noue anos, porque nẽ elle viuera tão enganado com vosco como viueo, **nem em fim se viera a perder por vossa causa, como se perdeo.** Mas já que isto assi he, hũa só cousa me resta agora para consolação de minhas queixas [...]» - versão portuguesa, fólho 30

«[...] y ojala huuiera Dios querido, q̄ estas verdades que yo conozco aora, tuuiera conocimiēto dellas veynte y nueue años antes mi marido muerto, **q̄ assi no huuiera el viuido enganado tantos como estuuo com aquella falsa confiança, ni aora se huuiera perdido su persona, ni mi honra, mas despues del conocimiento destas verdades**, que he dicho, me queda por gran consuelo, que modera el gran numero de mis queexas [...]» - versão espanhola, fólho 47

«Et pleust à Dieu, que ce que mes pechez me fout maintenant connoistre, le defunct Roy mon mary eust connu il y a vingt neuf ans, **parce qu'il n'eust pas vescu sideceu de vous autres comme il a faict**. Mais puis qu'il est ainsi, une seule chose me reste à presente pour consolation de mes plaintes [...]» - versão francesa, fólho 132

«And would to God, my deceased husband had nine and twenty years ago but known what now for my sins I perceive too well, for then **he had not been so deceived by you as he was**; But since it is so, I have this only left to comfort me in my misery [...]» - versão inglesa, fólho 36

«Hieraus solte der König/ wie man dafür hält/ geantwortet haben/ es nehme ihn nicht wunder/ daß sie **so wenig Wahrheit bey den Portugiesen gefunden**/ weil sie solches in vielen Begebnissen gegen aller Welt dargetahn und bewiesen.» - versão alemã, fólho 53

Mais uma vez, podemos deduzir que os tradutores revelam uma certa margem de liberdade, respeitando, no entanto, os seus textos de partida, apesar de procederem a adaptações de acordo com os contextos de chegada, as línguas-alvo e os leitores. Francisco de Herrera Maldonado recorre a uma breve expansão frásica, nesta passagem, reforçando as atitudes intoleráveis dos portugueses, os quais parecem faltar sistematicamente com a verdade. O tradutor francês procede às habituais adequações linguísticas e culturais, mantendo-se muito próximo do texto de partida português. Os tradutores inglês e alemães veiculam, igualmente, a crítica indireta, revelando-se fiéis ao texto de partida francês, um por influência direta, o outro através do texto intermédio neerlandês, supomos nós. No caso da tradução alemã, verifica-se uma supressão do quantificador e uma compressão do discurso da Rainha de Aarú, o qual surge no discurso indireto e de forma abreviada, não desvirtuando, não obstante, a mensagem de partida e original.

No capítulo XXXVIII da obra portuguesa, encontramos uma passagem que sublinha as diferenças religiosas, dado que não foi autorizado o enterramento dos portugueses falecidos no Reino do Pão, uma vez que a terra ficaria amaldiçoada:

«E neste dia nos fallecerão **tres Portugueses dos quatorze q̄ achamos perdidos**, hum dos quais foy o Fernão Gil Porcalho Capitão do jũco, & cinco moços Christãos, os quais lâçamos de noite ao mar cõ penedos atados nos peis & nos pescoços paraque se fossem ao fundo, porq̄ na cidade nolos não quizeram deixar enterrar, [...] por razão que ficaria a terra maldita, & incapaz de poder criar cousa algũa, por quãto aquelles defũtos não hião

lauados do muyto porco q̄ tinhão comido, q̄ era o mais graue pecado q̄ quãtos na vida se podião imaginar [...]» - versão portuguesa, fólio 34

«Este dia se nos murieron **tres Portugueses, de los catorze que en la mar hallamos perdidos**, vno de los quales fue Fernan Gil Porcallo, Capitan del junco que perdieron, y quien me auia a mi dado cuenta del desastrado sucesso. Y de los nueue moços Christianos, se nos murieron cinco, y a todos ocho los echamos a la mar naquela noche, atadas grandes piedras a la cabeça y pies, para que luego se fuessen a fondo, porque en la ciudad nos estoruaron el enterrarlos, [...] que quedaria con aquellos cuerpos toda aquella terra maldita y descomulgada, porque aquellos defuntos no yuan purgados, ni lauados del mucho puerco que auian comido, el mas inorme pecado que entre ellos podia cometerse, y bastante a boluer aquella provincia estéril y incapaz para criar fruto alguno[...]» - versão espanhola, fólio 54

«Ce mesme jour il mourut **trois des 14. Portugais que nous auions treueuz perdus**, vn desquels estoit Fernand Gil Porcalho, Capitaine de Junco qu'ils auoient perdu, & qui nous auoit fait le recit de leur desastre. Cinq jeunes hommes Chrestiens moururent aussi, que nous jettasmes tous dans la mer, avecque des pierres attachés aux pieds & au col, asin qu'ils allassent à fòds, pour ce qu'on n'auoit point voulu permettre de les enseuelir dans la ville, [...] alleguans pour leur raisons que s'ils le souffroient, leur país demeureroit maudit, & incapable de nourrir chose aucune, à cause que les deffunts n'estoient purgez de la grande quantité de pourceau qu'ils auoient mangé, qui estoit le plus detestable & enorme peché de tous ceux que l'on pouuoit s'imaginer.» - versão francesa, fólio 147

«The same day **three of the fourteen Portugals**, which we took up at sea, dyed [...] whom we cast all into the sea, with great stones tyed to their feet and about their necks fo to make them sink to the bottom, in regard we could not be permitted to bury them in the Town [...] the reason they alleged was, that if they should suffer it, their Country would remain accursed, and incapable of nourishing any thing, because the deceased were not purged from the Hogs flesh they had eaten, it being the most detestable and enormous sin of all the others [...]» - versão inglesa, fólio 40

«Selbigen Tag **sturben dren von vierzehen Portugiesen**/ die neben den andern durch uns errettet worden. Einer unter diesen war Ferdinandus Gilles Porcalho, Hauptmann vorerwehnter verlohrenen Junk/ der uns dieses alles erzehlet hatte. Auch sturben daselbst fünf Christen Jünglinge/ welche wir ins Meer wurffen/ und ihnen/ damit sie möchten desto cher zu grunde gehen/ an Hände und Füße Steine bunden; dann die Einwohner wolten die Beerdigung nicht zugeben [...] daß Ihr Land davon verflucht und unfruchtbar sehn würde/ in dem die verstorbene noch nicht vom Scheinenfleisch/ das sie gegeben/ gereiniget weren; welches ben ihnen die verfluchte und abscheulichste Sünde/ die man nur erdenken könnte.» - versão alemã, fólio 59

Os tradutores voltam a manter-se aqui muito próximos dos seus textos de partida, traduzindo segundo as técnicas interlinguais, procurando tornar os seus textos compreensíveis e interessantes para o seu leitor ao mesmo tempo que agradáveis e adequados aos seus contextos-alvo. Salientamos, finalmente, não só a correta correspondência em termos quantitativos, como também o facto de todos os tradutores considerarem, supostamente, tão estranha esta situação vivida pelos portugueses ao ponto de não a ignorarem.

Chegados ao final da análise comparativa deste primeiro momento narrativo, é possível afirmar que o grau de fidelidade de todas as versões em estudo é bastante notável. A tradução espanhola prima pelas expansões frásicas e textuais (informativas e orientadoras da leitura), com a intenção de tornar o texto mais claro e compreensível. O texto francês revela uma preocupação com o estilo, mantendo-se, também ele, muito próximo do texto de partida português, apesar de se perceber em diversos momentos que contactou com a versão espanhola, tal como é notório logo nos paratextos. As traduções inglesa e alemã, por seu turno, evidenciam uma relação muito estreita com a edição francesa, ainda que indireta no último caso. Na realidade, ambas revelam-se fiéis ao texto de Figuiet, procedendo a algumas compressões, principalmente a versão alemã, que não afetam ou deturpam significativamente a mensagem original.

Em todas as edições verificam-se as naturais adaptações em termos linguísticos e culturais. A retórica da sinceridade e da humildade do narrador, assim como as condições que conduziram ao início desta peregrinação, são conservadas pelos tradutores espanhol, francês, inglês e alemães. Nos quatro textos de chegada, alguns dos quais também eles textos de partida, são realçadas, por um lado, as qualidades e os valores dos portugueses, no decurso destas primeiras aventuras; por outro, as suas atitudes desajustadas, inaceitáveis e impróprias de cristãos, nas lutas travadas. Nesta linha, todos estes tradutores procuram conservar as diferenças civilizacionais/religiosas e/ou a crítica indireta aos portugueses, no que diz respeito, por exemplo, a atitudes enquanto guerreiros cristãos, hábitos alimentares, crenças e práticas religiosas, adotando procedimentos tradutológicos pautados pela fidelidade para com os seus textos de partida e, acima de tudo, para com a obra original, a portuguesa.

3.2.2. Na Companhia de António de Faria e o seu Derradeiro Naufrágio

No momento narrativo relativo às aventuras, o narrador, enquanto marinheiro e comerciante ao serviço de António de Faria, foi vítima de assaltos e de inúmeros naufrágios. Neste momento narrativo, é possível encontrar duas sequências, uma primeira em que as virtudes deste capitão são enaltecidas, a propósito das infindáveis e árduas perseguições e dos respetivos confrontos com Coja Acém, e uma segunda sequência em que as suas decisões e os seus comportamentos são reprováveis, culminando com o seu desaparecimento num naufrágio catastrófico, solução provavelmente encontrada pelo autor para punir ações não conformes aos verdadeiros princípios e valores cristãos.

No capítulo XXXVI português, o «eu» passa para segundo plano, dado que o narrador dá início ao relato de aventuras e peripécias vividas na companhia de António de Faria nos reinos de Sião, Liampó e na ilha de Calempluy. Um mouro chamado Coja Acém, no reino de Sião, assalta-os e a embarcação dos portugueses afunda-se logo em seguida. Desse naufrágio resultam mortes. A partir desse momento, António de Faria persegue incansavelmente Coja Acém, cometendo também ele barbaridades e desrespeitando o transcendente. As suas atitudes valem-lhe uma punição que se consubstancia, em termos narrativos, no desaparecimento enigmático, num «clima de fantástico»²⁶⁷, o que contribui para a ficcionalidade textual.

Relativamente ao capítulo XXXVIII, após tomar conhecimento do roubo da sua fortuna pelo supra citado pirata, António de Faria jura vingar-se. A viúva de Xabandar de Prevedim da ilha de Java auxilia os portugueses a chegarem a Patane. Nessa passagem, o autor refere-se a um rio do seguinte modo:

«E nauegando por hũ **grande rio de agoa doce, que se dizia** Sumheehitão, chegamos daly a sete dias a Patane.» - versão portuguesa, fólho 39

«[...] y navegando por **el rio** de Sumhechitam, **grande, y de agua dulce**, llegamos a Patane en siete dias [...]» - versão espanhola, fólho 61

«[...] nous partismes do compagnie, & nauigeans sur **vne riuiera d'eau douce** nommée Sumheehitano, nous arriuasmes sept jours apres à Patane.» - versão francesa, fólho 166

«[...] sailing on a **River, called Sumhechitano**, we arrived seven days after at *Patana*.» - versão inglesa, fólho 45

²⁶⁷ Seixo, Maria Alzira, «Rotas Semânticas e Narrativas da *Peregrinação*», in Seixo, Maria Alzira e Christine Zurbach (org.), *O Discurso Literário da 'Peregrinação'*, Ed. Cosmos, Lisboa, 1999, p. 199.

«[...] auf des länge **des Flusses** Sumhechitano, und kamen des sieben den Tages nach Patane.» - versão alemã, fólio 67

Em termos tradutivos, Francisco de Herrera Maldonado procede a adaptações que consistem na alteração da ordem sintática, realçando as características daquele rio e a sua designação. No texto francês, encontramos a utilização do pronome pessoal «nous», tornando o discurso mais cuidado e preciso. Bernard Figuiier mantém-se mais próximo do original português em termos de sintaxe, suprimindo, não obstante, uma das características mencionadas, a saber «grande», segundo o princípio da economia narrativa, procedimento que se acentua nas traduções de Henry Cogan e de Henrich e Dietrich Boom, dado que, nestas edições, encontramos apenas a identificação daquele rio, suprimindo-se um pleonasma, que se sobrepõe aos critérios da tradução, dado que um rio, por definição, é de água doce. A recolha de informações, especialmente geográficas e históricas, revelou-se nestas traduções uma preocupação. Ainda assim, e em particular na edição alemã, pormenores como estes foram ignorados dada, com certeza, a sua relevância e os públicos-leitores aos quais eram dirigidas estas traduções. De acrescentar, em termos de reorganização dos capítulos que, na versão inglesa, o capítulo em causa se encontra incluso no capítulo XIV e que, na edição alemã, o encontramos no final do capítulo 12.

No que se refere ao juramento feito por António de Faria, veja-se a forma como os tradutores interpretaram a mensagem do original, procedendo à tradução interlinear:

«E logo publicamente perante todos fez juramêto nos santos Euãgelhos, & disse, que alem do que juraua, prometia também a Deos de yr logo daly em busca de **quem lhe tomara sua fazenda; o qual lha auia de pagar ao galerim, ou por bem, ou por mal, inda que por bem já entendia q̄ não podia ser por nenhũa via, porq̄ quem lhe matara dezasseis Portugueses, & trinta & seis moços & marinheyros Christãos**, naõ era razaõ q̄ passasse taõ leuemente sem algum castigo [...]» - versão portuguesa, fólio 39

«[...] al **ladron** de su hazieda; que no dexar de pagar a quien le auia prestado la suya, leuaua con esto publicamente, que auia de yr en busca del Cosairo, haziendo boto de castigar el arreuimiento cometido, y **vengar la muerte de los muertos, a quiẽ com tan poca razon auia quitado las vidas, diziẽdo que era justo que se castigasse aquella maldad y desuerguença, cometida tan en oprobrio del nombre Christiano**, porque el susrir, y dissimular aquella, seria ocasion para que aquellos Infieles hiziessẽ muchas cada ora.» - versão espanhola, fólio 61

«Alors il fist vn serment public dessus le saint Euangile, par lequel il dist, qu'outre ce qu'il juroit, il promettoit à Dieu de partir incontinent de ce lieu, **pour s'en aller chercher celuy qui l'auoit ainsi volé**; qu'au reste il luy en seroit rendre cent fois autãt, ou de gré, ou de force, quoy qu'il recogneust que cela ne se pouuoit, pour le grand

domage qui en estoit arriué. Aussi **luy ayant esté tué seize Portugais, & trent e six autres, tant garçons que Mariniers Chrestiens**, il n'estoit pas raisonnable que cela se passast de cette sorte, sans que le chastiment s'en ensuiuist.» - versão francesa, fólio 167

«[...] so that he took a solemn Oath upon the holy Evangelists to part incontinently from that place for to go in quest of those Pyrats, for to revenge upon them the death of those **fourteen Portugals**, and thirty six **Christians, Boys and Mariners**, killed by them as aforesaid ; Adding withall, that if such a course were not taken, they should every day be used so, way far worse.» - versão inglesa, fólio 45

«Tähle darauf (wiewol unrecht) einen öffentlichen Eid auf das **Euangelium**/ schwureund verhiëße Gott/ alsbald diesen Ort zu verlaßen/ und die **Räuber** zu suchen; mit dem Borsaz/ so er ihrer würde mächtig werden/ sie entweder gutwillig/ oder gezwungen/ zu mehr denn hundertfacher widererstattung anzuhalten/ unerachtet es wegen all zu großen Schadens wolte unmöglich scheinen.» - versão alemã, fólio 68

Neste capítulo, o tradutor espanhol suprime a indicação do número de mortos, provavelmente por uma questão de economia narrativa. No final deste capítulo, Maldonado recorre também a adaptações várias, substituindo a expressão «quem lhe tomara su fazenda» por «ladron», e a expansões frásicas no sentido de condenar o pirata Coja Acém bem como a sua raiva em relação aos portugueses. Tal como se tem vindo a constatar, também neste extrato a edição francesa recorre sobretudo aos processos interlinguais, demonstrando um grau de fidelidade considerável em relação ao texto português. Os tradutores inglês e alemão não desvirtuam, significativamente, a mensagem original, apesar de modificarem o número de mortos, como se vê na versão inglesa, ou de o suprimirem mesmo, tal como acontece na tradução alemã.

No capítulo XXXIX do original português, os portugueses passam pela ilha de Pulo Condor e por Catimparú, onde recolhem informações sobre as terras e as gentes da região:

«[...] tempo viria em que eles se cõmunicarião com nosco por amizade da **ley verdadeyra do Deos** da clemencia sem termo, que cõ sua morte dera vida a todos os homẽs com herança perpetua na casa dos bõs, porque assi o tinhaõ que auia de ser passado o meyo do meyo dos tempos. E cõ esta resposta lhe mandaraõ hũ treçado rico, co punho & bainha douro, cõ mais vinte e seis pérolas nũa boceta do mesmo feita como saleiro pequeno, de q̃ Antonio de Faria ficou assaz **magoadado**, por lhe não poder contribuyr co que era rezão, porque já ao tẽpo q̃ o Chim tornou co recado hião emmarados em distancia de mais de hũa legoa.» - versão portuguesa, fólios 39-40

«[...] que tiempo vendria en que los de su nacion se comunicarian, con la nuestra: pongo las mismas palabras: por amistad verdadera, **ley del supremo Dios** que tenia la clemencia sin termino alguno, puis con su muerte santissima auia dado á todos los hombres, quedando-se por creencia perpetua en la casa de los buenos. Y que tenian por cierto, que auia deser esto sin falta, passada la mitad de la mitad, de los tempos. Y con

aquesta **confusa** resposta, **que parecia adiuinacion, ò profecia pues cumplida se mira ya del todo**, le embiaron vn riquíssimo Alfange con la guarnicion y vayna de oro fino, y veinte y seys perlas ricas, metidas en vna galana Bujetilla de oro, de la forma de vn pequeño salero, por cierto pieças ricas, y de estima, y fuera de muy grande para Antonio de Faria el embiarles alguna pieça rica, en retorno de tantas, y tan buenas, mas el no poder hazerlo le dexo harto **confuso, corrido, y triste**, q es la poca possibilidade, **cruel verdugo de los que nacieron honrados, porque dessear, y no poder acaban à vn obligado. Boluioles à embiar vn agradecidísimo recado: moneda conque pagan los menesterosos, y a vezes de mas estima, y mas corriente, por falir de voluntades sanas, y verdadeiras que la mayor riqueza del poderoso, y rico:** pero no pudo alcançarlos el mensageiro, porque se auian ya alargado, vna muy grande légua.» - versão espanhola, fólio 62

«Que le temps viendroit qu'ils communiqueroient avec nous la vraye amitié de la **loy de Dieu**, et de sa clemence infinie, qui par sa mort auoit donné la vie à tous les hommes, avec un perpetuel heritage en la maison des bons, et qu'ils croyoient qu'il deuoit estre ainsi apres auoir passé la moitié de la moitié des temps. Avec ce compliment ils luy ennuoyerent vn coutelas de gran prix, qui auoit la poignée & le fourreau d'or, & 26. Perles qui estoient dâs vne petite boëtte aussi d'or, faicte en forme de saliere dequoy Antonio de Faria fut bien fasché, à cause qu'il ne pouuoit pas rendre le semblable à ce Prince, comme il estoit obligé de faire. Car lors que le Chinois arriua avec ce message, ils estoient esloignez de nous d'une grande lieuë dans la mer [...]» - versão francesa, fólio 169

«That the time would come when as they should communicate with us in the true love of the **Law of God**, and of his infinite clemency, who by his death had given life to all men, and a perpetual inheritance in the house of the good, and that they believed this should be so, after the half of the half time was past. With this complement they sent him a Courtelas of great value, whose handle and scabbard was of gold, as also six and twenty Pearls in a little Box likewise of gold, made after the fashion of a Salt-seller, whereat Antonio de Faria was very much grieved, **by reason he was not able to render the like unto this Prince, as he was obliged to do, for when the Chinese arrived with this message they were distant above a league at Sea [...]**» - versão inglesa, fólio 46

«Dasebst begegnete uns des Lequios Junk/ welcher nach dem Königreich Siam, mit einem Gesandten oder Herzn über der Insul Toja, von Nautaquim und Lindau, zoge. So bald uns dieser Gesandte sahe/ fertigte er gleiches wegeseinen Chinesischen Steuermann zu Antonio de Faria ab/ mit einem kostbaren Gäbel/ (der eine güldene Scheide/ und eben solcherlei Gefäs hatte) samt sechs und zwanzig Perzlen/ in einer güldenen Schachtel/ nechst entbietung seiner Gunst und Freundschaft. Antonius de Faria betrübte es nach **überliessertem Present/ daß er diesem Herzn nicht mit gleicher Ehr zubegeggen vermochte. Hieraus traten wir alhier ans Land/ und blieben dren Tage Wasser zu holen/ und Fischen in großer Renge zu fangen [...]**» - versão alemã, fólio 69

Na versão espanhola, nesta passagem do capítulo XXXIX, verificamos a opção em colocar a data («1540», versão espanhola, fól. 62) à margem do texto, elemento que não surge em momento algum no original. Notamos, igualmente, que o tradutor revela uma preocupação explicativa ao adotar uma expansão frásica, de modo a salientar a reação de António de Faria («assaz magoado» - versão portuguesa; «confuso, corrido, y

triste» - versão espanhola) e uma expansão textual, algumas linhas depois, a propósito do diálogo com o Embaixador do Nautaquim, para enaltecer a intenção de António de Faria de agradecer o presente e o gesto daquele príncipe: «[...] cruel verdugo de los que nacieron honrados, porque dessear, y no poder acaban à vn obrigado. Boluioles à embiar vn agradecidissimo recado: moneda conque pagan los menesterosos, y a vezes de mas estima, y mas corriente, por falir de voluntades sanas, y verdadeiras que la mayor riqueza del poderoso, y rico» (versão espanhola). Ainda em relação ao povo chinês, o leitor percebe nitidamente que o tradutor em causa tem dele uma imagem positiva, tomando a liberdade de recorrer a uma expansão na forma de nota lateral («Notable Profecia de vnos Chinos.», versão espanhola, fól. 62) com vista ao panegírico dos valores chineses.

Na tradução de Figuiet, tal como se tem verificado na generalidade das passagens, notamos uma preocupação de adequar o texto ao gosto do leitor francês, mediante as evidentes adaptações interlinguais, conservando notoriamente o texto original, sem recorrer a expansões ainda que frásicas.

O capítulo XXXIX português, encontra-se no interior do capítulo XV na tradução inglesa. A referência à lei de Deus encontra-se fielmente traduzida nesta versão, permitindo-nos entrever, novamente, a estreita relação travada entre esta e a tradução francesa, explícita inclusivamente nas escolhas vocabulares e na ordem sintática: «[...] por amizade da **ley verdadeyra do Deos** da clemencia sem termo [...]» (versão portuguesa); «[...] por amistad verdadera, **ley del supremo Dios** que tenia la clemencia sin termino alguno [...]» (versão espanhola); «[...] avec nous la vraye amitié de la **loy de Dieu**, et de sa clemence infinite [...]» (versão francesa); «[...] with us in the true love of the **Law of God**, and of his infinite clemency [...]» (versão inglesa). Na edição alemã, no que diz respeito à expectável referência à «ley verdadeyra do Deos», notamos que se verifica o recurso à supressão, o que poderá estar relacionado com a preocupação com a economia diegética ou antes, e muito provavelmente, com a realidade vivida pelo público-leitor alemão de então, o qual poderia não aceitar bem tal referência.

Ainda no que diz respeito à versão alemã, note-se que os seus editores usam 14 notas marginais ao longo do capítulo 13, o qual inclui o capítulo português XXXIX em análise. De entre esse número de notas, transcrevemos a seguir aquela que surge a par do trecho acima apresentado e que orienta, tal como as restantes, o leitor na sua tarefa de interpretar esta obra: «[...] ihm begegnet ein Gesandter/ der ihn herzlich

beschenkt.» (versão alemã). É provável que estas informações tenham tido origem na versão neerlandesa, a fonte desta tradução.

Francisco de Herrera Maldonado não perdia uma oportunidade de expandir o seu texto no sentido de enaltecer as qualidades de António de Faria, em particular, e dos portugueses, em geral, pelo espírito de aventura, e a curiosidade que os levou a desbravar mares praticamente desconhecidos dos europeus. À semelhança de muitas outras modificações, Maldonado substitui determinantes demonstrativos, mudando de ponto de vista e distanciando-se da possibilidade de ser confundido com o narrador-personagem da obra original, o que revela que o seu objetivo não era o de o imitar simplesmente.

Vejam-se, ainda no capítulo XXXIX, mais precisamente no seu termo, os processos tradutivos postos em prática nas várias traduções em causa:

«E fazendolhe Antonio de Faria outras muytas perguntas de cousas particulares, lhe disseram outras muytas cousas das **abastanças & fertilidade** da terra que auia por **este rio acima** tanto para cubiçar, quão facis & pouco custosas parece que seraõ de **conquistar**.» - versão portuguesa, fólio 40

«Otras muchas preguntas les hizo Antonio de Faria **a los de Catimparu**, acerca de los particulares de aquellas tierras, y le dixeron mucho de la **abundancia, fertilidade, y riqueza**, que auia en todas las **riberas de aquel rio**. Tanto por cierto para codiciarias quanto faciles, y poco costosas, a lo que parece, para conquistarlas, **conseruarlas, y defenderlas**.» - versão espanhola, fólio 63

«Antonio de Faria leur ayant demandé là dessus plusieurs autres particularitez, ils luy firent vn recit de la **fertilité** du pays, qui estoit à mont **cette riuiere**, aussi propre à souhaitter, que facile & de peu de fraiz à **conquerir**.» - versão francesa, fólio 171

«Whereupon Antonio de Faria having questioned them about many other particularities, they made him a relation of the **fertility** of the Country, which was further up **this River**, no less fit to be desired, then easie to be **conquered, and that with little charge**.» - versão inglesa, fólio 47

«Ferner erzehleten sie von der **Fruchtbarkeit** des Landes/ so höher hinauf am **Fluß** gelegen/ und **mit geringen Unkosten möchte eingenommen werden**.» - versão alemã, fólio 70

Em termos de interdependências, vejamos, acima, a estreita relação entre as versões portuguesa, francesa, inglesa e, ainda, alemã, aquando da referência ao que se podia encontrar nas terras de Buquirim, uma vez que Figuiier não adota a enumeração espanhola e que as traduções inglesa e alemã recorrem à tradução do vocábulo usado por aquele tradutor: «[...] **abastanças & fertilidade** da terra que auia por este rio acima tanto [...]» (versão portuguesa); «[...] **abundancia, fertilidade, y riqueza**, que auia en

todas las riberas de aquel rio.» (versão espanhola); «[...] **fertilité** du pays, qui estoit à mont cette riuere [...]» (versão francesa); «[...] **fertility** of the Country, which was further up this River [...]» (versão inglesa); «[...] **Fruchtbarkeit** des Landes/ so höher hinnauf am Fluß gelegen [...]» (versão alemã). De salientar, igualmente nestas expressões, as adaptações ao nível dos determinantes demonstrativos, compreensíveis devido ao distanciamento em relação ao referente.

O tradutor espanhol expande o capítulo com a expressão «conseruarlas, y defenderlas», o que acentua a árdua e complexa atividade a que se dedicavam os portugueses, a conquista de terras férteis e a sua proteção; o tradutor francês, por seu turno, procede às habituais adaptações à língua e ao leitor, revelando-se muito fiel para com o texto de Fernão Mendes Pinto; o tradutor inglês altera a ordem frásica de modo a enfatizar, pelo contrário, a forma acessível de conquistar aquelas terras; e os editores alemães, finalmente, recorrem a uma compressão, mantendo, no entanto, parte da informação transmitida no original português, a qual seria relevante para o leitor alemão.

É de notar que o capítulo português acima referido, termina a meio de um parágrafo na edição alemã e que, de imediato, se dá início à tradução do capítulo seguinte na sequência desse parágrafo. Para que o leitor possa avaliar o grau de fidelidade do(s) tradutor(es) alemão/ães, veja-se como, mais uma vez, se torna inclusivamente árdua a tarefa de encontrar o capítulo XL do texto original português (capítulo 13, fól. 70, versão alemã). Podemos, assim, constatar que o(s) editor(es) alemão/ães procedeu/eram à criação de parágrafos, à junção de capítulos, a inversões sintáticas, à utilização de maiúsculas, por motivos editoriais, por uma questão de proximidade com o texto neerlandês ou pela simples questão de adequar o texto ao seu estilo e ao público-alvo. Para além disso, recorreram a supressões, a compressões e, ainda, a alterações ao nível dos dados. Veja-se, seguidamente, uma ligeira compressão que abrevia a descrição da animosidade entre os piratas de Coja Acém e os portugueses comandados por António de Faria:

«[...] trombetas & tambores **& sinos derão hũa grande grita & apupada a modo de desprezo & escarneo, como na verdade então fazião de nós**, de que Antonio de Faria se mostrou assaz afrontado.» - versão portuguesa, fól. 40

«[...] trompetas, tâboriles **y campanas, con grandes algazaras y bozes, hazian burla de nosotros cõ grande fisga y escarnio**, de lo que Antonio de Faria quedò tan corrido, que les mando tirar [...]» - versão espanhola, fól. 64

«[...] avec vn grand bruit & tintamarre de trompettes, tambours, & **cloches, en se mocquânt de nous comme par mespris**. Dequoy Antonio de Faria se sentit tellement offense [...]» - versão francesa, fólio 172

«[...] trumpets, Drums and **Bells, by way of scorn and derision of us**. Whereat Antonio de Faria was so offended [...]» - versão inglesa, fólio 47

«[...] **unter einem Großen schall der Trommeln und Trompeten**.// Antonius de Faria, hierüber ungehalten/ ließ einen Schuß aus einem groben Geschütz tuhn [...]» - versão alemã, fólio 70

Como se pode verificar, o grau de fidelidade demonstrado em todas as edições é assinalável. A versão alemã é a que apresenta mais alterações ao nível da ordem sintática (como seria de esperar dada a natureza específica da língua); contudo, a mensagem é também nela respeitada.

Ainda no capítulo XXXX português, no decorrer do combate noturno, em que vencem os achéns e outro grande inimigo dos portugueses, o turco Similau, as técnicas tradutivas são igualmente comuns entre determinadas versões:

«[...] bradou por tres ou quatro vezes, **armas, armas** [...] receyo, disse aos soldados, isto, senhores & irmãos meus he ladrão q̄ nos vem cometer, por lhe parecer q̄ não podemos ser mais q̄ seis ou sete, como ordinariamēte costumamos a andar nestas lorchas, & porq̄ **com nome de Christo** [...] disse **tá, tà, tà**, não quero saber mais [...]» - versão portuguesa, fólio 41

«[...] cõ grãde priessa tocò al **arma por tres o quatro vezes**. [...] animò los soldados cõ estas palabras: Señores, hermanos, y amigos mios, este ladron que viene a acometermos, le trae enganado, el pensar que no podemos ser mas q̄ seis o siete compañeros, como de ordinario en estas lorchas andamos. **No tengo que advertir la grande opinion que gana vn animo valeroso, y como en la guerra tiene ganada la mitad de la vitoria, el que animosamēte acomete primero la batalla: porque el principio y la determinaciõ en los hechos valerosos y de fama, se reputa por la mitad del hecho; desta ocasion que nos espera, si bien con ventaja tan conocida, espero yo en el nombre de Dios** [...] arajò al esclauo **con vn gran grito**, dizendo: Ya no quiero saber mas [...]» - versão espanhola, fólios 64-5

«[...] il s'escriva, **Arme, Arme, Arme** [...] il dict aux soldats, Messieurs & freres, c'est vn voleur qui nous viēt attaquer, à qui il semble que nous ne soyons que six ou sept, ainsi que l'on a de coustume d'estre en ces vaisseaux; & asin qu'**au nom de Jesus Christ** [...] & dit, **Tout beau**, je n'en veux pas sçauoir dauantage [...]» - versão francesa, fólio 173/175

«[...] cryed out presently, **Arm, Arm, Arm** [...]. Antonio de Faria said unto us, *My Masters, this is some Pyrat coming so set upon us, who thinks we are not above six or seven at the most, as the manner is in such kinde of Vessels; wherefore let every man stood down, so as they may not see any of us, and then we shall soon our swords, I hope we shall give a good end to **this adventure*** [...] Antonio de Faria hearing this, **cryed out, like a man amazed**, and said, Nay now I care not for knowing any more [...]» - versão inglesa, fólios 47-48

«[...] rieff/ **Waffen! Waffen!** Selbige ergriffen wir alsbald [...]. Unser Hauptmann sprach uns darauf einen Muht ein mit diesen Worten: *Lieben Brüder!* Diß ist ein Seeräuber/ welcher uns gedenket anzugreifen/ und meint/ wir weren nach der Gelegenheit unsers Schiffes nicht mehr dann sechs oder sieben stark/ darum bleibe jeglicher in deßen Unterteihl/ damit sie unser nicht gewahr werden; Es soll sich bald offenbaren/ was sie im Sinn haben [...] **Halt! halt!** ich habe nun schon gnug.» - versão alemã, fólhos 71/72

Note-se na passagem acima transcrita, no caso espanhol, a expansão textual da autoria de Maldonado para destacar a situação em que se encontravam os portugueses bem como a sua reputação e o seu valor. Em relação à repetição, o tradutor optou por modalizar o discurso, usando o discurso indireto e, desta forma, resumindo o número de vezes que referiu o termo «armas» (versão portuguesa). O mesmo acontece a propósito da expressão «tá, tà, tà» (versão portuguesa), a qual surge nesta tradução do seguinte modo: «con vn gran grito» (versão espanhola).

No âmbito dos recursos expressivos, no texto francês, deparamo-nos com ligeiras alterações que, tendo em conta as características próprias da língua francesa, seriam de esperar. Outras modificações que encontramos, no decorrer da nossa leitura comparativa deste capítulo, foram uma alteração que resultou na supressão da repetição «tá, tà, tà» e, de novo, a adaptação da moeda e a referência expressa ao dinheiro do Japão. Nos trechos acima apresentados, veja-se o exemplo da repetição expressiva «armas, armas» (versão portuguesa), a qual na tradução espanhola é suprimida e na francesa é conservada, sendo suprimido o comentário associado à mesma.

Na versão inglesa, percebe-se, uma vez mais, claramente, a proximidade com a edição francesa no que diz respeito à manutenção da repetição tal como a encontramos naquele texto de partida. No texto de Cogan, assinala-se, contrariamente, a supressão da expressão relativa a Cristo, talvez porque o gosto inglês preferisse um estilo mais depurado de referências religiosas e se sinta mais atraído pelo lado aventureiro. Relativamente a esta última questão, note-se a intenção de realçar esse aspeto da obra na expressão «*I hope we shall give a good end to this **adventure***» (versão inglesa).

O mesmo se pode dizer relativamente à tradução alemã, na qual também encontramos a manutenção do mesmo recurso retórico, ou seja, da repetição, apesar de mais breve, ao estilo dos tradutores alemães. Verifica-se, nesta versão, a supressão dos vocábulos «Christo» ou «Christão» ou da expressão em que surgem, o que contribui, igualmente, para a aceitabilidade da mesma no seu contexto de chegada.

Em termos de mudança de perspectiva, no capítulo XLII, mais uma vez, os tradutores respeitam, significativamente, o texto de partida português, procedendo a naturais adaptações atendendo ao distanciamento em relação ao referencial:

«[...] **deste** rio da varella por nome Tinaçoreu [...]» - versão portuguesa, fólio 43

«[...] de **aquel** rio de Varela y pareciole al piloto, que seria acertado yr por Pulo Campeglio [...]» - versão espanhola, fólio 68

«[...] de **cette** riuiere de Tinacoreu [...]» - versão francesa, fólio 182

«[...] **this** River of Tinacoreu [...]» - versão inglesa, fólio 49

«[...] **diesen** Fluß Tinacoreu [...]» - versão alemã, fólio 77

O tradutor Francisco de Herrera Maldonado não hesita em reforçar que o texto foi escrito *a posteriori*, ou seja, depois de regressar ao reino de Portugal, utilizando um determinante demonstrativo que expressa distância em relação ao objeto a que se refere, enquanto o texto português utiliza um determinante demonstrativo que denuncia, pelo contrário, proximidade. Para além disso, a tradução em causa apresenta uma expansão explicativa, traço que a caracteriza e que revela uma constante preocupação com a receção do texto. Já os textos francês, inglês e alemão recuperam o ponto de vista original, revelando-se próximos uns dos outros e também da obra portuguesa.

Ainda neste momento narrativo do texto espanhol, há a realçar adaptações na linguagem marcadamente cristã-católicas e breves expansões frásicas, que reforçam o «ímpeto & esforço», enfim, as emoções sentidas pelas personagens e, conseqüentemente, intensificam o ato de leitura pelo público-leitor desta tradução.

As compressões, em conjunto com as expansões, voltam a fazer-se notar a propósito dos temas da morte e da vingança, de forma a realçar o sentimento de revolta, partilhado pelo narrador e por António de Faria, relativamente ao sucedido a catorze «Portugueses». António de Faria é movido por um extremo desejo de vingança e esse sentimento mútuo é visível na utilização adicional do adjetivo «miserables», por exemplo na versão espanhola, introduzido para designar as vítimas («catorze soldados», versão espanhola) daquele cruel pirata, Coja Acém:

«[...] & baluartes ao nosso modo, com barbacam, & duas cauas de agoa ao redor. Aquy dos **quatorze soldados** é hião na lorcha, desembarcarão os **cinco** em terra, com mais **dous Chins** de esquipação que deixarão em refês suas molheres no junco, & correrão o lugar todo por fora em roda, em é gastarão quasei tres horas [...] de se vingar de quem

tanto mal lhe fizera, & que à **ley de bom homem** juraua que o não dezia pelos seus doze mil cruzados, que já lhe não lembrão, se não só pelos **quatorze Portugueses** q o **perro** lhe tinha mortos. E chegando à vista do junco, mandou que a lorcha se passasse [...]» - versão portuguesa, fólho 43

«[...] y valuartes a nuestra vsança, tenia vna buena barbacana, y dos hõdissimas cabas de agua q le cercauan y defendiam. Aqui de los **catorze soldados** q yuan en la lorcha, tomarõ tierra **el Capitan y cinco**, y **dos moços Chinas**, de aquellos q se saluaron del jũco de Similau, que dexaron en rehenes desto para mas seguro sus dos mugeres con nosotros. Por de fuera rodearõ los ocho el lugar todo, en que gastaron casi tres horas [...] de aquella justa vengança, y juraua a **ley de Cauallero**, q no le animaua a ella el cobrar su hazienda, de quien ya poço ni mucho no se acordaua, sino las muertes de aquellos **catorze miserables Portugueses**, que murieron a manos de aquel **cossario**; **en estas digressiones**, llegamos a dar vista al junco, **que se buscaua, y Antonio de Faria mãdo, que la lorcha en que yua Borrallo**, se passasse a la outra vanda [...]» - versão espanhola, fólhos 68-69

«[...] & des bouleuarts à nostre mode, & de corridors plains d'eau. En ce lieu des **14. Soldats** qui estoient dans la Lorche, **il y en eut cinq** mirent pied à terre, avec **deux Chinois**, de ceux qui s'estoient sauuez du Junco de Similau, qui nous laisserent leurs femmes en ostage jusques à leur retour, lesquels ayans par de hors visité la ville, y furent trois heures [...] pour se vanger de ce **barbare qui luy auoit faict vn si grand tort**. S'approchant à la veuë du Junco il commãda à la Lorche de passer de l'autre costé [...]» - versão francesa, fólhos 183-184

«[...] Towers and Bulwarks after our manner, and with Curtains full of water. Here **five of the fourteen Soldiers**, that were in the Lorch, went on shoar with **two of those Chineseses**, that were saved out of Similau Junk, who had left their wives as hostages with us for their return; These having spent three hours in viewing and surveying the Town on the outside [...] for to be revenged of such a **Rogue as had done him so much wrong**. Approaching within fight of the Junk, he commanded the Lorch to pass [...]» - versão inglesa, fólho 50

«[...] Thürnen und Bollwerken umgeben war. **Fünf Soldaten** begaben sich aus der Schuit ans Land/ beneben noch **zweyen Chinesern**/ so im Schiff Similau davon kommen/ und/ bis zu unserer Wiederkunft/ Antonio ihre Frauen zu Geisseln hinterlaßen. Die Statt besahen sie von außen wol drey Stunde [...]. Diese Zeitung erfreuere ihn also/ daß er sein Anker abhieße/ und gleich zu Segel gieng/ mit beteurung/ sich an diesem **Räuber** zu rächen. So bald er die Junke ins Gesicht bekam/ befahl er dem andern Schiff [...]» - versão alemã, fólho 78

Relativamente, ainda, à tradução de Maldonado, verifica-se, nesta passagem, a opção de reforçar que o «Capitan» desembarcou juntamente com os cinco soldados e os dois chineses, por um lado, e a alteração da expressão «ley de bom homem» pela sua equivalente «ley de Cauallero», por outro. O tradutor espanhol caracteriza-se, com efeito, por recorrer a expansões frásicas ou textuais, conforme se pode constatar, mais uma vez, através da análise da seguinte passagem: «E chegando à vista do junco, mandou que a lorcha se passasse [...]» (versão portuguesa); «[...] en estas digressiones,

llegamos a dar vista al junco, que se buscaua, y Antonio de Faria mado, que la lorcha en que yua Borrallo, se passasse a la outra vanda [...]» (versão espanhola).

Figuier procede a uma tradução mais próxima do original, com alguns traços característicos do seu estilo. Em primeiro lugar, refira-se a utilização do pronome pessoal «il» para realçar, à semelhança da versão espanhola em que se usou «Capitan», que também António de Faria havia desembarcado. Em segundo lugar, note-se que se dá a compressão da expressão: «[...] à ley de bom homem juraua que o não dezia pelos seus doze mil cruzados, que já lhe não lembrauão, se não só pelos quatorze Portugueses q o perro lhe tinha mortos mortos. E chegando à vista do junco, mandou que a lorcha se passasse [...]» (versão portuguesa); «[...] pour se vanger de ce barbare qui luy auoit faict vn si grand tort. S'approchant à la veuë du Junco il commâda à la Lorche de passer de l'autre costé [...]» (versão francesa). Destaque-se que o tradutor francês não ignorou, contudo, a situação, condenando, também ele, aquele pirata, o que se torna perceptível na utilização do adjetivo «barbare» ao se referir à vingança pela morte daqueles portugueses.

No texto inglês, é visível uma maior proximidade com a mensagem original, na manutenção do número total de soldados, ao contrário do que se verifica na versão alemã, na qual só se referem os cinco soldados que desembarcaram, evidenciando, paralelamente, uma preocupação com a economia diegética: «[...] quatorze soldados q hião na lorcha, desembarcarão os cinco em terra [...]» (versão portuguesa); «[...] los catorze soldatos q yuan en la lorcha, tomarõ tierra el Capitan y cinco [...]» (versão espanhola); «[...] 14. Soldats qui estoient dans la Lorche, il y en eut cinq [...]» (versão francesa); «[...] five of the fourteen Soldiers [...]» (versão inglesa); «Fünf Soldaten [...]» (versão alemã). Analisando comparativamente estes trechos, é, igualmente, visível uma relação mais estreita entre a versão francesa e a inglesa do que com a edição alemã, como se pode verificar a seguir: «[...] **barbare qui luy auoit faict vn si grand tort.** S'approchant à la veuë du Junco il commâda à la Lorche de passer de l'autre costé...» (versão francesa); «[...] such a **Rogue as had done him so much wrong.** Approaching within fight of the Junk, he commanded the Lorch to pass [...]» (versão inglesa); «[...] **Räuber** zu rächen. So bald er die Junke ins Gesicht bekam/ befahl er dem andern Schiff [...]» (versão alemã).

Os tradutores procuraram realçar os atos nefastos de António de Faria, a personagem principal deste momento narrativo, condenando esse lado da expansão portuguesa, o qual se praticava à luz de um falso cristianismo. O tradutor espanhol

recorre ao processo tradutológico da expansão novamente e, ao compararmos com a expansão francesa, confirma-se a relação entre os dois textos. O mesmo se poderá dizer, de novo, quanto à proximidade entre as versões francesa, inglesa e alemã.

Essa ideia é reforçada numa passagem em que a crítica é colocada na boca do Outro, neste caso de um «Mouro» (versão portuguesa), «viejo» (versão espanhola), «Vieillard Mahometan» (versão francesa), «old *Mahometan*» (versão inglesa) e «alte Mann» (versão alemã), pois o comentário daquele homem revela uma experiência, uma vasta sabedoria e uma consciência íntegra, qualidades de que aqueles portugueses pareciam totalmente desprovidos:

«A que o **Mouro** respondeo, aceito senhor essa promessa sobre tua palavra, **inda que este officio em que agora andas, não he muyto conforme â ley Christam q̄ no bautismo professaste, de que Antonio de Faria ficou tão atalhado q̄ não soube q̄ lhe respondesse**, & mandandoo chegar para junto de sy o inquirio com brandura & afabilidade, & sem nenhum ameaço.» - versão portuguesa, fólho 44

«Aceto señor, dixo el **viejo**, essa promessa que me hazes, **y estimo grandemente la merced q̄ de la vida de esse muchacho me concedes, q̄ de la mia, como inútil, no hago mucho caso**, y me quiero fiar de tu pa abra, si bien el officio en que te empleas, por no ser conforme a la ley Christiana q̄ en el bautismo professaste [...]» - versão espanhola, fólho 69

«A quoy le **Vieillard Mahometan** respondit, j'accepte la promesse que tu me fais, & **estime grandemente ta courtoisie, en ce que tu donnes la vie à ce petit garçon, car de la mienne comme inutile, je n'en fais plus de compte, & me veux fier à ta parole**, encore que l'office que tu exerces me doive distraire de ce faire pour n'estre conforme à la loy Chrestienne que tu as professée par le Baptesme [...]» - versão francesa, fólho 185

«Whereunto the **old Mahometan** answered, *I accept of the promise which thou makest me, and I very much thank thee for sparing the life of this child, for as for mine, as a thing unprofitable, I make no reckoning of it, and I will rely on thy Word, although the course thou holdest may well divert me from it, in regard it is no way to the Christian Law, which thou hast profest in thy Baptism*: An answer, that rendred *Antonio de Faria* so confounded and amazed, as he knew not what to reply; Howbeit he caused him to come nearer to him, and questioned him gently without any further threatening.» - versão inglesa, fólho 50

«Der **alte Mann** gab zur Antwort: **Ich nehme diesen kleinen Jungen beym leben erhaltet. Was meines betrifft/ achte ich solches nicht/ weil es ohne das untüchtig ist. Ich will euren Worten trauen/ wiewohl mich euer Beginnen Fönte davon abschrecken/ und fast eines andern überzeugen/ weil es wider die Christliche Regeln streitet/ welche ihr in der Tauffe habt angenommen. Diese Antwort gieng dem Antonio de Faria so zu gemüht/ dass er keinen Bescheid geben kunte.**» - versão alemã, fólhos 78-79

Na tradução espanhola, do mesmo modo que nas restantes traduções, o «Mouro» é caracterizado como «anciano» e «viejo», adjetivos que reforçam a sua larga

experiência e sabedoria. Este aspeto volta a associar a versão espanhola à francesa. Com efeito, Figuiet utiliza a expressão «Vieillard Mahometan», no mesmo contexto, enfatizando a crítica indireta, colocada na boca do Outro e dirigida a um português cristão e católico. Esta estratégia comum promove a reflexão por parte do leitor.

Nas edições inglesa e alemã, a fidelidade é também aqui assinalável, bem como a proximidade de ambas com a tradução francesa, atendendo à adoção da expressão francesa traduzida para as línguas inglesa e alemã: «**Vieillard** Mahometan» (versão francesa); «**old Mahometan**» (versão inglesa); «**alte Mann**» (versão alemã).

O capítulo 14 da versão alemã contém, no início, o capítulo XLII da obra portuguesa. Nele detetam-se, igualmente, algumas mutações a assinalar. Essas mudanças prendem-se com supressões de datas («1538» - versão portuguesa, fól. 44; «Als ich auf eine Zeit mit meinem Schiff im Hafen Juda [...]» - versão alemã, fól. 79) e expansões de adjetivos pejorativos, quando se trata de Coja Acém, que, na ótica do tradutor, enriqueceriam o texto ou o tornariam mais adequado ao seu público-leitor. No que diz respeito a outras transformações, note-se o uso da primeira pessoa do singular em vez da terceira («[...] lhe tomaram sua mulher [...]» - versão portuguesa, fól. 44; «[...] meine Frau [...]» - versão alemã, fól. 79).

Quanto ao capítulo XLIII do texto original, destacamos a seguir as modificações mais proeminentes que se deram nas traduções em estudo:

«[...] monte Sinay, **onde estaua o corpo da bemaumenturada Santa Caterina**, a isto replicou Antonio de Faria [...]» - versão portuguesa, fól. 44

«[...] natural del Mõte Sinay, **adõde estaua el cuerpo de la bienaumenturada sata Catalina de Alexãdria**, (trasladado desde el lugar de su martirio por las manos sagradas de los Angeles) [...]» - versão espanhola, fól. 69

«[...] natif du mont Sinay, **où estoit le corps de la bien heureuse saint Catherine**. Antonio de Faria luy respondit là-dessus [...]» - versão francesa, fól. 185

«[...] Mount *Sinai*. *Antonio de Faria* thereupon replied [...]» - versão inglesa, fól. 51

«[...] beyrn Berg Sina geboren. Bistu ein Christ/ warüm/ fragte Antonius [...]» - versão alemã, fól. 79

Maldonado revela-se, neste momento, tal como em muitos outros, preocupado com o seu leitor, adicionando informações entre parênteses, que contribuirão para uma melhor compreensão da mensagem da obra. Figuiet, pelo contrário, revela-se mais

próximo do texto original português, limitando-se a efetuar as necessárias mudanças interlinguais.

No capítulo XV da versão inglesa, que abrange os capítulos XLII e XLIII da versão original portuguesa, verificamos a supressão da referência a Santa Catarina, como se pode constatar no extrato acima transcrito. O mesmo acontece na edição alemã, provavelmente, por não se considerar relevante para os seus leitores.

Relativamente às atitudes dos Turcos, todos os tradutores parecem ser unânimes, conclusão que podemos tirar a partir da análise comparativa dos trechos a seguir apresentados, em que a fidelidade é evidente em todos os textos:

«[...] os Turcos, alem de lhe mentirem em tudo como sempre costumão, lhe tomarão sua **molher**, & hũa **filha** pequena que trazia comsigo, & perante ele as deshonraraõ publicamente, & porq̃ hum filho seu, chorando se lhes queixou deste grande mal, lho lançaraõ viuo ao mar, atado de pees & de mãos, & lhe tomarão sua fazenda, que eraõ mais de seis mil cruzados [...]» - versão portuguesa, fólho 44

«[...] Turcos son siempre mentirosos, y nunca cumplen palabra, guardã fe, ni estiman promessa, no solamente nome pagaron lo que **me** prometieron, sino antes me tomaron **mi muger**, y vna **hija** pequeña que traia **connigo**, y delante de mis ojos, a cielo abierto las forçaron. Impaciente vn **hijo mio**, mas hombre que esse rapaz, cõ su desonra, y com **mi** a grauió, quiso estoruarlo, ya com valentias, ya com lagrimas (que vna afrõta anima y desfallece mas atado de pies y manos de aquellos **barbaros**, sue lançado a la mar viuo (**felicidad notable, pues murio por animarse a defender su honra**) [...]» - versão espanhola, fólho 70

«[...] les Turcs, outre ce luy auoir menty en tout & par tout, comme ils ont accoustumé de faire, luy prirent sa **femme**, & vne petite **fille**, qu'ils forcerent deuant luy, & qu'à cause qu'vn sien fils se plaignoit de cette injure en pleurant, ils le jetterent tout vif dans la mer, pieds & mains liez; qu'au reste pour son particulier il auoit esté par eux mis aux fers [...]» - versão francesa, fólho 186

«And that at the end of the Voyage going to demand the freight which they had promised him, the Turks, that were ever cruel and faithless, took his **wife**, and a young **daughter** he had, and forced them before his face, and because his **son** wept at the sight of this injury they threw him bound hand and foot into the Sea; as for himself, they layd him in Irons, and continually scourging him they stript him of all his goods, to the value of six thousand duckets and better [...]» - versão inglesa, fólho 51

«[...] sondern auch meines **Ehegattens**/ und einer jungen **Tochter** beraubt wurde/ die sie für meinen Augen schändeten/ ja einen meiner **Söhne**/ der über solche Eeswalt seufzete/ wurffen sie/ an Händen und Füßen gebunden/ lebendig ins Meer: Mich aber tähte man an Ketten schließen und täglich sehr geißelen. Und weil/ nach der Türken fürgeben/ niemand Gottes Güter besirzen mag/ als nur die Heiligen und Gerechten Muselmänner/ geschabe es/ daß sie mich unter solchen Vorwand aller Mittel (sechs tausend Ducaten wehrt/ [...]» - versão alemã, fólho 79

É de assinalar, nesta passagem do capítulo XLIII da obra portuguesa, a mudança de ponto de vista na tradução espanhola, em que, em vez do discurso indireto, encontramos o discurso direto intercalado por comentários do tradutor, entre parênteses, auxiliando o seu leitor na leitura e interpretação. Nesta tradução, encontramos também o recurso à expansão frásica, mediante a utilização do vocábulo «barbaros», o que enfatiza a crítica relativamente aos turcos. Maldonado fornece detalhes e promove a reflexão, levando o leitor a vivenciar mais intensamente aquele momento diegético.

Em relação às restantes traduções, temos apenas a referir que os tradutores recorreram a procedimentos interlinguais de forma a respeitar a mensagem e a assegurar que a mesma chegava aos seus leitores-alvo.

Ainda no capítulo XLIII do texto original, destacamos uma outra descrição em que o narrador se refere às riquezas encontradas num junco de Quiai Taijão, as quais haviam sido roubadas a portugueses, juntamente com crianças entre os seis e os oito anos de idade algemadas e muito mal tratadas:

«[...] o bar, **& sessenta de sandalos**, & quarênta de nõz [...] na nao de **Christouão** Sardinha, & no jũco de **Ioão de Oliveyra**, & no nauio de **Bertolameu** de Matos. E acharaõse mais tres arcas encouradas [...] cinquenta & oito espingardas, & sessenta & duas corjas de roupa de Bengala, o qual mouel todo fora de Portugueses, & dezoito quintais de poluora, **& noue crianças de seis até oito annos, todos com bragas nas pernas, & algemas nas mãos, & tais q̃ era lastima velos da maneyra q̃ estauão, porque não trazião mais que as pelles somente pegadas nos ossos.**» - versão portuguesa, fólho 45

«[...] quintales de Maça, sesenta de sandal, quarenta de nuez moscada buena [...] eran de la naue del **Capitan** Sardiña, del junco de **Juan** de Oliuera, y del nauio de **Bartolome** de Matos. Hallaronse mas en aquel tres arcas grandes encoradas [...] cinquenta y ocho arcabuzes, e sessenta y dos fardos de Vengala, todo mueble de los Portugueses que auia robado. **Hallamos en el jũco nueue criaturas niños y niñas de seis a ocho años de edad, todos cõ gruesas cadenas y prisiones echados a pies y cuellos, esporas en las manos, que era lastima mirarlos, porq̃ demas de ser tanto hierro y tanta guarda, en todo incompatibles a sus años, estauan los tristes tã flacos y consumidos, q̃ por encima del pellejo, se les podian contar los mas me nudos guessequelos, que no se a q̃ cruel no dieran lastima.**» - versão espanhola, fólho 71

«[...] bar, soixante de sendal, quarante de noix muscades, [...] dans le Nauire de **Chistofle** Sardinha, & dans le Junco de **Jouan** Oliueyra, & encore dans le Nauire de **Barthelemy** de Matos. L'on treuua aussi trois coffres couuerts de cuir [...] cinquãte huict harquebuzes, mille deux cens vingt-deux pieces de toile de Bengale, lequell mueble auoit esté aux Portugais, dix-huict quintaux de poudre, **& neuf petits enfans, aagez de six jusques à huict ans, tous enchaisnez par les pieds & par les mains, tellement qu'ils faisoient pitié à les voir, pour ce qu'ils estoient si foibles, qu'à traues les peau l'on pouuoit facilement conter jusque au plus petit de leurs os.**» - versão francesa, fólhos 188-189

«[...] Bar, **forty** of Nutmegs [...] **Ships of Sardinha, Oliveira, and Bartolemeu de Matos** [...] twelve hundred twenty and two pieces of *Bengala Cloth*, all which were *Portugals* goods, eighteen quintals of Powder, and **nine Children about seven or eight years of age, chained together by the hands and the feet, most lamentable to behold, for that they were so weak and lean, that one might easily through their skins have counted all the bones in their bodies.**» - versão inglesa, fólio 51

«[...] Ducaten wehrt/ ungerechnet viel andere Dinge/ **so dieser Räuber** aus den Schiffen **Christoff Sardinha, Jovan Oliveyra und Bartholomey** de Matos entwendet hatte: **Auch funden wir neun kleine Kinder/ die/ sechs bis acht Jahr alt/ alle an Händen und Füßen gefässelt/ so schmach und abgezehrt Leibes waren/ dass man all ihre Gebeine durch die Haut sehen kunte/ und be nuns grosses mitleiden erwekkete.**» - versão alemã, fólio 80

Neste paralelo, mais precisamente, no trecho da tradução de Maldonado, verifica-se o recurso a uma expansão frásica em que se apresentam mais pormenores acerca do mau estado físico daquelas crianças, condenando aqueles atos cruéis. Nesse ponto, as restantes edições procuram também enfatizar a situação, revelando-se mais fiéis/literais comparativamente ao original português. Em termos de nomes referenciados, note-se que todos traduzem os nomes próprios das personagens; no caso da versão espanhola, regista-se uma substituição do primeiro nome de uma personagem pelo cargo por si desempenhado, «Capitan». Na edição inglesa, omitem-se alguns primeiros nomes. Nesta tradução, verificam-se igualmente alterações ao nível dos dados numéricos, em que «seis» (versão portuguesa) passa a «seven» (versão inglesa), por exemplo, o que nos leva a concluir que o tradutor terá considerado este número mais adequado, atendendo ao facto de se tratar de um intervalo de idades. Juntamente com os procedimentos no tocante à identificação das personagens, pensamos, contudo, que estas questões ou informações não eram as que mais interessavam a este tradutor, mas antes as aventuras e as descrições, através das quais procurou sempre ir ao encontro do gosto do seu público-alvo.

Quanto ao texto alemão, para além das questões já habituais, há uma enfatização da crítica à prática de roubo e, provavelmente, à forma de tratamento das crianças através da utilização do termo «Räuber»; para além disso, o tradutor recorre à compressão e a adaptações, ao nível da linguagem, modificando-lhe a expressividade, aspetos que têm naturalmente a ver com a adequação da narrativa traduzida ao perfil do seu destinatário.

De seguida, apresentamos uma passagem em que se dá o célebre rapto de uma noiva, situação algo cómica, em que António de Faria procura tirar partido do facto de

se tratar da filha de Anchaci de Colem, um género de corregedor, cujo noivo era muito rico:

«Esta noiua, **segundo depois se soube**, era filha do Anchacy de Colem, **que he como Corregedor entre nós**, & era esposada com hum mancebo filho do Chifuu Capitão de Panduree, o qual dizem que lhe tinha escrito q̄ aly naquele lugar a viria esperar com tres juncos ou quatro de seu pay que era muyto rico, & por isso se enganarã cõ nosco, & ao outro dia à tarde depois q̄ nos partimos deste lugar, a q̄ se pos o nome o da noiua, chegou o noiuo em busca della com cinco vellas muyto embandeyradas, o qual passando por nõs, nos saluou com **muytos tangeres, & mostras de alegria**, não sabendo parte do seu mal, nem que lhe leuauamos com nosco a molher [...]» - versão portuguesa, fólho 50

«Esta nobia, **segun ella despues contaua amargamente**, era hija del Anchacy de Colem, **que era lo que Governador**, o Corregidor entre nosotros, y estaua desposada con vn mancebo, hijo de Chifuu, Capitan de Panduree, el qual la tenia escrito, que la vendria a esperar, a aquel parage con tres o quarto juncos de su padre, que era muy rico (**cuyo numero de embarcaciones**) que era el que nosotros lleuauamos, la engañò para acercarse a nosotros, pensando halar a su esposo. Al otro dia por la tarde partimos de aquel lugar, que desde entonces se llamò de la Nobia, por el infeliz sucesso desta, y poco mas adelante topamos el nobio, que passaua a esperar a su esposa, com cinco vizarras velas, todas muy embanderadas, **y llenas de diversas flamulas, y gallardetes, y muchos toldos de sedas de colores**, y al passar junto a nosotros nos hijo la salua com **muchas musicas, cantos e alegrias**, ignorante de que lleuauamos cautiuia la prenda querida que buscava [...]» - versão espanhola, fólho 80

«Cette espouse, **comme nous l'aprimés depuis**, estoit fille du Anchary de Colem (**qui signifie Gouverneur**) & mariée auec vn jeune garçon, fils du Chifuu, Capitaine de Pandurée, qui luy auoit escrit qu'ils s'en iroit l'attendre en ce lieu auec trois ou quatre Iuncos de son pere qui estoit fort riche, mais nous le trompames bien. Le lendemain apres midy estants partis de cét endroit là, que nous nommames *le lieu de l'Espousée*, arriua le nouveau marié, cherchant sa femme auec cinq voiles **remplies de flammes & banderoles**. Comme il passa pres de nous, il nous salüa auecque **force musique & demonstration d'allegresse**, ne sçachant pas son malheur, ny que nous emmenions sa femme.» - versão francesa, fólhos 209-210

«This Bride, **as since we learned**, was daughter to the Anchary of Colem (**which signifies Governor**) and betrothed to a youth, the son of the Chifuu, Captain of Pandurea, who had written unto her that he would attend her in this place with three or four Junks of his fathers, who was very rich, but alas! We shamefully cozened him. After dinner, being departed from thence, the Bridegroom arrived, seeking for his Bride with five sail **full of Flags, Streamers, and Banners**; Passing by us, he saluted us with great **store of musick, and shews of gladness**, ignorant of his misfortune, and that we carried away his wife.» - versão inglesa, fólho 57

«Diese Braut war/ **wie wir hernach höreten**/ des Anchary de Colem (das ist Berwalters) Tochter/ und verlobet einem Jüngling/ des Chifu Hauptmanns zu Pandurea; Sohn/ so an sie geschrieben/ sie solte seiner allhier mit vier Junken erwarten. Nachmahls/ als wir fortgewandert/ kam der Bräutigam mit **fünf Schiffen**/ seine Braut heim zu holen. Welcher im vorben segeln uns grüßete **mit vielem Gesang und Seitenspiel**; denn er woßte von seinem Unglück nicht.» - versão alemã, fólho 89

Destacamos, na tradução de Maldonado, a transformação inesperada, apesar de não deturpar a mensagem original, da expressão «segundo depois se soube» para «segun ella despues contaua amargamente», mudança que nos dá conta da reação da noiva àquele rapto. Trata-se, com efeito, de uma alteração proveniente da interpretação (tradução interlinear) que o tradutor em causa efetuou. O contacto entre a versão francesa e o original português volta a confirmar-se também aqui, visível logo na tradução da expressão «segundo depois se soube» para «comme nous l’aprimmes depuis». Relativamente às traduções francesa, inglesa e alemã, mais uma vez se percebe claramente a relação entre elas em diversos pontos. Refira-se, por exemplo, a utilização dos parênteses nestas edições a substituir as vírgulas, talvez porque Figuiier considerou tratar-se de uma informação de pouco relevo no seu contexto de chegada. Como se pode perceber nas linhas acima, a versão alemã procede a uma compressão da passagem, talvez por não considerar relevante o comentário do narrador acerca da ignorância daquele noivo, tratando-se, provavelmente, de um aparte que seria de pouco interesse para o seu leitor. Tanto esta versão como a inglesa se mantêm consideravelmente fiéis também nesta passagem da diegese.

No episódio «A Ilha dos Ladrões», no capítulo LIII da obra original, as diferenças no resumo que antecede o capítulo, no texto castelhano, são evidentes, o que mostra uma intenção de acrescentar pormenores para auxiliar o seu leitor no processo de leitura e processamento de dados, relatando um dos muitos naufrágios de que António de Faria foi vítima, através da referência à «gran tormenta». Começa, assim, a preparar-se o culminar do momento narrativo referente a esta personagem que de herói passara a vilão, sofrendo, posteriormente, como castigo, um outro naufrágio e dando-se o seu subsequente desaparecimento:

CAP. LIII: «Como nos perdemos na ilha dos Ladroës.» - versão portuguesa, fólío 56

CAP. LIII: «**Padece una gran tormenta** Antonio de Faria, en la ensenada de los ladrones, de adonde escapa sin hazienda.» - versão espanhola, fólío 90

CHAP. LIII: Comme nous perdimes dans l’Isle des Larrons.» - versão francesa, fólío 234

CHAP. XVIII: «**What Antonio de Faria did with the Captain of the Pyrats Junk; that which past between him and the people of the Country;** with our casting away upon the Island of Theeves.» - versão inglesa, fólío 61

Cap. 17: «Antonius de Faria erlanget große Macht auf der Landseiten von China, und wird hochgechrt. Leidet mit seinigen Schiffbruch/ und wird an die Insel der Diebe

geworfen/ woselbst sie viel Biderwertigkeit ausstehen/ wunderlich gespeist werden/ und sonderbarer Weise von dannen kommen. Eines Jungen Gespräch mit Antonio. Der Fischer Bericht von des Landes Gelegenheit. Antonius überfällt eine Chinesische Junke/ und landet an der Insel Luxitay an.» - versão alemã, fólio 95

Relativamente ao texto de chegada francês, e atendendo à proximidade com o texto original acima evidente, atrevemo-nos, novamente, a afirmar que Figuiier recorreu, sobretudo, à obra portuguesa para levar a cabo a sua tarefa de tradutor, ainda que o contacto com a tradução espanhola seja também, em diversos momentos, perceptível.

Quanto a outras diferenças encontradas nos resumos dos capítulos, vejamos os resumos inglês e alemão. No primeiro caso, consideramos que Cogan terá procurado ir ao encontro do gosto do seu público-leitor, comprimindo passagens e/ou suprimindo pormenores por si considerados menos relevantes. Quanto ao texto alemão, voltamos a verificar que os seus tradutores procedem a uma organização em capítulos muito própria e distinta, acreditando nós, voltamos a lembrar, que esta versão teve como edição intermediária a tradução neerlandesa, a qual apresenta também ela uma organização diferente da francesa.

Nos capítulos LIII e LIV, são demoradas as descrições das consequências daquele naufrágio, especialmente no texto de Maldonado, como se pode ver a seguir:

CAP. LIII: «[...] onde morreraõ **quinhêtas & oitenta & seis** pessoas, **em que entraraõ vinte & oito Portugueses, & os mais que nos saluamos pela misericórdia de nosso Senhor (que ao todo formos cinquenta & tres, de que os vinte & dous foraõ Portugueses, & os mais, escrauos & marinheyros)** [...]»; CAP. LIV: «[...] tão a falta de mâtimento, quanto sernos esse ú comíamos muyto prejudicial, por ser todo podre & bolorêto, & alê de feder incõportauelmente, amargaua de maneyra ú **não auia quẽ o pudesse meter na boca. Mas como Deos nosso Senhor de sua propria natureza he bẽ infinito**, não ha hy parte tão remota, nẽ tão deserta onde se lhe possaõ escõder as miserias dos pecadores [...]» - versão portuguesa, fólio 57

CAP. LIII: «[...] con muerte de quinientas y ochenta y seys personas, en que entrarõ veynte y ocho Portugueses. **Quien fiaen las prosperidades humanas? Quien en sus felicidades, y vêturas.** Los demas que nos saluamos, que por todos fuymos cinquenta y tres. Los **veinte dos** Portugueses, y los demas esclavos, y marineros...»; CAP. LIV: «[...] **era tanta la hãbre ú padeciamos**, que muchos de los cõpañeros de flaqa y de desmayo se cayan muertos [...]. **Miserable condicion humana, sugeta a tales discursos**, que se desse por bien lo que se tiene por mayor mal, passion del animo grande, quando lo que mas se aborrece se dessea, y se busca lo que mas se huye, no tiene mas firmeza la flaqueça humana, quien fia en tal desuentura? **En Dios si, ú como de su propia naturaleza es sumo bien infinito**, ansi como no ya parte tan desierta, ni region tan remota; donde se puedan ocultar, solapar, ni encubrir las miserias del os pecadores; **asi también, no ay ninguna, ni tiempo alguno, en que no los ayude, y socorra com los efetos de su divina misericordia, comunicados por caminos tã solo sabidos de su grande sabiduria, y tan agenos de nuestra corta capacidade humana, que si los quisiéremos escudriñar, com nuestra insuficiẽcia (que lo será**

harto grande) veremos claramente, que son mas obras milagrosamente de su soberana omnipotência, que no ordinárias disposiciones de naturaleza y constelaciones de signos, con las quales nuestro corto juicio muchas vezes se engaña.» - versão espanhola, fólhos 91-3

CHAP. LIII: «[...] qu'il y mourut **cinq cens quatre-vingts six** hommes, parmy lesquels il y auoit **huict** Portugais, & Dieu permist que le surplus des gens qui estoient en tout cinquante trois, furent sauuez, dont il y en auoit **vingt-trois de Portugais**, & le surplus esclaves & mariniers.»; CHAP. LIV: «[...] ne pouenoir pas tant d'un défaut de viures, que de ce que les choses que nous mangions nous estoient prejudiciables, à cause qu'elles estoient toutes pourries; joint qu'elles estoient si puâtes & si ameres, **que personne n'en pouuoit souffrir le goust dans la bouche. Mais comme nostre Dieu est vn bien infiny, il n'y a lieu si escarté, ny si desert où se puisse cacher la misere des pecheurs** [...]» - versão francesa, fólhos 235-238

CHAP. XVIII: «[...] so that **four hundred and fourscore** men were drowned, amongst which were **eight Portugals**, and it pleased God that the reminder, being fifty three persons, were saved, whereof **three and twenty** were *Portugals*, the rest slaves and Mariners.»; CHAP. XIX: «[...] enduring such cruel cold and hunger, that so many of us talking one to another fell down suddenly dead with very weakness, which proceeded not so much from want of victuals, as from the eating of such things as were hurtful to us, by reason they were all rotten, and flunk so vilely, **that no man could endure the taste of them in his mouth; But our God is an infinite good, there is no place so remote, or desert, where the misery of sinners can be hid from the assistance of his infinite mercy** [...]» - versão inglesa, fólhos 64-65

Cap. 17: «[...] **drey unffunfzig** ans Land kamen/ hingegen die andern **fünffhundert uns sechs und actzig ertrüncken**. Welche diesem Unglück entwichen/ verfügten sich alle nakker und verwundet in eine Höle/ und blieben über Nacht daselbst. // [...] viel Hunger und Kummer/ daß viel der unsern/ ost unter der Redewechschung/ tod zur Erden fielen/ nicht so sehr wegen Mangel/ als Schädligkeit/ Stank und Herbe der ganz verfaulten Speisen/ **deren Geschmakk im Munde nicht zuerleiden. Unter solchem zweiffelmht und entweichen aller Hofnung des Lebens**/ flohe unversehens von hinten aus der Insel/ nach der Sudseiten/ ein Bogel/ Weihe genant/ über uns hin/ dem unvermuhet sein Kaub/ nemlich ein Fisch eines Fußes lang [...]» - versão alemã, fólhos 98-99

Nesta passagem, verificamos que o tradutor espanhol recorre a uma expansão assinalável, talvez procurando justificar, de forma mais evidente, as atitudes daqueles marinheiros portugueses. Note-se, igualmente, a utilização adicional de questões que dirige ao leitor, promovendo a reflexão. Verificam-se em todas as traduções alterações nos dados apresentados na versão portuguesa, por exemplo, «vinte & dous» (versão portuguesa) é traduzido para «veinte dos», na versão espanhola, para «vingt-trois», na tradução francesa, «three and twenty», na edição inglesa, o que realça a interdependência destes dois últimos textos, e esse número é suprimido do texto alemão. Dá-se o desaparecimento de orações parentéticas e, especialmente no caso alemão, uma compressão deveras assinalável, a qual poderá estar relacionada com questões religiosas e com o contexto de chegada alemão.

No capítulo LIV, após terem experienciado uma pavorosa tempestade junto da Ilha dos Ladrões, António de Faria e os seus companheiros tomam uma embarcação chinesa, num momento em que os chineses estavam distraídos. Nos textos inglês e alemão, as mutações registadas ao nível factual e a adaptação da moeda são frequentes.

Mais adiante, no capítulo LXIV, no episódio «O Saque de Nouday», António de Faria revela as suas capacidades de capitão e de corsário, as quais são transmitidas pelo narrador homodiegético, dando-nos a sensação de estarmos perante,

«[...] uma personagem de comportamento oscilante entre o reprovável e o heróico desmedido, pelo que pode, por um lado, fazer jus ao movimento de autocritica que percorre constantemente, e agudamente, a *Peregrinação*, mas, por outro lado, representa a consagração das causas que o texto ideologicamente assume, ultrapassando-as numa espécie de demanda iluminada e de apoteose a um valor inequívoco demonstrado pelas festividades de Liampó.»²⁶⁸

Neste episódio, verificamos que Herrera Maldonado, logo no resumo, procede a modificações, dado que o termo «negocio» (versão portuguesa, fól. 70) é substituído por «liberdad» dos cativos (versão espanhola, fól. 115), clarificando, deste modo, o assunto da carta de António de Faria, a saber: a negociação da libertação dos presos. O tradutor adiciona, no início deste capítulo, «la resolucion que dixie en el capitulo passado» (versão espanhola, fól. 115), e verifica-se, paralelamente, a simples expansão relativa a António de Faria, sempre revelando uma preocupação com a compreensão do enredo. Relativamente ao Mandarin, encontramos, da mesma forma, uma expansão explicativa, visivelmente direcionada ao seu público-leitor, que não compreenderia certamente a função daquele: «Ansi llaman los Governades, ò Capitanes de la ciudad de Nouday.» (versão espanhola, fól. 115). Esta constante atitude da parte do tradutor espanhol repete-se na página seguinte, agora utilizando os parênteses para acrescentar um pormenor por si considerado premente e clarificador: «[...] (dezia el despacho) [...]» (versão espanhola, fól. 116). De seguida, encontramos a Carta do Mandarin, dirigida a António de Faria, devidamente destacada e com a seguinte nota à margem: «*Graciosa carta del Mandarin de Nouday para Antonio de Faria.*» (versão espanhola, fól. 116). O adjetivo «Graciosa» remete para a natureza da linguagem particularmente rebuscada (barroca) posta na boca do Outro.

²⁶⁸ Seixo, Maria Alzira, «Rotas Semânticas e Narrativas da *Peregrinação*», in Seixo, Maria Alzira e Christine Zurbach (org.), *O Discurso Literário da 'Peregrinação'*, Ed. Cosmos, Lisboa, 1999, p. 200.

O tradutor francês, no mesmo capítulo, ou seja, o capítulo LXIV, acrescenta, igualmente, ainda no resumo, certas especificações, dado que o termo «negocio» (versão portuguesa, fól. 70) é substituído por «sujet de ses prisonniers» (versão francesa, fól. 287), clarificando, deste modo, o assunto da carta de António de Faria, o que permite comprovar, de novo, o contacto entre esta versão e a espanhola.

Quanto à manutenção de pormenores e de factos, vejam-se as mudanças operadas por cada tradutor e visíveis a seguir:

«Acabando o interprete (**que lá se chama tansuu**) de lér a carta & declarar o que ella dizia, todos os que a ouiraõ ficaraõ assaz corridos, & Antonio de Faria mais corrido & afrontado que todos: & estiueraõ hũ grãde espaço algum tanto confusos, porque de todo perderão as esperanças de resgatarem os catiuos. E praticãdo no desconcerto das palauras da carta, & no mao infino do Mandarim, se determinou por fim de tudo que saissem em terra, & cometessem a cidade, porque nosso Senhor os ajudaria, conforme à boa tenção porq̃ o fazião, & para efeito disto se ordenaraõ logo embarcações em que saíssem em terra, que foraõ **quatro barcaças de pescadores que aquella noite se tomaraõ**. E fazendo-se alardo da gente que podia auer para este feito, se acharaõ **trezentos homens, de que os setenta eraõ Portugueses**, & os mais escrauos & marinheyros, com a gente de Quiay Panjão, dos quais os cento & setenta eraõ arcabuzeyros, & os mais com lanças, & chuças, & bombas de fogo,& outras muytas maneyras de armas necessarias para o effeito deste negocio.» - versão portuguesa, fólio 71

«En acabando el interprete (**que allá se llama Tansuus**) de leer la carta, empearõ a alterarse los soldados, y a correr se Antonio de Faria, y todos por vn rato quedarõ cõfusos: porq̃ del todo perdieron las esperanças de librar por paz los presos: hablaron de la poca cortesia del Gouvernador, y Capitã, que todo es vno de lo mal q̃ entendio las palabras de Antonio de Faria, y de lo mucho q̃ nos auian ofendido las descompuestas suyas: y al fin de todo salio determinado, que se faltasse en tierra, y se acometiesse la ciudad, esperãdo del cielo ayuda, conforme a la intencion con que se hazia, y de gran razon cõ que se intêtaua. Con esta resolution se pusieron a punto **quarto vareas (que la noche antes se auian tomado a vnos Pescadores) para q̃ cõ comodidade faltasse la gête en tierra**. Hizose alarde delos q̃ podiamos valer para aquel hecho, y hallamonos **trecentos hombres, los sessenta Portugueses**, y los demas esclavos, y marineros, sin la gente de Quiay Pãjan, en que auia ciento, y setêa arcabuzeros, lâças, chuças, y bõbas de fuego, y otras armas necessãrias para lo que se auia determinado.» - versão espanhola, fólio 117

«Si tost que l'interprete, **qu'ils appellent Tausud**, eut acheué de lire la lettre, & qu'il eut expliqué ce qu'elle disoit, tous ceux qui l'ouyrent furent grandemêt hóteux; entre lesquels il n'y ene ut point à qui cet affrõt fust plus sensible qu'à Antonio de Faria, qui demeura confus vn assez long-temps, se [voyant] priué tout à faict de l'esperance de racheter ses prisonniers; de maniere qu'apres qu'ils eurent tous bien examine ces insolentes paroles contenuës dans la lettre du Mandarin, & sa grãde discourtoisie, ils conclurent en fin qu'il falloit mettre pied à terre & attaquer la ville, sur l'esperance que Dieu les assisteroit, puisque leurs intentiõs estoiêt bonnes. Pour cet effect ils ordonnerent incontinent des vaisseaux pour gaigner la terre, qui furent **quatre grandes barques de pescheurs qu'ils auoient prises la nuit passée**. Sur quoy faisant le denombrement des gens qu'il y pouuoit auoir pour cette enterprise, il y en fut treuüé **trois cent, dont il y en auoit quarante Portugais de nation**. Pour les autres ils estoient

esclaues & mariniers, sans comprendre les homes de Quiay Panjan, dont il y auoit cent soixante harquebusiers, & les autres estoient armés de pieux & de lances, & auoiét avec cela des bombes à feu, & autres telles choses necessaries pour l'effect de leur enterprise.» - versão francesa, fólhos 290-291

«So soon as the Interpreter had read the Letter, and expounded the contents thereof, all that heard it were much vexed therewith, but no man was so sensible of it as Antonio de Faria, who was exceedingly grieved to see himself thus wholly deprived of all hope of recovering his Prisoners, wherefore after they had well considered the insolent words of the *Mandarins* Letter, and his Great discourtesie, they in the end concluded to go ashoar, and attaque the Town, in hope that God would assist them, seeing their intentions were good; For this effect they instantly prepared Vessels to land with, which were **four fishermens great Barques they had taken the night before**: Whereupon taking a muster of the Forces he could make for this enterprise, he found the number to be **three hundred, whereof forty were Portugals**, the rest were Slaves and Mariners, besides *Quiay Panians* men, amongst whom were an hundred and threescore Harquebusiers, the others were armed with Pikes and Lances; he had also some Pieces of Ordinance, and others things necessary for his design.» - versão inglesa, fólho 79

«So bald der Dollmetscher/ **von ihnen Tausud benahmset**/ den Brieff gesehr beschimpfet/ für nemlich Antonius, der ganz ungehalten war/ weil er seine Gefangene nicht kunte los machen. Beschlossen derohalten/ ans Land zu treten/ und die Statt anzugreifen/ in Hofnung/ dieselbe zu überwältigen/ mit dreyhundert Mann/ die sie domahls stark waren.» - versão alemã, fólho 116

Em primeiro lugar, note-se que Maldonado conserva os parênteses da obra original para transmitir o nome do intérprete, enquanto que Figuiet opta por realçar esse pormenor suprimindo esse elemento. Há que salientar, ainda, a supressão adotada por Cogan nesta situação e a inesperada conservação do mesmo na versão alemã, o que contribui para afirmar que a fonte da tradução neerlandesa terá sido o texto francês, num período textual em que, logo de seguida, os editores alemães suprimem a reação dos portugueses e de António de Faria àquela carta que acabara de ser traduzida: «Acabando o interprete (que lá se chama tansuu) [...]» (versão portuguesa); «En acabando el interprete (que allá se llama Tansuus) [...]» (versão espanhola); «Si tost que l'interprete, qu'ils appellent Tausud [...]» (versão francesa); «So soon as the Interpreter had read the Letter [...]» (versão inglesa); «So bald der Dollmetscher/ von ihnen Tausud benahmset [...]» (versão alemã).

Maldonado volta a manifestar a sua intenção de manter o seu leitor informado através do recurso aos parênteses no excerto atrás apresentado, a propósito dos «pescadores». Já os tradutores alemães, mais uma vez, por uma questão de economia discursiva, suprimem todos aqueles preparativos, o que contrasta com os restantes tradutores e conforme se realça nas linhas abaixo: «[...] barcaças de pescadores que aquella noite se tomaraõ.» (versão portuguesa); «[...] quarto vareas (que la noche antes

se auian tomado a vnos Pescadores) para q̄ cõ comodidade faltasse la gẽte en tierra.» (versão espanhola); «[...] quatre grandes barques de pescheurs qu'ils auoient prises la nuict passée.» (versão francesa); «[...] four fishermens great Barques they had taken the night before [...]» (versão inglesa).

Verificam-se também, nos excertos acima transcritos, alterações factuais na medida em que se verifica a passagem de «setenta» a «sessenta», na versão espanhola, e a «quarante» e a «forty» nas traduções francesa e inglesa, respetivamente, no que diz respeito à quantificação dos portugueses. É de salientar que a versão inglesa se encontra muito próxima da edição francesa, igualmente neste momento discursivo, e que a versão alemã recorre, novamente, a uma supressão de tal informação específica, dada a sua relevância, provavelmente, conforme se volta a destacar a seguir: «setenta erão Portugueses» (versão portuguesa); «sessenta Portugueses» (versão espanhola); «quarante Portugais de nation» (versão francesa); «forty were *Portugals*» (versão inglesa).

No capítulo LXXI português, após ter permanecido cinco meses em Liampó, António de Faria toma conhecimento do que se passa na China e conhece o corsário Similau, o qual lhe transmite informações acerca da Ilha de Calempluy, aguçando o seu interesse e desejo de riqueza. Assim sendo, António de Faria decide partir para esse destino:

«Sendo ja o tempo chegado, & Antonio de Faria prestes de tudo o que era necessario para esta noua viagem q̄ tinha determinado de fazer, hũa **segunda feira quatorze de Mayo do anno de 1542**, se partio daquy para a ilha de Calempluy, embarcado em duas panouras, **que são como Galeotas**, inda que hum pouco mais alterosas, porque em juncos de alto bordo foy aconselhado que não fosse [...]. Nestas duas embarcações hião **cinquenta & seis** Portugueses, & hum padre Sacerdote de Missa, & hião mais quarenta & oito marinheyros para o remo, & para a mareação das vellas, naturaes de Patane, a que se fez bom partido, por ser esquipação fiel & segura, & a fora estes hião quarenta & dous escrauos nossos, assi que por todos erão cento & quarenta & seis pessoas [...]» - versão portuguesa, fólho 78

«Llegõse pues el tiẽpo conueniẽte para la nauegacion, y estando ya todo apercebido para el nueuo viagem que intentaua Antonio de Faria, partio de Liampoo a **14. de Mayo**, en demanda de la Isla de Calempluy: lleuaua solas dos Panoras, **embarcaciones como galeotas**, aunque algo mas levantadas, y mas ayrosas: no lleuauamos juncos, ni outra embarcacion de alto bordo; [...] En estas dos Panoras yuamos **146**. personas: es a saber 52. Portugueses, vn padre Sacerdote, y 48. Marineros para el remo, y mareacio de las velas, y 42.escrauos nuestros [...]» - versão espanhola, fólho 131

«La saison estant déjà propre à nauiger, & Antonio de Faria équipé de tout ce qui luy estoit necessaire à ce nouueau voyage qu'il auoit entrepris de faire, **vn Lundy quatorziesme May de l'année mil cinq quarãte-deux** il partit de ce port, pour s'en

aller en l'Isle de Calemply; pour cét effect il s'embarqua en deux Panoures, **qui ressemblent à des Galliotés**, horsmis qu'elles sont vn peu plus esleuées. Car on luy conseilla de ne se mettre point en des Juncos de haut bord [...]. En ces deux vaisseaux il y auoit **cinquante six** Portugais, vn Preste pour dire la Messe, & quarante huict Mariniers, tant pour la rame, que pour la conduite des villes, tous natifs de Patane. A ceuxcy l'on fist vn fort bon party à cause qu'ils estoient tous gens assurez & fidelles. Il y auoit encore quarante deux de nos esclaves, de forte que tout ce nombre de gens se pouuoit monter à quelques **quarante-sept personnes** [...]» - versão francesa, fólio 321

«The season being now fit for Navigation, and Antonio de Faria furnished with all that was necessary for this new Voyage, which he had undertaken to make **on Monday the fourteenth of May, in the year one thousand five hundred forty and two**, he departed from this Port to go to the Island of Calemply; For which purpose he imbarqued in two Panoures, **resembling small Gallies**, but that they were a little higher, by reason he was counseled not to use Junks [...]. In these two Vessels were **fiftie Portugals**, one Priest to say Masse, and fortie eight Marriners, all Natives of *Patana*, as also two and forty slaves, so that the whole number of our company amounted to an **hundred forty and one persons** [...]» - versão inglesa, fólio 87

«Antonius, der auf diese Reden ein genaues aufmerken gehabt/ ließ ohne verzug alles/ was zur Reise höhtig/ an die hand schaffen/ und begab sich/nach der Insel Calemply, in zwoen/ **den Gallioten nicht unehnlichen Panouren**/ ohne/ daß jene ein wenig höher sind: Denn es wurde ihm misrahten in Junken hohes Boortes fortzuziehen/ teihls [...]. Er nahm auch mit auf die Reise ungefehr **hundert und funfzig Mann**/ so wol Portugiesen/ als Bootsknechte und Leibeigene.» - versão alemã, fólio 121

Neste paralelo, há a destacar, primeiramente, que o tradutor espanhol toma a liberdade de suprimir a indicação do ano de 1542, data em que o santo padre Francisco Xavier chega à Índia.

O mesmo capítulo, incluído no princípio do capítulo XXIV da tradução inglesa, apresenta-se muito próximo do seu provável texto de partida, o francês. A data, ao contrário do que acontece nas versões espanhola, que aparece comprimida, e alemã, a qual, por seu turno, é suprimida, é interiramente conservada nas versões francesa e inglesa, o que reforça, novamente, a relação entre estas e entre a obra portuguesa e a tradução de Figuiet: «segunda feira quatorze de Mayo do anno de 1542» (versão portuguesa); «14. de Mayo» (versão espanhola); «vn Lundy quatorziesme May de l'année mil cinq quarãte-deux» (versão francesa); «on Monday the fourteenth of May, in the year one thousand five hundred forty and two» (versão inglesa).

O capítulo português LXXI, em análise, surge no capítulo 20 da edição alemã. Nesta passagem, esta tradução revela-se parcialmente fidedigna à mensagem portuguesa, apesar de se notar o recurso à compressão e à supressão, por exemplo, da data («segunda feira quatorze de Mayo do anno de 1542» - versão portuguesa). Veja-se, neste sentido, a tradução da comparação: «em duas panouras, que são como Galeotas»

(versão portuguesa); «dos Panoras, embarcaciones como galeotas» (versão espanhola); «en deux Panoures, qui ressemblent à des Galliotés» (versão francesa); «in two Panoures, resembling small Gallies» (versão inglesa); «in zwoen/ den Gallioten nicht unehnlichen Panouren» (versão alemã). De referir que a comparação é mantida nas restantes traduções e que as semelhanças entre a francesa e a inglesa se voltam a notar.

Relativamente aos quantificadores, note-se que estes sofrem, neste momento discursivo, diferentes mudanças, nos vários textos, relativas ao número total de tripulantes que partia em busca da Ilha de Calempluy na companhia do corsário Similau, cuja fidelidade é posta em causa: «cento & quarenta & seis pessoas» (versão portuguesa); «146. Personas» (versão espanhola); «quarante-sept personnes» (versão francesa); «hundred forty and one persons» (versão inglesa); «hundert und funfzig Mann» (versão alemã). Estas transformações revelam uma atitude interpretativa (tradução interlinear) por parte de todos os tradutores. No texto espanhol, verifica-se a opção de alterar a ordem sintática, preferindo começar por referir o número total de pessoas. Na tradução francesa, supomos que a mudança para «quarante-sept personnes» se poderá dever, ainda, a um lapso. Na versão inglesa, dá-se uma redução desse número, o que está relacionado com o facto de se contabilizarem, aqui, «fiftie Portugals». Por fim, na edição alemã, a retórica da economia diegética volta a fazer sentir-se, visto que os seus editores indicam apenas um número total aproximado, sem as especificações encontradas nos outros textos.

Ao passarem pelas ilhas de Angitur, começam a desconfiar do corsário Similau:

«Aquelle dia, & a noite seguinte nos botamos fora de todas as ilhas de Angitur, & seguimos nossa viagem por mar que nunca até então Portugueses tinham visto nem navegado. E indo nós assaz confusos cõ a imaginação destes perigos, fomos os primeyros cinco dias com vento bonança à vista da terra ate a boca da enseada das pescarias do Nãquim [...]. E quanto a te dizerem que te faço agora esta viagem mais comprida do que em Liampoo te promety, **tu sabes a razão porque o fiz**, a qual, no tempo que ta dey, te não pareceo mal; & pois então to não pareceo, quietese agora o teu coração, & não tornes atras do que tês assentado, & tu veràs quão proveitoso fruto tiras deste trabalho. Com isto ficou Antonio de Faria algum tempo mais quieto [...]» - versão portuguesa, fólhos 78-79

«En aquel dia q̄ hizimos a la vela, y en la noche siguiente, passamos todas las Islas de Angitur, y siguiendo nuestro viagem por mar nunca hasta entonces de Portugueses visto, ni navegado. Passamos los cinco dias primeros, aunq̄ cõ vientos fauorables, por extremo receiosos de la imaginacion del grã peligro en que yuamos, por mares no conocidos, y con esta confusion saymos, navegando sempre a vista de tierra; hasta la boca de la ensenada de las pesquerias de Nãquin. [...] y q̄ en quanto a parecer les mas largo el viagem de lo q̄ en Liãpoo auia prometido, que el mismo Capitan, **y los mismos que le culpañauan sabian la razon porque se auia hecho largo, y q̄ quando el se la**

dio, no les parecia mal a vnos, ni a otros, pues yuan por alli mas seguros, y que mientras que lo yuã, que se quietasse su coraçon, y se alargasse su animo, y no boluiesse atras en lo començado. Que presto le darian riquíssimo fruto sus trabajos, **y tremores,y entôces que daria desengañado de su voluntad, y engañadas las de los q̄ en su opinion auĩã puesto alguna duda**. Con esto quedò algun tanto satisfecho Antonio de Faria [...]» - versão espanhola, fólhos 131-132

«[...] ce jour-là & toute la nuict suiuate à sortir de toutes ces Isles d'Angitur, & poursuiuismes nostre route par des mers que les Portugais n'auoient veuës ny nauigées jusques à lors. Parmy ces dangers, qui estoient si grands que nous en estions tous confus, nous eusmes le vent assez fauorable Durant les cinq premiers jours, & fusmes è veue de terre jusques à l'emboucheure de l'anse des pescheries de Nanquin. [...] l'on vous veut faire acroire que je fais ce voyage plus long que je ne vous ay promis à Liampoo, **vous en sçauuez tres-bien la raison**, qui ne vous a point semblé mauuaise au temps que je vous l'ay proposé; puis donc que vous l'auuez receuë vne fois, je vous prie que vostre coeur soit en repôs de ce costé-là, & de ne point rompre ce dessein en rebroussant en arriere, que si vous le faictes, vous verrez combien profitable vous sera vostre peïne. Ces langages calmerent vn peu l'esprit d'Antonio de Faria [...]» - versão francesa, fólhos 322-326

«That day and at the night following we employed in getting out from amongst the Islands of Angitur, and pursued our course through Seas, which the Portugals had neither seen nor sailed on till then. The first five days we had the wind favourable enough, being still within light of land till we came to the mouth of the River of the Fishings of Nanuin; [...] they would make you believe that I spin out this Voyage longer then I promised you at Liampoo, **the reason thereof you know well enough**, which seemed not amisse when I propounded it unto you, seeing then you once allowed of it, let me intreat you to set your heart at rest for that matter, and not to break off this design by returning back, whereby at length you shall finde how profitable this patience of yours will prove. This speech somewhat quieted Antonio de Faria [...]» - versão inglesa, fólho 88

«Im ausschiffen brachten wir den ganzen Tag zwischen den Argiturischen Inseln zu/ und sezten unsern Lauf durch See örter/ welche die Portugiesen niemals mit Augen gesehen hatten. Die erste fünf Tage segelten wir mit gewünschtem Wind/ und behielten das Land bis an den Eingang des Nanquischen Fischer Orts [...] ihr möchtet sagen/ es falle die Reise länger/ als zu Liampo verabredet/ **so wißet ihr die Uhrsach deßen/** indem ihr den sichersten für kürzesten Weg erwehlet habet. Antonius, durch diese Reden befriediget [...]» - versão alemã, fólho 121

A partir da análise dos trechos acima apresentados, é possível constatar que, mais uma vez, Maldonado recorre a uma expansão frásica e, em simultâneo, modifica o discurso, uma vez que passamos a encontrar o discurso indireto em vez do direto, usado no texto original. As versões francesa e inglesa revelam-se, neste ponto, muito fiéis à obra portuguesa. Já a edição alemã volta a mostrar-se mais transgressora, procedendo, pelo contrário, à compressão de pormenores que, provavelmente, não seriam do interesse do seu público, apesar de, no que diz respeito à seguinte afirmação, evidenciar uma proximidade ao nível literal do texto português: «tu sabes a razão porque o fiz» (versão portuguesa); «y los mismos que le culpañauan sabian la razon porque se auia

hecho largo, y á quando el se la dio» (versão espanhola); «vous en sçaez tres-bien la raison» (versão francesa); «the reason thereof you know well enough» (versão inglesa); «so wißet ihr die Uhrsach deßen» (versão alemã).

Partindo da análise dos excertos apresentados nas linhas abaixo e ainda referentes ao capítulo LXXI português, indicamos, de seguida, alguns traços que aproximam as traduções ou uma tradução com o texto original, por um lado, ou que originam um certo distanciamento, por outro, como é o caso da edição alemã, na qual a técnica tradutiva da supressão se faz sentir de modo evidente:

«**Com isto** ficou Antonio de Faria algum tanto mais quieto, & lhe disse que fosse muyto embora por onde lhe parecesse melhor, & que da murmuração dos soldados **de que se queixaua lhe não desse nada**, porque de gente ociosa era emendar vidas alheyas, & não olhar pela sua; mas que elles se refrearião daly por diante, ou os castigaria muyto bem, de que o Similau então se deu por **satisfeito**.» - versão portuguesa, fólio 79

«**Con esto** quedò algun tanto satisfecho Antonio de Faria; y le dixo que fuesse en buen hora por dō de mejor, y mas seguro le pareciesse, sin reparar nada en la murmuracion de los soldados (**de que se quexaua**) porque era próprio de gente libre y ociosa tassar vidas, y emendar costūbres, sin mirar por lo malo de las suyas, **ni guardar ninguna buena**, y que el haria que se enmēdassen en lo de adelante, **ò que el castigo que el les daria les haria enmendarse**, aunque no quisiessen. Com esto quedò mas **satisfecho** el cosario, **y tidos que damos mas contentos**.» - versão espanhola, fólio 132

«**Ces langages** calmerent vn peu l'esprit d'Antonio de Faria, qui luy dit alors qu'il sen allast à la bonne heure où il vouldroit pour le mieus sans se mettre aucunement en peine du murmure des soldats **dont il se plaignoit**, adioustant que c'estoit la coustume des hommes [oisifs] de trouer tousjours à redire aux actiōs d'autruy, & qu'ainsi il ne s'arrestast point à leur proceder, dont ils se corrigeroiēt desormais, sinon qu'il lese n sçauroit fort bien chastier; dequoy Similau demeura pour lors **fort satisfait & contente**.» - versão francesa, fólio 326

«**This speech** somewhat quieted *Antonio de Faria's* minde, so that he bid him go on as he thought best, and never trouble himself with the murmuring of the Soldiers, **whereof he complained**, saying, that it was ever the manner of such as were idle, to finde fault with other mens actions, but if they did not mend their error the sooner, he would take a course with them to make them to do it; wherewith *Similau* rested **very well satisfied and contented**.» - versão inglesa, fólio 88

«Antonius, durch **diese Reden** befriediget/ fragte/ er wollte seine Reise forteten und sich nicht an das murren der Soldaten kehren.» - versão alemã, fólio 122

Face ao paralelo exposto, consideramos que a relação entre o texto português e a tradução espanhola se percebe claramente nesta passagem, mais concretamente na utilização das expressões «Com isto» e «Con esto», respetivamente. O mesmo se poderá afirmar em relação às versões francesa, inglesa e, igualmente, alemã, ainda que de forma indireta, uma vez que se supõe que a tradução francesa terá sido a fonte da

neerlandesa e esta última o texto de partida da edição alemã, conforme transcrevemos de seguida: «Ces langages» (versão francesa); «This speech» (versão inglesa); «diese Reden» (versão alemã). Veja-se, igualmente, na mesma linha, a expansão frásica espanhola a propósito do contentamento manifestado por Similau, a reorganização do discurso francês, ao gosto do público-alvo, a fidelidade evidenciada na tradução inglesa em relação à versão francesa e, finalmente, a supressão de qualquer referência a essa questão, no texto de chegada alemão, por uma questão de economia diegética, provavelmente: «[...] o Similau então se deu por satisfeito.» (versão portuguesa); «[...] mas satisfecho el cosario, y tidos que damos mas contentos.» (versão espanhola); «[...] dequoy Similau demeure pour lors fort satisfait & contente.» (versão francesa); «wherewith *Similau* rested very well satisfied and contented.» (versão inglesa). Neste ponto, é claro o conhecimento revelado por Figuiet relativamente à tradução de Maldonado.

No capítulo seguinte, o capítulo LXXII português, o narrador dá conta da desconhecida fauna encontrada na baía de Buxipalém de modo detalhado, o que com certeza terá despertado o interesse dos tradutores, promovido a riqueza textual e a receção das suas versões, nos respetivos contextos de chegada:

«Vimos aquy hũs peixes de feiçã de **rayas**, a que os nossos chamauão peixes mãtas, de mais de quatro braças em roda, & o fucinho rombo **como de boy**. Vimos outros como grandes **lagartos**, pintados de verde, & preto, com tres ordês de espinhas no lombo, **da grossura de hũa seta, & de quasi dous palmos, a estes dezia o Similau q̃ chamauão os Chins Puchissucoês**. Vimos também outros peixes muyto pretos da maneyra de **enjarrocós**, mas tão disformes na grandeza que só a cabeça era de mais de seis palmos de largo, & quando nadauão & estendiam as perpatanas ficauão redondos de mais de hũa braça ao parecer dos que o viraõ. E não digo de outras muytas diuersidades de peixes que aquy vimos, **por me parecer desnecessário determe sobejamente em cousa que não faz o propósito do que vou tratando**; somente direy q̃ em duas noites [...]» - versão portuguesa, fólhos 79-80

«Vimos alli vn pescado, de la hechura del que nosotros llamamos **Raya**, este era de mas de quatro braças en rueda, y tenia la cabeça y hozico romo, y **como le tiene vn buey**: Vimos tãbien otros **lagartos** muy grades, pintados de verde y negro, cõ tres ordenes de espinas en al lomo, del gruesso de vna faeta, y de tres palmos de largo cada espina, **cõ pũtas muy agudas, delas quales teniã lleno todo el cuerpo, aunque no tan gruessas ni tã largas como las del lomo. Estos lagartos se encrespan como el puerco espin, con que quedan muy espãtosos, y ferozes: tenian el hozico muy agudo, y negro, com dientes que les saliã de la boca casi dos palmos, como los colmillos de los jabalies. A estos lagartos dezia el cosario quellamauã los Chinas Puchisicones**. Vimos tambien outro pescado muy negro, y de la hechura que en Portugal llamamos **Enjarrocós (q̃ son como las salamanquesas del agua, aũque mayores y mas crecidos)** mas tan disformes en la grandeza, que solo la cabeça tenian de mas de seys palmos de ancho, y quando nadado estendia las perpatanas, ó aletas quedauan en redõdo mas de vna grã braça, al parecer de todos los q̃ los vimos: otros muchos, y muy

diuersaos pescados vimos en aquella Bahia, **con los quales no me detengo, poy yr al sin de lo q̄ voy tratando**: solamente dirè, que en dos noches que alli estuuiamos furtos [...]» versão espanhola, fólio 133

«Car nous vismes en ce lieu lá des poissons en forme de **Rayes** que nous appellasmes peixes mantas, qui auoient plus de quatre brasses de tour, & le museau **comme vn boeuf**. Nous en vismes aussi d'autres semblables à de grands **lezards** tous tachetés de verd & de noir, avec trois rangs d'espines sur l'eschine, fort pointuës, de la grosseur d'une fleche; **dequoy tout le reste du corps estoit plein. Il est vray qu'elles n'estoient pas si lógues ny si grosses que les autres. Ces poissons se herissent de temps en temps cōme des porcs-espis; ce qui les rend fort espouventables à voir, avec cela ils ont le museau grandement pointu & noir avec des crocs qui leur sortët hors des machoires, de la longuer de deux pans que les Chinois appellent puchissucoens, qui ressemblët aux deffences d'un fanglier**; là nous apperceusmes encore vne autre forte de poisōs qui sont tels. Ils ont tous le corps extrêmement noir cōme les chabots & sont si prodigieux & si grāds que leur teste naioire dans l'eua ils paroissent ronds d'une brasse de tout aux yeux de ceux qui les voyent. **Je passe icy sous silence tout-plein d'autres poissons de diuerses forces de nostre sujet**. Il me suffira de dire que durant deux nuicts seulemēt que nous demeurasmes en cēt endroit [...]» - versão francesa, fólio 327

«For in this place we saw Fishes in the shape of **Thornbacks** that were four fathoms about, and had a Muzzle **like an Oxe**; likewise we saw others resembling great **Lizards**, spotted all over with green and black, having three rows of prickled on their backs, that were very Sharp, and of the bignesse of an arrow; **their bodies also were full of the like, but they were neither so long, nor so great as the others: These Fishes would ever and anon bristle up themselves like Porcupines, which made them very dreadful to behold, they had Snouts that were very sharp and black, with two crooked teeth out of each jawbone, two spans long, like the tusks of a wild Boar. We also saw Fishes whose bodies were exceeding black, so prodigious and Great, that their heads onely were above six spans broad. I will passe over in silence many other Fishes of sandry sorts, which we beheld in this place, because I hold it not fit to stand upon things that are out of my discourse, let it suffice me to say, that during two nights [...]**» - versão inglesa, fólio 89

«Denn da stießen uns Fische auf/ so als **Rochen** aussahen/ vier Klaster rund und mit einem Mund **wie ein Ochse**. Auch wurden wir großer **Waßerschlängen** gewahr/ mit grünen und schwarzen Flekken/ und mit drey reihen Federn/ als Pfeilen auf dem Rückgrad bewachsen/ doch nicht von solcher größe wie die vorigen. **Sie haben ein schwarzes und scharfes Rundwerk mit gebonen Haafen/ so wie die Zähne der wilden Schwein zum Raus ausgeben. Auch funden wir noch eine andere art Fische/ ganz schwarz und wunderlich mit großen Häuptern/ welche/ wenn sie die Hasen ins Waßer stekken/ rund und eine Klaster groß im Umfang zu sehn scheinen. Aber ich will viel andere Fische/ so uns in diesem Ort begegneten/ mit still schweigen übergehen/ und nur allein sagen/ daß wir diese bende Nächte/ die wir alhier zubrachten/ nicht sicher und fast in großer Gefahr waren/ wegen der Wallsische Krokodillen/ Schlangen und Fische/ so uns ben Tag und Nacht vor Augen kamen. Raßen wir auch da herum ein solches sausen/ fliegen und schreien der Seepferde am Gestade längsthin höreten/ daß nicht gnug mit Worten zubeschreiben.» - versão alemã, fólios 122-123**

O tradutor espanhol mostra-se, pois, particularmente preocupado em fornecer ao seu leitor a maior quantidade de informações possível, incluindo uma considerável

expansão textual, recorrendo aos parênteses em determinados momentos. Mais uma vez, verifica-se, nesta tradução, uma tentativa de explorar a riqueza do texto de Fernão Mendes Pinto e, paralelamente, de enaltecer a coragem, o espírito de aventura dos portugueses e o ambiente exótico, características que, decerto, terão contribuído para que este tradutor tenha selecionado esta obra, de entre outras, para a personalizar mediante o processo de tradução. No âmbito da descrição dos peixes desconhecidos encontrados, conforme se pode verificar no paralelo acima transcrito, Maldonado respeita, mais uma vez, a mensagem original e, inclusivamente, os recursos expressivos encontrados no texto português, facultando ao seu público-leitor, por exemplo, uma informação adicional explicativa entre parênteses, a qual alimenta a curiosidade daquele: «[...] da maneyra de enxarrocós, mas tão disformes na grandeza [...]» (versão portuguesa); «[...] llamamos Enjarrocós (q son como las salamanquesas del agua, aũque mayores y mas crecidos) mas tan disformes en la grandeza [...]» (versão espanhola).

No caso da edição de Bernard Figuier, consideramos que este excerto constitui um exemplo que comprova também o contacto deste texto com o espanhol, atendendo à recuperação da expansão informativa de origem espanhola. Relativamente às questões retóricas, os recursos são igualmente respeitados, no decurso da aplicação dos procedimentos interlinguais, o que revela, mais uma vez, uma intenção de fidelidade para com o(s) textos de partida, o português e o espanhol, como se pode verificar no seguinte exemplo, em que o narrador do texto português afirma que avistou muitos outros peixes com inúmeras características, abreviando essa descrição, ou melhor, interrompendo-a, justificando-se com o argumento da economia narrativa: «por me parecer desnecessário determe sobejamente em cousa que não faz o propósito do que vou tratando;» (versão portuguesa); «Je passe icy sous silence tout-plein d'autres poissons de diuerses forces de nostre sujet» (versão francesa).

Quanto ao tradutor inglês, este procede à adequação interlingual, conservando a mensagem encontrada na sua fonte, o que se torna nítido ao nos depararmos com a expansão criada no texto de Maldonado, mediante o texto francês, para designar os lagartos verdes e pretos, os «Porcipines» (versão inglesa). Esta designação inglesa, que aparece na versão francesa como «porcs-espis» é, afinal, outra marca que nos remete, uma vez mais, para a tradução de Figuier. Henry Cogan revela, simultaneamente, uma constante preocupação com a clareza e a coerência do relato, não hesitando em proceder a alterações sempre que sente que o seu leitor pode perder o fio condutor da narração ou algum dado por insuficiência de informações.

No interior do capítulo 20 alemão, deparamo-nos com este capítulo português, no qual, tal como se tem revelado típico, os editores alemães, à semelhança de Henry Cogan, respeitam o texto de partida, suprimindo, contrariamente, o nome que, segundo Similau, era atribuído às «Waßerschlangen». Ainda assim, consideramos que neste trecho o grau de fidelidade/literalidade é bastante notório. Tal como afirmámos atrás, o grande impulso para a realização desta tradução alemã foi afinal o desejo de conhecer os longínquos lugares exóticos por onde viajou o nosso autor-narrador e o que neles existia.

No mesmo capítulo, o LXXII, o narrador comenta a importância da presença de um padre naquelas viagens, neste caso do padre Diogo Lobato:

«[...] onde o **padre** Diogo Lobato que com nosco hia, como atrás disse, & era nosso patraõ & sotacapitão sobre todos, fez hum breue sermão aos que aly hiamos para nos dar animo & esforço para o que tinhamos por dauante [...] hum nouo esprito & ousadia para não duuidaré cometer o que leuauaõ determinado. [...] diante de hũa imagem de nossa Senhora [...]» - versão portuguesa, fólho 80

«[...] dixo al Padre Diego Lobato (**que era el clérigo** que yua com nosotros, y era nuestro Patron, y Sotacapiton, **a quien obedeciamos como a Sacerdote**) que hiziesse **vna platica** a la gente, para animarnos, y esforçarnos en los peligros que nos acometiessen, la qual el deuoto Sacerdote hizo con tanto afecto, tan dulces y amorosas palabras, com tantos y tan buenos exemplos, que alentando grandemente los ânímos de todos (que antes el temor [...] no conocida, ni imaginada: diximos vna Salue, de rodillas, delante de vna deuota Imagen que lleuauamos [...])» - versão espanhola, fólho 134

«Cela faict, il dit à Diego Lobato, **qui estoit le Prestre** que nous menions avec nous, & que nous espections **comme vn home d'Eglise**, qu'il eust à faire **vne harangue ou vn sermon** à nos gens, pour les animer aux dangers qui nous pourroient arriuer; dequoy il s'acquitta fort dignement, & par l'efficace de ses paroles pleines de douceur & de plusieurs beaux exêples, il remist grandemente les esprits de tous [...] deuant vne image de Nostre Dame [...]» - versão francesa, fólho 330

«That done, he spake unto *Diego Lobato*, **who was the Priest** that we carried along with us, and one that we much respected **as a man of the Church**, to make a Sermon unto his company for to animate them against all dangers that **might happen [...] took fresh heart, boldly to execute the enterprise we had undertaken: [...] the mouth of the River**, steering directly **East** [...]» - versão inglesa, fólho 89

«**Machte auch daraus sein Geschüz fertig/ weil es bisher ungeladen blieben/ und befahl jedem auf seiner Hut zu sehn.**» - versão alemã, fólho 123

Para introduzir expansões frásicas de curta extensão, Maldonado volta aqui a recorrer aos parênteses, procurando, assim, continuar a orientar o seu leitor na leitura e interpretação da narrativa. Este seu procedimento assemelha-se à técnica frásica usada

por Fernão Mendes Pinto com o intuito de conferir credibilidade e verosimilhança ao discurso. Como se pode ver, a propósito do padre Diogo Lobato e de uma imagem de Nossa Senhora, o tradutor revela a necessidade de incluir informação complementar e personalizada, com vista à plena compreensão do texto pelo seu público.

Bernard Figuiier reforça o papel dos padres ou sacerdotes («comme vn home d'Eglise»), utilizando dois termos para se referir ao sermão, ou seja, «vne harangue ou vn sermon». A fidelidade é, mais uma vez, confirmada, ao mesmo tempo que o contacto entre esta tradução e a edição espanhola, dado que, em termos de sintaxe, o tradutor francês parece usar uma estrutura sintática semelhante à espanhola: «[...] onde o padre Diogo Lobato que com nosco hia [...]» (versão portuguesa); «[...] dixo al Padre Diego Lobato (que era el clérigo [...])» (versão espanhola); «[...] il dit à Diego Lobato, qui estoit le Prestre [...]» (versão francesa).

Henry Cogan revela-se nitidamente fiel ao seu texto de partida, conforme se pode notar nas seguintes expressões coincidentes nas línguas francesa e inglesa, respetivamente: «comme vn home d'Eglise» (versão francesa); «as a man of the Church» (versão inglesa).

No que respeita à edição alemã, verificamos que, relativamente a esta passagem, atendendo, provavelmente, ao facto de abordar questões religiosas, os tradutores recorrem a uma supressão, a qual tem lugar no final de um parágrafo, nesta tradução.

Mais adiante, nos capítulos LXXVI e LXXVII do original português, surge, novamente, a crítica indireta colocada na boca do Outro, realçando as atitudes negativas que os portugueses revelavam. Veja-se, pois, no episódio «Na Ilha de Calemplui», os extensos excertos das várias obras, em que é travado o diálogo entre António de Faria e o ermitão:

CAP. LXXVI: «O Hiticau (que assi se chamaua o irmitão) depois de estar cuydando comsigo hum pouco no que ouuira, olhando para Antonio de Faria lhe disse, muyto bem tenho ouuido o que disseste, & também tenho entendida a tua danada tenção em q̃ o fusco de tua **cegueyra, como piloto do inferno** te traz a ty & a essoutros à **concaua funda do lago da noite**, porque em vez de dares graças a Deos por tamanha merce como confessas que te fez, o vês roubar, pois, pergunto, se asi o fizeres, **que esperas que faça de ty a diuina justiça no derradeyro bocejo da vida? Muda** esse teu mao propósito, & não consitas que em teu pensamento entre imaginação de tamanho pecado, & Deos mudara de ty o castigo, & fiate de mim que te fallo verdade, assi me ella valha em quanto viuer.[...] aque o irmitão, **olhando para o Ceo, & com as mãos levantadas disse chorando**, Bemdito sejas Senhor que sofres auer na terra homẽs que tomem por remedio de vida ofensas tuas, & não por certeza de gloria seruirte hum só dia. E depois de estar hum pouco pensativo & confuso có que via diãte, tornou a pòr os olhos no tumulto & rumor que todos fazíamos no desarrumar & despregar dos caixões; &

olhando para Antonio de Faria, q̄ neste tempo estaua em pé encostado ao montante, lhe rogou que se assentasse hum pouco a par delle, o q̄ Antonio de Faria dez com muyta cortesia & muytos comprimentos, porem **não deixou de acenar aos soldados q̄ continuassem co que tinhaõ entre as mãos, que era escolher a prata que se achaua nos caixões de mistura cos ossos dos finados [...]**; CAP. LXXVII: «A que o ermitão respondeo, praza ao Senhor que viue reynãdo sobre a fermosura de suas estrelas, que te não faça mal entenderes tanto delle quanto mostras nessas **palavras**, porque te afirmo que **muyto mòr perigo corre o que isto entende se faz màs obras, que o ignoráre sem ley aquém a falta do entendimento está desculpando cõ Deos & con mûdo.**» - versão portuguesa, fólio 85

CAP. LXXVI: «El ermitaño, despues de auer pensado vn poco en lo que el interprete auia dicho, mirando à Antonio de Faria le dixo: Muy bien heoydo lo q̄ has mandado dezirme, y mucho meijor tẽgo entendida tu danada intencion com que en las tinieblas de tu **ceguera** vienes por las de la noche, **navegando el lago de tu perdicion**, como **piloto infernal**, pues en lugar de dar gracias a Dios por essa tan gran merced que confessas que te hizo, bienes a robar su santa casa. Preguntote yo señor, si esta y las demas robares, dõde ordinário es alabado por sus sieruos su glorioso nombre, **que esperas que haga en ti su diuina justicia, quando en tus vltimos dias fluctues com la muerte? Muda, muda** aquesse mal propósito, tan indigno de los de tu calidade y oficio, y no consientas en tu pensamiento (que como tu lo eres ha de ser sempre noble) aun la imaginacion de tan gran pecado, y dessa manera apartarà de ti Dios, el castigo com que por equestre delito te amenaza; y fiate de mi, que te digo la verdade, assi su Magestad diuina me valga el tiempo que viuere.»; [...] A lo qual el ermitaño, poniẽdo en el cielo los cõpasiuos ojos, y las manos levantadas, assi prosiuio llorando. Bendito seas para siẽpre glorioso Señor del cielo: alaben eternamente tu infinita bondade y misericordia tus Angeles y Santos, pues sufres enla tierra hõbres tã malos q̄ tomẽ por remedio de sus vidas ofensas tuyas, y q̄ sabiẽdo la certeza de tu gloria, no procuren por gozarla seruirte vn solo dia. Boluiose a quedar com esto vn poco confuso, y pensativo com el ruydo de las armas, y vozes que tenia delante, y boluindo a poner los ojos en el tumulto que todos haziamos en rõper, y quebrar muchos caxones q̄ por la ermita sobre luzidos poyos de jaspe estauan puestos, se boliiio para Antonio de Faria que estaua jũto a el en pie echado de pechos sobre su montante, y le rogo q̄ alli jũto a el vn poco se assentasse, lo qual hizo el Capitan com mucha cortesia, y cõplimientos, **procurando primero hazernos señas a todos que continuássemos con la obra que teniamos entre manos, q̄ era escoger la mucha plata que en barras pequenas y grandes auia en aquellos caxones, ò ataudes, mezclada con los huessos de los muertos [...]**; CAP. LXXVII: «Y respondiõle el ermitaño: Permita el cielo, ya que el poderoso Señor **que en trono de gloria** viue, reynando sobre la hermosura de sus estrelas, q̄ no te haga mal el conocimiẽto que tienes de su misericordia y grandeza sacrossanta, como mostras biẽ en essas **discretas palabras**; porque te certifico, **que comete mayor culpa, ysuele correr mayor peligro, qui ã entiende tã bien el como seha de saluar y com todo esto, dando tienda à sus antojos, no sigue en sus obras lo que entiẽde, que no el ignorante, y barbaro, que por no saber la ley no la guarda, ni la estima; porque el tal està desculpado cõ Dios, y con el mundo, quanto essotro està culpado con todos.**» - versão espanhola, fólios 141/143

CHAP. LXXVI: «Alors cet Hermite, qui s'appelloit Hiticou, ayant pensé quelque temps à ce qu'il venoit d'ouïr, regardant fixement Antonio de Faria, *Qui que tu sois, luy dit-il, sçache que j'ay fort bien entendu ce que tu me viens de dire, et que je ne voy que trop ta damnable intention, avec laquelle dans les tenebres de ton aueuglement, comme un Pilote infernal, tu attires et toy Et ces autres dans l'abysme profond du lac de la nuit. Car au lieu de rendre graces à Dieu d'une si grande faueur, que tu confesses qu'il t'a faicte, tu t'en viens icy maintenant voler sa saincte maison. Mais vien çà je te demande, si tu executes ton meschant dessein, qu'esperes-tu que sera de toy la diuine Justice au*

dernier soupir de ta vie? Change doncques ta peruerse inclination, et ne permets point que l'imagination d'un si grand pechè entre jamais dans ta pensée, [se] toy en moy qui te dis la pure Et sincere verité, Et ainsi me puisse-elle ayder tout le reste de ma vie. [...] que le vieillard Hermite Hiticou luy donnoit sur ce sujet, le pria tresinstamment de ne se point fascher, l'assurant qu'il n'auoit pour lors aucun moyen plus asseuré ny plus certain, que celuy qu'il estoit venu chercher en ce lieu. Sur quoy l'Hermite joignant les mains, & regardant le Ciel se mist à dire en pleurant, Loué soyez vous ô Seigneur, qui souffrez qu'il y ait en la terre des hommes qui vous offensent sous pretexte de chercher à viure, Et qui ne daignent vous seruir une seule heure, quoy qu'ils sçachent combien est asseurée vostre gloire. Apres auoir profere ces paroles, il demeura vn peu pensif & confus à cause de ce qu'il voyoit deuant luy, & du grand desordre que nous faisons en rompant les quaiesses, & les jettant hors de leur lieu. A la fin regardant derechef Antonio de Faria, qui pour lors se tenoit debout, appuyé sur son espadon, il le pria de s'asseoir vn peu pres de luy, ce qu'il fit avec beaucoup de compliments & de courtoisie, **ne laissant pas pour cela de faire signe à ses soldats, de continuer ce qu'ils auoient desja comencé, qui estoit de prendre l'argent qu'ils trouuoient pesle-mesle pamy les ossemens des morts, dans les tombeaux qu'ils rompoient [...]**»; CHAP. LXXVII: «A ces paroles l'Hermite luy fist response, *Plaise au Seigneur qui regne viuant sur la beauté des estoiles, que la grande cognoissance que tu tesmoignes auoir par tes discours ne te puisse estre nuisible. Car je t'assure que celuy qui cognoist ces choses, et ne les faicts pas, court vn danger beaucoup plus grand que celuy par ignorance.*» - versão francesa, fólíos 347-8/351

CHAP. XXV: «Whereupon the Hermit, named Hiticon, having mused a little on the matter, and fixing his eye on Antonio de Faria: Whoever thou art, said he unto him, know that I thoroughly understand what thou sayest, and that I perceive but too well thy **damnable intention, wherewith out of the obscurity of thy blindness, like an infernal pilot**, thou carriest both thy self, and these others, into the profound **abism of the lake of night**: for instead of rendring thanks to God for so great a favour, as thou confesses he hath shewed thee, thou comest hither to **rob** this holy house: But let me ask thee, if thou executes thy mischievous designe, what will the divine justice, **thinkest thou, do with thee at the gasp of thy life? Change** then thy perverse inclination, and never suffer the imagination of so great a sin to enter thy thoughts; give credit unto me that tells thee nothing but the very truth, even as I hope to thrive by it all the rest of my life. [...] After he had uttered these words, he remained very pensive and much troubled to see the great disorder we used in breaking up the coffins, and flinging them out of their places; at length looking upon *Antonio de Faria*, who stood leaning his sword, he intreated him to sit down by him, which he did with a great deal of compliment, **not desisting for all that from making signes to his soldiers to persist as they had begun, that was to take the silver which was amongst the bones of the dead in the tombs, that they brake up**; [...] Pleaseth the Lord, who living, reigneth above the beauty of the Stars, that the knowledge, which by this discourse, thou shewest to have, be not prejudiciall unto thee; **For I be assured, that he who knows these things, and doth them not, runs a far greater danger, then he that sins through ignorance.**» - versão inglesa, fólíos 94/95

Cap. 21: «Der Kläuserer/ nahmens Hiticou, überlegte Antonii Worte genau/ sahe ihn steiff an/ und sprach endlich: Ihr seydt/ wer ihr wollet/ wißet/ daß ich eure Worte wol verstanden habe/ und **euer verfluchtes Vornehmen gnug bemerke/ als dadurch ihr/ in der Finsterniß eurer Verblendung/ wie ein höllischer Steuermann/ euch und diese andere in den tieffen Abgrund des Pfuls der Macht ziehet**. Denn ihr/ an statt Goot zu danken/ daß er euch so große Gnabe bewiesen/ kommet nur hieher/ sein heiliges Laus zu berauben. Wol an! **Was meint ihr/ wie die Göttliche Gerechtigkeit/ im letzten Augenblick euers Lebens/ mit euch verfahren werde/ so ihr dieses böse Vornehmen vollbringet?** So ändert und bändiget nu eure böse Begierden/ und laßet nicht durch die

Einbildung eine so große Sünde in euren Gedanken nisten [...] Der Kläusener schlug hieraus seine Hände zusammen/ kehrte seine Augen gen Himmel/ und fragte almeulich weinende: Gelobet seystu Lertz! Der du zulähest/ daß Menschen auf Erden seyn/ die dich/ unterm Schein ihre Lebens=Mittel zu suchen/ erzü dir doch nicht eine Stunde dienen wollen/ wiewohl sie wißen/ wie beständig deine Ehre und Lertzlichkeit ist. Als er endlich sahe/ wie wir einige Kasten von der stelle rüllen und zerbrechen/ wurde er hierüber sehr eutstellet/ und bat Antonium, der ben ihm stund/ er wolte sich niedersezen. **Solches täht er/ gebot aber interdes den seinigen/ im angefangenen Werk fortzufahren/ nemlich das Geld zu nehmen/ so sie unter den Todtenbelnern in den von ihnen auf gebrochenen Gräbern funden.** [...] Der Lertz/ antwortete der Kläusener/ so da lebt und auf der Schönheit der Sternen herschet/ verleihe/ daß euch euer großes Wißen nicht schädlich sey. **Denn ich versichere euch/ derjenige/ der dieses weiß/ und nicht tuht/ stürzet sich in viel größere Gefahr/ als der/ so unwißend sündiget.»** - versão alemã, fólíos 129-131

A crítica indireta colocada na boca do Outro é trabalhada por Herrera Maldonado através de várias expansões frásicas e textuais que percorrem o discurso do ermitão Hiticau. Destaque-se, no paralelo acima, a conservação da comparação da obra original portuguesa para descrever a cegueira com que Antonio de Faria, o narrador e os outros portugueses violavam aquela casa de Deus, revirando os túmulos, e a introdução do termo «perdicion» para reforçar a crítica relativa àquelas ações: «[...] cegueyra, como piloto do inferno te traz a ty & a essoutros à concaua funda do lago da noite [...]» (versão portuguesa); «[...] ceguera vienes por las de la noche, navegando el lago de tu perdicion, como piloto infernal [...]» (versão espanhola). De seguida, note-se a substituição de «vida» por «muerte», o que enfatiza a ideia de castigo divino: «[...] que esperas que faça de ty a diuina justiça no derradeyro bocejo da vida? Muda [...]» (versão portuguesa); «[...] que esperas que haga en ti su diuina justicia, quando en tus vltimos dias fluctues com la muerte? Muda, muda [...]» (versão espanhola). Uma outra expansão que encontramos aqui e que patenteia a capacidade interpretativa do tradutor espanhol, é a seguinte: «[...] (que como tu lo eres ha de ser sempre noble) [...]». Finalmente, enfatizamos a manutenção, nesta tradução, da atitude completamente indiferente de António de Faria a tudo quanto lhe era dito, ou seja, manifestando que a sua prioridade era dar ordem para que o roubo se fosse desenrolando: «[...] não deixou de acenar aos soldados q̄ continuassem co que tinhaõ entre as mãos, que era escolher a prata que se achaua nos caixões de mistura cos ossos dos finados [...]» (versão portuguesa); «[...] procurando primero hazernos señas a todos que continuássemos com la obra que teniamos entre manos, q̄ era escoger la mucha plata que en barras pequenas y grandes auia en aquellos caxones, ò araudes, mezclada com los huessos de los muertos [...]» (versão espanhola). Para terminar, o tradutor espanhol desenvolve a crítica

indireta, mediante uma expansão reflexiva: «[...] muyto mòr perigo corre o que isto entende se faz màs obras, que o ignoráre sem ley aquém a falta do entendimento está desculpando cõ Deos & con mûdo.» (versão portuguesa); «[...] que comete mayor culpa, ysuele correr mayor peligro, qui ã entende tã bien el como seha de saluar y com todo esto, dando tienda à sus antojos, no sigue en sus obras lo que entiẽde, que no el ignorante, y barbaro, que por no saber la ley no la guarda, ni la estima; porque el tal està desculpado cõ Dios, y con el mundo, quanto essotro està culpado con todos.» (versão espanhola).

Bernard Figuiet, relativamente à expressão portuguesa «[...] cegueyra, como piloto do inferno te traz a ty & a essoutros à concaua funda do lago da noite [...]», utiliza um discurso mais claro e contundente, substituindo «cegueyra» por «*damnable intention*», mantendo contudo a comparação «*comme un Pilote infernal, tu attires et toy Et ces autres dans l'abysme profond du lac de la nuict.*» (versão francesa). Mais uma vez, consideramos que este tradutor partiu também da obra original, dadas as semelhanças entre os dois textos, igualmente, nesta passagem. O mesmo se dirá acerca dos exemplos a seguir destacados, juntamente com as habituais mudanças interlinguais: «[...] que esperas que faça de ty a diuina justiça no derradeyro bocejo da vida? Muda [...]» (versão portuguesa) / «[...] *qu'esperes-tu que sera de toy la diuine Justice au dernier soupir de ta vie? Change [...]*» (versão francesa); «[...] não deixou de acenar aos soldados q̄ continuassem co que tinhaõ entre as mãos, que era escolher a prata que se achaua nos caixões de mistura cos ossos dos finados [...]» (versão portuguesa) / «[...] *ne laissant pas pour cela de faire signe à ses soldats, de continuer ce qu'ils auoient desja comencé, qui estoit de prendre l'argent qu'ils trouuoient pesle-mesle parmy les ossemens des morts, dans les tombeaux qu'ils rompoient [...]*» (versão francesa). Salientamos, de seguida, a não utilização da expansão espanhola por Figuiet, reforçando a interdependência obra original/tradução francesa: «[...] muyto mòr perigo corre o que isto entende se faz màs obras, que o ignoráre sem ley aquém a falta do entendimento está desculpando cõ Deos & con mûdo.» (versão portuguesa); «[...] mayor culpa, ysuele correr mayor peligro, qui ã entende tã bien el como seha de saluar y com todo esto, dando tienda à sus antojos, no sigue en sus obras lo que entiẽde, que no el ignorante, y barbaro, que por no saber la ley no la guarda, ni la estima; porque el tal està desculpado cõ Dios, y con el mundo, quanto essotro està culpado con todos.» (versão espanhola); «*Car je t'asseure que celuy qui cognoist ces choses, et ne les faicts pas, court vn danger beaucoup plus grand que celuy par ignorance.*» (versão francesa).

Assim sendo, podemos concluir que, tal como Herrera Maldonado, Bernard Figuiet se revela sensível a esta atitude deplorável e fiel aos seus textos de partida, o português e o espanhol, oscilando entre ambos, consoante os seus interesses e objetivos. No sentido de tornar o seu texto adequado ao seu público, procede, em simultâneo, às necessárias adequações linguístico-culturais.

Henry Cogan e os editores alemães Dietrich e Henrich Boom, por seu turno, revelam-se particularmente fiéis ao texto de partida francês, apesar, voltamos a referir, de, no caso alemão, tal se verificar de forma indireta: «[...] cegueyra, como piloto do inferno te traz a ty & a essoutros à concaua funda do lago da noite [...]» (versão portuguesa); «[...] ceguera vienes por las de la noche, navegando el lago de tu perdicion, como piloto infernal [...]» (versão espanhola); «[...] *damnable intention, avec laquelle dans les tenebres de ton aueuglement, comme un Pilote infernal, tu attires et toy Et ces autres dans l'abysme profond du lac de la nuict.*» (versão francesa); «[...] *damnable intention, wherewith out of the obscurity of thy blindness, like an infernal pilot, thou carriest both thy self, and these others, into the profound abism of the lake of night [...]*» (versão inglesa); «[...] *euer verfluchtes Vornehmen gnug bemerke/ als dadurch ihr/ in der Finsterniß eurer Verblendung/ wie ein höllischer Steuermann/ euch und diese andere in den tieffen Abgrund des Pfuls der Macht ziehet.*» (versão alemã). Relativamente à estilística da frase, verificam-se, essencialmente, mudanças interlinguais entre as versões: «[...] *que esperas que faça de ty a diuina justiça no derradeyro bocejo da vida? Muda [...]*» (versão portuguesa); «[...] *que esperas que haga en ti su diuina justicia, quando en tus vltimos dias fluctues com la muerte? Muda, muda [...]*» (versão espanhola); «[...] *qu'esperes-tu que sera de toy la diuine Justice au dernier souspir de ta vie? Change [...]*» (versão francesa); «[...] *thinkest thou, do with thee at the gasp of thy life? Change [...]*» (versão inglesa); «*Was meint ihr/ wie die Göttliche Gerechtigkeit/ im letzten Augenblick euers Lebens/ mit euch verfahren werde/ so ihr dieses böse Vornehmen vollbringet?*» (versão alemã). O mesmo acontece nesta passagem: «[...] *não deixou de acenar aos soldados q̄ continuassem co que tinhaõ entre as mãos, que era escolher a prata que se achaua nos caixões de mistura cos ossos dos finados...*» (versão portuguesa); «[...] *procurando primero hazernos señas a todos que continuássemos con la obra que teniamos entre manos, q̄ era escoger la mucha plata que en barras pequenas y grandes auia en aquellos caxones, ò ataudes, mezclada con los huessos de los muertos [...]*» (versão espanhola); «[...] *ne laissant pas pour cela de faire signe à ses soldats, de continuer ce qu'ils auoient desja comencé, qui estoit de prendre*

l'argent qu'ils trouuoient pesle-mesle parmy les ossemens des morts, dans les tombeaux qu'ils rompoient [...]» (versão francesa); «[...] not desisting for all that from making signes to his soldiers to persist as they had begun, that was to take the silver which was amongst the bones of the dead in the tombs, that they brake up;» (versão inglesa); «Solches täht er/ gebot aber interdes den seinigen/ im angefangenen Werk fortzufahren/ nemlich das Geld zu nehmen/ so sie unter den Todtenbelnern in den von ihnen auf gebrochenen Gräbern funden.» (versão alemã).

Finalmente, destacamos também este trecho onde se pode verificar, novamente, a proximidade entre os textos francês, inglês e alemão, por neles não se detetar a manutenção da expansão espanhola, o que se deve, principalmente, à opção de Figuiier, neste momento, de ser mais fiel à obra portuguesa: «[...] muyto mór perigo corre o que isto entende se faz màs obras, que o ignoráre sem ley aquém a falta do entendimento está desculpando cõ Deos & con mûdo.» (versão portuguesa); «[...] comete mayor culpa, ysuele correr mayor peligro, qui ã entende tã bien el como seha de saluar y com todo esto, dando tienda à sus antojos, no sigue en sus obras lo que entiẽde, que no el ignorante, y barbaro, que por no saber la ley no la guarda, ni la estima; porque el tal està desculpado cõ Dios, y con el mundo, quanto essotro està culpado con todos.» (versão espanhola); «*Car je t'asseure que celuy qui cognoist ces choses, et ne les faicts pas, court vn danger beaucoup plus grand que celuy par ignorance.*» (versão francesa); «For I be assured, that he who knows these things, and doth them not, runs a far greater danger, then he that sins through ignorance.» (versão inglesa); «Denn ich versichere euch/ derjenige/ der dieses weiß/ und nicht tuht/ stürzet sich in viel größere Gefahr/ als der/ so unwißend sündiget.» (versão alemã).

Enfim, se, inicialmente, António de Faria era visto pelo narrador como um herói, um ídolo, um hábil guerreiro e comerciante, a verdade é que o seu perfil sofre um declínio crescente, dado que as suas atitudes, os seus comportamentos e as suas decisões levam o autor a encontrar uma solução em que de herói passa a vilão e ladrão desprezível. Chegados a este ponto diegético, deparamo-nos com um António de Faria muito diferente e em nada exemplar em termos humanos e, em particular, religiosos. A crítica indireta, sistematicamente colocada na boca do Outro, prepara, gradualmente, o leitor para a sua degradação e decadência, na obra original e nas diversas traduções em análise.

No que toca ao final do capítulo LXXIX, com o naufrágio decisivo, dá-se o desfecho do momento narrativo referente a António de Faria. Este derradeiro incidente

constitui, enfim, a forma de resolver, em termos de mensagem, a dúvida acerca da posição do autor Fernão Mendes Pinto relativamente às atitudes negativas e condenáveis dos portugueses. Todo o percurso de António de Faria evidenciou um crescente progresso negativo e os constantes naufrágios prenunciavam um desenlace trágico para esta personagem central. Vejam-se os procedimentos tradutivos a que os tradutores recorrem após o seu desaparecimento:

«[...] cõ grande grita de Senhor Deos misericórdia, **nos saluamos dos vinte & cinco Portugueses que eramos os quatorze somente**, & os onze ficaraõ aly logo afogados cõ mais dezoito moços Christaõs, & sete Chins marinheyros, & esta desaventura socedeu hũa **segunda feyra cinco do mez de Agosto, do anno 1542 pelo qual nosso Senhor seja louuado pera sempre.**» - versão portuguesa, fólho 88

«Yuamos abraçados, y asidos vnos a otros, por entre las jarcias, y las aguas, **saluandonos de los veinte y cinco Portugueses, catorze solamête**, porque diez y ocho moços Christianos, y siete marineros Chinas, y onze Portugueses se hizieron pedaços entre las peñas de la playa Sucedió esta **triste** desuëtura, vnlunes **cinco de Agosto, dia infeliz, y triste, mas que para los muertos, para los que quedamos viuos, ansi por ser principio de los grades trabajos, é passamos, de é yo dirè adelante, como por auer perdido en el, vn Capitain tan valeroso, é verdadeiramente, dexãdo su poca fortuna, en que no igualó a los antiguos, tan celebrados, y famosos (mengua de su estrella infeliz) sue en lo de mas digno de cõ pararse cõ los mejores de la antigüedad passada, tan celebrados en las historias por sus famosos hechos: si biene s ansi, que la memoria de los suyos com su persona, quedò sepultada en mares enemigos, sin merecer jamas conocida sepultura, ni se por su desdicha, o por la poca consideracion, y discurso, com que a esta jornada dio principio, y echò de si el cossario Similau, que sabia los passos peligrosos de aquel parage: sempre damos escusa a nuestras fortunas, y causa a nuestras desgracias, siendo ansi, que pocas vezes la tienen de disposiciones humanas, de ordinário vacilã los discursos, culpando el fin de los sucessos, por la disposicion de los princíprios, siendo muchas vezes engano y todas lo cierto, é el diuino autor de la vida es solo, el señor é delinea las acciones de la nuestra embiando de su mano santissima los sucessos, que es seruida, alabada sea para sempre su grande omnipotencia.**» - versão espanhola, fólho 148

«Alors nous attachant les vns aux autres, criant à haute voix, *Seigneur Dieu misericorde*; **de vingt-cinq Portugais que nous estions, il n’y eust que quatorze de saueez**, tellement que les autres onze furent noyez auec dix huict valets Chrestiens, & sept Mariniers Chinois. Voila combien grand fut ce desastre qui arriua vn **Lundy cinquiesme Aoust, en l’année mil cinq cent quarante-deux**; dequoy Dieu soit loüe pour jamais.» - versão francesa, fólhos 361-362

«[...] the Waves rouled us towards a point of Rocks, that stood out into the Sea, where we were no sooner arrived but that all went to pieces, in so much that of **five and twenty Portugals, which we were, there were but fourteen saved**, the other eleven being drowned, together with eighteen Christiens Servants, and seven *Chinese* Mariners. This miserable disaster hapned on a **Monday, the fifth of August, in the year one thousand five hundred forty and two, for which the Lord be prayed ever lastingly.**» - versão inglesa, fólho 98

«Unterdes schloßen und hengten wir uns aneinander/ und riefen: LERR/ barmherziger GOTT! **Von fünf und zwanzig Portugiesen (so viel waren unser auf dem Schiff) kamen nicht mehr darvon/ als vierzehnen;** die anderen elf/ samt achzehnen Christenknechten/ und sieben Chinesischen Vootsgesellen/ ertrunken.» - versão alemã, fólio 136

Ao compararmos os trechos acima transcritos, percebemos de imediato profundas diferenças entre si. Começando, como habitualmente, pelo texto espanhol, nele verifica-se o recurso a uma considerável expansão textual que designaremos de «Desfecho da narrativa de António de Faria». O motivo pelo qual consideramos ser esta uma denominação adequada a essa expansão prende-se com o facto de nela Maldonado enfatizar não só as qualidades daquele capitão como também transmitir a ideia de que o castigo aplicado a António de Faria fora injusto, na ótica deste tradutor: «[...] vn Capitan tan valeroso, q̄ verdadeiramente, dexãdo su poca fortuna, en que no igualó a los antiguos, tan celebrados, y famosos (mengua de su estrella infeliz) sue en lo de mas digno de cõ pararse cõ los mejores de la antigüedad passada, tan celebrados en las historias por sus famosos hechos [...]» (versão espanhola). Essa mensagem é reforçada, igualmente, pela adjetivação acrescentada, nesta primeira tradução: «esta desaventura» (versão portuguesa); «esta triste desuẽtura» (versão espanhola). O tradutor espanhol termina este capítulo, enfatizando a onipotência divina: «[...] pelo qual nosso Senhor seja louuado pera sempre.» (versão portuguesa); «[...] el diuino autor de la vida es solo, el señor q̄ delinea las acciones de la nuestra embiando de su mano santissima los sucessos, que es seruida [...]» (versão espanhola). Verifica-se ainda aqui, invulgarmente, a supressão do ano em que tal naufrágio teve lugar, provavelmente por se ter referido esse ano anteriormente, evitando assim uma repetição de dados previamente facultados.

Bernard Figuier, pelo contrário, mantém-se fiel, ao nível literal, ao original português publicado em 1614, tal como se pode verificar acima. Este tradutor procede simplesmente a transformações interlinguais, personalizando o texto, adequando-o ao seu leitor e assegurando a sua boa receção, o que se tem revelado uma característica bastante frequente.

Henry Cogan, à semelhança do texto francês, revela-se particularmente próximo do original português, conservando a data completa e o ano expresso por extenso, tal como a sua fonte: «[...] segunda feyra cinco do mez de Agosto, do anno 1542 [...]» (versão portuguesa); «[...] vnlunes cinco de Agosto [...]» (versão espanhola); «Lundy cinquiesme Aoust, en l'année mil cinq cent quarate-deux;» (versão francesa); «Monday,

the fifth of *August*, in the year one thousand five hundred forty and two [...]» (versão inglesa). Os tradutores alemães, por seu turno, suprimem a data e a observação de caráter religioso: «[...] pelo qual nosso Senhor seja louuado pera sempre [...]» (versão portuguesa), atenuando, assim, a relevância atribuída a esse incidente, de forma a assegurar a boa recepção do seu texto.

Atendendo aos paralelismos apresentados e representativos deste momento narrativo relativo à ação de António de Faria, pode-se concluir que os vários tradutores procuraram manter a mensagem original, adotando, de um modo geral, os habituais processos transformadores implícitos às passagens do sistema linguístico e cultural português para os respetivos sistemas. Neste momento diegético, a crítica indireta é colocada na boca do Outro e, desse modo, Fernão Mendes Pinto parece condenar os portugueses por usarem o nome de Deus indiscriminadamente, não colocando em prática os seus ensinamentos. Enfatizamos, aqui, por um lado, a expansão espanhola intitulada de «Desfecho da narrativa de António de Faria» e, por outro, a breve supressão alemã.

Na verdade, com base nos vários procedimentos tradutivos adotados nas traduções, podemos concluir que, tal como (Fernão) Mendes Pinto, o autor e narrador, também os tradutores Bernard Figuiet, Henry Cogan, Henrich e Dietrich Boom, sob o nome de X., se evidenciaram próximos dos seus textos de partida no momento narrativo que diz respeito a António de Faria e ao seu destino. Quanto a Francisco de Herrera Maldonado, atrevemo-nos a postular que terá procurado ser fiel ao manuscrito original e o que o afastamento detetado no seu texto em relação à obra portuguesa se poderá dever à necessidade de satisfazer o seu público-leitor, o qual poderia ter ficado insatisfeito com o desenlace do texto português de 1614, atendendo ao seu gosto por narrativas caracterizadas pela aventura e pelo exotismo.

3.2.3. A China: Utopia e Deambulação do Sujeito Peregrinante

No capítulo XCII, pertencente à sequência «Travessia da China»²⁶⁹, segundo Maria Alzira Seixo, após o desaparecimento trágico, mas aparentemente merecido, de António de Faria, o narrador e os seus companheiros são aprisionados e dá-se início a uma longa caminhada, em território chinês, entendida como uma «punição divina», na opinião daquela autora. No entanto, o narrador, mais uma vez, mantém-se atento ao que o rodeia e mostra-se deslumbrado com as singularidades do império chinês, com Nanquim, com a «utopia social e política»²⁷⁰, e, ainda, com a «imposição estética e massiva dos sinais religiosos»²⁷¹ de Pequim. Tal como afirma Hernani Cidade:

«Ninguém, porém, nesta captação do pinturesco – ou em sua fantástica exageração – iguala a Fernão Mendes Pinto. Espelham-se em suas páginas todas as deslumbrantes magnificências dos palácios, todo o ouro em que são cozidos coruchéus e paredes de templos, todas as monstruosidades criadas pelo terror religioso, todo o movimentado cerimonial, pomposo como a linguagem, da vida oriental, mais do que nenhuma de exuberância barroca.»²⁷²

De facto, o narrador mostra-se particularmente impressionado perante a grandiosidade encontrada na China, por exemplo no que respeita a Nanquim e a Pequim. O modo do discurso que impera neste momento narrativo é a descrição, a qual é singularmente detalhada, demorada e extensa. Em contraste com essa realidade perfeita, uma verdadeira utopia, o narrador atravessa uma fase de remissão dos pecados, em resultado do castigo divino de que fora vítima, pedindo esmola, trabalhando como escravo, sendo aprisionado, acusado de vários crimes, entre eles, de roubo, e julgado continuamente ao longo da travessia por este território oriental, conforme exemplificamos a seguir:

«E tanto que foy menham nos fomos **pelo lugar pedindo de porta em porta**, onde tiramos quatro taeis de prata, com que depois remedeamos **algũas grandes necessidades em 4 nos vimos.**» - versão portuguesa, fólho 91

²⁶⁹ Seixo, Maria Alzira, «Rotas Semânticas e Narrativas da *Peregrinação*», in *O Discurso Literário da 'Peregrinação'*, Seixo, Maria Alzira e Christine Zurbach (org.), Ed. Cosmos, Lisboa, 1999, p. 201.

²⁷⁰ Seixo, Maria Alzira, «Rotas Semânticas e Narrativas da *Peregrinação*», in *O Discurso Literário da 'Peregrinação'*, Seixo, Maria Alzira e Christine Zurbach (org.), Ed. Cosmos, Lisboa, 1999, p. 202.

²⁷¹ Seixo, Maria Alzira, «Rotas Semânticas e Narrativas da *Peregrinação*», in *O Discurso Literário da 'Peregrinação'*, Seixo, Maria Alzira e Christine Zurbach (org.), Ed. Cosmos, Lisboa, 1999, p. 202.

²⁷² Cidade, Hernani, *A Literatura Portuguesa e a Expansão Ultramarina - As Ideias, os Factos, as Formas de Arte*, Arménio Amado, Editor, Sucessor, Coimbra, 1963, vol. I, p. 278.

«A la mañana corrimos **todo el lugar, pidiêdo de puerta en puerta**, y allegamos quatro taeles de plata, que despues nos remediard en **las grandes necesidades en que nos vimos, como se verà adelante.**» - versão espanhola, fôlio 153

«[...] le lendemain si tost qu'il fut jour nous nous en allasmes **mendicant de porte en porte dans la village**, où nous amassasmes quatre Tais en argent, avec lesquels nous remediâmes à **quelques necessitez qui nous pressoient grandement.**» - versão francesa, fôlio 374

«The next morning as soon as it was day, we went **up and down the street, begging from door to door**, and got four Tais in silver, wherewith we supplied **our most pressing necessities.**» - versão inglesa, fôlio 101

«Des folgenden Tages **bettelten wir im Dorf von Tühr zu Tühr**/ und brachten an Geld vier Tais zusammen/ welche wir zu **unserer höchsten Nohtdurst anwendeten.**» - versão alemã, fôlio 142

Do paralelo encontrado nas linhas acima, salientamos o elevado grau de fidelidade/literalidade expresso por todos os tradutores. Maldonado, como se tem vindo a verificar, utiliza uma ténue expansão frásica, suscitando a curiosidade do seu leitor: «como se verà adelante» (versão espanhola). Relativamente a esse procedimento tradutivo, podemos deduzir, ao analisarmos as versões francesa, inglesa e alemã, que Figuiet se terá baseado, novamente, no texto original e que as restantes traduções lhe terão, por sua vez, sido fiéis, apesar de, no caso alemão, se dar o recurso a uma certa compressão, típica desta edição em que a economia textual se revela uma retórica contínua, aliada ao estilo próprio dos tradutores em causa.

O narrador refere-se a «algũas grandes necessidades» (versão portuguesa), expressão que Maldonado altera para «las grandes necesidades» (versão espanhola), Bernard Figuiet para «quelques necessitez» (versão francesa), Cogan para «most pressing necessities» (versão inglesa) e Henrich e Dietrich Boom, por fim, para «höchsten Nohtdurst» (versão alemã), pequenas variações apenas decorrentes da relativa liberdade interpretativo-tradutiva de cada um deles.

Tanto o tradutor inglês como os editores e tradutores alemães se mostram plenamente próximos do original, aspeto visível na manutenção, por exemplo, da repetição: «[...] pelo lugar pedindo de porta em porta [...]» (versão portuguesa); «[...] todo el lugar, pidiêdo de puerta en puerta [...]» (versão espanhola); «[...] mendicant de porte en porte dans la village [...]» (versão francesa); «[...] begging from door to door [...]» (versão inglesa); «[...] im Dorf von Tühr zu Tühr [...]» (versão alemã).

De seguida, apresentamos uma passagem do capítulo português LXXXIII em que um velho fidalgo que estava doente solicita, a pedido das suas filhas, ao narrador e

aos seus companheiros que os entretenham, comendo diante de si. Tal pedido torna perceptível a inferioridade civilizacional dos portugueses em relação aos chineses, pois o facto de em Portugal se comer com as mãos surpreende visivelmente aquele povo. Tratava-se, verdadeiramente, de uma prática nunca antes vista naquelas paragens:

«[...] rogote que te fique na memoria para que saibas conhecer & agradecer a Deos com lhes dares muytas graças o pay que te deu, que por se escusar daqueles trabalhos, & de outros muytos que há pelo mundo regrangeou com sua vida, & saber as milhores tres cousas deste anchacilado, que a menor de cada hũa dellas **val mais de cem mil taeis**, mas tu és tal q̄ tomaras antes matar hũa lebre que tudo isto, a que elle não respondeo mais que **sorrirse para as irmãs. Então nos fez aly trazer de comer perãte sy**, & nos mãdou que comessemos, o que nós fizemos de muyto boa vôtade, & elle, por ser doente & enfastiado mostrou que folgaua de nos ver comer. Porem as que mais gosto mostrarão disto forão as irmãs suas filhas, porque em quanto comemos tiuerão muytos passatempos de bõs ditos com seu irmão quando virão q̄ comíamos com as maõs, **porque em todo aquelle imperio Chim se não costuma comer com a mão**, como nõs fazemos, senão com **dous paos feitos como fusos**.» - versão portuguesa, fólho 93

«Ruegote mucho, que te queden muy en la memoria sus contraries sucessos, y desuenturas, para que dellos saques conocimiento, y estimacion de tu mucha dicha, y agradezcas á Dios, com darle continuamente muchas gracias, el padre que fue seruido de dar-te, que escusarte de semejantes trabajos, y de otras mayores miserias, que ay por el mundo, te há grangeado com su vida, y su buen discurso, las mejores tres cosas desta tierra, que la menos importante de todas **vale mas de cien mil taeles**: pero tu eres tal, q̄ estimas en mas matar vna liebre, q̄ todas las riquezas de q̄ has de ser señor. A lo qual el mãcebo no respondiò, mas q̄ com **mirar a las hermanas, y reyrse. Mãdò su padre que alli delãte del nos truxessen de comer**: porque gustaria de vernos. Truxerõlo, y bastantemente, y comimos de tan buena voluntad, como el nos via, que era de muy buena: porq̄ como estaua desgano de comre, gustaua ver hombres q̄ tâbiẽ lo haziã pero tal necessidade lleuauamos (**no es nada cortesana la hãbre**) las q̄ mas gustauã de vernos erã las dos hermanas: porq̄ miẽtras comíamos tuierõ grande entretenimento, y dixerõ muy agudos dichos ellas, y el hermano, y **mas quando vierõ q̄ comiamos cõ las manos (de q̄ todos se admirarõ mucho) porq̄ en todo el imperio de la China, no acostũbrã á tocar lo que comen cõ ellas, sino cõ vnos palilos como vsos, cõ que cogen lo q̄ lian de llevar à la boca**.» - versão espanhola, fólhos 156-157

«C'est à toy à imprimer bien auant leurs paroles dans ta memoire, afin que tu sçaches cognoistre Dieu, & luy render graces de ce qu'il t'a donné vn pere, qui pour t'exempter des trauaux & des necessitez de la vie, t'a espargné les trois plus belles choses de cette contrée, dont la moindre **vaut plus de cent mille Taeis**; mais tu es d'vne humeur plus propre à t'amuser à tuer vn livre, qu'à retenir ce que je te dis. A cela le jeune homme ne fist point d'autre response, finon qu'il semist à **sous-rire, en regardant ses deux soeurs. Cependant le malade nous fist apporter des viures deuant luy, & nous comanda d'en manger**. Ce que nous fismes trevolontiers, à quoy il prist vn merueilleux plaisir pour estre fort desgousté à cause de sa maladie. **Mais ses jeunes filles en prirent bien dauantage, & ne cesserent de railler avec leur frere quando eles virent que nous mangions avec les mains; car cette coustume ne s'observe point dans tout l'Empire de la Chine, où les habitans prenant leur repas se portent la viande à la bouche avec deux petits bastons faits en façon de fuseaux**.» - versão francesa, fólho 380

«It were good for thee to imprint it well in thy memory, to the end it may teach thee to know God better, and give him thanks for that he hath given thee a Father, who to exempt thee from the labours and necessities of this life hath parted with three of the goodliest things in this Country, whereof the least is **worth above a hundred thousand Taeis**, and bestowed them on thee, but thou art of a humour more inclined to hunt a Hare, then to retain this which I now tell thee; The young Gentleman made no reply, but **smiling looked upon his Sisters. Then the old man caused meat to be brought unto us before him, and commanded us to fall to it**, as we most willingly did, whereat he took great pleasure, in regard his stomack was quite gone with his sickness, but **his young daughters much more, who with their brother did nothing but laugh to see us feed our selves with our hands, for that is contrary to the custome which is observed throughout the whole Empire of China, where the inhabitants at their meat carry it to their mouthes with little sticks made like a pair of Cizers [...]**» - versão inglesa, fólio 103

«Der alte Mann/ dem seine Krankheit großen Berdruß brachte/ kinte dennoch nicht ablaßen/ uns vielen Dingen zu befragen. Wir antworteten nach Nohtdurst/ und erzehlen ihm/ wie und wo wir Schiffbruch gelitten hätten/ wie viel der unsern umkommen/ und wie wir/ also verirzt/ die Welt durch lieffen/ unweißend/ wo wir bleiben solten. Er nahm hieraus Gelegenheit/ seinem Sohn einige Lehren und Unterweifungen zu geben/ der hieraus **seine Schwestern ansahe und lachte**. Der Kranke hatte unterdeßen Speise bringen laßen/ und nöhtigte uns/ zu eßen das wir gern tähten. Er schöpfte daraus ein großes wohlgefallen/ **aber seine Töchter noch viel ein größeres/ die mit ihrem Bruder lachten/ als sie uns mit den Händen eßen sahen; dann diese Gewohnheit haben die Einwohner in China nicht/ sondern gebrauchen kleine Steklein/ mit denen sie die Speisen zum Munde bringen.**» - versão alemã, fólio 145

Pela análise comparativa dos cinco excertos acima transcritos, é possível determinar algumas inter-relações de proximidade óbvia entre a obra portuguesa e a espanhola, por um lado, entre a obra portuguesa e a francesa, por outro, e, ainda, entre a francesa, a inglesa e a alemã (indiretamente): «[...] senão com dous paos feitos como fusos.» (versão portuguesa); «[...] sino cõ vnos palilos como vsos, cõ que cogen lo q lian de lleuar à la boca.» (versão espanhola); «[...] se portent la viande à la bouche avec deux petits bastons faicts en façon de fuseaux.» (versão francesa); «[...] carry it to their mouthes with little sticks made like a pair of Cizers[...]» (versão inglesa) e «[...] gebrauchen kleine Steklein/ mit denen sie die Speisen zum Munde bringen.» (versão alemã).

O tradutor inglês demonstra-se, no excerto acima transcrito, significativamente fiel à sua fonte, tal como habitualmente. Note-se, ainda assim, a opção de Henry Cogan alterar subtilmente a frase, de forma a destacar a diferença civilizacional entre os dois povos através da utilização do termo «contrary»: «[...] porque em todo aquelle imperio Chim se não costuma comer com a mão [...]» (versão portuguesa); «[...] for that is contrary to the custome which is observed throughout the whole Empire of China [...]» (versão inglesa). Para além disso, o tradutor procede às adequações inerentes à

passagem de um sistema linguístico para outro, respeitando também os recursos expressivos encontrados no texto português, ou antes, na tradução francesa: «[...] dous paos feitos como fusos.» (versão portuguesa); «[...] deux petits bastons faicts en façon de fuseaux.» (versão francesa); «[...] with little sticks made like a pair of Cizers [...]» (versão inglesa).

Os tradutores alemães, à semelhança do inglês, traduzem literalmente esta passagem, não se revelando aqui tradutores-criadores. No texto alemão, verificamos que a questão retórica tem menos relevo, dado que os tradutores suprimem a comparação que tem a finalidade de auxiliar o leitor a imaginar o formato daqueles pequenos utensílios usados pelos chineses para comer e contrariamente ao que acontece nos textos espanhol, francês e inglês: «[...] dous paos feitos como fusos.» (versão portuguesa); «[...] kleine Steklein/ mit denen sie die Speisen zum Munde bringen.» (versão alemã).

Relativamente ao capítulo XCII, em que se dá a conhecer a origem e a fundação do império chinês, o narrador adota também o modo do discurso descritivo, o qual é acompanhado pela retórica da auto-censura rececional.

Quanto às informações geográficas contidas nos excertos abaixo apresentados, tal como dito atrás, recorde-se que terão sido determinantes para a promoção da realização destas e de outras traduções subsequentes. Nesta passagem, o narrador faculta ao seu leitor indicações relacionadas com o clima, a localização geográfica, a arquitetura e a história chinesas:

«[...] mil picos de prata, **& nos contarão mais outras particularidades curiosas de ouuir, que não escreuo por me temer que poderey ser proluxo.** Daquy nos partimos já quasi solposto, & fomos ao outro dia à véspera surgir entre duas cidades pequenas defronte hũ da outra pouco mais de hum quarto de legoa, que era a distancia da largura do rio, hũa por nome Pacão, & outra Nacau, & ambas de pequenas em fora, muyto nobres & bem cercadas de lagias de cantaria muyto largas e fortes. Tinho **muytas casas de pagodes cozidas em ouro, com muytas inuensões de grimpas & curucheos de muyto custo & riqueza; que era cousa assaz fermosa & agradauel para ver.** [...] a origem & fundamento deste imperio Chim, já que **os escritores antigos atègora não derão nenhũa razão disto.** Leese na **primeyra Chronica das oitenta dos Reys da China** no capitulo treze, a qual eu ouuy muytas vezes lèr, que despois do diluio seiscentos & trinta & noue anos auia hũa terra que então se chamaua Guantipocau, **a qual, segundo parece pela altura do clima em q̄ está, deue de estar em sessenta & dous grãos da banda do Norte, & jaz nas costas da nossa Alemanha.** Nesta terra **viuia naquelle tempo hũ príncipe de senhorio & estado pequeno por nome Turbão** [...]» - versão portuguesa, fólho 103

«[...] cinco mil picos de plata. De esta sierra, y de su grandeza, y tesoro, **nos contaron los naturales muchas curiosas particularidades, las quales no digo yo en esta historia por no parecer prolijo, y faltar a la breuedad, que he prometido.** De aquel

lugar de Leuimpau, partimos vn dia quando se ponía el Sol, y desde el fuymos la primera tarde a surgir entre dos pequenas ciudades, que en las dos riberas del rio estauã edificadas fronteiro vna de outra, distantes entre si vn quarto de légua, que era lo que el río tenia por alli de ancho. La vna se llamaua Pacam, y la outra Nacau, ambas pequenas: pero cercadas de vn alto muro de fuerte canterias; velante en vna, y outra, **muchos y muy suntuosos tēplos de diferentes ídolos, com muchos chapiteles, y beletas dorados, y cõ florones, brutescos, y mosaycos, de mucha costa, y riqueza, q̄ parecian desde aparte notabemēte biẽ.** [...] el origen, y principio deste grande imperio de la China, ya que **hasta aora ningun escritor de los nuestros, antiguo, ni moderno a dado razon cierta de cosa tan grande.** // Leese pues en **la primera Cronica, de las ochenta que tienen aquellos gentiles de los Reys de la China,** en el capitulo treze (la qual como digo leiyo, y ohi ler muchas vezes) q̄ despues del general diluuiio, seiscientos y treinta y nueue años, se descubrio vna tierra, que en aq̄lla antigüedad se llamaua Guantipocau: **la qual segun parece por la altura del clima, en que està aora, deue de ser en sessenta y dos grados de aquella bãda del Norte, casi a las espaldas de nuestra Alemania. En esta tierra que digo viuia por aquellos tempos vn principe llamado Turbam [...]**» - versão espanhola, fólíos 174-175

«[...] cinq mille Picos. **Sur quoy nous furent racõtées plusieurs autres particularitez fort curieuses que je n'escriis point icy pour eüter la prolixité.** Nous partismes de ce lieu presqu'à Soleil couché, & arriuasmes le lendemain sur le soir entre deux petites villes, tans seulement estoignées d'ensemble d'vn quart de lieuë, qui est la largeur de la riuiera. L'vne se nommoit Pacano, l'autre Nacau; & encore que toutes deux fussent petites, ells estoient neantmoins fort belles & bien murées d'vne belle grande pierre de taille, joint qu'il y auoit force **Temples qu'ils nomment Pagodes, tous dorez avec quantité d'inuentions de clochers, & de giroüettes fort riches & de grande despence; chose assez belle & agreeable à voir.** [...] l'origine & le fondement de cet Empire de la Chine, dequoy les anciens Escriuains n'ont rendu aucune raison jusques à maintenant. Il est escrit en **la premiere Chronique des huictante qui ont esté faictes des Roys de la Chine,** chapitre treiziesme, comme je l'ay ouy dire plusieurs fois, Que six cent trente neuf ans apres le deluge il y eut vn pays qui s'appelloit alors *Guantipocau*, **lequel, à ce qu'on en peut juger par la hauteur du climat où il est situé, doit estre à soixante-deux degrez du costé du Nord, & aboutit derriere nostre Allemagne. En ce pays viuoit en ce temps là vn Prince appellé Turbano [...]**» - versão francesa, fólíos 421-422

«[...] thousand *Picos*; This place we left about Sun-set, and the next day in the evening we arrived just between two little Towns, that flood opposite one to another, the River onely between, the one named Pacau, and the other Nacau, wich although they were little, yet were they fairly built, and well walled with great hewed stone, having a number of **Temples, which they call Pagods, all guilt over, and enriched with [breeples and Fanes] of great price, very pleasing and agreeable to the eye.** [...] one may come to know the Original and Foundation of this Empire of China, whereof ancient Writers have spoken little till this present. It is written in **the first Chronicle, of fourscore which have been made of the Kings of China,** the thirteenth Chapter, as I have heard it many times delivered, That six hundred thirty years, after the Deluge there was a country called then *Guantipocau*, **which as may be judged by the height of the Climate where it is featured, being in sixty two degrees to the Northward, abutts on the backside of our Germany; In this Country lived at that time a Prince, named Turbano [...]**» - versão inglesa, fólíio 114

«[...] ungefähr fünf tausend Picos heimfallen. Auch erzehlten sie viel andre dinge/ welche ich/ gellebter kürze wegen/ mit stillschweigen übergehe. Wir fuhren von Lequinpau wieder ab mit Sonnen Untergang und kamen auf den Abend des folgenden Tages zwischen zwey kleine und nur eine viertel Meil von einander entschiedene/

Stätte/ welches auch die Breite ist des daselbst befindlichen Flußes. Eine von denselben führte den Nahmen Pacan; die andere heiß Nacau. Sie waren zwar klein/ jedoch lustig/ und mit einer starken Mauer von gehauenen Steinen umgeben. Wir sahen auch **viel Kirchen/ ganz vergüldet/ mit vielen wunderbahren Glocken Thürnen/ und Wetterhahnen.**[...] Man lieset/ wie ich oftermals gehört/ im dreyzehenden Haupt Teihl **des ersten Buchs der achtig Beit Bücher/ von den Königen in China geschrieben/** was maßen sechshundert und neun und dreißig Jahr nach der Sündflut/ in einem Land/ Guantipocau **genant/ ein Fürst gelebt/ nahmens Turbano** [...]» - versão alemã, fólho 161

No que diz respeito à *Crónica dos oitenta Reis da China*, todos os tradutores demonstram-se curiosos e atentos, traduzindo de forma consideravelmente rigorosa o texto de Fernão Mendes Pinto. O tradutor espanhol, neste excerto, recorre, de novo, a expansões frásicas relativas à retórica da auto-censura e da economia. Maldonado revela-se preocupado com a clareza do discurso, aspeto notório no recurso às expansões frásicas, efetuando, em unísono, as necessárias adequações linguísticas e culturais. O tradutor francês, por sua vez, volta a mostrar um maior grau de fidelidade em relação ao texto português do que em relação à tradução espanhola, o que se pode perceber pela não utilização da expressão de Maldonado: «y faltar a la breuedad, que he prometido».

Neste momento narrativo, e conforme se pode verificar no extrato inglês acima apresentado, contido no capítulo XXIX desta versão, verifica-se uma fidelidade notória em relação ao texto de Figuiet ou à mensagem da obra portuguesa, conforme se pode constatar a seguir: «[...] a qual, segundo parece pela altura do clima em q̄ está, deue de estar em sessenta & dous grãos da banda do Norte, & jaz nas costas da nossa Alemanha. Nesta terra viuia naquelle tempo hũ príncipe de senhorio & estado pequeno por nome Turbão[...]» (versão portuguesa); «[...] la qual segun parece por la altura del clima, en que està aora, deue de ser en sessenta y dos grados de aquella bãda del Norte, casi a las espaldas de nuestra Alemania. En esta tierra que digo viuia por aquellos tempos vn príncipe llamado Turbam [...]» (versão espanhola); «[...] lequel, à ce qu'on en peut juger par la hauteur du climat où il est situè, doit estre à soixante-deux degrez du costé du Nord, & aboutit derriere nostre Allemagne. En ce pays viuoit en ce temps là vn Prince appellé Turbano [...]» (versão francesa); «[...] which as may be judged by the height of the Climate where it is featured, being in sixty two degrees to the Northward, abutts on the backside of our Germany; In this Country lived at that time a Prince, named *Turbano* [...]» (versão inglesa); «[...] genant/ ein Fürst gelebt/ nahmens Turbano [...]» (versão alemã). O mesmo não se poderá afirmar no que diz respeito ao texto traduzido alemão, em que o capítulo 26 contém o capítulo XCII do original

português. Os editores alemães recorrem a uma supressão da referência à «Alemanha» (versão portuguesa); «Alemania» (versão espanhola); «Allemagne» (versão francesa) e «Germany» (versão inglesa), o que poderá significar que o termo em questão não se referia ao país europeu, Alemanha, mas sim a uma zona geográfica, sendo estes tradutores os mais aptos a interpretar tal termo. Várias são as adaptações e modificações encontradas neste momento diegético, no texto alemão, em conjunto com as anteriores pontuais compressões, supressões e ténues expansões frásicas que apenas parecem contribuir para a clareza textual. Por um lado, encontramos as compressões de extensas descrições e as supressões de alguns comentários ou de determinados pormenores relativos ao percurso dos portugueses ou aos lugares por onde passavam. Por outro lado, verifica-se que os tradutores incluíram expressões clarificadoras do discurso, atendendo à relevância das informações em causa, tal como se vê nos paralelismos reproduzidos. Os tradutores espanhol, francês e inglês parecem procurar conservar as informações relativas à localização geográfica daquele país, as quais eram uma garantia de que os seus leitores iriam ver as suas expectativas correspondidas. Os procedimentos tradutológicos aqui detetados são, essencialmente, os interlinguais.

A constante preocupação com a questão cultural e com a plena compreensão da mensagem percorrem as páginas das quatro traduções em estudo. No seguinte paralelismo, veja-se o trabalho tradutivo acerca da expressão: «Pilaunera, que em nossa lingoagem quer dizer, colheyta de pobres» (versão portuguesa), em que Figuiier imprime um cunho pessoal, o qual influencia os textos inglês e alemão:

«[...] **Pilaunera, que em nossa lingoagem quer dizer, colheyta de pobres**, com tẽçaõ de acabar aly a vida cultivado a terra, & sustentandose co trabalho dos seus, porque daly para baixo, **segũdo se lè no mesmo capitulo**, não era a terra inda então pouada de gente nenhũa. Auendo já cinco annos [...]» - versão portuguesa, fólho 104

«[...] **Pilaunera, que en nuestra lẽgua quiere dezir refugio de pobres**, se hizo fuerte, com intencion de passar alli la vida, ella y los que la acompañaron, sustentando-se del trabajo de sus manos, labrando, y cultiando la tierra, sin atreuerse a passar mas adelante, porq̃ desde aq̃lla isla àzia abaxo **segũ se dize en la misma Cronica, y capitulo**, era entõces tierra inhabitable, por ser aq̃lla isla lo ultimo, q̃ por aq̃llos dias estaua descubierto, auia ya cinco años [...]» - versão espanhola, fólho 176

«**Pilaunere, qui signifie, Retraite des pauures**, en intention d'y acheuer le reste de ses jours, à cultiuer la terre & de sy nourrir du trauail des fiés, pourceque, **cõme il est rapporté dans le mesme Chapitre**, ce lieu n'estoit encore habité d'aucunes personnes. Or d'autât qu'il y auoit desja cinq ans [...]» - versão francesa, fólho 424

«[...] **Pilaunere, that signifies, The retrait of the poor**, with an intent there to end the rest of her days; now having lived five years [...]» - versão inglesa, fólho 115

«[...] **Pilaunere, oder/ zuflucht der Armen/** nennete; beschlosse auch/ nach meldung der Historien/ auf solchem unbewohnten Land ihr Leben zu zu bringen/ und sich mit dem Land Bau/ und Arbeit ihrer Hände zu nehmen. **Unterdeßen befürchtete sich der Tyrann Silau, zu dem das Volk gar keine zuneigung hatte/ es möchten ihn die drey junge Fürsten/ bey heranwachsenden Jahren/ entweder aus seiner Herrschaft gar vertreiben/ oder ihm doch zum wenigsten einen Poßen und etwas zu schaffen machen:** Standte demnach/ nach fünf Jahren [...]» - versão alemã, fólio 162

Henry Cogan utiliza uma expressão idiomática equivalente à francesa, mostrando-se fiel/literal e garantindo, assim, a correta interpretação pelo seu público-leitor. Henrich e Dietrich Boom procedem, igualmente, à substituição daquela expressão idiomática e conservando o texto original a par das naturais adequações linguísticas: «Pilaunera, que em nossa lingoagem quer dizer, colheyta de pobres» (versão portuguesa); «Pilaunera, que en nuestra lëgua quiere dezir refugio de pobres» (versão espanhola); «Pilaunere, qui signifie, *Retraite des pauures*» (versão francesa); «*Pilaunere, that signifies, The retrait of the poor*» (versão inglesa); «Pilaunere, oder/ zuflucht der Armen» (versão alemã). Note-se que estes tradutores recorrem, neste ponto, a uma supressão, talvez por questões de economia narrativa e pelo interesse do assunto em causa. Um outro traço particular da tradução alemã é o de, neste momento, contrariamente às habituais supressões e compressões, os editores terem adotado uma expansão, possivelmente de origem neerlandesa.

Em segundo lugar, neste paralelo, note-se que apenas os tradutores espanhol e francês traduzem as referências específicas ao capítulo/crónica: «[...] següdo se lê no mesmo capitulo [...]» (versão portuguesa); «[...] segü se dice en la misma Coronica [...]» (versão espanhola); «[...] cõme il est rapporté dans le mesme Chapitre [...]» (versão francesa). Na realidade, Maldonado manifesta-se, neste extrato, nitidamente atento, utilizando as breves expansões para tornar o seu texto mais rico e eficiente, referindo-se à «Coronica, y capitulo» em que o assunto em causa era tratado, inculcando verosimilhança ao relato e assegurando uma boa receção no seu contexto de chegada. Quanto ao tradutor francês, a proximidade do seu texto com o original português volta a fazer-se sentir, por exemplo, pela referência ao capítulo e não à crónica e ao capítulo.

No capítulo XCIII, do qual foi retirado o seguinte excerto português, note-se o discurso invulgar para um menino de sete anos de idade chamado Silau, tal como um tirano muito temido. Neste momento, os tradutores espanhol, francês e inglês revelam-se, novamente, muito fiéis/literais, enquanto que os editores alemães se revelam tenuemente mais originais:

CAP. XCII: «[...] com a **abstinencia da carne ficasse o espírito pronto com Deos.**»; CAP. XCIII: «Passado o termo destes tres dias em que continuarão sua penitência, lançarão as sortes por cinco vezes, & todas cinco cayrão num minino de sete anos, que se chamaua Silau como o tyranno de quem se temião, de que todos ficarão muyto confusos & tristes, por se afirmar que não auia outro do mesmo nome em todo o arrayal. E depois de fazerem seus sacrificios com todas suas cerimónias costumadas de tangeres & fumos cheyrosos a modo de darê graças a Deos, mandarão ao menino que levantasse as mãos ao Ceo, & dissesse o que lhe parecia no remedio daquele aperto & grande trabalho em que estauão. A que o menino pondo os olhos na Nancaa dizem que disse. Agora que com aflicção & angustia triste, ó miserauel & fraca molher estàs mais atribulada & confusa no pouco remedio que o entendimento humano te está representando, & te sometes cõ humildes suspiros debaixo da mão do alto Senhor, tira, tira, tira, ou quando não, trabalha por tirares teu coração dos fumos da terra, pregãdo de verdade teus olhos no Ceo, & nelle verás quanto pode a oração do inocente & atribulado diante da justiça do q̄ te criou, porq̄ **na hora q̄ com humildes suspiros lhe manifestaste a tua fraqueza & pouco poder, logo de cima te foy concedida a vitória do tyrão Silau** [...]» - versão portuguesa, fólhos 104-105

CAP. XCII: «[...] **con tan grande abstinência, quedasse el espíritu mas puro, santo y pronto para com Dios.**»; CAP. XCIII: «Passados aquellos tres dias en que toda la gente de la isla de la Pilaunera, por el decreto general que he dicho, hizieron tan áspera penitencia, echaron fuertes cinco vezes, para saber, quien auia de dar su parecer en el particular de su defensa, y todas cayeron en vn niño de siete años, llamado Silau, como el tirano que queria destruirlos, y tenia vsurpado el Reyno à la Nancaa, y a sus hijos. Quedaron de esse sucesso tristes y confusos, y mucho mas, quando aueriguaron, que en toda aquella nuchedunbre no auia quiẽ del nombre de aquel niño se llamasse. Hizieron de mucho sacrificios à su modo, con muchas musicas, y perfumes olorosos, en hazimiento de gracias por la eleccion, y disposicion de los dioses; y mandando al niño electo, que levantasse las manos al cielo, le pidieron, que dixesse el remedio, que á el le parecia mas seguro, para que todos saliessen de afliccion tamaña, y de tan gran trabajo: y el niño Silau, poniendo los ojos en la Nãcaa, escriuen aquellas historias que dixo estas palabras. Aora, que con afliccion, y angustia, o flaca, y miserable muger, estas mas confusa, triste, y atribulada, viendo el poco remedio, que las traças del entendimento humano (ya rendido) tẽ da, y ofrece y aora que te rindes, y pones com humildes oraciones, y suspiros, en la mano poderosa del Señor Altissimo, aparta, aparta tu coração, forzando-te à apartarle quãto pudieres, de los humos de la tierra, poniendo cõ fé y esperança tus ojos en el cielo, y allí veras lo que puede el coração del inocente atribulado, y perseguido; lo que alcança el solo, y triste delante de la suma justiça del Señor que te crio: **porque en misma hora que te manifestaste con humildes suspiros tu flaqueza, tu poco poder, y tu desampara, luego desde lo alto de su omnipotência te fue concedida la victoria, contra el tirano Silau** [...]» - versão espanhola, fólhos 176-177

CHAP. XCII: «[...] **cette abstinence du corps l'esprit fust porte d'une plus grande attention enuers Dieu.**»; CHAP. XCIII: «Les trois jours de cette abstinence estant passez, l'on jetta cinq fois le sort, & tout les cinq tomberent sur vn petit garcon aagé de sept ans, qui s'appelloit Silau comme le Tyran qu'ils redoutoient. Ils demeurerent tous cõfus & tristes, pour estre affeurez qu'en toute leur armée il n'y en auoit pas vn autre de mesme nom. Apres qu'ils eurent fait leurs sacrifices avec toutes les ceremonies accoustumées, de musique, parfums & sêteurs odoriferantes pour rendre graces à Dieu, ils commanderent au petit garçon de leuer les mains vers le Ciel, & dire ce qui luy sembloit estre necessaire pour remedier à vne affliction si grande que celle où ils estoient. Sur quoy le petit garçon Silau regardant Nancaa, les histoires font foy qu'ils

luy dist ces paroles: *O foible et miserables femme, maintenant que la tristesse et l'affliction te rendent plus troublée et plus confuse que jamais, pour le peu de remede que l'entendement humain te represente, sousmets toy par humbles souspirs à la puissante main du Seigneur: Esloigne donc, ou à tout le moins tasche d'esloigner ton coeur des vanitez de la terre, esleuant avec foy et esperance tes yeux en haut, et tu verras ce que peut le coeur d'un innocent affligé et pour [suiuy] deuaât la Iustice de celui qui t'a creée. Car dès l'heure qu'en toute humilité tu as declare au Tout puissant ton foible pouuoir, incontinent du haut des Cieux la victorie t'a esté donnée sur le Tyran Silau [...]*» - versão francesa, fólhos 425/426

CHAP. XXIX: «[...] **this abstinence of the body, the Spirit might be carried with the greater attention towards God.** // The three days abstinence being expired, lots were cast five times one after another, and all those five times the lot fell still on a little Boy of seven years of age, named as the Tyrant was Silau, whereat they were all exceedingly amazed, in regard that in the whole Troop there was not another of this same name: After that they had made their Sacrifices with all the accustomed Ceremonies of Musick, Perfumes, and sweet Odours, to render thanks unto God, they commanded the little Boy to lift up his hands unto Heaven, and then to say what he thought was necessary for the remedying of so great an affliction, as that wherein they were; whereupon the little Boy Silau beholding Nancaa, the History affirms he said these words: *O feeble and wretched woman, now that sorrow and affliction makes thee more troubled and perplexed then ever thou art, in regard of the small relief that humane understanding doth represent unto thee,* subrait, thy self with humble sight to the omnipotent hand of the Lord; Esloign then, or at least wife labour to esloign thy mind from the vanities of the earth, lifting up thine eyes with Faith and Hope, and thou shalt see what the prayers of an innocent, afflicted and pursued before the justice of him that hath created thee, can do; **For as soon as in all humility thou hast declared the weakness of thy power unto the Almighty, victory will inconsistently be given thee from above over the Tyrant Silau [...]**» - versão inglesa, fólho 115

Cap. 26: «[...] **den daßelbe treffen würde/ freimütig und ohne alle furcht anzeigen das/ was ihm Gott eingäbe.** Sie nahmen hierzu dren Tage zeit/ welche sie mit Fasten/ Thränen und Heulen zubrachten/ und den Mächtigen Herzn/ in deßen Hand das begehrte Hülff Mittel stund/ um Rettung und Benstand überlaut am teffen. Nanca ließe auch ben Lebens Straffe verbieten/ es solte niemand in dren Tagen mehr als einmal eßen/ damit durch silches fasten der Geist mit desto größerer Andacht zu GOTT möchte gezogen werden. Nach Bollendung dieser dren Fast Tage/ warff man das loß fünfmahl/ und fiel allezeit auf einen kleinen Jungen von sieben Jahren Silau genant; so eben der Nahm des Thrannen war/ für dem sie sich fürchteten. Sie wurden hierüber alle bestürzt und sehr traurig die weil sie wusten/ wie außer diesem Knaben nicht ein einiger mehr unter ihnen dieses Nahmens zu finden. Nichts desto weniger brachten sie GOTT ihre gewöhnliche Opfer mit Gefängen und wohlriechenden Kräutern/ und befahlen [folgendsem] kleinen Jungen/ die Hände gen Himmel aufzu heben/ und anzuzeigen/ wie sie sich in so großer Noht und in so elendem betrübten Zustand verhalten solten. **Die Histori meldet ferner/ der kleine Knab Silau habe hieraus Nanca angesehen/ und sie mit diesen Worten angeredet [...]**» - versão alemã, fólhos 162-163

Relativamente à majestade da China, aos seus costumes e às suas cerimónias, note-se, com referências a Deus, os tradutores manifestam-se particularmente literais, ainda que mediante estilos seus característicos. Maldonado adiciona adjetivos, aquando da referência ao espírito. O tradutor francês revela-se fiel, tal como habitualmente, recorrendo apenas a uma expansão mais notória, na forma de paráfrase explicativa que

se destaca de seguida e que demonstra a relação entre esta tradução e as versões inglesa, de forma, provavelmente, direta, e alemã, de modo indireto. Veja-se, pois, a breve expansão frásica mantida por Cogan relativamente à ascensão do espírito, no seu capítulo XXIX. A ascensão do espírito revela-se também uma preocupação dos tradutores alemães, situação compreensível no contexto religioso europeu da época, já que também eles conservam a expansão frásica encontrada no seu texto de partida, como se disse atrás, com as naturais modificações linguísticas, para enfatizar a importância deste aspeto: «[...] com a abstinencia da carne ficasse o espírito pronto com Deos.» (versão portuguesa); «[...] con tan grande abstinencia, quedasse el espíritu mas puro, santo y pronto para com Dios.» (versão espanhola); «[...] cette abstinence du corps l'esprit fust porte d'une plus grande attention envers Dieu.» (versão francesa); «[...] this abstinence of the body, the Spirit might be carried with the greater attention towards God.» (versão inglesa); «[...] den daßelbe treffen würde/ freimütig und ohne alle furcht anzeigen das/ was ihm Gott eingäbe.» (versão alemã).

Quanto ao discurso do menino, todos os tradutores procuram reproduzi-lo integral e literalmente, à exceção dos editores alemães que o abreviam ligeiramente, conforme reproduzimos abaixo: «[...] na hora q com humildes suspiros lhe manifestaste a tua fraqueza & pouco poder, logo de cima te foy concedida a vitoria do tyrão Silau [...]» (versão portuguesa); «[...] porque en misma hora que te manifestaste con humildes suspiros tu flaqueza, tu poco poder, y tu desampara, luego desde lo alto de su omnipotencia te fue concedida la vitoria, contra el tirano Silau [...]» (versão espanhola); «[...] Car dès l'heure qu'en toute humilité tu as declare au Tout puissant ton foible pouuoir, incontinent du haut des Cieux la victorie t'a esté donnée sur le Tyran Silau [...]» (versão francesa); «For as soon as in all humility thou hast declared the weakness of thy power unto the Almighty, victory will inconsistently be given thee from above over the Tyrant Silau [...]» (versão inglesa); «Die Histori meldet ferner/ der kleine Knab Silau habe hieraus Nanca angesehen/ und sie mit diesen Worten angeredet [...]» (versão alemã).

Veja-se, a seguir, a passagem em que o narrador descreve o império chinês, utilizando diversas enumerações e recorrendo à adjetivação expressiva para enfatizar a grandiosidade e extensão daquele território:

«[...] porque esta Monarquia da China que contem em sy **trinta & dous reynos, he tão nobre, tão rica, & de tão grande trafego, & comercio, he toda laurada**

de rios & estreytos de amirauel feição, muytos q̃ a natureza fez, & muytos que os Reys, os senhores, & os pouos antigamête mandarão abrir, para que toda a terra se pudesse nauegar & comunicar sem trabalho, dos quais os mais estreitos tem **pontes muyto altas, & compridas & largas de cantaria muyto forte, feitas ao modo das nossas [...]** cousa certo digna de grandíssimo espanto, & que quasi se não deixa entender como hũa tamanha pedra se possa assi inteyra arrancar da pedraria, nem mouerse della para se por no lugar onde estaua. Todos os caminhos & seruintias das cidades, villas, lugares, aldeas, & castelos, são de calçadas muyto largas, feitas de muyto boa pedraria, com columnas & arcos [...]

- versão portuguesa, fólio 114

«La causa sin duda alguna de la abundancia, y riqueza de aquella monarquia (q̃ contiene como he dicho **treinta y dos Reynos, o prouincias**) consiste en estar toda la tierra, llena de Rios nauegables: de manera que ya por criarlos la naturaleza, ya por r̃õperlos, y diuidirlos los hombres en muchos braços para mayor comodidad suya, no ya poblacion que no tenga Rio nauegable, con que sin contradicion, costa, ni trabajo, se comunican las mercadorias, y haziẽdas de vnos à otros, gozando todos de las cosechas de cada particular. Porlas partes que los Rios son angostos tienen **pueñas altas, largas y espaciosas de fuerte canteria, al modo de las [...]** q̃ es cosa marauillosa de ver, y mucho mas el saber como piedra tan grande se puede cortar de la cantera, labrarse, y pouerse sobre el edificio. Todos los caminos, y calles delas ciudades, villas y lugares, aldeas y castillos, son hechas de calçadas muy anchas de muy lucida câteria, que por la mayor parte vienem à rematarse en grandes, y vostosos arcos, cargados sobre fuertes columnas [...]

- versão espanhola, fólio 193

«[...] cette Monarchie de la Chine qui contient **trente-deux Royaunes**, est si noble, si riche, & d'vn si grand commerce, c'est pource qu'elle est toute enuirõnée de riuieres & de canaux d'vne inuention admirable. Car avec ce qu'il y en a plusieurs que la nature a faicts, il y en a d'autres aussi en fort grand nombre, que les Roys, les grands Seigneurs, & les peuples ont anciennement faict ouurir par artifice, afin de rendre tout le pays **naugable**, & ainsi se communiqué leurs trauaux les vns aus autres. Les plus estroicts de ces canaux ont des **ponts de pierre de taille fort hauts, fort longs & fort larges**, il y en a quelques-vns aussi qui sont trauersez de part [...]. Ce qui est sans doute vne chose merueilleuse, car il est presque impossible de comprendre par quell moyen on peut tirer de la carriere vne si grande masse de pierre sans la rompre, & comment la transporter au lieu où l'on veut qu'elle soit mise. Tous les chemins & passages des citez, villes, bourgs, hameaux & chasteaux, ont des chausses fort larges, & faictes de bonne pierre, où il y a encore au bout des colonnes & des arcades [...]

- versão francesa, fólios 461-462

«[...] why this Monarchy of China, that contains **two and thirty kingdoms**, is so mighty, rich, and of so great commerce, is, because **it is exceedingly replenished with rivers, and a world of Chanals that have been anciently made by the Kings, great Lords, and people thereof, for to render all the Country navigable**, and so communicate their labours with one another; The narrowest of these Chanals have **bridges of hewed stone over them, that are very high, long and broad [...]**: is very marvelous, for it is almost impossible to comprehend by what means so huge a messe of stone could be drawn out of the Quarty without breaking, and how it should be transported to the place where it was to be set. All the ways and passages, from Cities, Towns, and Villages, have very large causeys made of fair stone, at the ends whereof are costly, **pillars and arches [...]**»

- versão inglesa, fólio 125

«Ferner/ das vornehmste/ welches dieses Oberfürstentuhm in China, so **zwey und dreyßig Königreich** in sich begreisst/ so edel/ reich/ und wohl blüend macht/ **ist/ daß** so viel wundersame Waßerflüße und Graben durch lauffen. Dan es sind allda viel Flüße/ nicht allein von Natur/ sondern auch durch die Hände der Menschen darzu

bequemet/ daß man daraus das ganze Land durchfahren/ und die Waaren von einem Ohrt an den andern besondern kan. Die engsten fahrwaßer haben sehr hohe/ lange/ breite/ und von gehauenen Steinen gemachte Brükken: Ja einige derselben bestehen aus einem Stein/ [...]. Hierüber muß man sich in Wahrheit verwundern; dan kaum auszufinnen/ wie man einen so großen Stein könne ohne einige Bruch aus graben/ und an seinen bestimten Ohrt sühren. Alle Wege der großen und kleinen Städte/ Flekken/ Dörfer und Bestungen/ haben breite/ mit Steinen gepflasterte/ Dämme/ an deren Enden Stüle und sehr köstlich gemachte Schwibbogen in einer Überschrift [...]» - versão alemã, fólio 178

Francisco de Herrera Maldonado e Bernard Figuiet procedem aqui às habituais técnicas tradutológicas, por questões de economia frásica ou para tornar o texto mais claro para os seus públicos-leitores, como se pode perceber nas transcrições a seguir apresentadas: «[...] muytos q̄ a natureza fez, & muytos que os Reys, os senhores, & os poucos antigamēte mandarão abrir, para que toda a terra se pudesse nauegar [...]» (versão portuguesa); «[...] por criarlos la naturaleza, ya por rōperlos, y diuidirlos los hombres en muchos braços para mayor comodidade suya, no ya poblacion que no tenga Rio nauegable [...]» (versão espanhola); «[...] a plusieurs que la nature a faicts, il y en a d'autres aussi en fort grand nombre, que les Roys, les grands Seigneurs, & les peuples ont anciennement faict ouurir par artifice, afin de rendre tout le pays nauigable [...]» (versão francesa); «[...] a world of Chanals that have been anciently made by the Kings, great Lords, and people thereof, for to render all the Country nauigable [...]» (versão inglesa); «viel Flüße/ nicht allein von Natur/ sondern auch durch die Hände der Menschen darzu bequemt/ daß man daraus das ganze Land durchfahren [...]» (versão alemã). Destaque-se que o tradutor espanhol opta por substituir «os Reys, os senhores» por «los hombres»; já o tradutor francês decide reforçar o valor dos «Reys», acrescentando à frase o adjetivo «grands»; de referir, ainda, que o tradutor espanhol, ao traduzir a expressão «para que toda a terra se pudesse nauegar», recorre à negação e substitui o termo «terra» por «poblacion», acrescentando o vocábulo «Rio», de forma a tornar o discurso mais esclarecedor e preciso. Figuiet, por seu turno, mantém-se literalmente fiel ao original português, o que nos leva a mencionar, de novo, a proximidade dos textos português e francês, neste ponto da diegese. Quanto às edições inglesa e alemã, importa também notar que o texto francês volta a revelar-se muito presente no primeiro, pelo recurso ao adjetivo «great», a propósito dos «Reys», e da utilização do termo «Country» sinónimo «pays»; no caso alemão, verificamos, uma vez mais, uma relação estreita com a tradução espanhola, no que diz respeito ao uso dos vocábulos «Menschen» (versão alemã) em vez de «hombres» (versão espanhola), por

um lado, e pelo facto de nenhum dos dois se referirem aos «Reys», a propósito da construção do rio.

Os tradutores revelam um particular interesse pelas descrições majestosas daquele império chinês, dado que não recorrem, nesse ponto, a compressões ou a supressões, conservando as extensas enumerações e as adjetivações encontradas nos textos de partida respetivos, como se pode verificar nos excertos acima transcritos. Este paralelo é revelador das inter-relações obra original/texto espanhol, obra original/texto francês e texto francês/texto inglês.

No que diz respeito aos ídolos, estes são, frequentemente, descritos pelo narrador e ocupam uma significativa parte deste momento narrativo. Como tal, decidimos verificar se os tradutores procuraram conservar esse aspeto da narrativa portuguesa, tendo selecionado o excerto abaixo para avaliar o grau de fidelidade evidenciado, nos vários textos em estudo, relativamente a essas passagens. Assim, veja-se no capítulo CXXVI, a descrição de um ídolo, ou melhor, de um monstro disforme e desproporcional, no texto de Fernão Mendes Pinto e nas quatro traduções:

«Dentro deste terreyro estaua posto em pé, encostado a hum cubello de cantaria muyto forte & alto, **o mais disforme & espantoso monstro de ferro coado** que os homens podem imaginar, o qual tomado assi mesmo, se julgaua que seria de mais de **trinta braças** em alto, & seis de **largo**, & nesta tamanha disformidade era muyto bem proporcionado em todos os membros, **saluo a cabeça, que era hum pouco pequena para tamanho corpo** [...]» - versão portuguesa, fólho 150

«[...] a toda la circunferencia de la muralla, **estaua vn terrero cerrado con tres ordenes de rexas de hierro, que dexauan solas quarto entradas para subirse, y en medio del arrimado a vn luzido torreõ de canteria almenado, y fuerte, estaua en pie el mas feroz, y espantable môstruo de hierro colado**, que puede imaginarse. Este juzgado desde aparte me parecia de mas de treinta braças de altura, y seis de **ancho**; espantosa figura por extremo, aunque bien proporcionado en todos los miembros, **á no tener la cabeça vn poco pequeña para tan grãde maquina.**» - versão espanhola, fólho 256

«Dans cette platte forme estoit esleué sur pied, & appuyé contre vn gros Donjon de forte pierre de taille, le plus haut, **le plus difforme, & le plus espouuantable monstre**, que les homes se puissant imaginer; il estoit de fer fondu, & d'vne stature si grande & si prodigieuse, qu'à le voir d'abord l'on jugeoit qu'il auoit plus de trente brasses de haut, & plus de six de **large**: Et neantmoins cette difformité n'empeschoit pas qu'il ne fust grandement bien proportionné en tous ses membres, **reserué en la teste qui estoit vn peu petite pour vn si grand corps.**» - versão francesa, fólho 603

«Upon this platform was the tallest, **the most deformed, and dreadful Monster** that possibly can be imagined, standing upon his feet, and leaning against a mighty tower of hewed stone: he was made of cast iron, and of so great prodigious a stature, that by guess he seemed to be above **thirty fathom** high, and more then six **broad**, notwithstanding the which deformity he was exceedingly well proportioned in all his

limbs, **only his head was somewhat too little for so great a body.**» - versão inglesa, fólio 162

«An der Mittagseiten lag ein oben ebener Hügel/ darauf man auf neun eisernen Stufen aufsteigen musste. Auf dieser Ebene stunde an **einer dikken Seulen** ei solch hohes/**grausames und erschreckliches Bild/** als man ihm immer in den Sinnen mag fürmodeln. Es war aus Eißen gegoßen/ und/ dem Augen Maas nach/ mehr dann **drenßig Klaster** hoch/ und mehr als sechs breit. Deßben Glieder ordneten sich wohl und gleich in ihrer gehörigen Fügung/ **allein der Kopf fiel für so großen Leib all zu klein.**» - versão alemã, fólio 238

Maldonado realça o aspeto feroz daquela figura icónica monstruosa, utilizando uma expansão frásica assinalável para descrever melhor o local onde se encontrava e uma substituição nocional para se referir a ele: «tamanho corpo» (versão portuguesa); «tan grãde maquina» (versão espanhola).

No que diz respeito ao texto de Figuiier, atendendo ao facto de utilizar a expressão «grand corps» (versão francesa) e de não recorrer àquela expansão de origem espanhola, consideramos que este é mais um exemplo em que se percebe o contacto entre esta versão e o original português e o seu elevado grau de fidelidade/literalidade.

O tradutor inglês mostra-se também fiel à sua fonte, respeitando a mensagem, integralmente. Para assegurar a boa receção e perfeita compreensão do seu texto, adotou procedimentos interlinguais, de entre os quais se destacam as adaptações de «braças» e «largo», para, respetivamente, ««fathom» e «broad». No que diz respeito à dimensão da cabeça, verificamos uma adequação que reforça a monstruosidade, pois a utilização do termo «too», em vez de ««hum pouco», introduz uma nota de diferenciação.

A edição alemã também enfatiza essa discrepância entre a dimensão da cabeça e do corpo pela anteposição da dimensão do corpo ao adjetivo «klein», o qual se encontra associado à cabeça. Em relação ao restante trecho, podemos verificar que, no geral, estes tradutores foram significativamente próximos da mensagem portuguesa, apesar de não terem contactado, supomos nós a partir da análise comparativa efetuada, com a obra original de Fernão Mendes Pinto, o que é também revelador do grau de fidelidade dos tradutores que levaram previamente a cabo o trabalho tradutivo em questão.

Deste momento diegético, destacamos, por um lado, a proximidade dos vários textos no que se refere às descrições das paisagens da China, revelando-se os tradutores indubitavelmente interessados em conservar, revitalizar e veicular as informações encontradas na fonte portuguesa acerca do Extremo Oriente, ainda que, por vezes, nos casos inglês e alemão, pontualmente, os tradutores tenham recorrido a breves supressões ou compressões de aspetos menos relevantes, provavelmente, por questões de economia

discursiva. Realçamos também a adoção, neste momento narrativo, sobretudo, de técnicas interlinguais por todos os tradutores de modo a adequarem o texto aos seus sistemas linguístico-culturais de chegada e aos seus leitores, com gostos e interesses peculiares.

3.2.4. O Japão e a Missão de Francisco Xavier

No capítulo CXLIII do original português, após uma forte tempestade e a descoberta do Japão, os portugueses encontram-se reféns na ilha dos Léquiios, de onde conseguem, finalmente, ser libertados com o auxílio das mulheres daquela região. Neste momento diegético, deparamo-nos com o contraponto do que vimos acerca de António de Faria, o qual, em resultado das suas atitudes pouco aceitáveis e em nome de Deus, desaparece, como vimos atrás, num naufrágio decisivo. O Padre Francisco Xavier, na sua missão de difundir a fé, converte um japonês que viajava com os portugueses. Durante a viagem até ao Japão evidencia um extraordinário zelo evangélico, atitudes determinadas e, ao mesmo tempo, humildes, e uma fraca condição física. Chegado ao destino japonês, trava um longo e aceso debate com os Bonzos, saindo vitorioso mas não ileso da argumentação destes.

No capítulo CXLIII, o tradutor espanhol recorre, sobretudo, a ligeiras expansões. Efetua algumas modificações ao nível das informações factuais, parecendo pretender incutir uma maior precisão e um rigor ao discurso, ao mesmo tempo que reforça o elogio à coragem e ao valor dos portugueses, à semelhança do que vimos nos momentos narrativos precedentes.

Relativamente ao tradutor francês, este procede, sobretudo, a expansões frásicas pontuais e a adaptações à língua de chegada, inclusivamente no resumo do capítulo CXLIII, tais como: «[...] informação desta ilha Lequia [...]» (versão portuguesa, fól. 171) / «[...] la description de l'Isle des Lequios.» (versão francesa, fól. 688); «Pedro Gomez Dalmeyda» (versão portuguesa, fól. 172) / «Pero Gomez d'Almeyda» (versão francesa, fól. 691). O capítulo francês em causa contém uma expansão breve, que torna o discurso mais preciso, ao gosto francês, à semelhança do que se tem verificado nos restantes capítulos atrás analisados, conforme exemplificamos a seguir: «[...] pao preto, brasil, auila braua, & muyto breu, inda que a seda he algum tanto menos que a da China.» (versão portuguesa, fól. 173); «[...] de l'ebene, du bresil, de la poix sauuage, & beaucoup d'vn certain bois propre à la charpenterie appellé Poytan. Il est vray que pour le regard de la soye elle n'y est pas en si grande abondance qu'en la Chine.» (versão francesa, fól. 691).

Os tradutores inglês e alemães, tal como os restantes, revelam-se particularmente preocupados em respeitar os seus textos de partida, especialmente no que diz respeito a informações geográficas, históricas, culturais, antropológicas e cosmográficas. Neste

momento diegético, note-se, pelo contrário, a seguir, a forma como cada tradutor resolve a questão da difusão da fé Católica, com particular destaque para a versão alemã (no interior do capítulo 43), que a suprime («santa fé Catholica» - versão portuguesa), revelando, deste modo, a sua singularidade e uma preocupação em tornar o texto aceitável num contexto protestante:

«[...] & a Portuguesa em **dinheyro & peças** trouxe mais de mil, com que seu marido em menos de hum anno se restaurou do que tinha perdido. [...] **da qual aquy breuemente quiz dar algũa informação, como custumey de fazer nas outras terras de que atrás tenho tratado**, para que se em algum tẽpo Deos nosso Senhor for seruido de inspirar na nação Portuguesa, que primeyra & principalmente **pela exaltação & acrecentamento da sua santa fé Catholica**, & apos isso pelo muyto proveito que dahy pode tirar [...]» - versão portuguesa, fólho 172

«[...] y à la Portuguesa la dieron mas de mil en **pieças, joyas, y dineros**, com que su marido en tiempo de vn año restauro las perdidas que auis tenido. [...] **del qual dare aqui alguna pequena noticia, como lo he hecho de otros Reynos, tierras y provincias** por donde me lleuauan mis desgracias: porque si en algun tiempo la nacion Portuguesa, inspirada (**como en las demas conquistas, en que [na] tido glosiosa**) **de nuestro Señor, quiera tomar esta a su cuenta por la gloria de Dios y exaltacion de la Fé**, tenga en estos discursos bastante noticia à costa de mis trabajos [...]» - versão espanhola, fólho 294

«Quant à la femme Portugaise dont j'ay parle cy-deuant, elle en eust plus de mille, tant en **argent, qu'en autres presents** qu'on luy fist, par le moyen dequoy son mary recouura en moins d'vn an toutes les pertes qu'il auoit faictes. [...] **de laquelle je feray icy vne briefue relation, comme j'ay fait des autres pays don't j'ay traicté cy-deuant**, afin que s'il aduient vn jour qu'il plaise à Dieu d'inspirer la nation Portugaise, afin qu'en premier lieu, principalement pour **l'exaltation & l'accroissement de sa sainte foy Catholique**, & après cela pour le grãd profit qu'on en peut tirer [...]» - versão francesa, fólhos 689-690

«As for the *Portugal* woman, **of whom I spake before**, she had above a thousand, **as well in mony, as in other gifts which were given her**, by which means her husband in less then an year recovered himself of all the losses he had sustained. [...] **of which I will here make a brief relation**, to the end that if it shall one day please God to inspire the Portugal Nation, principally for **the exaltation and increase of the Catholick faith**, and next for the great benefit that may redound thereof [...]» - versão inglesa, fólho 188

«Wie sich denn noch in die sechs und vierzig Tage verzogen/ che wir von dannen schieden/ und wurden mit aller Nohtdurst reichlich versorget. Ben unser Abfahrt befahl der Broquen dem Chinesischen Schiffer/ der nach Liampo, im Königreich China gelegen/ segelte/ uns in seiner Junke zu accommodiren; wirkte auch bey dem Hauptmann der Junken unserntbalben eine Bersicherung aus/ daß er nicht mit uns verrätherisch wolte ümgehen. Schiffen also von der Statt Pungor ab/ welches die Hauptstatt ist der Insul Lequios, davon ich hieber / gleichwie von andern Ländern geschehen/ einige Beschreibung mit anhangen will.» - versão alemã, fólho 265

A partir da análise dos textos espanhol e francês, consideramos que se torna novamente perceptível a proximidade entre os textos português/francês e

espanhol/francês. No caso espanhol, verificam-se, mais uma vez, breves expansões frásicas ou alterações quanto à organização sintática, tais como as a seguir exemplificadas: «[...] dinheyro & peças trouxe mais de mil [...]» (versão portuguesa); «[...] mas de mil en pieças, joyas, y dineros [...]» (versão espanhola); «[...] plus de mille, tant en argent, qu'en autres presents [...]» (versão francesa); «[...] above a thousand, as well in mony, as in other gifts [...]» (versão inglesa). A tradução francesa evidencia, de novo, algum grau interpretativo, no que diz respeito à substituição de «dinheiro & peças» (versão portuguesa) ou de «pieças, joyas, y dineros» (versão espanhola) por «presents» (versão francesa). O tradutor inglês, pela sua opção de utilizar «gifts» (versão inglesa), no mesmo contexto, volta a denunciar a proximidade com a versão francesa.

Do paralelo acima apresentado realçamos, ainda, no caso espanhol, a habitual expansão frásica esclarecedora, através de parênteses, a expansão frásica de «la gloria de Dios», que vem substituir o adjetivo «santa» e o termo «Catholica», mostrando-se Maldonado subtilmente original. Quanto à versão de Figuiet, é de notar que, mais uma vez, o grau de fidelidade/literalidade evidenciado é consideravelmente acentuado, bem como a relação de proximidade entre esta tradução e a inglesa, conforme ilustramos de seguida: «[...] pela exaltação & acrecentamento da sua santa fé Catholica [...]» (versão portuguesa); «[...] (como en las demas conquistas, en que [na] tido glosiosa) de nuestro Señor, quiera tomar esta a su cuenta por la gloria de Dios y exaltacion de la Fé [...]» (versão espanhola); «[...] l'exaltation & l'accroissement de sa sainte foy Catholique [...]» (versão francesa); «[...] the exaltation and increase of the Catholick faith [...]» (versão inglesa).

No capítulo CCII da versão portuguesa, incluído no capítulo LXXVI inglês, verificam-se supressões, tais como a referência à data da partida do narrador. Henry Cogan Gentleman traduz parcialmente o capítulo CCII, omite uma parte de um fólho português e passa de imediato ao capítulo português subsequente, o CCIII. É, então, que algo de mais original é detetado. Encontramos, de imediato, compressões significativas, suprimindo, entre outros pormenores, todos os capítulos em que a participação de Francisco Xavier se verifica e em que se dá a conhecer o seu papel naquelas paragens, o que corresponde a cerca de quinze capítulos do texto português. Este padre jesuíta trava, na obra original e nas versões espanhola e francesa, um debate com os Bonzos, cujos comportamentos lhe pareciam reprováveis, revelando uma sabedoria inigualável.

No interior do capítulo em causa, na tradução alemã, também se confirma a adoção de uma supressão, mas de maior extensão do que a encontrada na versão inglesa, decisão que tem lugar, provavelmente, por razões próximas. Algumas passagens que dizem respeito à viagem marítima, porém, são conservadas pelos tradutores, provavelmente devido às informações que delas se podiam retirar. Deste modo, os tradutores, num só capítulo, reúnem excertos de dezassete capítulos do original. Quanto aos capítulos CCVI, CCVIII, CCXIII e CCXIV, estes são eliminados por completo.

Relativamente aos resumos do capítulo CCIII das versões portuguesa, espanhola e francesa, neles encontramos uma alusão à prática espiritual de Francisco Xavier realizada para proteção dos portugueses. Quanto ao resumo inglês, note-se que nele se verifica apenas a referência ao Padre Belchior. Tanscrevemos a seguir também o resumo alemão com o propósito de ilustrar a imediata supressão da passagem de Francisco Xavier:

CAP. CCIII: «De hũa grossa armada q̃ o Rey do Achem neste tempo mandou sobre Malaca, e do q̃ nisso fez **o padre mestre Frãscisco Xauier, reytor da Companhia de Jesu nas partes da India.**» - versão portuguesa, fólho 262

CAP. CCIII: «Embia el Rey de Achem vna gruessa armada sobre Malaca: dizese lo que hizo en essa ocasion **el padre maestro Francisco Xauier, religioso de la companhia de Jesus, y Nuncio Apostolico por el Papa Paulo III. en la India.**» - versão espanhola, fólho 424

CHAP. CCIII: «D’vne grosse armée que le Roy d’Achem enuoya en ce temps-là sur **la forteresse** de Malaca, Et **des grandes choses** que fist en cette occasion **le Reuerend Pere Maistre François Xauier, Recteur de la Compagnie de Jesus en ces contrées des Indes.**» - versão francesa, fólho 1036

CHAP. LXXVII: «**Father Belquior**’s and my departure from the Indiaes to go to Japan, and that which befell us till our arrival at the Island of Champeiloo.» - versão inglesa, fólho 312

Cap. 62: «Pinto komt nach Hyamangoo großer Sturm/ darinn viel Schiffe zu Strund gehen. Pinto begegnet ein Unfall. Er wird an eine Klippe geworffen/ und nimt zween Männer in sein Schiff. Er komt nach Gincheo, vondar nach Lamau, und endlich nach Malakka. Er begibt sich wieder nach Japon, wird von einem grausamen Sturm überfallen/ komt in China, und wieder nach Malakka. Stehet auf der See große Gefahr aus/ komt nach Patane, und an unterschiedliche andere pläze. Wunderliche Begebniß.» - versão alemã, fólho 376

A partir da análise comparativa deste paralelo, encontramos, na versão espanhola, uma expansão esclarecedora. O resumo da tradução de Figuiet apresenta-se

mais fiel ao resumo português, não se servindo também aqui da tradução de Maldonado: «[...] o padre mestre Frâncisco Xauier, reytor da Companhia de Jesu nas partes da India.» (versão portuguesa); «[...] el padre maestro Francisco Xauier, religioso de la companhia de Jesus, y Nuncio Apostolico por el Papa Paulo III. en la India.» (versão espanhola); «[...] le Reuerend Pere Maistre François Xauier, Recteur de la Compagnie de Jesus en ces contrées des Indes.» (versão francesa).

No resumo do capítulo CCIII da tradução francesa, verificamos um traço seu característico, que consiste na adaptação do texto ao gosto francês, como se pode ver a seguir: «[...] sobre Malaca, e do q̄ nisso fez o padre mestre Frâncisco Xauier [...]» (versão portuguesa); «[...] sobre Malaca: dizese lo que hizo en essa ocasion el padre maestro Francisco Xauier [...]» (versão espanhola); «[...] sur la forteresse de Malaca, Et des grandes choses que fist en cette occasion le Reuerend Pere Maistre François Xauier [...]» (versão francesa).

No caso inglês, no capítulo LXXVII, podemos verificar que há apenas uma breve referência ao «Father Belquior», aquando do relato da partida da Índia em direção ao Japão, suprimindo-se, aqui, a passagem de Francisco Xavier. De notar que a este Padre é dedicada uma parte do capítulo anterior, o LXXVI. No interior do capítulo LXXVII, Henry Cogan introduz a data «[...] sixteenth of April, One thousand five hundred fifty and four [...]» (versão inglesa), a qual, segundo a obra portuguesa, coincide exatamente com o momento da chegada do corpo de Francisco Xavier a Cochim, com uma ligeira alteração em termos de dias e mês («[...] treze dias de Feuereyro do anno de 1554 [...]» - versão portuguesa). Verifica-se, assim, uma compressão de um período temporal («[...] 16. dias de Janeiro do anno de 1547.» - versão portuguesa) correspondente a cerca de sete anos, o que equivale a aproximadamente quinze capítulos suprimidos, em que Francisco Xavier se revelou uma personagem absolutamente central. Esta opção estará, consideramos nós, interligada com o contexto de chegada anglicano e com a intenção manifesta do tradutor em tornar o texto relevante e aceitável, simultaneamente.

No que diz respeito à versão alemã, podemos concluir, a partir da análise do trecho acima apresentado, pertencente ao capítulo 62 desta tradução, que a supressão abrange também as referências ao Padre Belquior, dando-se apenas conta do percurso da personagem, num relato na terceira pessoa do singular, e recorrendo a uma supressão textual mais abrangente do que a inglesa, correspondendo, neste caso, a cerca de dezassete capítulos, conforme se disse atrás. No interior do capítulo alemão atrás

mencionado, encontramos o texto correspondente ao capítulo CCIII da versão portuguesa, onde se verifica a completa supressão da sequência narrativa relativa ao Padre Francisco Xavier, por influência provável da versão neerlandesa e, simultaneamente, pelo contexto luterano, aspeto que é imediatamente percecionado no resumo deste capítulo da versão alemã. Nele verificamos profundas alterações e omissões relativamente ao desenvolvimento diegético. Destacamos também nesta tradução a supressão das datas relacionadas com a passagem daquele padre na obra («[...] treze dias de Feuereyro do anno de 1554», fól. 263; «16. Dias de Janeiro do anno de 1547.», fól. 289 - versão portuguesa) e que poderá ter as mesmas razões atrás apontadas em relação à versão inglesa e, igualmente, a de a versão neerlandesa, sua provável fonte, ter adotado, desde logo, esse procedimento tradutológico consideravelmente inovador e revelador de um significativo grau de liberdade tradutiva por parte dos seus editores.

Na seguinte passagem, vejam-se algumas das referidas supressões de dados cronológicos e as supressões de trechos relativos ao percurso do narrador em direção ao Japão, sobretudo nas edições inglesa e alemã, conforme se viu, igualmente, no paralelo anteriormente apresentado:

CAP. CCII: «[...] este homem Iapaõ, cujo nome era Angiroo.»; CAP. CCIII: «Partidos nós daquy deste rio de Hiamangoo, & enseada de Canguexumã, aos 16. dias de Ianeiro do anno de 1547. Quiz nosso Senhor que em quatorze dias de boa moução chegamos ao Chincheo [...]» - versão portuguesa, fólhos 262-263

CAP. CCII: «[...] vno destes dos Iapones, cuyo nombre era Angiroo.»; CAP. CCIII: «Partidos de aquel puerto de Hiamangoo, que es en la ensenada de Canguexumaa, y en catorze dias llegamos a Chincheo [...]» - versão espanhola, fólho 424

CHAP. CCII: «[...] cet home du Jappon, qui s'appelloit Engiroo.»; CHAP. CCIII: «Comme nous fusmes partis de cette riuiere de Hiamangoo, & de l'ense de Canguexumaa, le sixiesme jour de Januier de l'année 1547 il plût à nostre Seigneur qu'en 14 jours de bon vent nous arriuasmes à Chincheo [...]» - versão francesa, fólhos 1036-1037

CHAP. LXXVI: «[...] spent the most part of the night. As soon as it was day, we set saile, and parting from this river of *Hiamangoo*, it pleased God, that in fourteen daies, with a good wind, we arrived at *Chincheo* [...]» - versão inglesa, fólho 310

Cap. 62: «Segelten derohalben fort/ und lieffen/ neunzig Meilen von dar / in einen Hafen/ Hyamango genant/ in dem Meer Busen Tanguxuma. Wir blieben allda dritthalb Monat [...] Gegelten auch Frisch fort/ und Kamen/ nach Belauff vierzehen Tage: glücklichgen Chincheo [...]» - versão alemã, fólhos 376-378

Como se pode verificar, as traduções espanhola e francesa apresentam, como de costume, um elevado grau de proximidade em relação ao original português. No que diz respeito a Francisco Xavier, é notória a profunda admiração que o tradutor espanhol nutre por ele, provavelmente por se tratar de um compatriota seu. Herrera Maldonado parece, com efeito, aproveitar todas as ocasiões para tecer comentários que o enaltecem: «[...] tenido, por las grandes marauillas y milagros que por su intercessions obraua la mano poderosa del altissimo [...]» (versão espanhola, fól. 425).

O mesmo não se pode afirmar relativamente às versões inglesa e alemã. No texto inglês regista-se uma supressão de detalhes relativos, por exemplo, à deslocação em direção ao Japão e ao encontro com um homem japonês chamado Angiroo. O intervalo criado pelo tradutor omite, voltamos a referir, cerca de quinze capítulos (capítulo CCIII, conservando apenas as primeiras linhas, fól. 263 – capítulo CCXVIII, parte inicial, fól. 291) referentes ao Padre Francisco Xavier e às suas experiências e vivências no Extremo Oriente. Esta passagem é omitida pelo tradutor, provavelmente, por preconceito religioso, poupando ao público inglês algo com o qual este não se identificaria, o que justifica o procedimento tradutológico aplicado. Os capítulos que foram alvo de análise comparatista nas traduções espanhola e francesa (destinados a públicos católicos) e que não o serão a propósito desta tradução são os capítulos CCVI, CCVIII, CCXIII, CCXIV, todos eles pertencentes ao momento narrativo «O Japão e a Missão de Francisco Xavier», dado que foram, propositadamente, suprimidos da tradução inglesa.

Quanto à versão alemã, podemos constatar que se dá uma supressão de vários capítulos do original português, no interior do capítulo 62. Com efeito, não encontramos quaisquer referências ao Padre Francisco Xavier ou ao Padre Belchior, nem mesmo o seguinte conjunto de capítulos: CCIV-CCXIX, relativos ao papel daqueles padres e que ocupa, nas versões portuguesa, espanhola e francesa, perto de dezassete capítulos, que aqui foram ignorados. Neste ponto, os tradutores deste texto de chegada manifestam-se infieis ao original, dadas as sucessivas compressões e supressões registadas, revelando-se, assim, acentuadamente singulares.

Em relação à versão de Maldonado, no capítulo CCIII, é de referir que irrompe uma nova adaptação que reforça a ideia de que este tradutor considerava Francisco Xavier um homem de notável valor e importância fulcral em termos religiosos e espirituais. O original dá a entender que ele era curioso e paciente. Já a tradução modifica este trecho, verificando-se uma mudança de ponto de vista e realçando a

relevância e a dimensão da viagem que aqueles portugueses levavam a cabo. As naturais mudanças linguísticas ocorrem com a necessária frequência. Quanto a mudanças sintagmáticas, estas também acontecem, apesar de a mensagem não sofrer alterações visíveis. Na sequência desta passagem, surge uma adaptação acompanhada de uma compressão que, novamente, contribui para abreviar a descrição da crueldade da morte de Cristo na cruz. Em seguida, no sentido de enfatizar não só a «[...] fé de nosso Senhor Jesu Christo [...]» (versão portuguesa, fól. 265), mas também o poder do rei e do reino, deparamo-nos com o processo tradutológico da expansão frásica, o qual, simultaneamente, reforça os valores ideológicos então em vigor: «[...] la santa Fé Catolica, de su Rey, y de su patria, cosas porque está obligado à morir vn hombre noble.» (versão espanhola, fól. 427). Veja-se, neste sentido, o seguinte paralelo em que tais características são notórias:

«[...] fez tamanha impressã em toda a gente, que os capitaens & os soldados que hiaõ na armada protestarão logo aly de juntos todos nãa conformidade Christam morrerem pela **fé de nosso Senhor Jesu Christo**.» - versão portuguesa, fól. 265

«[...] y fueron de tal efeto para los soldados de la armada que todos con ânios Christianos protestaron perder las vidas en la defensa de la **santa Fé Catolica**, de su Rey, y de su patria, cosas porque está obligado à morir vn hombre noble.» - versão espanhola, fól. 427

«[...] il fit vne si grande impression dans l'esprit de tous, que dès lors les soldats qui fen alloient à l'armée, protesterent tous d'vn commun consentement & en vrays Chrestiens, de mourir fermes pour la **foy de nostre Seigneus Jesus-Christ**.» - versão francesa, fól. 1046

«...» - versão inglesa (suprimido)

«...» - versão alemã (suprimido)

Quanto à tradução francesa, verificam-se, acima, uma contínua tentativa de aproximar o texto ao gosto do público-leitor alvo e, paralelamente, preocupações com a clareza do discurso e com a manutenção da mensagem portuguesa, a qual foi, deste modo, revitalizada.

Relativamente às edições inglesa e alemã, não apresentamos quaisquer exemplos, dado que, como se disse e explicou atrás, este momento narrativo relativo à missão de Francisco Xavier no Japão sofreu uma supressão total:

«[...] a mayor parte foy **gente limpa & criados** do Rey do Achem, & os quinhentos deles [...]» - versão portuguesa, fól. 270

«[...] la mayor parte eran **Caualleros** [...] que son **gente de mucha cuenta, nobilísimos Caualleros** [...]» - versão espanhola, fólho 433

«[...] honnestes gens & creatures du Roy d'Achem [...] **Gentils hommes de l'ordre du brassilet d'or** [...]» - versão francesa, fólho 1064

«...» - versão inglesa (suprimido)

«...» - versão alemã (suprimido)

No que diz respeito aos trechos acima apresentados, note-se que se verificam, como de costume, da parte dos tradutores espanhol e francês, tentativas de tornar os relatos mais claros e precisos. Nos textos inglês e alemão, tais passagens são totalmente suprimidas.

No paralelo que se apresenta abaixo, realce-se o papel central que Francisco Xavier desempenha na obra portuguesa e, igualmente, nas traduções espanhola e francesa, bem como as qualidades que lhe são apontadas e constantemente lembradas, aspeto, naturalmente, omitido nas edições inglesa e alemã, conforme se pode constatar mais uma vez nos excertos a seguir transcritos:

«[...] cõ quatrocentas vellas grossas, & sessenta vancoës de remo, na qual frota tinha sessenta mil homês [...] porq̃ estaua por todas as partes tomado por este cossayro, correremos auante até Lamau, onde nos prouemos de algũs mantimentos q̃ nos bastarão ate **chegarmos a Malaca, onde o padre mestre Francisco Xauier Reitor vniuersal da cõpanhia de Iesu nas partes da India, q̃ auia poucos dias que chegara de Maluco, com grande nome de santo na voz de todo o pouo por milagres que lhe lá virão fazer, ou, para mais acertado, que Deos nosso Senhor por elle fizera.**» (fólho 263); «[...] Com este despacho chegou o padre a Malaca o derradeyro dia de Mayo do mesmo anno de 49. & se deteue ahy alguns dias pelo mao auiaménto que se lhe deu, mas em fim depois de passar ahy em Malaca muytos trabalhos, se embarcou em dia de S. João do mesmo anno ao sol posto em hum junco pequeno de hum Chim, que se dezia o Necodã Ladrão, & ao outro dia pela menham se fez á vella, & se partio, na qual viagem também passou assaz de trabalho, **de que me escuso dar relação, porque me parece desnecessário escrever isto taõ miudamente, nem farey mais que tocar breueniente o que for mais importante a meu intento conforme á pouca possibilidade do meu fraco engenho.** O padre chegou em dia de Assumpção de nossa Senhora, que he a quinze dias do mês de Agosto ao porto de Canguexumaa em Japaõ [...]» (fólho 272) - versão portuguesa

«[...] quatrocentas velas gruessas, y sessenta bancones de remo, flota en que auia sessenta mil hombres [...]. Por todas as partes tenia tomada la boca del rio, de suerte que no se le podia huyr cosa que entrasse. **El temor y peligro de caer en sus manos,** nos hizo correr adelãte hasta Lamau: alii fletamos mãtenimiêtos q̃ nos durarõ hasta **llegar a Malaca. Hallamos em aquella ciudad al padre maestro Francisco Xauier, Retor Vniuersal de la Cõpañia de Iesus, en aquellas partes de la India,** que auia pocos dias q̃ auia llegado à aquella ciudad de la Maluco, era tenido por hombre santo de todo el Pueblo, por las **marauillas y milagros** que por su intercession obraua la mano

poderosa de altissimo [...]» (fólios 424-5); «Llegò el santo padre Francisco a Malaca el ultimo de aquel Mayo, adonde es uno detenido algunos dias, por falta de flete, y de adonde se embarcó el dia de san Juã de aquel mismo año de 49. en un junco pequeño de vn China q se llamaua Neca da Ladron, lotro dia por la mañana, se hizo a la vela. Y atrochãdo yo aora por muchas incomodidades, y trabajos, que le ocurrieron en aquel viagem, digo, que a quinze de Agosto llegò a Canguexumaa, puerto del Japon, y patria del Paulo.» (fólio 436) - versão espanhola

«[...] avec quatre cent grosses voiles & soixante mille hommes, à sçauoir vingt mille de seruice pour les vaisseaux, & tous les autres hommes de combat [...] jusques à **nostre arriué à Malaca. Là nous treuasmes le Reuerend Pere Maistre François Xauier, Recteur vniuersel de la Compagnie de Jesus en ces contrées des Indes**, qui depuis peu de jours estoit arriué des Molucques, avec vne grãde reputation de saint homme, filtre que tous les peuples luy donnoient pour les **grands miracles** qu'on luy voyoit faire si tost que ce saint personnage eust sceu que nous auions ce Japponnois avec nous...» (fólio 1037); «[...] Mais en fin apres auoir souffert à Malaca beaucoup de travaux, le jour de la S. Jean qui fut en la mesme année, enuiron Soleil couché il s'embarqua dans vn petit junco d'vn Corsaire Chinois appellé Necoda; puis le lende main matin il se mit à la voile & partist. En ce voyage il souffrit encore plusieurs trauaux, **dont je m'excuse de parler icy, pource qu'il ne me semble point autrement necessaire de rapporter ces choses par le menu; c'est pourquoy je ne feray que toucher succinctement celles qui seront les plus importantes à mon dessein m'accommodant le mieux que je pourray à la foiblesse de mon esprit.** Le jour de l'Assomptió de nostre Dame, qui est le quinziesme du mois d'Aoust, le Pere arriua ao port de Canquexumaa au Japon [...]» (fólio 1073) - versão francesa

«[...] with a mighty fleet, which put us into such a fear, that in all hast we got away to *Lamau*, where we made some provision of victuals, which lasted us until our **arrival at Malaca.** // Having stayed some time at *Malaca*, **for the dispatch of certain affaires that I had there, I imbarqued myself for Goa**, with an intent of length, to return into *Portugal*, if I could meet with shipping ready to depart from thence at that time; but some daies after my arrivall there it happened, that a *Portugal* named *Antonio Ferreyra*, brought a present of very rich peeces to the Vice-Roy *Don Pedro Mascarenhas*, which the King of *Bungo* sent him from *Japan* [...]» - versão inglesa, fólio 311

«[...] welches einer von den fürnehmsten Hafen in China ist. Daselbst entpfiengen wir Nachricht von einem benühmten Seeräuber/ der sich allda mit vielen Schiffen aufhielte/ und alles/ was er übermannen kunte/ pflegte wegzunehmen; und/ weil wir nicht trauerer/ wegen dieses Seeräubers/ den Fluß hunauf zu fahren/ segelten wir fort nach Lamau, und versorgten uns hieselbst mit Victualien/ **und reiseten also weiter nach Malakka; daselbst blieb ich eine Zeitlang/ unda begab mich nachmals/ aus unterschiedlichen Ursachen/ wieder auf die Reise nach Japon**, und trat in ein Schiff/ woraus Duart von Gama Oberster war. Wir kamen in die Statt Fucheo, in dem Königreich Bungo, und wurden allda [...]» - versão alemã, fólio 378

Verifica-se que o tradutor espanhol recorreu, no trecho acima apresentado, à supressão, técnica tradutiva invulgar no seu texto, provavelmente, por uma questão de economia discursiva ou simplesmente de opção, visto que, mais adiante, mais precisamente, no interior do capítulo CCXIII da versão em causa, é apresentada uma expansão relativa à eloquência do Padre Francisco Xavier. Para além disso, Maldonado suprimiu, paralelamente, a expressão «dia de Assumpção de nossa Senhora», mantendo,

contudo, a data mencionada («quinze de Agosto»), em que se crê que o corpo e a alma de Virgem Maria foram levados em unísono para o céu, logo após a sua morte.

Nesse mesmo paralelo, nota-se a manutenção da humildade do autor português, por parte do tradutor francês, confirmando-se a sua fidelidade/literalidade através da conservação da passagem suprimida pelo tradutor espanhol, acompanhada de algumas adaptações necessárias à transposição para a língua em causa.

Apresentamos também aqui os trechos das versões inglesa e alemã para que se possa constatar que, em ambas, é manifesta uma preocupação com o percurso do narrador-personagem, dando-se a supressão do momento em que Francisco Xavier assume um papel central, o que comprova, mais uma vez, a liberdade tradutológica de ambos e a preocupação dos respetivos tradutores em tornar os seus textos adequados aos seus contextos de chegada. Os tradutores Henry Cogan, Dietrich e Henrich Boom adotam o procedimento da supressão a propósito da missão de Francisco Xavier, procurando, gradualmente, recuperar a fidelidade, ainda que de forma parcial, o que acontece primeiramente na versão de Henry Cogan.

Francisco Xavier, no decorrer da sua passagem pelo Japão, converte inúmeras almas, passando por um período em que se encontra muito doente, e, no capítulo CCXIII português, trava um debate com os Bonzos, do qual sai vitorioso, tal como mencionado atrás. Apresentamos, de seguida, os resumos do referido capítulo, nas versões portuguesa, espanhola e francesa, apenas, já que este é obviamente suprimido das traduções inglesa e alemã:

CAP. CCXIII: «De tudo o mais que o **padre** passou com estes bonzos até se embarcar para a China.» - versão portuguesa, fólho 281

CAP. CCXIII: «Prosigue **las disputas** de los bonzos de Fucheo con el Padre **Maestro Francisco Xauier**, que desde aquella ciudad se embarca para la China.» - versão espanhola, fólho 451

CHAP. CCXIII: «Du **surplus** qui se passa entre les Bonzes Et le Pere **Xauier** jusques à ce qu'il sembarqua pour sen aller à la Chine.» - versão francesa, fólho 1109

«...» - versão inglesa (suprimido)

«...» - versão alemã (suprimido)

Ainda no resumo do capítulo CCXIII, percebe-se que Herrera Maldonado se revela muito próximo do seu texto de partida, reforçando, apesar de, subtilmente, as

disputas entre o Padre Francisco Xavier e os Bonzos. No mesmo resumo, Bernard Figuiet procede, simplesmente, às necessárias adequações à língua francesa.

A tradução fiel, ainda que adaptada, leva-nos a crer que Figuiet considerou relevante enaltecer o Padre Francisco Xavier junto do seu público-leitor. O tradutor espanhol revela-se, por seu turno, nesta passagem, de novo, muito fiel ao original português, como se pode verificar a seguir:

«Não se acabaraõ por aquy as disputas do nosso sãto padre co bõzo Fucarãdono, porq̃ ajũtando elle a sy outros seis em q̃ tinha confiança, o vieraõ buscar muitas vezes, & lhe propunham muitas questoẽs [...]. E para isto nos pedia muytas vezes o nosso **santo** padre que o ajudássemos cõ nossas oraçoẽs [...]» - versão portuguesa, fólio 281

«Aquel día se acabaron las conclusiones: pero el siguiente vino Fucarandono, y otros seis Bonzos, doctos en sus facultades, à buscar al Padre Francisco. Muchas questiones les proponian, arguyendo contra la ley que predicaua. [...] Para contra ellos, nos pedia el **santo** Padre muchas vezes, que le ayudassemos com nuestras oraciones [...]» - versão espanhola, fólio 451

«Pour tout ce que je viens de dire, les disputes du **bien** heureux Pere Xauier avec le Bonze Furacandono ne furent point acheuées: car **cet infidele** ayant joint à son party six autres Bonzes, en qui il auoit grande confiance, ils le furent chercher plusieurs fois, luy proposant diuerses questions [...] mais auparauant je diray que ce **bien-heureux** Pere nous supplioit plusieurs fois [...]» - versão francesa, fólio 1110

«...» - versão inglesa (suprimido)

«...» - versão alemã (suprimido)

Quanto às traduções inglesa e alemã, à semelhança do que já atrás foi dito relativamente aos resumos, constata-se que esta passagem é suprimida.

Em termos de recursos estilísticos, apresentamos, de seguida, alguns exemplos das versões espanhola e francesa que contemplam a metáfora, a comparação e a repetição, por considerarmos que os tradutores se revelaram preocupados em manter as referências aos recursos retóricos ou grande parte dos utilizados no texto de partida português. Tendo em conta que se trata de traduções para línguas muito distintas, seria perfeitamente aceitável que os recursos estilísticos sofressem mutações ou que desaparecessem pura e simplesmente, mantendo, ainda assim, a mensagem da obra original:

«[...] lhe quizerão arrancar os olhos. **O padre entêdendo a metáfora**, sahio logo á rua, onde el Rey o estaua esperãdo em pé cõ sós tres ou quatro atras afastados [...]» - versão portuguesa, fólio 282

«[...] le auian querido facar los ojos (**dezialo por los Bonzos arguyentes**) y **entendiolo bien el Padre**; y ansi salio a la calle a ver aquella Alteza [...]» - versão espanhola, fólíio 452

«[...] *arracher les yeux. Le Pere entendant fort bien cette metaphore*, sortit incõtinent à la ruë où le Roy l'attédoit à pied, n'ayant auec luy que trois ou quatre de ses fauorits [...]» - versão francesa, fólíio 1113

«...» - versão inglesa (suprimido)

«...» - versão alemã (suprimido)

Nos excertos acima, note-se, por um lado, a subtileza com que o tradutor espanhol se refere àquela imagem violenta, adicionando informação de sua inteira autoria entre parênteses, como já é habitual e se constatou atrás, omitindo a referência à designação de «metáfora». No caso francês, Figuiet opta por manter a referência à metáfora, denunciando, novamente, a relação de proximidade que mantém com o original português e efetuando as habituais transformações linguísticas, de forma a tornar o seu texto mais rico e adequado ao seu público destinatário.

Ainda neste capítulo, encontramos alterações e processos tradutivos que, novamente, vêm adequar os textos de chegada aos novos contextos. No paralelo abaixo transcrito, veja-se a manutenção da comparação nas versões espanhola e francesa, o que revela a intenção manifestada por estes tradutores de se manterem fiéis ao texto de partida português. Verificam-se também aqui as adaptações aos contextos linguísticos respetivos, o espanhol e o francês:

«[...] & não ladreis **como cães todo o dia cõ hũa pertinácia taõ obstinada & cheya de cólera** **q̃ a baba vos corre dos beiços como gozos danados q̃ morde a géte.**» - versão portuguesa, fólíio 283

«[...] ladrando **con vna pertinácia con obstinada, y llena de cólera, que la espuma y saliu a os corre por los lábios, como a perros rabiosos, que muerden a la gente sin concierto.**» - versão espanhola, fólíio 453

«Et n'abbayez point tous les jours **comme chiens auec une obstination si grande et pleine de cholere que la baue vous distille des levres comme à des mastins enragez qui mordent les gens.**» - versão francesa, fólíio 1115

«...» - versão inglesa (suprimido)

«...» - versão alemã (suprimido)

O tradutor espanhol conserva a comparação, ainda que com uns toques pessoais intensificadores da mordacidade e característicos da sua escrita, decorrentes da subtil

utilização do procedimento tradutológico da expansão frásica. Neste ponto, Figuiet, pelo contrário, procede às naturais alterações linguísticas, evidenciando um acentuado grau de fidelidade/literalidade que, mais uma vez, corrobora a nossa tese de que a principal fonte da sua versão foi a obra portuguesa e não a sua primeira tradução, a espanhola. A passagem em causa é, tal como se tem vindo a verificar, suprimida nas versões inglesa e alemã.

Na obra portuguesa, o Padre Francisco Xavier exprime a sua crença na fé católica e pede aos marinheiros para rezarem num momento em que se encontram em perigo. Ao partir para aquelas paragens, o padre jesuíta procura, verdadeiramente, expandir essa fé. Nos debates entre este e os Bonzos, os quais saem derrotados, volte-se a lembrar, o padre é visto como um feiticeiro, como se percebe no paralelo abaixo. Ao deslocar-se à China com a finalidade de converter a sua população à fé cristã, adoece e acaba por falecer. Espantosamente, cerca de três meses depois de enterrado, o seu corpo não havia sido corrompido. Ora, por um lado, tal como dissemos a propósito da tradução inglesa, pensamos que a mensagem de perfeição sublime que se encontra por detrás deste milagre iria contra os pressupostos defendidos pelos luteranos, os prováveis leitores desta tradução, na Alemanha, pelo que, como se exemplifica de novo, Cogan, Henrich e Dietrich Boom adotam a técnica tradutiva da supressão textual:

«[...] dizerẽ aos seus que o padre era demonio em carne q̄ vinha infamar a Deos p̄dolhe nome de **mentiroso**: mas cõ a resposta q̄ o padre lhe deu a este argumento, ficarão os ouvintes muyto satisfeitos, & disseraõ todos a hũa voz, sitaa, sitaa, que quer dizer, já, já, já, como que dezião, já caymos no que dizes. E porque também se sabia a razão porque lhe este bonzo disse que punha nomes torpes aos santos, foy, porque tinha o padre por costume quando acabaua de dizer missa rezar com todos hũa Ladaynha para rogar a N. Senhor pela augmêtaçãõ da fé Catholica & nesta ladainha dezia sempre, como nella se custuma, *Sancte Petre ora pro nobis, Sacte Paule ora pro nobis, & assi dos mais Santos*. E porq̄ também este vocablo santi na lingoa Iapoa he torpe & infame, daquy veyo arguyr este ao padre q̄ punha mãos nomes aos Sãtos, mas logo lhe declarou a verdade do q̄ naquilo passaua, q̄ el Rey gostou muyto de entender, & dally por diãte mãdou o padre q̄ se naõ dissesse mais *sancte, senaõ beate Petre, beate Paule* [...]. A isto lhe respondeo o padre da **maneyra q̄ costumaua, porẽ nesta questão arguyraõ muytas cousas differêtes**, & estiueraõ taõ duros em concederẽ nas razoens q̄ lhe dauão, q̄ el Rey de enfadado da pertinácia cõ q̄ negauão tudo o q̄ o padre lhes dezia se ergueo em pe dizẽdo, os q̄ haõ de argumentar sobre ley taõ fundada em toda a razão como esta he, não haõ de estar taõ fora della como vos outros vindes, & tomando o padre pela mãõ acõpanhado de todos os grandes q̄ estauaõ cõ elle, o leuou até a casa dos Christaõs onde pousaua, de q̄ todos os bonzos receberaõ grandíssimo desgosto, 6 ficaraõ muyto envergonhados & dezião publicamẽte & em altas vozes q̄ fogo do Ceo viesse sobre el Rey pois se enganaua tão facilmente por hum **feiticeiro vadio** sem nome.» - versão portuguesa, fólho 283

«[...] dezir a los suyos, que era demonio en carne humana, venia a infamar a Dios, poniendole (**siendo la suma verdad**) nombre de **mentiroso**. Esta duda, y equiuocacion, sue menester, que el bienauenturado Padre Francisco la declarasse, que haziendolo, quedaron todos bien satisfechos. El dezirle, que ponía nombres torpes a los Santos, tuuo fundamento en outra equiuocaciõ mas graciosa: pero fue necessário remediarla, por no alterar la plebe, que facilmente se persuade a nouedades. El Padre Francisco, en acabando de dezir Missa, rezaua con todos los Neofitos vna Letania en que rogauan a nuestro Señor por el aumento de aquella **nueva Christiandad, por quien predicaua en partes tan remotas**. En esta Letania dezia, como acostumbra la Yglesia, **Sãcte Pere, sancte Paule**, y ansi de los otros santos. Y porque este bocablo, sancte, en la lengua Iaponense es torpe, y deshonesto, de aqui arguyeron, que el Padre ponía nombres sensuales a los Santos. Pero declarada la verdade, holgaron de saberla. El Rey, y los demas, y el, por quitar aquella imaginacion, de alli adelante quitaua el **sancte, y dezia beate Petre, beate Paule** [...]. // **A vno y outro respondio milagrosamente el varon Apostoloco, y muy a satisfacion de los oyentes**, si bien los que le argumentauan no se satisfazian, antes con replicas, y estancias nuevas mostrauan su pertinácia. **La eloquencia con que el Padre Francisco les deshazia sus sosisterias, no tengo yo ingenio para ponderarla, y'ansi de propósito no toco en sus respuestas, tanto por ser ajenas de la profession de vn soldado, quanto por no atreuerme a escriuir cosa tan grande, si bien es verdad. Que todas hize entonces memoria, como tambien de los sucessos desta mi peregrinacion, repitiendolos de nuevo quando entre naufragios, y desventuras perdia sus borradores, com intencion de escriuirlos, para consuelo (como he dicho) de los trabajos de mis hijos. Aquellos del demonio, bien contra su voluntad concedieron muchas evidencias de aquellas, aunque en otras anduuieron tan pertinaces, y porfiados, que enfadado el Rey de la terquedad con que negauàn tantas verdades: dexando la filla en que estaua, poniendose en pie, les dixo, que el que auia de arguyr sobre ley tan fundada en razon, y verdade, como era la ley de Christo, no auia de estar tan fuera della como ellos venian. Y siendo al Padre Francisco por la mano, acompanhado de todos os señores; le lleuò a la casa donde posaua con los Christianos, de que los Bonzos recibieron tan corridos, y auergonçados, que dezian a voces, que fuego del cielo cayesse sobre Rey, que se dezaua engañar tan facilmente de vn **hechizero, aduenedizo**, sin nombre, fama, ni letras.» - versão espanhola, fólhos 453-454**

«[...] ils disoient Dieu; tellement que ce fût de là que les seruiteurs du diable prirét sujet de faire accroire auz leurs que le Pere estoit vn diable incarné, qui venoit diffamer Dieu du nom de **menteur**. Mais les assistãs furent grandement satisfaits de la response que le Pere donna à cet argumente, & dirent tous d'vne commune voix, *Sitaa, Sitaa*, que signifie, *C'est assez, assez*; comme s'ils eussent dict, nous demeurons d'accord de ce que tu dis; & afin que l'on sçache encore pourquoy les Bõzes disoient que le Pere donnoit aux Saints des noms Sales; cela procedoit de ce qu'ayant acheué la Messe il auoit accoustumé de dire la Letanie avec les autres Chrestiens, en laquelle ils prioient nostre Seigneur pour l'augmentation de la foy Catholique; & en cette mesme Litanie il disoit tousjours, comme c'est la coustume, *Sancte Petre ora pro nobis; Sancte Paule ora pro nobis; & ainsi des autres Saints*. [...] A cette derniere objection le Pere luy **respondit selon sa coustume**; c'est à dire avec des raisons si claires & si pertinentes, qu'il n'estoit pas possible d'y repliquer. Mais pour tout cela ils ne laisserent pas de continuer en leurs extrauagances, & se monstrent si endurcis contre les raisons que le Pere leur alleguoit, que le Roy ennuyé de la grande opiniastreté avec laquelle il leur voyoit nier les paroles de ce seruiteur de Dieu, se leua de son siege disât, *Ceux qui veulent disputer sur une Loy telle que celle-cy, qui est si bien fondée sur la raison n'en doivent pas estre si esloignez que vous estes*. Dela dit il prist le Pere par la main, accõpagné de tous les grands du Royaume qui estoient avec luy, & le mena jusques à la maison des Chrestiens où il se retiroit; dequoy tous les Bonzes furent grandement desplaisans & honreux, si bien qu'ils disoient tout haut & publiquement, *Que le feu du*

Ciel eust à tomber sur le Roy, puis qu'il se laissoit abuser si facilement par vn sorcier, faineant Et sans nom.» - versão francesa, fólhos 1116-1118

«...» - versão inglesa (suprimido)

«...» - versão alemã (suprimido)

Relativamente à primeira tradução desta obra, veja-se, primeiramente, a expansão textual subordinada aos argumentos do Padre Francisco Xavier a propósito dos quais o narrador-autor confessa a sua incapacidade de os reproduzir, visto serem demasiado eloquentes para a sua escassa capacidade de escritor. Verifica-se, assim, a presença da retórica da humildade. O autor-narrador espanhol refere-se também ao motivo da sua escrita, tal como, em outros momentos narrativos, o faz o autor-narrador português. Herrera Maldonado traduz as passagens relativas às qualidades do Padre Francisco Xavier, manifestando uma contínua admiração por esta personagem. Note-se a modulação do discurso no sentido de o tornar mais ideologicamente marcado. Nessa mesma expansão, Herrera Maldonado reforça a crítica aos Bonzos, ou seja, ao seu carácter demoníaco. Estes são, mais uma vez, comparados a demónios perturbadores da lei do Senhor ou de Cristo, numa passagem espanhola em que a mensagem portuguesa não é deturpada, mas antes enfatizada. As expansões frásicas, através dos parênteses, tal como a seguinte: «(‘como he dicho’)», são igualmente típicas entre os procedimentos a que mais recorre Maldonado. Esta estratégia incute, contínua e subtilmente, a historicidade e a verosimilhança aos factos narrados.

No que diz respeito ao texto de Figuiet, realçamos a opção de utilizar o discurso direto em vez do indireto aquando da intervenção do Rei em defesa do Padre Francisco Xavier, por um lado, e o facto de, neste trecho, se reiterar a inter-relação entre o texto francês e o original português, visível através do facto de não se reproduzir a expansão espanhola sobre o Padre Francisco Xavier e acerca das razões de escrita, e também visível na seguinte passagem, em que o tradutor francês não adere à expressão espanhola, mas antes à portuguesa, a propósito da acusação de «feiticeiro» dirigida ao padre em questão: «[...] todos os bonzos receberão grandíssimo desgosto, e ficarão muyto envergonhados & dezião publicamête & em altas vozes q̄ fogo do Ceo viesse sobre el Rey pois se enganaua tão facilmente por hum feiticeiro vadio sem nome.» (versão portuguesa); «[...] los Bonzos recibieron tan corridos, y auergonçados, que dezian a vozes, que fuego del cielo cayesse sobre Rey, que se dezaua engañar tan facilmente de vn hechizero, aduenedizo, sin nombre, fama, ni letras.» (versão

espanhola); «[...] tous les Bonzes furent grandement desplaisans & honreux, si bien qu'ils disoient tout haut & publiquement, *Que le feu du Ciel eust à tomber sur le Roy, puis qu'il se laissoit abuser si facilement par vn sorcier, faineant Et sans nom.*» (versão francesa).

Maldonado altera, pontual e imprevisivelmente, o pronome pessoal da terceira para a primeira pessoa do plural, ao contrário do que efetuou nos resumos, como já se disse atrás. De repente, assume a primeira pessoa do plural, quando no original é utilizada a terceira pessoa. Este processo torna o discurso mais vivo e interessante e é usado, provavelmente, porque se tratava de uma narrativa autodiegética, sendo de esperar da parte do público-leitor que o narrador se encontrasse a viver mais uma situação com os seus companheiros: «[...] onde dormirão aquella noite.» (versão portuguesa, fól. 283); «[...] y todos dormimos aquella noche [...]» (versão espanhola, fól. 452).

No capítulo CCXIV, do texto espanhol, há a destacar, em primeiro lugar, a precisão factual do tradutor em contraste com a concisão evidenciada no texto de partida português. Temos também a indicação complementar dos nomes de personagens. Por vezes, o tradutor procede a alterações em termos factuais que se podem confundir com lapsos ou distrações, apesar de haver uma forte probabilidade de serem perfeitamente intencionais. Para além disso, Herrera Maldonado coloca à margem a data em números cardinais para incutir a desejável e esperada historicidade, destacando a data também referenciada no interior do seu texto. Dessa forma, o seu leitor situar-se-ia rapidamente e tiraria conclusões com mais facilidade:

«[...] este milagre que contey aconteceo a dezassete de Dezembro de **1551.**» - versão portuguesa, fól. 286

«Este gran milagro **que Dios obrò por los merecimientos de aquel su Santo sieruo,** sucedio a diez y siete de Diziẽbre del año **de mil y quinientos y cincuenta y uno. Alabese a Dios por todo eternamente** de mil y quinientos y cincuenta y vno.»; **Nota Lateral:** «1551» - versão espanhola, fól. 457

«[...] ce miracle que je viens de dire estant arrivé le 17. Jour de Decembre l'an **1551.**» - versão francesa, fól. 1126

«...» - versão inglesa (suprimido)

«...» - versão alemã (suprimido)

No que diz respeito aos capítulos dedicados à personagem Francisco Xavier, verificamos, a partir da leitura comparada, que, nas versões espanhola e francesa, os tradutores respeitam a mensagem encontrada na obra portuguesa. Relativamente à obra inglesa, renovamos a ideia de que na sua base esteve permanentemente o objetivo de assegurar a sua receção por leitores católicos, por um lado, e protestantes/anglicanos, por outro. Quanto à tradução alemã, volta a verificar-se a relação inegável com a versão neerlandesa, dado que foram suprimidos os capítulos referentes ao padre acima indicado, conforme exposto atrás e, de novo, visível no paralelo acima apresentado, o que poderá prender-se com questões contextuais ou meramente com opções tradutivas e pessoais dos respetivos tradutores, o da edição neerlandesa e os da versão alemã.

No que às diferenças entre as versões inglesa e alemã diz respeito, no capítulo CCXVIII da obra portuguesa, destaque-se a referência ao «*Father* Francisco Xavier», na tradução inglesa, contrariamente àquilo que se verifica na edição alemã:

CAP. CCXVIII: «[...] os dias passados o **padre Frãcisco Chenchicogim** praticar da noua ley do criador de todas as cousas q̄ ás ḡetes de Omanguche andaua pregando lhe promety em segredo fechado em meu coração q̄ tornado elle a este meu reyno tomaria de sua mão o nome & a agoa do santo bautismo [...]» - versão portuguesa, fólho 291

CAP. CCXVIII: «[...] los dias passados al **Padre Francisco Chinchicogim**, platicar de vna ley nueua del Criador de todas las cosas, que el andaua predicando á las gentes de Omanguche, le prometi en sercreto que quedo hasta aora cerrado en mi coração, que en boluiendo el à este mi Reyno, tomaria yo de su mano el nombre y agua del santo bautismo [...]» - versão espanhola, fólho 466

CHAP. CCXVIII: «[...] *te donne aduis par cette mienne lettre, que le **Pere François Chenchicogim** estant n'agueres en ce pays où il s'en alloit preschant à ceux d'Omanguche la nouvelle Loy du Createur de toutes choses, je luy promis secrettemet en mon coeur qu'à son retour à mon Royame, je prendrois de sa main le nom Et l'eau du saint Baptisme [...]*» - versão francesa, fólho 1148

CHAP. LXXVI: «[...] *that **Father Francisco Xavier** having been not long since in this Country, preaching to them of Omanguche the new law of the Creator of all things, I secretly promised to him, that at his return into my Kingdome I would receive from his hand the name and water of holy Baptism [...]*» - versão inglesa, fólho 311 (comprimido)

«...» - versão alemã (suprimido)

Como se pode ver, mais uma vez, a tradução alemã suprime integralmente as referências a Francisco Xavier, ao contrário do que acontece na versão inglesa, em que a sua presença na obra é referida, ainda que de forma breve.

Atente-se, abaixo, nas expansões frásicas, na versão francesa, a propósito do Padre Belchior que ocupara o lugar do falecido Padre Francisco Xavier e que continuaria a obra daquele pelas terras do Japão, a propagar a fé cristã. No caso espanhol, há também a assinalar modificações e adaptações em termos de registo discursivo:

«Esta carta mostrou o Visorrey **dō Afonso** ao padre Reitor **mestre Belchior**, & lhe disse q̄ qual era a causa porq̄ se não partia logo para Iapaõ a effeituvar hũa cousa de tanto seruiço de Deos, & leuaua cõsigo todo o collegio de S. Paulo de Goa? O padre lhe deu muytas graças pela merce q̄ lhe fazia naquillo, & lhe disse q̄ pois sua senhoria assi lho aconselhaua & mandaua, q̄ elle se hia logo fazer prestes para se partir naquella moução. **E o Visorrey lho louuou & lho agradeceo muyto por entêder que era hũa cousa de muyto seruiço de nosso Senhor.**» - versão portuguesa, fólho 291

«Aqui acabaua la carta del Rey de Bũgo, la qual enseño el Virrey al **Padre Maestro Melchor Nuñez**, animando le para q̄ hiziesse aquella jornada, pues della auia de resultar tanto aprouechamiento, y tanta ganancia a la religion Catolica, y el Padre determinado a hazerla, se ofrecio partit al Iapon en aquella mocion primera. Determinacion que **el Virrey estomò en mucho por estar persuadido de la mucha importãcia que auia de traer al seruiçio de Dios el efetuarse.**» - versão espanhola, fólho 466

«Le Vice-Roy **Dom Alphonse** monstra cette lettre au **Pere Recteur Belquior**, & luy demanda quelle estoit la cause qu'il ne s'en alloit point au Jappon, pour y effectuer vne chose si importante au seruice de Dieu, quand mesmes il y eust fallu mener tout le College de saint Paul de Goa; le Pere le remercia grandement de la saueur qu'il leur faisoit en cela, & luy dist, que puis que son Altesse luy donnoit ce conseil, il s'en alloit faire ses preparatifs afin de partir si tost que la saison seroit propre; **le Vice-Roy le loüa là-dessus & luy en sceut tresbon gré, comme d'vne chose qui importoit au seruice de nostre Seigneur.**» - versão francesa, fólho 1149

«[...] sent for one father *Belquior*, Rector of the Colledge of the Jesuits, **and having imparted onto him the King of Bungoes desire**, he told him, that **in regard Father Xavier was dead**, he could wish that he would in stead undertake this voyage to Japan, which in all probabilitie would very much redound to the service of God, **and the propogation of the Christian faith. The Rector upon the hearing hereof, willingly imbraced the imployment**, wherewith the Vice-Roy was exceedingly well pleased, and very much commended him for such his good and pious resolution. After this, the Vice-Roy consulting with some of his friends about the chosing of a man, that in qualitie of his Ambassador, might accompany the Father in this expedition; I was nominated unto him, as the fittest he could fix upon, in regard of the knowledg I had, both of the Country, and of the then King thereof; whereupon, I was immediately also sent for, and the Vice-Roy acquainting me with the great desire he had, that I should take this negotiation upon me, which he said, did so much import the honor of God, and the King our Masters service; he prest me so earnestly to it, that I knew not how to refuse him, although I must confesse, he commanded that all things necessary for our voyage should with all convenient speed be prepared.» - versão inglesa, fólho 311

«[...] und wurden allda von dem König herzlich entfangen. Nachdem wir auch daselbst eine Zeitlang zugebracht/ und unsere Sachen bestellet hatten/ nahmen wir vom Könige/ der uns große Freundschaft erwiese/ unsern Ubscheid/ giengen zu Schiff/ und ließen die Segel tapffer sireichen bis an eine Insul des Königs von Minaco. Als wir aber noch sieben Meilen fortgesegelt hatten/ überfiel uns mit dem Neuen Mond ein sehr hestiger

Sturm aus Süden; deßen Wellen uns fünf Tage lang herum worffen/ daß wir nicht wusten/ wo/ auf welcher Höhe und länge wir waren. Die Wellen erhuben sich endlich/ wegen des Sturms Grausamkeit/ über unser Schiff/ und wolten daßelbe/ dem Ansehen nach/ fats gar verschlingen. Wir brachten fünf ganzer Tage mit Aengsten zu; nach derer Endigung der Wind sich unversehens legte/ und die See wieder still wurde; worüber wir uns höflich erfreuten. // Nachdem der Sturm fürüber war/ ließen wir die Segel wieder streichen; und kamen/ nach dreyzehnen Tagen/ in das Reich China, und wurffen den Anter in dem Hafen Sanchan [...]» - versão alemã, fólio 378

No que diz respeito à versão inglesa, podemos verificar aqui a gradual recuperação da fidelidade, mediante a compressão e breves referências aos padres bem como às suas funções no Japão.

Transcrevemos o excerto alemão acima encontrado apenas no sentido de demonstrar a solução dos editores alemães para suprimirem cerca de dezassete capítulos, ou seja, que a forma como os editores decidiram recuperar o respeito pela mensagem original os levou a proceder à tradução do capítulo CCII e à compressão de partes dos capítulos CCIII e CCXX do original português, reunidos no capítulo 62 desta versão e que dizem, essencialmente, respeito às deslocações físicas e às informações geográficas.

Seguidamente, veja-se o trabalho tradutivo de cada tradutor em relação ao local onde o Padre Francisco Xavier fora sepultado:

«Partidos nos desta ilha de Champeiloo fomos demandar as **ilhas de Cātão, & aos cinco dias de nossa viagem prouue a nosso Senhor que chegamos a Sanchaõ, que era a ilha onde fora enterrado o padre mestre Francisco, como atrás tenho dito, [...] desta ilha de Sanchaõ, &** ao sol posto chegamos a outra ilha que está mais adiante seis legoas para o Norte chamada Lampacau, onde naquelle tempo os Portugueses fazião sua veniaga cos Chins, & ahy se fez sempre ate o anno de **1557** [...]» - versão portuguesa, fólio 294

«Desde aquella isla de Campeyoo fuymos à demander las **islas de Cātam, y à los cinco dias da viagem nos hallamos en la isla de Sächam, adonde como ya vimos murio el biena venturado Padre Francisco Xauier.** Alli outro dia por la mañana tomó tierra toda la gente de la flota [...] partimos outro dia de aquel lugar dichoso, depositário primero, y guarda fiel de aquel tesoro santo, y a puertas de Sol llegamos á Lampacau, vna isla, seys léguas mas adelante házia el Norte, adonde en aquel tiempo los Portugeses hazian sus contratos com los Chinas, y durò el hazerse alli hasta el año de mil y quinientos y cincuenta y siete [...]» - versão espanhola, fólios 470-471

«Comme nous fusmes partis de cette Isle de Champeiloo nous gagnasmes les **Isles de Canton, si bien qu’au 5. Jour de nostre voyage il plût à N.S. de nous faire arriuer à Sanchan, que estoit l’Isle où esté enseuely le R.P. Xauier,** comme j’ay dit cy-deuãt. Le lendemain tout autãt de gens que nous estions dans le Nauire, nous memes pied à terre, & nous en allasmes tous en Procession au lieu où auoit rēdu l’esprit le B. Pere Xauier [...] arriuasmes à Soleil couché en vne autre Isle, appellée Lāpacau «qui esta à six lieuës plus auant du costé du Nord, où en ce tēps là les Portugais faisoiēt leur

cõmerce [auce] les Chinois; ce qui continua jusqu'en l'année 1557.» - versão francesa, fólhos 1158-1159

«When we were parted from the Iland of *Champieloo*, we got to the **Ilands of Canton**, so that on the fifth day of our voyage, it pleased God that we arrived at one of them, called *Lampacau*, where at that time the *Portugals* exercised their commerce with the *Chineses*, which continued until the year **one thousand five hundred fifty and seven**; [...] at the Port of *Lampacau*, as I have declared before, we could not meet with any vessel that was bound for *Japan* [...]» - versão inglesa, fólhos 314-315 e 317

«Nach unser Abreise aus der Insul Champeilo, segelten wir neben den **Insuln Cantan hin/ und kamen nach fünf Tagen gen Sanchan**. Wir bleiben deselbst bis auf den folgenden Tag/ und kamen am Abend deßelben zu einer andern Insul/ Nahmens Lampacau, sechs Meilen weiter nach Norden zu/ all wo die Portugiesen mit den Chinesern handelten. Weil aber all da die waaren nicht in so hohem preiß abgiengen/ als ihm der Schiffer eingeildet hatte/ beschloß er/ daselbst zu überwintern/ und bis auf den folgenden Sommer still zu liegen. Schlugen demnach/ aus ermanglender Gelegenheit/ nach Japon [...]» - versão alemã, fólho 380

Enquanto a referência a Francisco Xavier, agora sepultado e não corrompido após cerca de três meses, é respeitada pelos tradutores espanhol e francês, os quais procedem às normais adaptações linguísticas e às adequações às convenções de cada contexto de recepção, as edições inglesa e alemã conservam esta passagem sem se referirem à relevância daquele lugar, ou seja, à ilha de Sanchão, mencionando unicamente as ilhas de Cantão, arquipélago a que parece pertencer aquela ilha.

O tradutor inglês retoma a fidelidade possível em relação à obra de partida ao traduzir o capítulo CCXIX da versão portuguesa. Porém, o recurso às supressões e às compressões continua a ser recorrente; aliás, todo este momento diegético é pautado por uma contínua utilização desses procedimentos tradutológicos. Em relação à organização dos capítulos, verificámos que o capítulo CCXXI da versão portuguesa surge no capítulo LXXVIII da tradução inglesa, onde se suprime a passagem relativa a Sanchão, local em que o Padre Francisco Xavier fora enterrado, porventura pelo facto acrescido de o seu corpo não se ter corrompido.

No início do capítulo 63 alemão, encontramos imbrincado o capítulo CCXXI do texto original português. Nesse momento, voltamos a confirmar a expectável supressão referente àquele local onde Francisco Xavier havia sido sepultado.

Ainda em relação ao capítulo CCXXI português, aproveitamos para mencionar que o tradutor espanhol coloca, como se tem vindo a constatar, a data por extenso, e que suprime a referência do autor-narrador «como atrás tenho dito» (versão portuguesa), ao contrário de Figuiet que a traduz do seguinte modo: «comme j'ay dit cy-deuã» (versão francesa). O tradutor francês recorre às abreviaturas, substituindo «nosso Senhor»

(versão portuguesa, fól. 294) por «N. S.» (versão francesa, fls. 1158-1159); o «padre mestre Francisco», por sua vez, é referido através da abreviatura «R. P. Xauier» (versão francesa, fls. 1158-1159); o «padre mestre Belchior» e «Santo defunto» (versão portuguesa, fól. 294) passam a «R. P. M. Belquior» e «S. defunct» (versão francesa, fól. 1159). Para além desses procedimentos, o tradutor procede, mais uma vez, às tradicionais adaptações e à conversão da moeda, revelando uma preocupação cultural dado que o seu leitor poderia desconhecer o valor da moeda referida, usando, assim, a moeda «ducats», do conhecimento do seu público-alvo.

No início do capítulo CCXXIII português, coincidente com o mesmo capítulo nas versões espanhola e francesa, no começo do capítulo LXXIX inglês e a meio do capítulo 63 da edição alemã, constatamos que todos tradutores manifestam um elevado grau de fidelidade/literalidade, surpreendente nos casos inglês e, sobretudo, alemão:

«Chegada a moução em q̄ podíamos fazer nossa viagẽ nos partimos desta **ilha de Lâpacau aos 7. de Mayo do ãno de 1556.** embarcados em hũa não de q̄ era capitão & senhorio **dõ Francisco Mascarenhas dalcunha o palha,** q̄ aquelle anno ahy residita por capitão mór; & continuando por nossa derrota por tẽpo de **quatorze dias,** ouuemos vista das primeiras ilhas q̄ estão em altura de **35. grãos,** q̄ por graduação demoraõ a **Loesnoroste** da de Tanixumaa [...]» - versão portuguesa, fólio 297

«Llegada la primera mociõ partimos de la **isla de Lampacau, adonde nos boluimos de la ciudad de Cantam, para apercebirmos quãdo llegasse à siete de Mayo,** embarcados en vna não de que era Capitã y señor **don Francisco Mascareñas, que de Alcuña lle llamauã Palla,** y aq̄l año auia residido alli por Capitan mayor. A los **atorze dias** del viagem dimos vista á las primeras islas q̄ están en altura de **treynta y cinco grados,** y segũ la graduacion de aquellos mares demoran a **Lesnordeste** de la isla de Tanixumaa.» - versão espanhola, fólio 475

«La saison estant arriuée en laquelle nous pouuions continuer nostre voyage nous partismes de cette **Isle de Lampocau le septieme jour de May mil cinq cent cinquante six,** apres nous estre embarques dans vn nauire, duquel estoit Capitaine, & M. **Dom François Mascarenhas surnommé la Paille,** qui cette année là y estoit demeuré residente pour General. Ainsi nous continuasmes nostre route **14. jours** durant, à la fin desquels nous descourismes les premières Isles à la hauteur de **trente-cinq degrez,** & qui par graduation regardent **l'Oüest Nor-ouëst** de Tanixumaa [...]» - versão francesa, fólios 1171-1172

«The season being come wherein we might continue our Voyage, we parted from this **Island of Lampacau the seventh day of May.** One thousand five hundred fifty and six, after we had imbarqued our selves in a Ship, whereof **Don Francisco de Mascarenhas, surnamed Pallia,** was Captain. So we proceeded on in our course for **fourteen days** together; at the end whereof we discovered the first Islands at the height of **five and thirty degrees;** and which by gradation regard the **West, North-west** of Tanixumaa [...]» - versão inglesa, fólio 318

«Als sich nun bequeme Zeit und Gelegenheit ereignete/ wieder fortzureisen/ begaben wir uns aus ein Schiff des **Don Francisco Mascarenhas,** und nahmen damit von der

Insul Lampacau unsern Abscheid. Wir segelten **vierzeihen** Tage fort/ und sahen alsdann die ersten Insuln auf der Höhe von **fünf und dreißig Grad/ West-Nord-West** von Tanixuma.» - versão alemã, fólio 382

É de registar que a versão espanhola relembra a ilha de Cantão, onde Francisco Xavier fora sepultado, mediante uma brevíssima expansão, suprimindo, em contrapartida, o ano em que chegam a Lampacau, no interior do texto, preferindo colocar essa indicação na margem e, dessa forma, orientando o seu leitor no processo de interpretação.

A versão de Figuiet apresenta de novo marcas de um contacto próximo com a obra portuguesa. Os procedimentos tradutivos a que o tradutor em causa recorre nesta passagem e ao longo de toda a tradução foram as técnicas interlinguais, revelando-se, assim sendo, fiel ao original.

Os tradutores inglês e alemães também se revelam muito fiéis nesta passagem relativa à Ilha de Lampacau, mas consideramos que o grau de fidelidade/literalidade é mais significativo no texto de Henry Cogan. Os editores alemães recorrem à supressão das indicações cronológicas, a uma breve compressão textual e a uma alteração da sintaxe, adequando o texto à língua alemã e tornando-o mais claro e sintético para o seu leitor.

Tendo em conta a análise comparativa deste momento diegético, podemos tirar algumas ilações acerca da fidelidade/originalidade manifestada(s) pelos tradutores dos textos em estudo. Na obra de Fernão Mendes Pinto, ficou claro que a continuidade da presença de um padre a acompanhar as viagens marítimas era imprescindível, facto atestado pela inclusão do Padre Belchior, o qual passou a ocupar o lugar do Padre Francisco Xavier. A partir do momento em que o Padre Belchior é incluído na obra portuguesa, os tradutores inglês e alemão retomam, parcial e gradualmente, a fidelidade que pautou as suas versões nos momentos narrativos anteriores. Estas suas opções tradutivas não comuns mas similares denunciam, de novo, a preocupação destes tradutores em tornarem os seus textos aceitáveis pelos seus leitores anglicanos/protestantes. A presença do Padre Belchior é atestada no resumo do penúltimo capítulo (CCXXV) da obra original portuguesa, coincidindo com o mesmo capítulo nas traduções espanhola e francesa, conforme se demonstra a seguir:

CAP. CCXXV: «Como o padre **mestre Belchior** se vio cum el **Rey do Bungo**, e do que passou com elle, e da reposta que el Rey me deu da embaixada que lhe leuey.» - versão portuguesa, fólio 300

CAP. CCXXV: «El Padre **Maestro Melchor Nuñez** se vee con el **Roy de Bungo**, y aquella Alteza responde à la embaxada del Virrey de la **India**.» - versão espanhola, fólio 479

CHAP. CCXXV: «De l'entre-veuë de **M. Belquior** avec le **Roy de Bungo**, ensemble de ce qui se passa avec luy, et de la response que le Roy fist à mon Ambassade.» - versão francesa, fólio 1184

CHAP. LXXIX: «Our Arrival in the **Kingdom of Bungo**, and that which pass'd there.» - versão inglesa, fólio 318

Cap. 63: «[...] Blut-Regern zu Pequin. Pinto komt in Japon, und wird an den **König in Bungo** gesandt. Er erscheint vor ihm/ wird zur Mahlzeit geholet/ und auf unterschiedliche Weise mit seinem Geferten hönisch durchgezogen [...]» - versão alemã, fólio 380

Transcrevemos atrás os resumos das traduções inglesa e alemã no sentido de realçar a imediata supressão da menção ao Padre Belchior, logo nessas sínteses dos capítulos LXXIX e 63, respetivamente. Na tabela intitulada «Resumos dos Capítulos Ilustrativos da Compressão/Supressão do Momento Narrativo Relativo ao Padre Francisco Xavier nas Versões Inglesa e Alemã» (*Vide Anexo V – Tabela 2*), transcrevemos os resumos dos capítulos CXCVI-CCXXI da obra original portuguesa e das traduções espanhola e francesa, dos capítulos LXXI-LXXVIII da versão inglesa e dos capítulos 60-63 da edição alemã, com o intuito de enfatizar a discrepância entre essas duas versões, a obra original e as traduções espanhola e francesa, mas também entre elas.

Partindo da sua análise comparativa bem como dos conteúdos dos respetivos capítulos, podemos verificar que os 26 capítulos do texto português são conservados de forma muito evidente pelos tradutores espanhol e francês.

No caso inglês, o tradutor revela-se próximo do texto português do capítulo LXXI ao capítulo LXXV, no qual nos deparamos com a referência à morte de Francisco Xavier e com a passagem relativa ao Padre Belchior. O tradutor recorre à supressão parcial do capítulo CCIV português, visível no capítulo inglês LXXV, e retoma a mensagem original portuguesa, mediante a compressão, a partir do capítulo CCXIX português, conforme se pode constatar, por exemplo, nos capítulos ingleses LXXVI, LXXVII e LXXVIII. Nesta tradução, os 26 capítulos do original português em causa são reunidos em apenas 8 capítulos, a par da supressão de cerca de quinze capítulos e das compressões simultâneas operadas.

Quanto à edição alemã, os editores mantêm a mensagem original portuguesa nos capítulos 60, 61 e 63. Com efeito, é no capítulo 62 que se dá a supressão de todo o momento narrativo relativo ao Padre Francisco Xavier e, igualmente, à passagem que diz respeito ao Padre Belchior. Os editores manifestam um interesse pelo percurso do narrador-personagem, bem como pelas dificuldades por si encontradas ao longo do seu percurso até à China e ao Japão. Nesta versão, os 26 capítulos portugueses em questão surgem agrupados em 4 capítulos mais extensos do que os ingleses, revelando um maior afastamento em relação ao texto original português do que o texto traduzido inglês, atendendo ao recurso à supressão de perto de dezassete capítulos portugueses, desde o capítulo CCIII ao capítulo CCXX.

De acordo com os paralelismos atrás apresentados, podemos afirmar que os tradutores Francisco de Herrera Maldonado e Bernard(o) Figuiet/Figueira se revelam, novamente, muito próximos da obra portuguesa, adaptando, não obstante, o texto às línguas, às culturas, enfim, aos sistemas de chegada, e procurando torná-los mais adequados, claros e esclarecedores. O mesmo não se poderá afirmar acerca das versões inglesa e alemã. Os seus tradutores adotam, neste momento narrativo relativo ao Padre Francisco Xavier, a supressão e a compressão, o que denuncia, igualmente, uma intenção de adequar os seus textos aos seus leitores, assegurando, desse modo, a sua boa receção e o acesso às informações imprescindíveis por elas veiculadas.

3.2.5. O Retorno a Portugal

No capítulo final do original português, pode-se ler acerca da viagem de regresso a Portugal. O narrador dá-nos, de novo, conta, de forma abreviada, das aventuras e vicissitudes daquela viagem, e refere-se às dificuldades e às más condições de vida reencontradas no retorno ao reino. Nesse contexto, o narrador refugia-se na justiça divina, recorrendo insistentemente à expressão «pobre de mim». Digamos que encontramos aqui um balanço de todas as aventuras e desventuras, as quais foram relatadas nas diversas páginas precedentes.

Nos resumos dos capítulos correspondentes ao capítulo CCXXVI da obra portuguesa das várias traduções, podem-se ver ligeiras discrepâncias decorrentes das diferentes opções tradutivas ou dos estilos próprios dos seus tradutores:

CAP. CCXXVI: «Do que passey depois q partimos deste porto do Xequê até chegar à Índia, E **dahy a este reyno.**» - versão portuguesa, fólho 302

CAP. CCXXVI: «Parte el autor del puerto de Xequê para la Índia, y **de alli a Portugal.**» - versão espanhola, fólho 479

CHAP. CCXXVI: «Des choses qui se passerent depuis que nous partismes de Xequê iusques à nostre arriuée en l'Inde, Et **de là au Royaume de Portugal.**» - versão francesa, fólho 1190

CHAP. LXXXI: «What past after our departure from Zequa, till my arrival in the Indiaes, and **from thence into the kingdome of Portugal.**» - versão inglesa, fólho 324

Cap. 63: «Pinto überwintert zu Lampacau. Großes Erdbeben/ und erbärmlicher untergang einer Landschaft. Ernstliche Luße der Einwohner in China. Blut-Regen zu Pequin. Pinto komt in Iapon, und wird na den König in Bungo gesandt. Er erscheint vor ihm/ wird zur Mahlzeit geholet/ und aus unterschiedliche Weise mit seinen Geferten höüisch durchgezogen. Sie erscheinen etlich mahl vor dem König in Bungo, und werden mit herzlichen Geschenkken/ und mit einem Brief an den Unter-König versandt. Pinto tuht vor dem Unter-König Rechnung von seiner Gesandschaft/ entpfäheth von ihm ein Recommendation schreiben/ reiset **damit in sein Vaterland**/ und wird für seine Dienste schlecht belohnet.» - versão alemã, fólho 380

As traduções espanhola, francesa e inglesa patenteiam modificações linguísticas que se prendem com o modo diferenciado como o sujeito da escrita se relaciona com o objeto da escrita. Os deíticos relativos aos referentes passam de «[...] E day a este reyno.» (versão portuguesa) para «[...] de alli a Portugal.» (versão espanhola), para «[...] de la Royaume de Portugal.» (versão francesa), para «[...] from thence into the kingdom of Portugal.» (versão inglesa) e para «[...] reiset damit in sein Vaterland [...]»

(versão alemã). Na tradução de Maldonado, verifica-se, com efeito, uma clara mudança de perspectiva pela substituição de «dahy a este reyno» (versão portuguesa) por «de alli a Portugal» (versão espanhola), a qual se prende com a transformação de um texto num outro pertencente a um sistema totalmente novo e distinto, para além de afastado do referente. Essa decisão tradutológica é adotada, do mesmo modo, por Figuiet, o qual torna o discurso mais correto e conciso, mediante a inclusão da expressão: «de là au Royaunie de Portugal» (versão francesa). O facto de Cogan usar o mesmo processo aproxima estes textos: «from thence into the kingdome of Portugal» (versão inglesa). Relativamente à edição alemã, a qual opta por reforçar a naturalidade do narrador-personagem, consideramos que este é mais um exemplo que demonstra um prévio trabalho interpretativo por parte dos editores: «damit in sein Vaterland» (versão alemã). Consistem todas elas em mutações expectáveis, atendendo aos diferentes contextos a que pertenciam os tradutores.

De acordo com os procedimentos tradutológicos encontrados no corpo do texto traduzido por Figuiet, e conforme aconteceu novamente no resumo que apresentámos atrás, voltamos a lembrar que consideramos tratar-se de uma tradução muito fiel/literal, a qual, ainda que tenha contactado com a versão espanhola, tal como é anunciado na *Deffense Apologeticque de l’Histoire Orientale de Fernand Mendez Pinto*, em que a inter-relação é denunciada logo no título, preferiu manter-se mais próxima da obra original portuguesa da autoria de Fernão Mendes Pinto.

No seguinte paralelismo, veja-se a substituição de «Raynha dona» por «Madam(e)», nas traduções francesa e inglesa, o que volta a corroborar a nossa tese de que a primeira terá sido a fonte da segunda:

«[...] a **Raynha dona** Caterina nossa Senhora é santa gloria aja [...]» - versão portuguesa, fólho 302

«[...] la **Reyna doña** Catalina, Di a su Magestad la carta del Governador Barreto [...]» - versão espanhola, fólho 480

«[...] par **Madame** Catherine nostre Royne d’heureuse memoire.» - versão francesa, fólho 1192

«[...] as such time as the kingdome was governed by **Madam** KATHERINA, our Queen of happy memory.» - versão inglesa, fólho 325

«[...] überreichte der Königlichen **Maiestät** allda das [...]» - versão alemã, fólho 391

No que respeita à «conclusão», no capítulo 63 alemão, e que corresponde ao capítulo CCXXVI da versão original portuguesa, verificamos o recurso à compressão da referência à «Raynha dona Caterina» (versão portuguesa); «Reyna doña Catalina» (versão espanhola); «Madame Catherine nostre Royne d'heureuse memoire» (versão francesa); «Madam KATHERINA, our Queen of happy memory» (versão inglesa); «Königlichen Maiestät» (versão alemã). Chamamos ainda a atenção para a supressão, no interior do capítulo alemão, dos apartes parentéticos, à semelhança da versão inglesa.

A partir da análise dos trechos que se seguem, o leitor pode constatar que o recurso a expansões frásicas e a adaptações diversas, conforme os contextos de receção, é recorrente em todos os textos de chegada. No que diz respeito ao relato dos sucessos e insucessos que tiveram lugar no decorrer da *Peregrinaçam* e à remissão dos pecados do narrador-autor, apresentamos, nas linhas abaixo, extratos em que se destacam as expansões adotadas e as adequações efetuadas de acordo com as línguas e os contextos de chegada respetivos:

«E nisto vieraõ a parar meus **seruiços de vinte & hum anos, nos quais fuy treze vezes catiuo, & dezasseis vendido, por causa dos desauëturados sucessos que atras no discurso desta minha tão longa peregrinação largamente deixo contados.** Mas inda que isto assi seja, não deixo de entender que ficar eu sem a satisfação que pretendia por tantos trabalhos & por tantos seruiços procedeo mais da prouidencia diuina que o permitio assi por meus pecados [...]» - versão portuguesa, fólio 303

«Este foe el galardon de mis infortúnios, este el premio de **veinte y vn anos de seruiço, en los cuales fui treze vezes catiuo y diez y siete vëdido por diuersas desuenturas y sucessos jornadas desta mi desdichada peregrinacion que ya aora, llegando a la vitima, cõfiesso,** que el quedar yo sin la deuida satisfaciõ de tantas penas, sin el galardon de tantos trabajos, y sin el premio que mercelan tontas desventuras y seruiços ha procedido mas dela prouidencia, y disposiciẽ diuina, que lo permitio ansi por mis pecados [...]» - versão espanhola, fólio 480

«Pour conclusion voy laquels ont este les seruices que j'ay este **treize fois esclau, & vendu seize fois, à cause des mal-heureux euenements dont j'ay cy deuant fait mention assez amplement en ce liure d'vn si long & d'vn si penible voyage;** mais bien que cela soit ainsi je ne laisse pas de croire que ce que je suis demeuré sans la recompense que je pretendois pour tant de seruices & de trauaux, est plustost procedé de la prouidence diuine qui l'a ainsi permis pour mes pechez [...]» - versão francesa, fólio 1193

«For a conclusion, behold what the services have been which I have done for the space of one and **twenty years during which time, I was thirteen times a slave, and sold fifteen times, by the reason of unlucky events of so long and painfull a voyage, whereof I have made mention amply enough in this Book.** But although this be so, yet do I not leave to believe, that the cause why I remained without the recompence whereunto I pretended for so many services and travels, rather proceeded from the Divine providence, which permitted it to be so for my sins [...]» - versão inglesa, fólio 325

«Hieraus kan man nun klärlich sehen meine in ein und zwanzig Jahren verrichtete Dienste/ in denen ich **dreyzehen mahl bin gefangen/ und siebenzehen mahl verkauft worden: An welchen allen die unterschiedliche weite/ sehr gefährliche/ und in diesem Buch weitläufftig angeführte Reisen sind ursach gewesen.** Wiewohl nun solches alles sich in Warheit also verhält/ so will ich dennoch die Ursach deßen/ daß ich für alle meine Dienste keine Belohnung entpfangen habe/ viel lieber der Göttlichen Worschung zuschreiben/ die solches also um meiner Sünden willen zugelaßen hat [...]» - versão alemã, fólio 391

Notamos, de novo, o *explicit*, tal como o fizemos em relação ao *incipit*, na linha da sugestão apresentada por António Rosa Mendes. Conforme se pode verificar, também aqui os tradutores revelam uma particular preocupação com o equilíbrio da obra, tal como o autor do original português.

Maldonado procede acima a uma ligeira expansão frásica que enfatiza as dificuldades vividas no decurso daquela viagem, na passagem em que o narrador volta a referir-se à sua atividade de escritor, ao contrário do que se verifica nas restantes traduções, sem que, no entanto, se deturpe de algum modo a mensagem portuguesa: «[...] que atras no discurso desta minha tão longa peregrinação largamente deixo contados.» (versão portuguesa); «[...] por diuersas desuenturas y sucessos jornadas desta mi desdichada peregrinacion que ya aora, llegando a la vitima, cõfiesso [...]» (versão espanhola); «[...] j'ay cy deuant faict mention assez amplement en ce liure d'vn si long & d'vn si penible voyage [...]» (versão francesa); «[...] so long and painfull a voyage, whereof I have made mention amply enough in this Book.» (versão inglesa); e «[...] in diesem Buch weitläufftig angeführte Reisen sind ursach gewesen.» (versão alemã).

Figuiier mostra-se mais fiel à obra de Fernão Mendes Pinto, continuando, no entanto, a transformar o texto de modo a ir ao encontro do gosto francês e das características linguísticas e culturais franceses. A edição de Cogan revela, como habitualmente, uma forte relação com o texto francês apesar de se detetarem mudanças sintáticas que, certamente, tornariam o texto mais eficaz e agradável ao leitor inglês. A versão alemã apresenta, igualmente, uma estreita relação com a tradução francesa, apesar de sabermos que, no que diz respeito a este texto, uma tradução intermediária se encontra entre ela e a tradução francesa, ou seja, a versão neerlandesa, tal como se pode constatar no paralelismo atrás apresentado.

Por fim, e ainda em relação ao paralelo anterior, vejam-se as alterações relativamente às informações factuais que nos permitem estabelecer outras relações de

interdependência atrás aludidas: «dezasseis» (versão portuguesa) «diez y siete» (versão espanhola); «seize» (versão francesa); «fifteen» (versão inglesa); e «siebenzehen» (versão alemã). Note-se, por exemplo, a proximidade entre as versões espanhola e alemã e o afastamento entre as restantes traduções e, mesmo, em relação à obra portuguesa, o que nos leva a afirmar que estas alterações terão, eventualmente, surtido do trabalho interpretativo executado por cada tradutor (tradução interlinear).

Quanto ao paralelo abaixo apresentado, é de salientar o recurso aos parênteses na versão original e a sua supressão nas quatro traduções, perdendo-se assim o carácter de aparte confessional tão recorrente no autor português, continuamente reforçado na tradução de Maldonado em outras passagens narrativas:

«[...] todos os Reys deste reyno **(que são a fonte limpa donde manão as satisfações, inda que às vezes por canos mais affeioados que arzeoados) enxerguey sempre hum zelo santo& agradecido, & hum desejo larguíssimo & grandioso, não somente para galardoar a quem os serue [...]**» - versão portuguesa, fólio 303

«[...] todos los Reyes deste Reyno de Portugal, **q̄ son la fuente limpa y cristalina, de adonde maña las satisfaciones a los vassalos q̄ los siruen, aunq̄ algunas vezes corren essas fuêtes por manantiales, por aquaductos y arcaduzes, mas apassionados q̄ agradecidos, haste siẽpre vn zelo santo, y vn desseo liberalíssimo, no solamente para galardonar à quien los sirue [...]**» - versão espanhola, fólio 480

«[...] Roys de ce Royaume, **qui est comme vne viue source d'où procedent les recompenses, bien que quelquesfois elles s'escoulen par des tuyaux plus affectionnez que raisonnables, il s'est trouué tousjours vn zele saint & recognoissant, accompagné d'vn desir fort ample & tres-grand, non seulement de recompenser ceux qui les seruent [...]**» - versão francesa, fólio 1193

«[...] all Kings of this Kingdome, **who are the lively source from whence all recompense do flow, though many times they ranne thorow pipes more affectionate then reasonable, there is always found an holy and to recompense those which serve them, but also to confer great estates on them which render them no service at all [...]**» - versão inglesa, fólio 325

«[...] allen Königen dieses Reichs allezeit **einen henligen Eifer und service Begierde bemerter hat/ nicht allein/ die es verdienen/ wohl zu belohnen/ sondern [arth] denen/ so ihnen nicht dienen/ große Gnade und Wohltahten zu erweisen [...]**» - versão alemã, fólio 392

Verifica-se, pois, a eliminação dos apartes parentéticos do original, embora não se perca a crítica ao funcionamento arrevezado e tortuoso dos poderes institucionais, a qual seria bem entendida não só pelo leitor português como pelo leitor espanhol, francês, inglês e alemão, dado o seu carácter universal. Tal posicionamento crítico não entra em contradição com uma aceitação abnegada do destino, de que os tradutores

fazem eco nas suas traduções. Nota-se, porém, aqui a adoção de uma breve compressão na versão alemã, o que se prenderá com a economia textual, com o contexto de chegada e o leitor da referida edição.

Nestes últimos trechos transcritos, salientamos as passagens para as línguas espanhola, francesa, inglesa e alemã do sentimento de aceitação abnegada (cristã) do destino:

«[...] não me queixo dos Reys da Terra **pois eu não merecy mais por meus peccados.**» - versão portuguesa, fólio 303

«[...] **y pues yo no mereci mas por mis grandes culpas, y pecados,** no me quexo, ni es justo que me queixe de los Reyes de la tierra.» - versão espanhola, fólio 481

«[...] & ne me Plains point des Roys de la terre, **puisque mes pechez m'ont rendu indigne d'en meriter dauantage.**» - versão francesa, fólio 1193

«[...] and do not complain of the Kings of the earth, **since my sins have made me unworthy of meriting more.**» - versão inglesa, fólio 326

«[...] und klage nicht über die Könige der Erden/ **die weil mich meine Sünden einer andern und bessern Belohnung gennwündiget haben.**» - versão alemã, fólio 392

Mais uma vez, é possível estabelecer uma inter-relação entre as traduções em análise a partir do paralelo acima apresentado, a qual, neste caso, fundamentamos com o argumento sintático, dado que a referências aos «Reys» (versão portuguesa), «Roys» (versão francesa), «Kings» (versão inglesa) e «Könige» (versão alemã) surgem antes da explicação apresentada pelo narrador-autor, nas versões portuguesa, francesa, inglesa e alemã, respetivamente, ao contrário do que se verifica na tradução espanhola, em que se dá uma inversão desses elementos frásicos.

CONCLUSÕES

Ao longo deste trabalho, procurámos perceber as razões pelas quais esta obra portuguesa, relativa a uma viagem pelo Extremo Oriente no século XVI, foi alvo de várias traduções imediatamente após a sua publicação, isto é, no século XVII (embora seja sabido que tal trabalho tradutivo tenha continuado até aos nossos dias). As quatro traduções que constituíram o nosso objeto de trabalho espelham, efetivamente, o significado desta obra singular. São elas, as traduções espanhola, da autoria de Francisco de Herrera Maldonado; francesa, cujo autor é Bernard Figuiet ou Bernardo Figueira; inglesa, de Henry Cogan; e alemã, de X., ou antes, de Henrich e Dietrich Boom. Conforme se verificou atrás, apesar da liberdade tradutiva expressa em cada uma das traduções, podemos concluir que o grau de fidelidade/literalidade, ainda que variável, é bastante significativo, exceto nos casos em que há supressões significativas de texto e reconfiguração do discurso da narrativa.

Nas páginas anteriores, procedemos a uma análise comparativa entre trechos da *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto e extratos das respetivas traduções espanhola, francesa, inglesa e alemã, publicadas no século XVII. Constatou-se que em todas as versões em causa se encontram adaptações, expansões, compressões e supressões, de maior ou menor extensão e com uma frequência distinta, pelas mais variadas razões contextuais, estilísticas, editoriais, enfim, processos tradutológicos moldados pelas características do momento da história da tradução relativo ao século XVII.

Os tradutores Herrera Maldonado, Bernard Figuiet, Henry Cogan e Henrich e Dietrich Boom, procederam a diferentes técnicas tradutivas que tornam os seus textos individuais e singulares. É exatamente através da análise comparativa e atenta das mesmas que se torna possível perceber que relações se escondem por detrás das suas traduções, visto que, em determinados momentos do relato, algumas edições se afastam do original e outras procedem de forma semelhante, denunciando um contacto direto ou indireto entre essas versões. Em todas elas verificam-se adaptações em consonância com o gosto dos novos públicos-leitores e com o espírito da tradução do texto original, variando o grau de fidelidade/literalidade em função dos procedimentos utilizados nessas traduções.

Os contactos entre a tradução espanhola e a francesa são atestados nos paratextos da versão francesa e em algumas passagens textuais, no entanto, esta última revelou-se, no geral, mais próxima do original português. Quanto à proximidade entre a

versão francesa e as edições inglesa e alemã, diversas são as passagens em que essa relação de interdependência se evidencia, ainda que tenhamos em conta a versão neerlandesa como intermediária entre a francesa e a alemã. Com efeito, apesar das referências à tradução francesa nos paratextos das versões inglesa e alemã, consideramos que apenas no caso inglês se confirma essa relação direta. Do nosso ponto de vista, existe uma forte probabilidade de a edição neerlandesa ter sido o texto de partida da versão alemã, apesar de, na ótica de Leite de Faria, por exemplo, essa inter-relação se alargar também à tradução de Henry Cogan. De referir ainda que na origem da tradução inglesa se encontra, igualmente, a edição alargada da coleção de viagens da autoria de Samuel Purchas, a qual terá servido, provável e essencialmente, para divulgar a obra portuguesa, dado que se trata de uma compilação de vários textos.

Com base na análise apresentada nas páginas anteriores, podemos deduzir que as expansões frásicas ou textuais, de extensão variada, os seus objetivos e a sua frequência, são um dos procedimentos tradutológicos a que mais recorre o tradutor Francisco de Herrera Maldonado; quanto a Bernard Figuiet (ou Bernardo Figueira), diremos que o seu processo tradutivo primordial é a adaptação linguística e estilística, procurando ser fiel/literal e, simultaneamente, ir ao encontro do gosto e da exigência do seu público-leitor; já Henry Cogan Gentleman manifesta-se muito próximo da versão francesa, porém, no que diz respeito a determinadas questões, de entre as quais se destacam as religiosas, recorre à compressão e, inclusivamente, à supressão (momento narrativo relativo a Francisco Xavier). De salientar, nesta versão, a reorganização dos capítulos, cuja numeração total passa a ser de 81 e não de 226. O tradutor anónimo alemão, o qual se identifica com a letra X., ou os editores dessa tradução adotam as técnicas de tradução da compressão e da supressão de forma verdadeiramente notória, alterando, igualmente, mas de forma distinta da inglesa, a organização estrutural da obra portuguesa e apresentando um total de 63 capítulos, tal como acontece, segundo Patrícia Couto, também na versão neerlandesa.

Na tabela intitulada de «Excertos Representativos dos Principais Momentos Narrativos / Procedimentos Tradutivos Analisados» (*Vide* Anexo V, tabela 3), destacamos passagens exemplificativas de procedimentos a que mais recorreram os tradutores nos principais momentos diegéticos desta narrativa portuguesa. Nelas, é possível constatar que o grau de fidelidade/literalidade expresso pelas quatro traduções é variável, apesar de considerável em todas elas. Cada tradutor toma decisões que, como vimos atrás, tornam os seus textos, de certo modo, singulares, ainda que fiéis aos

respetivos textos de partida, conforme procurámos demonstrar ao longo deste estudo, consistindo a maior infidelidade na supressão dos capítulos dedicados a Francisco Xavier e à sua missão, nas versões inglesa e, sobretudo, alemã.

Passamos a recordar, de seguida, os principais aspetos analisados não longo do nosso estudo comparativo. No que diz respeito aos títulos, notam-se, desde logo, algumas inter-relações e atitudes interpretativas. Ora veja-se:

Versão Portuguesa

«*Peregrinaçam de Fernam Mendez Pinto*»²⁷³

Espanhola

«*Historia Oriental de las Peregrinaciones de Fernan Mendez Pinto*»²⁷⁴

Versão Francesa

«*Les Voyages Advantvrevx de Fernand Mendes Pinto*»²⁷⁵

Versão Inglesa

«*The Voyages and Adventures of Fernand Mendez Pinto*»²⁷⁶

Versão Alemã

«*Die wunderliche Reisen Ferdinandi Mendez Pinto*»²⁷⁷

No caso espanhol, consideramos que Maldonado procurou, imediatamente, tornar o título mais claro e representativo do conteúdo da obra ao incluir os vocábulos «*Historia Oriental*». Figuiier revela, por seu turno, uma tentativa de aproximar o seu trabalho ao gosto do público-leitor francês, ou seja, por narrativas de aventuras. O título inglês evidencia uma intenção semelhante ou, pelo contrário, denuncia logo a interdependência com a tradução francesa em virtude de incluir a expressão «*Voyages and Adventures*». O título alemão, finalmente, demonstra-se aqui, igualmente, próximo ao da versão neerlandesa, cujo título, voltamos a lembrar, é *De Wonderlyke Reizen van Fernando Mendez Pinto*, e revelando, igualmente, a intenção de ir ao encontro do interesse do seu destinatário.

Nos subtítulos das várias traduções, conforme vimos atrás, verificam-se, do mesmo modo, procedimentos que traduzem algum grau de interpretação por parte dos

²⁷³ Pinto, Fernão Mendez, *Peregrinaçam de Fernão Mendez Pinto*, Lisboa, 1614, frontispício.

²⁷⁴ Pinto, Fernan Mendez, *Historia Oriental de las Peregrinaciones*, tradução de Francisco de Herrera Maldonado, Madrid, 1620, frontispício.

²⁷⁵ Pinto, Fernand Mendez, *Les Voyages Advantvrevx de Fernand Mendes Pinto*, tradução de Bernard Figvier, Paris, 1628, frontispício.

²⁷⁶ Pinto, Fernand Mendez, *The Voyages and Adventures of Fernand Mendez Pinto*, tradução de Henry Cogan Gent., London, 1653, frontispício.

²⁷⁷ Pinto, Ferdinandi Mendez, *Die wunderliche Reisen Ferdinandi Mendez Pinto*, tradução de X., Amsterdam, 1671, frontispício.

tradutores, por um lado, e contactos, por outro. Destacamos os casos inglês e alemão, dado que detetámos aí a eliminação da referência ao Padre Francisco Xavier, mais tarde confirmada, na supressão do momento narrativo a ele referente.

Quanto aos paratextos encontrados na obra original e em cada tradução, salientamos, no texto português, o paratexto destinado «Ao Leitor»²⁷⁸, na versão espanhola, a «Apologia en Favor de Fernan Mendez Pinto, Y desta Historia Oriental»²⁷⁹, no texto francês, a «Deffence Apologeticque de l’Histoire Orientale de fernand Mendez Pinto»²⁸⁰, na edição inglesa, «An Apologetical Defence of Fernand Mendez Pinto - His History»²⁸¹ e, por fim, na tradução alemã, um texto igualmente dirigido ao leitor, porém com um título distinto, mas próximo do português, ou seja, «An den Leser!»²⁸². Nestes paratextos, o autor original e os tradutores procuram dar conta do conteúdo das suas obras, fornecendo indicações acerca das suas fontes de partida, no caso das traduções, ainda que saibamos que a veracidade de tais informações nem sempre se confirmou. Referimo-nos, concretamente, aos paratextos francês e inglês, dada a referência à versão espanhola, que, como vimos atrás, não foi o único texto ou o modelo seguido em ambos os casos, e ao paratexto alemão, em que a proximidade anunciada com a versão francesa terá, pensamos nós, tido um carácter indireto, tendo o contacto direto, supomos, sido travado antes com a versão neerlandesa. Ainda assim, os paratextos usados enriqueceram a obra e as traduções, despertando o interesse dos leitores respetivos e contribuindo para conferir credibilidade aos vários textos.

Face aos paralelismos estabelecidos entre a *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto e as traduções espanhola, francesa, inglesa e alemã, consideramos que, principalmente, os tradutores Herrera Maldonado e Bernard Figuiet foram aqueles que procuraram traduzir mais fielmente e de forma completa esta obra portuguesa. As opções tradutológicas efetuadas por cada um deles encontram-se relacionadas com os gostos dos tradutores e dos seus públicos-leitores, com os sistemas linguísticos de chegada e, especialmente, com o contexto ideológico-religioso. Francisco de Herrera

²⁷⁸ Crasbeeck, Pedro (ed.), «Ao Leitor», in *Peregrinação de Fernam Mendez Pinto*, Pinto, Fernão Mendes, Lisboa, 1614, f. [3].

²⁷⁹ Maldonado, Francisco de Herrera, «Apologia en Favor de Fernan Mendez Pinto, Y desta Historia Oriental», in *Historia Oriental de las Peregrinaciones de Fernan Mendez Pinto*, Madrid, 1620, fls. 1-9.

²⁸⁰ Figuiet, Bernard, «Deffence Apologeticque de l’Histoire Orientale de Fernand Mendez Pinto», in *Les Voyages Advantvrevx de Fernand Mendes Pinto*, Paris, 1628, fls. [8-14].

²⁸¹ Cogan, Henry, «An Apologetical Defense of Fernand Mendez Pinto – His History», in *The Voyages and Adventures of Fernand Mendez Pinto*, London, 1653, fls. [3-7].

²⁸² X., «An den Leser», in *Die wunderliche Reisen Ferdinandi Mendez Pinto*, Amsterdam, 1671, fls. [1-4].

Maldonado recorreu sobretudo às expansões frásicas e textuais; Bernard Figuiet procedeu, essencialmente, a adaptações linguísticas e estilísticas. Quanto ao tradutor inglês, atrevemo-nos a postular que terá procurado ser fiel também à mensagem de partida, ainda que a intenção de assegurar a boa receção do texto o tenha levado, por exemplo, a comprimir e, mesmo, a suprimir a passagem relativa a Francisco Xavier, embora tenha referido brevemente a sua intervenção na obra; Henrich e Dietrich Boom, por seu turno, terão sido os que mais se afastaram, avaliando o recurso mais frequente às compressões textuais, e a adoção da supressão de todos os capítulos relativos aos padres Francisco Xavier e Belchior Barreto. Todos eles adotaram técnicas interlinguais, procurando, inclusivamente, respeitar, na sua maioria, os recursos expressivos criados pelo autor português.

Assim, as versões, que na nossa opinião, evidenciam um grau de fidelidade/literalidade mais acentuado, voltamos a enfatizar, são a espanhola e, principalmente, a francesa. Nelas verificaram-se, essencialmente, expansões frásicas e textuais, bem como adaptações linguísticas e culturais, respeitando, em larga escala, a narrativa portuguesa e a mensagem por si veiculada. As adaptações inglesa e alemã evidenciam, pois, graus de fidelidade menos acentuados do que nas edições acima referidas e, mesmo na comparação destas duas, conforme dito nas páginas precedentes, percebe-se que a tradução alemã é aquela que mais se afasta do texto original, dada, sobretudo, a supressão dos capítulos nela verificada.

Conforme se expôs atrás, Francisco de Herrera Maldonado procedeu a uma tradução ajustada ao gosto do seu público-leitor, a qual envolveu adaptações várias de acordo com a língua de chegada e o seu estilo. De entre as alterações que encontrámos, salientamos as mais recorrentes e notórias: as expansões informativas «Quebra dos Escudos», de elogio a António de Faria, acerca das questões que dizem respeito à religião, relacionadas com a agressividade do Outro, com os comportamentos condenáveis na Ilha de Calemply, as referentes às dificuldades sentidas e aos constantes naufrágios, no âmbito do desfecho da ação de António de Faria, da descrição do «caquesseirão» e do ídolo de ferro monstruoso chinês. Há ainda a referir as breves expansões explicativas e a tentativa de incutir, continuamente, ao discurso clareza e precisão. As notas laterais e o recurso aos parênteses, encontrados nesta versão, contribuem, igualmente, para reforçar esta retórica. Mediante as expansões, Maldonado enfatiza, ainda, quer a crítica indireta colocada na boca do Outro quer as qualidades dos portugueses. Em termos de supressões, salientamos a relativa aos condicionalismos da

partida do reino, provavelmente, por uma questão de economia diegética ou em consequência do trabalho interpretativo realizado por Maldonado. Quanto a adaptações, realçamos a mudança de ponto de vista, perceptível na explicitação do referente (modificações de determinantes demonstrativos e de pronomes pessoais), procurando enfatizar a origem do narrador-personagem da obra original e a sua localização relativamente a Portugal, o seu país natal.

Para além dos procedimentos tradutológicos acima mencionados, encontram-se, nesta edição, **questões culturais**, tais como as expressões idiomáticas e as moedas nacionais («cruzados», «tostões» e «conto» - versão portuguesa; para «ducados», «reales» e «million» - versão espanhola), **questões linguísticas** resultantes de adaptações exigidas pela transposição do sistema linguístico de partida para o de chegada, **questões editoriais** (reorganização de ideias através da aplicação de parágrafos, uso de maiúsculas, alteração de alguns nomes de personagens, anos por extenso), e **questões factuais** (omissão de algumas datas, mudanças ao nível dos números ou de determinadas quantidades indicadas).

Enfim, Francisco de Herrera Maldonado²⁸³ é um tradutor, que, apesar de muito fiel ao manuscrito original que manuseou, recorreu frequentemente à expansão frásica ou textual, revelando-se pontualmente original, sem, não obstante, deturpar ou diminuir a mensagem da obra portuguesa. A sua tradução teve um papel primordial na divulgação desta narrativa pela Europa, apresentando-a, através da sua tradução, como um texto credível e, ao mesmo tempo, como «Historia Oriental de las Peregrinaciones de Fernan Mendez Pinto» tão ao gosto dos leitores coevos sedentários e sedentes de narrativas exóticas.

Muito do que se disse em relação à tradução de 1620, também se aplica à versão de 1628, a francesa. Esta consiste numa tradução perfeitamente adequada ao particular gosto pelas aventuras do público-leitor francês do século XVII, evidenciando mudanças diversificadas efetuadas de modo a ir ao encontro do seu destinatário. De entre esses procedimentos tradutivos nela encontrados, destacamos as adaptações linguísticas e

²⁸³ Pinto-Correia, João David, «Fernão Mendes Pinto ou a Peregrinação Por Quatro Sentidos do Outro», in *Dimensões da Alteridade nas Culturas de Língua Portuguesa – O Outro*, Rodrigues, Graça Almeida *et al.* (orgs.), I Simpósio Interdisciplinar de Estudos Portugueses – Actas, Vol. II, Dep. de Estudos Portugueses, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Univ. Nova de Lisboa, Lisboa, 20-23 de Nov. 1985, vol. 2, p. 166: «Como entusiasta pela obra que vertia para a sua língua, saiu Maldonado em defesa de quem repetidas vezes se considerara o ‘pobre de mim’. Fala o tradutor da ‘perversidade humana’, das más intenções dos homens ‘que – como escreve – aún ‘informaciones tan jurídicas, y tan autenticas se atreven a tachar de falsarias’».

contextuais. Também aqui se verifica uma mudança de perspectiva (por meio da modulação), constantemente reforçada por frequentes referências ao reino de Portugal.

Apresentamos, a seguir, outras questões igualmente características desta tradução, ainda que se verifiquem, no caso das questões factuais, em menor quantidade do que na versão espanhola: **questões culturais**, de entre as quais voltamos a referir as expressões idiomáticas, as moedas nacionais («cruzados» - versão portuguesa; para «ducãs» ou «ducats» - versão francesa) e a troca de nomes próprios por títulos nobiliárquicos, **questões linguísticas**, resultantes de adaptações exigidas pela transposição do sistema linguístico de partida para o de chegada, **questões editoriais** (uso de sinais de pontuação adicionais, inversões em datas, uso de maiúsculas, uso de abreviaturas de nomes de personagens, recurso ao itálico) e **questões factuais**, as quais consistem em subtis alterações de números indicados na obra portuguesa.

Face ao exposto, reforçamos a nossa tese de que Bernard Figuiet foi aquele que se revelou mais próximo do original português e aproveitamos para acrescentar que consideramos ser a sua tradução a mais utilizada como texto de partida, contribuindo, assim sendo, também de forma notória para a divulgação e recuperação da obra portuguesa além-fronteiras. O tradutor francês procedeu, essencialmente, a adaptações ligeiras ao nível do sentido e a expansões frásicas que se prendem com as características próprias da língua francesa ou com o contexto em que esta tradução iria ser publicada e recebida. As adaptações, para além de adequarem o texto de partida em termos linguísticos de acordo com a língua de chegada, tornam-no mais preciso, claro, inteligível e agradável para o seu leitor. Figuiet parece ter cumprido a sua promessa apresentada na capa desta tradução, a de a traduzir fielmente/literalmente, revelando ter contactado com a edição espanhola, ainda que se torne, muito frequentemente, óbvio que afinal o texto de partida por si usado tenha sido, maioritariamente, a versão original portuguesa, facto que poderá estar relacionado com a questão de ele ser português e de ter vivido em Portugal durante algum tempo.

É inegável que a tradução inglesa tenha sofrido modificações provenientes do contexto da sua publicação e da preocupação de Henry Cogan com a receção bem sucedida do seu texto. Entre as metodologias tradutivas com que nos deparámos, salientamos, de seguida, as mais frequentes e significativas: a gradual compressão seguida da supressão da passagem relativa à missão de Francisco Xavier, das suas disputas com os Bonzos, do elogio que lhe é apresentado, da explicação acerca do local onde aquele padre fora sepultado e o fenómeno da incorruptibilidade do seu corpo,

sendo o nome e o papel desta personagem muito brevemente referidos nesta edição. Estes procedimentos tradutológicos não são inocentes, encontrando-se intimamente relacionados com o respetivo contexto religioso, o anglicano. Estas técnicas tradutivas contrastam com a fidelidade expressa nas adaptações das passagens acerca de questões culturais, sociais, geográficas, políticas e históricas. Em termos de expansões, registam-se de forma ténue a propósito da aceitação abnegada (cristã) do destino e da fé em Deus. A mudança de perspetiva (modulação) encontra-se também patente nesta tradução e é visível nas constantes mudanças de «reyno» para «Portugal» e nas modificações de determinantes demonstrativos e de pronomes pessoais.

Para além dos procedimentos tradutológicos acima mencionados, encontram-se, na versão de Cogan, os processos relacionados com **questões culturais**, tais como as expressões idiomáticas e as moedas nacionais («cruzados» - versão portuguesa; para «duckets» ou «crowns» - versão inglesa), com **questões linguísticas**, provenientes da adoção dos métodos interlinguais decorrentes da transposição do sistema linguístico de partida para o de chegada (para além da utilização de sinais de pontuação adicionais), com **questões editoriais** (junção de capítulos, reorganização de parágrafos, uso de maiúsculas, uso, omissão ou substituição de parênteses por vírgulas), e com **questões factuais** (modificações de nomes de comandantes de naus).

Assim, podemos afirmar que a tradução inglesa foi também adaptada ao gosto do seu público-leitor, não podendo ser considerada, na sua generalidade, infiel, dado que respeita substancial e significativamente a mensagem portuguesa, comprimindo e, mesmo, suprimindo, fundamentalmente, passagens e capítulos em que se verifica um elogio aos membros do clero católico.

Quanto à supressão relativa ao Padre Francisco Xavier, conforme dito atrás, Leite de Faria levanta a hipótese de esta tradução ter tido como texto de partida a versão neerlandesa, cujo autor é Jan Hendrik Glazemaker, de que não nos ocupámos, ainda que saibamos que foi publicada antes das versões inglesa e alemã, ou seja, em 1652. Nessa tradução, parece que já se havia verificado o processo da supressão, supostamente também por motivos religiosos, dado a Holanda ser, na época, um país protestante. Na nossa opinião, a relação de interdependência desta tradução com a versão neerlandesa não se confirmou. O que verificámos foi que, por razões semelhantes (religiosas) e no sentido de evitar a sua não aceitação no seu contexto-alvo, Cogan terá optado por comprimir e suprimir determinadas passagens, conservando aquelas que, na sua ótica, suscitariam o interesse pela leitura da sua tradução.

A tradução inglesa consiste, efetivamente, numa (re)criação, na medida em que é revitalizada a obra portuguesa com as essenciais adequações a um novo público, com gostos, interesses, religião e ideais distintos dos do leitor-alvo da *Peregrinação*. Consideramos, em última análise, que consiste numa tradução que revela uma grande fidelidade ao espírito e à letra originais, conforme podemos verificar nos trechos confrontados ao longo do nosso capítulo 3.

A tradução alemã revelará, certamente, uma forte relação com a versão neerlandesa, como se disse atrás, tendo sofrido notórias transformações com o intuito de adequar esta obra portuguesa ao novo contexto de chegada e, ainda, ao estilo do tradutor anónimo alemão (X.), ou melhor, dos editores Henrich e Dietrich Boom.

Das estratégias tradutivas, às quais o(s) tradutor(es)-editor(es) recorreu/eram, relembramos as mais frequentes e significativas: a completa supressão da passagem relativa a Francisco Xavier e à sua missão, do seu panegírico, das suas disputas com os Bonzos, da relevância de Sanchão, local onde fora sepultado, e do fenómeno da incorruptibilidade do seu corpo. Os tradutores alemães não chegam, sequer, a referir o seu nome. Finalmente, salientamos as ténues expansões alemãs a propósito da aceitação abnegada (cristã) do destino e as relativas à religião. O recurso a estes processos tradutivos contrastam com a fidelidade expressa nos momentos diegéticos em que os temas são geográficos, sociais, culturais, antropológicos e históricos, à semelhança do que acontece no texto inglês. No que diz respeito à mudança de ponto de vista, também, nesta adaptação, se reforça a origem do narrador-personagem, através da explicitação do referente, dada a mudança sistemática de «reyno» para «Portugal» e as modificações de determinantes demonstrativos e de pronomes pessoais. Verifica-se, pois, uma contínua e visível mudança ao nível do ponto de vista. De acrescentar a utilização das notas laterais, orientadoras da leitura e da interpretação, tais como as espanholas, porém não comuns, e as sete ilustrações (versão alemã) que se encontram ao longo da tradução (*Vide* Anexo III). Neste ponto, recordamos também a existência de seis imagens na versão neerlandesa (*Vide* Anexo IV) e o facto de o frontispício dessa edição ser idêntico ao da tradução alemã em análise (*Vide* Anexo II).

Para além dos procedimentos tradutológicos acima mencionados, encontram-se, nesta tradução, à semelhança do verificado nas restantes três versões, os relacionados com **questões culturais**, tais como as expressões idiomáticas, as moedas nacionais («cruzados» - versão portuguesa; para «Ducaten» ou «Krohnen» - versão alemã) e a troca de títulos nobiliárquicos ou de cargos por nomes, com **questões linguísticas**,

resultantes de adaptações exigidas pela transposição do sistema linguístico de partida para o de chegada, com **questões editoriais** [capa ilustrada e sete imagens apresentadas ao longo da obra traduzida, reorganização de capítulos e de parágrafos - advinda supostamente do facto de este tradutor se ter servido da versão neerlandesa como texto de partida (os capítulos chegam a unir-se num mesmo parágrafo ou dividem-se, passando a fazer parte de capítulos distintos), e uso de barras diagonais, anulando quaisquer vírgulas; supressão de parênteses], e com **questões factuais** (alterações de números; modificações/supressões de datas e de informações temporais, por ex. «Quarta-feira» para «Einige Tag hernach»).

No que diz respeito à supressão dos capítulos relativos ao Padre Francisco Xavier, tal como se terá verificado na tradução para o neerlandês e se verificara na tradução para o inglês, voltamos a lembrar que esse procedimento tradutológico se deveu, no caso alemão, ao facto de a Holanda e a Alemanha viverem, na época em que as traduções foram concebidas e publicadas, mudanças, iniciadas no século XVI, em termos religiosos, que condicionaram fortemente a cultura, a literatura, a prática tradutória, enfim, a sociedade. O recurso a este processo neste mesmo momento narrativo constitui, pois, uma forte indicação do contacto inegável entre as traduções em causa. Outros indícios da proximidade entre esta tradução alemã e a edição neerlandesa são a capa ilustrada com três figuras e dois barcos, ilustrando o conteúdo desta obra portuguesa, a referência à versão neerlandesa no prólogo, as gravuras (seis na versão neerlandesa e sete na alemã) e as notas marginais alemãs, as quais não são comuns às usadas na tradução espanhola. Quanto às notas, supostamente, usadas na versão neerlandesa, não detemos informação para nos pronunciarmos sobre a sua proximidade/fidelidade, por não termos contactado ou trabalhado com este último texto.

No que ao resto diz respeito, esta versão, ao contrário dos textos traduzidos para espanhol, francês e, inclusivamente, inglês, consiste na tradução menos fiel ao original, a qual, para além de ter procedido às compressões e supressões mais acentuadas, frequentes e extensas, atrás referidas e exemplificadas, foi, igualmente, adaptada ao público-leitor alemão, tendo em conta os seus gostos e interesses, bem como ao estilo dos editores que se escondem por detrás de um tradutor que assina apenas com um X., buscando o anonimato, eventualmente imprescindível.

Em suma, os quatro textos de chegada tendem a respeitar o essencial da mensagem portuguesa, apesar das oscilações comentadas atrás. Destacamos, nas linhas abaixo, alguns aspetos que se revelaram comuns às várias versões, a saber: no que diz

respeito à crítica indireta na boca do Outro, na passagem relativa à Ilha de Calemply, todos os tradutores procedem a breves expansões frásicas, denunciando, paralelamente, as inter-relações entre si; refiram-se, igualmente, as mudanças de pontos de vista (modulações), que consistem na explicitação do referente dada a mudança sistemática de «reyno» para «Portugal» e as modificações de determinantes demonstrativos e de pronomes pessoais, que resultaram da necessidade de os tradutores tornarem o texto adequado aos seus diferentes recetores. Desse modo, destacam-se as referências a Portugal e aos Portugueses, bem como a nacionalidade do narrador-personagem. Relativamente à fauna dos lugares por onde o narrador passou, é visível a adoção de um elevado grau de fidelidade por todos os tradutores, atendendo, supostamente, ao interesse que essas questões despertavam nos seus públicos-alvo. Verificámos que os tradutores procuram, maioritariamente, manter a mensagem e os recursos expressivos originais, utilizando as repetições, comparações e metáforas dos respetivos textos de partida, adotando pontuais e breves expansões, essencialmente frásicas. Por fim, voltamos a referir os procedimentos tradutológicos interlinguais naturais, atendendo à transposição do sistema linguístico português para os sistemas espanhol, francês, inglês e alemão; todas as versões apresentam modificações em termos linguístico-expressivos para adequar os textos aos seus leitores de chegada, o que as tornam, de algum modo, singulares. Assinale-se aqui também a questão relacionada com termos novos que não tinham equivalentes nas línguas de chegada, o que levou a ligeiras supressões frásicas nas várias edições.

Conforme os exemplos apresentados ao longo deste estudo, é de notar que os tradutores Bernard Figuiet e, seguidamente, Francisco de Herrera de Maldonado se revelaram bastante próximos do texto português, com algumas *nuances* resultantes das transposições para os diferentes sistemas de chegada, linguísticos, socioculturais, ideológicos e religiosos. Por outro lado, os tradutores Henry Cogan e Henrich e Dietrich Boom foram aqueles que mais se afastaram da obra portuguesa, especialmente, os editores alemães, comprimindo/suprimindo os capítulos referentes a Francisco Xavier.

Nas diversas traduções, para além das técnicas interlinguais, foram encontradas expansões, compressões e/ou supressões, como se viu atrás. De entre os vários paralelismos atrás destacados, lembramos a seguir os aspetos que nos permitiram estabelecer relações de interdependência entre as várias versões, por um lado, e verificar os principais procedimentos tradutológicos que caracterizam cada edição, tal como exposto nas linhas acima.

Assim sendo, partindo da abordagem por momento narrativo, passamos a indicar os procedimentos que considerámos mais característicos de cada um, nas quatro traduções analisadas. Com o intuito de destacar, novamente, as passagens em que os mesmos são verificados, apresentamos uma tabela denominada «Excertos Representativos dos Principais Momentos Narrativos / Procedimentos Tradutivos Analisados» (*Vide* Anexo V – Tabela 3).

1 - A Partida de Lisboa e o Início da Aventura

Neste momento narrativo, os tradutores revelam-se fiéis aos seus textos de partida, procedendo, essencialmente, a transformações interlinguais. Encontramos algumas expansões explicativas, as quais, de forma alguma, deturpam o sentido original da obra portuguesa. A expansão mais significativa que encontramos neste momento diegético é a referente à «Quebra dos Escudos», da autoria do tradutor espanhol Francisco de Herrera Maldonado. Nesta tradução, há ainda a assinalar breves expansões explicativas, por exemplo, no âmbito da retórica da humildade e da verosimilhança, e da busca da precisão e da clareza. Regista-se, também nesta edição, a expansão informativa, aquando, por exemplo, da descrição do «caquesseitão» e a supressão a propósito da referência aos condicionalismos da partida do narrador. Contudo, é de recordar que estas expansões e compressão não se verificam nas restantes três traduções, o que nos leva a considerar, tal como em outros pontos narrativos, que a versão francesa contactou com a obra portuguesa e com a tradução espanhola, revelando-se muito próxima do original e procedendo maioritariamente a adequações interlinguais e estilísticas. Relativamente à versão inglesa, pela proximidade expressa em relação à versão francesa, postulamos, novamente, que terá sido essa a sua fonte. Quanto à tradução alemã, esta parece ter tido como texto de partida a versão neerlandesa, a qual, por sua vez, terá tido como fonte a tradução francesa. Verifica-se uma expansão comum relativa a questões religiosas, a qual se prende com os condicionalismos contextuais implícitos.

Todas as versões apresentam modificações em termos linguístico-expressivos para adequar os textos aos seus contextos de chegada, o que as tornam de algum modo singulares; assinale-se aqui também a questão relacionada com termos novos que não tinham equivalentes nas línguas de chegada.

2 – Na Companhia de António de Faria e o seu Derradeiro Naufrágio

Do momento diegético referente a António de Faria, destacamos a expansão frásica espanhola para elogiar esta personagem e, pelo contrário, a supressão alemã; a expansão espanhola acerca da religião, patente na versão francesa, o que comprova também a relação entre estas edições, e as compressões inglesa e alemã, as quais se prendem com os contextos anglicano e protestante, respetivamente. Refiram-se, igualmente, as mudanças de pontos de vista, que resultaram dos novos contextos de traduções e da necessidade de os tradutores tornarem o texto adequado aos seus leitores, fazendo referências a Portugal e aos portugueses de modo a explicitar os referentes do discurso da narrativa. Saliente-se, mais uma vez, dois casos de expansões distintas, uma francesa e outra espanhola, ambas relacionadas com a agressividade do Outro. Relativamente à expansão francesa, note-se que essa passagem é integralmente suprimida das versões de Cogan e dos editores alemães, o que poderá estar também relacionado com os gostos e interesses dos seus leitores. No que diz respeito à crítica indireta na boca do Outro, todos os tradutores procedem a breves expansões frásicas, denunciando, paralelamente, as inter-relações existentes. Quanto aos naufrágios, Maldonado é o único que recorre à técnica da expansão, principalmente, frásica, salientando as dificuldades vividas pelos marinheiros portugueses. Relativamente à fauna dos lugares por onde o narrador passou, é visível a adoção de um elevado grau de fidelidade/literalidade por parte de todos os tradutores, atendendo, supostamente, ao interesse que essas questões despertavam nos seus públicos-alvo. No que toca a referências a figuras religiosas, as informações adicionais, mediante expansões, na tradução espanhola dão lugar a compressões, no texto de chegada inglês, ou a supressões, tal como acontece, sobretudo, na versão alemã. O desfecho da ação de António de Faria e a Ilha de Calemply são pautados por expectáveis expansões no texto espanhol, as quais não são transpostas para os textos francês, inglês e alemão, deixando perceber um possível contacto entre a obra original e a francesa, e entre esta tradução e as versões inglesa, de forma direta, e alemã, de modo indireto, como se disse também atrás. O paralelismo referente ao rapto da noiva mostra-nos, do mesmo modo, que as traduções se mantêm muito fiéis à mensagem de partida, que a versão francesa terá, inegavelmente, partido principalmente da obra portuguesa e, finalmente, que as adaptações inglesa e alemã se revelam, em geral, muito próximas do texto de chegada de Figuiet.

3 - A China: Utopia e Deambulação do Sujeito Peregrinante

Na China, o narrador atravessa um processo de remissão dos pecados, sendo preso, interminavelmente julgado, açoutado, escravizado, e pedindo esmola pelas ruas. Neste momento narrativo, todos os tradutores, atendendo à necessidade de condenar as atitudes nefastas e inoportáveis dos portugueses, se mostram particularmente fiéis ao texto português ou, antes, aos seus textos de partida, respetivamente. Relativamente à perfeição civilizacional encontrada no território chinês, verificámos que o grau de fidelidade/literalidade é bastante significativo, igualmente, pelo interesse que decerto despertaria nos seus diferentes leitores.

Neste momento diegético, refira-se a expansão francesa subordinada à inversão da observação antropológica ou civilizacional, em que é agora o português e não o Outro a ser objeto do olhar, da observação desse mesmo Outro. Referimo-nos, concretamente, ao hábito português de comer com as mãos, o que acentua uma falha civilizacional dos portugueses perante um povo superior, a vários níveis.

A posição inferior dos portugueses em relação aos chineses é continuamente reforçada através das recorrentes descrições dos espaços encontrados na China e que causam espanto no narrador, em especial Nanquim e Pequim. Essas passagens revelam-se nas várias traduções particularmente fiéis à mensagem portuguesa. Quanto às descrições dos inúmeros ídolos por lá vistos, o tradutor espanhol recorre, por exemplo, à expansão no âmbito da descrição do «monstro de ferro coado», enquanto as restantes edições se mostram mais próximas do texto original português por influência de Figuiet.

4 – O Japão e a Missão de Francisco Xavier

No Japão, o narrador volta a dar-nos conta dos espaços por onde passou, e os tradutores espanhol e francês revelam-se também aqui muito próximos dos seus textos de partida. O mesmo não se poderá afirmar no que diz respeito à passagem relativa à missão do Padre Francisco Xavier. As traduções inglesa e alemã revelam-se infieis ou recriadoras, dado que recorrem a uma progressiva compressão, seguida de uma supressão no texto inglês e à completa supressão na versão alemã da passagem que diz respeito a Francisco Xavier, às suas disputas com os Bonzos, ao elogio que lhe é feito, e que surge expandido na versão de Maldonado, ao local onde fora sepultado e ao

fenómeno da incorruptibilidade do seu corpo. Esta personagem e o seu papel são apenas referidos na versão inglesa. Este procedimento tradutológico encontra-se intimamente relacionado com os respetivos contextos religiosos (anglicanos/protestantes). Os seus tradutores surgem aqui como censores, o que os obriga a um trabalho de reconstrução da mensagem original. Estas técnicas contrastam com as expansões espanholas e com as adaptações das passagens em que aspetos geográficos e históricos estavam em causa.

Tal como acontece nos outros momentos diegéticos, verificámos que os tradutores espanhol e francês procuram manter a mensagem e os recursos expressivos originais, utilizando as repetições, comparações e metáforas dos respetivos textos de partida, adotando pontuais e breves expansões, e, por fim, no que diz respeito a este ponto, recorrendo a procedimentos tradutológicos interlinguais.

5 – O Retorno a Portugal

Na conclusão incluída no capítulo final, todas as versões se pautam por um grau de fidelidade/literalidade semelhante ao encontrado até ao momento narrativo em que Francisco Xavier assume um papel fundamental. Os tradutores espanhol, francês e inglês realçam, através de expansões frásicas/textuais, o castigo de que o narrador é vítima. Finalmente, salientamos as breves expansões frásicas a propósito da aceitação abnegada (cristã) do destino.

As expansões, compressões e supressões de incidência frásica nas traduções espanhola e francesa têm sobretudo a ver com as transformações decorrentes da passagem de um sistema linguístico para outro; por motivos ideológico-religiosos, supostamente, verificam-se compressões e supressões textuais na versão inglesa e, principalmente, na edição alemã.

Sabe-se que Herrera Maldonado contactou com o manuscrito original e que a sua tradução contribuiu para dar a conhecer esta obra além-fronteiras, o que terá tido consequências nas restantes traduções que foram surgindo como que em cadeia num período de 51 anos, que teve início com a publicação da versão castelhana 6 anos após a publicação da *Peregrinação* de Fernam Mendez Pinto, uma obra de referência logo no século XVII e ao longo dos tempos até à atualidade.

Assim sendo, com base no exposto, defendemos a tese de que, no caso espanhol, as técnicas tradutivas terão resultado, em grande medida, da necessidade de clarificar

determinados factos junto do seu público-leitor. Digamos também que este tradutor se preocupou, de forma incansável, com a veracidade do relato, com a natureza da *Peregrinação*, respeitando os modos do discurso, por exemplo, e com o estilo de Fernão Mendes Pinto, o qual idolatrava.

Consideramos que, na tradução francesa, é perceptível uma intenção de «melhorar» o texto, a escrita, enfim, a forma de dizer as coisas, indo, assim, ao encontro do gosto do seu público-leitor. Este tradutor revelou-se menos preocupado com determinados pormenores ou certas informações demasiado roteirísticas ou quantificadoras, tendo optado por proceder a alterações estilísticas que adaptam o texto às regras e à estrutura da língua francesa da época.

Relativamente às traduções inglesa e alemã, consideramos, com base no atrás exposto, que são mais infieis ou pontualmente originais, dado que não traduzem completamente a obra portuguesa. O primeiro indício de que poderia existir uma discrepância entre estas versões, as restantes e o texto original foi o número total de capítulos. Essas infidelidades, ou melhor, afastamentos em momentos concretos talvez não possam ser imputadas por inteiro a Henry Cogan e aos tradutores alemães, ou melhor, aos editores alemães. A supressão mais significativa encontrada, nos seus textos, como assinalámos, diz respeito à sequência narrativa relativa ao Padre Francisco Xavier. Este procedimento estará, no caso inglês, intimamente relacionado com o contexto religioso de chegada. Relativamente à edição alemã, as compressões e supressões poderão ser de origem neerlandesa. De recordar que o número total de capítulos alemão coincide, inclusivamente, com o número neerlandês. Apesar de alguns autores postularem que a tradução inglesa também se serviu desta fonte, note-se que o grau de proximidade com a tradução francesa é incontestável. No entanto, também é verdade que o procedimento tradutivo a que os tradutores inglês e alemães mais recorrem é a supressão por razões que cremos de ordem ideológico-religiosa. Na edição alemã, outros pormenores demonstram que o texto de partida usado foi o neerlandês. Estamos a referir-nos ao frontispício, às notas laterais e às ilustrações, originários, segundo consta, na tradução neerlandesa. Henry Cogan e os tradutores-editores alemães foram, face ao exposto, tradutores mais audazes, tendo procurado adequar, essencialmente, a narrativa portuguesa aos seus contextos linguístico-culturais²⁸⁴, a novas realidades e ao gosto e interesses dos seus leitores.

²⁸⁴ Rey, Jesús Torres del, «Identity Formation in Translation Pedagogy», in *A Tradução nas Encruzilhadas da Cultura*, Duarte, João Ferreira (org.), Colibri, Lisboa, 2001, p. 142: «[...] translation is a cultural act or form whose

Quanto ao que levou estes tradutores, e, igualmente, os restantes a traduzirem este texto português, salientamos, de novo, o contributo desta obra para o desenvolvimento da história, geografia e antropologia, para além do incremento do gosto pelas narrativas de aventura. Na versão inglesa, o gosto dos leitores e o contexto também constituem factores justificativos das mudanças encontradas.

Tendo em conta o nosso objetivo inicial, de avaliar o grau de fidelidade/literalidade ou de infidelidade/afastamento de cada uma das quatro traduções, chegados a este ponto, podemos concluir que todas elas, cada uma do seu modo, são fiéis ao texto português, principalmente as versões espanhola e francesa, mas também a inglesa e, com um grau de proximidade inferior, a alemã. São, afinal, textos que respeitam significativamente a obra original portuguesa. Não podemos, contudo, deixar de referir que, atendendo aos vários momentos narrativos analisados e por motivos contextuais ou pessoais, os tradutores (re)criam em certa medida um outro texto, a partir da obra portuguesa e/ou das suas respetivas fontes, com características peculiares e singulares, para ser lido numa realidade completamente distinta e por um leitor novo, tornando-se, eles próprios autores e recuperando/divulgando a mensagem portuguesa.

Num estudo comparativo da autoria de Maria Eduarda Keating, acerca dos textos *Nouvelles Impressions d'Afrique* (1932), de Raymond Roussel, e respetiva tradução portuguesa com o título *Novas Impressões de África de Luiza Neto Jorge*, e *Exercices de style* (1947), de Raymond Queneau, por sua vez, traduzido por António Fernández Ferrer, afirma a acima referida investigadora que:

«O estatuto dos tradutores é, pois, claramente, o de autores que, a partir de um processo de identificação com os textos de partida, se assumem como criadores, afirmando e ao mesmo tempo questionando a identidade do seu trabalho de tradutores com a actividade poética.»²⁸⁵

norms are contingent, time and culture-bound; that they can influence the way both translations and originals are received at a certain point in time and place; that translations are always manipulations and the translator (even if unadvisedly) always leaves the stamp of his/her ideology on the texts he/she rewrites [...].»

²⁸⁵ Keating, Maria Eduarda, «A 'autor'idade em tradução», in *Literatura Comparada: Os Novos Paradigmas. Actas do II Congresso da APLC*, Losa, Margarida L. et al. (orgs.), Edições Afrontamento, Porto, 1996, pp. 270-271: «[...] gostaria de realçar o facto de este tipo de textos, ao provocar uma aguda consciência dos problemas da escrita e da leitura, suscitar [...] o mesmo efeito ao nível da tradução, conduzindo necessariamente a textos de chegada que se assumem de forma muito clara como (re)criação, e obrigando os tradutores a uma 'manipulação' extremamente consciente e rigorosa da língua de chegada. As duas traduções explicitam e justificam o seu trabalho em nome da fidelidade aos textos originais, utilizando no entanto estratégias muito distintas: uma privilegia uma abordagem mais 'funcional', outra uma abordagem mais 'literal'; no entanto, ambas realizam e aprofundam de modos diferentes os objectivos de 'fidelidade' e de 'equivalência' da tradução. De facto, estas traduções constroem um leitor-modelo com as mesmas características do definido nos textos originais, promovendo o mesmo 'efeito' desses textos.»

Em relação às inter-relações entre as várias traduções, consideramos que se tornou perceptível que a versão francesa contactou com a obra portuguesa e com a tradução espanhola, revelando-se muito próxima do original e procedendo maioritariamente a técnicas interlinguais. A expansão espanhola acerca da lei de Deus, patente na versão francesa, comprova também a relação entre estas traduções. O paralelismo referente ao rapto da noiva mostra-nos, do mesmo modo, que os textos se mantêm muito fiéis à mensagem de partida, que a versão francesa terá, inegavelmente, partido também da obra portuguesa e, finalmente, que a adaptação inglesa se revela muito próxima do texto de chegada de Figuiet, enquanto que a edição alemã se afasta um pouco da tradução francesa dado que a efetiva fonte da tradução de Henrich e Dietrich Boom terá sido, supomos, a versão intermediária neerlandesa. O desfecho da ação de António de Faria e a Ilha de Calempuy são pautados por expectáveis expansões frásicas no texto espanhol, as quais não são transpostas para os textos francês, inglês e alemão, o que revela apenas o estilo pessoal do tradutor Francisco de Herrera Maldonado, o primeiro tradutor da obra portuguesa em análise.

A *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto viajou pela Europa fora logo no século XVII através dos seus tradutores, dando-se a conhecer a outros destinatários. Estes recetores, ainda que não tenham contactado com o texto de partida e original, tiveram a oportunidade de, também eles, viajar pelo Extremo Oriente do século XVI, mediante a leitura das traduções, mais ou menos (re)criações, na medida em que revitalizaram a obra portuguesa nos seus contextos, mesmo que a (in)fidelidade²⁸⁶ de algumas comprimisse ou mesmo suprimisse passagens mais ou menos extensas, comprometendo a veiculação da mensagem final do original, em que se percebe uma apologia da fé católica, sobretudo se tivermos em conta as elogiadas qualidades do Padre Francisco Xavier, as suas ações e o sentido do fenómeno associado à incorruptibilidade do seu corpo. Tal apologia não nos pode fazer esquecer a fundamental dimensão de auto-crítica e de um certo relativismo civilizacional que muito contribui para a consideração desta narrativa como testemunho valioso da era moderna.

²⁸⁶ Weber, Samuel, «A Touch of Translation: On Walter Benjamin's 'Task of the Translator'», in *Estudos de Tradução em Portugal. Novos Contributos para a História da Literatura Portuguesa*, Seruya, Teresa (org.), Universidade Católica Editora, Lisboa, 2001, p. 11: «The history of translation is marked by a tension between two inseparable and yet incompatible motifs: fidelity and betrayal. Both result from the split relationship of translation to its own history, which is to say to its 'origin'. Translation, *translatio*, does not merely signify carrying-across, transporting, transferring in *general*: it also entails a specific, singular relation of texts to one another, and more particularly, of a text to that which it transports, its origin or *original*».

Concluimos, assim, que a análise comparativa das traduções espanhola, francesa, inglesa e alemã demonstrou que são textos com características próprias de cada tradutor, variando ao nível do grau de criatividade e/ou de estética, publicados em contextos diferentes e dirigidos a públicos-leitores com gostos e vivências perfeitamente distintos, tendo, não obstante, todas elas contribuído para ampliar e difundir esta obra-prima da literatura e cultura portuguesas, reconhecendo-lhe um valor inigualável e uma riqueza informativa e expressiva invulgares. Face ao exposto, pensamos que a metáfora «les belles infidèles», aplicando-se a todo o ato tradutivo, também se aplica a estes textos de chegada que foram modificados, embelezados e reajustados em função de novos objetivos, leitores e contextos, influenciando a sociedade recetora e, paralelamente, a evolução dos géneros, desde então e até aos nossos dias, nos vários locais por onde se difundiu a sua «tosca e rude escritura». Conforme diz Françoise Campo,

«[...] o ‘passador’ [...] duvida, desespera, se afasta e volta a aproximar-se, parece estar perto, por vezes acerta em cheio, mas por detrás das palavras que imagina utilizar apenas uma busca de fidelidade, paira uma sombra que lhe vem da sua memória longínqua e o denuncia sem querer, uma sombra que é, afinal, o seu próprio reflexo, desdobrando-se no espelho que segura a imagem do texto original. E é esta sombra, mais do que as relações meramente linguísticas, que dá vida ao texto traduzido. [...] É por tudo isto que o tradutor será sempre um falso gémeo do autor. E é por tudo isto que é indispensável que o tradutor persista, e assine a tradução.»²⁸⁷

Pensamos ter dado um contributo, com este nosso trabalho, para o estudo das traduções da *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto no século XVII, mas também temos plena consciência de que tal empreendimento ambicioso requer a abordagem de outras facetas que aqui não puderam ser consideradas. O alargamento dos dados textuais para análise, a abordagem dos contextos de produção/receção das traduções ou a inclusão do estudo da tradução neerlandesa são alguns dos exemplos que requerem ainda a nossa atenção futura (e a de outros interessados na matéria). Temos conhecimento de que essa versão consta do espólio da Biblioteca Nacional de Lisboa e da Biblioteca da Universidade de Amesterdão, o que poderá ser um ponto de partida para um investigador que domine a língua holandesa.

²⁸⁷ Campo, Françoise, «Assinar a Tradução», in *Tradutor Dilacerado – Reflexões de autores franceses contemporâneos sobre tradução*, Jorge, Guilhermina (coord.), trad. de Catarina Salgueiro et al., Edições Colibri, Lisboa, 1997, pp. 115-116.

BIBLIOGRAFIA

Bibliografia Ativa

- PINTO, Fernão Mendez, *Peregrinação de Fernão Mendez Pinto*, edição fac-similada de José Manuel Garcia, Castoliva editora, Maia, 1995 (Cota na Biblioteca Nacional - L. 522022 V.).
- PINTO, Fernan Mendez, *Historia Oriental de las Peregrinaciones*, tradução de Francisco de Herrera Maldonado, Madrid, 1620 (Cota na Biblioteca Nacional; RES. 2640 V.; Microfilme F. 4906).
- PINTO, Fernand Mendez, *Les Voyages Advantvrevx de Fernand Mendes Pinto*, tradução de Bernard Figvier, Paris, 1628 (Cota na Biblioteca Nacional; RES. 2417 V.; Microfilme F.R. 318).
- PINTO, Fernando Mendez, *De Wolderlyke Reizen van Fernando Mendez Pinto*, tradução de J. H. Glazemaker, Amsterdam, 1652 (Cota na Biblioteca Nacional - RES. 3321 P.; Microfilme F.R. 317).
- PINTO, Fernand Mendez, *The Voyages and Adventures of Fernand Mendez Pinto*, tradução de Henry Cogan Gent., London, 1653 (Cota na Biblioteca Nacional – RES. 3128 V.).
- PINTO, Ferdinandi Mendez, *Die wunderliche Reisen Ferdinandi Mendez Pinto*, tradução de X., Amsterdam, 1671 (Cota na Biblioteca Nacional – RES. 3357 P.).

- COGAN, Henry, «The Epistle Dedicatory», in *The Voyages and Adventures of Fernand Mendez Pinto*, London, 1653, fls. [2-3] (Cota na Biblioteca Nacional – RES. 3128 V.).
- COGAN, Henry, «An Apologetical Defence of Fernand Mendez Pinto His History», in *The Voyages and Adventures of Fernand Mendez Pinto*, London, 1653, fls. [4-8] (Cota na Biblioteca Nacional – RES. 3128 V.).
- CRASBEECK, Pedro (ed.), «Ao Leitor», in *Peregrinação de Fernam Mendez Pinto*, Lisboa, 1614, f. [3] (Cota na Biblioteca Nacional – RES. 432 V. / RES. 4409 V.; Microfilme F. 6373).
- FIGVIER, Bernard, «Deffence Apologeticque de l’*Histoire Orientale de Fernand Mendez Pinto*», in *Les Voyages Advantvrevx de Fernand Mendes Pinto*, Paris, 1628, fls [9]-[14] (Cota na Biblioteca Nacional; RES. 2417 V.; Microfilme F.R. 318).
- MALDONADO, Francisco de Herrera, «Apologia en Favor de Fernan Mendez Pinto, Y desta Historia Oriental», in *Historia Oriental de las Peregrinaciones*, Madrid, 1620, fls. 1r-8r (Cota na Biblioteca Nacional; RES. 2640 V.; Microfilme F. 4906).
- X., «An den Leser», in *Die wunderliche Reisen Ferdinandi Mendez Pinto*, Amsterdam, 1671, fls. 3-6 (Cota na Biblioteca Nacional – RES. 3357 P.).

Bibliografia Passiva

- A.A.V.V., *Actas do Congresso Internacional da História dos Descobrimentos*, Lisboa, 1961, 4 vols.
- A.A.V.V., *Historia de la Literatura Española – Desde las Orígenes al Siglo XVII*, Vol. I, Catedra, Madrid, 1990.
- A.A.V.V., *Humanismo Português na Época dos Descobrimentos*, *Actas do Congresso Internacional* (Coimbra, 9-12 Out. 1991), Instituto de Estudos Clássicos, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, Coimbra, 1993.
- ABRAMOVICI, Serge, «Trahison Fonctionnelle», in *Traduction et Didactique - Colloque*, Edições ASA, Porto, 1990, pp. 127-130.
- ALBUQUERQUE, Luís de, *Os Descobrimentos Portugueses*, Alfa, Lisboa, 1983-1985.
- ALBUQUERQUE, Martim de, *A Consciência Nacional Portuguesa. Ensaio de História das Ideias Políticas*, Ed. do Autor, Lisboa, 1974.
- ANDRADE, António Alberto Banha de, *Mundos Novos do Mundo*, Junta de Investigações do Ultramar, Lisboa, 2 vols., 1972.
- BAINTON, Roland H., «Luther, Martin», in *Collier's Encyclopedia*, Bahr, Lauren S. (dir.), Macmillan Educational Company, New York, 1992, vol. 15, pp. 111-116.
- BALLARD, Michel, «Antiquité et Traduction», in *Traduction et Didactique - Colloque*, Edições ASA, Porto, 1990, pp. 11-25.
- BARNARD, Robert, *A Short History of English Literature*, Second Edition, Blackwell, Oxford UK & Cambridge USA, 1994.
- BARNSTONE, Willis, *The Poetics of Translation – History, Theory and Practice*, Yale University Press, New Haven, 1993.
- BARRENTO, João, «Perdas e ganhos - Da tradução como acto democrático», in *Diário Popular*, Jornal Diário Popular, Lisboa, 1980, pp. 1-3.
- BARRENTO, João, «A literatura comparada e a problemática da tradução», in *Dedalus 1 - Boletim da Associação Portuguesa de Literatura Comparada*, 1, Fundação Luís Miguel Nava, Lisboa, 1989, pp. 55-71.
- BARRENTO, João, «O poeta é um devedor: da tradução literária e da história da literatura», in *Literatura Comparada: Os Novos Paradigmas. Actas do II Congresso da APLC*, Fundação Luís Miguel Nava, Porto, 1996, vol. 1, pp. 189-195.
- BARRENTO, João, *O Poço de Babel – Para uma Poética da Tradução Literária*, Relógio d'Água Editores, Lisboa, 2002.
- BARRETO, J. Mimoso, «Actividade criativa na tradução literária», in *Congresso sobre a Situação Actual da Língua Portuguesa no Mundo*, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1987, Lisboa, vol. 2, pp. 503-510.
- BARRETO, Luís Filipe, *Descobrimentos e Renascimento – Formas de Pensar nos Séculos XV e XVI*, IN-CM, Lisboa, 1983.
- BARRETO, Luís Filipe, «Introdução à Peregrinação de Fernão Mendes Pinto», in *A Abertura do Mundo – Estudos de História dos Descobrimentos Europeus*, Domingues, Francisco Contente e Luís Filipe Barreto (org.), col. «Métodos», Ed. Presença, Lisboa, 1ª ed., 1986, pp. 101-117.
- BARRETO, Luís Filipe, *Os Descobrimentos e a Ordem do Saber. Uma análise sociocultural*, Gradiva, Lisboa, 1987.
- BARRETO, Luís Filipe e José Manuel Garcia, *Portugal na Abertura do Mundo*, CNCDP, Lisboa, 1989.
- BASSNETT, Susan, *Translation Studies*, Revised Edition, Routledge, London and New York, 1991.

- BASSNETT, Susan, *Comparative Literature: A Critical Introduction*, Basil Blackwell, Oxford, 1993.
- BASSNETT, Susan, «Taking the Cultural Turn in Translation Studies», in *Dedalus - Revista Portuguesa de Literatura Comparada*, 3/4, Edições Afrontamento, Lisboa, 1994, pp. 171-179.
- BASSNETT, Susan, «When is a translation not a translation?», in *Constructing Cultures: Essays on Literary Translation*, Bassnett, Susan e André Lefevere (eds.), Multilingual Matters, Clevedon, 1998, pp. 25-40.
- BASSNETT, Susan, «Da Literatura Comparada aos Estudos de Tradução», in *Floresta Encantada – Novos Caminhos da Literatura Comparada*, Buescu, Helena et al. (org.), trad. de João Ferreira Duarte, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 2001, pp. 289-313.
- BASSNETT, Susan, *Traduções Perigosas: O Tradutor no Fio da Navalha*, trad. de Jorge Almeida e Pinho, ISAI - Instituto Superior de Assistentes e Intérpretes, Génesis - 2, Porto, 2002.
- BASSNETT, Susan, *Estudos de Tradução. Fundamentos de uma Disciplina*, trad. de Viviana de Campos Figueiredo, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2003.
- BASSNETT, Susan e André Lefevere (eds.), *Translation, History and Culture*, Pinter, Londres, 1990.
- BATAILLON, Marcel, *Études sur le Portugal au Temps de l'Humanisme*, Acta Universitatis Conimbricensis, Coimbra, 1952.
- BENJAMIN, Walter, «The Task of the Translator», in *Illuminations*, Fontana, Londres, 1973, pp. 69-82.
- BERMAN, A., «A tradução e a letra ou a pousada do longínquo», in *Tradutor Dilacerado – Reflexões de autores franceses contemporâneos sobre tradução*, Jorge, Guilhermina (coord.), trad. de Catarina Salgueiro et al., Edições Colibri, Lisboa, 1997, pp. 15-64.
- BERNARDO, Ana Maria, «A História Literária Sob o Signo da Tradução: Focalização Cultural Sobre a Literatura Traduzida», in *Estudos de Tradução em Portugal. Novos Contributos para a História da Literatura Portuguesa*, Seruya, Teresa (org.), Universidade Católica Editora, Lisboa, 2001, pp. 123-135.
- BERNARDO, Ana Maria Garcia, *A Tradutologia Contemporânea – Tendências e Perspectivas no Espaço de Língua Alemã*, Fund. Cal. Gulbenkian, Lisboa, 2009.
- BEUTIN, Wolfgang et al. (org.), *História da Literatura Alemã – Das Origens à Actualidade*, trad. de Anabela Mendes et al., Edições Cosmos, Lisboa, 1993, vol. 1.
- BLANCHOT, M., «Traduzir», in Jorge, Guilhermina (coord.), *Tradutor Dilacerado – Reflexões de autores franceses contemporâneos sobre tradução*, trad. de Catarina Salgueiro et al., Edições Colibri, Lisboa, 1997, pp. 65-68.
- BORGES, Jorge Luis, *O Aleph*, Editorial Estampa, trad. de Flávio Luís Tinoco, Lisboa, 1957.
- BOUCHARD, Ch., «A Locução: Problema de Tradução», in *Tradutor Dilacerado – Reflexões de autores franceses contemporâneos sobre tradução*, Jorge, Guilhermina (coord.), trad. de Catarina Salgueiro et al., Edições Colibri, Lisboa, 1997, pp. 135-140.
- BOUTCHER, Warren, «2. The Renaissance», in *The Oxford Guide to Literature in English Translation*, France, Peter (ed.), Oxford University Press, Oxford, 2000, pp. 45-55.
- BOWKER, Lynne et al. (eds.), *Unity in Diversity. Current Trends in Translation Studies*, St. Jerome Press, Manchester, 1998.
- BRANDÃO, Fiana Hasse Pais, «Peregrinação e catábase», in *Relâmpago: Revista de Poesia – O Lugar da Poesia*, nº3 – 10 1998, Fundação Luís Miguel Nava e Relógio d'Água Editores, pp. 61-70.

- BUESCU, Maria Leonor, *História da Literatura*, IN-CM, Lisboa, 1991.
- BUESCU, Maria Leonor, *Literatura Portuguesa Medieval*, Universidade Aberta, Lisboa, 1991.
- BUESCU, Maria Leonor, *Literatura Portuguesa Clássica*, Universidade Aberta, Lisboa, 1992.
- BÜSSER, Fritz, «Calvin, John», in *Collier's Encyclopedia*, Bahr, Lauren S. (dir.), trad. de Robert F. Thompson, Macmillan Educational Company, New York, 1992, vol. 5, pp. 183-187.
- CAMPO, Françoise, «Assinar a Tradução», in *Tradutor Dilacerado – Reflexões de autores franceses contemporâneos sobre tradução*, Jorge, Guilhermina (coord.), trad. de Catarina Salgueiro *et al.*, Edições Colibri, Lisboa, 1997, pp. 113-116.
- CAMPO, José Luís Azevedo do, *Kontrastive Linguistik und Übersetzungswissenschaft. Theorie und Praxis*, Universität Rostock, Institut für Romanistik, Rostock, 1998.
- CAMPOS, Maria Henriqueta Costa, «A Enunciação do 'Outro' e a Retórica das Relações Enunciador-locutor construídas no Texto», in *Dimensões da Alteridade nas Culturas de Língua Portuguesa – O Outro*, Rodrigues, Graça Almeida *et al.* (orgs.), I Simpósio Interdisciplinar de Estudos Portugueses – Actas, Vol. II, Dep. de Estudos Portugueses, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Univ. Nova de Lisboa, Lisboa, 20-23 de Nov. 1985, vol. 1, pp. 487-498.
- CARVALHO, Ana Alexandra Seabra de, «Retóricas do Jogo da Sedução Amorosa: Crébillon e a Tradição», in *Retóricas*, Carvalho, João Carlos e Ana Alexandra Carvalho (coord.), Edições Colibri, Centro de Estudos Linguísticos e Literários (UALG)/ Centro de Tradições Populares Portuguesas (FLUL), Lisboa, 2005, pp. 183-227.
- CARVALHO, Alberto, «Mas este é o Mundo da *Peregrinação*, segundo Fernão Mendes Pinto (caminhos do Oriente)», in *O Discurso Literário da 'Peregrinação'*, Seixo, Maria Alzira e Christine Zurbach (org.), Ed. Cosmos, Lisboa, 1999, pp. 11-26.
- CARVALHO, Alberto, «Representação do Espaço em *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto», in *A Vertigem do Oriente – Modalidades Discursivas no Encontro de Culturas*, Laborinho, Ana Paula, Maria Alzira Seixo e Maria José Meira (org.), Ed. Cosmos, Lisboa, 1999, pp. 165-184.
- CARVALHO, Célia, «Acerca da Autobiografia na *Peregrinação*», in *O Discurso Literário da 'Peregrinação'*, Seixo, Maria Alzira e Christine Zurbach (org.), Ed. Cosmos, Lisboa, 1999, pp. 27-60.
- CARVALHO, João Barradas de, *O Renascimento Português. Em Busca da sua Especificidade*, I.N.-C.M., Lisboa, 1980.
- CARVALHO, João Carlos Firmino Andrade de, *Ciência e Alteridade na Literatura de Viagens – Estudo de Processos Retóricos e Hermenêuticos*, Edições Colibri, Lisboa, 2003.
- CARVALHO, João Carlos e Ana Alexandra Carvalho, *Aventuras d'Escrita – Estudos de Poética e Retórica*, Edições Colibri, Lisboa, 2004.
- CARVALHO, Joaquim de, «Sobre o Humanismo Português na Época da Renascença», in *Estudos sobre a Cultura Portuguesa do Século XVI*, 2, Coimbra, 1948, pp. 1-72.
- CARVALHO, Martine Rebelo de, «De la Découverte du Texte Littéraire par la Traduction», in *Traduction et Didactique - Colloque*, Edições ASA, Porto, 1990, pp. 123-125.
- CASTRO, Maria Emília Garcia Osório de, «A Tradução da Metáfora: a Traição da Traição», in *Estudos de Tradução - Actas de Congresso Internacional (Universidade*

- da Madeira), Principia - Publicações Universitárias e Científicas, Cascais, 2003, pp. 373-384.
- CATZ, Rebecca, *A Sátira Social de Fernão Mendes Pinto*, tradução de Manolo B. R. Santos, Prelo, Lisboa, 1978.
 - CATZ, Rebecca, *Fernão Mendes Pinto – Sátira e Anti-cruzada na ‘Peregrinação’*, 1ª ed., Biblioteca Breve, Lisboa, 1981, vol. 57.
 - CAYRON, C., «Explorar para Traduzir», in *Tradutor Dilacerado – Reflexões de autores franceses contemporâneos sobre tradução*, Jorge, Guilhermina (coord.), trad. de Catarina Salgueiro et al., Edições Colibri, Lisboa, 1997, pp. 79-98.
 - CIDADE, Hernani, *A Literatura Portuguesa e a Expansão Ultramarina - As Ideias, os Factos, as Formas de Arte*, Arménio Amado, Editor, Sucessor, Coimbra, 1963, vol. I.
 - CIDADE, Hernani, *A Literatura Portuguesa e a Expansão Ultramarina - As Ideias, os Factos, as Formas de Arte*, Arménio Amado, Editor, Sucessor, Coimbra, 1963, vol. II.
 - COPELAND, Rita, *Rhetoric, Hermeneutics and Translation in the Middle Ages*, Cambridge University Press, Cambridge, 1991.
 - CORRÊA, Regina Helena Machado Aquino, «Cândido Lusitano e o Discurso Preliminar do Tradutor», in *Terra roxa e outras terras*, vol. 1, Revista de Estudos Literários, São Paulo, 2002, pp. 16-23.
 - CORTESÃO, Jaime, *História da Expansão Portuguesa*, I.N.I.C., Lisboa, 1993.
 - CORTESÃO, Jaime, *Influência dos Descobrimentos Portugueses na História da Civilização*, I.N.I.C., Lisboa, 1993.
 - COSTA, Fernanda Gil, «Traduções da Alemanha», in *Dicionário do Romantismo Literário Português*, Caminho, Lisboa, 1997, pp. 548-550.
 - COUTO, Patrícia Regina Esteves do, *The Marvellous Travels of Fernando Mendez Pinto across the low Lands: Translation, Appropriation and Reception*, Tese de Doutoramento no Ramo de Estudos de Literatura e de Cultura – Especialidade em Estudos Comparatistas, Universidade de Lisboa – Faculdade de Letras, Lisboa, 2012, vol. I.
 - COVERDALE, John F., «Spain - Decline of Spanish Power», in *Collier's Encyclopedia*, Bahr, Lauren S. (dir.), Macmillan Educational Company, New York, 1992, vol. 21, pp. 398-398A.
 - DELILLE, Karl Heinz et al., *Problemas da Tradução Literária*, Livraria Almedina, Coimbra, 1986.
 - DIAS, J. S. da Silva, *Os Descobrimentos e a Problemática Cultural do Século XVI*, 3ª ed., Ed. Presença, Lisboa, 1988.
 - DUARTE, João Ferreira, «The Lusiad, de W. J. Mickle», in *Literatura Comparada: Os Novos Paradigmas. Actas do II Congresso da APLC*, Losa, Margarida L. et al. (orgs.), Edições Afrontamento, Porto, 1996, pp. 153-162.
 - DUARTE, João Ferreira, «Tradução Linguística vs Tradução Cultural: Equívocos e Equivalências», in *Actas do XX Encontro da APEAA*, União Latina, Porto, 2000, pp. 196-204.
 - DUARTE, João Ferreira (org.), *A Tradução nas Encruzilhadas da Cultura*, Actas do Congresso «A Tradução nas Encruzilhadas da Cultura», Edições Colibri, Lisboa, 2001.
 - DUARTE, João Ferreira, «Tradução e Expropriação Discursiva: The Lusiad de W. J. Mickle», in *Floresta Encantada – Novos Caminhos da Literatura Comparada*, Buescu, Helena et al. (org.), Publicações Dom Quixote, Lisboa, 2001, pp. 519-532.
 - ECO, Umberto, «3. O Leitor Modelo», in *Leitura do Texto Literário*, 2ª ed., Editorial Presença, Lisboa, 1993, pp. 53-70.
 - ECO, Umberto, *Dizer Quase a mesma Coisa – Sobre a Tradução*, Difel, Lisboa, 2005.

- ELLIS, Roger, «1. The Middle Ages», in *The Oxford Guide to Literature in English Translation*, France, Peter (ed.), Oxford University Press, Oxford, 2000, pp. 39-45.
- EMERY, Bernard, «Traduzir o Intraduzível: A Mais Nobre Ambição da Tradução Literária», in *Génesis*, 4, ISAI - Instituto Superior de Assistentes e Intérpretes, Lisboa, 2004, pp. 186-212.
- ETKIND, Efim, *Un Art en Crise – Essai de Poétique de la Traduction Poétique*, L'Âge d'Homme, Lausanne, 1982.
- EVEN-ZOHAR, Itamar, «The Position of Translated Literature Within the Literary Polysystem», in *Papers in Historical Poetics*, no. 8, Tel Aviv University, 1978, pp. 21-26.
- FARIA, Francisco Leite de, «Ecos Literários e Impacto Cultural dos Descobrimentos Portugueses no Atlântico», in *Sep. Mare Liberum*, 1990, n°1, pp. 93-103.
- FARIA, Francisco Leite de, *As Muitas Edições da 'Peregrinação' de Fernão Mendes Pinto*, Academia Portuguesa da História, Lisboa, 1992.
- FEIJÓ, Elias Torres, «Receção de Camões na Galiza», in *Dicionário Luís de Camões*, Aguiar e Silva, Vítor Manuel de (coord.), Editorial Caminho, Lisboa, 2011, pp. 721-740.
- FIGUEIREDO, Fidelino de, *A Épica Portuguesa no Século XVI*, reimp. I.N.I.C., Lisboa, 1993.
- FLOR, João Almeida, «Tradução e Tradição», in *Problemas de Tradução: Escrever, Traduzindo*, II Jornadas de Estudos sobre Tradução, Grupo Universitário de Estudos de Literatura Francesa (GUELF), Lisboa, 1983, pp. 9-19.
- FLOR, João Almeida, «Estudos de Tradução na Universidade de Lisboa: Notícia de um Projecto em Curso», in *Literatura Comparada: Os Novos Paradigmas. Actas do II Congresso da APLC*, Losa, Margarida L. et al. (orgs.), Edições Afrontamento, Porto, 1996, pp. 197-201.
- FLOR, João Almeida, «Tradução e Heteronímia», in *Histórias Literárias Comparadas*, Seruya, Teresa e Maria Lin Moniz (org. e coord.), Edições Colibri, Centro de Literatura e Cultura Portuguesa e Brasileira, Universidade Católica Portuguesa, 11 e 12 de nov. 1999, Actas do Colóquio Internacional, pp. 33-43.
- FOUCAULT, Michel, *The Order of Things*, Tavistock, Londres, 1970.
- FRANCE, Peter (Ed.), *The Oxford Guide to Literature in English Translation*, Oxford University Press, Oxford, 2000.
- FRANCE, Peter, «Translation Studies and Translation Criticism», in *The Oxford Guide to Literature in English Translation*, France, Peter (ed.), Oxford University Press, Oxford, 2000, pp. 3-10.
- FREITAS, Elsa Simões Lucas, *A Tradução em Portugal, 1495/1834*, ISLA - Centro de Estudos de Literatura Geral e Comparada, Lisboa, 1992, vol. 1.
- FREITAS, Elsa Simões Lucas, *A Tradução em Portugal, 1835-1850*, ISLA - Centro de Estudos de Literatura Geral e Comparada, Lisboa, 1992, vol. 2.
- GARCIA, José Manuel, «Apresentação», in *Peregrinaçam de Fernam Mendez Pinto*, Pinto, Fernão Mendes, Ed. Castoliva, Edição fac-similada, Lisboa, 1995, pp. 7-17.
- GAYA, Samuel Gili, «La Novela Picaresca en el Siglo XVI», in *Historia General de las Literaturas Hispánicas – Renacimiento y Barroco*, Díaz-Plaja, Guillermo (dir.), Editorial Barna, Barcelona, 1953, vol. III, pp. 79-101.
- GAYA, Samuel Gili, «Apogeo y desintegración de la novela picaresca», in *Historia General de las Literaturas Hispánicas – Renacimiento y Barroco*, Díaz-Plaja, Guillermo (dir.), Editorial Barna, Barcelona, 1953, vol. III, pp. I-VII.
- GODINHO, Vitorino Magalhães, *Os Descobrimentos e a Economia Mundial*, 2ª ed., Presença, Lisboa, 1984.

- GODINHO, Vitorino Magalhães, *Mito e Mercadoria, Utopia e Prática de Navegar. Séc. XIII-XVIII*, Difel, Lisboa, 1990.
- GRAÇA, Luís, *A Visão do Oriente na Literatura Portuguesa de Viagens: Os Viajantes Portugueses e os Itinerários Terrestres (1560-1670)*, IN-CM, Lisboa, 1983.
- GUILLÉN, Claudio, *Entre lo Uno y lo Diverso. Introducción a la Literatura Comparada*, Ed. Critica, Barcelona, 1985.
- GUIMARÃES, Fernando, «Identidade e Alteridade - Incidências no Processo de Tradução», in *Estudos de Tradução - Actas de Congresso Internacional (Universidade da Madeira)*, Principia - Publicações Universitárias e Científicas, Cascais, 2003, pp. 433-440.
- GUIMARÃES, Fernando, «Tradução, Sentido, Tempo», in *Relâmpago - Revista de Poesia*, 17, Fundação Luís Miguel Nava, Lisboa, 2005, pp. 69-72.
- HARTLEBEN, Hermine, *Champollion, sein Leben und sein Werk, 1906, Champollion, sa vie et son œuvre*, traduction et documentation de Denise Meunier selon l'adaptation du texte allemand de Ruth Schumann Antelme, Pygmalion/Gérard Watelet, Paris, 1983.
- HERBULOT, Florence, «O Tradutor Dilacerado», in *Tradutor Dilacerado – Reflexões de autores franceses contemporâneos sobre tradução*, Jorge, Guilhermina (coord.), trad. de Catarina Salgueiro *et al.*, Edições Colibri, Lisboa, 1997, pp. 103-112.
- HERMANS, Theo, *Translation in Systems: Descriptive and System-Oriented Approaches Explained*, St. Jerome Press, Manchester, 2000.
- HERMANS, Theo, «2. Norms of Translation», in *The Oxford Guide to Literature in English Translation*, France, Peter (ed.), Oxford University Press, Oxford and New York, 2000, pp. 10-15.
- HOLMES, James S., «The Name and Nature of Translation Studies», in *Translated Papers on Literary Translation and Translation Studies*, Broeck, Raymond van den (ed.), Rodopi, Amsterdam, 1988, pp. 66-80.
- HOLMES, James S. *et al.* (eds.), *Literature and Translation*, Acco, Leuven, 1978.
- HOMEM, Rui Carvalho (coord.), *III Jornadas de Tradução - Tradução, Cultura, Sociedade*, ISAI - Instituto Superior de Assistentes e Intérpretes, Porto, 1997.
- HOMEM, Rui Carvalho, *II Jornadas de Tradução – O Acto de Tradução*, ISAI - Instituto Superior de Assistentes e Intérpretes, Porto, 1999.
- HOMEM, Rui Carvalho, *VI Jornadas de Tradução - Tradução, Discursos e Saberes*, ISAI - Instituto Superior de Assistentes e Intérpretes, Porto, 2000.
- HÖRSTER, Maria António, «Problemas de tradução. Sistematização e Exemplos», in *V Jornadas de Tradução - Tradução, Ensino, Comunicação*, ISAI - Instituto Superior de Assistentes e Intérpretes, Porto, 1999, pp. 33-43.
- HÜSGEN, Thomas J. C., «Um Contributo para uma Nova Abordagem da Crítica da Tradução Literária», in *Literatura Comparada: Os Novos Paradigmas. Actas do II Congresso da APLC*, Losa, Margarida L. *et al.* (orgs.), Edições Afrontamento, Porto, 1996, vol. 1, pp. 251-254.
- ISRAEL, Fortunato, «Tradução Literária e Teoria do Sentido», in *Tradutor Dilacerado – Reflexões de autores franceses contemporâneos sobre tradução*, Jorge, Guilhermina (coord.), trad. de Catarina Salgueiro *et al.*, Edições Colibri, Lisboa, 1997, pp. 69-78.
- JAKOBSON, Roman, *Linguística e Comunicação*, pref. de Isidoro Blikstein e trad. de José Paulo Paes, Cultrix, S. Paulo, 1974, pp. 63-72.
- JAKOBSON, Roman, «On Linguistic Aspects of Translation», in *On Translation*, Brower, R. A. (ed.), Harvard University Press, Cambridge, 1959.

- JORGE, Carlos Jorge Figueiredo, «A Dimensão da Pirataria na *Peregrinação* – Poder e contrapoder: uma Ideologia da Paródia», in *O Discurso Literário da 'Peregrinação'*, Seixo, Maria Alzira e Christine Zurbach (org.), Ed. Cosmos, Lisboa, 1999, pp. 61-94.
- KAISER, Gerhard R., *Introdução à Literatura Comparada*, trad. de Teresa Alegre, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1989.
- KEATING, Maria Eduarda, «A 'autor'idade em Tradução», in *Literatura Comparada: Os Novos Paradigmas. Actas do II Congresso da APLC*, Losa, Margarida L. et al. (orgs.), Edições Afrontamento, Porto, 1996, pp. 263-280.
- KEATING, Maria Eduarda, «As *Lettres Portugaises* e a Literatura Portuguesa – Reescritas e Apropriações», in *Estudos de Tradução em Portugal. Novos Contributos para a História da Literatura Portuguesa*, Seruya, Teresa (org.), Universidade Católica Editora, Lisboa, 2001, pp. 229-243.
- KELLY, L. G., *The True Interpreter*, Blackwell, Oxford, 1979.
- KLEIN, Jean, «Méthodologie de la Traduction», in *Actes Journées de Reflexion La Traduction au Portugal: Formations et Professions*, GRIF - Groupe de Recherche Interdisciplinaire sur le Français, Lisboa, 1997, pp. 69-81.
- LABORINHO, Ana Paula Martins, *O Rosto de Jano – Universos Ficcionalis da 'Peregrinaçam' de Fernão Mendes Pinto*, Tese de Doutoramento, Universidade de Lisboa – Faculdade de Letras, 2006, 1º e 2º vols..
- LAM, Sun, «Interpretação do Texto e Tradução Literária», in *Literatura Comparada: Os Novos Paradigmas. Actas do II Congresso da APLC*, Losa, Margarida L. et al. (orgs.), Edições Afrontamento, Porto, 1996, pp. 163-174.
- LAMBERT, José, «Translation Studies and (Comparative) Literary Studies in 1989», in *Os Estudos Literários (entre) Ciencia e Hermeneutica*, Actas do I. Congresso da APLC, Associação Portuguesa de Literatura Comparada, Lisboa, 1989, pp. 229-239.
- LAMBERT, José, «10 - A Tradução», in *Teoria Literária. Problemas e Perspectivas*, Angenot, Mark et al. (dir.), trad. de Ana Luísa Faria e Miguel Serras Pereira, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1995, pp. 187-198.
- LAMBERT, José, «Is Translation Studies Too Literary?», in *Génesis*, 5, ISAI - Instituto Superior de Assistentes e Intérpretes, Lisboa, 2005, pp. 7-20.
- LAMBERT, José e André Lefevere (eds.), *Translation in the Development of Literatures – Les Traductions dans le Développement des Littératures*, Proceedings of the XIth Congress of the ICLA, Paris, 1985, vol. 7; Actes du XI^e Congrès de l'AILC, Paris, 1985, Peter Lang, Bern, Frankfurt A. M. e Las Vegas, 1993.
- LAMBERT, Maurice, «La traduction il y a 4000 ans», in *Traduire*, in *Babel*, X, 1, 1964, n.º 39-48, pp. 17-20.
- LANGENDORFF, Matthias, «A Imagem das Religiões na *Peregrinação*», in *O Discurso Literário da 'Peregrinação'*, Seixo, Maria Alzira e Christine Zurbach (org.), Ed. Cosmos, Lisboa, 1999, pp. 119-142.
- LA PIANA, George, «Reformation», in *Collier's Encyclopedia*, Bahr, Lauren S. (dir.), Macmillan Educational Company, New York, 1992, vol. 19, pp. 692-700.
- LARBAUD, Valéry, «Alegrias e Benefícios do Tradutor», in *Tradutor Dilacerado – Reflexões de Autores Franceses Contemporâneos sobre Tradução*, Jorge, Guilhermina (coord.), trad. de Catarina Salgueiro et al., Edições Colibri, Lisboa, 1997, pp. 97-102.
- LAVAUULT, Elisabeth, «La Traduction Interprétative», in *Traduction et Didactique - Colloque*, Edições ASA, Porto, 1990, pp. 67-75.
- LAVAUULT, Elisabeth, «Traduction et Didactique des Langues», in *Traduction et Didactique - Colloque*, Edições ASA, Porto, 1990, pp. 76-87.
- LEAL, Luís, *O Labirinto do Texto. Da Teoria da Literatura à Tradução Literária*, Universitária Editora, Lisboa, 1994.

- LEFEVERE, André, *Translating Literature: Practice and Theory in a Comparative Literature Context*, MLA, New York, 1992.
- LEFEVERE, André, *Translating, Rewriting and the Manipulation of Literary Fame*, Routledge, London / New York, 1992.
- LEITE, Carlos, «Profession : Traducteur», in *Traduction et Didactique - Colloque*, Edições ASA, Porto, 1990, pp. 131-133.
- LOPES, Marília dos Santos, «Fernão Mendes Pinto e o Diálogo entre os Mundos ou o que Traziam de Novo as Obras Portuguesas à Cultura Alemã», in *Mare Liberum: Revista de História dos Mares / Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses*; dir. Luís de Albuquerque, N.º 1 (Dez. 1990), [Lisboa]: C.N.C.D.P., pp. 97-103.
- LÖSER, Philipp, «International Literary History: Cultures in Translation», in *Histórias Literárias Comparadas*, Seruya, Teresa e Maria Lin Moniz (org. e coord.), Edições Colibri, Centro de Literatura e Cultura Portuguesa e Brasileira, Universidade Católica Portuguesa, 11 e 12 de nov. 1999, Actas do Colóquio Internacional, pp. 45-56.
- MACHADO, Álvaro Manuel e Daniel-Henri Pageaux, *Da Literatura Comparada à Teoria da Literatura*, 2ª edição, revista e aumentada, Editorial Presença, Lisboa, 2001.
- MAIOR, Isabel Vila, «O Discurso Directo Como Estratégia Narrativa na Peregrinação», in *O Discurso Literário da 'Peregrinação'*, Seixo, Maria Alzira e Christine Zurbach (org.), Ed. Cosmos, Lisboa, 1999, pp. 95-118.
- MARQUES, Alfredo P., *Guia de História dos Descobrimentos e Expansão Portuguesa*, Biblioteca Nacional, Lisboa, 1988.
- MARTINS, Isaltina das D. F., *Bibliografia do Humanismo em Portugal no Século XVI*, I.N.I.C, Centro de Est. Cl. da Univ. de Coimbra, Coimbra, 1986.
- MARTINS, Manuel Frias, «Tradução Literária: Um Lugar Teórico», in *Em Teoria (A Literatura). In Theory (Literature)*, Ambar Editora, Porto, 2003, pp. 143-160.
- MARTINS, Maria Manuela da Graça Orge, *Fernão Mendes Pinto – 'Peregrinação'*, Publicações Europa-América, Lisboa, 1989.
- MASCARENHAS, José, *A Tradução em Portugal no Século XVIII*, F.L.U.L.- Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2002.
- MAURO, Frédéric, *Le Portugal, le Brésil et l' Atlantique au XVIIe Siècle (1570-1670)*, F.C.Gulbenkian, Paris, 1983.
- MCCONNELL, Frank D., «History of English Literature - The Renaissance», in *Collier's Encyclopedia*, Bahr, Lauren S. (dir.), Macmillan Educational Company, New York, 1992, vol. 9, pp. 222-228.
- MENDES, António Rosa, *A 'Peregrinação' e a Peregrinação de Fernão Mendes Pinto*, Gente Singular Editora, Olhão, 2011.
- MESCHONNIC, Henri, *Poétique du Traduire*, Verdier, Paris, 1999.
- MISRI, G., «Tradutologia das Expressões Lexicalizadas», in *Tradutor Dilacerado – Reflexões de autores franceses contemporâneos sobre tradução*, Jorge, Guilhermina (coord.), trad. de Catarina Salgueiro et al., Edições Colibri, Lisboa, 1997, pp. 119-134.
- MONIZ, António M. de A., *As Lágrimas na 'Peregrinação' de Fernão Mendes Pinto. Para um Estudo Semiótico, Sócio-Cultural e Intertextual*, Tese de Mestrado, F. C. S. H. da U.N.L., Lisboa, 1989.
- MONIZ, António M. de A., *Para uma Leitura de «Peregrinação» de Fernão Mendes Pinto*, 1ª ed., Lisboa, Ed. Presença, 1999.
- MONIZ, António M. de A., *A História Trágico-Marítima: Rosto de Uma Identidade Numa Poética da Condição Humana*, Edições Colibri, Lisboa, 2001.
- MOREL, Jacques, *De Montaigne à Corneille*, n° 3, Arthaud - Collection Littérature Française, Paris, 1991.

- MOUNIN, Georges, *Histoires de la linguistique des origines au 19^e siècle*, P.U.F., Paris, 1967.
- NASCIMENTO, Aires A. (Introd., ver., trad. e notas), *Tradução, São Jerónimo. Carta a Pamáquio sobre os Problemas da Tradução*, Edições Cosmos, Lisboa, 1995.
- OLIVEIRA, Maria do Carmo Correia de, «Idade Média: Traduções reais, Reais Traduções», in *Histórias Literárias Comparadas*, Seruya, Teresa e Maria Lin Moniz (org. e coord.), Edições Colibri, Centro de Literatura e Cultura Portuguesa e Brasileira, Universidade Católica Portuguesa, 11 e 12 de nov. 1999, Actas do Colóquio Internacional, pp. 83-94.
- OSÓRIO, João de Castro, *O Além-Mar na Literatura Portuguesa*, Lisboa, Nova Arrancada, 2^a ed., 1998.
- PAIS, Carlos Castilho, *Teoria Diacrónica da Tradução Portuguesa – Antologia (séculos XV-XX)*, Universidade Aberta (Manuais; 132), Lisboa, 1997.
- PAZ, Octavio, *Traducción: Literatura e Literalidad*, Tusquets Editores, Barcelona, 1990.
- PEIXOTO, José, «Emotive Markers: Gender Differences in Translation», in *Estudos de Tradução - Actas de Congresso Internacional (Universidade da Madeira)*, Principia - Publicações Universitárias e Científicas, Cascais, 2003, pp. 183-194.
- PERES, Damião, *História dos Descobrimientos Portugueses*, 3^a ed., Vertente, Porto, 1983.
- PINILLA, José A. e Maria M. F. Sánchez, *O Discurso sobre a Tradução em Portugal. O Proveito, o Ensino e a Crítica. Antologia (c. 1429-1818)*, Colibri, Lisboa, 1998.
- PINTO-CORREIA, João David, *A Peregrinação de Fernão Mendes Pinto*, Apres. crítica, selecção, resumos, glossário e sugestões para análise literária de J. D. Pinto-Correia, Col. «Textos Literários», 2^a edição, Editorial Comunicação, Lisboa, 1979.
- PINTO-CORREIA, João David, *Autobiografia e Aventura na Literatura de Viagens. A «Peregrinação» de Fernão Mendes Pinto*, Apresentação crítica, selecção, resumos, glossário e sugestões para análise literária de J. D. Pinto-Correia, col. «Textos Literários», 2^a edição, Editorial Comunicação, Lisboa, 1983.
- PINTO-CORREIA, João David, «Para Uma Nova Leitura de *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto (O Narrador Autobiográfico: Situação, Estatuto e Competência)», in *Centenário da Morte de Fernão Mendes Pinto*, Sociedade de Geografia de Lisboa, 1983, pp. 217-228.
- PINTO-CORREIA, João David, «Fernão Mendes Pinto ou a Peregrinação Por Quatro Sentidos do Outro», in *Dimensões da Alteridade nas Culturas de Língua Portuguesa – O Outro*, Rodrigues, Graça Almeida et al. (orgs.), I Simpósio Interdisciplinar de Estudos Portugueses – Actas, Vol. II, Dep. de Estudos Portugueses, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Univ. Nova de Lisboa, Lisboa, 20-23 de Nov. 1985, vol. 2, pp. 163-177.
- PINTO-CORREIA, João David, «Une Lecture de *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto: d'une Déambulation Personnelle à une Expérience Collective», in *Separata dos Arquivos do Centro Cultural Português*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa – Paris, 1993, vol. XXXII, pp. 43-57.
- PINTO-CORREIA, João David, «O Descobrimento da China: Estratégias Discursivas da Descrição na Obra de Fernão Mendes Pinto», in *Arquivos do Centro Cultural Calouste Gulbenkian – Homenagem a Maria de Lourdes Belchior*, Separata, Fundação Calouste Gulbenkian/Centro Cultural C. G., Lisboa – Paris, 1998, vol. XXXVII.
- PINTO-CORREIA, João David, «Introdução», in *Biblioteca Virtual de Autores Portugueses. Fernão Mendes Pinto - «Peregrinação»*, edição electrónica, 2 cd-rom,

- Biblioteca Nacional, Lisboa, 1998, disco 2 (coord. científica de Ivo Castro, Teresa Amado, Cristina Almeida Ribeiro e Paula Morão).
- PINTO-CORREIA, João David, «A Construção do Colectivo na *Peregrinação*: Percursos e Significado», in *O Discurso Literário da 'Peregrinação'*, Seixo, Maria Alzira e Christine Zurbach (org.), Edições Cosmos, Lisboa, 1999, pp. 169-188.
 - PIRES, Maria João, «Tradução: Memória de Escritas e Culturas», in *III Jornadas de Tradução - Actas das III Jornadas do ISAI - «Tradução, Cultura, Sociedade»*, ISAI - Instituto Superior de Assistentes e Intérpretes, Porto, 1997, vol. 1, pp. 37-41.
 - PORTELA, Manuel, «Para uma Tipologia da Dificuldade de Tradução», in *Runa - Revista Portuguesa de Estudos Germanísticos*, 27 F.L.U.P.- Instituto de Estudos Germanísticos, Porto, 1997, pp. 75-94.
 - PORTELA, Manuel, «Crítica da Tradução - Modelos Tradutológicos para a Literatura Traduzida», in *Estudos de Tradução em Portugal. Novos Contributos para a História da Literatura Portuguesa*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2005, pp. 73-86.
 - PYM, Anthony, *Translation and Texttransfer. An Essay on the Principles of Intercultural Communication*, Peter Lang, Frankfurt, 1992.
 - PYM, Anthony, *Method in Translation History*, St. Jerome, Manchester, 1998.
 - QUADRIO, Miguel-Pedro, «Traduzir na Tradição: Considerações em Torno do Conceito de Tradução em Textos do século XVII», in *Estudos de Tradução em Portugal. Novos Contributos para a História da Literatura Portuguesa*, Seruya, Teresa (org.), Universidade Católica Editora, Lisboa, 2001, pp. 71-82.
 - REY, Jesús Torres del, «Identity Formation in Translation Pedagogy», in *A Tradução nas Encruzilhadas da Cultura*, Duarte, João Ferreira (org.), Colibri, Lisboa, 2001, pp. 141-152.
 - RIBEIRO, Aquilino, *'Peregrinação' de Fernão Mendes Pinto – Aventuras Extraordinárias de um Português no Oriente*, 12ª ed., Livraria Sá da Costa Editora, Lisboa, 1994.
 - RIBEIRO, Cristina Almeida, «Novelas que fizeram História: a Narrativa Curta Espanhola na Literatura Francesa do Século XVII», in *Histórias Literárias Comparadas*, Seruya, Teresa e Maria Lin Moniz (org. e coord.), Edições Colibri, Centro de Literatura e Cultura Portuguesa e Brasileira, Universidade Católica Portuguesa, 11 e 12 de nov. 1999, Actas do Colóquio Internacional, pp. 57-66.
 - ROBINSON, Douglas, *What is Translation?*, The Kent State University Press, Kent – Ohio, 1997.
 - RODRIGUES, A. A. Gonçalves, *A Tradução em Portugal. Tentativa de Resenha Cronológica das Traduções Impressas em Língua Portuguesa excluindo o Brasil de 1495 a 1950. 1º Volume – 1495-1834*, IN-CM, Lisboa, 1992.
 - RODRIGUES, A. A. Gonçalves, *A Tradução em Portugal. 2º Volume – 1835-1850*, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa / Ministério da Educação, Lisboa, 1992.
 - RODRIGUES, A. A. Gonçalves, *A Tradução em Portugal. 3º Volume – 1851-1870*, Instituto Superior de Línguas e Administração / Centro de Estudos de Literatura Geral e Comparada, Lisboa, 1993.
 - RODRIGUES, A. A. Gonçalves, *A Tradução em Portugal. 4º Volume – 1871-1900*, Instituto Superior de Línguas e Administração / Centro de Estudos de Literatura Geral e Comparada, Lisboa, 1994.
 - RODRIGUES, A. A. Gonçalves, *A Tradução em Portugal. 5º Volume – 1901-1930*, Instituto Superior de Línguas e Administração, Lisboa, 1999.
 - RODRIGUES, Sara Viola, «A Literatura Comparada e os Estudos de Tradução – Algumas Direções da Pesquisa Ocidental Contemporânea», in <http://seer.ufrgs.br/translatio/article/download/36824/23816>, pp. 1-25.

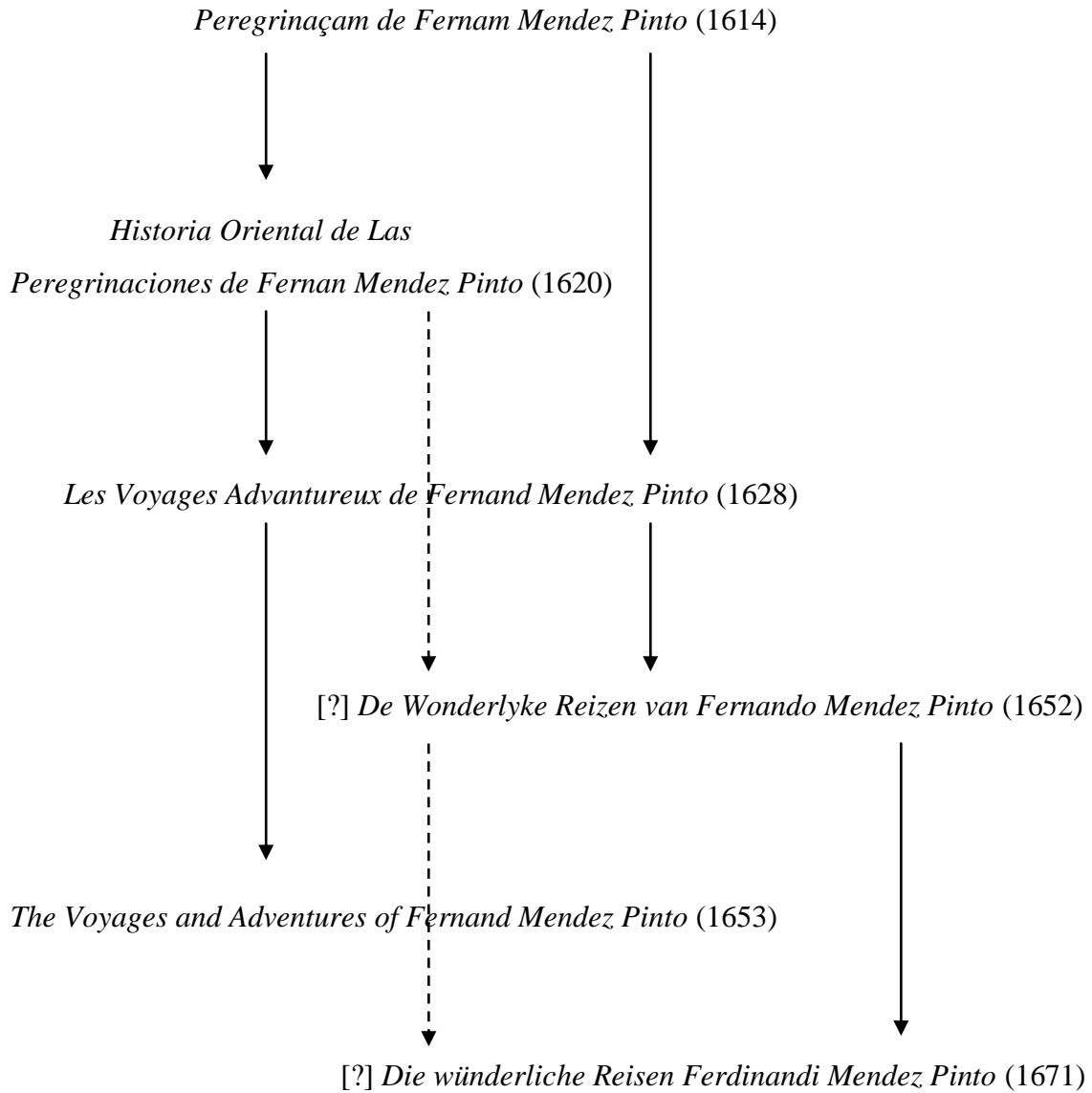
- SARAIVA, António José, «Prefácio», in *Peregrinação e Outras Obras*, Pinto, Fernão Mendes, texto crítico, prefácio, notas e estudo por António José Saraiva, 2ª ed., Livraria Sá da Costa, Lisboa, 1981, vol. I, pp. VII-LII.
- SCHAEFFER, Jean-Marie, *Qu'est-ce qu'un Genre Littéraire?*, Seuil, Paris, 1989.
- SCHULTE, Rainer e John Biguenet (eds.), *Theories of Translation: An Anthology of Essays from Dryden to Derrida*, Chicago University Press, Chicago / London, 1992.
- SCHWARZ, W., «The History of the Principles of Bible Translation in the Western World, Babel», 9, 1963, pp. 5-22.
- SEIXO, Maria Alzira, «Wanderlust and Difference. Shifts of Excitement in Travel Narrative (Fernão Mendes Pinto's *Peregrination*)», in *A Vertigem do Oriente – Modalidades Discursivas no Encontro de Culturas*, Laborinho, Ana Paula, Maria Alzira Seixo e Maria José Meira (org.), Edições Cosmos, Lisboa, 1999, pp. 155-164.
- SEIXO, Maria Alzira, «Rotas Semânticas e Narrativas da *Peregrinação*», in *O Discurso Literário da 'Peregrinação'*, Seixo, Maria Alzira e Christine Zurbach (org.), Edições Cosmos, Lisboa, 1999, pp. 189-212.
- SERUYA, Teresa (org.), *Estudos de Tradução em Portugal. Novos Contributos para a História da Literatura Portuguesa*, Actas do Colóquio «Estudos de Tradução em Portugal...», Universidade Católica Editora, Lisboa, 2001.
- SERUYA, Teresa e Maria Lin Moniz (org.), *Histórias Literárias Comparadas*, Actas do Colóquio Internacional «Histórias Literárias Comparadas», Lisboa 1999, Edições Colibri e Centro de Literatura e Cultura Portuguesa e Brasileira da Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 2001.
- SIMÕES, Manuel, «Tradução Literária», in *Vértice - II Série*, 55, Editorial Caminho, Lisboa, 1993, pp. 129-131.
- SNELL-HORNBY, Mary, *Translation Studies. An Integrated Approach*, John Benjamins, Amsterdam, 1988.
- SNELL-HORNBY, Mary, «Translation and the European Identity - a Cross-Cultural Problem?», in *A Tradução nas Encruzilhadas da Cultura*, Duarte, João Ferreira (org.), Colibri, Lisboa, 2001, pp. 11-26.
- STEINER, George, *After Babel: Aspects of Language and Translation*, Oxford University Press, London and New York, 1975.
- THEODOR, Erwin, *Tradução, Ofício e Arte*, 2ª ed. Revista, *Cultrix*, São Paulo, 1983.
- TORRES, Amadeu, «Traduções Latinas d'Os Lusíadas», in *Dicionário Luís de Camões*, Aguiar e Silva, Vítor Manuel de (Coord.), Editorial Caminho, Lisboa, 2011, pp. 933-935.
- TOURNAND, Jean-Claude, *Introduction à la Vie Littéraire du XVIIIe Siècle*, Bordas, Paris, 1984.
- TOURY, Gideon, *Descriptive Translation Studies and Beyond*, John Benjamins, Amsterdam / Philadelphia, 1985.
- TOURY, Gideon, «A Tradução como Meio de Planificação e a Planificação da Tradução», in *Histórias Literárias Comparadas*, Seruya, Teresa e Maria Lin Moniz (org. e coord.), Edições Colibri, Centro de Literatura e Cultura Portuguesa e Brasileira, Universidade Católica Portuguesa, 11 e 12 de nov. 1999, Actas do Colóquio Internacional, pp. 17- 32.
- VENUTI, Lawrence (ed.), *Rethinking Translation: Discourse, Subjectivity, Ideology*, Routledge, London / New York, 1992.
- VENUTI, Lawrence, *The Translator's Invisibility: A History of Translation*, Routledge, London / New York, 1995.

- VENUTI, Lawrence, «3. Neoclassicism and Enlightenment», in *The Oxford Guide to Literature in English Translation*, France, Peter (ed.), Oxford University Press, Oxford and New York, 2000, pp. 55-64.
- VERMEER, Hans Josef, *Esboço de uma Teoria da Tradução*, Edições Asa, Porto, 1986.
- VILELA, Mário, «Caracterização do Dicionário de Tradução e suas Funções», in *Traduction et Didactique - Colloque*, Edições ASA, Porto, 1990, pp. 99-121.
- WEBER, Samuel, «A Touch of Translation: On Walter Benjamin's 'Task of the Translator'», in *Estudos de Tradução em Portugal. Novos Contributos para a História da Literatura Portuguesa*, Seruya, Teresa (org.), Universidade Católica Editora, Lisboa, 2001, pp. 9-24.
- ZURBACH, Christine, «Traduction Indirecte et Hiérarchie des Littératures», in *Literatura Comparada: Os Novos Paradigmas. Actas do II Congresso da APLC*, Losa, Margarida L. et al. (orgs.), Edições Afrontamento, Porto, 1996, pp. 317-322.
- ZURBACH, Christine, «Fernan Mendez Pinto. Comedia Famosa en dos Partes. Uma variação temática por Antonio Enríquez Gómez», in *O Discurso Literário da 'Peregrinação'*, Seixo, Maria Alzira e Christine Zurbach (org.), Edições Cosmos, Lisboa, 1999, pp. 143-168.

ANEXOS

ANEXO I

Esquema 2.1.2.1. Inter-relações entre a *Peregrinaçam* e as suas Primeiras Traduções



Anexo II – Frontispícios

PEREGRINAÇÃO DE FERNAM MENDEZ PINTO

EM QUE DÁ CONTA DE MUYTAS E MUY-
to estranhas cousas que vio & ouuiu no reyno da China, no da Tar-
taria, no do Sornau, que vulgarmente se chama Sião, no do Calami-
nhan, no de Pegu, no de Martauão, & em outros muytos reynos
& senhorios das partes Orientais, de que nestas nossas
do Occidente ha muyto pouca ou
nenhũa noticia.

*ETAMBEM DÁ CONTA DE MUYTOS CASOS PARTI-
culares que acontecerão aflu a elle como a outras muytas pessoas & no fim della trata bre-
uemente de algũas confas, & da morte do santo Padre mestre Francisco Xavier,
única luz & resplendor daquellas partes do Oriente, & Reytor
nellas vniuersal da Companhia de Iesui.*

Escrita pelo mesmo Fernão Mendez Pinto.

*Dirigido à Catholica Real Magestade del Rey dom Felippe o III.
deste nome nosso Senhor.*



Com licença do santo Officio, Ordinario, & Paço.

EM LISBOA. Por Pedro Crasbeck. Anno 1614.

A custa de Belchior de Faria Caualcyro da casa del Rey nosso
Senhor, & seu Linceyro. *Com privilegio Real.*

Está sacado este livro a 600 reis em papel.

Ilustração 3.1.1. Frontispício da obra portuguesa

HISTORIA
O R I E N T A L
DE LAS PEREGRINACIONES
DE FERNAN MENDEZ PINTO

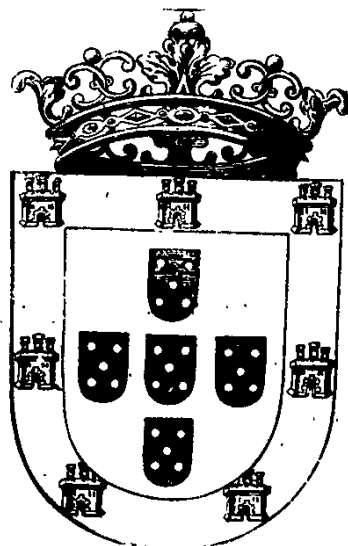
PORTVGVES, ADONDE SE ESCRIVEN
muchas, y muy estrañas cosas que vio, y oyò en los Reynos de la China,
Tartaria, Sornao, que vulgarmente se llama Siam, Calamiñam, Peguu,
Martauan, y otros muchos de aquellas partes Orientales, de que
en estas nuestras de Occidente ay muy poca, ò
ninguna noticia.

CASOS FAMOSOS, ACONTECIMIENTOS ADMIRABLES,
leyes, gouierno, trages, Religion, y costumbres de aquellos
Gentiles de Asia.

TRADVZIDO DE PORTVGVES EN CASTELLANO POR
el Licenciado Francisco de Herrera Maldonado, Canonigo de la santa Yglesia
Real de Arbas.

AL EXCELENTISSIMO SEÑOR DON DVARTE, MARQVES
de Flechilla, y Villarramiel, Marques de Malagon, señor de las villas de Paracuellos,
la Porçuna, y Hernancauallero, Alferes mayor de la Orden y Caualleria
de Alcantara, y Comendador de Castilnouo.

Año



1620.



CON PRIVILEGIO:

En Madrid, Por Tomas Iunti, Impressor del Rey nuestro señor.

*Impressa a costa de Manuel Rodriguez, Mercader de Libros. Vendese en su casa
frontero de San Basilio, y en Palacio.*

LES
VOYAGES
ADVANTUREUX
DE
FERNAND
MENDEZ PINTO.

FIDELLEMENT TRADVICTS DE
Portugais en François par le Sieur BERNARD
FIGVIER Gentil-homme Portugais.

ET DEDIEZ A MONSEIGNEUR
LE CARDINAL DE RICHELIEU.

LE CONTENU DE LA PRESENTE
Histoire se verra à la page suivante.

A PARIS,

Chez MATHVRIN HENAVLT rue Clopin, deuant
le petit Nauarre: & à sa boutique en la Cour du
Palais, à costé de la Chappelle saint
Michel, proche la fontaine.

M. DC. XXVIII.

Avec Privilège du Roy.



THE
VOYAGES
AND
ADVENTURES,

OF
Fernand Mendez Pinto,

A Portugal: During his

T R A V E L S

for the space of one and twenty years in

**The Kingdoms of Ethiopia, China, Tartaria, Cauchin-
china, Calaminham, Siam, Pegu, Japan, and a
great part of the East-Indias.**

*With a Relation and Description of most of the Places
thereof; their Religion, Laws, Riches, Customs, and
Government in time of Peace and War.*

**Where he five times suffered Shipwrack, was sixteen times sold,
and thirteen times made a Slave.**

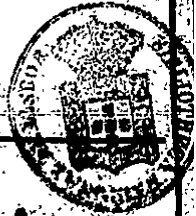
**Written Originally by himself in the Portugal Tongue;
and Dedicated to the**

Majesty of Philip King of Spain.

Done into English by H. C. Gent.

LONDON,

**Printed by F. Macock, for Henry Cripps, and Lodowick Lloyd, and are to
be sold at their shop in Popes-head Alley next Lumber-Street. 1653.**



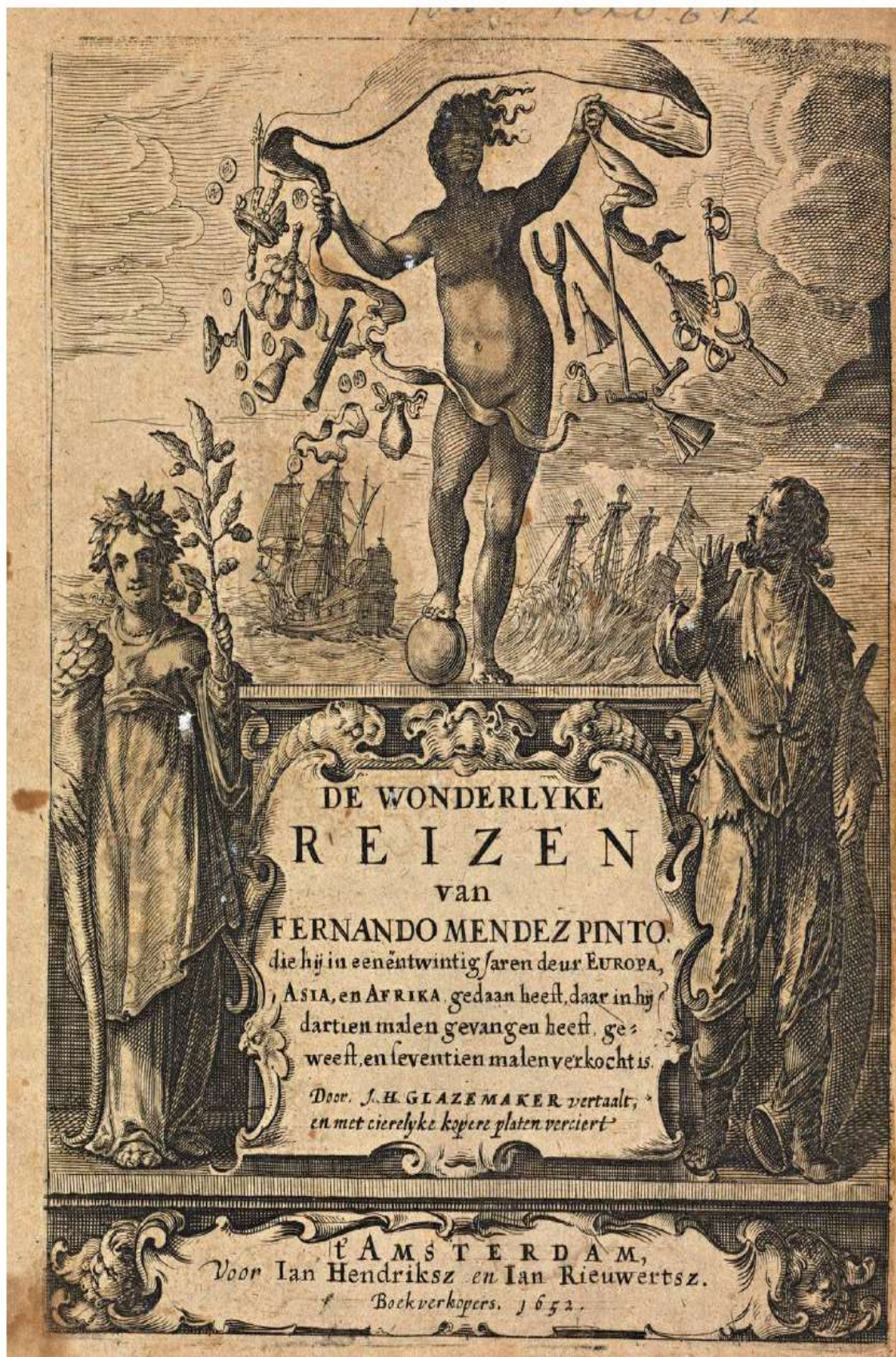


Ilustração 3.1.5. Frontispício da tradução neerlandesa



Ilustração 3.1.6. Frontispício da tradução alemã

Anexo III – Ilustrações da Versão Alemã



3.2.1. Ilustração do capítulo 3 (versão alemã, fólio 13)



2. Ilustração do capítulo 7 (versão alemã, fólio 39)



3. Ilustração do capítulo 35 (versão alemã, fólio 220)



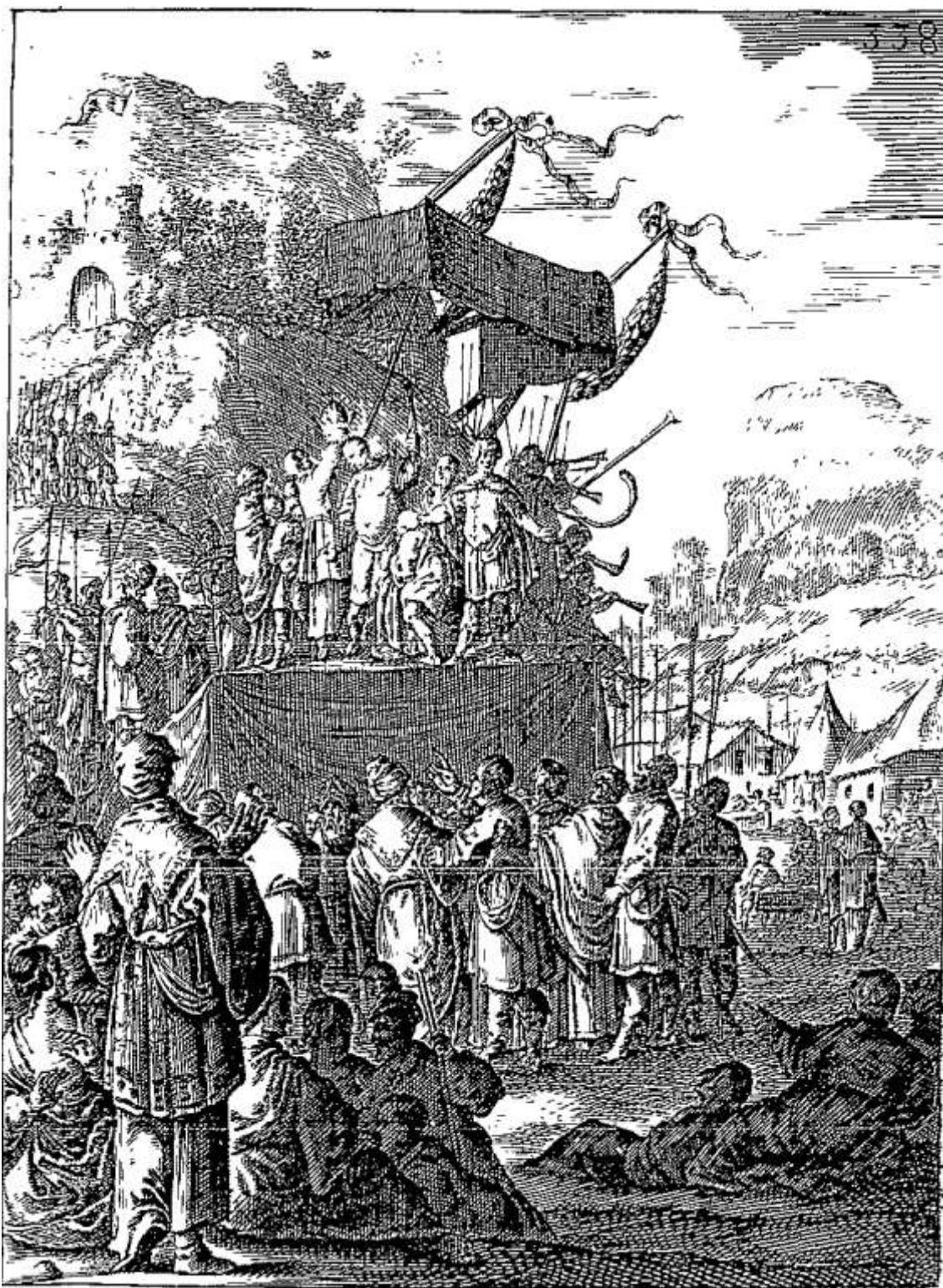
4. Ilustração do capítulo 42 (versão alemã, fólio 256)



5. Ilustração do capítulo 44 (versão alemã, fólio 267)



6. Ilustração do capítulo 51 (versão alemã, fólio 313)



7. Ilustração do capítulo 56 (versão alemã, fólio 338)

Anexo IV - Ilustrações da Versão Neerlandesa²⁸⁸

²⁸⁸ Ilustrações encontradas na Tese de Doutoramento de Couto, Patrícia Regina Esteves do, *The Marvellous Travels of Fernando Mendez Pinto across the low Lands: Translation, Appropriation and Reception*, Tese de Doutoramento no Ramo de Estudos de Literatura e de Cultura – Especialidade em Estudos Comparatistas, Universidade de Lisboa – Faculdade de Letras, Lisboa, 2012, vol. I.



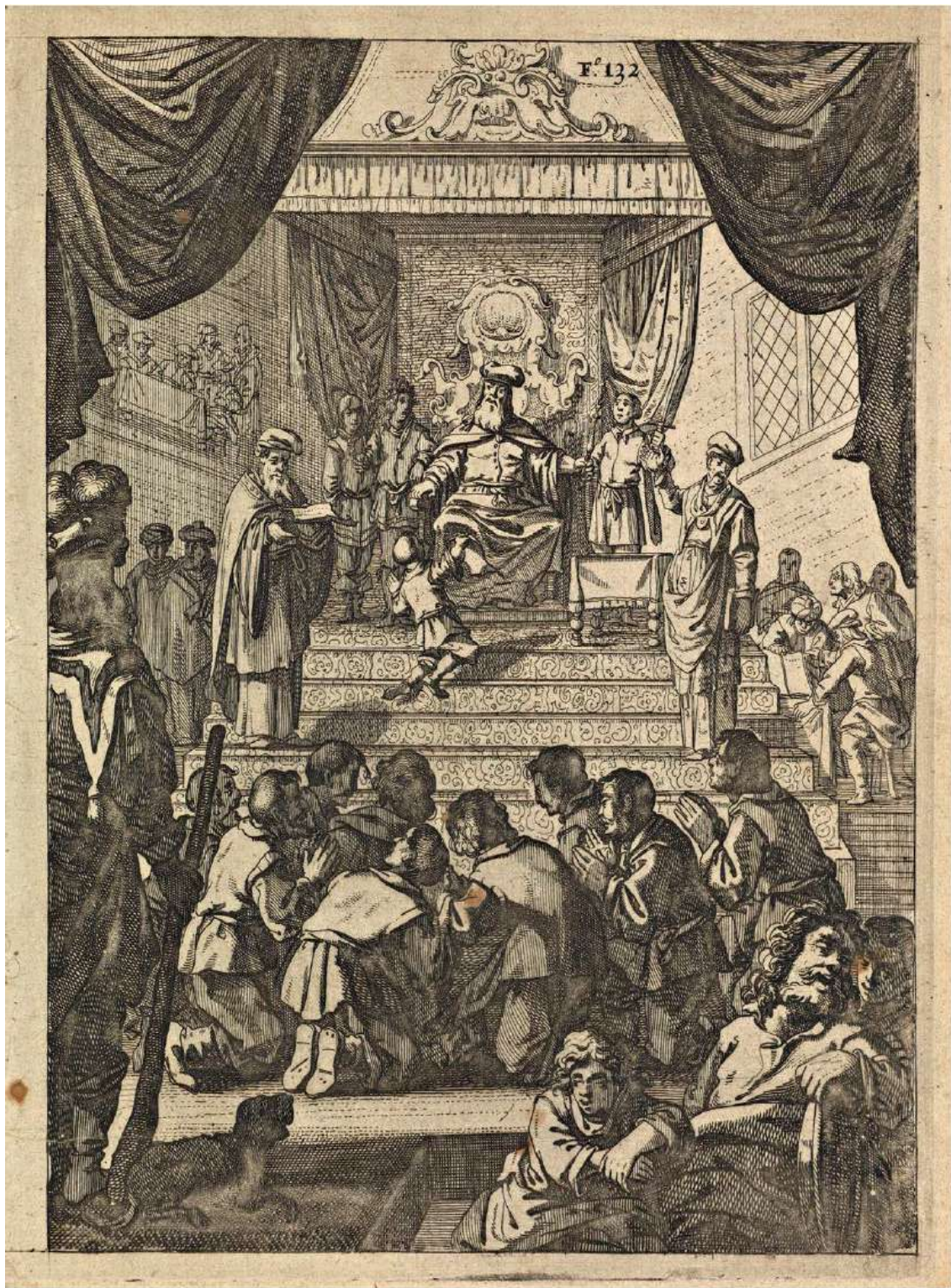
1. Ilustração no fólho 10 (versão neerlandesa)



2. Ilustração no fólho 28 (versão neerlandesa)



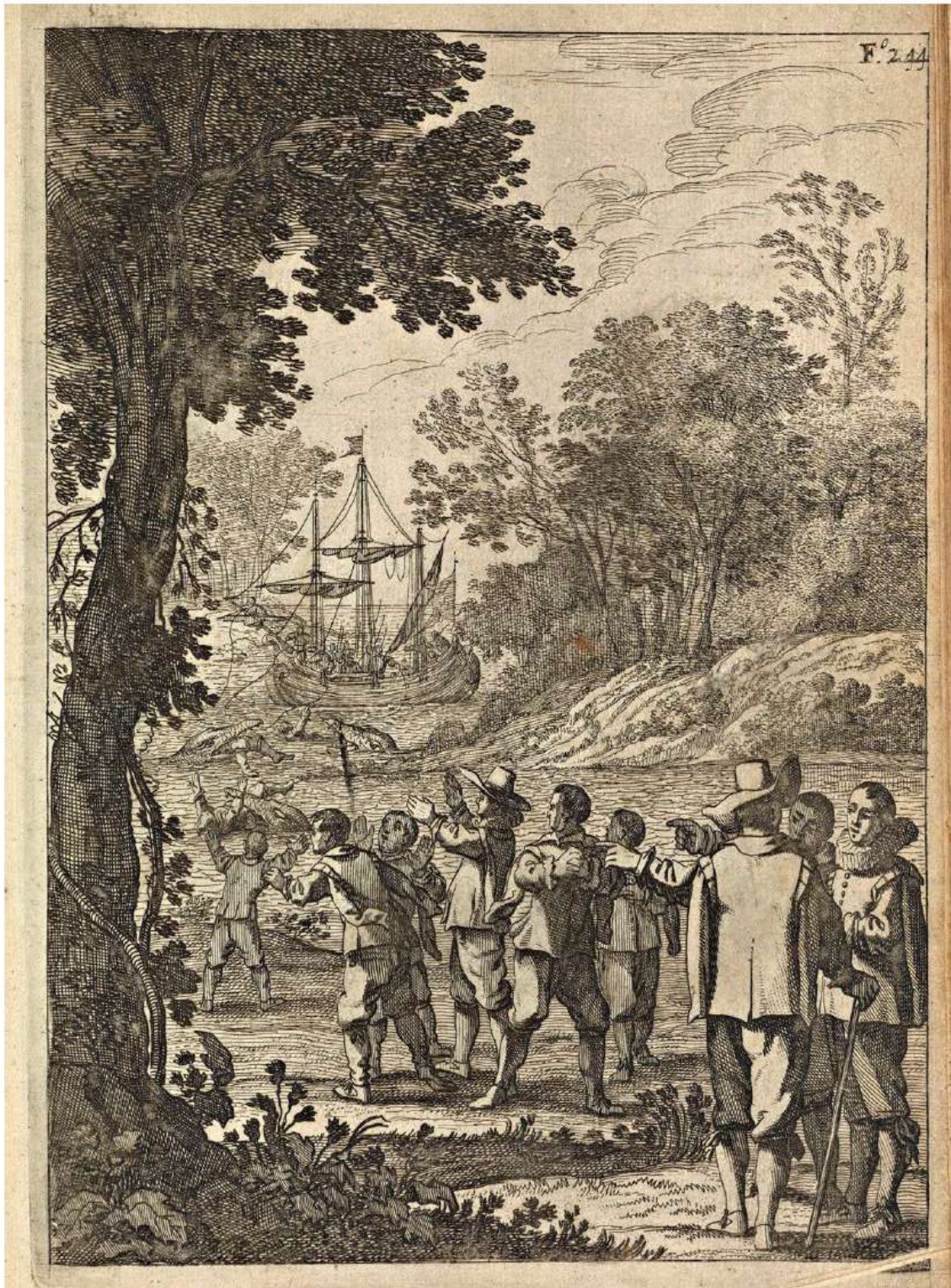
3. Ilustração no fólho 112 (versão neerlandesa)



4. Ilustração no fólio 132 (versão neerlandesa)



5. Ilustração no fólho 190 (versão neerlandesa)



6. Ilustração no fólho 244 (versão neerlandesa)

Anexo V – Tabelas

Tabela 3.1.1. Estrutura Externa da *Peregrinaçam* e das suas Traduções Espanhola, Francesa, Inglesa e Alemã

Textos (edições)	N.º de capítulos	Descrição Física	Momentos Narrativos e respetivos limites				
			1 - A Partida de Lisboa e o Início da Aventura	2 – Na Companhia de António de Faria e o seu derradeiro naufrágio	3 - A Utopia e o Eu na China	4 – O Japão e a Missão de São Francisco Xavier	5 – O Retorno ao Reino de Portugal
Português (facsimilada), 1614	226	303 fólios, f. a 2 colns. (frente e verso); 160 linhas por fólio, 6 palavras por linha; c. de 297.400 palavras; 29 cm	Cap. I-XXXVI Fls. I-36	Cap. XXXVI-LXXIX Fls. 36-88	Cap. LXXX-CXXXI Fls. 88-157	Cap. CXXXII-CXLIII Fls. 157-172 Cap. CC-CCXXV Fls. 258-301	Cap. CCXXVI Fls. 302-303
Espanhol (microfilme), 1620	226	481 fólios; f. a 2 colns.; 114 linhas, 8 palavras por linha; c. de 437.760 palavras; 30 cm	Cap. I-XXXVI Fls. I-57	Cap. XXXVI-LXXIX Fls. 57-147	Cap. LXXX-CXXXI Fls. 148-265	Cap. CXXXII-CXLIII Fls. 266-293 Cap. CC-CCXXV Fls. 418-479	Cap. CCXXVI Fls. 479-481
Francês (microfilme), 1628	226	1193 fólios; f. a 1 coluna; 31 linhas, 9 palavras por linha; c. de 332.847 palavras; 4' (22 cm)	Cap. I-XXXVI Fls. I-159	Cap. XXXVI-LXXIX Fls. 160-361	Cap. LXXX-CXXXI Fls. 362-627	Cap. CXXXII-CXLIII Fls. 628-692 Cap. CC-CCXXV Fls. 1019-1189	Cap. CCXXVI Fls. 1190-1193
Inglês (microfilme), 1653	81	326 fólios; f. a 1 coluna; 57 linhas, 15 palavras por linha; c. de 253.350 palavras; 2º (29 cm)	Cap. I-XIV Fls. I-45	Cap. XV-XXVI Fls. 46-100	Cap. XXVI-XLII Fls. 100-169	Cap. XLIII-LVIII Fls. 170-240 Cap. LXXV-LXXX Fls. 305-322	Cap. LXXXI Fls. 323-326
Alemão (microfilme), 1671	63	392 fólios; f. a 1 coluna; 39 linhas, 12 palavras por linha; c. de 188.222 palavras; 4' (20 cm)	Cap. I-12 Fls. I-67	Cap. 13-22 Fls. 68-136	Cap. 22-39 Fls. 136-248	Cap. 39-50 Fls. 248-311 Cap. 61-63 Fls. 371-391	Cap. 63 Fls. 391-393

Tabela 2 - Resumos dos Capítulos Ilustrativos da Compressão/Supressão do Momento Narrativo Relativo ao Padre Francisco Xavier nas Versões Inglesa e Alemã

ORIGINAL PORTUGUÊS	TRADUÇÃO ESPANHOLA	TRADUÇÃO FRANCESA	TRADUÇÃO INGLESA	TRADUÇÃO ALEMÃ
Cap. CXCVI. «Da sentença que deraõ os seus juízes neste caso, & da entrada que fez o Chaumigrem na cidade do Pegú.» (fól. 253)	Cap. CXCVI. «Dan los seys juezes arbotros sentencia sobre la satisfacion de los mal contentos del Real de Chaumigrem, y el haze entrada en la ciudade de Pegu.» (fól. 412)	CHAP. CXCVI. «Du jugement que donnerent les six deputez, et de l'entrée que fit le Chaumigrem en la ville de Pegu.» (fól. 1002)	CHAP. LXXI. «A continuation of that which happened in the kingdom of Pegu, as well during the life, as after the death of the King of Bramaa.» (fól. 286)	Cap. 60. «Anfruhr wegen Plünderung der Statt Pegu, welche doch durch gütige Unterhandlung wieder gestillet wird. Prächtiger Einzug des Brama in der Statt Pegu, die sich / samt dem ganzen Königreich / ihm ergibt. Xemindo wird gefangen vor den Chaumigrem gebracht / der große Grausamkeit an vielen Herren / und an des Xemindo Tochter erweist. Anstalt zur Strasse des Xemindo, welcher enthauptet / in Stüffe geschnitten / und verbrant wird.» (fól. 364)
Cap. CXCVII. «Como foy achado o Xemindoo, & trazido ao Rey Bramaa, & do que passou com elle.» (fól. 255)	Cap. CXCVII. «Prision de Xemindoo Rey despojado de Pegu.» (fól. 414)	CHAP. CXCVII. «Comment le Xemindoo fut treuué, et amené au Roy de Brama, et de ce qui en arriua.» (fól. 1006)	CHAP. LXXII. «That which arrived in the time of Xemin de Satan, and an abominable case that happened to Diego Suarez, together with the Xemindooes expedition against Xemin de Satan, and that which insued thereupon.» (fól. 289)	Cap. 61. «Pinto reiset nach Malakka, von dar nach Japon, und wird vom Könige in Bungo wohl entfangen. Unglückliche Chestiftung / welche des Königs Tod / vieler anderer untergang / und der Statt Berderben verursacht. Gewohnheit der Japonner, auf dem Horn zu blasen. Des Königs Sohn begibt sich nach
Cap. CXCVIII. «Da maneyra com que tiraraõ a padecer o Xemindoo, & da morte que lhe deraõ.» (fól. 256)	Cap. CXCVIII. «Iusticia que se hizo de Xemindoo Rey de Pegu.» (fól. 415)	CHAP. CXCVIII. «De quele façon le Xemindoo fut mené au súplice, et de la mort qui luy fut donnée.» (fól. 1010)	CHAP. LXXIII. «That which the Xemindoo did, after he was crowned King of Pegu; with the Chaumigrem, the King of Bramaa's Foster-brothers marching against him with a great army; and divers other memorable things.» (fól. 295)	
Cap. CXCIX. «Da restituçãõ que este Rey Bramaa fez ao morto Xemindoo do reyno que lhe tomara, & da maneyra de que elle foy enterrado.» (fól. 257)	Cap. CXCIX. «Haze vna graciosa restitucion el Rey Chaumigrem al cuerpo de Xemindoo del Reyno de Pegu, que le auia tomado: quemase el Rey difunto, y entierranse sus cenizas.» (fól. 417)	CHAP. CXCIX. «De la restitution que le Roy de Brama fit au deffunct Xemindoo du Royame qu'il luy auoit pris, et de quelle façon son corps fut enterré.» (fól. 1015)	CHAP. LXXIV. «The finding of the Xemindoo, and bringing him to the King of Bramaa; with the manner of his	
Cap. CC. «Como deste reyno Peguu me embarquey para Malaca, & dahy para Japão, & de hum estranho caso que ahy succedeo.» (fól. 258)	Cap. CC. «Embarcase Fernan Mendez desde Pegu para Malaca, y de alli al Japõ: cuêta vn sucesso que alli le sucedio.» (fól. 418)	CHAP. CC. «Comme je m'embarquay en ce Royame de Pegu pour m'en aller à Malaca, et de là au Jappon, et d'une estranhe chose qui arriua.» (fól. 1019)		

Cap. CCI. «Do que fez o principe filho del Rey, tendo nouas da morte de seu pay.» (fól. 260)	Cap. CCI. «Sabe el Principe de Bungo la muerte del Rey su padre, castiga el rebelion passado.» (fól. 421)	CHAP. CCI. «De ce que fit le Prince fils du Roy, ayant eu nouuelles de la mort de son pere.» (fól. 1028)	execution and death; and other particularities concerning the same.» (fól. 301)	Fuchoe, wird allda zum Könige ausgeruffen / und rächet sich an seines Vaters Wördern.» (fól. 371)
Cap. CCII. «Como nos passamos desta cidade de Fucheo, para o porto de Hiamangoo, & do que nelle nos aconteceu.» (fól. 261)	Cap. CCII. «Passanse los Portugueses de la ciudad de Fucheo al Puerto de Hyamangoo: dizense los sucessos que en el tuuieron.» (fól. 423)	CHAP. CCII. «Comme de cette ville de Fucheo nous passasmes qu port de Hiamangoo, et de ce qui nous y arriua.» (fól. 1032)	CHAP. LXXV. «My imbarquing in the Kingdom of Pegu to go to Malaca, and from thence to Japon; with a strange accident which arrived there.» (fól. 305)	Cap. 62. «Pinto komt nach Hyamango. Großer Sturm / darinn viel Schiffe zu Grund gehen. Pinto begegnet ein Unfall. Er wird na
Cap. CCIII. «De hũa grossa armada que o Rey do Achem neste tempo mandou sobre Malaca, & do que nisso fez o padre mestre Francisco Xauier, Reytor da companhia de Jesu, nas partes da India.» (fól. 262)	Cap. CCIII. «Embía el Rey de Achem vna gruessa armada sobre Malaca: dizese lo q̄ hizo en essa ocasion el Padre Maestro Francisco Xavier religioso de la Compañia de Jesus Nunció Apostolico por el Papa Paulo III, en la India.» (fól. 424)	CHAP. CCIII. «D'une grosse armée que le Roy d'Achem enuoyaen ce temps-là sur la forteresse de Malaca. Et des grandes choses que sist en cette occasion le Reuerend Pere Maistre François Xauier, Recteur de la Compagnie de Jesus en ces contrées des Indes.» (fól. 1036)	CHAP. LXXVI. «Our passing from the Town of Fucheo to the Port of Hiamangoo, and that which befell us there, together with my departure from Malaca, and arrival to Goa.» (fól. 310)	eine Klippe geworffen / und nimt zween Männer in sein Schiff. Er komt nach Chincheo, von dar nach Lamau, und endlich nach Malakka. Er begibt sich wieder nach Japon, wird von einem grausamen Sturm überfallen / komt in China, und wieder nach Malakka. Stehet auf der See große Gefahr aus / komt nach Patane, und an
Cap. CCIV. «Do que aconteceu a nossa armada estando para partir, & de duas fustas que chegarão de nouo [à] fortaleza.» (fól. 265)	Cap. CCIV. «Prosigue las preuenciones de la armada Christiana cõtra los Achenes: llegan dos fustas à Malaca antes q̄ salga la flota en la barra en busca del enemigo.» (fól. 426)	CHAP. CCIV. «De ce qui aduint à nostre armée, comme elle fut sur son partement, et de deux autres fustes qui arriuèrent à la forteresse.» (fól. 1046)	CHAP. LXXVII. «Father Belquiors and my departure from the Indiaes to go to Japon; and that which befell us till my arrival to the island of Champeiloo.» (fól. 312)	unterschiedliche andere Plätze. Wunderliche Begebniß.» (fól. 376)
Cap. CCV. «Do mais que se passou com Diogo Soarez, & de como partio a armada, & do que lhe aconteceu até chegar ao rio de Parlès.» (fól. 267)	Cap. CCV. «Viene Diego Suarez al puerto de Malaca con las dos fustas, parte la armada Catolica en busca del enemigo, sucessos que tuuo hasta el rio de Parles.» (fól. 430)	CHAP. CCV. «Du surplus qui se passa avec Diego Suarez, ensemble du partement de l'armée, et quele n fut le succès iusques à son arriuee à la riuiera de Parlès.» (fól. 1053)	CHAP. LXXVIII. «Our departure from the island of Champeiloo, and our arrival at that of Lampacau; with a relation of two great disasters, which happened in China unto two Portugal Colonies; and of a strange accident besides that fell out in the Country.» (fól. 314)	Cap. 63. «Pinto überwintert zu Lampacau. Großes Erdbeben / und erbärmlicher Untergang einer Landschaft. Ernstliche Buße der Einwohner in China. Blut-Regen zu Pequin. Pinto komt in Japon, und wird and den König in Bungo gesandt. Er

Cap. CCVI. «Da cruel batalha que os nossos tiueraõ cos Achês no rio de Parlés, & do successo della.» (fól. 268)	Cap. CCVI. «Dae la batalla entre las dos armadas, Christiana y Achena en el rio de Parles.» (fól. 432)	CHAP. CCVI. «Du sanglant combat qu'eurent les nostres conte les Achem sen la riuiera de Parlés, et quele n fut le sucez.» (fól. 1060)	erscheinet vor ihm / wird zur Mählzeit geholet / und auf unterschiedliche Weise mit seinen Geferten hönisch durchgezogen. Sie erscheinen erlich mahl vor dem König in Bungo, und werden mit herzlichen Geschenffen / und mit einem Brief and den Unterkönig Rechnung von seiner Gesandschaft / entpfähet von ihm ein Recommendation-Schreiben / reiset damit in sein Vaterland / und wird für seine Dienste schlecht belohnet.» (fól. 380)
Cap. CCVII. «Do que passou em Malaca em quanto não ouve novas desta nossa armada, & do que o padre mestre Francisco della disse estando hum Domingo pregando.» (fól. 270)	Cap. CCVII. «Dudas q se ofrecen en Malaca no sabiendo nuevas de la armada Catolica, profecia q del sucesso della dixo el Padre Maestro Xauier predicado vn Domingo, en la Catedral de aquella ciudad.» (fól. 433)	CHAP. CCVII. «Des choses qui se passerent à Malaca durant le temps qu'on n'eust aucunes nouvelles de nostre armée, et de ce qu'en dist le Pere Xauier comme il preschoit un Dimanche.» (fól. 1065)	
Cap. CCVIII. «Como o padre mestre Francisco foy de Malaca para Japaõ, & do que là passou.» (fól. 271)	Cap. CCVIII. «Passa el Padre Frãcisco Xauier desde Malaca al Japon: dizense los sucessos desta jornada.» (fól. 436)	CHAP. CCVIII. «Comme le bien-heureux Pere Maistre François Xauier fist voile de Malaca au Jappon, et des choses qui luy arriuerent en ce voyage.» (fól. 1072)	
Cap. CCIX. «Como este bemaumenturado padre chegou ao porto de Finge onde estaua a nossa não, & do que passou ate yr ver el Rey do Bungo à cidade Fucheo.» (fól. 273)	Cap. CCIX. «Llega el santo Padre Xauier al puerto de Finge, va desde alli à la ciudad de Fucheo á verse con el Rey de Bungo.» (fól. 439)	CHAP. CCIX. «De l'arriué du bien-heureux Pere Xauier qu port de Fingeo où estoit nostre nauire, et de choses qui se passerent comme nous fusmes voir le Roy de Bungo en la ville de Fucheo.» (fól. 1079)	
Cap. CCX. «Das honras que el Rey de Bungo fez ao padre mestre Francisco este primeyro dia que se vio com elle.» (fól. 275)	Cap. CCX. «Entra el Padre Frãcisco Xauier en la ciudad de Fucheo, vese con el Rey de Bungo, y hazele aquella Alteza grandes honras.» (fól. 441)	CHAP. CCX. «Des honneurs que le Roy de Bungo fist au Reuerend Pere Xauier à cette premiere entre-veuë.» (fól. 1086)	
Cap. CCXI. «Como despedindo-se o	Cap. CCXI. «Quiero el Padre Francisco Xauier	CHAP. CCXI. «Comme le Pere Xauier ayant	

padre del Rey paea se embarcar para a China o detiveraõ mais alguns dias, & de algũas disputas que teve cos Bonzos.» (fól. 277)	passar a la China, y las disputas q̄ tiene con los Bonços de Fucheo, le detienen en aquella ciudad algunos dias.» (fól. 444)	voulu prendre congé du Roy pour sembarquer, et faire voile à la Chine, fut retenu pour quelques jours, et des disputes qu'il eust avec les Bonzes.» (fól. 1093)		
Cap. CCXII. «Do que este bemaventurado padre passou cos Portugueses a cerca da embarcação, & da segunda disputa que teve co Bonzo Fucarandono.» (fól. 279)	Cap. CCXII. «Alborotanse contra el Padre Francisco los Bonzos de Fucheo: embarcanse temerosos los Portugueses que se detienen por el Padre Francisco, y buelue à argumentar segunda vez con el Bonzo Fucarandono.» (fól. 448)	CHAP. CCXII. «Des choses qui se passerent entre ce bien-heureux Pere et les Portugais touchant leur embarquement: et de sa seconde dispute avec le Bonze Fucarandono.» (fól. 1102)		
Cap. CCXIII. «De tudo o mais que o padre passou com estes Bonzos atè se embarcar para a China.» (fól. 281)	Cap. CCXIII. «Prosigue las disputas de los Bonzos de Fucheo con el Padre Francisco Xauier que desde aquella ciudad se embarca para la China.» (fól. 451)	CHAP. CCXIII. «Du surplus qui se passa entre les Bonzes et le Pere Xauier jusques à ce qu'il sembarqua pour s'en aller à la Chine.» (fól. 1109)		
Cap. CCXIV. «Da grande tormenta que passamos indo de Japão para a China, & como fomos livres della por oraçoẽs deste servo de Deos.» (fól. 284)	Cap. CCXIV. «Corren los Portugueses grã tormenta desde el Japon a la China, q̄ se deshizo por las oraciones del bienauëturado Padre Francisco Xauier.» (fól. 455)	CHAP. CCXIV. «De la grande tourmente que nous eusmes passant du Jappon à la Chine, et comme nous en fusmes deliurez par les prieres de ce serviteur de Dieu.» (fól. 1119)		
Cap. CCXV. «Dos varios casos que aconteceraõ a este bemaventurado padre atè chegar à China, & da maneyra de sua morte.» (fól. 286)	Cap. CCXV. «Sucessos del Padre Xauier hasta su muerte.» (fól. 457)	CHAP. CCXV. «Des diuerses choses aduenuës à ce bien-heureux Pere jusques à son arriuée à la Chine, et comment il rendit l'esprit.» (fól. 1126)		
Cap. CCXVI. «Da maneyra que foy enterrado este	Cap. CCXVI. «Entierro del cuerpo del santo	CHAP. CCXVI. «De la sepulture du Reuerend Pere		

difunto, & trazido a Malaca, & dahy à India.» (fól. 288)	padre Frâcisco Xauier, sus traslaciones de la isla de Sancham, donde murio à Malaca, y de Malaca à la ciudad de Goa en la India.» (fól. 462)	Xauier, et comment son corps fut porté à Malaca, et de la à Goa.» (fól. 1138)		
Cap. CCXVII. «Como este santo difunto foy desembarcado da não em que viera de Malaca, & do aparato com que chegou ao caiz de Goa.» (fól. 289)	Cap. CCXVII. «Desembarcan el cuerpo del santo Padre Francisco Xauier de la não en que vino de Malaca: dizese el aparato y grandeza com que llegò al muelle de la ciudad de Goa.» (fól. 463)	CHAP. CCXVII. «Comme le corps du bien-heureux Pere Xauier fut mis hors le nauire dans lequel il estoit venu de Malaca, et du grand appareil avec lequel il arriua au quay de Goa.» (fól. 1141)		
Cap. CCXVIII. «Do recebimento que se fez em Goa a este santo difunto, & do mais q̄ ahy succedeo.» (fól. 290)	Cap. CCXVIII. «Recebimiento que hizo la ciudad de Goa al cuerpo del santo Padre Francisco Xauier de la Compañia de Jesus.» (fól. 464)	CHAP. CCXVIII. «De la reception qui fut faicte dans Goa à ce Saint defunct, et du surplus qui s'y passa.» (fól. 1145)		
Cap. CCXIX. «Como o padre mestre Belchior partio da India para Japão, & a causa poeque não passou de Malaca, & do q̄ nella succedeo neste tempo.» (fól. 291)	Cap. CCXIX. «Parte el Padre Melchor Nuñez de la companhia de Jesus, de Goa para el Japon: llega à Malaca, y no passa de alli por los sucessos de aquel tiêpo.» (fól. 466)	CHAP. CCXIX. «Comme le Pere Maistre Belquior partit de l'Isle pour s'en aller au Jappon, et de ce qui arriua pour lors à Malaca.» (fól. 1149)		
Cap. CCXX. «Como partimos de Malaca para Japão, & do que passamos até chegarmos à ilha de Campeyloo na Cauchenchina, & do que nella vimos.» (fól. 293)	Cap. CCXX. «El Padre Maestro Melchor Nuñez parte de la ciudad de Malaca al Japon. Sucessos suyos hasta llegar a la isla de Champeyloo en la Cochenchina.» (fól. 468)	CHAP. CCXX. «Nostre partement de Malaca au Jappon, et des choses qui nous arriuerent jusqu'à ce que nous abordasmes en l'Isle de Champeiloo en la Cauchenchine, ensemble de ce que nous y vismes.» (fól. 1154)		
Cap. CCXXI. «Como desta ilha de Champeyloo	Cap. CCXXI. «De la isla de Champeyloo,	CHAP. CCXXI. «Comme de cette Isle de		

fomos ter à de Sanchaõ, & dahy a Lampacau, & dase conta de dous casos desastrosos que aconteceraõ na China a duas pouoaçoês de Portugueses.» (fól. 294)	passa el Padre Melchor Nuñez, y sus compañeros a Sancham, y desde alli à Lampacau: dizese la destruycion de dos poblaciones que los Portugueses tenian en la China.» (fól. 470)	Champeiloo nous abordasmes en celle de Sanchan, et de là à Lampacau, auec recit de deux grands desastres aduenus en la Chine à deux Colonies de Portugais.» (fól. 1158)		
---	---	---	--	--

Tabela 3 - Excertos Representativos dos Principais Momentos Narrativos/Procedimentos Tradutivos Analisados

<p>1. A partida de Lisboa e o Início da Aventura</p>
<p>As dificuldades no reino</p> <p>«[...] começados no principio da minha primeira idade, & continuados pela mayor parte, & melhor tẽpo da minha vida, acho q̃ com muita razão me posso queixar da vẽtura que parece q̃ tomou por particular tenção & empreza sua perseguirme, & maltratarme, como se isso lhe ouuera de ser matéria de grande nome, & de grande gloria, porque vejo que não contente de me por na minha pátria logo no começo da minha mocidade [...]» - versão portuguesa, fólio 1 (negrito de nossa autoria)</p> <p>«[...] nacidos con migo en mi promera edad, y continuados en mi como ella, por el major, y mas florid tiempo de mi vida, hallo razon para formar mil quexas de mi fortuna que parece que tomo por particular assumpto y principal impressa, desde mi nacimiento, el perseguirme, y maltratarme, como si esso la huuiera de hazer famosa, y aumentar sus renombres, y poderes, porque no contenta de ponerme en mi pátria, desde el principio de mo nacimiento, en misérias, y pobreza, acompañandome esta desventura en mi mocidade [...]» - versão espanhola, fólio 1 (negrito de nossa autoria)</p> <p>«Toutes les fois que je me represente les grands & continuels travaux qui m'ont accompagné depuis ma naissance, & parmi lesquels J'ay passé més premières années, je trouve que j'ay beaucoup de raison de me plaindre de la fortune, en ce qu'elle semble avoir pris un soin particulier de me persecuter, & de me faire sentir ce qu'elle a de plus insupportable, comme si sa gloire n'eust point eu d'autre fondement que sa cruauté. Car n'estant pas contente de m'auoir fait naistre, & vivre miserable en mon país durant ma jeunesse [...]» - versão francesa, fólios 1-2 (negrito da nossa autoria)</p> <p>«[...] which I have spent my first years, I find that I have a Great deal of reason to complain of Fortune, for that the seemeth to have taken a particular care to persecute me, and to make me feel that which is most insupportable in her, as if her glory had no other foundation then her cruelty.» - versão inglesa, fólio 1 (negrito de nossa autoria)</p> <p>«[...] ich meine ersten Jahre hingenracht habe/ gedenc̃te/ finde ich wol rechtmässige Urfach/ hierin über das Glück zu flagen/ als welches allem ansehen nach besondern Fleiß angewendet/ mich zu versorgen/ und das unerträglichste/ soes nur finden können/ sühlen zu laßen; gleich als ob daßelbe seines Ruhms und Ehre grund blos und allein in der Strengigkeit ben mit suchen müssen.» - versão alemã, fólio 1 (negrito de nossa autoria)</p>
<p>A retórica da humildade</p> <p>«Mas por outra parte quãdo vejo que do meyo de todos estes perigos & trabalhos me quis Deos tirar sempre em saluo, & porme em seguro, acho que não tenho tanta razão de me queixar por todos os males passados, quãta de lhe dar graças por este so bẽ presente, pois me quis conseruar a vida, para q̃ eu pudesse fazer esta rude & tosca escritura, que por erança deixo a meus filhos (porq̃ só para elles he minha tenção escreuella) paraque elles vejão nella estes meus trabalhos, & perigos da vida q̃ passei no discurso de vinte & hũ anos em q̃ fuy treze vezes catiuo, & dezasete vendido, nas partes da India [...]</p> <p>«[...] crecieron com la edad mis trabajos y se aumentarõ mis peligros aunque viendo que de tantos, y tales, fue Dios seruido de librame, y traerme a seguro puerto, hallo que tengo menos razon de queixarme de los males passados, y mayor ocasion de dar mil gracias a su Magestad bẽdita por los bienes presentes, que tengo yo por muy grã de la conseruacion que há hecho de mi vida, para que pudiesse dexar a mis hijos, por principal herencia estos mal limados discursos (que para ellos solos escriuo) para que de aqui tomem motiuo para cumplir sus obligaciones [...]</p>

«[...] de me donner moyen de laisser à mes enfans pour **memoire & pour heritage ce discours rude & mal poly**. Car mon intention n'est autre que de l'escire pour eux, afin qu'à l'aduenir ils puissent voir combien grandes ont este les fortunes que j'ay couruës [...]» - versão francesa, fólio 2

«Since then it hath pleased God to deliver me from so many dangers, and to protect me from the fury of that adverse Fortune, for to bring me into a Port of safety and assurance, I see that I have not so much cause to complain of my Travels past as I have to render him thanks for the benefits which until now I have received of him, seeing that by his divine bounty he hath preserved my life, to the end I might have means to leave this **rude and unpolished Discourse** unto my children **for a memorial and an inheritance**. For my intention is no other but to write it for them, that they may behold what strange fortunes I have run for the space of one and twenty years, during the which I was thirteen times a captive, and seventeen times sold in the Indiaes [...]» - versão inglesa, fólio 1

«Sondern vielmehr im Gegenthetl Gelegenheit/ ihm wegen der Wolthaten/ so ich biß auff heuttgen Tag von Ihm empfangen/ zu cancken/ weil Er durch seine Göttliche Güte mich beym Leben erhalten/ auff daß ich alle das jenige/ was mir begegnet (**welches vielen zu hören sehr wunderlich wird fürkommen**) **der Nach Welt zum Gedächtnis hinterlaßen möchte**. Denn ich habe kein ander Absehen/ als derselben zu gut zu schreiben/ auff daß sie sehen könne/ was für große Gefahr ich in ein und zwanzig Jahren ausdestanden/ und wie ich dreyzehen mahl gefangen/ und siebenzehen mahl verkaufft worden/ so wohl ben den Indianern/ [...]» - versão alemã, fólio 2

A partida do reyno

«[...] a que os escritores Chins, Siames, Gueos, Elequios nomeão nas suas geografias por pestana do mûdo, como ao diante espero tratar muito particular, & muito difusamente, **& daqui por hũa parte tomem os homês motiuo de se não desanimarem cos trabalhos da vida para deixarem de fazer o que deuem, porque não ha nenhûs, por grandes que sejão, com que não possa a natureza humana, ajudada do fauor diuino & por outra me ajudem a dar graças ao Senhor omnipotente, por vsar comigo da sua infinita misericordia, a pesar de todos meus pecados, porque eu entendo & cõfesso que deles me nacerão todos os males que por mim passarão, & della as forças, & o animo para os poder passar, & escapar deles com vida**. E tomãdo por principio desta minha **peregrinação** o q̄ passei neste **Reyno**, digo q̄ despois que passei a vida até idade de dez ou doze anos de miséria & estreiteza da pobre casa de meu pay na villa de Montemor o velho, hum tio meu, parece que deseioso de me encaminhar para milhor fortuna, me trouxe a cidade de Lisboa, & me pos no serviço de hũa senhora de geração assaz noble, & de parentes assaz ilustres [...]» - versão portuguesa, fólio 1

«[...] a quien los Escritores, Chinas, Siames, Guineos, y Helequios llamã (**y con razon**) Pestaña del mundo, en sus antiguas Geographias, y escrituras, como tratarse adelante, si bien difusamente, **con la mayor bravedad**, y certeza que me sea possible. / Y aora tomando mi nacimiento por principio de mi **peregrinacion**, digo Que fue en la villa de Montemayor el viejo, en este **Reyno de Portugal**, adonde despues que en la estrechez y miséria de la casa de mi padre, lleguè a edad de diez, ò doze años, vn tio mio, deseoso de buscarme mejor fortuna de entre alagos tiernos de mi madre, me lleuò ala ciudad de Lisboa a seruira Vna señora de generacion ilustre, y de parientes nobres [...]» versão espanhola, fólio 2

«[...] que les Autheurs Chinois, Siames, Gueos, & Lecquiens, nomment auecque raison en leur Geographie les paupieres du monde, de quoy i'espere traiter cy apres en particulier & fort amplement. **Par où les hommes pourront prendre exemple à l'aduenir, & resolution à ne perdre courage, quelques trauseres & trauaux de la vie qui leur arriuent. Car toutes les disgraces de la fortune ne doiuent nous esloigner tant soit peu du deuoir que nous sommes obligez de rendre à Dieu, à cause qu'il n'y a point de trauaux, pour grands qu'ils soient, que la nature humaine ne treuue supportables, estant fauorisée de l'assistance diuine. Or afin que l'on m'ayde à rendre gracias au Seigneur tout-puissant, de ce qu'il a vsé enuers moy d'une misericorde infinie sans auoir esgard à tous més pechez, que je confesse estre la cause & l'origine de toutes més infortunes, & tenir de cette mesme puissance diuine la**

force & le courage d'y auoir resisté, en m'eschappant de tant de dangers la vie sauue; Je prends pour commencement de ce mien **voyage**, le temps que j'ay passé en ce **Royaume de Portugal**, & dis qu'apres y auoir vescu jusques à l'age de dix ou douze ans en la misere & pauureté de la maison de mon Pere, dans la Ville de Monte mor Ouelho, vn mien Oncle desireux de m'aduancer à vne meilleure fortune, que celle où j'estois reduit alors, & me desrober aux caresses & aux mignardises de ma Mere, me mena en cette Ville de Lisbonne, où il me mit au seruice d'une Dame de maison & de parenté tres-ilustres [...]» - versão francesa, fólhos 2-3

«[...] the Chineses, Siames, Gueos, and Lecquios names; and that which reason in their Geography, the eye-lids of the World, whereof I hope to entreat more particularly and largely hereafter. **Whereby men, for the time to come, may take example, and a resolution not to be discouraged for any crosses that may arrive unto them in the course of their lives. For no disgrace of Fortune ought to [esloign] as never so little from the duty which we are bound to render unto God; because there is no adversity, how great soever, but the nature of man may well undergo it, being favored with the assistance of Heaven. Now that others may help me to praise the Lord Almighty for the infinite mercy he hath shewed me, without any regard to my sins, which I confess were the cause and original of all my misfortunes, and that from the same divine Power I received strength and courage to resist them, escaping one of so many dangers with my life saved,** I take for the beginning of my **Voyage** the time **which I spent in this Kingdom of Portugal**, and say that after I had lived there till I was about eleven or twelve years old in the misery and poverty of my fathers house within the Town of Monte-mor Ouelho, an Uncle of mine, desirous to advance me to a better fortune then that whereunto I was reduced at that time, and to take me from the caresses and cackering of my Mother, brought me to this City of Lisbon, where he put me into the service of a very honorable Lady [...]» - versão inglesa, fólhos 1-2

«Denn alle Bedrengung des Glücks soll uns nicht/ wie groß sie auch immer zeyn möchte/ von der Pflicht/ so wir Gott zu beweisen schuldig/ abziehen; weil keine Drangsal/ wie groß sie auch ist/ zu finden/ welche menschliche Natur/ wenn ihr von Göttlicher Gnaben bengestanden wird/ nicht solte ertragen. // Will demnach den Anfang meiner **Reise** von der Zeit und dem Ienigen machen/ was sich mit mir nach meinem zehenden oder zwölfften Jahr/ **die ich im Königreich Portugall**/ in der Stadt Montemor Ouelho genant/ in Elend und Armuth ben meinen Eltern zugebracht/ begeben. Zwar meines Vaters Bruder/ begierig mich zu beßerer Gelegenheit zu besodern/ brachte mich in der Stadt Lissabon zu einer reichen und vornehmen Dame.» - versão alemã, fólho 2

A «Quebra dos Escudos»

«[...] E isto era no tempo em q̄ na mesma cidade de lisboa se quebrarão os escudos pella morte del Rey dom Manoel da gloriosa memoria, que foy em dia de santa Luzia treze dias do mes de Dezêbro do anno de 1521. de q̄ sou bẽ lêbrado, & doutra cousa mais antiga deste reyno me não lêbro. Atenção deste meu tio não teue o successo q̄ elle imaginaua, antes o teue muito diferente, porq̄ auendo anno & meyo pouco mais ou menos q̄ eu estaua no seruiço desta senhora, me socedeo hum caso q̄ me pos a vida em tanto risco [...] na qual trouxe a ossada do seu pai, que el Rey dõ João que então estaua em Lisboa, mandou receber co mor **aparato & pompa fúnebre** que ate oje recebeo nenhũa que não fosse de Rey [...]» - versão portuguesa, fólho I

«[...] (Esto fue el año de mil y quinientos y veynte y uno. En el qual Viernes treze de Deziembre murio el serenissimo Rey D. Manuel, **y al quarto dia de su fallecimiento, hizo la ciudad de Lisboa el sentimiento, y llanto acostumbrado en la muerte de sus Reyes, costúbre y ceremonia en estos Reynos antiquíssima, y que se llama quebrar los escudos, y entonces se hizo desta manera.** Salieron de las casas de Ayuntamiento los Regidores de aquel año, com baras negras, y grandes lutos, y lleuauam delante de si Alferez de al Ciudad a cauallo, y a la brida , com paramentos de rasso negro, lleuaua vna vandra negra, tan derribada sobre el ombro , que los estremos barrian la tierra: en medio del os Regidores y el Alferez yuan tres luezes, dos del crimen, y uno de lo ciuil, cada uno un escudo negro puesto sobre la cabeça, aguardauales en la puerta grande acompañamiento de todos Estados, y assi fueron hasta las puertas de la Catedral, y alli un luez del crimen dexò caer

el escudo en tierra, que se hizo pedazos com el golpe, y un Escriuano del Ayuntamiento que yua a caualllo detrás de todos leyô en alta voz unas palabras, que lleuaua escritas por orden del Consejo (digo yo que sería el auiso de la muerte del Rey) porque se le seguio grã des llantos: desde alli passaron a la Ruanoua (calle principal delos mercaderes) y en un estrado negro que estaua en ella quebrò el segundo luez del crimen el escudo que leuaua, boluiendo a ler el Escriuano, y a llorar la muchedumbre, que passaron desde alli al rocio (placa principal) y alli el luez de lo ciuil quebrò su escudo com las mismas ceremonias y lagrimas, que acabadas, por diferente caminno boluieron a la Iglesia, adõde se hizo un famoso Oficio por el difunto. He dicho esta antiguedad, porque se tēga noticia del modo de quebrar os escudos, y por ser la vitima de que me acuerdo.» - versão espanhola, fóllo 2

«Ce qui aduint en la mesme année, en laquelle dans la ville de Lisbonne se fist la pompe funebre du defunct Roy dom Emanuel d'heureuse memoire, qui fut le jour de saint Luce, treziesme de Decembre, de l'année 1521. Ce qui est la chose la plus ancienne dont je me puisse ressouuenir. Cependant l'intention de mon Oncle eust vn succez tout à fait contraire à ce qu'en son imagination il se promet toit en faueur de moy.» - versão francesa, fóllo 3

«[...] and this was in the same year, that the **funeral pomp of the deceased King Emanuel of happy memory was celebrated at Lisbon, namely Saint Lucas day, the thirteenth of December, 1521, which is the furthest thing I can remember.** In the mean time my Uncles [design] had a success clean contrary to that which he had promised to himself in favor of me [...].» - versão inglesa, fóllo 2

«Aber das Fürhaben meines Oheims gieng den krebsgang. Denn nachdem ich ungefehr anderhalb Jahr in dieser Damen **dienst gewest was/ begegnete mit etwas/ welches mich in scheinbahre debens Gefahr brachte/ also daß ich/ dem Tode zu entgehen/ gedrungen wurde/ in der Gilderselben Haus zu verlaßen.** Aber die Furcht solgte mir gleich auff dem Fuße nach/ daß ich nicht wuste/ welchen Weg ich nehmen solte/ oder wo ich war.» - versão alemã, fóllo 2

O Destino Oriental

«E porque a moradia que então era custume dar-se nas **casas dos Principes**, me não bastaua para minha sustentação, determiney embarcarme para a **India**, inda que com pouco remedio, ja oferecido a toda ventura ou má ou boa, **que me socedesse.**» - versão portuguesa, fólio 2

«Los gages, y salários que entonces dauan **aquellos Principes**, eran tan limitados y cortos, que no bastauan a sustentarme, necessidade que me forço a dexar mi dueñ, y com su fauor, procurar passar a la **India**, que por ser este mi principal intento, mi remedio mas forçoso, **y mi mas conocida alhaja, lo puse por obra, fiado en la buena o mala suerte que guiasse mis cosas en tan remotas partes y naciones.**» - versão espanhola, fólio 3

«Mais d'autant que les gages que jon donnoit pour lors dans la **maison des Princes**, estoient si peu de chose qu'ils ne pouuoient suffire pour m'entretenir, la necessite me contraignist de quitter mon Maistre, auecque dessein de m'ayder de sa faueur, & tascher de m'embarquer pour aller aux **Indes. Car c'estoit là l'intention principale que i'auois alors, & le moyen le plus fauorable que je pouuois esperer pour remedier à ma pauureté.** Ainsi bien qu'en ce temps là ie n'eusse que fort peu de commoditez, je ne laissay pourtant de m'embarquer, me soubmettant à la fortune bonne ou nauuaise, de quelque façon qu'elle me pût arriuer **en ces contrées loingtaines.**» - versão francesa, fólios 6-7

«But in regard the entertainment, which was given at that time in **Noble-mens houses**, was so small as I was not able to live on it, necessity constrained me to quit my Master, with a design to imbarque my self by his favor to go to the **Indiaes; for that I thought was the best way I could take to free me of my poverty.** So albeit I were but meanly accommodated I imbarqued myself notwithstanding, submitting my self to wathsoever fortune should arrive unto me **in those far Countries**, either good or bad.» - versão inglesa, fólios 2-3

«Aber weil die Besoldung daselbst gering und nicht genug zu meiner Unterhaltung war/ zwunge mich die Noth/ meinen Herzen zu verlaßen/ des Borhabens/ mit seiner Sunst vergnügt zu seyn/ und mich auff **die Reise nach Ost-Indien zu begeben.** Dieses war der vornehmste Zweck/ so ich domahls hatte/ auch das beste Mittel/ **so nur zu hoffen war/ meiner Armuth aufzuhelffen;** und ob ich zwar mit wenig Borrath versehen/ begab ich mich dennoch zu Schiffe zu erwarten/ was für Glück oder Unglück mir **in diesen fern abgelegenen Ländern beegnen wurde.**» - versão alemã, fólio 4

A lei portuguesa da santa verdade

«Pero de Faria despois q̄ leo esta carta do rey dos Batas, & entendo do seu Embaixador o negocio a que vinha, o fez agasalhar o mais honradamente que então foy possiuel. E passados dezassete dias despois que chegara a Malaca, o despedio bem despachado, & satisfeito do que viera buscar, porque lhe deu ainda algũas cousas alem das que lhe pidira, como foraõ cem panellas de poluora, & rocas, & bombas de fogo, com que se partio tão contente desta fortaleza, que chorando de prazer, hum dia perante todos os que estauão no taboleyro da igreja, virandofe para a porta principal della, **com as mãos levantadas, como quem fallaua com Deos**, disse publicamēte. Prometo em nome do meu Rey a ty Senhor poderoso, que com descanço & grande alegria viues assentado no tisouro de suas riquezas, q̄ são os espíritos formados da tua vontade, que se te praz darnos victoria contra este tyranno Achem, para que de nouo lhe tornemos a ganhar o q̄ elle com tamanha treição & tanta perfidia nos tomou nos dous lugares de Iacur & Lingau, de sempre com muyta lealdade & agradecimento te conhecermos na **ley Portuguesa da tua santa verdade**, em que consiste o bem dos nacidos, & de nouo te edificarmos em nossa terra casas limpas de cheyros suaues, onde todos os viuos te adorem cõ as mãos aleuantadas, assi como na terra do grãde Portugal se fez sempre ategora. E ajsi te prometo & juro com toda a firmeza de bom & leal, **que meu Rey não tenha nunca outro Rey se não este grande Portuguez**, que agora he senhor de Malaca.» - versão portuguesa, fólio 13

«Mucha honra hizo el Capitan Faria al Embaxador del Batta, como merecia persona de su calidad y partes: detuuole diez y siete dias en Malaca, com el mayor regalo que se pudo, y passados estos, dandole para su Rey vna carta muy cumplida y cortesana, le despedio bien despachado, porque demas de capitular con el las pazes, y darle las municiones de guerra que

pedia, le dio cien alcancias de poluora, muchas tocas y bombas de fuego, muchas armas, y otras defensas militares, con que el quedò tan contento, que el dia que se partio, passando por la lonja de la Iglesia, acompanhado de todo lo noble de Malaca, llorando de plácer, se parò fronteiro de las puertas del Templo, y alcançado **las manos al cielo, hablando com su Criador Santissimo, dixo publicamente estas razones:** Prometo en el nombre de mi Rey assi, à señor todo poderoso, tu que con descanso grande, y alegria viues assentado en el tesoro de tus incomparables riquezas, que son los espiritus diuinos, formados de tu voluntad santissima, que si te plaze darnos vitoria contra aquel tyrano Achem , haziendo que nos restituya nuestras dos ciudades Iacur, y Lingau, que tomò como pérfido y mal hombre: buelno a dezir, que prometo de conocerte para sempre, **con mucha lealtad, y agradecimento en la ley Portuguesa,** que es de tu santa verdade, en que consiste el bien de los nacidos, y de nueuo te edificaremos en nuestra tierra casas limpias, suaues, y odoríferas; adonde con las manos levantadas, todos los viuos te adoren y reuerencien, como sempre se hizo en la tierra del gran Portugal, y assi te prometo y juro, con toda la firmeza de bueno y leal, **que mi Rey nunca tendra outro Rey sino este gran Portugues,** que aora es señor de Malaca.» - versão espanhola, fólío 21

«Après que Pedro de Faria eust recue la lettre du Roy Bata, & conneu pour quele affaire il luy auoit enuyé son Ambassadeur, il donna ordre qu'on le receut auecque toute forte d'honneurs. Cela faict, dix-sept jours apres son arriuée à Malaca, il le congedia: mais auparauant il luy accorda tout ce qu'il luy auoit de mandé par son Ambassade; mesme il luy donna quelque chose de surplus, comme quantité de pots, de dards, & bombes à feu. Auecque cela l'Ambassadeur partist de ceste forteresse si contente & si satisfait, qu'il en versa des larmes de joye; mesme il fut remarqué que passant deuant la grande porte de l'Eglise, il se tourna vers elle, **les mains jointes, & les yeux esleuez au Ciel.** Puis, comme s'il eust parle à Dieu; **Puissans Seigneur, dict-il publiquement, qui en repos et en grande joye vis là haut afis sur le thresor de tes richesses, qui sons les esprits formez par ta volonté, je te promete que si c'est ton bon plaisir de nous donner la victoire contre ce Tyran Achem, et permettre que nous regaignions sur luy ce qu'auéc une insigne trahison il nous a osté en ces deux places de Jacur et Lingau, que tousjours auec une grande et fidelle sincerité nous te reconnoistrans en la Loy des Portugais, et en la sainte Verité en laquelle consiste le salut de tout ceux qui sont nez au monde. Dauantage nous te serons bastir en nostre país de belles Maisons parfumées de bonnes odeurs, où tous les viuans t'adoreront les mains jointes, comme il s'est tousjours faict jusqu'à maintenant dans les terres du grand Portugal. Voyla ce que je te promets derechef, et te jure auec toute la fermété d'un bon et fidelle seruiteur, que le Roy mon Maistre ne reconnoistra jamais d'autre Roy que le grand Portugais, qui est maintenant Seigneur de Malaca.**» - versão francesa, fólíos 60-61

«After that the King of *Batas* Embassador **had been seventeen days with us, Pedro de Faria** dismissed him, having first granted whatsoever the King His Master had demanded, and something over and above, as fire-pots, darts, and murdering Pieces, wherewith the Embassador departed from the Fortress so contented, that he shed tears of joy, nay, it was observed, that passing by the great door of the Church, he turned himself towards it, with his hands and eyes lift up to Heaven, and then as it were praying to God; **Almighty Lord, said he openly, that in rest and great joy livest there above seated on the Treasure of thy Riches, which are the spirits formed by thy Will, here I promise thee, if it may be thy good pleasure to give us the victory against this Tyrant of Achem, and to permit us to regain that from him, which with such notable treachery he hath taken from us in those places of Jacur and Lingua, we will always most faithfully and sincerely acknowledg thee according to the Law of the Portugals, and according to that holy Verity, wherein consists the Salvation of all that are born in the World; Furthermore, in our Country we will build fair Temples unto thee, perfumed with sweet odours, where all living Souls shall on their bended knees adore thee, as it hath been always used to be done unto this present in the Land of Portugal. And hear what besides I promise, and swear unto thee with all the assuredness of a good and faithful servant, that the king my Master shall never acknowledg any other King then the great Portugal, who is now Lord of Malaca.**» - versão inglesa, fólío 16

«**Petrus de Faria, nachdem Er den Inhalt des Brieffs des Bata [jusat] den Ursachen der Ankunft seines Gesandten hatte vernommen und angehört/ Ihn auch/ wie gedacht/ mit aller Ehrerbietigkeit empfangen/ bewilligte alle das Jenice/ worum derselbe anhielt/ ja auch eine große [Anzahl] allerlen Feuerwerks. Als er aber siebenzehen Tage daselbst**

jugebracht/ begab er sich wieder auf die Reise/ und zwar mit solcher Vergnügung/ dass Er vor Frenden weinete/ und/ so sein nerzsiegen würde/ grosse promissen thäte. Trat darnach in dieselbe Lanchare, darin Er gekommen war/ und wurde von zehen oder zwelf Balonen (einer Art kleiner Rachen) bis in die Insel Upe, eine halbe Meile vom hafen/ begleitet/ wo selbst der Bandera von Malakka (welcher als Oberausseher des Gerichts unter den Mahometanern ist [...])» - versão alemã, fólíó 28

A retórica da verosimilhança e o Caquesseitão

«[...] **que he muyto para se arreçar contalo, ao menos a gente é vio pouco do múdo, porque esta como vio pouco, também custuma a dar pouco credito ao muyto é outros virão.** Em todo este rio, que não era muyto largo, auia muyta quantidade de lagartos, aos quais com mais próprio nome pudera chamar serpentes, por serem algūs do tamanho de hũa boa **almadia**, cõchados por cima do lombo, com as bocas de mais de dous palmos, & tão soltos & atrevidos no cometer, segũdo aquy nos afirmaraõ os naturaes da terra, que muytas vezes arremetiã a hũa almadia quando não leuaua mais que tres tuatro negros, & açoçobrauã co rabo, & hum & hũ os **comião a todos, & sem os espedaçarem os enguliãointeyros.** Vimos aquy tambe, hũa muyto noua maneyra, & estranha feyção de bichos, aque os naturaes da terra chamão **Caquesseitão**, do tamanho de hũa grande pata, muyto pretos, conchados pelas costas, com hũa ordem de espinhos pelo fio do lombo do comprimento de hũa penna de escrever, & com azas de feição das do morcego, co pesçoço de cobra, & **hũa vnha a modo de esporaõ de gallo na testa, co rabo muyto comprido pintado de verde & preto, como saõ os lagartos desta terra.**» - versão portuguesa, fólíó 14

«[...] **sino me dieren credito los que leyeren esta Historia, y aquellos principalmente (para quien confieso que lo escriuo, con miedo de ser creydo) que jamas falieron de sus patrias, ni de las faldas, como dizen, de sus madres: falta grande en hombres nobles, porque como han visto poço, no se persuaden a creer mucho, ni a que aya mas criado de aquello poco que han visto, necedad de la flaqueza humana.** Auia pues en todo aquel rio, que no parecia muy grande, mucha cantidad de lagartos, dixera mejor, serpientes, porque eran algunos como vna grande **almadia, embarcacion** a modo de canos [...] **y vno a vno, sin despedaçarlos, enteros se los tragauan y engullian:** Vimos entre aquellos matorrales, vna nueua y estaña forma de animales, a quien los naturales llaman **Caqueseytan**, son del tamaño de vn gãso, tienen allas como muriclagos, el pescueço de culebra, y **vna vña en la frente a modo de espolon de gallo, tienen vna cola muy grande jaspeada de negro e verde, de la hechura de los lagartos ordinários,** buelan estos animales [...]» - versão espanhola, fólíó 22

«[...] **que je ne m'estonneray pas si ceux qui liront cette Histoire, ne daigneront croire ce que j'en raconteray; principalement les personnes qui n'auront point voyagé; sçachant bien que ceux qui ont peu veu, ne doiuent croire aussi que fort peu, au prix de beaucoup qui croiront ceux qui ont beaucoup veu.** Le long de cette riuer, qui n'est pas autrement large, il y auoit vn grand nombre de lezards, que l'on peut plus proprement appeler serpens, à cause qu'il s'y en voyoit d'aussi grands qu'un petit vaisseau qu'on apele **Almadia**, auecque des escailles sur l'eschine, & la gueule large de deux pieds. Ceux du païs nous ont asseuré, que ces animaux sont si hardis, qu'ils s'en treue quelquefois, qui seuls attaquent vne **Almadia**, principalement quant ils voyent qu'il n'y a que quatre ou cinq personnes, & la coule à fonds auecque leurs queuës, **afin d'en manger les hommes, qu'ils aualent tous entiers, sans les démembrer.** Nous veismes aussi en ce lieu là vne estrange espece d'animaux, qu'ils appellent **Caquesseitan**. Ils sont de la grandeur d'une grosse Oye, fort noirs, & escaissez sur le dos, auec vn rang de pointes aigues, qu'il ont sur l'eschine, & qui sont de la longueur d'une plume à écrire.» - versão francesa, fólíos 63-64

«[...] **that I shall not marvel if they that read this History will not beleeeve my report of them; especially such as have not travelled, for they that have seen little beleeeve not much, whereas they that have seen much beleeeve the more.** All along this River, that was not very broad, there were a number of Lizards, which might more properly be called Serpents, because some of them were as big as an **Almadia**, which scales upon their backs, and mouths two foot wide. Those of the Country assured us, that these creatures are so hardy, as there be of them that sometimes will set upon an **Almadia**, chiefly when they perceive there is not above four or five persons in her, and overturn it with their tails **swallowing up the men whole, without**

dismembering of them. In this place also we saw strange kind of creatures, which they call **Caquesseitan**; They are of the bigness of a great Goose, very black, and scaly on their backs, with a row of sharp pricks on their chins, as long as a writing pen: Moreover, they have wings like unto those of Bats, long necks, and a little bone growing on their heads resembling a Cocks spur, **with a very long tail spotted black and green, like unto the Lizards of that Country;**»
- versão inglesa, fólio 17

«[...] also/ daß es mir nicht wird frembd vorkommen/ wenn diejenigen/ so diese Historie lesen/ meinen Worten nicht werden gläuben/ absonderlich die/ welche wenig gereiset sind; Sintemal mir wohl bewust/ daß diejenigen so nicht viel gereiset auch wenig können gläuben/ da hergegen die so viel Länder und Örter gesehen/ mehr Stattben benzumeßen wißen. Zur Setten dieses Flußes/ der nicht sehr breit ist/ waren viel Crocodillen/ welche man eigendlicher Schlangen nennen mag/ haben Schuppen auf dem Rücken/ und sind so groß/ daß sie ganze Menschen verschlingen können. Auch ha ben wir eine schreckliche Art Thiere/ die sie **Caquesseitan** nennen; welche so groß sind als eine große Gans/ überall schwarz; haben Schnuppen und eine Reihe scharffer Federn/ so lang als eine Schreibe seder/ auf dem Rücken/ und Flügel wie die Fledermäuse/ einen langen Hals/ und auf dem Haupte ein kleines Knöchlein/ wie die Klawen an einem Hahn/ **mit einem langen Schwang/ von schwarzen und grünen Flecken/ dergleichen die Enderen in diesem lande haben [...]**» - versão alemã, fólios 29-30

As informações explicativas

«[...] chegamos a uma pouoação pequena **que se dizia Batorrendão, que em nossa lingoajem quer dizer pedra frita**, distante obra de hũ quarto de legoa da cidade de Panaajù [...]» - versão portuguesa, fólio 14

«[...] llegamos a vna fortaleza, **llamada Batorendon**, vn quarto de légua apartada de la ciudad de Panajuu [...]» - versão espanhola, fólio 23

«[...] nous arriuasmes en fin en vne petite ville **nommée Batorrendam, qui signifie en nostre langue Pierre-frite**, esloignée de Panaju d'vn quart de lieuë seulement.» - versão francesa, fólio 65

«[...] arrived at a little Town, **named Botterrendan**, not above a quarter of a mile distant from *Pakaiu* [...]» - versão inglesa, fólio 18

«[...] kamen wir zu einer kleinen Statt/ deren **Nahm Batorendam**, nicht mehr dann eine viertel Weit von Panaju [...]» - versão alemã, fólio 30

Os contactos com outras crenças

«[...] se pós em joelhos diante de hũa cousa como **prateleyro ou cantareyra** estaua posta muyto enamada de muytas eruas cheyrosas, cos cornos ambos dourados, & levantando as **maõs** para ella, disse **quasi chorando**. Tu que sem obrigação de amor maternal, a que a natureza te obrigasse, recreas continuamente todos aqueles que querẽ o teu leyte [...]» - versão portuguesa, fólio 15

«[...] y poniendose de rodillas delante de vna **calauera de baca, que a vna esquina dela** estaua puesta en vn altar de la forma que nuestros aparadores, enamada de muchas **flores y** yeruas odoríferas cõ los dos cuernos dorados, adonde leuantando **ojos e manos** para ella, **en muestras de su gran deuocion y afecto**, dixo poco menos que **llorando estas palabras**: Tu que sin obligacion de amor maternal, q̄ la naturaleza te obligasse, recreas cõtinuamente todos aquellos, q̄ tu **candida** leche quieren [...]» - versão espanhola, fólio 23

«[...] deuant la carcasse de la teste **dyne vache, couronnée de fleurs, qui auoit les cornes dorées, & qui estoit sur des tablettes, enfoncée dans la muraille**; alors ayant les **maines jointes, & les larmes aux yeux**; Toy, dit-il, *qui sans estre contraincte par aucun amour maternelle, à laquelle la natue t'ait obligée, resinüis continuellement tous ceux qui veullent de ton laict* [...]» - versão francesa, fólio 67

«[...] I saw him go and fall on his knees before the **carcass of a Cows head, set up against the wall**, whose horns were guilt and **crowned with flowers**; Then lifting up His **hands and eyes**, *O thou, said he, that not constrained by any material love, whereunto Nature hath obliged thee, doth continually make glad all those that desire thy milk [...]*» - versão inglesa, fólio 18

«Stunde derowegen von seinem Trohn aus/ **und kitete Küh Kopff nieder/ welcher an einem Bret in der Maur fest gemachet und mit Blumen gekrönet** war/ auch vergüldeted Hörner hatte/ für welchem Er **nach vielen Thränen** mit gefaltene **Händen** folgendes **Gebet** verrichtete: Du/ die du nicht durch Mütterliche Liche/ sondern freywillig darzu bewogen/ alle die jenigen/ so deiner Mich begehren [...]

A expressividade da linguagem e as adequações aos gostos dos públicos-leitores

«[...] **sò a vista me fazia tremer as carnes.**» - versão portuguesa, fólio 15

«**Admireme por cierto de ver la bozeria de vnos y otros [...]**» - versão espanhola, fólio 24

«[...] **qu'à voir vne si grande furie, j'en tremblois d'apprehension.**» - versão francesa, fólio 70

«[...] **that I trembled with fear to behold their fury.**» - versão inglesa, fólio 19

«[...] **dass mir darüber die Haare zu Berge stunden [...]**» - versão alemã, fólio 32

A religião

«[...] serião até setecentas pessoas. De maneyra que neste primeyro dia que chegou fez estes tres feitos muyto motaueis, de que os seus todos ficaraõ taõ animados, & com tamanha ousadia, que quiseraõ logo naquela noite cometer a cidade, se o Rey para isto lhes dera licença, mas por ser o escuro grande, & a gente estar muyto cansada, se contêtou co que tinha feito, **dando por isto muytas graças a Deos.**» - versão portuguesa, fólio 16

«[...] serian seyscientas ò mas personas: valeroso esfuerço de Rey. Este, y otros tres o quatro, ó hizo por su persona aquel dia, dexaron a sus soldados animados de manera, que aquella misma noche quisieran dar assalto à la ciudad: pero la grande escuridad della, y el cãsancio de todos, les hizo contentarse com lo hecho, **dando el Rey por esso a Dios infinitas gracias.**» - versão espanhola, fólio 25

«[...] sept cents hommes, à pas vn desquels il ne voulut sauuer la vie. Ainsi le jour de son arriuée il fist trois choses fort memorables, & qui animerent de telle sorte les siens, qu'ils voulurent tous ceste mesme nuict aller attaquer la ville, & l'eussent fait assuremêt s'il ne les en eust empesché; car pour ce que la nuict estoit fort obscure, & ces gens lasses, **il se contenta de ce qu'il auoit fait, & en rendit graces à Dieu.**» - versão francesa, fólio 72

«[...] to a number of seven hundred persons, without sparing so much as one of them. Thus did he on the day of his arrival perform three memorable things, whereby his Soldiers were so heartned, as they would fain have assaulted the City the very same night if he would have permitted them, but in regard it was very dark, and his men weary, **he gave thanks to God, and contented himself with that which he had done.**» - versão inglesa, fólio 20

«Er schlug siebenhundert mit der Schärffe des Schwerds/ und wolte niemand überlassen. Hierdurch wurden dieseinigen so muhtig / daß sie in derselben Nacht die Statt solten andegriffen haben / wo Ers Ihnen nicht gewehret hätte. Der König der Batas, weil Er sahe / daß **der König zu Achem gewichen und sich für gefchlagen achtete/ wurde vermessen/ und gerichte zwenmahl in Gefahr.**» - versão alemã, fólio 33

As primeiras críticas indiretas

«E prouvera a Deos que o que eu agora conheço de vos por meus pecados, conhecera el Rey meu marido agora ha vinte & noue anos, porque nẽ elle viuera tão enganado com vosco como

viueo, **nem em fim se viera a perder por vossa causa, como se perdeo**. Mas já que isto assi he, hũa só cousa me resta agora para consolação de minhas queixas [...]» - versão portuguesa, fólio 30

«[...] y ojala huuiera Dios querido, q̄ estas verdades que yo conozco aora, tuuiera conosciẽto dellas veynte y nueue años antes mi marido muerto, **q̄ assi no huuiera el viuido enganado tantos como estuuu com aquella falsa confiança, ni aora se huuiera perdido su persona, ni mi honra, mas despues del conocimiento destas verdades**, que he dicho, me queda por gran consuelo, que modera el gran numero de mis queexas [...]» - versão espanhola, fólio 47

«Et pleust à Dieu, que ce que mes pechez me fout maintenant connoistre, le defunct Roy mon mary eust connu il y a vingt neuf ans, **parce qu'il n'eust pas vescu sideceu de vous autres comme il a faict**. Mais puis qu'il est ainsi, une seule chose me reste à presente pour consolation de mes plaintes [...]» - versão francesa, fólio 132

«And would to God, my deceased husband had nine and twenty years ago but known what now for my sins I perceive too well, for then **he had not been so deceived by you as he was**; But since it is so, I have this only left to comfort me in my misery [...]» - versão inglesa, fólio 36

«Hieraus solte der König/ wie man dafür hält/ geantwortet haben/ es nehme ihn nicht wunder/ daß sie **so wenig Wahrheit bey den Portugiesen gefunden**/ weil sie solches in vielen Begebnissen gegen aller Welt dargetahn und bewiesen.» - versão alemã, fólio 53

2. Na Companhia de António de Faria e o seu derradeiro naufrágio

As informações geográficas

«E nauegando por hũ **grande rio de agoa doce, que se dizia Sumheehitão**, chegamos daly a sete dias a Patane.» - versão portuguesa, fólio 39

«[...] y navegando por **el rio** de Sumhechitam, **grande, y de agua dulce**, llegamos a Patane en siete dias [...]» - versão espanhola, fólio 61

«[...] nous partismes do compagnie, & nauigeans sur **vne riuiere d'eau douce** nommée Sumheehitano, nous arriuasmes sept jours apres à Patane.» - versão francesa, fólio 166

«[...] sailing on a **River, called Sumhechitano**, we arrived seven days after at *Patana*.» - versão inglesa, fólio 45

«[...] auf des länge **des Flusses** Sumhechitano, und kamen des sieben den Tages nach Patane.» - versão alemã, fólio 67

O papel de António de Faria

«E logo publicamente perante todos fez juramêto nos santos Euãgelhos, & disse, que alem do que juraua, prometia também a Deos de yr logo daly em busca de **quem lhe tomara sua fazenda**; o qual lha auia de pagar ao galerim, ou por bem, ou por mal, inda que por bem já entendia q̄ não podia ser por nenhũa via, porq̄ quem **lhe matara dezasseis Portugueses, & trinta & seis moços & marinheyros Christãos**, naõ era razaõ q̄ passasse taõ leuemente sem algum castigo [...]» - versão portuguesa, fólio 39

«[...] al **ladron** de su hazieda; que no dexar de pagar a quien le auia prestado la suya, leuaua con esto publicamente, que auia de yr en busca del Cosairo, haziendo boto de castigar el arreumimiento cometido, y **vengar la muerte de los muertos, a quiẽ com tan poca razon auia quitado las vidas, diziẽdo que era justo que se castigasse aquella maldad y desuerguença, cometida tan en oprobrio del nombre Christiano**, porque el susrir, y dissimular aquella, seria ocasion para que aquellos Infieles hiziesse muchas cada ora.» - versão espanhola, fólio 61

«Alors il fist vn serment public dessus le saint Euangile, par lequel il dist, qu'outre ce qu'il juroit, il promettoit à Dieu de partir incontinent de ce lieu, **pour s'en aller chercher celuy qui l'auoit ainsi volé**; qu'au reste il luy en seroit rendre cent fois autât, ou de gré, ou de force, quoy qu'il recogneust que cela ne se pouuoit, pour le grand damage qui en estoit arriué. Aussi **luy ayant esté tué seize Portugais, & trent e six autres, tant garçons que Mariniers Chrestiens**, il n'estoit pas raisonnable que cela se passast de cette sorte, sans que le chastiment s'en ensuiuist.» - versão francesa, fólio 167

«[...] so that he took a solemn Oath upon the holy Evangelists to part incontinently from that place for to go in quest of those Pyrats, for to revenge upon them the death of those **fourteen Portugals**, and thirty six **Christians, Boys and Mariners**, killed by them as aforesaid ; Adding withall, that if such a course were not taken, they should every day be used so, way far worse.» - versão inglesa, fólio 45

«Tähle darauf (wiewol unrecht) einen öffentlichen Eid auf das **Euangelium**/ schwureund verhiëße Gott/ alsbald diesen Ort zu verlaßen/ und die **Räuber** zu suchen; mit dem Borsaz/ so er ihrer würde mächtig werden/ sie entweder gutwillig/ oder gezwungen/ zu mehr denn hundertfacher widererstattung anzuhalten/ unerachtet es wegen all zu großen Schadens wolte unmöglich scheinen.» - versão alemã, fólio 68

As repetições

«[...] bradou por tres ou quatro vezes, **armas, armas** [...] receyo, disse aos soldados, isto, senhores & irmãos meus he ladrão q̄ nos vem cometer, por lhe parecer q̄ naõ podemos ser mais q̄ seis ou sete, como ordinariamête costumamos a andar nestas lorchas, & porq̄ **com nome de Christo** [...] disse **tá, tà, tà**, não quero saber mais [...]» - versão portuguesa, fólio 41

«[...] cõ grãde priessa tocò al **arma por tres o quatro vezes**. [...] animò los soldados cõ estas palabras: Señores, hermanos, y amigos mios, este ladron que viene a acometermos, le trae enganado, el pensar que no podemos ser mas q̄ seis o siete compañeros, como de ordinario en estas lorchas andamos. **No tengo que advertir la grande opinion que gana vn animo valeroso, y como en la guerra tiene ganada la mitad de la vitoria, el que animosamête acomete primero la batalla: porque el principio y la determinaciõ en los hechos valerosos y de fama, se reputa por la mitad del hecho; desta ocasion que nos espera, si bien con ventaja tan conocida**, espero yo en el nombre de Dios [...] arajò al esclauo con vn gran grito, dizendo: Ya no quiero saber mas [...]» - versão espanhola, fólios 64-5

«[...] il s'escrìa, **Arme, Arme, Arme** [...] il dict aux soldats, Messieurs & freres, c'est vn voleur qui nous viêt attaquer, à qui il semble que nous ne soyons que six ou sept, ainsi que l'on a de coustume d'estre en ces vaisseaux; & asin qu'au nom de **Jesus Christ** [...] & dit, **Tout beau**, je n'en veux pas sçauoir dauantage [...]» - versão francesa, fólio 173/175

«[...] cried out presently, **Arm, Arm, Arm** [...]. *Antonio de Faria* said unto us, *My Masters, this is some Pyrat coming so set upon us, who thinks we are not above six or seven at the most,*

*as the manner is in such kinde of Vessels; wherefore let every man stood down, so as they may not see any of us, and then we shall soon our swords, I hope we shall give a good end to **this adventure** [...] Antonio de Faria hearing this, **cried out, like a man amazed**, and said, Nay now I care not for knowing any more [...]*» - versão inglesa, fólhos 47-48

«[...] rieff/ **Waffen! Waffen!** Selbige ergriffen wir alsbald [...]. Unser Hauptmann sprach uns darauf einen Muht ein mit diesen Worten: *Lieben Brüder!* Diß ist ein Seeräuber/ welcher uns gedenket anzugreifen/ und meint/ wir weren nach der Gelegenheit unsers Schiffes nicht mehr dann sechs oder sieben stark/ darum bleibe jeglicher in deßen Unterteihl/ damit sie unser nicht gewahr werden; Es soll sich bald offenbaren/ was sie im Sinn haben [...] **Halt! halt!** ich habe nun schon gnug.» - versão alemã, fólhos 71/72

A mudança de ponto de vista

«[...] **deste** rio da varella por nome Tinaçoreu [...]» - versão portuguesa, fólho 43

«[...] de **aquel** rio de Varela y pareciole al piloto, que seria acertado yr por Pulo Campeglho [...]» - versão espanhola, fólho 68

«[...] de **cette** riuiere de Tinacoreu [...]» - versão francesa, fólho 182

«[...] **this** River of Tinacoreu [...]» - versão inglesa, fólho 49

«[...] **diesen** Fluß Tinacoreu [...]» - versão alemã, fólho 77

A agressividade do Outro

«[...] & baluartes ao nosso modo, com barbacam, & duas cauas de agoa ao redor. Aquy dos **quatorze soldados** q̄ hião na lorcha, desembarcarão os **cinco** em terra, com mais **dous Chins** de esquipação que deixarão em refês suas molheres no junco, & correraõ o lugar todo por fora em roda, em q̄ gastarão quasei tres horas [...] de se vingar de quem tanto mal lhe fizera, & que à **ley de bom homem** juraua que o não dezia pelos seus doze mil cruzados, que já lhe não lembrauaõ, se não só pelos **quatorze Portugueses** q̄ o **perro** lhe tinha mortos. E chegando à vista do junco, mandou que a lorcha se passasse [...]» - versão portuguesa, fólho 43

«[...] y valuartes a nuestra vsança, tenia vna buena barbacana, y dos hõdissimas cabas de agua q̄ le cercauan y defendiam. Aqui de los **catorze soldados** q̄ yuan en la lorcha, tomarõ tierra **el Capitan y cinco**, y **dos moços Chinas**, de aquellos q̄ se saluaron del jũco de Similau, que dexaron en rehenes desto para mas seguro sus dos mugeres con nosotros. Por de fuera rodearõ los ocho el lugar todo, en que gastaron casi tres horas [...] de aquella justa vengança, y juraua a **ley de Cauallero**, q̄ no le animaua a ella el cobrar su hazienda, de quien ya poço ni mucho no se acordaua, sino las muertes de aquellos **catorze miserables Portugueses**, que murieron a manos de aquel **cossario; en estas digressiones**, llegamos a dar vista al junco, **que se buscaua, y Antonio de Faria mãdo, que la lorcha en que yua Borrallo**, se passasse a la outra vanda [...]» - versão espanhola, fólhos 68-69

«[...] & des bouleuarts à nostre mode, & de corridors plains d'eau. En ce lieu des **14. Soldats** qui estoient dans la Lorche, **il y en eut cinq** mirent pied à terre, avec **deux Chinois**, de ceux qui s'estoient sauuez du Junco de Similau, qui nous laisserent leurs femmes en ostage jusques à leur retour, lesquels ayans par de hors visité la ville, y furent trois heures [...] pour se vanger de ce **barbare qui luy auoit fait vn si grand tort**. S'approchant à la veuë du Junco il commâda à la Lorche de passer de l'autre costé [...]» - versão francesa, fólhos 183-184

«[...] Towers and Bulwarks after our manner, and with Curtains full of water. Here **five of the fourteen Soldiers**, that were in the Lorch, went on shoar with **two of those Chineseses**, that were saved out of Similau Junk, who had left their wives as hostages with us for their return; These having spent three hours in viewing and surveying the Town on the outside [...] for to be revenged of such a **Rogue as had done him so much wrong**. Approaching within fight of the Junk, he commanded the Lorch to pass [...]» - versão inglesa, fólho 50

«[...] Thürnen und Bollwerken umgeben war. **Fünf Soldaten** begaben sich aus der Schuit ans Land/ beneben noch **zweyen Chinesern/** so im Schiff Similau davon kommen/ und/ bis zu unserer Wiederkunft/ Antonio ihre Frauen zu Geisseln hinterließen. Die Statt besahen sie von außen wol drey Stunde [...]. Diese Zeitung erfreute ihn also/ daß er sein Anker abhiebe/ und gleich zu Segel gieng/ mit beteurung/ sich an diesem **Räuber** zu rächen. So bald er die Junke ins Gesicht bekam/ befahl er dem andern Schiff [...]]» - versão alemã, fólio 78

A crítica indireta na boca do Outro (Mouro)

«A que o **Mouro** respondeo, aceito senhor essa promessa sobre tua palavra, **inda que este officio em que agora andas, não he muyto conforme â ley Christam q̄ no bautismo professaste, de que Antonio de Faria ficou tão atalhado q̄ não soube q̄ lhe respondesse,** & mandandoo chegar para junto de sy o inquirio com brandura & afabilidade, & sem nenhum ameaço.» - versão portuguesa, fólio 44

«Aceto señor, dixo el **viejo**, essa promessa que me hazes, **y estimo grandemente la merced q̄ de la vida de esse muchacho me concedes, q̄ de la mia, como inútil, no hago mucho caso,** y me quiero fiar de tu pa abra, si bien el oficio en que te empleas, por no ser conforme a la ley Christiana q̄ en el bautismo professaste [...]]» - versão espanhola, fólio 69

«A quoy le **Vieillard Mahometan** respondit, j'accepte la promesse que tu me fais, **& estime grandemente ta courtoisie, en ce que tu donnes la vie à ce petit garçon, car de la mienne comme inutile, je n'en fais plus de compte, & me veux fier à ta parole,** encore que l'office que tu exerces me doive distraire de ce faire pour n'estre conforme à la loy Chrestienne que tu as professée par le Baptesme [...]]» - versão francesa, fólio 185

«Whereunto the **old Mahometan** answered, *I accept of the promise which thou makest me, and I very much thank thee for sparing the life of this child, for as for mine, as a thing unprositabie, I make no reckoning of it, and I will rely on thy Word, although the course thou holdest may well divert me from it, in regard it is no way to the Christian Law, which thou hast profest in thy Baptism:* An answer, that rendred *Antonio de Faria* so confounded and amazed, as he knew not what to reply; Howbeit he caused him to come nearer to him, and questioned him gently without any further threatening.» - versão inglesa, fólio 50

«Der **alte Mann** gab zur Antwort: **Ich nehme diesen kleinen Jungen beym leben erhaltet. Was meines betrifft/ achte ich solches nicht/ weil es ohne das untüchtig ist. Ich will euren Worten trauen/ wiewohl mich euer Beginnen Fönte davon abschrecken/** und fast eines andern überzeugen/ weil es wider die Christliche Regeln streitet/ welche ihr in der Tauffe habt angenommen. Diese Antwort gieng dem Antonio de Faria so zu gemüht/ dass er keinen Bescheid geben kunte.» - versão alemã, fólios 78-79

O rapto da noiva

«Esta noíua, **segundo depois se soube**, era filha do Anchacy de Colem, **que he como Corregedor entre nós,** & era esposada com hum mancebo filho do Chifuu Capitão de Panduree, o qual dizem que lhe tinha escrito q̄ aly naquele lugar a viria esperar com tres juncos ou quatro de seu pay que era muyto rico, & por isso se enganaraõ cõ nosco, & ao outro dia à tarde depois q̄ nos partimos deste lugar, a q̄ se pos o nome o da noíua, chegou o noiúo em busca della com cinco vellas muyto embandeyradas, o qual passando por nós, nos saluou com **muytos tangeres, & mostras de alegria,** não sabendo parte do seu mal, nem que lhe leuauamos com nosco a molher [...]]» - versão portuguesa, fólio 50

«Esta nobia, **segun ella despues contaui amargamente**, era hija del Anchacy de Colem, **que era lo que Governador**, o Corregidor entre nosotros, y estaua desposada con vn mancebo, hijo de Chifuu, Capitan de Panduree, el qual la tenia escrito, que la vendria a esperar, a aquel parage con tres o quarto juncos de su padre, que era muy rico (**cuyo numero de embarcaciones**) que era el que nosotros lleuauamos, la engañò para acercarse a nosotros, pensando halar a su esposo. Al otro dia por la tarde partimos de aquel lugar, que desde entonces se llamò de la Nobia, por el infeliz sucesso desta, y poco mas adelante topamos el nobio, que passaua a esperar a su esposa, com cinco vizarras velas, todas muy embanderadas, **y llenas de diversas flamulas,** y

gallardetes, y muchos toldos de sedas de colores, y al passar junto a nosotros nos hizo la salua com **muchas musicas, cantos e alegrías**, ignorante de que lleuauamos cautiua la prenda querida que buscaua [...]» - versão espanhola, fólho 80

«Cette espouse, **comme nous l'aprismes depuis**, estoit fille du Anchary de Colem (**qui signifie Gouverneur**) & mariée avec vn jeune garcon, fils du Chifuu, Capitaine de Pandurée, qui luy auoit escrit qu'ils s'en iroit l'attendre en ce lieu avec trois ou quatre Juncos de son pere qui estoit fort riche, mais nous le trompames bien. Le lendemain apres midy estants partis de cét endroit là, que nous nommasmes *le lieu de l'Espousée*, arriua le nouveau marié, cherchant sa femme avec cinq voiles **remplies de flammes & banderoles**. Comme il passa pres de nous, il nous salüa avecque **force musique & demonstration d'allegresse**, ne sachant pas son malheur, ny que nous emmenions sa femme.» - versão francesa, fólhos 209-210

«This Bride, **as since we learned**, was daughter to the Anchary of Colem (**which signifies Governor**) and betrothed to a youth, the son of the Chifuu, Captain of Pandurea, who had written unto her that he would attend her in this place with three or four Junks of his fathers, who was very rich, but alas! We shamefully cozened him. After dinner, being departed from thence, the Bridegroom arrived, seeking for his Bride with five sail **full of Flags, Streamers, and Banners**; Passing by us, he saluted us with great **store of musick, and shews of gladness**, ignorant of his misfortune, and that we carried away his wife.» - versão inglesa, fólho 57

«Diese Braut war/ **wie wir hernach höreten**/ des Anchary de Colem (das ist Berwalters) Tochter/ und verlobet einem Jüngling/ des Chifu Hauptmanns zu Pandurea; Sohn/ so an sie geschrieben/ sie solte seiner allhier mit vier Junken erwarten. Nachmahls/ als wir fortgewandert/ kam der Bräutigam mit **fünf Schiffen**/ seine Braut heim zu holen. Welcher im vorben segeln uns grüßete **mit vielem Gesang und Seitenspiel**; denn er woßte von seinem Unglück nicht.» - versão alemã, fólho 89

A ilha dos Ladrões

CAP. LIII: «Como nos perdemos na ilha dos Ladroës.» - versão portuguesa, fólho 56

CAP. LIII: «**Padece una gran tormenta** Antonio de Faria, en la ensenada de los ladrones, de adonde escapa sin hazienda.» - versão espanhola, fólho 90

CHAP. LIII: Comme nous perdimes dans l'Isle des Larrons.» - versão francesa, fólho 234

CHAP. XVIII: «**What Antonio de Faria did with the Captain of the Pyrats Junk; that which past between him and the people of the Country**; with our casting away upon the Island of Theeves.» - versão inglesa, fólho 61

Cap. 17: «Antonius de Faria erlanget große Macht auf der Landseiten von China, und wird hochgechrt. Leidet mit seinigen Schiffbruch/ und wird an die Insel der Diebe geworfen/ woselbst sie viel Biderwertigkeit ausstehen/ wunderlich gespeist werden/ und sonderbarer Weise von dannen kommen. Eines Jungen Gespräch mit Antonio. Der Fischer Bericht von des Landes Gelegenheit. Antonius überfällt eine Chinesische Junke/ und landet an der Insel Luxitay an.» - versão alemã, fólho 95

Os sucessivos naufrágios

CAP. LIII: «[...] onde morrerãõ **quinhētas & oitenta & seis** pessoas, **em que entraraõ vinte & oito Portugueses, & os mais que nos saluamos pela misericórdia de nosso Senhor (que ao todo formos cinquenta & tres, de que os vinte & dous foraõ Portugueses, & os mais, escauos & marinheyros)** [...]»; CAP. LIV: «[...] tão a falta de mätimento, quanto sernos esse q comíamos muyto prejudicial, por ser todo podre & bolorêto, & alê de feder incõportaelmente, amargaua de maneyra q **não auia quẽ o pudesse meter na boca**. Mas **como Deos nosso Senhor de sua propria natureza he bẽ infinito**, não ha hy parte tão remota, nẽ tão deserta onde se lhe possaõ escõder as miserias dos pecadores [...]» - versão portuguesa, fólho 57

CAP. LIII: «[...] con muerte de quinientas y ochenta y seys personas, en que entrarõ veynte y

ocho Portugueses. **Quien fiaen las prosperidades humanas? Quien en sus felicidades, y vêturas.** Los demas que nos saluamos, que por todos fuymos cinquenta y tres. Los **veinte dos** Portugueses, y los demas esclavos, y marineros...»; CAP. LIV: «[...] **era tanta la hãbre q̄ padeciamos**, que muchos de los cõpañeros de flaça y de desmayo se cayan muertos [...]. **Miserable condicion humana, sugeta a tales discursos**, que se dessee por bien lo que se tiene por mayor mal, passion del animo grande, quando lo que mas se aborrece se dessea, y se busca lo que mas se huye, no tiene mas firmeza la flaqueça humana, quien fia en tal desventura? **En Dios si, q̄ como de su propia naturaleza es sumo bien infinito**, ansi como no ya parte tan desierta, ni region tan remota; donde se puedan ocultar, solapar, ni encubrir las miserias del os pecadores; **asi tambièn, no ay ninguna, ni tiempo alguno, en que no los ayude, y socorra com los efetos de su divina misericordia, comunicados por caminos tã solo sabidos de su grande sabiduria, y tan agenos de nuestra corta capacidade humana, que si los quisiéremos escudriñar, com nuestra insuficiència (que lo será harto grande) veremos claramente, que son mas obras milagrosamente de su soberana omnipotência, que no ordinárias disposiciones de naturaleza y constelaciones de signos, con las quales nuestro corto juicio muchas vezes se engaña.**» - versão espanhola, fólhos 91-3

CHAP. LIII: «[...] qu'il y mourut **cinq cens quatre-vingts six** hommes, parmy lesquels il y auoit **huict** Portugais, & Dieu permist que le surplus des gens qui estoient en tout cinquante trois, furent sauuez, dont il y en auoit **vingt-trois de Portugais**, & le surplus esclaves & mariniens.»; CHAP. LIV: «[...] ne pouenoir pas tant d'vn défaut de viures, que de ce que les choses que nous mangions nous estoient prejudiciables, à cause qu'elles estoient toutes pourries; joint qu'elles estoient si puâtes & si ameres, **que personne n'en pouuoit souffrir le goust dans la bouche. Mais comme nostre Dieu est vn bien infiny, il n'y a lieu si escarté, ny si desert où se puisse cacher la misere des pecheurs** [...]» - versão francesa, fólhos 235-238

CHAP. XVIII: «[...] so that **four hundred and fourscore men were drowned**, amongst which were **eight Portugals**, and it pleased God that the reminder, being fifty three persons, were saved, whereof **three and twenty were Portugals**, the rest slaves and Mariners.»; CHAP. XIX: «[...] enduring such cruel cold and hunger, that so many of us talking one to another fell down suddenly dead with very weakness, which proceeded not so much from want of victuals, as from the eating of such things as were hurtful to us, by reason they were all rotten, and flunk so vilely, **that no man could endure the taste of them in his mouth; But our God is an infinite good, there is no place so remote, or desert, where the misery of sinners can be hid from the assistance of his infinite mercy** [...]» - versão inglesa, fólhos 64-65

Cap. 17: «[...] **drey unf funfzig** ans Land kamen/ hingegen die andern **fünfhundert uns sechs und actzig ertrünken**. Welche diesem Unglück entwichen/ verfügten sich alle nakker und verwundet in eine Höle/ und blieben über Nacht daselbst. // [...] viel Hunger und Kummer/ daß viel der unsern/ ost unter der Redewechschung/ tod zur Erden fielen/ nicht so sehr wegen Mangel/ als Schädligkeit/ Stank und Herbe der ganz verfaulten Speisen/ **deren Geschmakk im Munde nicht zuerleiden. Unter solchem zweiffelmht und entweichen aller Hofnung des Lebens/** flohe unversehens von hinten aus der Insel/ nach der Sudseiten/ ein Bogel/ Weihe genant/ über uns hin/ dem unvermuhtet sein Kaub/ nemlich ein Fisch eines Fußes lang [...]» - versão alemã, fólhos 98-99

A fauna exótica

«Vimos aquy hũs peixes de feiçaõ de **rayas**, a que os nossos chamaũo peixes mãtas, de mais de quatro braças em roda, & o fucinho rombo **como de boy**. Vimos outros como grandes **lagartos**, pintados de verde, & preto, com tres ordês de espinhas no lombo, **da grossura de hũa seta, & de quasi dous palmos, a estes dezia o Similau q̄ chamaũo os Chins Puchissucoês**. Vimos também outros peixes muyto pretos da maneyra de **enxarrocos**, mas tão disformes na grandeza que só a cabeça era de mais de seis palmos de largo, & quando nadaũo & estendiam as perpatanas ficauão redondos de mais de hũa braça ao parecer dos que o viraõ. E não digo de outras muytas diuersidades de peixes que aquy vimos, **por me parecer desnecessário determe sobejamente em cousa que não faz o propósito do que vou tratando**; somente direy q̄ em duas noites [...]» - versão portuguesa, fólhos 79-80

«Vimos alli vn pescado, de la hechura del que nosotros llamamos **Raya**, este era de mas de

quatro braças en rueda, y tenía la cabeça y hozico romo, y **como le tiene vn buey**: Vimos tãbien otros **lagartos** muy grades, pintados de verde y negro, cõ tres ordenes de espinas en al lomo, del grueso de vna faeta, y de tres palmos de largo cada espina, **cõ pũtas muy agudas, delas quales teniã lleno todo el cuerpo, aunque no tan gruessas ni tã largas como las del lomo. Estos lagartos se encrespan como el puerco espin, con que quedan muy espãtosos, y ferozes: tenian el hozico muy agudo, y negro, com dientes que les saliã de la boca casi dos palmos, como los colmillos de los jabalies. A estos lagartos dezia el cosario quellamauã los Chinas Puchisicones.** Vimos tambien outro pescado muy negro, y de la hechura que en Portugal llamamos **Enjarrocos (q̃ son como las salamanquesas del agua, aũque mayores y mas crecidos)** mas tan disformes en la grandeza, que solo la cabeça tenian de mas de seys palmos de ancho, y quando nadado estendia las perpatanas, ó aletas quedauan en redõdo mas de vna grã braça, al parecer de todos los q̃ los vimos: otros muchos, y muy diuersaos pescados vimos en aquella Bahia, **con los quales no me detengo, poy yr al sin de lo q̃ voy tratando:** solamente dirè, que en dos noches que allí estuimos furtos [...]» versão espanhola, fõlio 133

«Car nous vismes en ce lieu là des poissons en forme de **Rayes** que nous appelasmes peixes mantas, qui auoient plus de quatre brasses de tour, & le museau **comme vn boeuf**. Nous en vismes aussi d'autres semblables à de grands **lezards** tous tachetés de verd & de noir, avec trois rangs d'épines sur l'eschine, fort pointuës, de la grosseur d'une fleche; **dequoy tout le reste du corps estoit plein. Il est vray qu'elles n'estoient pas si lógues ny si grosses que les autres. Ces poissons se herissent de temps en temps cõme des porcs-espis; ce qui les rend fort espouventables à voir, avec cela ils ont le museau grandement pointu & noir avec des crocs qui leur sortët hors des machoires, de la longuer de deux pans que les Chinois appellent puchissucoens, qui ressemblët aux deffences d'un fanglier;** là nous apperceusmes encore vne autre forte de poisõs qui sont tels. Ils ont tous le corps extrémement noir cõme les chabots & sont si prodigieux & si grãds que leur teste naioire dans l'eua ils paroissent ronds d'une brasse de tout aux yeux de ceux qui les voyent. **Je passe icy sous silence tout-plein d'autres poissons de diuerses forces de nostre sujet.** Il me suffira de dire que durant deux nuicts seulemët que nous demeurasmes en cët endroit [...]» - versão francesa, fõlio 327

«For in this place we saw Fishes in the shape of **Thornbacks** that were four fathoms about, and had a Muzzle **like an Oxe**; likewise we saw others resembling great **Lizards**, spotted all over with green and black, having three rows of prickled on their backs, that were very Sharp, and of the bignesse of an arrow; **their bodies also were full of the like, but they were neither so long, nor so great as the others: These Fishes would ever and anon bristle up themselves like Porcupines, which made them very dreadful to behold, they had Snouts that were very sharp and black, with two crooked teeth out of each jawbone, two spans long, like the tusks of a wild Boar.** We also saw Fishes whose bodies were exceeding black, so prodigious and Great, that their heads onely were above six spans broad. I will passe over in silence many other Fishes of sandry sorts, which we beheld in this place, because I hold it not fit to stand upon things that are out of my discourse, let it suffice me to say, that during two nights [...]» - versão inglesa, fõlio 89

«Denn da stießen uns Fische auf/ so als **Rochen** aussahen/ vier Klaster rund und mit einem Mund **wie ein Ochse**. Auch wurden wir großer **Waßerschlangen** gewahr/ mit grünen und schwarzen Flekken/ und mit drey reihen Federn/ als Pfeilen auf dem Rückgrad bewachsen/ doch nicht von solcher grõße wie die vorigen. **Sie haben ein schwarzes und scharfes Rundwerk mit gebonen Haafen/ so wie die Zähne der wilden Schwein zum Raus ausgeben.** Auch funden wir noch eine andere art Fische/ ganz schwarz und wunderlich mit großen Häuptern/ welche/ wenn sie die Hasen ins Waßer stekken/ rund und eine Klaster groß im Umfang zu sehn scheinen. Aber ich will viel andere Fische/ so uns in diesem Ort begegneten/ mit still schweigen übergehen/ und nur allein sagen/ daß wir diese bende Nächte/ die wir alhier zubrachten/ nicht sicher und fast in großer Gefahr waren/ wegen der Wallsische Krokodillen/ Schlangen und Fische/ so uns ben Tag und Nacht vor Augen kamen. Raßen wir auch da herum ein solches sausen/ fliegen und schreien der Seepferde am Gestade längsthin höreten/ daß nicht gnug mit Worten zubeschreiben.» - versão alemã, fõlios 122-123

A presença dos padres nas viagens

«[...] onde o **padre** Diogo Lobato que com nosco hia, como atrás disse, & era nosso patraõ & sotacapitão sobre todos, fez hum breue sermão aos que aly hiamos para nos dar animo & esforço para o que tinhamos por dauante [...] hum nouo esprito & ousadia para não duuidarê cometer o que leuauaõ determinado. [...] diante de hũa imagem de nossa Senhora [...]» - versão portuguesa, fólio 80

«[...] dixo al Padre Diego Lobato (**que era el clerigo** que yua com nosotros, y era nuestro Patron, y Sotacapiton, **a quien obedeciamos como a Sacerdote**) que hiziesse **vna platica** a la gente, para animarnos, y esforçarnos en los peligros que nos acometiessen, la qual el deuoto Sacerdote hizo con tanto afecto, tan dulces y amorosas palabras, com tantos y tan buenos exemplos, que alentando grandemente los ânímos de todos (que antes el temor [...] no conocida, ni imaginada: diximos vna Salue, de rodillas, delante de vna deuota Imagen que lleuauamos [...])» - versão espanhola, fólio 134

«Cela faict, il dit à Diego Lobato, **qui estoit le Prestre** que nous menions avec nous, & que nous espection **comme vn home d'Eglise**, qu'il eust à faire **vne harangue ou vn sermon** à nos gens, pour les animer aux dangers qui nous pourroient arriuer; dequoy il s'acquitta fort dignement, & par l'efficace de ses paroles pleines de douceur & de plusieurs beaux exêples, il remist grandemente les esprits de tous [...] deuant vne image de Nostre Dame [...]» - versão francesa, fólio 330

«That done, he spake unto *Diego Lobato*, **who was the Priest** that we carried along with us, and one that we much respected **as a man of the Church**, to make a Sermon unto his company for to animate them against all dangers that **might happen [...]** **took fresh heart, boldly to execute the enterprise we had undertaken: [...]** **the mouth of the River**, steering directly **East [...]**» - versão inglesa, fólio 89

«**Machte auch daraus sein Geschüz fertig/ weil es bisher ungeladen blieben/ und befahl jedem auf seiner Hut zu sehn.**» - versão alemã, fólio 123

3. A China: Utopia e Deambulação do Sujeito Peregrinante

A remissão dos pecados

«E tanto que foy menham nos fomos **pelo lugar pedindo de porta em porta**, onde tiramos quatro taeis de prata, com que despois remedeamos **algũas grandes necessidades em q̃ nos vimos.**» - versão portuguesa, fólio 91

«A la mañana corrimos **todo el lugar, pidiêdo de puerta en puerta**, y allegamos quatro taeles de plata, que despues nos remediã en **las grandes necesidades en que nos vimos, como se verã adelante.**» - versão espanhola, fólio 153

«[...] le lendemain si tost qu'il fut jour nous nous en allasmes **mendicant de porte en porte dans la village**, où nous amassasmes quatre Taeis en argent, avec lesquels nous remediãmes à **quelques necessitez qui nous pressoient grandemente.**» - versão francesa, fólio 374

«The next morning as soon as it was day, we went **up and down the street, begging from door to door**, and got four Taeis in silver, wherewith we supplied **our most pressing necessities.**» - versão inglesa, fólio 101

«Des folgenden Tages **bettelten wir im Dorf von Tühr zu Tühr/** und brachten an Geld vier Taeis zusammen/ welche wir zu **unserer höchsten Nohtdurst anwendeten.**» - versão alemã, fólio 142

A Superiodidade do Outro em Relação ao Eu

«[...] rogote que te fique na memoria para que saibas conhecer & agradecer a Deos com lhes dares muytas graças o pay que te deu, que por se escusar daqueles trabalhos, & de outros muytos que há pelo mundo regrangeou com sua vida, & saber as milhores tres cousas deste anchacilado, que a menor de cada hũa dellas **val mais de cem mil taeis**, mas tu és tal q̃ tomaras

antes matar hũa lebre que tudo isto, a que elle não respondeo mais que **sorrirse para as irmãs. Então nos fez aly trazer de comer perâte sy**, & nos mādou que comessemos, o que nós fizemos de muyto boa vôtade, & elle, por ser doente & enfastiado mostrou que folgaua de nos ver comer. Porem as que mais gosto mostrarão disto forão as irmãs suas filhas, porque em quanto comemos tiuerão muytos passatempos de bõs ditos com seu irmão quando virão q̄ comíamos com as mãos, **porque em todo aquelle imperio Chim se não costuma comer com a mão**, como nõs fazemos, senão com **dous paos feitos como fusos.**» - versão portuguesa, fólio 93

«Ruegote mucho, que te queden muy en la memoria sus contraries sucessos, y desuenturas, para que dellos saques conocimiento, y estimacion de tu mucha dicha, y agradezcas á Dios, com darle continuamente muchas gracias, el padre que fue seruido de dar-te, que escusarte de semejantes trabajos, y de otras mayores miserias, que ay por el mundo, te há grangeado com su vida, y su buen discurso, las mejores tres cosas desta tierra, que la menos importante de todas **vale mas de cien mil taeles**: pero tu eres tal, q̄ estimas en mas matar vna liebre, q̄ todas las riquezas de q̄ has de ser señor. A lo qual el mãcebo no respondiò, mas q̄ com **mirar a las hermanas, y reyrse. Mådò su padre que alli delâte del nos truxessen de comer**: porque gustaria de vernos. Truxerõlo, y bastantemente, y comimos de tan buena voluntad, como el nos via, que era de muy buena: porq̄ como estaua desganado de comre, gustaua ver hombres q̄ tâbiẽ lo haziã pero tal necessidade lleuauamos (**no es nada cortesana la hãbre**) las q̄ mas gustauã de vernos erã las dos hermanas: porq̄ miẽtras comíamos tuuierõ grande entretenimento, y dixerõ muy agudos dichos ellas, y el hermano, y **mas quando vierõ q̄ comiamos cõ las manos (de q̄ todos se admirarõ mucho) porq̄ en todo el imperio de la China, no acostubrã á tocar lo que comen cõ ellas, sino cõ vnos palilos como vsos, cõ que cogen lo q̄ lian de llevar à la boca.**» - versão espanhola, fólios 156-157

«C'est à toy à imprimer bien auant leurs paroles dans ta memoire, afin que tu sçaches cognoistre Dieu, & luy render graces de ce qu'il t'a donné vn pere, qui pour t'exempter des trauaux & des necessitez de la vie, t'a espargné les trois plus belles choses de cette contrée, dont la moindre **vaut plus de cent mille Taeis**; mais tu es d'vne humeur plus propre à t'amuser à tuer vn livre, qu'à retenir ce que je te dis. A cela le jeune homme ne fist point d'autre response, finon qu'il semist à **sous-rire, en regardant ses deux soeurs. Cependant le malade nous fist apporter des viures deuant luy, & nous comanda d'en manger**. Ce que nous fismes trevolontiers, à quoy il prist vn merueilleux plaisir pour estre fort desgousté à cause de sa maladie. **Mais ses jeunes filles en prirent bien dauantage, & ne cesserent de railler avec leur frere quando eles virent que nous mangions avecque les mains; car cette coustume ne s'obserue point dans tout l'Empire de la Chine, où les habitans prenant leur repas se portent la viande à la bouche avec deux petits bastons faicts en façon de fuseaux.**» - versão francesa, fólio 380

«It were good for thee to imprint it well in thy memory, to the end it may teach thee to know God better, and give him thanks for that he hath given thee a Father, who to exempt thee from the labours and necessities of this life hath parted with three of the goodliest things in this Country, whereof the least is **worth above a hundred thousand Taeis**, and bestowed them on thee, but thou art of a humour more inclined to hunt a Hare, then to retain this which I now tell thee; The young Gentleman made no reply, but **smiling looked upon his Sisters. Then the old man caused meat to be brought unto us before him, and commanded us to fall to it**, as we most willingly did, whereat he took great pleasure, in regard his stomack was quite gone with his sickness, but **his young daughters much more, who with their brother did nothing but laugh to see us feed our selves with our hands, for that is contrary to the custome which is observed throughout the whole Empire of China, where the inhabitants at their meat carry it to their mouthes with little sticks made like a pair of Cizers;**» - versão inglesa, fólio 103

«Der alte Mann/ dem seine Krankheit großen Berdruß brachte/ kinte dennoch nicht ablassen/ uns vielen Dingen zu befragen. Wir antworteten nach Nohtdurst/ und erzehlen ihm/ wie und wo wir Schiffbruch gelitten hätten/ wie viel der unsern umkommen/ und wie wir/ also verirzt/ die Welt durch lieffen/ unweißend/ wo wir bleiben solten. Er nahm hieraus Gelegenheit/ seinem Sohn einige Lehren und Unterweifungen zu geben/ der hieraus **seine Schwestern ansahe und lachte**. Der Kranke hatte unterdeßen Speise bringen lassen/ und nöhtigte uns/ zu eßen das wir gern tähten. Er schöpfte daraus ein großes wohlgefallen/ **aber seine Töchter noch viel ein größeres/**

die mit ihrem Bruder lachten/ als sie uns mit den Händen eßen sahen; dann diese Gewohnheit haben die Einwohner in China nicht/ sondern gebrauchen kleine Steklein/ mit denen sie die Speisen zum Munde bringen.» - versão alemã, fólíio 145

A retórica da humildade e da verosimilhança

«[...] mil picos de prata, & nos contarão mais outras particularidades curiosas de ouuir, que não escreuo por me temer que poderey ser proluxo. Daquy nos partimos já quasi solposto, & fomos ao outro dia à véspera surgir entre duas cidades pequenas defronte hũ da outra pouco mais de hum quarto de legoa, que era a distancia da largura do rio, hũa por nome Pacão, & outra Nacau, & ambas de pequenas em fora, muyto nobres & bem cercadas de lagias de cantaria muyto largas e fortes. Tinhão **muytas casas de pagodes cozidas em ouro, com muytas inuencões de grimpas & curucheos de muyto custo & riqueza; que era cousa assaz fermosa & agradauel para ver.** [...] a origem & fundamento deste imperio Chim, já que os **escritores antigos atêgora não derão nenhũa razão disto.** Leese na **primeyra Chronica das oitenta dos Reys da China** no capitulo treze, a qual eu ouuy muytas vezes lèr, que depois do diluioio seiscentos & trinta & noue anos auia hũa terra que então se chamaua Guantipocau, a qual, segundo parece pela altura do clima em q̄ está, deue de estar em sessenta & dous grãos da banda do Norte, & jaz nas costas da nossa Alemanha. Nesta terra viuia naquelle tempo hũ príncipe de senhorio & estado pequeno por nome Turbão [...]» - versão portuguesa, fólíio 103

«[...] cinco mil picos de plata. De esta sierra, y de su grandeza, y tesoro, **nos contaron los naturales muchas curiosas particularidades, las quales no digo yo en esta historia por no parecer prolijo, y faltar a la breuedad, que he prometido.** De aquel lugar de Leuimpau, partimos vn dia quando se ponía el Sol, y desde el fuymos la primera tarde a surgir entre dos pequenas ciudades, que en las dos riberas del rio estauã edificadas fronteiro vna de outra, distantes entre si vn quarto de légua, que era lo que el río tenia por alli de ancho. La vna se llamaua Pacam, y la outra Nacau, ambas pequenas: pero cercadas de vn alto muro de fuerte canterias; velante en vna, y outra, **muchos y muy suntuosos tēplos de diferentes ídolos, com muchos chapiteles, y beletas dorados, y cõ florones, brutescos, y mosaycos, de mucha costa, y riqueza, q̄ parecian desde aparte notabemēte biē.** [...] el origen, y principio deste grande imperio de la China, ya que **hasta aora ningun escritor de los nuestros, antiguo, ni moderno a dado razon cierta de cosa tan grande.** // Leese pues en la **primera Coronica, de las ochenta que tienen aquellos gentiles de los Reys de la China,** en el capitulo treze (la qual como digo leiyo, y ohi ler muchas vezes) q̄ despues del general diluioio, seiscentos y trinta y nueue años, se descubrio vna tierra, que en aq̄lla antigüedad se llamaua Guantipocau: **la qual segun parece por la altura del clima, en que està aora, deue de ser en sessenta y dos grados de aquella bāda del Norte, casi a las espaldas de nuestra Alemania. En esta tierra que digo viuia por aquellos tempos vn principe llamado Turbam [...]**» - versão espanhola, fólíios 174-175

«[...] cinq mille Picos. **Sur quoy nous furent racõtées plusieurs autres particularitez fort curieuses que je n'escris point icy pour euiten la prolixité.** Nous partismes de ce lieu presqu'à Soleil couché, & arriuasmes le lendemain sur le soir entre deux petites villes, tans seulement estoignées d'ensemble d'vn quart de lieuë, qui est la largeur de la riuiera. L'vne se nommoit Pacano, l'autre Nacau; & encore que toutes deux fussent petites, ells estoient neantmoins fort belles & bien murées d'vne belle grande pierre de taille, jointct qu'il y auoit force **Temples qu'ils nomment Pagodes, tous dorez avec quantité d'inuentions de clochers, & de giroüettes fort riches & de grande despence; chose assez belle & agreeable à voir.** [...] l'origine & le fondement de cet Empire de la Chine, dequoy les anciens Escriuains n'ont rendu aucune raison jusques à maintenant. Il est escrit en **la premiere Chronique des huictante qui ont esté faictes des Roys de la Chine,** chapitre treiziesme, comme je l'ay ouy dire plusieurs fois, Que six cent trente neuf ans apres le deluge il y eut vn pays qui s'appelloit alors **Guantipocau, lequel, à ce qu'on en peut juger par la hauteur du climat où il est situé, doit estre à soixante-deux degrez du costé du Nord, & aboutit derriere nostre Allemagne. En ce pays viuoit en ce temps là vn Prince appellé Turbano [...]**» - versão francesa, fólíios 421-422

«[...] thousand *Picos*; This place we left about Sun-set, and the next day in the evening we

arrived just between two little Towns, that flood opposite one to another, the River onely between, the one named Pacau, and the other Nacau, wich although they were little, yet were they fairly built, and well walled with great hewed stone, having a number of **Temples, which they call Pagods, all gilt over, and enriched with [breeples and Fanes] of great price, very pleasing and agreeable to the eye.** [...] one may come to know the Original and Foundation of this Empire of China, whereof ancient Writers have spoken little till this present. It is written in **the first Chronicle, of fourscore which have been made of the Kings of China,** the thirteenth Chapter, as I have heard it many times delivered, That six hundred thirty years, after the Deluge there was a country called then *Guantipocau*, **which as may be judged by the height of the Climate where it is featured, being in sixty two degrees to the Northward, abutts on the backside of our Germany; In this Country lived at that time a Prince, named Turbano** [...]» - versão inglesa, fólio 114

«[...] ungefähr fünf tausend Picos heimfallen. Auch erzehlt sie viel andre dinge/ welche ich/ gellebter kürze wegen/ mit stillschweigen übergehe. Wir fuhren von Lequinpau wieder ab mit Sonnen Untergang und kamen auf den Abend des folgenden Tages zwischen zwey kleine und nur eine viertel Meil von einander entschiedene/ Stätte/ welches auch die Breite ist des daselbst befindlichen Flußes. Eine von denselben führte den Nahmen Pacan; die andere heiß Nacau. Sie waren zwar klein/ jedoch lustig/ und mit einer starken Mauer von gehauenen Steinen umgeben. Wir sahen auch **viel Kirchen/ ganz vergüldet/ mit vielen wunderbahren Glocken Thürnen/ und Wetterhahnen.**[...] Man lieset/ wie ich oftermals gehöret/ im dreyzehenden Haupt Teihl **des ersten Buchs der achtig Beit Bücher/ von den Königen in China geschrieben/** was maßen sechshundert und neun und dreißig Jahr nach der Sündflut/ in einem Land/ *Guantipocau genant/ ein Fürst gelebt/ nahmens Turbano* [...]» - versão alemã, fólio 161

O Elogio da China

«[...] porque esta Monarquia da China que contem em sy **trinta & dous reynos, he tão nobre, tão rica, & de tão grande trafego, & comercio, he porque he toda laurada de rios & estreytos de amirauel feição, muytos q̄ a natureza fez, & muytos que os Reys, os senhores, & os pouos antigamēte mandarão abrir, para que toda a terra se pudesse nauegar & comunicar sem trabalho, dos quais os mais estreitos tem pontes muyto altas, & compridas & largas de cantaria muyto forte, feitas ao modo das nossas** [...] cousa certo digna de grandíssimo espanto, & que quasi se não deixa entender como hũa tamanha pedra se possa assi inteyra arrancar da pedraria, nem mouerse della para se por no lugar onde estaua. Todos os caminhos & seruintias das cidades, villas, lugares, aldeas, & castelos, são de calçadas muyto largas, feitas de muyto boa pedraria, com columnas & arcos [...]» - versão portuguesa, fólio 114

«La causa sin duda alguna de la abundancia, y riqueza de aquella monarquia (q̄ contiene como he dicho **treinta y dos Reynos, o prouincias**) consiste en estar toda la tierra, llena de **Rios nauegables: de manera que ya por criarlos la naturaleza, ya por rōperlos, y diuidirlos los hombres en muchos braços para mayor comodidade suya, no ya poblacion que no tenga Rio nauegable,** con que sin contradicion, costa, ni trabajo, se comunican las mercadorias, y haziēdas de vnos à otros, gozando todos de las cosechas de cada particular. Porlas partes que los Rios son angostos tienen **pueñas altas, largas y espaciosas de fuerte canteria, al modo de las** [...] q̄ es cosa marauillosa de ver, y mucho mas el saber como piedra tan grande se puede cortar de la cantera, labrarse, y pouverse sobre el edificio. Todos los caminos, y calles delas ciudades, villas y lugares, aldeas y castillos, son hechas de calçadas muy anchas de muy lucida câteria, que por la mayor parte vienem à rematarse en grandes, y vastosos arcos, cargados sobre fuertes columnas [...]» - versão espanhola, fólio 193

«[...] cette Monarchie de la Chine qui contient **trente-deux Royaunes,** est si noble, si riche, & d'vn si grand commerce, c'est pource qu'elle est toute enuirōnée de riuieres & de canaux d'vne inuention admirable. Car **avec ce qu'il y en a plusieurs que la nature a faicts, il y en a d'autres aussi en fort grand nombre, que les Roys, les grands Seigneurs, & les peuples ont anciennement faict ouurir par artifice, afin de rendre tout le pays nauigable,** & ainsi se communiqué leurs trauaux les vns aus autres. Les plus estroits de ces canaux ont des **ponts de pierre de taille fort hauts, fort longs & fort larges, il y en a quelques-vns aussi qui sont**

trauersez de part [...]. Ce qui est sans doute vne chose merueilleuse, car il est presque impossible de comprendre par quell moyen on peut tirer de la carriere vne si grande masse de pierre sans la rompre, & comment la transporter au lieu où l'on veut qu'elle soit mise. Tous les chemins & passages des citez, villes, bourgs, hameaux & chasteaux, ont des chausses fort larges, & faites de bonne pierre, où il y a encore au bout des colonnes & des arcades [...]]» - versão francesa, fólhos 461-462

«[...] why this Monarchy of China, that contains **two and thirty kingdoms**, is so mighty, rich, and of so great commerce, is, because **it is exceedingly replenished with rivers, and a world of Chanals that have been anciently made by the Kings, great Lords, and people thereof, for to render all the Country navigable**, and so communicate their labours with one another; The narrowest of these Chanals have **bridges of hewed stone over them, that are very high, long and broad [...]**: is very marvelous, for it is almost impossible to comprehend by what means so huge a messe of stone could be drawn out of the Quarty without breaking, and how it should be tansported to the place where it was to be set. All the ways and passages, from Cities, Towns, and Villages, have very large causeys made of fair stone, at the ends whereof are costly, **pillars and arches [...]**» - versão inglesa, fólho 125

«Ferner/ das vornehmste/ welches dieses Oberfürstentuhm in China, so **zwey und dreyßig Königreich** in sich begreisst/ so edel/ reich/ und wohl blüend macht/ **ist/ daß so viel wundersame Waßerflüße und Graben durch lauffen. Dan es sind allda viel Flüße/ nicht allein von Natur/ sondern auch durch die Hände der Menschen darzu bequemet/ daß man daraus das ganze Land durchfahren/** und die Waaren von einem Ohrt an den andern besordern kan. Die engsten **fahrwaßer haben sehr hohe/ lange/ breite/ und von gehauenen Steinen gemachte Brükken: Ja einige derselben bestehen aus einem Stein/ [...]. Hierüber muß man sich in Wahrheit verwundern; dan kaum auszufinnen/ wie man einen so großen Stein könne ohne einige Bruch aus graben/ und an seinen bestimmten Ohrt sühren. Alle Wege der großen und kleinen Städte/ Flekken/ Dörfer und Bestungen/ haben breite/ mit Steinen gepflasterte/ Dämme/ an deren Enden Stüle und sehr köstlich gemachte Schwibbogen in einer Uberschrift [...]**» - versão alemã, fólho 178

Os Ídolos

«Dentro deste terreyro estaua posto em pé, encostado a hum cubello de cantaria muyto forte & alto, **o mais disforme & espantoso monstro de ferro coado** que os homês podem imaginar, o qual tomado assi mesmo, se julgaua que seria de mais de **trinta braças** em alto, & seis de **largo**, & nesta tamanha disformidade era muyto bem proporcionado em todos os membros, **saluo a cabeça, que era hum pouco pequena para tamanho corpo [...]**» - versão portuguesa, fólho 150

«[...] a toda la circunferencia de la muralla, **estaua vn terrero cerrado con tres ordenes de rexa de hierro, que dexauan solas quarto entradas para subirse, y en medio del arrimado a vn luzido torreõ de canteria almenado, y fuerte, estaua en pie el mas feroz, y espantable mōstruo de hierro colado**, que puede imaginarse. Este juzgado desde aparte me parecio de mas de treinta braças de altura, y seis de **ancho**; espantosa figura por estremo, aunque bien proporcionado en todos los miembros, **á no tener la cabeça vn poco pequena para tan grãde maquina.**» - versão espanhola, fólho 256

«Dans cette platte forme estoit esleué sur pied, & appuyé contre vn gros Donjon de forte pierre de taille, le plus haut, **le plus difforme, & le plus espouuantable monstre**, que les homes se puissant imaginer; il estoit de fer fondu, & d'vne stature si grande & si prodigieuse, qu'à le voir d'abord l'on jugeoit qu'il auoit plus de trente brasses de haut, & plus de six de **large**: Et neantmoins cette difformité n'empeschoit pas qu'il ne fust grandement bien proportionné en tous ses membres, **reserué en la teste qui estoit vn peu petite pour vn si grand corps.**» - versão francesa, fólho 603

«Upon this platform was the tallest, **the most deformed, and dreadful Monster** that possibly can be imagined, standing upon his feet, and leaning against a mighty tower of hewed stone: he was made of cast iron, and of so great prodigious a stature, that by guess he seemed to be above **thirty fathom** high, and more then six **broad**, notwithstanding the which deformity he was

exceedingly well proportioned in all his limbs, **only his head was somewhat too little for so great a body.**» - versão inglesa, fólio 162

«An der Mittagseiten lag ein oben ebener Hügel/ darauf man auf neun eisernen Stufen aufsteigen muste. Auf dieser Ebene stunde an **einer dikken Seulen** ei solch hohes/ **grausames und erschreckliches Bild**/ als man ihm immer in den Sinnen mag fürmodeln. Es war aus Eißen gegoßen/ und/ dem Augen Maas nach/ mehr dann **drenßig Klaster** hoch/ und mehr als sechs breit. Deßen Glieder ordneten sich wohl und gleich in ihrer gehörigen Fügung/ **allein der Kopf fiel für so großen Leib all zu klein.**» - versão alemã, fólio 238

4. O Japão e a Missão de Francisco Xavier

A missão de Francisco Xavier

CAP. CCIII: «De hũa grossa armada q̃ o Rey do Achem neste tempo mandou sobre Malaca, e do q̃ nisso fez **o padre mestre Frãcisco Xauier, reytor da Companhia de Jesu nas partes da India.**» - versão portuguesa, fólio 262

CAP. CCIII: «Embia el Rey de Achem vna gruessa armada sobre Malaca: dizese lo que hizo en essa ocasion **el padre maestro Francisco Xauier, religioso de la companhia de Jesus, y Nuncio Apostolico por el Papa Paulo III. en la India.**» - versão espanhola, fólio 424

CHAP. CCIII: «D'vne grosse armée que le Roy d'Achem enuoya en ce temps-là sur **la forteresse** de Malaca, Et **des grandes choses** que fist en cette occasion **le Reuerend Pere Maistre François Xauier, Recteur de la Compagnie de Jesus en ces contrées des Indes.**» - versão francesa, fólio 1036

CHAP. LXXVII: «**Father Belquior's** and my departure from the Indiaes to go to Japan, and that which befell us till our arrival at the Island of Champeiloo.» - versão inglesa, fólio 312

Cap. 62: «Pinto komt nach Hyamangoo großer Sturm/ darinn viel Schiffe zu Strund gehen. Pinto begegnet ein Unfall. Er wird an eine Klippe geworffen/ und nimt zween Männer in sein Schiff. Er komt nach Gincheo, vondar nach Lamau, und endlich nach Malakka. Er begibt sich wieder nach Japon, wird von einem grausamen Sturm überfallen/ komt in China, und wieder nach Malakka. Stehet auf der See große Gefahr aus/ komt nach Patane, und an unterschiedliche andere plätze. Wunderliche Begebniß.» - versão alemã, fólio 376

As disputas com os Bonzos

«Não se acabaraõ por aquy as disputas do nosso sãto padre co bõzo Fucarãdono, porq̃ ajütando elle a sy outros seis em q̃ tinha confiança, o vieraõ buscar muitas vezes, & lhe propunham muitas questoês [...]. E para isto nos pedia muytas vezes o nosso **santo** padre que o ajudássemos cõ nossas oraçoês [...]» - versão portuguesa, fólio 281

«Aquel dia se acabaron las conclusiones: pero el siguiente vino Fucarandono, y otros seis Bonzos, doctos en sus facultades, à buscar al Padre Francisco. Muchas questionnes les proponian, arguyendo contra la ley que predicaua. [...] Para contra ellos, nos pedia el **santo** Padre muchas vezes, que le ayudassemos com nuestras oraciones [...]» - versão espanhola, fólio 451

«Pour tout ce que je viens de dire, les disputes du **bien** heureux Pere Xauier avec le Bonze Furacandono ne furent point acheuées: car **cet infidele** ayant jointc à son party six autres Bonzes, en qui il auoit grande confiance, ils le furent chercher plusieurs fois, luy proposant diuerses questions [...] mais auparauant je diray que ce **bien-heureux** Pere nous supplioit plusieurs fois [...]» - versão francesa, fólio 1110

«...» - versão inglesa (suprimido)

«...» - versão alemã (suprimido)

Os recursos expressivos

«[...] & não ladreis **como cães todo o dia cõ hũa pertinácia taõ obstinada & cheya de cólera q̃ a baba vos corre dos beiços como gozos danados q̃ morde a géte.**» - versão portuguesa, fólho 283

«[...] ladrando **con vna pertinácia con obstinada, y llena de cólera, que la espuma y saliuva os corre por los lábios, como a perros rabiosos, que muerden a la gente sin concierto.**» - versão espanhola, fólho 453

«Et n'abbayez point tous les jours **comme chiens avec une obstination si grande et pleine de cholere que la baue vous distille des levres comme à des mastins enragez qui mordent les gens.**» - versão francesa, fólho 1115

«...» - versão inglesa (suprimido)

«...» - versão alemã (suprimido)

As acusações dos Bonzos

«[...] dizerẽ aos seus que o padre era demonio em carne q̃ vinha infamar a Deos p̃dolhe nome de **mentiroso**: mas cõ a resposta q̃ o padre lhe deu a este argumento, ficarãõ os ouvintes muyto satisfeitos, & disserãõ todos a hũa voz, sitaa, sitaa, que quer dizer, já, já, já, como que deziãõ, já caymos no que dizes. E porque também se sabia a razaõ porque lhe este bonzo disse que punha nomes torpes aos santos, foy, porque tinha o padre por costume quando acabaua de dizer missa rezar com todos hũa Ladaynha para rogar a N. Senhor pela augmẽtaçãõ da fẽ Catholica & nesta ladainha dezia sempre, como nella se custuma, *Sancte Petre ora pro nobis, Sacte Paule ora pro nobis, & assi dos mais Santos*. E porq̃ também este vocablo santi na lingoa Iapoa he torpe & infame, daquy veyo arguyr este ao padre q̃ punha mãos nomes aos Sãtos, mas logo lhe declarou a verdade do q̃ naquilo passaua, q̃ el Rey gostou muyto de entender, & dally por diãte mãdou o padre q̃ se não dissesse mais *sancte, senãõ beate Petre, beate Paule* [...]. A isto lhe respondeo o padre da **maneyra q̃ costumaua, porẽ nesta questãõ arguyraõ muytas cousas differẽtes**, & estiuerãõ taõ duros em concederẽ nas razoens q̃ lhe dauãõ, q̃ el Rey de enfadado da pertinácia cõ q̃ negauãõ tudo o q̃ o padre lhes dezia se ergueo em pe dizẽdo, os q̃ haõ de argumentar sobre ley taõ fundada em toda a razãõ como esta he, não haõ de estar taõ fora della como vos outros vindes, & tomando o padre pela mãõ acõpanhado de todos os grandes q̃ estauãõ cõ elle, o leoua até a casa dos Christaõs onde pousaua, de q̃ todos os bonzos receberãõ grandíssimo desgosto, 6 ficarãõ muyto envergonhados & deziãõ publicamẽte & em altas vozes q̃ fogo do Ceo viesse sobre el Rey pois se enganaua tão facilmente por hum **feiticeiro vadio** sem nome.» - versão portuguesa, fólho 283

«[...] dezir a los suyos, que era demonio en carne humana, venia a infamar a Dios, poniendole (**siendo la suma verdad**) nombre de **mentiroso**. Esta duda, y equiuocacion, sue menester, que el bienaventurado Padre Francisco la declarasse, que haziendolo, quedaron todos bien satisfechos. El dezirle, que ponía nombres torpes a los Santos, tuuo fundamento en outra equiuocaciõ mas graciosa: pero fue necessário remediarla, por no alterar la plebe, que facilmente se persuade a nouedades. El Padre Francisco, en acabando de dezir Missa, rezaua con todos los Neofitos vna Letania en que rogauan a nuestro Señor por el aumento de aquella **nueva Christiandad, por quien predicaua en partes tan remotas**. En esta Letania dezia, como acostumbra la Yglesia, **Sãcte Pere, sancte Paule**, y ansi de los otros santos. Y porque este bocablo, sancte, en la lengua Iaponense es torpe, y deshonesto, de aqui arguyeron, que el Padre ponía nombres sensuales a los Santos. Pero declarada la verdade, holgaron de saberla. El Rey, y los demas, y el, por quitar aquella imaginacion, de alli adelante quitaua el **sancte, y dezia beate Petre, beate Paule** [...]. // **A vno y outro respondio milagrosamente el varon Apostoloco, y muy a satisfacion de los oyentes**, si bien los que le argumantauan no se satisfazian, antes con replicas, y estancias nueuas mostrauan su pertinácia. **La eloquencia con que el Padre Francisco les deshazia sus sosisterias, no tengo yo ingenio para ponderarla, y'ansi de propósito no toco en sus respuestas, tanto por ser agenas de la profession de vn soldado, quanto por no atreuerme a escriuir cosa tan grande, si bien es verdad. Que todas hize entonces memoria, como tambien de los sucessos desta mi peregrinacion,**

repitiendolos de nuevo quando entre naufragios, y desventuras perdía sus borradores, com intencion de escriuirlos, para consuelo (como he dicho) de los trabajos de mis hijos. Aquellos del demonio, bien contra su voluntad concedieron muchas evidencias de aquellas, aunque en otras anduieron tan pertinaces, y porfiados, que enfadado el Rey de la terquedad con que negauàn tantas verdades: dexando la filla en que estaua, poniendose en pie, les dixo, que el que auia de arguyr sobre ley tan fundada en razon, y verdade, como era la ley de Christo, no auia de estar tan fuera della como ellos venian. Y siendo al Padre Francisco por la mano, acompanhado de todos os señores; le lleuò a la casa donde posaua con los Christianos, de que los Bonzos recibieron tan corridos, y auergonçados, que dezian a voces, que fuego del cielo cayesse sobre Rey, que se dezaua engañar tan facilmente de vn **hechizero, aduenedizo**, sin nombre, fama, ni letras.» - versão espanhola, fólhos 453-4

«[...] ils disoient Dieu; tellement que ce fût de là que les seruiteurs du diable prirét sujet de faire accroire auz leurs que le Pere estoit vn diable incarné, qui venoit diffamer Dieu du nom de **menteur**. Mais les assistâs furent grandement satisfaits de la response que le Pere donna à cet argumente, & dirent tous d'une commune voix, *Sitaa, Sitaa*, que signifie, *C'est assez, assez*; comme s'ils eussent dict, nous demeurons d'accord de ce que tu dis; & afin que l'on sçache encore pourquoy les Bôzes disoient que le Pere donnoit aux Saints des noms Sales; cela procedoit de ce qu'ayant acheué la Messe il auoit accoustumé de dire la Letanie avec les autres Chrestiens, en laquelle ils prioient nostre Seigneur pour l'augmentation de la foy Catholique; & en cette mesme Litanie il disoit tousjours, comme c'est la coustume, **Sancte Petre ora pro nobis; Sancte Paule ora pro nobis; & ainsi des autres Saints**. [...] A cette derniere objection le Pere luy **respondit selon sa coustume**; c'est à dire avec des raisons si claires & si pertinentes, qu'il n'estoit pas possible d'y repliquer. Mais pour tout cela ils ne laisserent pas de continuer en leurs extrauagances, & se monstrent si endurcis contre les raisons que le Pere leur alleguoit, que le Roy ennuyé de la grande opiniastreté avec laquelle il leur voyoit nier les paroles de ce seruiteur de Dieu, se leua de son siege disât, *Ceux qui veulent disputer sur une Loy telle que celle-cy, qui est si bien fondée sur la raison n'en doiuent pas estre si esloignez que vous estes*. Delà dit il prist le Pere par la main, accôpagné de tous les grands du Royaume qui estoient avec luy, & le mena jusques à la maison des Chrestiens où il se retiroit; dequoy tous les Bonzes furent grandement desplaisans & honreux, si bien qu'ils disoient tout haut & publiquement, *Que le feu du Ciel eust à tomber sur le Roy, puis qu'il se laissoit abuser si facilement par vn sorcier, faineant Et sans nom*.» - versão francesa, fólhos 1116-8

«...» - versão inglesa (suprimido)

«...» - versão alemã (suprimido)

As informações auxiliares da interpretação

«[...] este milagre que contey aconteeço a dezassete de Dezembro de **1551**.» - versão portuguesa, fólho 286

«Este gran milagro **que Dios obrò por los merecimientos de aquel su Santo sieruo**, sucedio a diez y siete de Diziembre del año **de mil y quinientos y cincuenta y uno. Alabese a Dios por todo eternamente** de mil y quinientos y cincuenta y vno.»; **Nota Lateral:** «1551» - versão espanhola, fólho 457

«[...] ce miracle que je viens de dire estant arrivé le 17. Jour de Decembre l'an **1551**.» - versão francesa, fólho 1126

«...» - versão inglesa (suprimido)

«...» - versão alemã (suprimido)

A recuperação da fidelidade parcial nas traduções inglesa e alemã

CAP. CCXVIII: «[...] os dias passados o **padre Frãcisco Chenchicogim** praticar da noua ley do criador de todas as cousas q̄ ás gêtes de Omanguche andaua pregando lhe promety em segredo fechado em meu coração q̄ tornado elle a este meu reyno tomaria de sua mão o nome &

a agoa do santo bautismo [...]» - versão portuguesa, fólho 291

CAP. CCXVIII: «[...] los dias passados al **Padre Francisco Chinchicogim**, platicar de vna ley nueua del Criador de todas las cosas, que el andaua predicando á las gentes de Omanguche, le prometi en sercreto que quedo hasta aora cerrado en mi coraçon, que en boluiendo el à este mi Reyno, tomaria yo de su mano el nombre y agua del santo bautismo [...]» - versão espanhola, fólho 466

CHAP. CCXVIII: «[...] *te donne aduis par cette mienne lettre, que le **Pere François Chenchicogim** estant n'agueres en ce pays où il s'en alloit preschant à ceux d'Omanguche la nouvelle Loy du Createur de toutes choses, je luy promis secrettemet en mon coeur qu'à son retour à mon Royame, je prendrois de sa main le nom Et l'eau du saint Baptisme [...]*» - versão francesa, fólho 1148

CHAP. LXXVI: «[...] *that **Father Francisco Xavier having been not long since in this Country, preaching to them of Omanguche the new law of the Creator of all things, I secretly promised to him, that at his return into my Kingdome I would receive from his hand the name and water of holy Baptism [...]***» - versão inglesa, fólho 311 (comprimido)

«...» - versão alemã (suprimido)

O Padre Belchior

«Esta carta mostrou o Visorrey **dō Afonso** ao padre Reitor **mestre Belchior**, & lhe disse q qual era a causa porq se não partia logo para Iapaõ a effectuar hũa cousa de tanto seruiço de Deos, & leuaua cõsigo todo o collegio de S. Paulo de Goa? O padre lhe deu muytas graças pela merce q lhe fazia naquillo, & lhe disse q pois sua senhoria assi lho aconselhaua & mandaua, q elle se hia logo fazer prestes para se partir naquella moução. **E o Visorrey lho lououo & lho agradeceo muyto por entêder que era hũa cousa de muyto seruiço de nosso Senhor.**» - versão portuguesa, fólho 291

«Aqui acabaua la carta del Rey de Bũgo, la qual enseño el Virrey al **Padre Maestro Melchor Nuñez**, animando le para q hiziesse aquella jornada, pues della auia de resultar tanto aprouechamiento, y tanta ganancia a la religion Catolica, y el Padre determinado a hazerla, se ofrecio partit al Iapon en aquella mocion primera. Determinacion que **el Virrey estomò en mucho por estar persuadido de la mucha importãcia que auia de traer al seruicio de Dios el efetuarse.**» - versão espanhola, fólho 466

«Le Vice-Roy **Dom Alphonse** monstra cette lettre au **Pere Recteur Belquior**, & luy demanda quelle estoit la cause qu'il ne s'en alloit point au Jappon, pour y effectuer vne chose si importante au seruice de Dieu, quand mesmes il y eust fallu mener tout le College de saint Paul de Goa; le Pere le remercia grandemente de la saueur qu'il leur faisoit en cela, & luy dist, que puis que son Altesse luy donnoit ce conseil, il s'en alloit faire ses preparatifs afin de partir si tost que la saison seroit propre; **le Vice-Roy le loüa là-dessus & luy en sceut tresbon gré, comme d'vne chose qui importoit au seruice de nostre Seigneur.**» - versão francesa, fólho 1149

«[...] sent for one father *Belquior*, Rector of the Colledge of the Jesuits, **and having imparted onto him the King of Bungoes desire**, he told him, that **in regard Father Xavier was dead**, he could wish that he would in stead undertake this voyage to Japan, which in all probabilitie would very much redound to the service of God, **and the propogation of the Christian faith. The Rector upon the hearing hereof, willingly imbraced the employment**, wherewith the Vice-Roy was exceedingly well pleased, and very much commended him for such his good and pious resolution. After this, the Vice-Roy consulting with some of his friends about the chosing of a man, that in qualitie of his Ambassador, might accompany the Father in this expedition; I was nominated unto him, as the fittest he could fix upon, in regard of the knowledg I had, both of the Country, and of the then King thereof; whereupon, I was immediately also sent for, and the Vice-Roy acquainting me with the great desire he had, that I should take this negotiation upon me, which he said, did so much import the honor of God, and the King our Masters service; he prest me so earnestly to it, that I knew not how to refuse him, although I must

confesse, he commanded that all things necessary for our voyage should with all convenient speed be prepared.» - versão inglesa, fólio 311

«[...] und wurden allda von dem König herzlich entfangen. Nachdem wir auch daselbst eine Zeitlang zugebracht/ und unsere Sachen bestellet hatten/ nahmen wir vom Könige/ der uns große Freundschaft erwiese/ unsern Abscheid/ giengen zu Schiff/ und ließen die Segel tapffer sireichen bis an eine Insul des Königs von Minaco. Als wir aber noch sieben Meilen fortgesegelt hatten/ überfiel uns mit dem Neuen Mond ein sehr hestiger Sturm aus Süden; deßen Wellen uns fünf Tage lang herum worffen/ daß wir nicht wusten/ wo/ auf welcher Höhe und länge wir waren. Die Wellen erhuben sich endlich/ wegen des Sturms Grausamkeit/ über unser Schiff/ und wolten daßelbe/ dem Ansehen nach/ fats gar verschlingen. Wir brachten fünf ganzer Tage mit Aengsten zu; nach derer Endigung der Wind sich unversehens legte/ und die See wieder still wurde; worüber wir uns höflich erfreuten. // Nachdem der Sturm fürüber war/ ließen wir die Segel wieder streichen; und kamen/ nach dreyzehn Tagen/ in das Reich China, und wurffen den Anter in dem Hafen Sanchan [...].» - versão alemã, fólio 378

A relevância da ilha de Sanchão

«Partidos nos desta ilha de Champeiloo fomos demandar as **ilhas de Cātão, & aos cinco dias de nossa viagem prouue a nosso Senhor que chegamos a Sanchaõ, que era a ilha onde fora enterrado o padre mestre Francisco, como atrás tenho dito, [...] desta ilha de Sanchaõ, &** ao sol posto chegamos a outra ilha que está mais adiante seis legoas para o Norte chamada Lampacau, onde naquelle tempo os Portugueses fazião sua veniaga cos Chins, & ahy se fez sempre ate o anno de **1557** [...]» - versão portuguesa, fólio 294

«Desde aquella isla de Campeyoo fuymos à demander las **islas de Cātam, y à los cinco dias da viagem nos hallamos en la isla de Sācham, adonde como ya vimos murio el biena venturado Padre Francisco Xauier.** Alli outro dia por la mañana tomó tierra toda la gente de la flota [...] partimos outro dia de aquel lugar dichoso, depositário primero, y guarda fiel de aquel tesoro santo, y a puertas de Sol llegamos á Lampacau, vna isla, seys léguas mas adelante házia el Norte, adonde en aquel tiempo los Portugeses hazian sus contratos com los Chinas, y durò el hazere alli hasta el año de mil y quinientos y cincuenta y siete [...]» - versão espanhola, fólios 470-1

«Comme nous fusmes partis de cette Isle de Campeiloo nous gagnasmes les **Isles de Canton, si bien qu'au 5. Jour de nostre voyage il plût à N.S. de nous faire arriuer à Sanchan, que estoit l'Isle où esté enseuely le R.P. Xauier,** comme j'ay dit cy-deuât. Le lendemain tout autât de gens que nous estions dans le Nauire, nous mimes pied à terre, & nous en allasmes tous en Procession au lieu où auoit rēdu l'esprit le B. Pere Xauier [...] arriuasmes à Soleil couché en vne autre Isle, appellée Lâpacau «qui esta à six lieuës plus auant du costé du Nord, où en ce tēps là les Portugais faisoïēt leur cōmerce [auce] les Chinois; ce qui continua jusqu'en l'année 1557.» - versão francesa, fólios 1158-1159

«When we were parted from the Iland of *Champieloo*, we got to the **Ilands of Canton**, so that on the fifth day of our voyage, it pleased God that we arrived at one of them, called *Lampacau*, where at that time the *Portugals* exercised their commerce with the *Chineses*, which continued until the year **one thousand five hundred fifty and seven**; [...] at the Port of *Lampacau*, as I have declared before, we could not meet with any vessel that was bound for *Japan* [...]» - versão inglesa, fólios 314-5 e 317

«Nach unser Abreise aus der Insul Champeilo, segelten wir neben den **Insuln Cantan hin/ und kamen nach fünf Tagen gen Sanchan.** Wir bleiben deselbst bis auf den folgenden Tag/ und kamen am Abend deßelben zu einer andern Insul/ Nahmens Lampacau, sechs Meilen weiter nach Norden zu/ all wo die Portugiesen mit den Chinesern handelten. Weil aber all da die waaren nicht in so hohem preiß abgiengen/ als ihm der Schiffer eingeildet hatte/ beschloß er/ daselbst zu überwintern/ und bis auf den folgenden Sommer still zu liegen. Schlugen demnach/ aus ermanglender Gelegenheit/ nach Japon [...]» - versão alemã, fólio 380

A exactidão das informações geográficas

«Chegada a moução em q̄ podíamos fazer nossa viagẽ nos partimos desta **ilha de Lãpacau aos 7. de Mayo do año de 1556.** embarcados em hũa não de q̄ era capitão & senhorio **dõ Francisco Mascarenhas dalcunha o palha,** q̄ aquelle anno ahy residita por capitão mór; & continuando por nossa derrota por tẽpo de **quatorze dias,** ouemos vista das primeiras ilhas q̄ estão em altura de **35. grãos,** q̄ por graduação demoraõ a **Loesnoroste** da de Tanixumaa [...]» - versão portuguesa, fólio 297

«Llegada la primera mociõ partimos de la **isla de Lampacau, adonde nos boluimos de la ciudad de Cantam, para apercebirmos quãdo llegasse à siete de Mayo,** embarcados en vna não de que era Capitã y señor **don Francisco Mascareñas, que de Alcuña lle llamauã Palla,** y aq̄l año auia residido alli por Capitan mayor. A los **catorze dias** del viagem dimos vista á las primeras islas q̄ están en altura de **treynta y cinco grados,** y segũ la graduacion de aquellos mares demoran a **Lesnordeste** de la isla de Tanixumaa.» - versão espanhola, fólio 475

«La saison estant arriuée en laquelle nous pouuions continuer nostre voyage nous partismes de cette **Isle de Lampocau le septieme jour de May mil cinq cent cinquante six,** apres nous estre embarques dans vn nauires, duquel estoit Capitaine, & M. **Dom François Mascarenhas surnommé la Paille,** qui cette année là y estoit demeuré residente pour General. Ainsi nous continuasmes nostre route **14. jours** durant, à la fin desquels nous descourismes les premières Isles à la hauteur de **trente-cinq degrez,** & qui par graduation regardent **l'Oüest Nor-ouëst** de Tanixumaa [...]» - versão francesa, fólios 1171-1172

«The season being come wherein we might continue our Voyage, we parted from this **Island of Lampacau the seventh day of May.** One thousand five hundred fifty and six, after we had imbarqued our selves in a Ship, whereof **Don Francisco de Mascarenhas, surnamed Pallia,** was Captain. So we proceeded on in our course for **fourteen days** together; at the end whereof we discovered the first Islands at the height of **five and thirty degrees;** and which by gradation regard the **West, North-west** of Tanixumaa [...]» - versão inglesa, fólio 318

«Als sich nun bequeme Zeit und Gelegenheit ereignete/ wieder fortzureisen/ begaben wir uns aus ein Schiff des **Don Francisco Mascarenhas,** und nahmen damit von der **Insul Lampacau** unsern Abscheid. Wir segelten **vierzehē** Tage fort/ und sahen alsdann die ersten Insuln auf der Höhe von **fünf und dreißig Grad/ West-Nord-West** von Tanixuma.» - versão alemã, fólio 382

5. O Retorno a Portugal

A Escrita

«E nisto vieraõ a parar meus **seruiços de vinte & hum anos, nos quais fuy treze vezes catiuo, & dezasseis vendido, por causa dos desauẽturados sucessos que atras no discurso desta minha tão longa peregrinação largamente deixo contados.** Mas inda que isto assi seja, não deixo de entender que ficar eu sem a satisfação que pretendia por tantos trabalhos & por tantos serviços procedeo mais da prouidencia diuina que o permitio assi por meus pecados [...]» - versão portuguesa, fólio 303

«Este foe el galardon de mis infortúnios, este el premio de **veinte y vn anos de seruiço, en los cuales fui treze vezes cautiuo y diez y siete vẽdido por diuersas desuenturas y sucessos jornadas desta mi desdichada peregrinacion que ya aora, llegando a la vitima, cõfiesso,** que el quedar yo sin la deuida satisfaciõ de tantas penas, sin el galardon de tantos trabajos, y sin el premio que mercelan tontas desuenturas y seruiços ha procedido mas dela prouidencia, y disposiciẽ diuina, que lo permitio ansi por mis pecados [...]» - versão espanhola, fólio 480

«Pour conclusion voy laquels ont este les seruices que j'ay este **treize fois esclauẽ, & vendu seize fois, à cause des mal-heureux euenements dont j'ay cy deuant fait mention assez amplement en ce liure d'vn si long & d'vn si penible voyage;** mais bien que cela soit ainsi je ne laisse pas de croire que ce que je suis demeuré sans la recompense que je pretendois pour tant de seruices & de traux, est plustost procedé de la prouidence diuine qui l'a ainsi permis pour mes pechez [...]» - versão francesa, fólio 1193

«For a conclusion, behold what the services have been which I have done for the space of one and **twenty years during which time, I was thirteen times a slave, and sold fifteen times, by the reason of unlucky events of so long and painfull a voyage, whereof I have made mention amply enough in this Book.** But although this be so, yet do I not leave to believe, that the cause why I remained without the recompence whereunto I pretended for so many services and travels, rather proceeded from the Divine providence, which permitted it to be so for my sins [...]» - versão inglesa, fólio 325

«Hieraus kan man nun klärlich sehen meine in ein und zwanzig Jahren verrichtete Dienste/ in denen ich **dreyzehn mahl bin gefangen/ und siebenzehnen mahl verkauft worden: An welchen allen die unterschiedliche weite/ sehr gefährliche/ und in diesem Buch weitläufftig angeführte Reisen sind ursach gewesen.** Wiewohl nun solches alles sich in Warheit also verhält/ so will ich dennoch die Ursach deßen/ daß ich für alle meine Dienste keine Belohnung entpfangen habe/ viel lieber der Göttlichen Worschung zuschreiben/ die solches also um meiner Sünden willen zugelaßen hat [...]» - versão alemã, fólio 391

A aceitação abnegada (cristã) do destino

«[...] não me queixo dos Reys da Terra **pois eu não merecy mais por meus peccados.**» - versão portuguesa, fólio 303

«[...] **y pues yo no mereci mas por mis grandes culpas, y pecados,** no me quexo, ni es justo que me quexe de los Reyes de la tierra.» - versão espanhola, fólio 481

«[...] & ne me Plains point des Roys de la terre, **puisque mes pechez m'ont rendu indigne d'en meriter dauantage.**» - versão francesa, fólio 1193

«[...] and do not complain of the Kings of the earth, **since my sins have made me unworthy of meriting more.**» - versão inglesa, fólio 326

«[...] und klage nicht über die Könige der Erden/ **die weil mich meine Sünden einer andern und bessern Belohnung gennwündiget haben.**» - versão alemã, fólio 392